XVIII CONFERÊNCIA ANUAL ABRAVEQ

ÁGUAS DE LINDÓIA

ANAIS CIENTÍFICOS

ABRAVEQ

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS MÉDICOS VETERINÁRIOS DE EQUÍDEOS

PALAVRA DO PRESIDENTE

Caro Colega da ABRAVEQ,

É uma honra dar-lhe as boas-vindas em Águas Lindóia na XVIII Conferência Anual da ABRAVEQ. Esta bela região será sede da experiência de educação continuada deste ano para os membros da ABRAVEQ.

O programa deste ano é excepcional em conteúdo e diversidade. A Comissão Científica dedicou incansáveis esforços para manter o compromisso em entregar um programa de alta qualidade e montou um extraordinário programa científico.

Os Fóruns Avançados contêm informações científicas e pontos práticos altamente relevantes para o exercício da medicina equina. Você pode notar uma redução no número de temas este ano. Esta mudança é em parte devido à força do programa científico, e ao desejo de focar nos assuntos mais importantes para o momento atual da nossa profissão.

Nossa feira, como sempre, tem uma extensa gama de novidades do mercado equino. Ao visitar a feira, por favor, aproveite um momento para agradecer a todos os nossos parceiros educacionais pelos seus esforços em apoiar a construção do principal evento de medicina equina no Brasil.

Quero aproveitar o espaço e ressaltar de que a ABRAVEQ representa você em muitas frentes. A associação tem sido atuante tanto na de divulgação científica como nas questões políticas. Toda Diretoria da ABRAVEQ está focada na melhoria da medicina equina e agradeço o privilégio de trabalhar com profissionais tão comprometidos com a nossa profissão.

Estamos vivenciado momentos críticos e muito importantes para o futuro da medicina equina no Brasil e a ABRAVEQ está sempre atenta e trabalhando para ser a voz dos veterinários de equídeos nas principais reivindicações das necessidades da classe. Desta forma é extremamente importante que você participe e interaja com a associação para termos mais força nas nossas lutas.

Eu sinceramente espero que você aproveite o tempo também para ver alguns velhos amigos e promover novos relacionamentos.

Obrigado por fazer parte da ABRAVEQ e tenha uma grande experiência!

Rui Carlos Vincenzi

Presidente

COMISSÃO CIENTÍFICA

DIRETORES CIENTÍFICOS PROF. JOSE PAES FILHO E PROF. MARCO ALVARENGA

Em um ano economicamente sombrio para nosso País, o que certamente atingiu toda indústria voltada à equinocultura assim como a comunidade científica, creio que conseguimos orquestrar um evento de altíssima qualidade para nossos Associados.

Procuramos, como rotineiramente temos feito, atender a temas propostos em nosso último evento, assim como manter o formato das Conferências anteriores, incluindo diversos Fóruns de cunho prático em nossa programação.

São cerca de 30 palestrantes, sendo 10 internacionais e 20 palestrantes de instituições brasileiras, transmitirão seus conhecimentos em diversas palestras nesta Conferência! Este ano, em particular, não poderíamos deixar de incluir o tema Bem-Estar! Pois, a Abraveq além de se preocupar com as boas práticas no uso dos animais, está atenta na defesa de nossa classe de leigos que utilizam a proteção animal como bandeira política.

Agradecemos o esforço de todos autores e coautores dos 300 trabalhos enviados e dos 29 revisores que procuraram colaborar com a qualidade dos trabalhos apresentados na Conferência! E neste sentido, além de ser disponibilidade on line em nosso site o Livro de Resumo também será publicado na Revista Acadêmica Ciência Animal (PUC-PR). Além disso, de forma simultânea à Conferência serão realizadas cinco disciplinas de cursos de Pós-graduação stricto sensu da Unesp e USP. Estas ações valorizam ainda mais o compromisso da Abraveq no fomento científico e consolida nossa Conferência como o principal evento científico da Medicina Equina do Brasil.

Por fim não poderíamos deixar de agradecer as empresas que abrilhantam nosso evento e são nossa principal fonte de recurso, com certeza poderão continuar contando com o prestígio de nossos Associados e Conferencistas! Destacamos finalmente o apoio da Fapesp que reconhece a grandeza de nosso Evento!

Desejamos que todos possam ter dias prazerosos e enriquecedores e que a Conferência Anual da Abraveq continue colaborando com o engrandecimento profissional e pessoal de nós Veterinários responsáveis por garantir a saúde e o bem-estar de um animal tão especial "O Cavalo".

Marco Antônio Alvarenga & José Paes de Oliveira Filho

Diretores Científicos da Abraveq

XVIII CONFERÊNCIA ANUAL ABRAVEQ

DIRETORIA

Presidente
Rui Carlos Vincenzi

Vice-Presidente
Pedro Vicente Michelotto Júnior

Secretários
Neimar Vanderlei Roncati
Raquel Yvonne Arantes Baccarin

Tesoureiros
José Célio De Figueiredo Rolandi
Carlos Eduardo Wayne Nogueira

Diretores Científicos
Jose Paes de Oliveira Filho
Marco Antonio Alvarenga

Diretoria de Eventos e Comunicação
Flávio Desessards De La Côrte
Cesar Andrey Galindo Orosco

COMISSÃO ORGANIZADORA

Carlos Eduardo Wayne Nogueira
Flávio Desessards De La Côrte
José Célio De Figueiredo Rolandi
Jose Paes de Oliveira Filho
Marco Antonio Alvarenga
Neimar Vanderlei Roncati
Pedro Vicente Michelotto Júnior
Raquel Yvonne Arantes Baccarin
Rui Carlos Vincenzi

COMISSÃO CIENTÍFICA

Carlos Eduardo Wayne Nogueira
Flávio Desessards De La Côrte
Jose Paes de Oliveira Filho
Marco Antonio Alvarenga
Pedro Vicente Michelotto Júnior
Raquel Yvonne Arantes Baccarin

COMISSÃO AVALIADORA DOS TRABALHOS CIENTÍFICOS

Antônio Raphael Teixeira Neto (FAV-UnB)
Bruna da Rosa Curcio (FV – UFPel)
Antônio Raphael Teixeira Neto (FAV-UnB)
Bruna da Rosa Curcio (FV – UFPel)
Brunna Patrícia Almeida da Fonseca (UFV)
Camila de Paula Freitas Dell´Aqua (FMVZ – Unesp)
Carla Bargi Belli (FMVZ – USP)
Carlos Eduardo Wayne Nogueira (FV – UFPel)
Diego José Zanzarini Delfiol (FMV – UFU)
Elisa Sant'Anna Monteiro da Silva (FMVZ – Unesp)
Flávio Desessards De La Côrte (UFSM)
Giovane Olivo (FMVZ – Unesp)
Gustavo Henrique Marques Araujo (UFG)
Jairo Jaramillo Cardenas
José Antônio Dell´Aqua Junior (FMVZ – Unesp)
Jose Paes de Oliveira Filho (FMVZ – Unesp)
Julio David Spagnolo (FMVZ – USP)
Luciana Pereira Machado (UFFS)
Luís Claudio Lopes Correia da Silva (FMVZ – USP)
Luisa Gouvêa Teixeira (FCAV – Unesp)
Marco Antonio Alvarenga (FMVZ – Unesp)
Neimar Vanderlei Roncati (Univ. Anhembi Morumbi)
Paulo Aléscio Canola (FCAV – Unesp)
Raquel Yvonne Arantes Baccarin
Renata Cristina Uliani (FMVZ – Unesp)
Thaís Gomes Rocha (FMVZ – Unesp)

EDITORES DO LIVRO DE RESUMOS

Jose Paes de Oliveira Filho
Marco Antonio Alvarenga
Raquel Yvonne Arantes Baccarin

APOIO

A XVIII Conferência Anual Abraveq 2017 - Águas de Lindóia contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP.

SUMÁRIO

CLÍNICA E CIRURGIA

1. ACUPUNTURA COMO AUXÍLIO DIAGNÓSTICO PARA AS AFECÇÕES DENTÁRIAS EM EQUINOS..... 32

MARIANA MARCANTONIO CONEGLIAN*1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1
1.PUC PR, CURITIBA, PR, BRASIL.

2. ALTERAÇÕES DOS BIOMARCADORES EM EQUINOS MANGALARGA MARCHADOR COM A OBESIDADE INDUZIDA 32

RODRIGO MARTINS RIBEIRO*1; DEBORA DA SILVA FREITAS RIBEIRO1; CAHUE FRANCISCO ROSA PAZ1; DAVI SILVEIRA DINIZ AZEVEDO1; LETICIA OLIVEIRA COTA1; ANTÔNIO CATUNDA PINHO NETO1; RAFAEL RESENDE FALEIROS1
1.UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

3. ANÁLISE CINEMÁTICA DA AMPLITUDE DA PASSADA EM EQUINOS COM LAMINITE CRÔNICA TRATADOS COM DIFERENTES ÓRTESES PARA CASCO 33

CAHUE FRANCISCO ROSA PAZ*1; THAIRÊ PEREIRA MARÓSTICA1; JULIA RENAULT BAETA GUEDES1; ALVARO DE PAULA LAGE DE OLIVEIRA1; LETICIA OLIVEIRA COTA1; LARISSA COSTA ANDRADE1; PATRÍCIA DE CASTRO DUARTE1; TÚLIO LUIZ BANJA FERNANDES1; LEOPOLDO AUGUSTO PAOLUCCI1; ANDRÉ GUSTAVO PEREIRA DE ANDRADE1; LUIZ ALBERTO DO LAGO1; RAFAEL RESENDE FALEIROS1
1.UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

4. ANÁLISE DO PROTOCOLO DIAGNÓSTICO DO MORMO EM QUATRO PROPRIEDADES BRASILEIRAS 34

CARLA MACEDO AMORIM*1; ALLINE DE PAULA REIS2
1.JÓQUEI CLUBE DE GOIÁS-HIPÓDROMO DA LAGOINHA, GOIANIA, GO, BRASIL; 2.ECOLE NATIONALE VÉTÉRINAIRE D'ALFORT, MAISONS-ALFORT, FRANÇA.

5. ATENDIMENTO HOSPITALAR AOS EQUÍDEOS DE TRAÇÃO EM BRASÍLIA 35

LETIANA DA SILVA REHBEIN*1; ANTONIO RAPHAEL TEIXEIRA NETO1; ANTONIO CARLOS LOPES CÂMARA1; DANIELLA DIANESE ALVES DE MORAES2
1.UNB, BRASILIA, DF, BRASIL; 2.SECRETARIA DE AGRICULTURA, ABASTECIMENTO E DESENVOLVIMENTO RURAL DO DISTRITO FEDERAL, BRASÍLIA, DF, BRASIL.

6. AVALIAÇÃO BIOMETRICA DOS CASCOS DE EQUINOS DO BATALHÃO DA POLICIA MILITAR DE MINAS GERAIS NA CIDADE DE ITAJUBÁ..... 36

NATÁLIA GONÇALVES SANTANA PROCÓPIO*1; LUAN GAVIÃO PRADO2; DIOGO JORDÃO DE SÁ CUNHA CARLOS2; LUCYMARY SANTANA LIMA2
1.FEPI CENTRO UNVERSITÁRIO DE ITAJUBÁ, ITAJUBA, MG, BRASIL; 2.FEPI, ITAJUBÁ, MG, BRASIL.

7. AVALIAÇÃO CLINICA E LABORATORIAL DOS EFEITOS DOS CATÁRTICOS SALINOS EM EQUINOS 37

MARISTELA DE CASSIA SEUDO LOPES*1; TATYANE CRISTINE LOMBA DA SILVA1; NATALIA DANTAS FONTES1; EZEQUIEL PEREIRA VIANA NETO1; EDUARDO DE OLIVEIRA COSTA1; ABRAÃO DOS SANTOS NUNES1; GABRIEL NUNES GUIMARAES1; LEONIDAS PORTO FARIAS NETO1; MARIA CAROLINA SOARES DE SOUSA1; WESLEI LIMA GONÇALVES1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, SALVADOR, BA, BRASIL.

8. AVALIAÇÃO DA DEPOSIÇÃO PULMONAR DA DEXAMETASONA QUANDO ADMINISTRADA POR VIA INALATÓRIA EM EQUINOS 37

AYRTON RODRIGO HILGERT*1; VAGNER GONÇALVES1; GUILHERME DE LA PENHA FERNANDES1; TIAGO MARCELO OLIVEIRA1; TALISSA R MARTINS1; PAULO MOREIRA BOGOSSIAN1; CRISTINA OLIVEIRA MASSOCO1; WILSON ROBERTO FERNANDES1
1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

9. AVALIAÇÃO DA MEMBRANA DE QUITOSANA, ESTERELIZADA COM ÓXIDO DE ETILENO OU RADIAÇÃO ULTRAVIOETA, NA CICATRIZAÇÃO DE FERIDAS CIRÚRGICAS, EM EQUINOS..... 38

VINICIUS MARQUES ROLLIM*1; GUSTAVO MORANDINI REGINATO1; LETÍCIA MARTINS FERNANDES1; LUCI CRISTINA DE OLIVEIRA VERCIK1; ELIANA CRISTINA DA SILVA RIGO1; SILVIO HENRIQUE DE FREITAS1; RENATA GEBARA SAMPAIO DÓRIA1
1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

10. AVALIAÇÃO DAS MUTAÇÕES CAUSADORAS DE NANISMO DO TIPO CONDRODISPLÁSICO EM EQUINOS DA RAÇA MINI-HORSE..... 39

DANILO GIORGI ABRANCHES DE ANDRADE*1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1
1.FMVZ / UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

11. AVALIAÇÃO DE DOR UTILIZANDO A ESCALA GRIMACE E TERMOGRAFIA OCULAR EM CAVALOS PURO SANGUE INGLÊS DE CORRIDA COM E SEM AFECÇÕES ORTOPÉDICAS 40

FERNANDA C. M. BARUSSI1, FERNANDA Z. BASTOS1, TÂMARA D. BORGES1, BIANCA P. VIEIRA1, PEDRO V. MICHELOTTO JR1.
1.PUCPR, CURITIBA, PR, BRASIL.

12. AVALIAÇÃO DE PARÂMETROS BIOMÉTRICOS DE CASCOS DE EQUINOS ATENDIDOS NO HOSPITAL ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ITAJUBÁ 40

NATÁLIA GONÇALVES SANTANA PROCÓPIO*1; LUAN GAVIÃO PRADO1; LUCAS DE MOURA SAMPAIO1; LARISSA CERQUEIRA BARBOZA1; INAIA ROBERTA SILVA1
1.FEPI, ITAJUBÁ, MG, BRASIL.

13. AVALIAÇÃO DE TRANSFERÊNCIA DE IMUNIDADE PASSIVA EM POTROS QUARTO DE MILHA E PAINT HORSE 41

FERNANDA TAMARA NEME MOBAID AGUDO ROMÃO*1; CASSIANO DE CARVALHO LOPES2
1.FAEF, GARCA, SP, BRASIL; 2.MV AUTONOMO, BAURU, SP, BRASIL.

14. AVALIAÇÃO DO KIT SNAP 4DX NA DETECÇÃO DE IMUNOGLOBULINAS ANTI-BORRELIA SPP EM EQUINOS NACIONAIS NATURALMENTE INFECTADOS 42

TALISSA CAMARGO MANTOVANI DE BONIS*1; ROBERTA CARVALHO BASILE2; DELPHIM DA GRAÇA MACORIS1; ANTONIO QUEIROZ NETO1
1.FACULDADE DE CIENCIAS AGRARIAS E VETERINÁRIAS - UNESP JABOTICABAL, JABOTICABAL, SP, BRASIL; 2.UNICEP, SÃO CARLOS, SP, BRASIL.

15. AVALIAÇÃO DO POTENCIAL ANGIOGÊNICO DO PLASMA RICO EM PLAQUETAS NO LIGAMENTO SUSPENSOR DO BOLETO DE EQUINOS 43

GUSTAVO GONÇALVES PARISI*1; MARIANA LOPES DA CONCEIÇAO1; VITOR HUGO SANTOS1; JAQUELINE BRANDÃO DE SOUZA1; CARLOS EDUARDO FONSECA ALVES1; JOÃO PEDRO HÜBBE PFEIFER1; MARINA LANDIM E ALVARENGA1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI1; ANA LIZ GARCIA ALVES1
1.FMVZ UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

16. AVALIAÇÃO DOS EFEITOS ANTI-INFLAMATORIOS E ANTI-CATABOLICOS DO SORO AUTOLOGO CONDICIONADO NO TRATAMENTO CLINICO DE OSTEOARTRITES EM EQUINOS ATLETAS 44

JULIANA JUNQUEIRA MOREIRA*1; CYNTHIA DO PRADO VENDRUSCULO1; PATRICIA MONACO BROSSI1; HENRIQUE MACEDO NEUENSCHWANDER1; JOICE FÜLBER1; SARAH RAPHAELA TORQUATO SEIDEL1; FERNANDA RODRIGUES AGRESTE1; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1
1.UNIVERSIDADE DE SAO PAULO, SAO PAULO, SP, BRASIL.

17. AVALIAÇÃO DOS EFEITOS INFLAMATÓRIO E OXIDANTE DO OZÔNIO MEDICINAL EM ARTICULAÇÕES SINOVIAIS DE EQUINOS HÍGIDOS 45

CYNTHIA DO PRADO VENDRUSCULO*1; JULIANA JUNQUEIRA MOREIRA1; SARAH RAPHAELA TORQUATO SEIDEL1; JOICE FÜLBER1; HENRIQUE MACEDO NEUENSCHWANDER1; FERNANDA RODRIGUES AGRESTE1; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1
1.FMVZ-USP, SAO PAULO, SP, BRASIL.

18. AVALIAÇÃO DOS NÍVEIS DE HORMÔNIOS TIREOIDIANOS EM RELAÇÃO A MATURIDADE EM POTROS NO PÓS-PARTO IMEDIATO 45

VITÓRIA MÜLLER*1; LUCIANA DE ARAUJO BORBA1; LORENA SOARES FEIJÓ1; BRUNA DOS SANTOS SUÑE MORAES1; ALICE CORREA SANTOS1; BRUNA DA ROSA CURCIO1; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RS, BRASIL.

19. AVALIAÇÃO HISTOQUÍMICA DE PROCESSOS DEGENERATIVOS TENDINOSOS, LIGAMENTARES E DE CARTILAGEM ARTICULAR DE EQUINOS 46

GRASIELA DE BASTIANI*1; FLÁVIO DE LA CÔRTE1; KARIN ÉRICA BRASS1; CAMILA CANTARELLI1; STEFANO LEITE DAU1; TAIARA MÜLLER DA SILVA1; GLÁUCIA DENISE KOMMERS1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA, RS, BRASIL.

20. CARACTERIZAÇÃO DOS DESEQUILÍBRIOS ÁCIDO BASE E ELETROLÍTICOS EM EQUINOS COM SÍNDROME CÓLICA ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA – RESULTADOS PRELIMINARES 47

LUCAS VINÍCIUS DE OLIVEIRA FERREIRA*1; BRUNO AMBROZINI1; LUCAS MONTEIRO DO CARMO1; KARINA KELLER FLAIBAN1; PRISCILLA FAJARDO PEREIRA1
1.UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, LONDRINA, PR, BRASIL.

21. COLETA DE TECIDO LAMELAR EQUINO 48

JOÃO PEDRO HÜBBE PFEIFER*1; VITOR HUGO SANTOS1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI1; JAQUELINE BRANDÃO DE SOUZA1; ANDRE MASSAHIRO TERAMOTO KRIECK1; JOSE CELIO DE FIGUEIREDO ROLANDI1; ANA LIZ GARCIA ALVES1
1.FMVZ-UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

22. COMPARAÇÃO IN VITRO DE DOIS PROTOCOLOS DE CONCENTRADO PLAQUETÁRIO EQUINO 49

BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI*1; IVANIO TEIXEIRA DE BORBA JUNIOR2; JAQUELINE BRANDÃO DE SOUZA1; VITOR HUGO SANTOS1; JOÃO PEDRO HÜBBE PFEIFER1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; ANDRE MASSAHIRO TERAMOTO KRIECK1; CAIO NUNES DE BARROS1; ANA LIZ GARCIA ALVES1
1.UNESP- FMVZ/ BOTUCATU- SP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.UNESP- FMVZ, BOTUCATU, SP, BRASIL.

23. CONCENTRAÇÃO SÉRICA DA PROTEÍNA TOTAL, GLOBULINA TOTAL, GAMAGLOBULINA E IGG TOTAL DE POTROS NO NASCIMENTO AOS TRINTA DIAS DE VIDA 50

CAMPO AMOR VIEIRA DA CUNHA NETO*1; DIEGO JOSE ZANZARINI DELFIOL2; ALEXANDRE SECORUN BORGES1
1.FMVZ/UNESP DE BOTUCATU SP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.FAMEV/UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLANDIA, MG, BRASIL.

24. CULTURA DE QUERATINÓCITOS LAMELARES DE EQUINOS 50

JOÃO PEDRO HÜBBE PFEIFER*1; VITOR HUGO SANTOS1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI1; JAQUELINE BRANDÃO DE SOUZA1; ANDRE MASSAHIRO TERAMOTO KRIECK1; ELENICE DEFFUNE2; ANA LIZ GARCIA ALVES1
1.FMVZ-UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.FMB-UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

25. DESENVOLVIMENTO DE RESISTÊNCIA À INSULINA EM EQUINOS MANGALARGA MARCHADOR COM A OBESIDADE INDUZIDA 51

RODRIGO MARTINS RIBEIRO*1; DEBORA DA SILVA FREITAS RIBEIRO1; CAHUE FRANCISCO ROSA PAZ1; DAVI SILVEIRA DINIZ AZEVEDO1; LETICIA OLIVEIRA COTA1; ANTÔNIO CATUNDA PINHO NETO1; RAFAEL RESENDE FALEIROS1
1.UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

26. EFEITO DA LEUCOAFÉRESE SOBRE O LEUCOGRAMA DE EQUINOS SUBMETIDOS A MODELO DE SEPSE 52

ALVARO DE PAULA LAGE DE OLIVEIRA*1; ODAEL SPADETO JUNIOR1; CAHUE FRANCISCO ROSA PAZ1; LETICIA OLIVEIRA COTA1; THAIRÊ PEREIRA MARÓSTICA1; RODRIGO MARTINS RIBEIRO1; PATRÍCIA DE CASTRO DUARTE1; PIERRE BARNABÉ ESCODRO2; RAFAEL RESENDE FALEIROS1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, VIÇOSA, AL, BRASIL.

27. EFEITO DA SEDAÇÃO COM XILAZINA E BUTORFANOL NA CLAUDICAÇÃO INDUZIDA NOS MEMBROS PÉLVICOS EM EQUINOS 52

ANTÔNIO ALCEMAR BECK JÚNIOR*1; STEFANO LEITE DAU1; FLÁVIO DE LA CÔRTE1; KARIN ÉRICA BRASS1; BIBIANA BRAGA LUBINI1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA, RS, BRASIL.

28. ELASTOGRAFIA ACOUSTIC RADIATION FORCE IMPULSE (ARFI) DO TENDÃO FLEXOR DIGITAL SUPERFICIAL DE EQUINOS 53

NARA SARAIVA BERNARDI*1; MICHELLE LOPES AVANTE1; ANA PAULA RODRIGUES SIMÕES1; RICARDO ANDRES RAMIREZ USCATEGUI1; KAMILA GRAVENA1; VINICIUS ATHAYDES CANELLO1; DANIELA JUNQUEIRA DE QUEIROZ1; KARINA CALCIOLARI1; MARCUS ANTONIO ROSSI FELICIANO1; JOSÉ CORRÊA DE LACERDA NETO1
1.UNESP JABOTICABAL, JABOTICABAL, SP, BRASIL.

29. ESTUDO DA COMPOSIÇÃO MICOLÓGICA DE DOIS TIPOS DE CAMAS UTILIZADAS PARA FORRAÇÃO DE BAIAS DE EQUINOS E SUA RELAÇÃO COM O DESENVOLVIMENTO DE AFECÇÕES RESPIRATÓRIAS ALÉRGICAS 54

KARINA CALCIOLARI*1; KAMILA GRAVENA1; VINICIUS ATHAYDES CANELLO1; NARA SARAIVA BERNARDI1; DANIELA JUNQUEIRA DE QUEIROZ1; JOSÉ CORRÊA DE LACERDA NETO1
1.FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E VETERINÁRIAS- UNESP JABOTICABAL, JABOTICABAL, SP, BRASIL.

30. ESTUDO ULTRASSONOGRÁFICO E MORFOLÓGICO DA INSERÇÃO PROXIMAL DO LIGAMENTO SUSPENSÓRIO EM CAVALOS CRIOULOS 55

GRASIELA DE BASTIANI*1; FLÁVIO DE LA CÔRTE1; KARIN ÉRICA BRASS1; JARBAS CASTRO JUNIOR2; CAMILA CANTARELLI1; STEFANO LEITE DAU1; MARCOS DA SILVA AZEVEDO1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 2.CLÍNICA HÍPICA LTDA, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

31. EXPRESSÃO DA IL-6, MMP-9, MMP-13 E AGRECAN EM CONDRÓCITOS SAUDÁVEIS EXPOSTOS A ACETONIDO DE TRIANCINOLONA OU PLASMA RICO EM PLAQUETAS 56

HELOISA EINLOFT PALMA*1; MIGUEL GALLIO1; ROBERTA CARNEIRO DA FONTOURA PEREIRA2; GABRIELE BIAVASCHI SILVA1; CAMILA CANTARELLI1; KALYNE BERTOLIN1; PATRÍCIA WOLKMER3; JULIEN WERGUTZ4; ALEXANDRE KRAUSE1; KARIN ÉRICA BRASS1; FLÁVIO DE LA CÔRTE1
1.UFSM, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 2.UNIJUI, IJUI, RS, BRASIL; 3.UNICRUZ, CRUZ ALTA, RS, BRASIL; 4.UNIFRA, SANTA MARIA, RS, BRASIL.

32. EXPRESSÃO DE CD3 MOSTROU SEMELHANÇA ENTRE GRUPO ALOGÊNICO E AUTÓLOGO APÓS APLICAÇÃO DE CÉLULAS TRONCO MESENQUIMAIS EM TENDÃO FLEXOR DIGITAL SUPERFICIAL DE EQUINOS 57

JAQUELINE BRANDÃO DE SOUZA*1; MARINA LANDIM E ALVARENGA1; VITOR HUGO SANTOS1; JOÃO PEDRO HÜBBE PFEIFER1; CARLOS EDUARDO FONSECA ALVES1; MIRIAN RODRIGUES1; RENNE LAUFER AMORIM1; JOSÉ ANTONIO LUCAS CASTILHO1; MARIANA LOPES DA CONCEIÇAO1; ANDRE MASSAHIRO TERAMOTO KRIECK1; ANA LIZ GARCIA ALVES1
1.FMVZ UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

33. EXPRESSÃO DE CITOCINAS NA MEMBRANA SINOVIAL E SUA RELAÇÃO COM A CONCENTRAÇÃO SINOVIAL NA OSTEOCONDRITE DISSECANTE (OCD) E OSTEOARTRITE (OA) EM EQUINOS 57

FERNANDA RODRIGUES AGRESTE*1; JOICE FÜLBER1; JULIANA JUNQUEIRA MOREIRA1; SARAH RAPHAELA TORQUATO SEIDEL1; CYNTHIA DO PRADO VENDRUSCULO1; LUCAS MARTINS CHAIBLE1; LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA1; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1
1.FMVZ/USP, SAO PAULO, SP, BRASIL.

34. FUNÇÃO HEPÁTICA E RENAL DE ÉGUAS SUBMETIDAS A INOCULAÇÃO DE ANTÍGENO BOTRÓPICO PARA PRODUÇÃO DE SORO ANTIOFÍDICO 58

MARIANA NAHUM DEL CASTILLO*1; ALINE EMERIM PINNA1; FRANCCESCA SILVEIRA REGIANINI1; MÁRIO FELIPE ALVAREZ BALARO1; NADIA REGINA PEREIRA ALMOSNY1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITEROI, RJ, BRASIL.

35. INFLUÊNCIA DA CENTRIFUGAÇÃO NA AGREGAÇÃO PLAQUETÁRIA DURANTE PROCESSAMENTO DO PLASMA RICO EM PLAQUETAS E SUA RELAÇÃO COM A CONCENTRAÇÃO DE TGF BETA FINAL 59

SARAH RAPHAELA TORQUATO SEIDEL*1; CYNTHIA DO PRADO VENDRUSCULO1; FERNANDA RODRIGUES AGRESTE1; JOICE FÜLBER1; JULIANA JUNQUEIRA MOREIRA1; YARA MARIA MICHELACCI2; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1
1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA - USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA - UNIFESP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

36. INFLUÊNCIA DA LEUCOAFÉRESE TERAPÊUTICA SOBRE PARÂMETROS CLÍNICOS E HEMATOLÓGICOS DE EQUINOS COM SEPSE INDUZIDA POR MODELO DE OLIGOFRUTOSE 60

ODAEL SPADETO JUNIOR*1; ALVARO DE PAULA LAGE DE OLIVEIRA2; CAHUE FRANCISCO ROSA PAZ2; ISABELLE MARINA COLEN FONSECA2; SERGIO DA SILVA ROCHA JÚNIOR2; FABÍOLA DE OLIVEIRA PAES LEME2; MARÍLIA MARTINS MELO2; BETÂNIA SOUZA MONTEIRO3; RAFAEL RESENDE FALEIROS2
1.UINVERSIDADE DE VILA VELHA, VILA VELHA, ES, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE VILA VELHA, VILA VELHA, ES, BRASIL.

37. INFLUÊNCIA DE TEMPO E DA TEMPERATURA DE ARMAZENAMENTO DE SANGUE DE EQUINO SUBMETIDO A ANÁLISES BIOQUÍMICAS 61

MATHEUS MORILLO BÄR*1; FELIPE EDUARDO DAL MAS1; LUANA GOMES FERNANDES1; MARIA VITÓRIA FERREIRA BARREIROS1; LINDOMAR FERNANDES PESSOA1; MARLA SCHNEIDER1; LEILUANA CAMILA RETTIG1; PEDRO ARGEL ZADINELO MORREIRA1; MARILENE MACHADO SILVA1; ERICA CRISTINA BUENO DO PRADO GUIRRO1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, PALOTINA, PR, BRASIL.

38. ISOLAMENTO E CULTIVO DE CÉLULAS ESTROMAIS MESENQUIMAIS MULTIPOTENTES DERIVADAS DO TECIDO ADIPOSO DE MUARES 62

GUSTAVO DOS SANTOS ROSA*1; VITOR HUGO SANTOS1; JAQUELINE BRANDÃO DE SOUZA1; BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI1; JOÃO PEDRO HÜBBE PFEIFER1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; MARCOS JUN WATANABE1; ANA LIZ GARCIA ALVES1
1.FMVZ UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

39. LEVANTAMENTO DOS CASOS DE ANEMIA INFECCIOSA EQUINA NOTIFICADOS NO RIO GRANDE DO SUL PELO LABORATÓRIO HÍPICA NO PERÍODO DE 2015-2017 63

ANGELA BARTH ENASTRE*1; SABRINA LOPES MOTA2; VALESCA PETER DOS SANTOS1
1.LABORATÓRIO HÍPICA, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 2.LABORATÓRIO HÍPICA LTDA.O, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

40. MODULAÇÃO INFLAMATÓRIA EM EQUINOS APÓS ARTROSCOPIA E APLICAÇÃO INTRA-ARTICULAR DE PLASMA RICO EM PLAQUETAS, DE PENTORSE OU DE ACETONIDO DE TRIANCINOLONA 64

MIGUEL GALLIO*1; HELOISA EINLOFT PALMA1; FLÁVIO DE LA CÔRTE1; KARIN ÉRICA BRASS1; LUIS FELIPE DIAS LOPES1; MARTA MARIA MEDEIROS FRESCURA DUARTE1; ROBERTA CARNEIRO DA FONTOURA PEREIRA2
1.UFSM, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 2.UNIJUI, IJUI, RS, BRASIL.

41. NEUROTOXICIDADE DO CLORETO DE AMÔNIO 2% SOBRE OS NERVOS DIGITAIS PALMARES EM PÔNEIS 64

STEFANO LEITE DAU*1; MARCOS DA SILVA AZEVEDO2; FLÁVIO DE LA CÔRTE1; KARIN ÉRICA BRASS1; GABRIELE BIAVASCHI SILVA1; CAMILA CANTARELLI1; RENATA DALCOL MAZARO1; RAFAEL ALMEIDA FIGHERA1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, CURITIBANOS, SC, BRASIL.

42. OCORRÊNCIA DE ANTICORPOS CONTRA NEOSPORA SPP. EM EQUINOS CRIADOS EM ÁREA URBANA E RURAL 65

MILENA CAROL GRANELLA*1; RUBENS PERES MENDES1; MARIANA DA SILVA CASA1; PAULO EDUARDO FERIAN1; FABIANO ZANINI SALBEGO1; FERNANDA SILVEIRA FLORES VOGEL2; LUIS ANTÔNIO SANGIONI2; JOANDES HENRIQUE FONTEQUE1; PATRÍCIA BRÄUNIG2
1.UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA, LAGES, SC, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA, RS, BRASIL.

43. OCORRÊNCIA DE NEOPLASIAS CUTÂNEAS EM EQUÍDEOS ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UFU 66

FERNANDO ALVES SOARES RAMOS*1; TATIANE FARIA PRADO1; RAÍSSA OLIVEIRA LEITE1; ERIKY AKIO TONGU1; KAMILA PINHEIRO PAIM1; MARCIO DE BARROS BANDARRA1; GEISON MOREL NOGUEIRA1; DIEGO JOSE ZANZARINI DELFIOL1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLANDIA, MG, BRASIL.

44. OSTEOMIELITE DE CALCÂNEO E METACARPIANO PRINCIPAL EM POTRO: RELATO DE CASO 67

AYMARA EDUARDA DE LIMA*1; THAYNA KIKUCHI MONTEIRO1; MARILIA NUNES CARDOSO1; CAMILA COSTA CASON1; LEANDRO KEITI HAYASHI1;

NEIMAR VANDERLEI RONCATI1; ANGELICA TRAZZI BENTO DE MORAES1; PAOLO NEANDRO BONA SOARES1
1.UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

45. PERFIL INFLAMATÓRIO E DE DEGRADAÇÃO CARTILAGÍNEA NO LÍQUIDO SINOVIAL DE CAVALOS QUARTO DE MILHA DE CORRIDA COM FRATURAS DE CARPO - RESULTADOS PRELIMINARES 68

JOICE FÜLBER*1; JULIANA JUNQUEIRA MOREIRA1; SARAH RAPHAELA TORQUATO SEIDEL1; FERNANDA RODRIGUES AGRESTE1; CYNTHIA DO PRADO VENDRUSCULO1; LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA1; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1
1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SAO PAULO, SP, BRASIL.

46. PERFIL OXIDATIVO EM CULTIVO DE CONDRÓCITOS EXPOSTOS AO ACETONIDO DE TRIANCINOLONA, PLASMA RICO EM PLAQUETAS E PENTOSANO POLISSULFATO SÓDICO 69

HELOISA EINLOFT PALMA*1; CAMILA CANTARELLI1; MIGUEL GALLIO1; GABRIELE BIAVASCHI SILVA1; PATRÍCIA WOLKMER2; BIBIANA TELÓ MORAES2; RODRIGO FERNANDO SALAZAR2; JULIEN WERGUTZ3; ALEXANDRE KRAUSE1; KARIN ÉRICA BRASS1; FLÁVIO DE LA CÔRTE1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA, CRUZ ALTA, RS, BRASIL; 3.CENTRO UNIVERSITÁRIO FRANCISCANO, SANTA MARIA, RS, BRASIL.

47. PERFIL PARASITÁRIO, PROTEÍNAS PLASMÁTICAS TOTAIS E HEMATÓCRITO DE ÉGUAS EM TREINAMENTO DA RAÇA QUARTO DE MILHA 70

ALINE GROTO BARREIRAS*1; MONISE FURLAMENTO BUENO1; RAQUEL CORREIA LEITE1; INGRID BROMERSCHENKEL2
1.CENTRO UNIVERSITÁRIO DO NORTE PAULISTA - UNORP, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, SP, BRASIL; 2.UNESP/JABOTICABAL, SAO JOSE DO RIO PRETO, SP, BRASIL.

48. PREDITORES DE SAÚDE EM NEONATOS EQUINOS DA RAÇA CAMPOLINA 71

MARCELA OLIVEIRA*1; GABRIEL FALLER ALMEIDA2; PALOMA LUANY CASTELLO RABELLO1; ANDRESSA DAMACENO1; GABRIELA GABURRO MARANGONHA1; FELIPE BERBARI NETO1; GRAZIELA BARIONI1; INGRID BROMERSCHENKEL1; CARLA BRAGA MARTINS1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO, ALEGRE, ES, BRASIL; 2.MÉDICO VETERINÁRIO AUTÔNOMO, CANTAGALO, ES, BRASIL.

49. PREVALÊNCIA DE LESÕES DE PÊNIS E PREPÚCIO EM EQUINOS ATENDIDOS NO HOSPITAL DE CLÍNICAS VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS 72

AUGUSTO LUIZ POSTAL DALCIN*1; LUCIANA DE ARAUJO BORBA1; IGOR FREDERICO CANISSO2; CRISTINA GEVEHR GEVEHR FERNANDES1; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA1; BRUNA DA ROSA CURCIO1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RS, BRASIL; 2.UNIVERSITY OF ILLINOIS URBANA-CHAMPAIGN, URBANA, ESTADOS UNIDOS.

50. RELAÇÃO ENTRE OBESIDADE E OCORRÊNCIA DE SÍNDROME METABÓLICA EQUINA EM CAVALOS CRIOULOS 73

CAMILA CANTARELLI*1; STEFANO LEITE DAU1; SIMONE STEFANELLO1; MARCOS DA SILVA AZEVEDO2; GRASIELA DE BASTIANI3; HELOISA EINLOFT PALMA1; KARIN ÉRICA BRASS1; FLÁVIO DE LA CÔRTE1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, CURITIBANOS, SC, BRASIL; 3.IMED, PASSO FUNDO, RS, BRASIL.

51. RESPOSTA VACINAL A EMA-2 RECOMBINANTE DE THEILERIA EQUI EM ÉGUAS GESTANTE PRIMO-VACINADAS E REVACINADAS 74

ALICE CORREA SANTOS*1; FÁBIO LEIVAS LEITE1; ANA MUÑOZ VIANNA1; GUILHERME BORGES WEEGE1; BRUNA DOS SANTOS SUÑE MORAES1; ILUSCA SAMPAIO FINGER1; VITÓRIA MÜLLER1; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RS, BRASIL.

52. TEMPO DE RESOLUÇÃO DE OBSTRUÇÕES SIMPLES DO CÓLON MAIOR EM EQUINOS TRATADOS COM INFUSÃO CONTÍNUA DE CLORIDRATO DE LIDOCAÍNA 74

DEBORAH PENTEADO MARTINS DIAS*1; MARCELO VITOR ALMEIDA DE MORAES1; FLÁVIA ANTUNES MOLEZINI1; HENRIQUE SILVEIRA DIAS FERREIRA1; SAMUEL DOS SANTOS SOUSA1; DANIELA JUNQUEIRA DE QUEIROZ1
1.CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ, RIBEIRAO PRETO, SP, BRASIL.

53. TEORES DE SETE MINERAIS NOS CASCOS DE EQUINOS DA RAÇA CAMPEIRO 75

ANDERSON FERNANDO SOUZA*1; RUBENS PERES MENDES1; MILENA CAROL GRANELLA1; MARIANA DA SILVA CASA1; ROGÉRIO LAUS1; MARCELO ALVES MOREIRA1; JOANDES HENRIQUE FONTEQUE1
1.UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA, LAGES, SC, BRASIL.

54. TRATAMENTO DE SARCÓIDE EQUINO: PROCEDIMENTO CIRURGICO E IMPLANTE AUTÓLOGO – ESTUDO RETROSPECTIVO 76

FÁBIO FLAIN PIFFERO*1; GEÓRGIA CAMARGO GOSS1; CARLA TEIXEIRA LEITE1; BRUNO GOSTINSKI ROMERO1; MARCELO LAMEIRO PORCIUNCULA1; GABRIELA DÖWICH1; LOREANE ROSA DA ROSA1; LEONARDO TRENTIM CHAVES1; INGRID RIOS LIMA MACHADO1; CLÁUDIA ACOSTA DUARTE1; FABRÍCIO DESCONSI MOZZAQUATRO1
1.UNIPAMPA, URUGUAIANA, RS, BRASIL.

55. TRATAMENTOS DE FERIDAS CUTÂNEAS EXPERIMENTAIS COM EXTRATO E ÓLEO DE COPAÍBA..... 77

JULIANA DE MOURA ALONSO*1; DEBORA PERRONE KAUER1; CLAUDIA HELENA PELLIZZON1; ANA LIZ GARCIA ALVES1; MARCOS JUN WATANABE1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1
1.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

56. USO COMPARATIVO DO LACTATO VENOSO E DO LÍQUIDO PERITONEAL COMO AUXILIAR DIAGNÓSTICO E PROGNÓSTICO NO ABDÔMEN AGUDO DE EQUINOS..... 78

MARIA AUGUSTA BERLINGIERI*1; PAULO ARI LEIRIA1; JULIETTI BEATRIZ VIEIRA1; CAUE NATAM DE SOUZA1; ALISSON ROMANO DA SILVA1
1.EQÜIVET HOSPITAL VETERINÁRIO, INDAIATUBA, SP, BRASIL.

57. UTILIZAÇÃO DE BACTERIÓFAGOS NO CONTROLE DE RODOCOCOSE..... 79

VALESCA PETER DOS SANTOS*1; SABRINA LOPES MOTA2; PETRA GARBADE3
1.LABORATÓRIO HÍPICA LTDA. E PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEDICINA ANIMAL-EQUINOS/ UFRGS, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 2.LABORATÓRIO HÍPICA LTDA., PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 3.PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEDICINA ANIMAL-EQUINOS/UFRGS, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

58. UTILIZAÇÃO DE MARCADORES DO PROCESSO INFLAMATÓRIO NO DIAGNÓSTICO PRECOCE DE SEPSE E SUA CORRELAÇÃO COM O ESCORE DE SEPSE E SOBREVIVÊNCIA EM POTROS NEONATOS PROVENIENTES DE ÉGUAS COM PLACENTITE 79

LUCIANA DE ARAUJO BORBA*1; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA1; FERNANDA MARIA PAZINATO1; BRUNA DOS SANTOS SUÑE MORAES1; VITÓRIA MÜLLER1; IGOR FREDERICO CANISSO2; BRUNA DA ROSA CURCIO1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RS, BRASIL; 2.UNIVERSITY OF ILLINOIS URBANA-CHAMPAIGN, URBANA, ESTADOS UNIDOS.

59. VIABILIDADE CELULAR DE CONDRÓCITOS EXPOSTOS A BUPIVACAÍNA, MEPIVACAÍNA E ROPIVACAÍNA 80

GABRIELE BIAVASCHI SILVA*1; STEFANO LEITE DAU1; FLÁVIO DE LA CÔRTE1; KARIN ÉRICA BRASS1; HELOISA EINLOFT PALMA2; MIGUEL GALLIO1; ALEXANDRE KRAUSE1; LUCIANA FONTANARI KRAUSE3; KALYNE BERTOLIN1; JULIEN WERGUTZ3
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA, CRUZ ALTA, RS, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FRANCISCANA, SANTA MARIA, RS, BRASIL.

60. VIDEOENDOSCOPIA AO ALCANCE DE TODOS: OS RECURSOS DO SMARTPHONE 81

GUSTAVO HENRIQUE ZIMMERMANN WINTER*1; LUIS FELIPE PELINSON DOS PASSOS1; ANDREZA MORAIS DE SOUZA2
1.UNIRITTER, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 2.M. VETERINÁRIA, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

REPRODUÇÃO

61. A ESPÉCIE DO REPRODUTOR (EQUINOS X ASININOS) E O SEXO DA CRIA SOBRE O PERÍODO DE GESTAÇÃO EM ÉGUAS 86

GABRIELA BERTAIOLLI BERTAIOLLI ZOCA*1; GABRIEL DE CARLI DOS SANTOS1; THIAGO MARTINS1; ENEIVA CARLA CARVALHO CELEGHINI1; CARLA PATRICIA TEODORO DE CARVALHO1; RENATA LANÇONI1; THYAGO ESCODRO DERCOLI1; RUBENS PAES DE ARRUDA1
1.FMVZ - USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

62. ANÁLISE COMPARATIVA DO ESTRESSE OXIDATIVO DE ESPERMATOZOIDES DA CAUDA DO EPIDÍDIMO E DO EJACULADO DE GARANHÕES..... 86

PRISCILLA NASCIMENTO GUASTI*1; LAÍZA SARTORI DE CAMARGO1; PATRICIA M PAPA1; RUBIA ALVES SCHMITH1; LUIS FERNANDO MERCÊS CHAVES SILVA1; LUIZ ROBERTO PENA ANDRADE JUNIOR1; JULIANA PEDROSO MENDES1; CAMILA PAULA FREITAS-DELL`AQUA1; FREDERICO O PAPA1
1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

63. AVALIAÇÃO MICROBIOLÓGICA E TESTE DE SENSIBILIDADE IN VITRO DE BACTÉRIAS ISOLADAS DO ÚTERO DE ÉGUAS DA RAÇA CRIOULA 87

RAFAEL DOS SANTOS BANDEIRA*1; JULIA THOMASINI2; BRUNA SPADOTTO2; GABRIELA LORENZET2; GABRIEL VICTORIA MARTINS2; GUILHERME NOVELLO2; RAQUELI TERESINHA FRANÇA2; FERNANDO P LISBOA2
1.UNESP - BOTUCATU, IJUI, RS, BRASIL; 2.UCS, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL.

64. COLHEITA FRACIONADA MELHORA A QUALIDADE E LONGEVIDADE DO SÊMEN DE GARANHÕES SENSÍVEIS A REFRIGERAÇÃO..... 88

SIDNEI NUNES DE OLIVEIRA*1; LUIS FERNANDO MERCÊS CHAVES SILVA1; ENDRIGO ADONIS BRAGA DE ARAUJO1; LUIZ ROBERTO PENA ANDRADE JUNIOR1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; PATRICIA M PAPA1; JOÃO ALEXANDRE MATOS CARNEIRO1; FELIPE P HARTWIG1; MARCO A ALVARENGA1; MARCIO TEORO DO CARMO1; CAMILA PAULA FREITAS-DELL`AQUA1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; FREDERICO O PAPA1
1.UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, BOTUCATU, SP, BRASIL.

65. COMPARAÇÃO DA IMUNOMARCAÇÃO DOS RECEPTORES ENDOMETRIAIS DE ESTRÓGENO E PROGESTERONA EM ÉGUAS

ACÍCLICAS TRATADAS COM PROGESTERONA UTILIZANDO MÉTODOS SUBJETIVO E OBJETIVO DE AVALIAÇÃO 89
LUCIANA FRANÇA SMITH MACIEL*1; ELISA SANT'ANNA MONTEIRO DA SILVA2; JOSIANE ADELAIDE CAMARGO LOURENÇÃO1; CEZINANDE MEIRA1
1.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.CENTRO UNIVERSITÁRIO DO TRIÂNGULO, UBERLÂNDIA, MG, BRASIL.

66. COMPARAÇÃO DO PROTEOMA DOS ESPERMATOZOIDES DA CAUDA DO EPIDÍDIMO E DO EJACULADO DE GARANHÕES 90
JULIANA PEDROSO MENDES*1; LAÍZA SARTORI DE CAMARGO1; RUBIA ALVES SCHMITH1; PATRICIA M PAPA1; LUIZ ROBERTO PENA ANDRADE JUNIOR1; LUIS FERNANDO MERCÊS CHAVES SILVA1; FABIANA FERREIRA DE SOUZA1; FREDERICO O PAPA1; PRISCILLA NASCIMENTO GUASTI1
1.UNESP, AREIOPOLIS, SP, BRASIL.

67. COMPARAÇÃO ENTRE DIFERENTES TÉCNICAS DE DESCONGELAÇÃO DO SÊMEN EQUINO..... 91
CARLOS EDUARDO CAMARGO*1; RODRIGO CHAVES MACAN1; NATHÁLIA GONÇALVEZ CARDOSO1; KARINA VIEIRA CAMARGO1; CAMILA MENEGHINI1; DANIELA PORTELA CARDOZO1; MARCELA MAIRA MIQUELETTO1
1.PUCPR, CURITIBA, PR, BRASIL.

68. COMPARAÇÃO ENTRE DUAS TÉCNICAS DE DESCONGELAMENTO DE SÊMEN EQUINO BASEADA NA MOTILIDADE E VIGOR ESPERMÁTICO..... 92
VICTOR HUGO FERNANDES*1; LIÉDGE CAMILA FELICIO1; LUCIANO CORDEIRO XAVIER1; GABRIEL BARCELLOS FELICIO2; JOÃO FILIPI PEREIRA1; LUIZ ERNANDES KOZICKI3; IVENS NAVARRO HAPONIUK PRUS3
1.UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.MÉDICO VETERINARIO DOUTOR EM REPRODUÇÃO, CAMPOS DO JORDÃO, SP, BRASIL; 3.PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ, CURITIBA, PR, BRASIL.

69. COMPARAÇÃO ENTRE TAXAS DE PRENHEZ APÓS TE EM RECEPTORAS SUBMETIDAS A SEDAÇÃO COM ACEPROMAZINA E EM RECEPTORAS NÃO SUBMETIDAS A SEDAÇÃO DURANTE A INOVULAÇÃO TRANSCERVICAL..... 92
GIOVANNA TAKAKURA*1; ARIANE FLÁVIA DO NASCIMENTO2; AFONSO CELSO JUNQUEIRA BORGES1; CAROLINA COIMBRA CHAGAS3
1.QUIRON REPRODUÇÃO EQUINA, CAMBUQUIRA, MG, BRASIL; 2.FUNDAÇÃO DE ENSINO E TECNOLOGIA DE ALFENAS (UNIFENAS/FETA), ALFENAS, MG, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS - UFLA, LAVRAS, MG, BRASIL.

70. EFEITO DA CARNOSINA NA CRIOPRESERVAÇÃO DE SÊMEN DE GARANHÕES COM BAIXA CONGELABILIDADE..... 93
GIULIA K. V. KAWAI*1; JOÃO DIEGO DE AGOSTINI LOSANO1; CAROLINA CAMARGO ROCHA1; ANDRESSA DALMAZZO1; MAÍRA MORALES BRITO1; BRUNO ROGÉRIO RUI1; MARIA AUGUSTA ALONSO1; CAMILLA MOTTA1; MARCÍLIO NICHI1
1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA - FMVZ/USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

71. EFEITO DE DIFERENTES DILUENTES E DA REMOÇÃO DO PLASMA SEMINAL NA REFRIGERAÇÃO DO SÊMEN ASININO (EQUUS ASINUS)..... 94
LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES*1; FELIPE ERISON MEDRADO ROCHA DE SOUSA1; LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO1; LUIS FERNANDO MERCÊS CHAVES SILVA1; LUIZ ROBERTO PENA ANDRADE JUNIOR1; SIDNEI NUNES DE OLIVEIRA1; MARCO A ALVARENGA1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; FREDERICO O PAPA1
1.UNESP-UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA ´´JULIO DE MESQUITA FILHO``, BOTUCATU, SP, BRASIL.

72. EFEITO DO ESCORE DE CONDIÇÃO CORPORAL NA DINÂMICA FOLICULAR FINAL E FERTILIDADE DE ÉGUAS DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR 95
MIGUEL PIZZOLANTE BOTTINO*1; AUGUSTO SIQUEIRA LEMOS1; BRUNA OLIVEIRA DIAS1; SARAH MARIA GODTFREDSEN1; JOSÉ NÉLIO SOUSA SALES1; FLAMARION TENÓRIO DE ALBUQUERQUE1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS, LAVRAS, MG, BRASIL.

73. EFEITO DO NÚMERO DE APLICAÇÕES DA HCG SOBRE A RESPOSTA OVULATÓRIA DURANTE A VIDA REPRODUTIVA DE ÉGUAS..... 96
GABRIELA BERTAIOLLI BERTAIOLLI ZOCA*1; GABRIEL DE CARLI DOS SANTOS1; THIAGO MARTINS1; ENEIVA CARLA CARVALHO CELEGHINI1; CARLA PATRICIA TEODORO DE CARVALHO1; RENATA LANÇONI1; THYAGO ESCODRO DERCOLI1; RUBENS PAES DE ARRUDA1
1.FMVZ-USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

74. EFEITO DO TRATAMENTO COM IMPLANTE INTRAVAGINAL DE PROGESTERONA SOBRE A CONTAGEM DE FOLÍCULOS ANTRAIS EM ÉGUAS NA FASE DE TRANSIÇÃO DO ANESTRO PARA A ESTAÇÃO REPRODUTIVA..... 97
HIAGO CORTEZINI HADID*1; GUSTAVO ROMERO GONÇALVES1; FABIO LUIZ BIM CAVALIERI2; ANTONIO HUGO BEZERRA COLOMBO2; FÁBIO MOROTTI1; MARCELO MARCONDES SENEDA1
1.UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, LONDRINA, PR, BRASIL; 2.GESTAR EMBRIÕES REPRODUÇÃO ANIMAL, MARINGÁ, PR, BRASIL.

75. EFEITO DO ÁCIDO MEFENÂMICO SOBRE A MOBILIDADE EMBRIONÁRIA EM ÉGUAS 98
VERIDIANA DE PAULA ANDRADE*1; CAROLINA TIEMI CARDOSO OKADA1; CAMILA PAULA FREITAS-DELL`AQUA1; MARCO A ALVARENGA1
1.FMVZ- UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

76. EVIDÊNCIAS DE CICLICIDADE NO OVÁRIO DA FÊMEA MUAR..... 98

ANDRESSA GUIDUGLI LINDQUIST*1; SUELLEN MIGUEZ GONZÁLEZ2; CAMILA BIZARRO DA SILVA1; MARCELO MARCONDES SENEDA1
1.UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, LONDRINA, PR, BRASIL; 2.CENTRO UNIVERSITÁRIO DE RIO PRETO, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, SP, BRASIL.

77. EXPRESSÃO DE PROTEÍNAS DO CORPO LÚTEO DURANTE A LUTEOGÊNESE E LUTEÓLISE INDUZIDA EM ÉGUAS..... 99

RUBIA ALVES SCHMITH*1; LAÍZA SARTORI DE CAMARGO1; PRISCILLA NASCIMENTO GUASTI1; FABIANA FERREIRA DE SOUZA1; CEZINANDE MEIRA1
1.UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

78. FITOTERÁPICOS COMO ALTERNATIVA DE CONTROLE PARA BACTÉRIAS CAUSADORAS DE ENDOMETRITE EM ÉGUAS100

FERNANDO P LISBOA*1; GABRIEL VICTORIA MARTINS1; GUILHERME NOVELLO1; RAQUELI TERESINHA FRANÇA1; ANA PAULA LONGARAY DELAMARE1; GABRIEL FERNANDES PAULETTI1
1.UCS, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL.

79. INCLUSÃO DE COLESTEROL E SEUS EFEITOS NA INTEGRIDADE DAS MEMBRANAS PLASMÁTICA E ACROSSOMAL DE ESPERMATOZOIDES CRIOPRESERVADOS DE JUMENTOS DA RAÇA PÊGA 101

FLÁVIA VIEIRA DE FREITAS*1; MARIA EDUARDA BORGES FIGUEIRA; CRISTIAN DA SILVA TEIXEIRA2; THIAGO AUGUSTO TELES DE SOUZA2; CARLOS MATTOS TEIXEIRA SOARES2; MARIA GAZZINELLI NEVES2; BRUNA WADDINGTON DE FREITAS2; LARISSA MARQUES DE OLIVEIRA2; MARINA DA SILVA PASSARELLI1; MARIANA ANDRADE TORRES1; SIMONE MARIA MASSAMI KITAMURA MARTINS1; ANDRÉ FURUGEN CESAR DE ANDRADE1; GIOVANNI RIBEIRO DE CARVALHO3
1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, VIÇOSA, MG, BRASIL; 3..

80. INCLUSÃO DE COLESTEROL E SEUS EFEITOS NO POTENCIAL DE MEMBRANA MITOCONDRIAL DE ESPERMATOZOIDES CRIOPRESERVADOS DE JUMENTOS DA RAÇA PÊGA 102

FLÁVIA VIEIRA DE FREITAS*1; MARIA EDUARDA BORGES FIGUEIRA; CRISTIAN DA SILVA TEIXEIRA2; THIAGO AUGUSTO TELES DE SOUZA2; CARLOS MATTOS TEIXEIRA SOARES2; MARIA GAZZINELLI NEVES2; BRUNA WADDINGTON DE FREITAS2; LARISSA MARQUES DE OLIVEIRA2; MARINA DA SILVA PASSARELLI1; MARIANA ANDRADE TORRES1; SIMONE MARIA MASSAMI KITAMURA MARTINS1; ANDRÉ FURUGEN CESAR DE ANDRADE1; GIOVANNI RIBEIRO DE CARVALHO3
1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, VIÇOSA, MG, BRASIL; 3..

81. INFLUENCE OF PARTIAL OR TOTAL REPLACEMENT OF GLYCEROL BY ALTERNATIVE CRYOPROTECTANTS IN GENT FREEZING EXTENDER ON POST-THAW SPERM QUALITY IN STALLIONS..... 103

RODRIGO ARRUDA DE OLIVEIRA*1; SVEN BUDIK2; CHRISTINE AURICH2
1.UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA, DF, BRASIL; 2.VETMEDUNI VIENNA, VIENNA, ÁUSTRIA.

82. MIGRAÇÃO DE POLIMORFONUCLEARES E EXPRESSÃO DE COX-2 NO TECIDO ENDOMETRIAL DE ÉGUAS SUSCEPTÍVEIS A ENDOMETRITE TRATADAS COM PLASMA RICO EM PLAQUETAS 103

LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI*1; AIME FRISO1; ANDRÉ MACIEL CRESPILHO1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; FREDERICO O PAPA1; MARCO A ALVARENGA1
1.UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

83. MOMENTO DE REALIZAÇÃO DA INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL OU MONTA NATURAL EM RELAÇÃO A OVULAÇÃO E SUA INTERFERÊNCIA NA DETERMINAÇÃO DO SEXO DO CONCEPTO..... 104

GIOVANNA TAKAKURA*1; ARIANE FLÁVIA DO NASCIMENTO2; AFONSO CELSO JUNQUEIRA BORGES1; TAIGUARA DE CASTRO SAMPAIO1; CAROLINA COIMBRA CHAGAS3
1.QUIRON REPRODUÇÃO EQUINA, CAMBUQUIRA, MG, BRASIL; 2.FUNDAÇÃO DE ENSINO E TECNOLOGIA DE ALFENAS (UNIFENAS/FETA), ALFENAS, MG, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS, LAVRAS, MG, BRASIL.

84. PARÂMETROS FISIOLÓGICOS DA PLACENTA EM ÉGUAS DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR..... 105

ISABELA SYLLOS CAMPOS*1; GUILHERME NUNES DE SOUZA2; GUSTAVO MENDES GOMES3; ALINE EMERIM PINNA1; ANA MARIA REIS FERREIRA1
1.UFF, NITERÓI, RJ, BRASIL; 2.EMBRAPA, JUIZ DE FORA, MG, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA, VASSOURAS, RJ, BRASIL.

85. RELAÇÃO ENTRE O DIA DA OVULAÇÃO E A TAXA DE PRENHEZ EM ÉGUAS RECEPTORAS DE EMBRIÕES 106

GIOVANNA TAKAKURA*1; CAROLINA COIMBRA CHAGAS2; EFA DEPE2; CARINE RODRIGUES PEREIRA2; DIÓGENES FERREIRA FILHO3
1.QUIRÓN REPRODUÇÃO EQUINA, CAMBUQUIRA, MG, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS, LAVRAS, MG, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA, RJ, BRASIL.

86. RELAÇÃO ENTRE O ESCORE DE CONDIÇÃO CORPORAL E A TAXA DE PRENHEZ EM ÉGUAS RECEPTORAS DE EMBRIÕES 106

GIOVANNA TAKAKURA*1; EFA DEPE2; CAROLINA COIMBRA CHAGAS2; CARINE RODRIGUES PEREIRA2; DIÓGENES FERREIRA FILHO3
1.QUIRÓN REPRODUÇÃO EQUINA, CAMBUQUIRA, MG, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS, LAVRAS, MG, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA, RJ, BRASIL.

87. TEMPO DE GESTAÇÃO DE ÉGUAS PURO SANGUE INGLÊS MANTIDAS EM CLIMA TROPICAL E SUBTROPICAL 107

GABRIELA CASTRO DA SILVA*1; BRUNA DA ROSA CURCIO2; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA2; CLÁUDIA HAETINGER2; FABIO LIMA2; FERNANDA MARIA PAZINATO2; BRUNA DOS SANTOS SUÑE MORAES2; NATANE MIRANDA SARAIVA2; IGOR CANISSO3
1.ABRAVEQ, PELOTAS, RS, BRASIL; 2.UFPEL, PELOTAS, RS, BRASIL; 3.UNIVERSITY OF ILLINOIS COLLEGE OF VETEINARY MEDICINE, URBANA, ESTADOS UNIDOS.

88. USO DE IMPLANTE INTRAVAGINAL DE PROGESTERONA NO PERÍODO TRANSICIONAL DE ÉGUAS DA RAÇA CRIOULA 108

RAFAEL DOS SANTOS BANDEIRA*1; GUILHERME NOVELLO2; CANDIDO VICTOR KERN3; GABRIEL VICTORIA MARTINS2; RAQUELI TERESINHA FRANÇA2; FERNANDO P LISBOA2
1.UNESP - BOTUCATU, IJUI, RS, BRASIL; 2.UCS, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL; 3.UFPEL, PELOTAS, RS, BRASIL.

89. VALIDAÇÃO EXPERIMENTAL DE AMH COMO MARCADOR QUANTITATIVO DA RESERVA FOLICULAR OVARIANA UTILIZANDO OVARIECTOMIA UNILATERAL EM ÉGUAS 109

RENATA C. ULIANI1, ALAN J. CONLEY2, CYNTHIA J. CORBIN2, AIMÉ M. FRISO1, LUCIANA F. S. MACIEL1, MARCO A. ALVARENGA[1]
1. DEPARTAMENTO DE REPRODUÇÃO ANIMAL, FMVZ - UNESP, BOTUCATU - SÃO PAULO, BRAZIL. 2.DEPARTMENT OF POPULATION HEALTH AND REPRODUCTION, SCHOOL OF VETERINARY MEDICINE, UNIVERSITY OF CALIFORNIA DAVIS, DAVIS, CALIFORNIA, USA.

FISIOLOGIA DO EXERCÍCIO OU NUTRIÇÃO

90. ANALISE DE PARÂMETROS HEMATIMÉTRICOS E BIOQUIMICOS EM EQUINOS QUARTO DE MILHA ATLETAS PRÉ E PÓS-TREINAMENTO 114

GUILHERME BARBOSA COSTA*1; AULO HENRIQUE ARAUJO1; GUILHERME HENRIQUE ROCHA1; IZABELA PUERCHI RIBEIRO1; ISADORA HELENA MELO1; MATEUS PRADELA CASTALGINI1; MARIANA REATO NASCIMENTO1; DANIEL PAULINO JUNIOR1
1.UNIFRAN - UNIVERSIDADE DE FRANCA, FRANCA, SP, BRASIL.

91. ASINOS E EQUINOS APRESENTAM DIFERENTES ESTRATÉGIAS NA OBTENÇÃO DO RECURSO FENO INDEPENDENTE DE SUA DISTRIBUIÇÃO 114

TÂMARA DUARTE BORGES*1; EMÍLIA R.L. BARRETO2; PEDRO HENRIQUE ESTEVES TRINDADE2; FERNANDA MENDES BARUSSI1; FERNANDA ZETTEL BASTOS1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1
1.PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO", JABOTICABAL, SP, BRASIL.

92. AVALIAÇÃO DO EFEITO DO UNDECILATO DE BOLDENONA NO DESENVOLVIMENTO DE TESTÍCULO E OVÁRIO EM POTROS 115

HORTÊNCIA CAMPOS MAZZO*1; MURILLO ORMIERES1; GABRIELA DO VALE POMBO1; YASMIN DE SALES PEREIRA1; NICOLAS VENTURA DUARTE1; KATIA FELTRE1; BAITY BOOCK LEAL2; MARCELO AUGUSTO FERREIRA2; PAULA BANDIERA LEITE2; BRUNA CERRUTI DE GODOI2; SANDRA FERNANDEZ2; ALEXANDRE AUGUSTO DE OLIVEIRA GOBESSO1
1.USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.CEVA, PAULÍNIA, SP, BRASIL

93. AVALIAÇÃO TERMOGRÁFICA DA REGIÃO DO CARPO DE CAVALOS PURO SANGUE INGLÊS DE CORRIDA JOVENS EM INÍCIO DE TREINAMENTO 116

BIANCA PEGORARO VIEIRA*1; THASLA DE FREITAS SANTI1; FERNANDA MENDES BARUSSI1; FERNANDA ZETTEL BASTOS1; HANNA CAROLINE PROCHNO1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1
1.PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ, CURITIBA, PR, BRASIL.

94. AVALIAÇÃO TERMOGRÁFICA DA REGIÃO DO TARSO EM CAVALOS PURO SANGUE INGLÊS DE CORRIDA EM INÍCIO DE TREINAMENTO 117

PATRICIA FERNANDES RODRIGUES*1; HANNA CAROLINE PROCHNO1; BIANCA PEGORARO VIEIRA1; RODOLFO AUGUSTO ALTHAUS JANSEN1; FERNANDA MENDES BARUSSI1; FERNANDA ZETTEL BASTOS1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1
1.PUCPR, CURITIBA, PR, BRASIL.

95. AVALIAÇÃO TERMOGRÁFICA DO BOLETO DOS MEMBROS TORÁCICOS E PÉLVICOS DE CAVALOS PURO SANGUE INGLÊS DE CORRIDA EM INÍCIO DE TREINAMENTO 118

HANNA CAROLINE PROCHNO*1; PATRICIA FERNANDES RODRIGUES1; BIANCA PEGORARO VIEIRA1; RODOLFO AUGUSTO ALTHAUS JANSEN1; FERNANDA MENDES BARUSSI1; FERNANDA ZETTEL BASTOS1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1
1.PUCPR, CURITIBA, PR, BRASIL.

96. COMPARAÇÃO DAS VARIÁVEIS CINEMÁTICAS LINEARES E TEMPORAIS ENTRE AS MARCHAS BATIDA E PICADA DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR 118

MAYARA GONÇALVES GONÇALVES FONSECA*1; JESSICA LAGE LAGE1; CONSUELO MARELLI2; THAYNE DE OLIVEIRA SILVA3; IZABELLA MOREIRA MARQUES4; GUSTAVO GONZÁLEZ MONTEIRO DE BARROS5; CASSIO CESAR DE MATOS SALES4; AMANDA PIAIA SILVATTI6; GUILHERME CAMARGO FERRAZ1

1.FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E VETERINÁRIAS (FCAV), UNESP – UNIV. ESTADUAL PAULISTA, JABOTICABAL, SP, BRASIL; 2.MÉDICA VETERINÁRIA AUTÔNOMA, FORTALEZA, CE, BRASIL; 3.DEPARTAMENTO DE VETERINÁRIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV), VIÇOSA, MG, BRASIL; 4.ESCOLA DE VETERINÁRIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 5.FEAD MINAS, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 6.DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV), VIÇOSA, MG, BRASIL.

97. COMPORTAMENTO INGESTIVO DE POTROS DA RAÇA CRIOULA COM 5 MESES DE IDADE NA FASE DE CRIA 120

JOÃO DANILO BIFFI PEREIRA*1; MARCELE SOUSA VILANOVA1; CATIA DAL BELLO GIACOMET1; CAROLINE BRAGA ANDELIERI1; WILLIAN PERIN1
1.UCS, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL.

98. COMPORTAMENTO INGESTIVO DE ÉGUAS DA RAÇA CRIOULA PRENHAS E EM LACTAÇÃO..... 120

JOÃO DANILO BIFFI PEREIRA*1; MARCELE SOUSA VILANOVA1; CATIA DAL BELLO GIACOMET1; CAROLINE BRAGA ANDELIERI1; WILLIAN PERIN1
1.UCS, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL.

99. COMPORTAMENTOS ANTECIPATÓRIOS PRÉ-ALIMENTAÇÃO EM CAVALOS MANTIDOS EM BAIAS..... 121

VANESSA DA SILVA JOCHEM*1; MARCUS VINICIUS MACHADO DE CARVALHO1; ANA BEATRIZ ALMEIDA TORRES1; MARIA JOSÉ HÖTZEL1; DENISE PEREIRA LEME1
1.UFSC, FLORIANÓPOLIS, SC, BRASIL.

100. DIGESTIBILIDADE APARENTE DOS NUTRIENTES DA DIETA COMPLETA PELETIZADA E EXTRUSADA COMPOSTA POR DIFERENTES FONTES DE FIBRA PARA EQUINOS 122

KATIA FELTRE*1; ALEXANDRE AUGUSTO DE OLIVEIRA GOBESSO1; FERNANDA RUDOLF GONZALBO GARCIA1; GABRIELA DO VALE POMBO1; YASMIN DE SALES PEREIRA1; LUIZ ANTONIO JORGE DE MORAES FILHO1; BIANCA PETERMANN MORETTI1; JULIO CESAR DE CARVALHO BALIEIRO1
1.FMVZ/USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

101. INFLUÊNCIA DA SUPLEMENTAÇÃO COM TONNUS JCR VETNIL® NO METABOLISMO ENERGÉTICO E LESÕES MUSCULARES EM EQUINOS ATLETAS DE TEAM PENNING..... 123

ERIKY AKIO TONGU*1; AMANDA BIZARE1; RAÍSSA OLIVEIRA LEITE1; ISADORA ARAÚJO NAVES1; LARISSA FREITAS CAMPOS1; MARIANA NEHME MARINHO1; KAMILA PINHEIRO PAIM1; TATIANE FARIA PRADO1; JOÃO PAULO ELSEN SAUT1; ANTÔNIO VICENTE MUNDIM1; DIEGO JOSE ZANZARINI DELFIOL1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLANDIA, MG, BRASIL.

102. METABOLISMO LIPÍDICO E ATIVIDADE DE PARAOXONASE 1 EM POTROS DA RAÇA CRIOULA SUBMETIDOS A DIFERENTES TIPOS DE CRIAÇÃO 124

ILUSCA SAMPAIO FINGER*1; LORENA ALVARIZA AMARAL1; BRUNA DOS SANTOS SUÑE MORAES1; JOÃO ALVEIRO ALVARADO RINCÓN1; ALICE CORREA SANTOS1; AUGUSTO SCHNEIDER1; MARCIO NUNES CORRÊA1; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA1
1.UFPEL, PELOTAS, RS, BRASIL.

103. PARÂMETROS ELETROCARDIOGRÁFICOS EM EQUINOS DE SALTO SUBMETIDOS A UM TESTE DE CAMPO..... 125

LAIS POLICARPO MACEDO*1; MARCELA BUCHER BINDA1; FERNANDA DE ALMEIDA TEIXEIRA1; RENAN SILVA CARVALHO1; LAURA MONTEIRO CASTRO CONTI1; HELIO CORDEIRO MANSO FILHO2; CLARISSE SIMÕES COELHO3
1.UVV-ES, VILA VELHA, ES, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, RECIFE, PE, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA), SALVADOR, BA, BRASIL.

104. TESTE A CAMPO PARA DETERMINAÇÃO DA FREQUÊNCIA CARDÍACA MÁXIMA DE EQUINOS DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR 126

JESSICA LAGE LAGE*1; MAYARA GONÇALVES GONÇALVES FONSECA1; GUSTAVO GONZÁLEZ MONTEIRO DE BARROS2; GUILHERME CAMARGO FERRAZ1
1.FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E VETERINÁRIAS (FCAV), UNESP – UNIV. ESTADUAL PAULISTA, JABOTICABAL, SP, BRASIL; 2.FEAD MINAS, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

RELATO DE CASO

105. A IMPORTÂNCIA DA ULTRASSONOGRAFIA TRANSABDOMINAL (FLASH) NO DIAGNÓSTICO DE DESLOCAMENTO DE CÓLON À DIREITA: RELATO DE CASO..... 130

MARIA AUGUSTA BERLINGIERI*1; PAULO ARI LEIRIA1; JULIETTI BEATRIZ VIEIRA1; CAUE NATAM DE SOUZA1; ALISSON ROMANO DA SILVA1
1.EQÜIVET-HOSPITAL VETERINÁRIO, INDAIATUBA, SP, BRASIL.

106. A IMPORTÂNCIA DA ECOCARDIOGRAFIA CONTRASTADA NO DIAGNÓSTICO DE DSV EM EQUINO: RELATO DE CASO 130

BEATRIZ A. WOSEROW *1; RAÍSSA KAROLLINY SALGUEIRO CRUZ1; JULIANA BORNHAUSEN ARAÚJO1; AMANDA SARITA CRUZ ALEIXO1; KAROLINE KOETHER1; MAURÍCIO GIANFRANCESCO FILIPPI1; JULIANA ALMEIDA NOGUEIRA DA GAMA1; MAYRA DE CASTRO FERREIRA LIMA1; SIMONE BIAGIO CHIACCHIO1; MARIA LÚCIA GOMES LOURENÇO1

1.UNESP-FMVZ, BOTUCATU-SP, BRASIL

107. ABORTO DE FETO ASININO EM RECEPTORA EQUINA APÓS INTERRUPÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO DE PROGESTERONA AOS 120 DIAS DE GESTAÇÃO 131

LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO*1; FREDERICO O PAPA1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; FELIPE ERISON MEDRADO ROCHA DE SOUSA1; MARCO A ALVARENGA1; PATRICIA M PAPA1; SIDNEI NUNES DE OLIVEIRA1; ENDRIGO ADONIS BRAGA DE ARAUJO1; LUIS FERNANDO MERCÊS CHAVES SILVA1; JOÃO ALEXANDRE MATOS CARNEIRO1
1.UNIVERSIDADE JULIO DE MESQUITA FILHO, FMVZ, BOTUCATU, SP, BRASIL.

108. ABSCESSO APICAL EM POTRO DE 6 MESES DE IDADE 132

MAURICIO JOSE BITTAR*1; TATIANA YUMI MIZUCINA AKUTAGAWA2; JULIANA NASCIMENTO BITTAR1
1.BITTARVET VET. LTDA, RIO CLARO, SP, BRASIL; 2.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

109. ACIDENTE OFÍDICO CROTÁLICO EM EQUINO PRODUTOR DE PLASMA ESCORPIÔNICO NA FAZENDA SÃO JOAQUIM- SP – RELATO DE CASO 133

CAMILA COSTA CASON*1; AYMARA EDUARDA DE LIMA1; THAYNA KIKUCHI MONTEIRO1; DÁCIO DE CASTRO DIAS2; MICHELE CRISTIANE DE CAMARGO2; MÔNICA FREITAS SILVA2; RAFAELA SUEMI ARAKI BUENO1; LILIANE RAMOS DA ROCHA PEREIRA1; CESAR GRANER2; RONALDO AZEVEDO FERREIRA2
1.UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.INSTITUTO BUTANTAN, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

110. ADAPTAÇÃO DA TÉCNICA DE REPULSÃO DE PRÉ-MOLAR PARA O TRATAMENTO DA DOENÇA PERIODONTAL ASSOCIADA À FRATURA DENTÁRIA E FÍSTULA MANDIBULAR EM EQUINO – RELATO DE CASO 134

MARIANA MARCANTONIO CONEGLIAN*1; RAMIRO DAS NEVES DIAS NETO2; HELOISA GODOI BERTAGNON3; SHARLENNE LEITE DA SILVA MONTEIRO3; HELCYA MIME ISHIY HULSE3
1.PUC PR, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL; 3.UNICENTRO, GUARAPUAVA, PR, BRASIL.

111. ADMINISTRAÇÃO INTRALESIONAL DE IODETO DE POTÁSSIO À 15% NO TRATAMENTO DA PITIOSE: RELATO DE CASO 135

JULIANA DE MOURA ALONSO*1; THIAGO YUKIO NITTA1; SANDRA DE MORAES GIMENES BOSCO1; MARCOS JUN WATANABE1; ANA LIZ GARCIA ALVES1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1
1.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

112. APLICAÇÃO DA TÉCNICA DOS TRÊS "L'S" EM FERIDA LACERANTE NA FACE DE DUAS POTRAS QUARTO DE MILHA... 136

IOLANDA GEA KASSEM*1; MARIA INÊS GAY DA FONSECA AALLGAYER DIANO2; JULIA SAVIETTO FRATI3; MALVINA MARTINS PARRÉ4; LAURA LEANDRA HALINSKI1; LAURA BLAIR BAILEY5; DIEGO MELO DEMIER DE CARVALHO6; EDUARDO MALSCHITZKY7
1.RESIDENTE THERAPY4HORSES, PURCELL, ESTADOS UNIDOS; 2.THERAPY4HORSES, PURCELL, ESTADOS UNIDOS; 3.UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 4.FMVZ/UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 5.TEXAS TECH UNIVERSITY, LUBBOCK, ESTADOS UNIDOS; 6.CENTRO UNIVERSITÁRIO ANHANGUERA, NITEROI, RJ, BRASIL; 7.UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

113. APLICAÇÃO DO PLASMA RICO EM PLAQUETAS (PRP) EM FERIDA ACOMETIDA DE DEISCÊNCIA APÓS LAPAROTOMIA EXPLORATÓRIA EM EQUINO: RELATO DE CASO 137

MARIANA LOPES DA CONCEIÇAO*1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; MARILIA FERRARI MARSIGLIA1; ANA LIZ GARCIA ALVES1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI1; MARCOS JUN WATANABE1
1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

114. ARANEÍSMO EM EQUINO DA ESCOLA DE EQUITAÇÃO DO EXÉRCITO 137

CARINE RODRIGUES PEREIRA*1; BRUNA MACHADO AMARAL ROSA2; DANIELA CRISTINA MATOSO E SILVA2; VANESSA COSTA DE LIMA2
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS, ITAUNA, MG, BRASIL; 2.ESCOLA DE EQUITAÇÃO DO EXÉRCITO, RIO DE JANEIRO, RJ, BRASIL.

115. ATENDIMENTO EMERGENCIAL EM LACERAÇÃO DE PESCOÇO GRAU III COM COMPROMETIMENTO VASCULAR: RELATO DE CASO 138

PRISCILA APARECIDA DOS SANTOS*1; FERNANDA FONSECA1; ALFREDO SARACENI BASILIO1; LETICIA RAMALHO IZZO1; GABRIEL VINICIUS RIOS ARANTES1; WAGNER APARECIDO DE OLIVEIRA MOTA1; PEDRO HENRIQUE PINTO1; VERENA HILDEGARD GYÁRFAS WOLF1; FRANCISCO ANTÔNIO DE TOLEDO MELLO NETO1; ALEX EDUARDO ALVES MARTINS1
1.FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ENSINO SUPERIOR DE BRAGANÇA PAULISTA - FESB, BRAGANÇA PAULISTA, SP, BRASIL.

116. ATIVIDADE ANTIFÚNGICA DE ÓLEOS ESSENCIAIS SOBRE CANDIDA SP. ISOLADA DO ÚTERO DE ÉGUA..... 139

GUILHERME NOVELLO*1; GABRIEL VICTORIA MARTINS1; RAQUELI TERESINHA FRANÇA1; RAFAEL DOS SANTOS BANDEIRA2; GABRIEL FERNANDES PAULETTI1; ANA PAULA LONGARAY DELAMARE1; FERNANDO P LISBOA1
1.UCS, SAO MARCOS, RS, BRASIL; 2.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

117. AVULSÃO PARCIAL DE CASCO EM EQUINO, COM CRESCIMENTO LAMINAR EM APARENTE FLUXO ASCENDENTE..... 140

LUIZA DE SIQUEIRA ALMEIDA REIS*1; RITA DE CASSIA CAMPEBELL1; ANTONIO CARLOS LOPES CÂMARA1; ANTONIO RAPHAEL TEIXEIRA NETO1; CRISTIANE DA SILVA PEREIRA1; GUSTAVO PEIXOTO BRAGA1; IGOR LOUZADA MOREIRA1; CAMILA OSSE DE SOUZA1; CRISTIANO SILVA BOUÉRES1; ANNA BEATRIZ VELTRI PENEIRAS1; JULIO RAFAEL DE MELO PEREIRA1
1.UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASILIA, DF, BRASIL.

118. AZOOSPERMIA EM GARANHÃO - RELATO DE CASO 141

FERNANDO P LISBOA*1; GUILHERME NOVELLO1; RAQUELI TERESINHA FRANÇA1; RAFAEL DOS SANTOS BANDEIRA2; GABRIEL VICTORIA MARTINS1
1.UCS, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL; 2.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

119. BOTA ORTOPÉDICA DE SILICONE DE CONDENSAÇÃO NO TRATAMENTO DE LAMINITE CRÔNICA 142

ALVARO DE PAULA LAGE DE OLIVEIRA*1; CAHUE FRANCISCO ROSA PAZ1; BRUNO DONDONI DONDONI MALACARNE1; LETICIA OLIVEIRA COTA1; ISABELA WINTER1; ISABELLE MARINA COLEN FONSECA1; ANA LUIZA PEREIRA FERREIRA1; JOSÉ HENRIQUE SARAIVA BORGES2; RAFAEL RESENDE FALEIROS1
1.UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 2.PRONTOEQQUS, CAMPO GRANDE, MS, BRASIL.

120. CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS EM PREPÚCIO DE EQUINO 143

LUANE CAMARGO ZENI*1; PEDRO LARA1; EROS LUIS DE SOUSA1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1; LUCIANA DORIA RIBEIRO CABRAL1
1.PUCPR, CURITIBA, PR, BRASIL.

121. CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS OCULAR EM EQUINO 143

CAMILA DA SILVA FERREIRA*1; MARIANA MOTTA DE CASTRO1; CARLOS EDUARDO WAGNER1; AMANDA PILETTI1; WERICSSON DA SILVA BORGES1; SERGIO FREIRE DOS SANTOS JUNIOR1; CRISLAINE MONTIEL SPONCHIADO1; LUANA DOMINGOS DE SOUZA1
1.FACULDADE ANHANGUERA DOURADOS MS, DOURADOS, MS, BRASIL.

122. CELIOTOMIA EXPLORATÓRIA EM ÉGUA PRENHE EM TERÇO FINAL DE GESTAÇÃO: RELATO DE CASO 144

FERNANDA FONSECA*1; PRISCILA APARECIDA DOS SANTOS1; ALFREDO SARACENI BASILIO1; LETICIA RAMALHO IZZO1; GABRIEL VINICIUS RIOS ARANTES1; WAGNER APARECIDO DE OLIVEIRA MOTA1; PEDRO HENRIQUE PINTO1; VERENA HILDEGARD GYÁRFAS WOLF1; FRANCISCO ANTÔNIO DE TOLEDO MELLO NETO1; ALEX EDUARDO ALVES MARTINS1
1.FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ENSINO SUPERIOR DE BRAGANÇA PAULISTA - FESB, BRAGANÇA PAULISTA, SP, BRASIL.

123. CICATRIZAÇÃO DE FERIDA PROFUNDA EM EQUINO COM USO DE DRENAGEM ABERTA, LASER DE BAIXA INTENSIDADE E ULTRASSOM TERAPÊUTICO - RELATO DE CASO 145

GUSTAVO HENRIQUE MARQUES ARAUJO*1; ANNA BEATRIZ BORGES DE CARVALHO1; GUILHERME PINHEIRO SANTOS1; JORDANA CABRAL ROSA DOS ANJOS1; RHAVILLA SANTOS DE OLIVEIRA1; ROGERIO ELIAS RABELO1; JULIA DE MIRANDA MORAES1
1.UFG - REJ, JATAI, GO, BRASIL.

124. CISTO DE INCLUSÃO EPIDÉRMICA EM REGIÃO SUBMANDIBULAR EM EQUINO: RELATO DE CASO 146

ANDRESSA GUIDUGLI LINDQUIST*1; POLYANA CAROLINA MARINO2; GUSTAVO ROMERO GONÇALVES2; FLÁVIA NESI MARIA3; CAROLINE CELLA GERON3; JULIANA EVANGELISTA BEZERRIL2
1.UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, LONDRINA, PR, BRASIL; 2.CENTRO UNIVERSITÁRIO INGÁ, MARINGÁ, PR, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ, BANDEIRANTES, PR, BRASIL.

125. CISTO DENTÍGERO EM EQUINO 147

TATIANE FARIA PRADO*1; KAMILA PINHEIRO PAIM1; RAÍSSA OLIVEIRA LEITE1; ERIKY AKIO TONGU1; DIEGO JOSE ZANZARINI DELFIOL1; GEISON MOREL NOGUEIRA1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLÂNDIA, MG, BRASIL.

126. COMPLICAÇÕES DE DISTOCIA EM ÉGUA E POTRO: PROLAPSO UTERINO, AGALACTIA, SÍNDROME DO MAL-AJUSTAMENTO E HÉRNIA DIAFRAGMÁTICA – RELATO DE CASO 148

PEDRO HENRIQUE SALLES BRITO*1; MARILIA ALVES FERREIRA1; GONÇALO DA ROCHA MORONA1; GUSTAVO MORANDINI REGINATO1; JULIA DE ASSIS ARANTES1; ROBERTO DO PRADO FILHO ROMANO1; PAULO FANTINATO NETO1; RENATA GEBARA SAMPAIO DÓRIA1
1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

127. CORREÇÃO CIRÚRGICA DE RUPTURA RETAL COM AUXÍLIO DE ENDOSCÓPIO: RELATO DE CASO 149

SARAH MARIA GODTFREDSEN*1; VICTOR FERREIRA RIBEIRO MANSUR1; RODRIGO NORBERTO PEREIRA1; EDUARDO ALVES LIMA1
1.UFLA, LAVRAS, MG, BRASIL.

128. DEFORMIDADE TRAQUEAL EM EQUINO 149

LETICIA GARCIA*1; ALEJANDRA BEATRIZ BRITEZ OLMEDO2; RAUL MARCELO MALDONADO CASTILLO2
1.UFPR, PALOTINA, PR, BRASIL; 2.HOSPITAL EQUINO RAUL MALDONADO, MARIANO ROQUE ALONSO, PARAGUAI.

129. DESCARGAS COMPLEXAS REPETITIVAS EM UM EQUINO COM MIOPATIA DISTRÓFICA 150

LUIZA STACHEWSKI ZAKIA1; MARIANA ISA POCI PALUMBO2; RAFFAELLA B. C. TEIXEIRA3; LUIZ ANTONIO DE LIMA RESENDE4; MAURO P. SOARES5; ROGERIO M. AMORIM1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1; ALEXANDRE SECORUN BORGES*1
1.FMVZ - UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.UFMS, CAMPO GRANDE, MS, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE DE MINNESOTA, MINNESOTA, ESTADOS UNIDOS; 4.FMB- UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL; 5.UFPEL - PELOTAS, PELOTAS, RS, BRASIL.

130. DESLOCAMENTO DO TENDÃO FLEXOR DIGITAL SUPERFICIAL DA TUBEROSIDADE DO CALCÂNEO 151
POLLYANNA STREMEL ROMEIRO*1; LUIS FERNANDO COELHO BASTOS FERNANDO BASTOS2
1.UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

131. DIARRÉIA POR INTOLERÂNCIA A LACTOSE EM POTRO QUARTO DE MILHA DE 3 MESES: RELATO DE CASO 152
ANA LUÍSA HOLANDA DE ALBUQUERQUE1; LUIZA STACHEWSKI ZAKIA1; KAROLINE KOETHER1; THAÍS GOMES ROCHA1; SIMONE BIAGIO CHIACCHIO1; ROGÉRIO MARTINS AMORIM1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO*1
1.FMVZ UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

132. DISFUNÇÃO METABÓLICA EM ÉGUA: RELATO DE CASO 153
DIEGO GUEDES CAMPOS*1; NATALIA MARTINS BUSTAMANTE SÁ2; ALINE EMERIM PINNA3; JÚLIO FERRAZ JACOB4
1.UFRRJ, SEROPÉDICA, RJ, BRASIL; 2.UNIFESO, TERESOPÓLIS, RJ, BRASIL; 3.UFF, NITERÓI, RJ, BRASIL; 4.UFFRJ, SEROPEDICA, RJ, BRASIL.

133. EFICIENCIA DO PROTOCOLO DE TRANSFERENCIA DE EMBRIOES PARA EGUAS RECEPTORAS ANOVULATORIAS 153
CAMILA ASSIS MACHADO VIEIRA*1; DANIEL DE MOURA FRANCO LAGE1; TIAGO MACHADO VIERA1
1.UNIPAM, PATOS DE MINAS, MG, BRASIL.

134. EMPREGO DA CERCLAGEM COM PARAFUSOS CORTICAIS NA OSTEOSSÍNTESE DE MANDÍBULA EM EQUINO – RELATO DE CASO 154
THAIS AKELLI SANCHEZ KOVACS*1; MAX GIMENEZ RIBEIRO1; LUCAS LOPES RINO DIAS1; RENATO BACARIN ZAVILENSKI1; HELOISA FERREIRA1; ODUVALDO CÂMARA MARQUES PEREIRA JUNIOR1
1.UEM, UMUARAMA, PR, BRASIL.

135. EMPREGO DA FARMACOPUNTURA NO CONTROLE DA DOR NA LAMINITE – RELATO DE CASO 155
THAIS AKELLI SANCHEZ KOVACS*1; MAX GIMENEZ RIBEIRO1; CAROLINA QUARTERONE2; AILLA INACIO DA CRUZ1
1.UEM, UMUARAMA, PR, BRASIL; 2.UNICESUMAR, MARINGÁ, PR, BRASIL.

136. ENFISEMA SUBCUTÂNEO GENERALIZADO CAUSADO POR FERIDA AXILAR EM EQUINO - RELATO DE CASO 156
YURI SILVA BONACIN*1; SAMUEL DOS SANTOS SOUSA1; GABRIELA MARCHIORI BUENO1; JOSÉ ANTÔNIO MARQUES1; PAULO ALÉSCIO CANOLA1
1.FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E VETERINÁRIAS DE JABOTICABAL, UNESP, JABOTICABAL, SP, BRASIL.

137. ENFISEMA SUBCUTÂNEO SECUNDÁRIO A FERIDA INCISA AXILAR 157
IVENS NAVARRO HAPONIUK PRUS*1; LUCIANA DORIA RIBEIRO CABRAL2; ANNYLISE TELESCA GALERA2; ANDRESSA BATISTA DA SILVEIRA3; ENIO AUGUSTO GRANATTO DE OLIVEIRA4
1.PUC PR, PINHAIS, PR, BRASIL; 2.AUTÔNOMO, CURITIBA, PR, BRASIL; 3.UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 4.REGIMENTO DA POLICIA MONTADA CORONEL DUCÍDIO, CURITIBA, PR, BRASIL.

138. EXCISÃO CIRÚRGICA ASSOCIADA AO TRATAMENTO TÓPICO COM POMADA À BASE DE METRONIDAZOL, ÓLEO DE COPAÍBA E PAPAÍNA EM PITIOSE EQUINA 157
CAMILA DA SILVA FERREIRA*1; MARIANA MOTTA DE CASTRO1; WERICSSON DA SILVA BORGES1; AMANDA PILETTI1; SERGIO FREIRE DOS SANTOS JUNIOR1; LUANA DOMINGOS DE SOUZA1; MARIANE ALVES PONCIANO1; DELFINO ÁLVARES PEREIRA DA SILVA1
1.FACULDADE ANHANGUERA DOURADOS MS, DOURADOS, MS, BRASIL.

139. FIBROSE HEPÁTICA MEDICAMENTOSA: RELATO DE CASO 158
LUAN GAVIÃO PRADO*1; FRANCIELE DE CÁSSIA SIQUEIRA BALBINO1; LARISSA CERQUEIRA BARBOZA1; NATÁLIA GONÇALVES SANTANA PROCÓPIO1; IGOR SANTOS FREITAS1; GABRIEL DOS ANJOS CELLOTO1; LUIZ PEDRO TORRES COSTA1; MARIANA CARDOSO DA COSTA GARCIA1; LÍVIA MIRANDA POPOLÍZIO1; LUCAS DE MOURA SAMPAIO1; CAIQUE AUGUSTO RIBEIRO GOMES1
1.CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ITAJUBÁ, ITAJUBA, MG, BRASIL.

140. FÍSTULA ORAL CAUSADA POR PONTAS DE ESMALTE – RELATO DE CASO 159
IZAURA DE VARGAS SCHERER*1; LIZZIE DE OLIVEIRA DIETRICH2
1.UFSM, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 2.EQUIDENT, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

141. FÍSTULA SINOCUTÂNEA NO SEIO MAXILAR CAUDAL – RELATO DE CASO 160
CAMPO AMOR VIEIRA DA CUNHA NETO*1; GIOVANE OLIVO1; CÉSAR ERINEUDO TAVARES DE ARAÚJO1
1.FMVZ/UNESP DE BOTUCATU SP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

142. HEMOPERITONEO POR LINFOMA EM RAIZ MESENTÉRICA 161
MARIA EDUARDA MOREIRA VOLPATO*1; PAULO HENRIQUE DOS SANTOS CASTRO1; ALINE MATOS CURVELO BARROS1; SOFIA CICOLO SILVA1; LUCIANA NEVES TORRES1; JULIO DAVID SPAGNOLO1; CARLA BARGI BELLI1
1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA - USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

143. HIPERPARATIROIDISMO NUTRICIONAL SECUNDÁRIO E SUAS ALTERAÇÕES NA CAVIDADE ORAL – RELATO DE CASO 162
IZAURA DE VARGAS SCHERER*1; ARIELLE DA SILVA COSTA2; LIZZIE DE OLIVEIRA DIETRICH3; JARBAS CASTRO JUNIOR4
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 2.UNIRITTER, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 3.EQUIDENT, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 4.CLÍNICA HÍPICA, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

144. INSUFICIÊNCIA AÓRTICA E DISPLASIA DE TRICÚSPIDE EM UM POTRO DE 10 MESES: RELATO DE CASO 163
KAROLINE KOETHER*1; SIMONE BIAGIO CHIACCHIO1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1; MARIA LÚCIA GOMES LOURENÇO1; JULIANA BORNHAUSEN ARAÚJO1; MAYRA DE CASTRO FERREIRA LIMA1; AMANDA SARITA CRUZ ALEIXO1; JULIANA ALMEIDA NOGUEIRA DA GAMA1
1. UNESP-FMVZ, BOTUCATU- SP, BRASIL

145. INSUFICIÊNCIA RENAL CRÔNICA EM EQUINO 163
DANIELA JUNQUEIRA DE QUEIROZ*1; SAMUEL DOS SANTOS SOUSA1; HENRIQUE SILVEIRA DIAS FERREIRA1; BRUNO SOARES SALVADOR1; DEBORAH PENTEADO MARTINS DIAS1
1.CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ, RIBEIRÃO PRETO, SP, BRASIL.

146. INSUFICIÊNCIA RENAL CRÔNICA EM EQUINO POR ALTERAÇÃO CONGÊNITA 164
DANIELLE ARAÚJO BARBOSA*1; FREDERICO FERNANDES ARAÚJO1; YASMIM VARAGO FARTH1; MARIANA COSENZA1; ANA FLAVIA COSTA1; HOMERO LEITE MARTINS1; PEDRO VICTOR LUNA FREIRE OLIVEIRA1
1.UNIFIL, IBIPORA, PR, BRASIL.

147. INTUSSUSCEPÇÃO JEJUNO-JEJUNAL EM POTRO 165
VICTÓRIA CAMARA ANTUNES*1; RAFAEL RICCI MOTA1; RAPHAEL HENRIQUE ALVARES1; RODRIGO ROLIM DUARTE1
1.UNICESUMAR, MARINGA, PR, BRASIL.

148. LACERAÇÃO PENIANA EM CAVALO MANGALARGA MACHADOR – RELATO DE CASO 166
ADRIANO FELIPE MENDES*1; GILSON PEDRO AMARAL FILHO2; CARLA FREDRICHSEN MOYA-ARAUJO2
1.UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, GUARAPUAVA, PR, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE DO PARANÁ (UNICENTRO), GUARAPUAVA, PR, BRASIL.

149. LAPAROTOMIA PARAMEDIANA OBLÍQUA PARA OVARIECTOMIA EM UMA ÉGUA: RELATO DE CASO 166
GUILHERME MAIA MULDER VAN DE GRAAF*1; ROGÉRIO NAVARRO DE ABREU2; LIDIA HILDEBRAND PULZ2; MARCIO DE BARROS BANDARRA3; LUIZ EDUARDO BENASSI RIBEIRO2; LUCIANO HENRIQUE TONON2; PAULO HENRIQUE DOS SANTOS CASTRO1
1.FAEF, GARÇA, SP, BRASIL; 2.UNIFEOB, SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SP, BRASIL; 3.UFU, UBERLÂNDIA, MG, BRASIL.

150. LEUCOMA BILATERAL ASSOCIADO COM MEMBRANA PUPILAR PERSISTENTE EM EQUINO 167
JOAO CARDOSO DE MELO*1; VERA CARDOSO DE MELO2; BRUNO FAGUNDES3
1.ANCLIVEPA -SP, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 2.INSTITUTO MUNICIPAL DE MEDICINA VETERINÁRIA JORGE VAITSMAN, RIO DE JANEIRO, RJ, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE IGUAÇU, ITAPERUNA, RJ, BRASIL.

151. LINFANGITE SIMPLES EM MUAR: RELATO DE CASO 168
IARA NÓBREGA MACEDO*1; SARA VILAR DANTAS SIMÕES1; KARLA CAMPOS MALTA1; RUY BRAYNER DE OLIVEIRA FILHO1; FRANCISCA MÔNICA COURAS DIAS1; ISABELLA DE OLIVEIRA BARROS1; IGOR MARIZ DANTAS1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB, AREIA, PB, BRASIL.

152. LIPOMAS MESENTÉRICOS MÚLTIPLOS EM EQUINO JOVEM: RELATO DE CASO 169
GUSTAVO DOS SANTOS ROSA*1; JULIANA DE MOURA ALONSO1; MARILIA FERRARI MARSIGLIA1; MARIANA LOPES DA CONCEIÇAO1; TATIANE VELALVA DE PAULA1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; ANA LIZ GARCIA ALVES1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; MARCOS JUN WATANABE1
1.FMVZ UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

153. MELANOMA MALIGNO METASTÁTICO DISSEMINADO PELA CAVIDADE ABDOMINAL EM EQUINO TORDILHO 170
ALEXANDRE CARVALHO MONTEVERDE*1; LUIS FELIPE PELINSON DOS PASSOS2; CAROLINE HOMEM ROLDÃO3; MARINA ALQUATI DA SILVA3
1.AUTÔNOMO, VIAMÃO, RS, BRASIL; 2.CENTRO UNIVERSITÁRIO RITTER DOS REIS, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

154. MELANOMA METASTÁTICO EM EQUINO - RELATO DE CASO 171

GUILHERME NOVELLO*1; FERNANDO P LISBOA1; GABRIEL VICTORIA MARTINS1; LEANDRO DO MONTE RIBAS1; LETICIA DOSSIN REGIANINI1; NELSON HENRIQUE PANTE1; RAQUELI TERESINHA FRANÇA1
1.UCS, SÃO MARCOS, RS, BRASIL.

155. MIOPATIA PÓS ANESTÉSICA EM EQUINO ANÊMICO: RELATO DE CASO 171

ALINE MOTA ENGBRUCH*1; SÉRGIO GRANDISOLI GARCIA FILHO1; MARIA EDUARDA MOREIRA VOLPATO1; ROSANA SOUZA THURLER DOS SANTOS1; JULIO DAVID SPAGNOLO1; ALINE MAGALHÃES AMBROSIO1; DENISE TABACCHI FANTONI1
1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA - USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

156. OBSTRUÇÃO ESOFÁGICA EM POTRO POR INGESTÃO DE CONCETRADO 172

MAÍSA ALVES BATISTA DE SOUZA*1; IARA NÓBREGA MACEDO1; WALTER HENRIQUE CRUZ PEQUENO1; ALEXANDRA MELO OLIVEIRA1; LUCAS BARBOSA SERAFIM1; IGOR MARIZ DANTAS1; KARLA CAMPOS MALTA1; ISABELLA DE OLIVEIRA BARROS1
1.UFPB, AREIA, PB, BRASIL.

157. OBSTRUÇÃO ESTRANGULATIVA DE INTESTINO DELGADO ATRAVÉS DE HÉRNIA DIAFRAGMÁTICA EM ÉGUA PRENHE: RELATO DE CASO 173

MARIANA LOPES DA CONCEIÇAO*1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; MARILIA FERRARI MARSIGLIA1; ANA LIZ GARCIA ALVES1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; MARCOS JUN WATANABE1
1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

158. OBSTRUÇÃO LUMINAL ESOFÁGICA POR SERRAGEM: RELATO DE CASO 174

MARILIA FERRARI MARSIGLIA*1; MARCOS JUN WATANABE1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; MARIANA LOPES DA CONCEIÇAO1; ANA LIZ GARCIA ALVES1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1
1.FMVZ UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

159. ORQUIECTOMIA UNILATERAL COMO TRATAMENTO DE ORQUITE ASSOCIADA A EPIDIDIMITE EM EQUINO: RELATO DE CASO 175

JULIA GOMIDE DE BARROS*1; THYAGO ESCODRO DERCOLI1; DANILO MACIEL DUARTE1; NICOLE FIDALGO PARETSIS1
1.FACULDADE MAX PLANCK, INDAIATUBA, SP, BRASIL.

160. OSSIFICAÇÃO INCOMPLETA DOS OSSOS CÁRPICOS E TÁRSICOS EM POTRA PREMATURA – RELATO DE CASO 176

ALESSANDRA FRANCO DA CRUZ CECHIM*1; RODRIGO CRISPIM MOREIRA1; LUIS EDUARDO STEVANATO DE ALMEIDA1; MAYRA LISSONI AGUIAR1; YASMIN NAJM BORTOLETTO1
1.HOSPITAL VETERINÁRIO CRISPIM & STEVANATO - MEDICINA EQUINA, MIRASSOLÂNDIA, SP, BRASIL.

161. OSTEOSSÍNTESE COM PLACA BLOQUEADA E CERCLAGEM NO TRATAMENTO DA FRATURA DE RAMO MANDIBULAR EM EQUINO 176

VINICIUS MAIA RIBEIRO GODOY*1; ANDERSON FERNANDO SOUZA1; SOFIA CICOLO SILVA1; NICOLE FIDALGO PARETSIS1; JULIO DAVID SPAGNOLO1; RODRIGO ROMERO CORRÊA1; ANDRE LUIZ DO VALLE DE ZOPPA1
1.FMVZ-USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

162. OSTEOSSÍNTESE COM PLACA EM FRATURA DE TÍBIA EM POTRO DE TRÊS MESES 177

KAMILA PINHEIRO PAIM*1; RAÍSSA OLIVEIRA LEITE1; TATIANE FARIA PRADO1; ERIKY AKIO TONGU1; JOÃO PAULO ELSEN SAUT1; DIEGO JOSE ZANZARINI DELFIOL1; GEISON MOREL NOGUEIRA1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLANDIA, MG, BRASIL.

163. OSTEOSSÍNTESE EM FRATURA DIAFISÁRIA PROXIMAL EM ESPIRAL DE RÁDIO EM POTRO 178

DANIELA MARIA SCHUEROFF*1; FREDERICO FERNANDES ARAÚJO1; YASMIM VARAGO FARTH1; MARIANA COSENZA1; ANA FLAVIA COSTA1; HOMERO LEITE MARTINS1; PEDRO VICTOR LUNA FREIRE OLIVEIRA1; LUCAS RUAN PIRES1; DANIELLE ARAÚJO BARBOSA1
1.UNIFIL, LONDRINA, PR, BRASIL.

164. OTITE EQUINA POR PROTEUS MIRABILIS - RELATO DE CASO 179

PAULA ALESSANDRA DI FILIPPO*1; GABRIEL CARVALHO SANTOS1; VERONICA VIEIRA1; GABRIELA BRAVIM LEMOS1; ITALO S. COUTINHO1; FLÁVIO AUGUSTO SOARES GRAÇA1
1.UENF, CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ, BRASIL.

165. OVARIECTOMIA BILATERAL POR VÍDEOLAPAROSCOPIA EM POSIÇÃO QUADRUPEDAL PARA REMOÇÃO DE TUMOR DE CÉLULAS DA GRANULOSA EM ÉGUA 180

CAROLINA COIMBRA CHAGAS*1; DAVID ARGÜELLES CAPILLA1; ANN MARTENS2; ANTONIA SÁNCHEZ DE MEDINA1; BALTASAR CORTÉS1; MARIA SANTISTEBAN1; ALBA RUBIO SOÁREZ1; LORENA JORDA VILAR1; MILLAN DE ANCO FERNÁNDEZ1
1.UNIVERSIDAD DE CÓRDOBA, CÓRDOBA, ESPANHA; 2.GHENT UNIVERSITY, GHENT, BÉLGICA.

166. PENECTOMIA PARCIAL EM EQUINO COM CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS 181

CAMILLA SOARES SCATTAREGI*1; TATIANA HARUMI SAITO1; BRUNO MARCONDES DE OLIVEIRA1; GUSTAVO KRAUSS LEMOS1; TATIANE SANDY SOUZA2; DIOGO S.G. CRUZ2; THIAGO PIRES ANACLETO3; ANA CAROLINA ORTEGAL ALMEIDA3; EVERTON SCHIMIDT PRADO3; SERGIO DA SILVA ROCHA JÚNIOR3
1.GRADUANDOS EM MEDICINA VETERINÁRIA EM 2016 PELA UNIVERSIDADE JOSÉ DO ROSÁRIO VELLANO (UNIFENAS), ROD, ALFENAS, MG, BRASIL; 2.GRADUADOS EM MEDICINA VETERINÁRIA EM 2016 PELA UNIVERSIDADE JOSÉ DO ROSÁRIO VELLANO (UNIFENAS), RODO, ALFENAS, MG, BRASIL; 3.PROFESSOR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE JOSÉ DO ROSÁRIO VELLANO (UNIFENAS), RODOV, ALFENAS, MG, BRASIL.

167. PERITONITE IDIOPÁTICA EM EQUINO – RELATO DE CASO 181

TAYNA ROSENDO*1; VICTTOR JOSE MAGRO1; DEBORA JULIANA MARQUES1; ARNALDO SOTERO LUZ SOUZA1; FERNANDA TAMARA NEME MOBAID AGUDO ROMÃO1
1.FAEF, GARÇA, SP, BRASIL.

168. PERSISTÊNCIA DE ÚRACO E POLIARTRITE SÉPTICA EM EQUINO NEONATO 182

MAÍSA ALVES BATISTA DE SOUZA*1; IGOR MARIZ DANTAS1; RUY BRAYNER DE OLIVEIRA FILHO1; KARLA CAMPOS MALTA1; ROBERTA MÁIRA PEREIRA1; SUEDNEY LIMA SILVA1; ISABELLA DE OLIVEIRA BARROS1
1.UFPB, AREIA, PB, BRASIL.

169. PIOMETRA EM ÉGUA - RELATO DE CASO 183

PATRÍCIA DE FARIA LAINETTI*1; ANTONIO FERNANDO LEIS FILHO1; ROBERTO RODRIGUES DA ROSA FILHO1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; FELIPE ERISON MEDRADO ROCHA DE SOUSA1; JULIANA DE MOURA ALONSO1; JOÃO CARLOS PINHEIRO FERREIRA1
1.UNESP - FMVZ/BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

170. PITIOSE MAMÁRIA SECUNDÁRIA À LESÃO CUTÂNEA EM POTRA QUARTO DE MILHA: RELATO DE CASO 184

LUCAS FERREIRA MENDONÇA*1; PAULO ALÉSCIO CANOLA1; JÚLIA RIBEIRO GARCIA CARVALHO1; MARINA LANSARINI ANTONIOLI1; CAIO CARVALHO BUSTAMANTE1; PAULA LUZIA FORMIGONI BERGAMASCO1; VANESSA BARROCO DE PAULA1; TALISSA CAMARGO MANTOVANI DE BONIS1; DÁBIA SILVA TEIXEIRA2
1.UNESP - CÂMPUS JABOTICABAL, JABOTICABAL, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS, LAVRAS, MG, BRASIL.

171. PRÓTESE INTRAOCULAR DE METILMETACRILATO COMO ALTERNATIVA À ENUCLEAÇÃO EM EQUINO: RELATO DE CASO 185

GUSTAVO DOS SANTOS ROSA*1; MARILIA FERRARI MARSIGLIA1; CAIO NUNES DE BARROS1; CAROLINA MURA MURA RAMOS1; JULIANA DE MOURA ALONSO1; MICAELLA GORDON GANDOLFI1; GEÓRGIA NADALINI RODRIGUES1; CLÁUDIA VALÉRIA SEULLNER BRANDÃO1; ANA LIZ GARCIA ALVES1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; MARCOS JUN WATANABE1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1
1.FMVZ UNESP, SAO PAULO, SP, BRASIL.

172. QUADRO HIPERAGUDO DE SALMONELOSE EM POTRO: RELATO DE CASO 186

LEANDRO KEITI HAYASHI*1; PAOLO NEANDRO BONA SOARES1; MARISA MARTIRE PELLEGRINI1; TASSIA BARRERA DE PAULA E SILVA1; AYMARA EDUARDA DE LIMA1; THAYNA KIKUCHI MONTEIRO1; MARILIA NUNES CARDOSO1; NEIMAR VANDERLEI RONCATI1; IGOR QUIRICO1
1.UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, SAO PAULO, SP, BRASIL.

173. REDUÇÃO DE FRATURA DE OLÉCRANO EM EQUINO COM FIXAÇÃO DE PLACA DINÂMICA DE COMPRESSÃO, PARAFUSOS E PORCAS DE BLOQUEIO 187

LÍVIA ZAMPOL DELL' ANTONIA*1; LILIAN CRISTINA MORAIS BONEBERG1
1.FACULDADE DE JAGUARIÚNA, SUMARE, SP, BRASIL.

174. RELATO DE CASO E SUSPEITA DE SURTO DE ENCEFALOMIELITE VIRAL EQUINA EM RORAIMA 188

PAULO THIAGO BARROS FIGUEIROA*1
1.ADERR, BOA VISTA, RR, BRASIL.

175. RELATO DE CASO: FRESAMENTO SOLEAR PARA TRATAMENTO DE FERIDA PERFUROCORTANTE DE SOLA EM EQUINOS 188

NATHALIA RODRIGUES CAVANHA*1; GABRIELA SLLVA CAMPOS1; VANESSA LUIZA MARINHEIRO SILVA1; VERIDIANA AZEVEDO NADRUZ1; LUIS RENATO OSELIERO1; LAURA PEREIRA PINSETA1
1.JOCKEY CLUB DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

176. RELATO DE CASO: OBSTRUÇÃO URETRAL POR CÁLCULO EM EQUINO 189

MARILIA ALVES FERREIRA*1; PEDRO HENRIQUE SALLES BRITO1; JULIA DE ASSIS ARANTES1; ROBERTO DO PRADO FILHO ROMANO1; GUILHERME SILVA GODOI1; GABRIELA SANTO ANDRÉ1; THAMIRES SHIZUE PANASSOL1; CLARISSA HELENA SANTANA1; RENATA GEBARA SAMPAIO DÓRIA1
1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

177. REMOÇÃO DE CÁLCULO VESICAL EM ÉGUA, POR VIA URETRAL, COM AUXÍLIO DE ENDOBAG - RELATO DE CASO 190

LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA*1; MARILIA FERRARI MARSIGLIA1; RODRIGO TAVARES NIEMAN1; MARIA RAQUEL BELLOMO AGRELO RUIVO1; ALINE MOTA ENGBRUCH1; FELIPE SILVEIRA REGO MONTEIRO ANDRADE1; FLÁVIA DE PAIVA BONIZZI2; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1
1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FMVZ-USP), SÃO PAULO, SP, BRASIL; 2.MÉDICA VETERINÁRIA AUTÔNOMA, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

178. REPARAÇÃO DO TECIDO OSTEOCONDRAL DA CRISTA SAGITAL DO OSSO METACARPIANO PRINCIPAL EM UM EQUINO - RELATO DE CASO 191

LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA*1; RODRIGO TAVARES NIEMAN1; FERNANDA MANZANO DE CAMPOS2; CYNTHIA DO PRADO VENDRUSCULO3; ROSE ELI GRASSI RICI3; AURA CHAVES ROSAURO4; CAROLINA BRANDÃO SERRANO3; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN3
1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FMVZ-USP), SÃO PAULO, SP, BRASIL; 2.EQUINE CENTER, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 3.ACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FMVZ-USP), SÃO PAULO, SP, BRASIL; 4.MÉDICA VETERINÁRIA AUTÔNOMA, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

179. RESSECÇÃO LATERAL DO CANAL AUDITIVO EM TRÊS EQUINOS 192

KAMILA PINHEIRO PAIM*1; RAÍSSA OLIVEIRA LEITE1; ERIKY AKIO TONGU1; BRUNA SOUZA TEIXEIRA1; LAYANE QUEIROZ MAGALHÃES1; TATIANE FARIA PRADO1; JOÃO PAULO ELSEN SAUT1; DIEGO JOSE ZANZARINI DELFIOL1; GEISON MOREL NOGUEIRA1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLANDIA, MG, BRASIL.

180. RESSONÂNCIA MAGNÉTICA NO DIAGNÓSTICO PRECOCE DE PRÉ-FRATURA EM UM EQUINO DA RAÇA PURO SANGUE INGLÊS 193

MATHEUS DIAS CUNHA*1; JULIO CESAR PAGANELA1; BRUNA PATRICIA SIQUEIRA RAIMUNDO1
1.HORSE CENTER, PETRÓPOLIS, RJ, BRASIL.

181. RESTAURAÇÃO DE DENTE MOLAR 209 COMO TRATAMENTO DE CÁRIE INFUNDIBULAR EM EQUINO - RELATO DE CASO 194

TIAGO SILVINO JACQUES*1; LIZZIE DE OLIVEIRA DIETRICH2; SUZIANE MARIA MARQUES RAUPP3
1.UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL, CANOAS, RS, BRASIL; 2.EQUIDENT - ODONTOLOGIA EQUINA AVANÇADA, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL, SANTA CRUZ DO SUL, RS, BRASIL.

182. RUPTURA GÁSTRICA EM ÉGUA QUARTO DE MILHA APÓS INGESTÃO DE CONCENTRADO ENERGÉTICO: RELATO DE CASO 195

RAFAELLA SILVA DA CONCEIÇÃO*1; GUSTAVO PEIXOTO BRAGA2; IGOR LOUZADA MOREIRA2; CRISTIANO SILVA BOUÉRES2; MARINA FROTA DE ALBUQUERQUE LANDI2; EDUARDO DE PAULA NASCENTE1; SABRINA LUCAS RIBEIRO DE FREITAS1; HUGO JAYME MATHIAS COELHO PERON1
1.INSTITUTO FEDERAL GOIANO CAMPUS URUTAÍ, URUTAÍ, GO, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASILIA, DF, BRASIL.

183. RUPTURA TRAUMÁTICA DA VEIA JUGULAR ASSOCIADA À TROMBOFLEBITE: TRATAMENTO CIRÚRGICO À CAMPO.. 196

MARIANA COCCO*1; FLÁVIA DO PRADO AUGUSTO AMARO1; BRUNA LAMPE ZIELINSKI1; LUIZA COSTA BARCELLOS1; LUIS FAGNER DA SILVA MACHADO1; IURY RIBEIRO DE PAULA2; GUILHERME VILVERT JÚNIOR3; RUDNEI JOÃO DE SOUZA3; PETERSON TRICHES DORNBUSCH1
1.UFPR, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.HOSPITAL LUIS LEIGUE, GUARAMIRIM, SC, BRASIL; 3.AUTÔNOMO, GASPAR, SC, BRASIL.

184. SEMINOMA DIFUSO EM EQUINO – RELATO DE CASO 196

FELIPE ERISON MEDRADO ROCHA DE SOUSA*1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO1; ANTONIO FERNANDO LEIS FILHO1; PATRÍCIA DE FARIA LAINETTI1; ROBERTO RODRIGUES DA ROSA FILHO2; PATRICIA M PAPA1; FREDERICO O PAPA1
1.FMVZ/UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

185. SHEAR MOUTH ASSOCIADA À TRAUMA FACIAL - RELATO DE CASO 197

IZAURA DE VARGAS SCHERER*1; LIZZIE DE OLIVEIRA DIETRICH2; JARBAS CASTRO JUNIOR3
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 2.EQUIDENT - ODONTOLOGIA EQUINA AVANÇADA, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 3.CLÍNICA HÍPICA, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

186. SUCESSO NO TRATAMENTO DA PITIOSE EQUINA COM TRIANCINOLONA E IODETO DE POTÁSSIO: RELATO DE 5 CASOS 198

PAULA ALESSANDRA DI FILIPPO*1; VERONICA VIEIRA1; GABRIEL CARVALHO SANTOS1; GABRIELA BRAVIM LEMOS1; ITALO S. COUTINHO1
1.UENF, CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ, BRASIL.

187. SUSPEITA DE ÚLCERA GÁSTRICA EM EQUINO SUBMETIDO A CONFINAMENTO 199

DANIELLE ARAÚJO BARBOSA*1; HOMERO LEITE MARTINS1; FREDERICO FERNANDES ARAÚJO1; MARIANA COSENZA1; DANIELA MARIA SCHUEROFF1; LUCAS RUAN PIRES1
1.UNIFIL, LONDRINA, PR, BRASIL.

188. SÍNDROME CÓLICA POR COMPACTAÇÃO DE CÓLON TRANSVERSO EM EQUINO: RELATO DE CASO 200

IARA NÓBREGA MACEDO*1; IGOR MARIZ DANTAS1; KARLA CAMPOS MALTA1; MAÍSA ALVES BATISTA DE SOUZA1; RUY BRAYNER DE OLIVEIRA

FILHO1; SIMONE BOPP1; THAÍS RIBEIRO FÉLIX1; ALLAN GLEDSON FERREIRA DOS SANTOS1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB, AREIA, PB, BRASIL.

189. SÍNDROME CÓLICA POR OBSTRUÇÃO DE PARASCARIS EQUORUM EM POTRO - RELATO DE CASO..... 201

LARA ANTONIASSI DEL RIO*1; DIOGO AUGUSTO FREITAS RIBEIRO DE SOUZA1; ARTHUR NELSON TRALLI NETO1; DENISE MONTEIRO BOZZOLO1; ERNANDO DE ABREU JUNIOR1; FELIPE MARQUES DOS SANTOS1; LEANDRO RAMOS SILVEIRA CARDENAS1; LANA GABRIELA MOLEZIN INÁCIO1; MARCOS ANTONIO FURLANI MENDES1; MURILO TAKEDA1; NATALY ANY DA CUNHA RAFAGNIN1; PLINIO NOVAES CORDOVIL1; ROBSON DIEGO MAIA NUNES1; SUELLEN MIGUEZ GONZÁLEZ1; GUILHERME GONÇALVES FABRETTI SANTOS1; JOÃO MORELLI JUNIOR1; IGOR AUGUSTO ANDRETA PAIOLA1; BRUNO FORNITANO CHOLFE1
1.CENTRO UNIVERSITÁRIO DE RIO PRETO - UNIRP, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, SP, BRASIL.

190. SÍNDROME DO MAU AJUSTAMENTO NEONATAL CONCOMITANTE À ISOERITRÓLISE NEONATAL EM UM POTRO DISMATURO - RELATO DE CASO 202

GEÓRGIA CAMARGO GOSS*1; LEONARDO TRENTIM CHAVES1; CLÁUDIA MEDEIROS RODRIGUES; GABRIELA DÖWICH1; CLÁUDIA ACOSTA DUARTE1; FABRÍCIO DESCONSI MOZZAQUATRO1; INGRID RIOS LIMA MACHADO1; GUSTAVO KLAUS1; LILIAN PINTO CAMARGO1; ANA LUISA MOREIRA CARNEIRO1; FRANCINE INÊS WILLE1; MATHEUS EUGÊNIO SABARÁ POSSA1; FÁBIO FLAIN PIFFERO1
1.UNIPAMPA, URUGUAIANA, RS, BRASIL.

191. TERAPIA COM ONDAS DE CHOQUE NO TRATAMENTO DA FRATURA DE TERCEIRA FALANGE EM UM EQUINO: RELATO DE CASO 203

LUIS FAGNER DA SILVA MACHADO*1; MARIANA COCCO2; FLÁVIA DO PRADO AUGUSTO AMARO2; LUIZA COSTA BARCELLOS2; BRUNA LAMPE ZIELINSKI2; LIDIA DORNELLAS DE FARIA3; PETERSON TRICHES DORNBUSCH2
1.FURB, BLUMENAU, SC, BRASIL; 2.UFPR, CURITIBA, PR, BRASIL; 3.AUTÔNOMA, BRASÍLIA, DF, BRASIL.

192. TETANIA DA LACTAÇÃO DA ÉGUA: RELATO DE CASO 204

FERNANDA TAMARA NEME MOBAID AGUDO ROMÃO*1; CAMILA AGOSTINHO SARTORI1; RENAN BORGES INACIO1; SOFIA DE BARROS BOTACINI1; SILVANA RUI MARTINS DA CRUZ1; CRISTHIAN DE ALMEIDA BARBOSA1; ANDREA REBECA FERREIRA VASCONCELOS1; GABRIEL FRANCO SIMÕES1; ANA CAROLINA AIELLO DALL BEN1; WILLIAN RODRIGUES INACIO1; BIANCA GERARDI1
1.FAEF, GARCA, SP, BRASIL.

193. TETANO EM UM EQUINO - RELATO DE CASO..... 204

CAMILA ASSIS MACHADO VIEIRA*1; TIAGO MACHADO VIERA1
1.UNIPAM, PATOS DE MINAS, MG, BRASIL.

194. TRAQUEOSTOMIA COMO ALTERNATIVA À NEOPLASIA TRAQUEAL EM EQUINO - RELATO DE CASO 205

LARA ANTONIASSI DEL RIO*1; DIOGO AUGUSTO FREITAS RIBEIRO DE SOUZA1; LEANDRO RAMOS SILVEIRA CARDENAS1; MURILO TAKEDA1; NATALY ANY DA CUNHA RAFAGNIN1; ROBSON DIEGO MAIA NUNES1; PLINIO NOVAES CORDOVIL1; BRUNO FORNITANO CHOLFE1; GUILHERME GONÇALVES FABRETTI SANTOS1; IGOR AUGUSTO ANDRETA PAIOLA1; JOÃO MORELLI JUNIOR1; SUELLEN MIGUEZ GONZÁLEZ1
1.CENTRO UNIVERSITÁRIO DE RIO PRETO - UNIRP, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, SP, BRASIL.

195. TRAQUEOSTOMIA COMO TERAPIA AUXILIAR NA REDUÇÃO DE PROLAPSO DE RETO EM MUAR - RELATO DE CASO. 206

TAIRINE ERICA DA CRUZ*1; THYAGO ESCODRO DERCOLI2; ROBERTA SARGO2; MARIANA LUIZA MEZZENA GOBATO3; JAIRO JARAMILLO CARDENAS4; LEONARDO FERNANDES GONÇALVES2; NEILSON RODRIGO PEREIRA2
1.UNESP FMVA, SAO BERNARDO DO CAMPO, SP, BRASIL; 2.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA MAX PLANCK, INDAIATUBA, SP, BRASIL; 3.FMVZ UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 4.AUTONOMO, INDAIATUBA, SP, BRASIL.

196. TRATAMENTO CIRÚRGICO DA MIOPATIA FIBRÓTICA – RELATO DE CASO 207

IVENS NAVARRO HAPONIUK PRUS*1; ENIO AUGUSTO GRANATTO DE OLIVEIRA2; LUANE CAMARGO ZENI3; ANDRESSA BATISTA DA SILVEIRA4; LUCIANA DORIA RIBEIRO CABRAL1
1.PUCPR, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.REGIMENTO DA POLÍCIA MONTADA CORONEL DULCÍDIO, CURITIBA, PR, BRASIL; 3.PUC PR, CURITIBA, PR, BRASIL; 4.UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

197. TRATAMENTO DE RUPTURA DE PERONEUS TERTIUS COM FISIOTERAPIA 208

LAURA YASMIN MONTEIRO STANCOV*1; SOLANGE CORRÊA MIKAIL1
1.ESPAÇO EQUUS, COTIA, SP, BRASIL.

198. TRATAMENTO DE SARCÓIDE EQUINO COM EUPHORBIA TIRUCALLI – RELATO DE CASO 208

TAYNA ROSENDO*1; CAMILA AGOSTINHO SARTORI1; RENAN BORGES INACIO1; ARNALDO SOTERO LUZ SOUZA1; FERNANDA TAMARA NEME MOBAID AGUDO ROMÃO1
1.FAEF, LUIZIANIA, SP, BRASIL.

199. TRATAMENTO DE ÚLCERA INDOLENTE EM EQUINO 209

JOAO CARDOSO DE MELO*1; VERA CARDOSO DE MELO2; BRUNO FAGUNDES3

1.ANCLIVEPA -SP, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 2.INSTITUTO MUNICIPAL DE MEDICINA VETERINÁRIA JORGE VAITSMAN, RIO DE JANEIRO, RJ, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE IGUAÇU, ITAPERUNA, RJ, BRASIL.

200. TREPANAÇÕES DO SEIO FRONTAL REALIZADAS A CAMPO: RELATO DE DOIS CASOS..... 210

HEITOR DOURADO SIMOES*1; ROBERTO PIMENTA DE PÁDUA FOZ FILHO2; FELIPE GARCIA TOSTA3; GUSTAVO PEREIRA ROCHA1; FABIO FEITOSA1; MARCOS VINICIOS FEITOSA1
1.MÉDICO VETERINÁRIO AUTÔNOMO, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.PROFESSOR DO CURSO DE M. VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI- UAM, JUNDIAI, SP, BRASIL; 3.ALUNO DO CURSO DE M. VETERINÁRIA DA FACULDADE DE JAGUARIÚNA- FAJ, JAGUARIUNA, SP, BRASIL.

201. TUMOR DAS CÉLULAS DA GRANULOSA EM ÉGUA QUARTO-DE-MILHA – RELATO DE CASO 210

MARCIO TEORO DO CARMO*1; GUSTAVO PULZATTO MERLINI1; GILSON PEDRO AMARAL FILHO2; GUSTAVO HENRIQUE MARQUES ARAUJO3; CARLA FREDRICHSEN MOYA-ARAUJO4
1.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE DO PARANÁ (UNICENTRO), GUARAPUAVA, PR, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DO GOIÁS, JATAÍ, GO, BRASIL; 4.UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE, GUARAPUAVA, PR, BRASIL.

202. ÚLCERA DE CÓRNEA EM EQUINO - RELATO DE CASO 211

ANTÔNIO CATUNDA PINHO NETO*1; ELEN MAIZA SOUZA SENA2; JOSÉ IVAN CAETANO FERNANDES FILHO3; CAMILA GOERSCH BARROSO4; HELOÍSA DE PAULA PEDROSA1; RODRIGO MARTINS RIBEIRO1; OCELIO PEREIRA DA SILVA5
1.UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 2.UNIPAC, CONSELHEIRO LAFAIETE, MG, BRASIL; 3.FACULDADE CISNE, QUIXADÁ, CE, BRASIL; 4.UECE, FORTALEZA, CE, BRASIL; 5.VETNIL, FORTALEZA, CE, BRASIL.

203. USO DE OPIOIDES POR MEIO DE CATETER EPIDURAL EM EQUINOS: ESTUDO RETROSPECTIVO 212

SÉRGIO GRANDISOLI GARCIA FILHO*1; ALINE MOTA ENGBRUCH2; ALINE MAGALHÃES AMBRÓSIO2; FELIPE SILVEIRA REGO MONTEIRO ANDRADE2; JULIO DAVID SPAGNOLO2; LARA LOPES FACO2; ROSANA SOUZA THURLER DOS SANTOS2; DENISE TABACCHI FANTONI2
1.FM, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 2.FMVZ-USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

204. USO DE PAPAÍNA NA CICATRIZAÇÃO DE FERIDA EM UM EQUINO..... 213

ANNA CHRISTINA SCHMITZ*1
1.UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA UNISUL, ANITAPOLIS, SC, BRASIL.

205. USO DE "TAMANCO" DE MADEIRA COM PROLONGAMENTO ANTERIOR, E POSTERIOR COM LASTRO, NO TRATAMENTO DE LACERAÇÃO DE TENDÕES EXTENSORES EM UM EQUINO: RELATO DE CASO 214

GUILHERME MAIA MULDER VAN DE GRAAF*1; FERNANDA TAMARA NEME MOBAID AGUDO ROMÃO2; PAULO HENRIQUE DOS SANTOS CASTRO2
1.FMVZ - USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.FAEF, GARÇA, SP, BRASIL.

206. USO DO EXTRATO DE PAPAÍNA A 5% NA CICATRIZAÇÃO DE FERIDA CUTÂNEA EM EQUINO – RELATO DE CASO 215

SUYAN BRETHEL DOS SANTOS CAMPOS*1; ANA KAROLINA CAMARGO1; PAULO RICARDO PEREIRA ALMEIDA DE OLIVEIRA2; THAÍS DE LIMA FELIPE3; VICTORIA DIAS CARLOS DOS SANTOS3; ROBERTA LOURRANA GONÇALVES CARDOSO3; GABRIELLA SILVA CAMPOS4
1.SAÚDE RURAL, GOIÂNIA, GO, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA, DF, BRASIL; 3.FACULDADE OBJETIVO/ IUESO, GOIÂNIA, GO, BRASIL; 4.DROGAVET, GOIÂNIA, GO, BRASIL.

207. UTILIZAÇÃO DE ESTIMULAÇÃO ELÉTRICA (NEURODYN®) EM FERIDAS SUPERFICIAL E PROFUNDA NOS MEMBROS PÉVICOS DE POTRA QUARTO-DE-MILHA - RELATO DE CASO..... 216

GUSTAVO HENRIQUE MARQUES ARAUJO*1; ANNA BEATRIZ BORGES DE CARVALHO1; GLAUCIANO ASSIS OLIVEIRA1; JÉSSICA BUENO GUIMARÃES1; KAMILLA FERREIRA TAVARES1; RHAVILLA SANTOS DE OLIVEIRA1; CARLA FREDRICHSEN MOYA-ARAUJO1; JULIA DE MIRANDA MORAES1
1.UFG - REJ, JATAI, GO, BRASIL.

208. UTILIZAÇÃO DO PERSEA MAJOR (PAU DE ANDRADE) EM FERIDA DE EQUINO 217

LUANE CAMARGO ZENI*1; PEDRO LARA1; EROS LUIS DE SOUSA1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1; LUCIANA DORIA RIBEIRO CABRAL1
1.PUCPR, CURITIBA, PR, BRASIL.

209. VENTRILECTOMIA ASSOCIADA À CORDECTOMIA À LASER EM UM EQUINO DE SALTO COM HEMIPLEGIA LARINGEA – RELATO DE CASO..... 218

BRUNA PATRICIA SIQUEIRA RAIMUNDO*1; MATHEUS DIAS CUNHA1; JULIO CESAR PAGANELA1; CARLOS EDUARDO MARTINS VEIGA1
1.HORSE CENTER, PETRÓPOLIS, RJ, BRASIL.

TRABALHOS VENCEDORES

ÁREA DE CLÍNICA E CIRURGIA DE EQUÍDEOS

1º

26. EFEITO DA LEUCOAFÉRESE SOBRE O LEUCOGRAMA DE EQUINOS SUBMETIDOS A MODELO DE SEPSE 52

ALVARO DE PAULA LAGE DE OLIVEIRA*1; ODAEL SPADETO JUNIOR1; CAHUE FRANCISCO ROSA PAZ1; LETICIA OLIVEIRA COTA1; THAIRÊ PEREIRA MARÓSTICA1; RODRIGO MARTINS RIBEIRO1; PATRÍCIA DE CASTRO DUARTE1; PIERRE BARNABÉ ESCODRO2; RAFAEL RESENDE FALEIROS1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, VIÇOSA, AL, BRASIL.

2º

33. EXPRESSÃO DE CITOCINAS NA MEMBRANA SINOVIAL E SUA RELAÇÃO COM A CONCENTRAÇÃO SINOVIAL NA OSTEOCONDRITE DISSECANTE (OCD) E OSTEOARTRITE (OA) EM EQUINOS 57

FERNANDA RODRIGUES AGRESTE*1; JOICE FÜLBER1; JULIANA JUNQUEIRA MOREIRA1; SARAH RAPHAELA TORQUATO SEIDEL1; CYNTHIA DO PRADO VENDRUSCULO1; LUCAS MARTINS CHAIBLE1; LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA1; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1
1.FMVZ/USP, SAO PAULO, SP, BRASIL.

3º

10. AVALIAÇÃO DAS MUTAÇÕES CAUSADORAS DE NANISMO DO TIPO CONDRODISPLÁSICO EM EQUINOS DA RAÇA MINI-HORSE 33

DANILO GIORGI ABRANCHES DE ANDRADE*1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1
1.FMVZ / UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

4º

3. ANÁLISE CINEMÁTICA DA AMPLITUDE DA PASSADA EM EQUINOS COM LAMINITE CRÔNICA TRATADOS COM DIFERENTES ÓRTESES PARA CASCO 31

CAHUE FRANCISCO ROSA PAZ*1; THAIRÊ PEREIRA MARÓSTICA1; JULIA RENAULT BAETA GUEDES1; ALVARO DE PAULA LAGE DE OLIVEIRA1; LETICIA OLIVEIRA COTA1; LARISSA COSTA ANDRADE1; PATRÍCIA DE CASTRO DUARTE1; TÚLIO LUIZ BANJA FERNANDES1; LEOPOLDO AUGUSTO PAOLUCCI1; ANDRÉ GUSTAVO PEREIRA DE ANDRADE1; LUIZ ALBERTO DO LAGO1; RAFAEL RESENDE FALEIROS1
1.UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

5º

42. OCORRÊNCIA DE ANTICORPOS CONTRA NEOSPORA SPP. EM EQUINOS CRIADOS EM ÁREA URBANA E RURAL 65

MILENA CAROL GRANELLA*1; RUBENS PERES MENDES1; MARIANA DA SILVA CASA1; PAULO EDUARDO FERIAN1; FABIANO ZANINI SALBEGO1; FERNANDA SILVEIRA FLORES VOGEL2; LUIS ANTÔNIO SANGIONI2; JOANDES HENRIQUE FONTEQUE1; PATRÍCIA BRÄUNIG2
1.UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA, LAGES, SC, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA, RS, BRASIL.

ÁREA DE REPRODUÇÃO EQUÍDEOS

1º

80. INCLUSÃO DE COLESTEROL E SEUS EFEITOS NO POTENCIAL DE MEMBRANA MITOCONDRIAL DE ESPERMATOZOIDES CRIOPRESERVADOS DE JUMENTOS DA RAÇA PÊGA 102

FLÁVIA VIEIRA DE FREITAS*1; MARIA EDUARDA BORGES FIGUEIRA; CRISTIAN DA SILVA TEIXEIRA2; THIAGO AUGUSTO TELES DE SOUZA2; CARLOS MATTOS TEIXEIRA SOARES2; MARIA GAZZINELLI NEVES2; BRUNA WADDINGTON DE FREITAS2; LARISSA MARQUES DE OLIVEIRA2; MARINA DA SILVA PASSARELLI1; MARIANA ANDRADE TORRES1; SIMONE MARIA MASSAMI KITAMURA MARTINS1; ANDRÉ FURUGEN CESAR DE ANDRADE1; GIOVANNI RIBEIRO DE CARVALHO3
1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, VIÇOSA, MG, BRASIL; 3..

2º

78. FITOTERÁPICOS COMO ALTERNATIVA DE CONTROLE PARA BACTÉRIAS CAUSADORAS DE ENDOMETRITE EM ÉGUAS 100

FERNANDO P LISBOA*1; GABRIEL VICTORIA MARTINS1; GUILHERME NOVELLO1; RAQUELI TERESINHA FRANÇA1; ANA PAULA LONGARAY DELAMARE1; GABRIEL FERNANDES PAULETTI1
1.UCS, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL.

3º

75. EFEITO DO ÁCIDO MEFENÂMICO SOBRE A MOBILIDADE EMBRIONÁRIA EM ÉGUAS 98

VERIDIANA DE PAULA ANDRADE*1; CAROLINA TIEMI CARDOSO OKADA1; CAMILA PAULA FREITAS-DELL`AQUA1; MARCO A ALVARENGA1
1.FMVZ- UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

4º **76. EVIDÊNCIAS DE CICLICIDADE NO OVÁRIO DA FÊMEA MUAR** 96
ANDRESSA GUIDUGLI LINDQUIST*1; SUELLEN MIGUEZ GONZÁLEZ2; CAMILA BIZARRO DA SILVA1; MARCELO MARCONDES SENEDA1
1.UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, LONDRINA, PR, BRASIL; 2.CENTRO UNIVERSITÁRIO DE RIO PRETO, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, SP, BRASIL.

5º **82. MIGRAÇÃO DE POLIMORFONUCLEARES E EXPRESSÃO DE COX-2 NO TECIDO ENDOMETRIAL DE ÉGUAS SUSCEPTÍVEIS A ENDOMETRITE TRATADAS COM PLASMA RICO EM PLAQUETAS** 105
LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI*1; AIME FRISO1; ANDRÉ MACIEL CRESPILHO1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; FREDERICO O PAPA1; MARCO A ALVARENGA1
1.UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

ÁREA DE FISIOLOGIA E NUTRIÇÃO EQUÍDEOS

1º **102. METABOLISMO LIPÍDICO E ATIVIDADE DE PARAOXONASE 1 EM POTROS DA RAÇA CRIOULA SUBMETIDOS A DIFERENTES TIPOS DE CRIAÇÃO** 124
ILUSCA SAMPAIO FINGER*1; LORENA ALVARIZA AMARAL1; BRUNA DOS SANTOS SUÑE MORAES1; JOÃO ALVEIRO ALVARADO RINCÓN1; ALICE CORREA SANTOS1; AUGUSTO SCHNEIDER1; MARCIO NUNES CORRÊA1; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA1
1.UFPEL, PELOTAS, RS, BRASIL.

2º **96. COMPARAÇÃO DAS VARIÁVEIS CINEMÁTICAS LINEARES E TEMPORAIS ENTRE AS MARCHAS BATIDA E PICADA DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR** 118
MAYARA GONÇALVES GONÇALVES FONSECA*1; JESSICA LAGE LAGE1; CONSUELO MARELLI2; THAYNE DE OLIVEIRA SILVA3; IZABELLA MOREIRA MARQUES4; GUSTAVO GONZÁLEZ MONTEIRO DE BARROS5; CASSIO CESAR DE MATOS SALES4; AMANDA PIAIA SILVATTI6; GUILHERME CAMARGO FERRAZ1
1.FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E VETERINÁRIAS (FCAV), UNESP – UNIV. ESTADUAL PAULISTA, JABOTICABAL, SP, BRASIL; 2.MÉDICA VETERINÁRIA AUTÔNOMA, FORTALEZA, CE, BRASIL; 3.DEPARTAMENTO DE VETERINÁRIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV), VIÇOSA, MG, BRASIL; 4.ESCOLA DE VETERINÁRIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 5.FEAD MINAS, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 6.DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV), VIÇOSA, MG, BRASIL.

3º **100. DIGESTIBILIDADE APARENTE DOS NUTRIENTES DA DIETA COMPLETA PELETIZADA E EXTRUSADA COMPOSTA POR DIFERENTES FONTES DE FIBRA PARA EQUINOS** 122
KATIA FELTRE*1; ALEXANDRE AUGUSTO DE OLIVEIRA GOBESSO1; FERNANDA RUDOLF GONZALBO GARCIA1; GABRIELA DO VALE POMBO1; YASMIN DE SALES PEREIRA1; LUIZ ANTONIO JORGE DE MORAES FILHO1; BIANCA PETERMANN MORETTI1; JULIO CESAR DE CARVALHO BALIEIRO1
1.FMVZ/USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

4º **104. TESTE A CAMPO PARA DETERMINAÇÃO DA FREQUÊNCIA CARDÍACA MÁXIMA DE EQUINOS DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR** 126
JESSICA LAGE LAGE*1; MAYARA GONÇALVES GONÇALVES FONSECA1; GUSTAVO GONZÁLEZ MONTEIRO DE BARROS2; GUILHERME CAMARGO FERRAZ1
1.FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E VETERINÁRIAS (FCAV), UNESP – UNIV. ESTADUAL PAULISTA, JABOTICABAL, SP, BRASIL; 2.FEAD MINAS, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

5º **103. PARÂMETROS ELETROCARDIOGRÁFICOS EM EQUINOS DE SALTO SUBMETIDOS A UM TESTE DE CAMPO** ... 125
LAIS POLICARPO MACEDO*1; MARCELA BUCHER BINDA1; FERNANDA DE ALMEIDA TEIXEIRA1; RENAN SILVA CARVALHO1; LAURA MONTEIRO CASTRO CONTI1; HELIO CORDEIRO MANSO FILHO2; CLARISSE SIMÕES COELHO3
1.UVV-ES, VILA VELHA, ES, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, RECIFE, PE, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA), SALVADOR, BA, BRASIL.

ÁREA DE RELATOS DE CASOS DE EQUÍDEOS

1º **129. DESCARGAS COMPLEXAS REPETITIVAS EM UM EQUINO COM MIOPATIA DISTRÓFICA** 150
LUIZA STACHEWSKI ZAKIA1; MARIANA ISA POCI PALUMBO2; RAFFAELLA B. C. TEIXEIRA3; LUIZ ANTONIO DE LIMA RESENDE4; MAURO P. SOARES5; ROGERIO M. AMORIM1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1; ALEXANDRE SECORUN BORGES*1
1.FMVZ - UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.UFMS, CAMPO GRANDE, MS, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE DE MINNESOTA, MINNESOTA, ESTADOS UNIDOS; 4.FMB- UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL; 5.UFPEL - PELOTAS, PELOTAS, RS, BRASIL.

2º **177. REMOÇÃO DE CÁLCULO VESICAL EM ÉGUA, POR VIA URETRAL, COM AUXÍLIO DE ENDOBAG - RELATO DE CASO** 190
LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA*1; MARILIA FERRARI MARSIGLIA1; RODRIGO TAVARES NIEMAN1; MARIA RAQUEL BELLOMO AGRELO RUIVO1; ALINE MOTA ENGBRUCH1; FELIPE SILVEIRA REGO MONTEIRO ANDRADE1; FLÁVIA DE PAIVA BONIZZI2; RAQUEL YVONNE

ARANTES BACCARIN1
1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FMVZ-USP), SÃO PAULO, SP, BRASIL; 2.MÉDICA VETERINÁRIA AUTÔNOMA, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

131. DIARRÉIA POR INTOLERÂNCIA A LACTOSE EM POTRO QUARTO DE MILHA DE 3 MESES: RELATO DE CASO 152

3º

ANA LUÍSA HOLANDA DE ALBUQUERQUE1; LUIZA STACHEWSKI ZAKIA1; KAROLINE KOETHER1; THAÍS GOMES ROCHA1; SIMONE BIAGIO CHIACCHIO1; ROGÉRIO MARTINS AMORIM1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO*1
1.FMVZ UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

111. ADMINISTRAÇÃO INTRALESIONAL DE IODETO DE POTÁSSIO À 15% NO TRATAMENTO DA PITIOSE: RELATO DE CASO 155

4º

JULIANA DE MOURA ALONSO*1; THIAGO YUKIO NITTA1; SANDRA DE MORAES GIMENES BOSCO1; MARCOS JUN WATANABE1; ANA LIZ GARCIA ALVES1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1
1.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

179. RESSECÇÃO LATERAL DO CANAL AUDITIVO EM TRÊS EQUINOS 192

5º

KAMILA PINHEIRO PAIM*1; RAÍSSA OLIVEIRA LEITE1; ERIKY AKIO TONGU1; BRUNA SOUZA TEIXEIRA1; LAYANE QUEIROZ MAGALHÃES1; TATIANE FARIA PRADO1; JOÃO PAULO ELSEN SAUT1; DIEGO JOSE ZANZARINI DELFIOL1; GEISON MOREL NOGUEIRA1
1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLANDIA, MG, BRASIL.

RESUMOS
CLÍNICA E CIRURGIA DE EQUÍDEOS

1. ACUPUNTURA COMO AUXÍLIO DIAGNÓSTICO PARA AS AFECÇÕES DENTÁRIAS EM EQUINOS.

MARIANA MARCANTONIO CONEGLIAN*1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1

1.PUC PR, CURITIBA, PR, BRASIL.

e-mail:mmconeglian@yahoo.com.br

Resumo:

Dentre os problemas que acometem os equinos pode-se destacar as alterações na cavidade oral, especialmente os problemas dentários. Estes são considerados a terceira causa mais comum de enfermidades clínicas em equinos na América do Norte. No nosso país, entretanto, esse problema ainda é subestimado. Acredita-se que o diagnóstico por pressão de pontos de acupuntura possa auxiliar no diagnóstico das afecções da cavidade oral. Com objetivo de avaliar a confiabilidade do ponto de acupuntura indicativo de afecções na cavidade oral (Cain, 2003) em equinos. Foram avaliados 22 equinos, machos e fêmeas, idade que variou de 2,5 a 12 anos. Todos animais incluídos neste trabalho apresentavam-se saudáveis no momento do exame e estavam sendo utilizados em atividade de esporte (laço comprido). A avaliação por acupuntura foi realizada pelo mesmo avaliador, através da pressão em pontos de acupuntura incluindo o ponto ashi indicativo de alterações dentárias, descrito por Cain (2003). Em seguida, realizou-se o exame da cavidade oral através de inspeção e palpação externa e interna. Para isso os animais foram sedados e um espéculo oral e uma fonte de luz foram utilizados. Realizou-se também uma anamnese com os responsáveis pelos animais com o intuito de identificar possíveis sinais indicativos de dor na cavidade oral durante o exercício ou mastigação. Todas as alterações encontradas foram corrigidas e após 15 dias um segundo exame de palpação dos pontos de acupuntura e uma nova anamnese foram realizados. Todos os exames foram realizados pelo mesmo avaliador, porém foram registrados por filmagens e fotografia para conferência de um segundo examinador. Os dados são apresentados de forma descritiva. Todos os animais investigados apresentavam algum tipo de alteração odontológica (presença de pontas excessivas de esmalte acompanhadas ou não de ulcerações na mucosa, presença de dente de lobo ou alterações na mesa oclusal como degraus, ganchos ou rampas), e desses 22 animais, 18 (81%) apresentaram sensibilidade pronunciada no ponto ashi relacionado à síndrome odontológica. Dezessete (77,27%) dos animais investigados apresentavam na anamnese algum indicativo de desconforto durante a mastigação ou durante a utilização de freio. Quinze dias após o tratamento dentário todos os proprietários relataram desaparecimento dos sinais indicativos de dor na cavidade oral e, mesmo aqueles que não tinham queixas iniciais relataram melhor desempenho dos animais durante os exercícios, o que demonstra a efetividade do tratamento odontológico realizado. A reavaliação pela pressão de pontos de acupuntura revelou que a sensibilidade no ponto ashi relacionado à cavidade oral desapareceu em 15 animais (83,3%). Desta forma é possível concluir que a inclusão da avaliação deste ponto no exame de rotina de equinos pode facilitar a identificação de animais que sofram com alterações odontológicas e consequentemente ampliar o número de animais que recebe tratamento adequado.

Palavras-chave: Odontologia equina; acupuntura; medicina tradicional chinesa

2. ALTERAÇÕES DOS BIOMARCADORES EM EQUINOS MANGALARGA MARCHADOR COM A OBESIDADE INDUZIDA

RODRIGO MARTINS RIBEIRO*1; DEBORA DA SILVA FREITAS RIBEIRO1; CAHUE FRANCISCO ROSA PAZ1; DAVI SILVEIRA DINIZ AZEVEDO1; LETICIA OLIVEIRA COTA1; ANTÔNIO CATUNDA PINHO NETO1; RAFAEL RESENDE FALEIROS1

1.UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

e-mail:vetrodrigo@msn.com

Resumo:

A Síndrome Metabólica Equina (SME) se caracteriza por um distúrbio metabólico associado à obesidade, que predispõe os cavalos à laminite endocrinopática. O objetivo deste experimento foi caracterizar as alterações no perfil hormonal e metabólico de equinos Mangalarga Marchador (MM) submetidos à dieta hipercalórica, com a finalidade de verificar e conhecer melhor o desenvolvimento da síndrome metabólica equina e tentar encontrar ferramentas que possibilitem a realização de seu diagnostico precoce. Foram utilizados 9 equinos adultos MM com escore corporal (EC) médio (±DP) inicial de 2,9±1 (escala de 1-9) submetidos a dieta hipercalórica atingido um EC de 8,3±1 após 5 meses. Os dados foram coletados antes do início do experimento e com o intervalo de 15 dias até o final do experimento. Os valores plasmáticos foram obtidos para mensuração das concentrações de HDL-c, LDL-c, VLDL-c, ácidos graxos não esterificados (AGNE), frutosamina, glicose, colesterol total, triglicérides e insulina. Os resultados foram submetidos a análise de variância considerando-se os efeitos de tempo e as médias comparadas com medidas repetidas pelo teste de Tukey, com o valor P≤0,05. A dieta hipercalórica promoveu importante impacto no metabolismo dos equinos estudados com aumento nas concentrações sanguíneas já nos primeiros 30 dias de experimento de colesterol total (P≤0,05), LDL-c (P≤0,001), HDL-c (P≤0,001) e insulina plasmática (P≤0,001). Tais achados comprovam a ocorrência de hiperinsulinemia e hipercolesterolemia em equinos MM expostos à dieta hipercalórica.

Palavras-chave: Síndrome metabólica equina; cavalo; dieta hipercalórica

3. ANÁLISE CINEMÁTICA DA AMPLITUDE DA PASSADA EM EQUINOS COM LAMINITE CRÔNICA TRATADOS COM DIFERENTES ÓRTESES PARA CASCO

CAHUE FRANCISCO ROSA PAZ*1; THAIRÊ PEREIRA MARÓSTICA1; JULIA RENAULT BAETA GUEDES1; ALVARO DE PAULA LAGE DE OLIVEIRA1; LETICIA OLIVEIRA COTA1; LARISSA COSTA ANDRADE1; PATRÍCIA DE CASTRO DUARTE1; TÚLIO LUIZ BANJA FERNANDES1; LEOPOLDO AUGUSTO PAOLUCCI1; ANDRÉ GUSTAVO PEREIRA DE ANDRADE1; LUIZ ALBERTO DO LAGO1; RAFAEL RESENDE FALEIROS1

1.UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

e-mail:cahuepaz@gmail.com

Resumo:

A laminite tem grandes implicações para a saúde e o bem-estar dos equídeos. É a afecção com maior taxa de óbitos dentre as enfermidades que acometem o sistema locomotor, gerando prejuízos econômicos anuais na ordem de milhões de dólares. O objetivo do presente estudo foi avaliar, por meio de análise cinemática, a influência do uso de órteses para o estojo córneo sobre a amplitude da passada de equinos com laminite crônica. Foram utilizados cinco animais com laminite crônica, os quais foram atendidos no Hospital Veterinário da UFMG. Todos apresentavam claudicação de grau 2 segundo Obel e de grau 4 segundo a AAEP. Os animais foram conduzidos ao passo e também ao trote ao longo de uma pista de piso duro com 20m de comprimento, antes e após a aplicação de três tipos de órteses, constituindo quatro tratamentos distintos: controle, sem órteses (TC), órtese de compensado naval (TCN), combinação de espuma de acetato de vinila (EVA) e couro sintético (TEC), e combinação de compensando naval e EVA (TCNE). Todas as órteses possuíam a mesma espessura (30 mm), recobriam toda a superfície distal do casco e as bordas dorsal, lateral e medial foram recortadas de forma que a borda inferior da órtese distava 1,5 cm da borda superior. Para a realização da análise cinemática, as imagens foram obtidas com câmera filmadora (Canon SX-50) com frequência de 120Hz, posicionada a 4 metros, perpendicularmente ao plano de filmagem montado, de forma que esse plano apresentasse 3 metros no ponto central da pista, proporcionando distância suficiente para que o animal fosse filmado em seu andamento natural e as filmagens ocorreram sempre pelo lado direito, em todos animais. Utilizando-se o software Tracker, as imagens foram calibradas e mensurou-se a amplitude da passada dos membros torácicos bilateralmente, tendo como referência a região dos talões do casco ao realizar o apoio no solo. Os resultados encontrados foram submetidos à análise de variância (ANOVA) em blocos ao acaso, seguido do teste de Tukey para comparação entre médias de cada tratamento. Para todos os testes, o nível de significância foi de P < 0,05. Os valores médios e desvio padrão encontrados para TC, TEC, TCNE, TCN durante o passo foram: 145,46±10,20 cm; 153,68±13,53 cm; 157,72±10,17 cm; 152,32±18,38 cm, respectivamente. Enquanto que, no trote os valores de TC, TEC, TCNE, TCN foram 173,92±5,14 cm; 172,8±22,33 cm; 177,58±17,41 cm; 184,90±28,51 cm, respectivamente.

No passo, o tratamento TCNE melhorou de forma significativa (P<0,05) a amplitude da passada em relação aos demais tratamentos. O menor valor encontrado para a amplitude da passada foi o do grupo TC, demonstrando que a aplicação de órteses de casco em cavalos com laminite crônica é capaz de modificar a biomecânica da locomoção durante o passo. Entretanto na avaliação do trote, não houve diferenças significativas entres os grupos testados. Conclui-se que as órteses de casco confeccionadas com a combinação de madeira de compensando naval e EVA melhoram a amplitude da passada de cavalos com laminite crônica.

Agradecimentos: CNPQ, CAPES, FAPEMIG, Grupos de Pesquisas: EQUINOVA/EV/UFMG e Laboratório de Biomecânica/ EEFFTO/UFMG.

Palavras-chave: Cinemática; laminite; órtese

4. ANÁLISE DO PROTOCOLO DIAGNÓSTICO DO MORMO EM QUATRO PROPRIEDADES BRASILEIRAS

CARLA MACEDO AMORIM*1; ALLINE DE PAULA REIS2

1.JÓQUEI CLUBE DE GOIÁS-HIPÓDROMO DA LAGOINHA, GOIANIA, GO, BRASIL; 2.ECOLE NATIONALE VÉTÉRINAIRE D'ALFORT, MAISONS-ALFORT, FRANÇA.

e-mail:carlacheval@hotmail.com

Resumo:

Doença bacteriana dos equídeos cujo agente etiológico é a Burkholderia mallei, o diagnóstico do mormo baseia-se em testes sorológicos como o Western Blotting (WB), Fixação de Complemento (FC), ELISA e isolamento da bactéria através de cultura, testes bioquímicos e moleculares; os quais podem ter seus resultados influenciados por fatores como tempo e temperatura de incubação, qualidade do sistema complemento, antígeno, características do agente e da população testada. O objetivo deste trabalho foi analisar o protocolo diagnóstico utilizado em 4 propriedades (A, B, C, D) localizados em 4 Estados brasileiros entre os anos de 2009 e 2016. Os animais testados foram equídeos de idades variadas, ambos os sexos, em número de 131, 33, 671 e 476 indivíduos alojados nas propriedades A, B, C e D, respectivamente. Identificou-se os tipos de testes utilizados para triagem e confirmação da doença, número de coletas de todo rebanho, os prazos para entrega dos resultados e intervalo entre testes, bem como a porcentagem de testes com resultados contraditórios. Em todas as propriedades os procedimentos se basearam em duas baterias de exames em todo o rebanho com resultados negativos consecutivos para que tivessem o trânsito de animais liberado. O protocolo utilizado em A, B e D foi FC como teste de triagem do rebanho e WB como teste confirmatório para os animais que obtivessem resultados diferentes de negativo, com o intervalo entre a primeira e a segunda coleta variando entre quarenta e cinco e sessenta dias. Na propriedade C, foram utilizados 3 tipos de protocolos: primeiramente durante as nove primeiras coletas (do rebanho) foi utilizado o FC como teste definitivo para a confirmação da doença, 397 dias após a interdição da propriedade (durante décima, décima primeira, décima segunda e décima terceira coletas) foi alterado o protocolo para WB como teste único e definitivo de todos os animais e para a décima quarta, décima quinta, décima sexta, décima sétima, décima oitava e décima nona coletas foram utilizados ambos os testes associados à exemplo das demais propriedades. Em média, o intervalo entre a coleta e emissão de resultados foi de 15, 25, 23 e 27 dias e os intervalos entre coletas foram de 58, 53, 107 e 65 dias nas propriedades A, B, C e D, respectivamente. Foram realizadas duas coletas em todo rebanho em A, seis em B, dezenove em C e seis em D. Além disso, observou-se variação de resultados em um mesmo indivíduo, sendo que vinte e dois animais (16,7%), vinte e um (63,6%), quarenta e nove (10,29 %) e vinte e seis cavalos (3,87%) foram positivos ao FC e posteriormente negativos ao WB nas propriedades A, B, D e C respectivamente; quatro animais (3,05%), dezessete (51,5%), vinte (4,2%) e dezessete animais (2,53%) inicialmente positivos ao FC e posteriormente negativos no mesmo exame nas propriedades A, B, D e C respectivamente; e onze animais (8,39%), três (9,0%), um (0,2%) e cinco (0,74%) inicialmente positivos para o FC e posteriormente inconclusivos ao mesmo teste nas propriedades A, B, D e C respectivamente. Podemos concluir que houve variação entre os protocolos utilizados para diagnóstico do mormo nas diferentes propriedades quanto ao número de coletas do rebanho, o tipo de teste realizado para triagem e confirmação, prazos (tempo decorrido entre coletas e entre coletas e a entrega dos resultados), além da

discrepância de resultados para um mesmo indivíduo entre a primeira coleta e as seguintes. Novos estudos devem ser realizados a fim de se determinar se esta variação ocorre devido à sensibilidade/especificidade dos testes em nosso rebanho ou devido a problemas técnicos no processamento dos mesmos. Esforços devem ser empregados para se conhecer o comportamento epidemiológico da doença mormo no Brasil e para padronizar a metodologia do trabalho para erradicação e controle da doença.

Palavras-chave: Equídeos; validação; sorologia

5. ATENDIMENTO HOSPITALAR AOS EQUÍDEOS DE TRAÇÃO EM BRASÍLIA

LETIANA DA SILVA REHBEIN*1; ANTONIO RAPHAEL TEIXEIRA NETO1; ANTONIO CARLOS LOPES CÂMARA1; DANIELLA DIANESE ALVES DE MORAES2

1.UNB, BRASILIA, DF, BRASIL; 2.SECRETARIA DE AGRICULTURA, ABASTECIMENTO E DESENVOLVIMENTO RURAL DO DISTRITO FEDERAL, BRASÍLIA, DF, BRASIL.

e-mail:letianarehbein@gmail.com

Resumo:

No Distrito Federal (DF) existem 1700 equídeos de tração cadastrados na Secretaria de Agricultura, Abastecimento e Desenvolvimento Rural (SEAGRI), mas acredita-se que o total seja de três mil animais, visto que muitos optam pelo trabalho irregular. O Hospital Veterinário de Grandes Animais da Universidade de Brasília (HVet-UnB) recebe animais encaminhados pela SEAGRI, que podem ser errantes; apreendidos por maus tratos pela polícia ambiental ou pelo Instituto Brasília Ambiental; com suspeita de doenças de notificação obrigatória, para isolamento; e soropositivos para anemia infecciosa equina (AIE), para eutanásia. Foi realizado um estudo retrospectivo do atendimento aos equídeos encaminhados pela SEAGRI ao HVet-UnB de janeiro de 2010 a julho de 2016. A coleta dos dados foi feita através da ata de registro e da ficha individual dos animais. Totalizaram-se 454, que representaram 41,84% do total de 1085 atendimentos a eqüídeos no HVet-UnB no período. Observou-se uma marcada diferença entre a quantidade de equinos (97%), muares (2%) e asininos (1%). Tal fato difere do encontrado em um estudo em Alagoas, em que 76% dos equídeos de tração urbana eram muares, 21% equinos e 3% asininos, a justificativa foi que os muares eram mais resistentes à jornada de trabalho; e os jumentos seriam utilizados pela falta de oportunidade de possuir um equino ou muar, e sua baixa utilização seria pela preferência em mantê-los como reprodutores na produção de muares. No DF, a preferência por eqüinos era por seu temperamento mais dócil e também para utilizá-los na reprodução. Com relação ao sexo, a quantidade de machos foi superior à de fêmeas, 59% e 41% respectivamente. Essa informação também difere do encontrado no estudo em Alagoas, em que 86,32% eram fêmeas e 13,68% machos; justificou-se que a preferência ocorre porque fêmeas tem o temperamento mais dócil para trabalho e podem ser utilizadas na reprodução. Já no DF, os machos eram preferidos pois os condutores acreditavam que eles possuíam mais energia para o trabalho (principalmente os não castrados) e que as fêmeas, quando utilizadas na reprodução, precisavam ficar períodos sem trabalhar no final da gestação e início da amamentação. Excluindo-se os 43 animais soropositivos para AIE, observa-se que 193 (47%) de um total de 411 animais vieram a óbito ou foram eutanasiados, 170 (41%) receberam alta e 48 (12%) não tinham informações nas respectivas fichas. Deve-se destacar ainda, que entre os animais que receberam alta, muitos estavam inaptos para o trabalho, mesmo alguns jovens. Entre os fatores relacionados à rápida aposentadoria estão o manejo incorreto, alta quantidade de horas de trabalho por dia, muita carga tracionada e o fato desses animais serem introduzidos muito jovens ao trabalho, normalmente amansados após a primeira muda dentária e logo começam a tracionar as carroças. Desta maneira, fica claro como este trabalho é prejudicial. Na literatura encontrada, as principais medidas tomadas com relação à tração animal foram as palestras de informação e conscientização, que tentam melhorar as condições do tratamento dado aos eqüídeos e também aumentar as chances dos condutores encontrarem outras formas de sustento. As palestras são realizadas principalmente por voluntários e acadêmicos de instituições de ensino. O ideal seria um novo modo de sustento para carroceiros e o destino dos animais a uma aposentadoria que lhes permita o bem-estar. Acredita-se que isso seja possível elevando as penas para maus tratos, impedindo que as pessoas que os cometem possam possuir novamente o animal mal tratado. Também através de cursos de capacitação para adultos e da educação de jovens. Vale ressaltar que foi regulamentada em março de 2017 a lei distrital 2016-05756, que proíbe a circulação

de veículos de tração animal em áreas urbanas e vias públicas pavimentadas, e veda a permanência desses animais soltos, peados, atados por cordas ou por outros meios de contenção, em vias ou em logradouros públicos do DF.

Palavras-chave: Tração animal; bem-estar; equídeo

6. AVALIAÇÃO BIOMETRICA DOS CASCOS DE EQUINOS DO BATALHÃO DA POLICIA MILITAR DE MINAS GERAIS NA CIDADE DE ITAJUBÁ

NATÁLIA GONÇALVES SANTANA PROCÓPIO*1; LUAN GAVIÃO PRADO2; DIOGO JORDÃO DE SÁ CUNHA CARLOS2; LUCYMARY SANTANA LIMA2

1.FEPI CENTRO UNVERSITÁRIO DE ITAJUBÁ, ITAJUBA, MG, BRASIL; 2.FEPI, ITAJUBÁ, MG, BRASIL.

e-mail:nataliasantana20@live.com

Resumo:

Durante a sua evolução os membros dos equinos sofreram adaptações para locomoção em altas velocidades, incluindo a simplificação da região distal a um único dígito, possuindo três falanges proximal, média e distal. O casco é considerado uma modificação cornificada da epiderme no qual se localiza uma camada vascular responsável por nutrir todas as estruturas do mesmo. Podemos perceber que entre as anormalidades de equilíbrio podal, destacam-se o desnivelamento dorso-palmar e médio-lateral, contração dos talões e ranilha, diferença entre o ângulo da pinça dos cascos contralaterais e tamanho do casco em relação ao peso do animal. Dentre as raças nacionais destaca-se o Brasileiro de Hipismo que mesmo possuindo um rebanho menor quando comparado com outras raças nacionais, apresenta uma participação considerável nas competições olímpicas nacionais e internacionais. Este trabalho teve como objetivo realizar a biometria dos cascos dos equinos da raça Brasileira de Hipismo da Policia Militar de Minas Gerais situada na cidade de Itajubá. Para o desenvolvimento foi realizado a avaliação biométrica dos cascos com os animais realizando assim a mensuração das seguintes estruturas anatômicas: ângulo e comprimento da pinça, comprimento e largura da sola, comprimento e largura da ranilha, distância do ápice da ranilha à parede medial/lateral do casco na superfície solear, altura da muralha medial/lateral, circunferência da superfície de contato do casco. Os animais se encontravam em estação e com o auxílio de um podogoniômetro foi realizada a mensuração do ângulo da pinça, o comprimento da pinça na região dorsal da muralha do casco foi determinado com auxílio de um paquímetro, considerando-se a medida desde a superfície solear até a região da faixa coronária, o comprimento e a largura de sola foram obtidos medindo-se a distância entre a base do casco e a pinça e entre as laterais do casco na superfície solear, respectivamente. O comprimento da ranilha compreende a distância entre sua base na altura do bulbo do casco até o seu ápice, enquanto a sua largura compreende a medida da base da ranilha na altura do bulbo do casco. A distância do ápice da ranilha à parede medial/lateral é obtida do ápice da ranilha à borda da muralha, na superfície solear. Foram encontrados valores médios de 13,1 cm par comprimento de sola, 12,7 cm para largura de sola, 8,8 cm pra comprimento de ranilha, 5,1 cm para largura de ranilha, 10,1cm para comprimento de pinça, 8,3 para altura de quarto medial de muralha e 8,2 cm para o quarto lateral, 4,3 cm e 3,9 para alturas de talão lateral e medial, respectivamente, 37,7 cm para circunferência de casco e 48,71 º para ângulo de casco. Os resultados observados diferem quando comparados aos da literatura consultada: comprimento de sola (>0,58 cm), largura de sola (>1,39 cm), comprimento de ranilha (>0,61 cm), largura da ranilha (>0,54 cm), comprimento de pinça (>1,37 cm), comprimento de quartela medial (>1,6 cm), comprimento de quartela lateral (>1,2 cm), de diâmetro de casco (>4,65 cm), altura de talão medial (>0,29 cm), altura de talão lateral (< 0,1 cm), circunferência de casco (>4,65 cm) e ângulo de casco (< 0,71 cm). Os principais fatores que alteram os valores biométricos podem ser raça, manejo nutricional, casqueamento dos animais e estado clinico. A principal razão desta diferença é devido ao intervalo de casqueamento adotado ser maior do que o indicado pela literatura, podendo levar ao desbalanceamento dos mesmos. Conclui-se que a os equinos da Policia Militar de Minas Gerais situada na cidade de Itajubá apresentaram valores biométricos diferentes aos citados pela literatura consultadas e que o casqueamento e ferrageamento dos animais deve seguir uma frequência adequada a fim de se evitar quaisquer problemas de locomoção, como por exemplo, caludicação.

Agradecimentos: Agradecemos ao Centro Universitário de Itajubá - FEPI pela bolsa concedida e a Fundação de

Amparo à Pesquisa de Minas Gerais.

Palavras-chave: Biometria; casco; claudicação

7. AVALIAÇÃO CLINICA E LABORATORIAL DOS EFEITOS DOS CATÁRTICOS SALINOS EM EQUINOS

MARISTELA DE CASSIA SEUDO LOPES*1; TATYANE CRISTINE LOMBA DA SILVA1; NATALIA DANTAS FONTES1; EZEQUIEL PEREIRA VIANA NETO1; EDUARDO DE OLIVEIRA COSTA1; ABRAÃO DOS SANTOS NUNES1; GABRIEL NUNES GUIMARAES1; LEONIDAS PORTO FARIAS NETO1; MARIA CAROLINA SOARES DE SOUSA1; WESLEI LIMA GONÇALVES1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, SALVADOR, BA, BRASIL.

e-mail:maris_vet@yahoo.com.br

Resumo:

O tratamento clínico é a primeira escolha para as compactações do intestino grosso, pelo menos, na maioria dos casos, e inclui suspensão da alimentação até a resolução da compactação, reidratação da ingesta, fármacos analgésicos e a utilização de laxantes e catárticos salinos como fármacos adjuvantes. Entretanto, as doses frequentemente utilizadas destes laxantes, principalmente nos equinos, são empíricas e usualmente vem da medicina humana. Diante do exposto, com este estudo, objetivou-se investigar qual o efeito desses catárticos empregados na medicina equina para o tratamento das compactações intestinais e quais possíveis efeitos adversos. Para isso, foram utilizados sete equinos, fêmeas, SRD, com idade entre 2-5 anos, peso entre 300 a 400kg. A escolha dos tratamentos foi realizada de maneira aleatória, sendo que todos os animais foram submetidos a todos os tratamentos em intervalos de 15 dias. A administração da fluidoterapia enteral (3l a cada 30 minutos/ 12 horas), bem como dos fármacos laxativos em única aplicação (DSS 10mg/kg, Sulfato de Magnésio 0,5g/kg e Hidróxido de Magnésio 2 litros), foram exclusivamente por sondagem nasogástrica. Foram avaliados o comportamento do animal perante qualquer desconforto gástrico e/ou diarreia, FC, f, T°C, coloração de mucosas, motilidade intestinal, hemograma e quantidade de água nas fezes, nos seguintes momentos: M0 –Basal, M1, M2, M3 e M4 – uma, três, cinco e dez horas após a administração do fármaco, respectivamente. Não foi observado qualquer desconforto representado por dor visceral, hipermotilidade intestinal ou quadros de diarréia, bem como não houve alterações significativa nos parâmetros clínicos e hematológicos avaliados. Entretanto, na quantificação de água nas fezes, em todos tratamentos utilizados, observou-se aumento significativo de agua presente nas fezes demonstrada pela análise bromatológica, porém sem diferença entre os tratamentos. Com isso, conclui-se que os usos dos catárticos salinos apresentam efeito significativo, umidificando as fezes, auxiliando na resolução de cólicas por compactação intestinal, quando administrados nas doses utilizadas neste estudo, não demonstrando efeitos adversos.

Palavras-chave: Cavalos; colica; compactação

8. AVALIAÇÃO DA DEPOSIÇÃO PULMONAR DA DEXAMETASONA QUANDO ADMINISTRADA POR VIA INALATÓRIA EM EQUINOS

AYRTON RODRIGO HILGERT*1; VAGNER GONÇALVES1; GUILHERME DE LA PENHA FERNANDES1; TIAGO MARCELO OLIVEIRA1; TALISSA R MARTINS1; PAULO MOREIRA BOGOSSIAN1; CRISTINA OLIVEIRA MASSOCO1; WILSON ROBERTO FERNANDES1

1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:ayrton.hilgert@gmail.com

Resumo:

Afecções do sistema respiratório estão entre as mais frequentes em equinos, sendo a segunda maior causa de baixo desempenho no cavalo atleta. Dentre essas doenças, pode-se citar as afecções puramente inflamatórias das vias aéreas, conhecidas como Doenças Inflamatória das Vias aéreas (DIVA) e Obstrução Recorrente das Vias Aéreas (ORVA), que apresentam prevalência considerável e afetam a saúde e vida atlética do animal. Um dos principais meios de atuação terapêutica no tratamento dessas doenças é a administração de medicamentos antiinflamatórios corticosteroides, sendo a dexametasona um dos mais relevantes fármacos dessa classe utilizados na medicina equina. No tratamento de doenças semelhantes em humanos, preconiza-se a administração dos fármacos por via inalatória, otimizando de maneira significativa o seu efeito terapêutico e diminuindo os efeitos colaterais. Em equinos, existem trabalhos que mostram a deposição pulmonar e o efeito benéfico de medicamentos quando administrados por via inalatória, no entanto, não foram encontrados estudos nesse sentido utilizando a dexametasona. O objetivo desse estudo foi avaliar a deposição pulmonar de dexametasona quando administrada por meio de nebulização pneumática em equinos, bem como fatores que possam interferir no seu nível de deposição e a concentração plasmática do fármaco quando administrada por essa via. Para isso foram utilizados seis equinos que foram submetidos duas vezes à inalação (nebulizador pneumático e máscara facial do tipo Aeromask®) com dexametasona, cada uma utilizando um veículo diferente (aquoso ou oleoso) na formulação do fármaco. Quatro animais foram utilizados para o grupo controle, sendo submetidos à inalação somente com os veículos. Após cada inalação foi realizado um lavado broncoalveolar (LBA) e coletas sanguíneas seriadas, todos analisados pela técnica de Cromatografia Líquida de Alta Performance (HPLC) para quantificação da dexametasona. O fármaco administrado foi identificado nas amostras de LBA dos animais dos grupos tratados (sem apresentar diferença significativa entre os diferentes veículos) e não foi identificado no plasma de nenhum animal. Esses resultados nos sugerem que essa via de administração de dexametasona pode ser segura, uma vez que a concentração plasmática se manteve abaixo do limite de detecção da técnica (0,78 µg/ml). Além disso, pela sua já conhecida ação local no combate à inflamação, podemos inferir que ao atingir as vias aéreas inferiores a dexametasona possivelmente exercerá um efeito antiinflamatório nessa região. No entanto, são necessários mais estudos para que essa hipótese seja validada. Desta forma, o presente trabalho conclui que a dexametasona, quando administrada via nebulização pneumática atinge a região de bronquíolos e alvéolos respiratórios em equinos, possibilitando a sua ação nessa região.

Palavras-chave: Nebulização; glicocorticóides; lavado broncoalveolar

9. AVALIAÇÃO DA MEMBRANA DE QUITOSANA, ESTERELIZADA COM ÓXIDO DE ETILENO OU RADIAÇÃO ULTRAVIOETA, NA CICATRIZAÇÃO DE FERIDAS CIRÚRGICAS, EM EQUINOS

VINICIUS MARQUES ROLLIM*1; GUSTAVO MORANDINI REGINATO1; LETÍCIA MARTINS FERNANDES1; LUCI CRISTINA DE OLIVEIRA VERCIK1; ELIANA CRISTINA DA SILVA RIGO1; SILVIO HENRIQUE DE FREITAS1; RENATA GEBARA SAMPAIO DÓRIA1

1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

e-mail:vinicius.rollim@usp.br

Resumo:

Infecções de feridas cirúrgicas e complicações incisionais podem resultar em aumento dos cuidados pós-operatórios, reintervenções cirúrgicas para reparação de hérnia e morte do animal. Visando evitar tais problemas, este estudo avaliou o emprego de um biomaterial, a quitosana, na cicatrização de feridas cirúrgicas de equinos. Sua utilização é baseada em propriedades, como biocompatibilidade, bioadesividade e atuação na abertura das junções epiteliais, possuindo ainda ação antimicrobiana, atividade homeostática, capacidade de ativar macrófagos, estimular a migração e proliferação celular, promover a formação de tecido de granulação, além de orientar a reorganização da histoarquitetura celular em feridas. Este estudo avaliou o comportamento de membranas de quitosana, esterilizada com óxido de etileno ou radiação ultravioleta, implantadas no tecido subcutâneo, da fossa paralombar esquerda (flanco direito) de equinos, por meio da observação da sua capacidade de auxiliar na cicatrização de feridas cirúrgicas, evitando infecções e ou deiscência de sutura, observando também, possível rejeição do material implantado. Foram realizados os procedimentos experimentais em 04 equinos, sendo que cada animal recebeu uma membrana, de forma aleatória, podendo ser de quitosana esterilizada com óxido de etileno ou de quitosana

esterilizada com radiação ultravioleta, totalizando duas membranas de cada grupo experimental, que seriam avaliadas durante 15 dias. Após preparo cirúrgico, sedação e anestesia local, foi realizada incisão, de 10 cm de pele e divulsão romba do tecido subcutâneo. Ao mesmo tempo, as membranas de quitosana, estéreis em óxido de etileno ou estéreis em radiação ultravioleta foram retiradas das placas de petri e submersas em solução fisiológica 0,9%, até que ficassem maleáveis (hidratadas). As membranas de quitosana, com dimensões de 90x15mm, foram posicionadas na região subcutânea, sobre a fáscia do músculo oblíquo abdominal externo. A pele foi suturada com fio de poliamida (náilon), 0,60 mm, com 7 pontos simples separados. Após o procedimento cirúrgico, os equinos receberam penicilina benzatina, 20.000UI/kg, a cada 48 horas e flunixim meglumine, 1mg/kg, a cada 24 horas, três aplicações. Os equinos foram avaliados com exame clínico geral pré-cirúrgico, imediatamente após a cirurgia e nos dias 1, 2, 3, 7, 15 de pós-operatório. Os exames consistiram da avaliação da coloração de mucosas, tempo de reperfusão capilar, auscultação da frequência cardíaca, frequência respiratória, motilidade intestinal e aferição da temperatura retal; avaliação externa da ferida cirúrgica; avaliação ultrassonográfica e avaliação de hemograma. Como resultados, não foram observadas alterações clínicas ou hematológicas que identificassem quaisquer repercussões sistêmicas. Na avaliação externa da ferida cirúrgica, observou-se, a partir do primeiro dia após a implantação das membranas de quitosana, que todos os quatro animais apresentaram sensibilidade ao toque e aumento de volume local, circunscrevendo o local de implantação das membranas, sugerindo início de reação ao implante. Este aumento de volume local permaneceu, desenhando na pele o formato circular da membrana de quitosana implantada. Na avaliação ultrassonográfica, a partir do procedimento cirúrgico, foi observada rejeição do material implantado. Todos os animais expulsaram os implantes, íntegros ou em pedaços, por meio de sinus formado na linha de sutura, até 15 dias de pós-operatório. Verificou-se, então, que houve resposta dos animais contrária aos implantes de quitosana, seja, com esterilização por óxido de etileno ou esterilização por radiação ultravioleta, demonstrando que o implante, na composição em que se apresentam, e mesmo com diferença de esterilização, sugere que não tem condições de serem utilizados como auxiliares na cicatrização de feridas.

Palavras-chave: Pós-operatório; manejo de ferida; implante

10. AVALIAÇÃO DAS MUTAÇÕES CAUSADORAS DE NANISMO DO TIPO CONDRODISPLÁSICO EM EQUINOS DA RAÇA MINI-HORSE

DANILO GIORGI ABRANCHES DE ANDRADE*1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1

1.FMVZ / UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:zefilho@fmvz.unesp.br

Resumo:

O nanismo é uma forma de desenvolvimento anormal, determinado por genes que contribuem para uma pequena estatura e podem interferir negativamente na saúde e reprodução da espécie afetada. Em equinos, o nanismo é descrito principalmente na raça Mini-Horse. Nessa raça, a enfermidade possui caráter autossômico recessivo e já foram descritas quatro mutações (D1, D2, D3 e D4), segregadas independentemente no gene Aggrecan (ACAN), responsáveis pelo nanismo condrodisplásico. Genotipos envolvendo mutação D1, provoca morte fetal, equanto que os outros genótipos estão envolvidos com nascimentos de animais clinicamente afetados. O objetivo desse trabalho foi avaliar as mutações causadoras do nanismo condrodisplásico (D1, D2, D3 e D4) em equinos da raça Mini-Horse, clinicamente afetados, provenientes de propriedades rurais do interior do estado de São Paulo. Entre os meses de outubro de 2015 e fevereiro de 2017, cinco equinos fenotipicamente anões foram avaliados. Destes, quatro eram neonatos e vieram a óbito com, no máximo, 48 horas de vida. Já o outro, tinha um ano de idade. Os sinais clínicos apresentados pelos equinos neonatos foram: cabeça grande e abaulada; prognatismo e membros curtos que evidenciavam más-formações ósseas, mais notoriamente, nos metatarsos. Já o Mini-Horse de um ano, além da baixa estatura (53 cm de altura na cernelha), apresentou cabeça grande; corpo em forma de barril; membros curtos e sinais respiratórios, como: secreção nasal mucopurulenta e roncos. Então, amostras de sangue foram coletadas para genotipagem utilizando-se sequenciamento direto de produtos de PCR que amplificavam os pontos das mutações responsáveis pelo nanismo já descritas. Uma vez que foram genotipados animais vivos, o genotipo D1 não foi observado, além disso, a genotipagem destes animais afetados não evidenciou os demais

genótipos (D2/D2, D2/D3, D2/D4, D3/D3, D3/D4 e D4/D4) descritos anteriormente como responsáveis pela enfermidade. Consequentemente, a avaliação de mutações no gene ACAN, possivelmente causadoras de nanismo e ainda não relatadas, torna-se necessária para um melhor entendimento da enfermidade. Portanto, acredita-se que possivelmente exista outra mutação ocasionando o nanismo nos animais do interior paulista. Ressalta-se que o padrão de herança autossômico recessivo contribui para ampliar a disseminação da enfermidade no plantel de forma silenciosa, porque os progenitores (heterozigotos) são normais na aparência. Portanto, a identificação dos animais heterozigotos é importante para minimizar perdas econômicas e nascimentos de animais afetados, pois possibilita a seleção do acasalamento. Entretanto, estudos moleculares necessitam ser realizados com os animais brasileiros da raça Mini-Horse com o intuito de se caracterizar possíveis novas mutações causadoras do nanismo.

Agradecimentos: À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pelo financiamento da pesquisa (FAPESP 2016/24767-7).

Palavras-chave: Análise de sequência de dna; gene acan; mutação

11. AVALIAÇÃO DE DOR UTILIZANDO A ESCALA GRIMACE E TERMOGRAFIA OCULAR EM CAVALOS PURO SANGUE INGLÊS DE CORRIDA COM E SEM AFECÇÕES ORTOPÉDICAS

FERNANDA C. M. BARUSSI1, FERNANDA Z. BASTOS1, TÂMARA D. BORGES1, BIANCA P. VIEIRA1, PEDRO V. MICHELOTTO JR1.

1.PUCPR, CURITIBA, PR, BRASIL.

Email: michelottojunior@yahoo.com.br

Resumo:

A termografia ocular (TO) foi demonstrada como uma das técnicas mais sensíveis para detecção do estresse. A carúncula lacrimal é amplamente irrigada e estimulada pelo sistema simpático, assim, sua resposta ao estresse tende à vasodilatação local e aumento da temperatura. A escala facial de dor (EFD) é uma avaliação baseada em escores que classificam a condição dolorosa dos equinos a partir da expressão facial dos próprios animais. O objetivo do presente estudo foi avaliar a aplicabilidade da TO e da EFD na avaliação de dor em cavalos Puro Sangue Inglês (PSI) de corrida jovens com e sem afecção ortopédica. Cavalos PSI de corrida jovens foram divididos em dois grupos: animais com sinais clínicos ortopédicos (CS, n=7) e animais saudáveis e sem sinais clínicos ortopédicos (SS, n=7), foram fotografados para mensuração da EFD (ausente-0, moderada-1 e óbvia-2 em orelhas, olhos, área ao redor dos olhos, músculos faciais, região bucal e narinas) e avaliados através da TO a fim de monitorar a temperatura da glândula lacrimal. Para a TO utilizou-se câmera térmica FlirE50bx (a 0,5m do olho) e a EFD foi avaliada por imagem digital obtida no mesmo momento da TO, realizada por avaliador alheio às demais informações. Para a TO analisou-se a média entre os maiores valores encontrados em ambos os olhos para a temperatura da glândula lacrimal. A análise estatística foi feita pelos testes de Kuskal-Wallis e correlação de Spearman considerando $p<0,05$. O estudo foi aprovado pelo CEUA da PUCPR (registro 0951A). Os valores obtidos na TO não apresentaram diferença entre os grupos (média de 36,85ºC para SS e 36,58ºC para CS), mas animais em condição de dor óbvia, no grupo CS, apresentaram diminuição na temperatura da glândula lacrimal em relação aos demais ($p=0,044$). O grupo SS manteve EFD em 0 e o CS variou entre 1 e 2, com diferença entre eles ($p= 0,0006$), sendo que três indicadores (área ao redor dos olhos, músculos faciais e região bucal) foram determinantes para esta avaliação em todos os animais. Há alteração da perfusão sanguínea na região da glândula lacrimal após condição de dor severa, necessitando de mais estudos. A EFD, embora subjetiva, é uma técnica eficaz para o monitoramento de dor em equinos. Maior número de equinos e avaliação dinâmica (filmagem/registro de mais momentos) forneceriam respostas mais conclusivas.

Palavras-chave: Bem-estar; Equinos; Estresse.

12. AVALIAÇÃO DE PARÂMETROS BIOMÉTRICOS DE CASCOS DE EQUINOS ATENDIDOS NO

HOSPITAL ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ITAJUBÁ

NATÁLIA GONÇALVES SANTANA PROCÓPIO*1; LUAN GAVIÃO PRADO1; LUCAS DE MOURA SAMPAIO1; LARISSA CERQUEIRA BARBOZA1; INAIA ROBERTA SILVA1

1.FEPI, ITAJUBÁ, MG, BRASIL.

e-mail:nataliasantana20@live.com

Resumo:

Durante sua evolução, os equinos sofreram adaptações para locomoção em altas velocidades, incluindo a simplificação da região distal a um único dígito. O casco encontra-se na parte distal dos membros, que por sua vez compreende: duas fileiras de osso do carpo, um único osso metacarpal formado para dedo e três falanges dentro de cada dedo. As falanges média e distal articulam-se na articulação do casco. O casco é uma modificação cornificada da epiderme onde se localiza uma camada vascular. A coroa é a região responsável pela produção da queratina do casco. Quando em estação a porção do casco visível é a parede, dividida em pinça na vista frontal, em quartos medial e lateral, e em talões medial e lateral na vista traseira que giram agudamente em direção aos ângulos para serem continuados pelas barras na parte mais baixa do casco. Entre as anormalidades de equilíbrio podal, destacam-se o desnivelamento dorso-palmar e médio-lateral, contração dos talões e ranilha, diferença entre o ângulo da pinça dos cascos contralaterais e tamanho do casco em relação ao peso do animal. Por fazer parte da sustentação e concussão, é importante realizar a biometria para saber a proporção correta, e para se descobrir as causas de claudicação e desequilíbrio existentes em diferentes raças. O método de avaliação biométrica dos cascos constitui em um processo de diagnóstico eficiente. Realizou-se a mensuração das seguintes estruturas anatômicas: ângulo e comprimento da pinça, comprimento e largura da sola, comprimento e largura da ranilha, distância do ápice da ranilha à parede medial/lateral do casco na superfície solear, altura da muralha medial/lateral, circunferência da superfície de contato do casco (equivalente à circunferência aspecto palmar do casco). Todas as mensurações foram expressas em centímetros e o ângulo da pinça em graus. Foram encontrados valores médios de 18,75º para angulação de pinça, 32,6 cm para diâmetro de coroa, 7,73 cm para comprimento de ranilha, 3,7 cm para largura de ranilha, 11,96 cm para comprimento de sola, 10,2 cm para largura de sola, 3,36 cm para altura de talão, 6,6 cm para os quartos medial e lateral da muralha do casco e 8,8 cm para comprimento de pinça. Os dados observados mostram que a biometria realizada com os animais atendidos no Hospital Escola de Medicina Veterinária - FEPI, foram inferiores quando comparados com alguns trabalhos: diâmetro de casco (<0,4), comprimento de ranilha (0,7), largura da ranilha e largura de sola (<1,0), comprimento de sola (<0,7), altura de talão (<0,5), comprimento de quartela (<0,3), porém os valores de largura da pinça foram iguais. Já em comparação a outro trabalho as mensurações apresentaram inferiores nas avaliações de largura de pinça (<0,5), comprimento de sola (0,9), largura de sola (<1,3), entretanto os valores se mantiveram iguais em largura de pinça e comprimento de ranilha, já os valores de diâmetro de coroa, altura de talão, comprimento de quarto não foram encontrados. No presente trabalho foram avaliados animais provenientes de diferentes áreas da região, estes animais não recebem o mesmo tipo de alimento, nem volumoso nem concentrado. Além disso, os pacientes atendidos apresentavam diferentes patologias de base que podem influenciar no crescimento e na biometria dos cascos, tais diferenças podem influenciar nas medidas realizadas. Os resultados encontrados não diferem drasticamente com a literatura nacional disponível. Os dados gerados a partir desta pesquisa podem ajudar médicos veterinários a realizarem casqueamentos e ferrageamentos de forma correta a fim de se evitar futuros danos ao aparelho locomotor dos equídeos.

Agradecimentos: Agradecemos ao Centro Universitário de Itajubá - FEPI pela bolsa concedida e a Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais - FAPEMIG.

Palavras-chave: Biometria; casco; desequilíbrio

13. AVALIAÇÃO DE TRANSFERÊNCIA DE IMUNIDADE PASSIVA EM POTROS QUARTO DE MILHA E PAINT HORSE

FERNANDA TAMARA NEME MOBAID AGUDO ROMÃO*1; CASSIANO DE CARVALHO LOPES2

1.FAEF, GARCA, SP, BRASIL; 2.MV AUTONOMO, BAURU, SP, BRASIL.

e-mail:ftnmaromao@gmail.com

Resumo:

A égua apresenta placenta do tipo epiteliocorial difusa, que apresenta seis camadas teciduais entre a circulação sangüínea materna e a fetal, compreendendo o endotélio capilar materno, tecido conjuntivo uterino, epitélio uterino, epitélio coriônico, tecido conjuntivo fetal e endotélio capilar fetal, que promovem uma barreira na transferência transplacentária de anticorpos. Portanto, os equinos neonatos nascem hipo ou agamaglobulinêmicos e a transferência de imunidade passiva está diretamente associada à ingestão e absorção de colostro. Este estudo objetivou analisar a transferência de imunidade passiva em quinze potros da raça Quarto de Milha e quinze potros da raça Paint Horse, todos puros de origem nascidos de éguas multíparas ou não. As éguas foram cobertas ou inseminadas artificialmente, sendo que destas 5 eram receptoras. Todas as éguas foram assistidas durante gestação, onde permaneceram à pasto, e se alimentavam de capim Tifton, com sal e água à vontade. Todas as éguas foram vacinadas em duas doses, com intervalo de 30 dias contra tétano, encefalomielite, rinopneumonite, influenza e leptospirose. Receberam aplicações de estreptomicina no 3°, 6° e 9° mês gestacional. Foram utilizados todos os potros oriundos dessas éguas (n.30), puros de origem, neonatos, sem distinção de sexo, que permaneceram com as mães em piquetes maternidade onde mamaram colostro "ad libidum". Todos os partos foram assistidos e em nenhum houve necessidade de intervenção. Amostras de sangue venoso foram colhidas dos potros 24 horas após o nascimento, através de venopunção da jugular. O sangue foi colhido e acondicionado em tubos com anticoagulante e posteriormente foi analisado através de teste comercial (IgG Test®) para determinação dos níveis de imunoglobulinas, conforme instruído pelo fabricante. Os resultados encontrados foram: 90% (27/30) apresentaram níveis de IgG acima de 800 mg/dL demonstrando que houve excelente transferência de imunidade passiva, apenas 10% (3/30) apresentaram níveis de IgG entre 400 a 800 mg/dL demonstrando que houve falha parcial de transferência de imunidade passiva. Com base nos resultados dos testes, a terapia com 1 litro plasma hiperimune foi estabelecida nos 3 potros que apresentavam falha parcial de transferência de imunidade paasiva. Conclui-se no presente estudo que um bom manejo sanitário com imunização das éguas e reforço vacinal durante o período gestacional, aumenta a produção de colostro de boa qualidade e como consequência possibilita a transferência de imunidade passiva de maneira adequada. Testes rápidos de detecção de níveis de IgG são essenciais para identificar potros que apresentam principalmente falha parcial de transferência de imunidade passiva, e estabelecer a terapia com plasma hiperimune de maneira rápida e adequada. O colostro de boa qualidade fornece níveis de imunoglobulinas adequados a maioria dos neonatos equinos.

Palavras-chave: Imunoglobulinas; colostro; neonatos

14. AVALIAÇÃO DO KIT SNAP 4DX NA DETECÇÃO DE IMUNOGLOBULINAS ANTI-BORRELIA SPP EM EQUINOS NACIONAIS NATURALMENTE INFECTADOS

TALISSA CAMARGO MANTOVANI DE BONIS*1; ROBERTA CARVALHO BASILE2; DELPHIM DA GRAÇA MACORIS1; ANTONIO QUEIROZ NETO1

1.FACULDADE DE CIENCIAS AGRARIAS E VETERINÁRIAS - UNESP JABOTICABAL, JABOTICABAL, SP, BRASIL; 2.UNICEP, SÃO CARLOS, SP, BRASIL.

e-mail:talissadebonis@hotmail.com

Resumo:

A Borreliose de Lyme é uma zoonose causada por espiroquetas do complexo Borrelia burgdorferi sensu lato, cujos reservatórios são os roedores, especialmente capivaras, e os animais domésticos podem atuar como transportadores do patógeno. No Brasil há algumas diferenças em relação à doença descrita no hemisfério norte, sendo a principal

as características morfológicas e genéticas atípicas apresentadas pelo agente etiológico. Devido a essas diferenças, a doença nacional foi nomeada como Borreliose de Lyme-símile. Seu diagnóstico convencional é baseado em sorologia ELISA, Western Blot ou PCR (reação em cadeia da polimerase). O kit SNAP 4DX®, fabricado pela IDEXX Laboratories, índustria inserida no mercado de diagnósticos para a saúde animal, foi utilizado com sucesso na detecção de imunoglobulinas G (IgG) anti-Borrelia em cães e equinos infectados por B. burgdorferi stricto sensu provenientes dos Estados Unidos. Neste trabalho, objetivou-se comparar a eficácia do kit imunoensaio enzimático SNAP 4DX® em relação ao ELISA na detecção de IgG anti-Borrelia spp. em equinos nacionais naturalmente infectados, analisando sua sensibilidade e especificidade. Utilizamos 60 amostras de soro de equinos provenientes do estado de São Paulo, dos quais 30 foram classificados como soronegativos pelo ELISA por possuírem título inferior à 1/400 e 30 soropositivos, pois apresentaram título igual ou superior a 1/400. Destes últimos, a distribuição com relação aos títulos obtidos no ELISA foi de 2 animais com título 1/3200, 4 animais com 1/1600, 11 animais com 1/800 e 13 com 1/400. O teste foi realizado conforme instruções do fabricante. A maior sensibilidade/especificidade foi obtida ao se realizar a análise considerando como positivos somente os animais com título igual à 1/3200, no qual a sensibilidade foi de 100% e a especificidade de 74%. Ao considerarmos positivos os animais com título igual ou superior à 1/1600, a sensibilidade caiu para 50% e a especificidade ainda se manteve em 74%. Se considerarmos positivos títulos iguais ou superiores à 1/400 como no ELISA, a sensibilidade do teste SNAP 4DX® foi de 50% e a especificidade 93%. A B. burgdorferi stricto sensu (hemisfério norte) provoca reações imunológicas mais consistentes nos equinos, geralmente promovendo títulos que variam entre 1/800 à 1/6400 em sua fase aguda. Como este kit foi formulado para este subconjunto das Borrelias, provavelmente sua sensibilidade menor nos equinos nacionais advenha deste aspecto. Além disso, sabe-se que as Borrelias spp nacionais, que promovem a Doença de Lyme-Símile, são menos imunogênicas tanto em humanos quanto em animais, dificultando muito seu diagnóstico sorológico. O kit de imunoensaio SNAP 4DX® é pouco sensível para detecção de anticorpos anti-Borrelia spp nacionais, causadoras da Doença de Lyme-Símile, na maior parcela dos equinos naturalmente infectados. Porém, pode ser útil em casos agudos em que o título de anticorpos IgG seja superior à 1/1600.

Agradecimentos: Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Palavras-chave: Borreliose; lyme-simile; elisa

15. AVALIAÇÃO DO POTENCIAL ANGIOGÊNICO DO PLASMA RICO EM PLAQUETAS NO LIGAMENTO SUSPENSOR DO BOLETO DE EQUINOS

GUSTAVO GONÇALVES PARISI*1; MARIANA LOPES DA CONCEIÇAO1; VITOR HUGO SANTOS1; JAQUELINE BRANDÃO DE SOUZA1; CARLOS EDUARDO FONSECA ALVES1; JOÃO PEDRO HÜBBE PFEIFER1; MARINA LANDIM E ALVARENGA1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI1; ANA LIZ GARCIA ALVES1

1.FMVZ UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:jaquelinebrandao.s@hotmail.com

Resumo:

O plasma rico em plaquetas (PRP) consiste em uma alta concentração de plaquetas em um pequeno volume de plasma, sendo, em média, quatro vezes maior que a concentração sérica, sendo esta concentração obtida através do método de dupla centrifugação. O PRP tem sido utilizado como um catalisador no que diz respeito à cicatrização de vários tecidos, como o tecido epitelial, muscular, ósseo, tendíneo, ligamentar e condral, além de ser utilizado também para cultivos celulares, apresentando um efeito reparativo, angiogênico, aumentando a migração e diferenciação celular. Exerce seu efeito biológico através de seu rico conteúdo de fatores de crescimento. O uso deste biocomposto é destacado em cavalos atletas, já que nesses animais as lesões ligamentares são comuns e comprometem seriamente o seu desempenho. O PRP tem um custo relativamente baixo, é de fácil obtenção e uso, entretanto sua efetividade ainda é discutida. Considerando estes aspectos supracitados, este trabalho teve como objetivo avaliar os efeitos angiogênicos do PRP no tecido ligamentar in vivo, assim como mensurar a concentração de VEGF-A no PRP. O biocomposto foi processado pelo método de centrifugação dupla, com 20 mL de sangue total coletado na veia jugular em tubo de citrato de sódio a 3,8% (BD Vacutainer®), utilizando a primeira centrifugação a

300g por 5 minutos, retirando todo o plasma, sem porcentagem de descarte e desprezando o buffy coat. Em seguida foi realizada uma segunda centrifugação a 700g por 15 minutos, sendo a zona de descarte de 75%. O restante foi delicadamente homogeneizado, consistindo o PRP. A manipulação do plasma foi realizada em temperatura controlada e câmara de fluxo laminar. O PRP foi administrado no ligamento suspensor do boleto de equinos hígidos que foram submetidos a avaliações ultrassonográficas e de Power Doppler, realizadas nos primeiros sete dias após o tratamento e semanalmente até a biópsia. O histopatológico foi realizado de amostras ligamentares através de biópsia, 30 dias após a aplicação do PRP, para verificação da formação de neovasos. O PRP obteve uma quantidade significativamente maior de VEGF-A em 25% das amostras ($p<0,05$), observado no teste de ELISA, quando comparado ao plasma não processado. O exame histopatológico mostrou um número consideravelmente maior de vasos sanguíneos nas lâminas feitas a partir do ligamento do grupo tratado quando comparado ao controle. Observamos que o PRP é um biomaterial capaz de estimular a neovascularização, sendo portanto, um bom catalisador para a reparação do ligamento suspensor do boleto, mostrando-se uma alternativa viável para o tratamento de desmites no ligamento avaliado. Este trabalho foi aprovado pela Comissão de Ética no Uso de Animais (CEUA) da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da UNESP (Protocolo 19/2015) de Botucatu.

Palavras-chave: Plasma rico em plaquetas; equinos; fatores de crescimento

16. AVALIAÇÃO DOS EFEITOS ANTI-INFLAMATORIOS E ANTI-CATABOLICOS DO SORO AUTOLOGO CONDICIONADO NO TRATAMENTO CLINICO DE OSTEOARTRITES EM EQUINOS ATLETAS

JULIANA JUNQUEIRA MOREIRA*1; CYNTHIA DO PRADO VENDRUSCULO1; PATRICIA MONACO BROSSI1; HENRIQUE MACEDO NEUENSCHWANDER1; JOICE FÜLBER1; SARAH RAPHAELA TORQUATO SEIDEL1; FERNANDA RODRIGUES AGRESTE1; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1

1.UNIVERSIDADE DE SAO PAULO, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:baccarin@usp.br

Resumo:

A osteoartrite (OA) é o tipo de doença articular mais comum em humanos e equinos e causa mais frequente de claudicação, podendo levar a aposentadoria precoce dos animais acometidos. Atualmente, nenhuma terapia é totalmente eficaz no controle da cascata inflamatória e dos eventos catabólicos gerados pelas citocinas pró-inflamatórias, tampouco conseguem regenerar a cartilagem articular, comprometendo a função da articulação quando o animal retorna ao exercício. O soro autólogo condicionado (ACS), comercializado como Orthokine®, IRAP I® e II®, é um hemoderivado capaz de inibir a ação da interleucina-1 (IL-1), principal citocina inflamatória articular, uma vez que concentra grande quantidade do inibidor de receptor de IL-1 (IL-1ra), além de alguns fatores de crescimento. O objetivo deste estudo foi avaliar a resposta clínica e a ação anti-inflamatória e anti-catabólica do IRAP II® em articulações sinoviais equinas com OA. Foram tratadas sete articulações metacarpo ou metatarsofalangeanas de equinos atletas, praticantes de salto, concurso completo de equitação e adestramento, e que apresentavam claudicação. A OA foi confirmada com exames ultrassonográficos, radiológicos e com bloqueio intra-articular (IA), analisado com o aparelho Lameness Locator®. Cada animal recebeu três aplicações IA de 4 ml a cada 15 dias de IRAP II. Liquido sinovial (LS) foi coletado previamente ao bloqueio IA (D0), antes de cada tratamento (D15, D30) e 15 após o término (D45) para realização da contagem celular total, quantificação da prostaglandina E2 (PGE2), condroitim sulfato (CS) e ácido hialurônico (concentração e peso molecular). O exame ultrassonográfico ocorreu antes (D0) e ao final do tratamento (D45), juntamente com a análise da claudicação. Houve melhora da claudicação em todos os animais ao final do período de observação ($p<0,05$). Em todos os animais observou-se melhora significativa do escore relacionado ás imagens ultrassonográficas ($p<0,05$) com menor distensão da cápsula articular, diminuição da quantidade de LS e membrana sinovial demonstrando uma melhora da capsulite e sinovite associadas ao processo de OA, porém sem alterações da parte óssea e cartilagínea. Observou-se também redução na contagem celular em D45 ($p<0,05$), embora as concentrações de PGE2 não tenham apresentado alterações, corroborando com a literatura. As concentrações de CS diminuíram em relação ao início do tratamento, demonstrado diminuição do catabolismo da matriz cartilagínea ($P<0,05$). Não houveram alterações significativas nas concentrações e pesos moleculares do ácido hialurônico. O IRAP II® demonstrou ser eficiente na promoção da melhora clinica e ultrassonográfica

das articulações tratadas. Ainda, foi capaz de controlar a perda de CS decorrente do catabolismo cartilagíneo e o processo de sinovite e capsulite, apesar de não ter demonstrado ação sobre a inibição da produção de PGE2.

Palavras-chave: Cavalo; irap ii; liquido sinovial

17. AVALIAÇÃO DOS EFEITOS INFLAMATÓRIO E OXIDANTE DO OZÔNIO MEDICINAL EM ARTICULAÇÕES SINOVIAIS DE EQUINOS HÍGIDOS

CYNTHIA DO PRADO VENDRUSCULO*1; JULIANA JUNQUEIRA MOREIRA1; SARAH RAPHAELA TORQUATO SEIDEL1; JOICE FÜLBER1; HENRIQUE MACEDO NEUENSCHWANDER1; FERNANDA RODRIGUES AGRESTE1; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1

1.FMVZ-USP, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:cpvendruscolo@usp.br

Resumo:

A ozonioterapia consiste na aplicação de ozônio medicinal, mistura de ozônio e oxigênio (O2) que, por meio das espécies reativas de oxigênio e produtos de lipoperoxidação, exerce diversos efeitos no organismo como melhora da oxigenação e metabolismo dos tecidos, angiogênese, aumento dos mecanismos antioxidantes, melhora do sistema imune, efeito anti-inflamatório, entre outros. Esta modalidade terapêutica já é amplamente estudada na medicina humana e vem sendo aplicada na medicina esportiva equina no tratamento de osteoartrite, porém sem estudos expressivos que comprovem sua segurança e eficácia. O objetivo deste estudo foi analisar os efeitos inflamatório e oxidante do ozônio medicinal em articulações sinoviais de equinos hígidos. Foram utilizadas 24 articulações tibiotársicas distribuídas aleatoriamente em três grupos. Os grupos tratados receberam três aplicações semanais de 15 ml de ozônio medicinal na concentração de 20 (GA) e 40 µg/ml (GB), totalizando 10 aplicações. Já no grupo controle as articulações receberam três aplicações semanais de 15 ml de O2 (GC), também no total de 10 aplicações. Foram realizados exames físico, de claudicação, com o aparelho Lameness Locator® e ultrassonográfico. Líquido sinovial (LS) foi coletado para realização da contagem total de células nucleadas e quantificação de proteína total, prostaglandina E2, Substância P, interleucina-1, interleucina-6, interleucina-10, fator de necrose tumoral-α, condroitim sulfato e ácido hialurônico (concentração e peso molecular). A atividade da superóxido desmutase (SOD) e o burst oxidativo foram determinados para avaliar o potencial antioxidante. Houve aumento de temperatura em ambos os grupos tratados. Os animais de GB apresentaram claudicação mais intensa em relação aos demais grupos, provavelmente devido a maior dose de O3 utilizada. Aumento dos escores ultrassonográficos ocorreu em todos os grupos, mas diminuíram rapidamente em GA, provavelmente devido a menor concentração de O3 aplicada. Em relação à GC, a contagem celular do LS aumentou tanto em GA quanto em GB, sendo observado maior porcentual de polimorfonucleares em GB. Houve aumento da concentração de proteína em ambos os grupos tratados, provavelmente devido a vasodilatação ocasionada pelo O3. Maior atividade da SOD e do índice de ativação foram observados em GA, corroborando com a literatura que o O3 na dosagem 20 µg/ml aumenta a capacidade antioxidante articular e promove maior ativação dos neutrófilos. A concentração de ácido hialurônico diminuiu em todos os grupos, mas não houve alteração significativa no tamanho da molécula. As concentrações de condroitim sulfato diminuíram nos grupos GB e GC. Não houve diferença nas concentrações de PGE2, substância P, IL-1, IL-6, IL-10 e TNF-α. Conclui-se que a aplicação intra-articular de ozônio medicinal em equinos é segura em ambas as doses, e que experimentos devem ser realizados utilizando animais com diferentes doenças articulares, para que os benefícios da ozonioterapia sejam evidenciados e compreendidos.

Palavras-chave: Cavalo; interleucina; líquido sinovial

18. AVALIAÇÃO DOS NÍVEIS DE HORMÔNIOS TIREOIDIANOS EM RELAÇÃO A MATURIDADE EM POTROS NO PÓS-PARTO IMEDIATO

VITÓRIA MÜLLER*1; LUCIANA DE ARAUJO BORBA1; LORENA SOARES FEIJÓ1; BRUNA DOS SANTOS SUÑE MORAES1; ALICE CORREA SANTOS1; BRUNA DA ROSA CURCIO1; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RS, BRASIL.

e-mail:mullervitoria@hotmail.com

Resumo:

A tri-iodotironina (T3) e a tiroxina (T4) são hormônios tireoidianos fundamentais para o crescimento e maturação fetal em diversas espécies. No momento do nascimento, quando o potro é exposto ao ambiente extrauterino, este aumenta a produção de T3 que, assim como a T4, se mantém elevada durante as duas primeiras semanas de vida, desempenhando um papel fundamental na manutenção da termogênese. A literatura apresenta resultados divergentes em relação aos níveis de T3 e T4 em potros prematuros nas primeiras horas de vida e pouco se sabe sobre os níveis destes hormônios em potros classificados como dismaturos. Este trabalho tem como objetivo avaliar os níveis totais e livres de T3 e T4 em potros nascidos a termo, prematuros e dismaturos no pós-parto imediato. Para a realização deste estudo foram utilizados potros provenientes de 28 éguas submetidas a outros experimentos e pertencentes ao Centro de Ensino e Experimentação em Equinocultura da Palma (CEEEP) da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Todos os partos foram espontâneos e acompanhados, sendo auxiliados quando necessário. O tempo de gestação foi calculado a partir da data de ovulação das éguas e os potros foram divididos em três grupos: Termo (n=11), composto por potros que nasceram após os 320 dias de gestação; Prematuros (n=10), composto com potros que nasceram antes dos 320 dias de gestação e com sinais de prematuridade; Dismaturos (n=7), composto por potros que nasceram após os 320 dias de gestação, contudo, apresentaram sinais de prematuridade. Imediatamente após o nascimento, foram realizadas colheitas de sangue para a obtenção de soro e, posteriormente, foi realizada a quantificação da fração total (TT3) e livre (fT3) de tri-iodotironina, assim como da fração total (TT4) e livre (fT4) de tiroxina por ELISA. Foi realizada a estatística descritiva e os resultados foram expressos como Média±DP. A normalidade dos dados foi verificada através do teste de Shapiro-Wilk, foi realizada análise de variância e, posteriormente, foi realizado o teste de Tukey para a variável fT4 ao nível de 5% de probabilidade. As concentrações de TT3 para os grupos Termo, Prematuros e Dismaturos foram de 8.4±3.2 ng/mL; 5.2±2.8 ng/mL; 8.0±3.1 ng/mL, enquanto que para fT3 foram de 8.3±3.6 pg/mL; 4.9±2.5 pg/mL; 8.1±4.4 pg/mL, respectivamente. Em relação as concentrações de TT4 mensurada em cada grupo, estas foram de 23.9±7.1 µg/dL; 21.7±3.5 µg/dL; 24.0±4.0 µg/dL, enquanto que para fT4 foram de 3.1±1.2 ng/dL; 1.9±0.7 ng/dL; 3.0±0.8 ng/dL, respectivamente. Os valores de TT3, fT3 e TT4 não diferiram entre os grupos. A concentração de fT4 foi inferior ($p<0.05$) nos potros prematuros quando comparada com a dos potros nascidos a termo, enquanto que o grupo de potros dismaturos não diferiu dos outros grupos. A mensuração de T3 e de T4 nas primeiras horas de vida auxilia no diagnóstico de hipotireoidismo em potros, sendo mais indicada a mensuração da fração livre por estar em equilíbrio com a concentração celular. Em potros prematuros, a fT4 foi menor do que em potros a termo, como já observado em outros estudos. Uma das possíveis causas destes baixos níveis de T4 é a presença de distúrbios placentários que cursem com alteração na permeabilidade da placenta, comprometendo assim a transferência de T4 para o feto. Como conclusão, potros nascidos a termo, prematuros e dismaturos apresentam níveis semelhantes de TT3, fT3 e TT4 imediatamente após o nascimento, enquanto que os potros prematuros apresentam níveis inferiores de fT4 em relação aos outros grupos.

Agradecimentos: À CAPES, CNPq e FAPERGS pelo incentivo à pesquisa, ao Dr. Ramiro Toribio e The Ohio State University pelo suporte científico.

Palavras-chave: Potros; prematuros; dismaturos

19. AVALIAÇÃO HISTOQUÍMICA DE PROCESSOS DEGENERATIVOS TENDINOSOS, LIGAMENTARES E DE CARTILAGEM ARTICULAR DE EQUINOS

GRASIELA DE BASTIANI*1; FLÁVIO DE LA CÔRTE1; KARIN ÉRICA BRASS1; CAMILA CANTARELLI1; STEFANO LEITE DAU1; TAIARA MÜLLER DA SILVA1; GLÁUCIA DENISE KOMMERS1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA, RS, BRASIL.

e-mail: GRASIBAGE@HOTMAIL.COM

Resumo:

O processo reparativo de tendões e ligamentos é composto por diferentes fases como: inflamação, neovascularização, proliferação, granulação e fibrose tecidual. O objetivo do presente estudo, é de caracterizar a diferenciação do colágeno tipo I em colágeno tipo III e, a presença de tecido conjuntivo no processo de reparação tendinosa e ligamentosa por meio, de colorações especiais. Processos degenerativos cartilaginosos são descritos pela fibrilação e eburnação da cartilagem articular, mas se demostra que a regeneração da mesma não ocorre devido à perda de suas camadas e de sua matriz proteoglicana. Após avaliação ultrassonográfica da articulação metacarpofalangeana de 37 membros torácicos equinos, amostras de tendões, ligamentos e cartilagem articular anormais foram dissecadas para estudo anatomopatológico. Alterações como ecogenicidade, forma, tamanho, arquitetura, cor e achados histológicos como fibroplasia, colagenólise, metaplasia cartilaginosa em tendões e ligamentos; fibrilação e eburnação de cartilagem articular foram critérios de seleção das estruturas para a elaboração das colorações especiais. Técnicas histoquímicas como Tricrômico de Masson (TM), Picrosírius Red (PR) e Alcian Blue (AB) foram aplicadas em espécimes de tendão flexor digital profundo (n=5), de tendão flexor digital superficial (n=3); ligamento suspensório (n=1), ligamento anular palmar (n=2), ligamentos colaterais medial e lateral (n=2), cartilagem articular (n=6). Observou-se alterações nos tendões e ligamentos que variaram de fibroplasia, colagenólise, infiltrados linfohistioplasmocítico e metaplasia cartilaginosa. Na histoquímica estas alterações correspondem ao acúmulo de tecido conjuntivo corado em azul (TM), a predominância de colágeno tipo III corado em verde claro devido a sua birrefringência (PR) associado à perda de paralelismo das fibras colágenas. A Técnica de Alcian Blue em cartilagens articulares demonstra uma coloração que varia de um azul extremamente claro em porções onde se evidencia a fibrilação até a exposição do osso subcondral. Esta baixa marcação do AB pode estar associada a perda de matriz proteoglicana. A deposição de tecido conjuntivo cicatricial em tendões e ligamentos pode ser identificada pelo TM que se expressa em uma marcação em azul. Porém, as fibras colágenas não podem ser distinguidas através desta técnica. Em contrapartida, a técnica de PR contribui para a diferenciação de colágeno tipo I (variação de vermelho a laranja) e tipo III (variação de verde claro a escuro) devido ao reforço de birrefringência, ao paralelismo das fibras colágenas tendinosas e ao arranjo em onda das fibras ligamentares. A utilização destas técnicas de histoquímica demonstra que fibroplasia, colagenólise e metaplasia cartilaginosa de tendões e ligamentos também são caracterizadas pela deposição de tecido conjuntivo, presença de grande quantidade de colágeno tipo III e perda de paralelismo das fibras colágenas. Foi verificado também que, em processos de degenerações cartilaginosas onde ocorre a perda das camadas articulares, consequentemente também se observa a marcação decrescente da matriz proteoglicana.

Palavras-chave: Histoquímica; tendões; ligamentos

20. CARACTERIZAÇÃO DOS DESEQUILÍBRIOS ÁCIDO BASE E ELETROLÍTICOS EM EQUINOS COM SÍNDROME CÓLICA ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA – RESULTADOS PRELIMINARES

LUCAS VINÍCIUS DE OLIVEIRA FERREIRA*1; BRUNO AMBROZINI1; LUCAS MONTEIRO DO CARMO1; KARINA KELLER FLAIBAN1; PRISCILLA FAJARDO PEREIRA1

1.UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, LONDRINA, PR, BRASIL.

e-mail:lucasvini00@hotmail.com

Resumo:

A hemogasometria é fundamental para a avaliação dos desequilíbrios ácido base e eletrolíticos que ocorrem em equinos com síndrome cólica. O objetivo deste trabalho foi estudar os principais desequilíbrios ácido base e eletrolíticos dos equinos com síndrome cólica, atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Estadual de

Londrina (HV-UEL). Foram revistas 55 fichas clínicas de equinos com síndrome cólica atendidos no ambulatório de grandes animais do HV-UEL em um período de 6 anos (janeiro de 2010 a dezembro de 2016). Foram selecionadas 40 fichas em que o exame hemogasométrico foi realizado no início do atendimento do animal, antes de qualquer providência terapêutica. Os dados coletados foram tipo de tratamento (médico ou cirúrgico), evolução dos casos (alta e óbito) e resultados de pH, BE e bicarbonato, concentrações de sódio (Na+), potássio (K+), cloreto (Cl-) e cálcio (Ca+2). Um estudo descritivo foi realizado, observando a distribuição das frequências (%) dos tratamentos, evoluções e cada uma das alterações. Dos 40 animais pesquisados, vinte e dois foram submetidos à terapia médica e 77,3% (n=17) evoluíram para alta e 22,7% (n=5) foram à óbito ou foram submetidos à eutanásia. Dezoito animais foram submetidos à terapia cirúrgica, sendo que 33,3% (n=6) tiveram boa evolução e 66,7% (n=12) evoluíram para óbito natural ou eutanásia. Os achados hemogasométricos dos animais submetidos ao tratamento médico foram: em relação ao pH, 72,73% não apresentaram alterações, 22,72% apresentaram alcalemia e 4,55% acidemia; em relação ao BE, 54,55% não apresentaram alterações, 40,9% acidose metabólica e 4,55% alcalose metabólica. Quanto aos eletrólitos, 95,45% dos animais apresentaram normonatremia e 4,55% hiponatremia; 68,2% apresentaram normocalemia e 31,8% hipocalemia; 63,64% não apresentaram alterações na concentração sérica de Cl-, 13,63% hipercloremia, 13,63% hipocloremia e em 9,1% dos animais o exame não foi realizado; e 81,8% apresentaram hipocalcemia, em 9,1% dos animais a calcemia estava dentro dos valores fisiológicos e em 9,1% o exame não foi realizado. Os achados hemogasométricos dos animais submetidos ao tratamento cirúrgico são demonstrados abaixo: em relação ao pH, 72,22% não apresentaram alterações, 22,23% acidemia e 5,55% alcalemia; em relação ao BE, 55,6% não apresentaram alterações e 44,4% acidose metabólica. Quanto aos eletrólitos, 77,78% não apresentaram alterações na concentração de Na+, 11,12% apresentaram hiponatremia, 5,55% hipernatremia e em 5,55% o exame não foi realizado; em 72,22% não apresentaram alterações na potassemia, 22,23% apresentaram hipocalemia e em 5,55% o exame não foi realizado; 61,11% dos animais não apresentaram alterações na cloremia, 16,67% hipocloremia, 5,55% hipercloremia e em 16,67% dos animais o exame não foi realizado; e 61,11% dos animais apresentaram hipocalcemia e em 38,89% não foi possível a realização deste exame. Pode-se concluir que os desequilíbrios mais frequentes nos equinos com síndrome cólica atendidos no HV-UEL foram a acidose metabólica e a hipocalcemia. Entretanto, a continuidade do estudo é necessária para a identificação estatística de condições que contribuíram para o melhor ou pior prognóstico dos equinos estudados.

Palavras-chave: Cavalo; gasometria; equilíbrio ácido base

21. COLETA DE TECIDO LAMELAR EQUINO

JOÃO PEDRO HÜBBE PFEIFER*1; VITOR HUGO SANTOS1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI1; JAQUELINE BRANDÃO DE SOUZA1; ANDRE MASSAHIRO TERAMOTO KRIECK1; JOSE CELIO DE FIGUEIREDO ROLANDI1; ANA LIZ GARCIA ALVES1

1.FMVZ-UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:pfeifer@fmvz.unesp.br

Resumo:

A laminite é uma enfermidade com alta incidência nos equinos. Atualmente os estudos que a investigam, em sua grande maioria, realizam coleta do tecido lamelar do casco para avaliar os efeitos causados pela laminite na região de adesão entre as lâminas epidérmicas e dérmicas. A coleta de tecido lamelar do casco equino é realizada de acordo com as diferentes técnicas já descritas na literatura. O objetivo desse trabalho é descrever uma alternativa rápida para coleta de biópsia do casco equino. Foi realizada a coleta no casco de 4 animais cuja causa mortis não tenha relação com alterações da região do casco. Os membros foram desarticulados na região metacarpo-falângica e higienizados com água sanitária. Após antissepsia cirúrgica, estes foram envoltos por um campo estéril, deixando acesso apenas na região dorsal da parede do casco. As regiões coletadas de cada casco foram padronizadas em: terço médio-proximal na face dorsal (D), dorso lateral (DL) e dorso medial (DM), todas aproximadamente 2 cm distal à banda coronária. A retirada dos fragmentos foi realizada utilizando uma serra-copo de 1,5 cm de diâmetro, acoplada a uma furadeira (ambas estéreis). A perfuração foi irrigada com solução fisiológica de NaCl 0,9%, para evitar o aquecimento da amostra e consequente perda da qualidade tecidual. A profundidade foi atingida de acordo com

a percepção da serra ao tocar a transição entre tecido córneo e derme, em torno de 2 cm. Subsequentemente, com a própria serra-copo os fragmentos epidérmicos foram luxados da derme com movimentos em direção proximal e distal, e então extraídos. Foi possível notar melhor análise in vitro dos fragmentos oriundos da região dorsal do casco, provavelmente pela menor angulação em que a serra-copo é posicionada, em vista da maior angulação das regiões lateral e medial. Este método mostrou-se eficaz quando utilizado para pesquisas que necessitam da rápida coleta após o óbito do animal, com subsequentes análises in vitro.

Palavras-chave: Biópsia; equinos; estojo córneo

22. COMPARAÇÃO IN VITRO DE DOIS PROTOCOLOS DE CONCENTRADO PLAQUETÁRIO EQUINO

BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI*1; IVANIO TEIXEIRA DE BORBA JUNIOR2; JAQUELINE BRANDÃO DE SOUZA1; VITOR HUGO SANTOS1; JOÃO PEDRO HÜBBE PFEIFER1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; ANDRE MASSAHIRO TERAMOTO KRIECK1; CAIO NUNES DE BARROS1; ANA LIZ GARCIA ALVES1

1.UNESP- FMVZ/ BOTUCATU- SP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.UNESP- FMVZ, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:betinhamilani@gmail.com

Resumo:

O concentrado de plaquetas (CP) é obtido a partir do processamento do plasma rico em plaquetas (PRP), considerado um subproduto derivado do plasma. A procura por produtos ricos em fatores de crescimento na medicina regenerativa está em grande expansão. Existem diversos protocolos para obtenção do PRP e seus subsequentes derivados para a medicina esportiva equina. A indicação para o uso intra-articular é grande, mas devido à reação inflamatória exacerbada, a escolha do protocolo utilizado deve ser realizada com parcimônia. Sendo assim este resumo tem como objetivo comparar os resultados de dois protocolos utilizados em medicina equina. Para esta comparação foram utilizadas 12 amostras de sangue total de 6 equinos hígidos em duplicata, sendo 6 amostras por protocolo. Protocolo 1 (P1): coleta do sangue total por venopunção em tubo de citrato de sódio 3,2%, descanso por 30 minutos em local protegido de luz, a primeira centrifugação à 300G por 5 minutos, segundo descanso por 30 minutos ao abrigo da luz, subsequente é separado o plasma do sangue total sem a camada de leucócitos (buffy-coat), segunda centrifugação por 700G a 15 minutos, e após o terceiro descanso de 40 minutos é descartado 75% do plasma pobre em plaquetas (PPP), o restante é homogeneizado e obtêm o CP. Protocolo 2 (P2): Coletado o sague total por venopunção em tubo de citrato de sódio 3,2%, centrifugação à 450G por 10 minutos, foi separado o plasma e realizada a segunda centrifugação a 2800G por 15 minutos. Após formar o botão plaquetário, foi descartado 75% do PPP e homogeneizado. Os resultados foram: Animal 1) Valor basal das plaquetas: 177.000/µL, P1 Plaquetas: 459.000/µL / Leucócitos: 8.500/µL, P2 Plaquetas: 457.025/ µL / Leucócitos: 600/µL; Animal 2) Valor basal das plaquetas: 183.000/µL, P1 Plaquetas: 457.175/µL / Leucócitos: 12.100/µl, P2 Plaquetas: 875.125/µL / Leucócitos: 9.700/µL; Animal 3) Valor basal das plaquetas: 252.500/µL, P1 Plaquetas: 823.150/µL / Leucócitos: 9.700/µL, P2 Plaquetas: 646.400/µL / Leucócitos: 7.400/µL; Animal 4) Valor basal das plaquetas: 250.000/µL P1 Plaquetas: 901.425/µL / Leucócitos: 13.900/µL, P2 Plaquetas: 633.775/µL / Leucócitos: 12.000/µL; Animal 5) Valor basal das plaquetas: 103.525/µL, P1 Plaquetas: 373.700/µL / Leucócitos: 23.700/µL, P2 Plaquetas: 376.225 025/µL / Leucócitos: 8900/µL; Animal 6) Valor basal das plaquetas: 154.025/µL, P1 Plaquetas: 664.075/µL / leucócitos: 25.900/µL, P2 Plaquetas: 585.800/µL / Leucócitos: 100/µL.O protocolo 1 teve como resultado a média de 15633 leucócitos/µL, correspondendo a 2,89% da celularidade total do concentrado plaquetário. Já o protocolo 2 obteve 6600 leucócitos/µL, que correspondem a 1,14% da celularidade final. Após contagem manual de células (leucócitos e plaquetas) em câmara de Neubauer e análise das médias e dos percentuais relativos, os resultados mostraram que os dois protocolos foram eficientes em concentrar plaquetas. No entanto, o protocolo 1 obteve maior concentração leucocitária. Os resultados demonstraram a eficiência de ambos os protocolos em concentrar plaquetas. No entanto, o protocolo 2 apresentou percentual leucocitário menor, tornando-se mais adequado ao uso e aplicação intra-articular em equinos, visto que a alta porcentagem leucocitária é desfavorável à regeneração do ambiente articular.

Palavras-chave: Equinos; medicina regenerativa; plaquetas

23. CONCENTRAÇÃO SÉRICA DA PROTEÍNA TOTAL, GLOBULINA TOTAL, GAMAGLOBULINA E IGG TOTAL DE POTROS NO NASCIMENTO AOS TRINTA DIAS DE VIDA

CAMPO AMOR VIEIRA DA CUNHA NETO*1; DIEGO JOSE ZANZARINI DELFIOL2; ALEXANDRE SECORUN BORGES1

1.FMVZ/UNESP DE BOTUCATU SP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.FAMEV/UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLANDIA, MG, BRASIL.

e-mail:campoamor_vieira@hotmail.com

Resumo:

Devido a placentação epiteliocorial das éguas, os potros são dependentes das imunoglobulinas colostrais. O diagnóstico de falha de transferência de imunidade passiva pode ser realizado de forma direta com imunoensaio enzimático (ELISA). Os níveis séricos de proteína total (PT), globulina total (GT) e fração gamaglobulina possuem alta correlação com níveis séricos de IgG e são utilizados com métodos auxiliares para estimar indiretamente a concentração de IgG. O objetivo deste trabalho de foi avaliar a concentração sérica de IgG de potros do nascimento aos trinta dias de vida, antes e após mamarem colostro e serem tratados com plasma hiperimune, além de verificar a correlação entre os níveis séricos de IgG e frações proteicas. Foram utilizadas amostras de sangue de 20 potros da raça Puro Sangue Inglês colhidas em cinco momentos: M1, logo após o nascimento e previamente a ingestão de colostro; M2, 10 h de vida; M3, 24 horas de vida (previamente administração do plasma); M4, 48 horas de vida (24 horas após receberem 1 litro de plasma hiperimune) e M5 com 30 dias de vida. A concentração sérica de PT e albumina (bioquímica sérica); fração gamaglobulina (eletroforese) e a IgG (sanduiche ELISA) foram avaliadas. A média e desvio padrão da concentração sérica de IgG dos potros ao nascer, foi de 15±8 mg/dL, com dez horas de vida foi de 2.408±608 mg/dL, se mantiveram em níveis semelhantes até 48 horas (2.364±784 mg/dL) e diminuíram significativamente aos 30 dias (1.414±586 mg/dL). Houve correlação positiva entre as concentrações séricas de IgG e PT (r=0,76), GT (r=0,81) e gamaglobulina (r=0,85). No M2, tanto os níveis séricos de IgG quanto da fração γ-globulina dos potros já estavam em valores máximos e não diferiram dos valores encontrados em M3 e M4. Não houve diferença significativa das concentrações de gamaglobulina e IgG séricas dos potros no M4 quando comparado com M3, ou seja, antes e após receberem o plasma. O plasma hiperimune não foi suficiente para aumentar significativamente os níveis de IgG dos potros em 24 horas pós transfusão. A proteína total, globulinas totais e fração γ-globulina apresentam boa correlação com IgG. Dez horas pós nascimento já é possível verificar se houve transferência de imunidade passiva, possibilitando adotar medidas profiláticas e/ou terapêuticas quando necessário.

Palavras-chave: Potros; imunidade passiva; plasma hiperimune

24. CULTURA DE QUERATINÓCITOS LAMELARES DE EQUINOS

JOÃO PEDRO HÜBBE PFEIFER*1; VITOR HUGO SANTOS1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI1; JAQUELINE BRANDÃO DE SOUZA1; ANDRE MASSAHIRO TERAMOTO KRIECK1; ELENICE DEFFUNE2; ANA LIZ GARCIA ALVES1

1.FMVZ-UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.FMB-UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:pfeifer@fmvz.unesp.br

Resumo:

Laminite é uma enfermidade grave que atinge os equinos, inicialmente com alterações na circulação digital, seguido por reação hiperêmica e lesões de reperfusão que resultam na perda do estojo córneo (casco) devido à hipóxia e consequente necrose do tecido laminar, o que muitas vezes resulta em eutanásia destes animais. Um dos principais fatores de lesão laminar é a alteração do citoesqueleto dos queratinócitos, devido à diminuição de hemidesmossomos nas células epiteliais da lâmina basal, evidenciada no início da claudicação. A progressão das

alterações histopatológicas na região lamelar do casco, em derme e epiderme, quando a matriz do casco não está envolvida, as alterações restringem-se à epiderme. Este trabalho realizou a cultura de queratinócitos provenientes de lâminas epidermais de casco equino, afim de padronizar a cultura de células hígidas, para uma posterior análise da cultura de células provenientes de equinos que apresentem laminite. Foram realizadas 22 culturas de amostras em cultivos primários bidimensionais sendo avaliadas pelo método de explantes, comparando dois meios de cultura. Ao 10º dia de cultura foi realizada a retirada dos explantes, procedendo com a passagem (troca da placa onde as amostras são cultivadas) das culturas onde as células foram analisadas em diferentes formas de subculturas tridimensionais (3D), em placa de poços com substrato de cola de fibrina e placa comercial de poços com insertos de membrana de colágeno. As células foram cultivadas até a segunda passagem, apresentando morfologia cubóide/ovalada - característica dos queratinócitos - e proliferação celular atingindo 80% de confluência. Com relação aos meios de culturas testados, não foi evidenciada nenhuma diferença entre as culturas. As células que foram cultivadas em placa de inserto comercial tiveram melhor expansão do que aquelas cultivadas em cola de fibrina, possivelmente devido à espessura do substrato de cola de fibrina. Com isso, verificamos de que a cultura de queratinócitos de casco equino através de explantes é uma técnica viável, e com adequações é possível realizar a subcultura nos dois substratos avaliados, tornando a pesquisa in vitro de queratinócitos de casco equino uma potencial ferramenta para verificar a eficiência da terapia regenerativa na laminite equina.

Palavras-chave: Cultura celular; equinos; lâminas epidermais

25. DESENVOLVIMENTO DE RESISTÊNCIA À INSULINA EM EQUINOS MANGALARGA MARCHADOR COM A OBESIDADE INDUZIDA

RODRIGO MARTINS RIBEIRO*1; DEBORA DA SILVA FREITAS RIBEIRO1; CAHUE FRANCISCO ROSA PAZ1; DAVI SILVEIRA DINIZ AZEVEDO1; LETICIA OLIVEIRA COTA1; ANTÔNIO CATUNDA PINHO NETO1; RAFAEL RESENDE FALEIROS1

1.UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

e-mail:vetrodrigo@msn.com

Resumo:

A resistência à insulina (RI) é o ponto central dos mecanismos fisiopatológicos da síndrome metabólica equina (SME), a grande maioria dos cavalos e pôneis afetados apresentam o quadro de obesidade generalizada e/ou regional. As técnicas para diagnosticar a RI são de alto custo e complexas, dificultando o seu uso na rotina do clínico. A identificação de métodos mais acessíveis para serem utilizados na prática clínica é imprescindível para possibilitar intervenções precoces e uma melhor avaliação e acompanhamento dos animais com essa afecção. O objetivo deste experimento foi caracterizar as alterações no perfil hormonal em equinos submetidos à dieta hipercalórica, com a finalidade de verificar e conhecer melhor o desenvolvimento da resistência à insulina equina e tentar encontrar ferramentas que possibilitem a realização de seu diagnostico precoce. Foram utilizados 9 equinos Mangalarga Marchador adultos com escore corporal (EC) médio (±DP) inicial de 2,9±1 (escala de 1-9) submetidos a dieta hipercalórica atingido um EC de 8,3±1 após 5 meses. Os dados foram coletados antes do início do experimento e com o intervalo de 15 dias até o final do experimento, os valores plasmáticos foram obtidos para mensuração das concentrações de frutosamina, glicose e insulina. Foram mensurados os proxies G:I, RISQI, HOMA-IR e o MIRG. Foi realizado o teste de baixa dose de glicose oral (TBDGO) utilizando a área total sob a curva de glicose (ATG) e insulina (ATI) em três momentos, antes da indução a obesidade, após 90 e 150 dias. Os resultados foram submetidos a análise de variância considerando-se os efeitos de tempo e as médias comparadas com medidas repetidas pelo teste de Tukey, com o valor $P \leq 0,05$. A RI foi observada nos primeiros 90 dias de experimento, se caracterizando como um quadro de RI descompensada, apresentando um aumento dos níveis plasmáticos basais de glicose, frutosamina e insulina, pelas alterações em todos os proxies e com um aumento significativo da ATG ($P<0,001$) e ATI ($P<0,05$). Contudo, ficou evidente uma compensação do quadro de RI após 150 dias de experimento, sendo demonstrado pelos dados da resposta secretória insulínica das células β do pâncreas, que se manifestou pelo aumento dos níveis plasmáticos de insulina pós jejum ou exposição à glicose gástrica com concomitante redução nos níveis de glicose e frutosamina pós-jejum e pela redução da ATG e pela marcada elevação de ATI ($P<0,0001$) no teste dinâmico. Tais

achados comprovam a ocorrência de hiperinsulinemia associada à resistência insulínica em equinos Mangalarga Marchador expostos à dieta hipercalórica.

Palavras-chave: Disfunção insulínica; cavalo; síndrome metabólica equina

26. EFEITO DA LEUCOAFÉRESE SOBRE O LEUCOGRAMA DE EQUINOS SUBMETIDOS A MODELO DE SEPSE

ALVARO DE PAULA LAGE DE OLIVEIRA*1; ODAEL SPADETO JUNIOR1; CAHUE FRANCISCO ROSA PAZ1; LETICIA OLIVEIRA COTA1; THAIRÊ PEREIRA MARÓSTICA1; RODRIGO MARTINS RIBEIRO1; PATRÍCIA DE CASTRO DUARTE1; PIERRE BARNABÉ ESCODRO2; RAFAEL RESENDE FALEIROS1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, VIÇOSA, AL, BRASIL.

e-mail:oliveira.medvet@hotmail.com

Resumo:

A aférese é o procedimento caracterizado pela separação de uma parcela do sangue de um paciente, por meio de centrifugação ou filtração, retornando os demais hemocomponentes à corrente sanguínea. De acordo com o componente removido, a aférese pode ser classificada em plasmaférese (plasma), leucaférese (leucócitos), eritrocitaférese (eritrócitos) e plaquetaférese (plaquetas) (Pinto, 2013). O objetivo dessa pesquisa foi descrever a técnica e verificar os efeitos da leucoaférese por fluxo contínuo sobre as contagens de leucócitos sanguíneos em equinos submetidos ao um modelo de síndrome da resposta inflamatória sistêmica (SIRS) pela administração gástrica de oligofrutose. Estudou-se a hipótese de que a leucoaférese de fluxo contínuo é um procedimento seguro e eficaz em reduzir a presença de células inflamatórias circulantes em equinos submetidos a um protocolo de SIRS. A metodologia experimental foi aprovada pelo Comitê de Ética Sobre Experimentação Animal da UFMG (CETEA/UFMG 281/2013). Foram utilizados seis equinos, fêmeas, sem raça definida com idade média de 10,5 ± 5 anos, pesando 381 ± 11kg. Previamente ao procedimento de separação dos leucócitos, os animais formam submetidos a um protocolo de indução de sepse. Doze horas após a indução, os equinos foram contidos em tronco e ambas as jugulares foram canuladas com cateteres 14 G. Para a separação dos leucócitos, foi utilizada uma máquina com sistema de aférese Cobe Spectra (Terumo BCT, Lakewwod USA), com kit comercial Terumo BCT WBC por sistema de coleta por fluxo contínuo com duplo acesso venoso. A separação dos leucócitos foi feita por meio de centrifugação (765 RPM), com fator de separação 500, até serem processados uma média de 16628,1 ml (± 1300ml) de sangue (a taxa de retirada foi de 75 ml por minuto), durante quatro horas (M0 a M4). Ainda, para facilitar a separação de leucócitos foi administrada, pela via de infusão, solução hidroxetilamido - HES (± 966,67 ml). O volume de sangue processado foi em média (± DP) de 16628 ml (± 275 ml), obtendo-se 682 ml (± 40 ml) de plasma concentrado em leucócitos. O procedimento de leucoaférese se mostrou eficiente em reduzir as contagens de leucócitos totais circulantes já na primeira hora, com uma redução de 18,7%. Nas contagens diferenciais, diferenças estatísticas foram detectadas apenas nos linfócitos na comparação entre M0 e M2. Entretanto, reduções numéricas foram observadas em todos os tipos de leucócitos, como 31% de neutrófilos, 59% de linfócitos, 43,5% de monócitos e a remoção completa de bastonetes. Em conclusão, confirma-se a hipótese de que a leucoaférese de fluxo contínuo é um procedimento seguro e eficaz em reduzir a presença de células inflamatórias circulantes em equinos submetidos a um protocolo de sepse.

Palavras-chave: Laminite; tratamento; leucócitos

27. EFEITO DA SEDAÇÃO COM XILAZINA E BUTORFANOL NA CLAUDICAÇÃO INDUZIDA NOS MEMBROS PÉLVICOS EM EQUINOS

ANTÔNIO ALCEMAR BECK JÚNIOR*1; STEFANO LEITE DAU1; FLÁVIO DE LA CÔRTE1; KARIN ÉRICA BRASS1; BIBIANA

BRAGA LUBINI1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA, RS, BRASIL.

e-mail:antonioabj.vet@gmail.com

Resumo:

A contenção química é uma prática comum na medicina de equinos, pois possibilita a realização de diferentes procedimentos com o animal em estação, diminuindo assim seus riscos ocupacionais inerentes. Um dos protocolos mais utilizados para a realização de bloqueios anestésicos dos membros pélvicos (MPs) é a combinação de fármacos agonistas alfa-2 adrenérgicos com opióides. O objetivo do presente estudo foi investigar a possível interferência da sedação com cloridrato de xilazina 10% (0,3 mg/kg) (G1), isoladamente ou associado ao tartarato de butorfanol (0,01 mg/kg) (G2), na claudicação induzida no membro pélvico de cavalos sadios por meio de braçadeiras de aço inoxidável. Seis equinos (quatro fêmeas e dois machos) com idade média de 14,5 ± 3,83 anos e peso corporal de 496 ± 42,42 kg, das raças Brasileiro de Hipismo (n=4) e SRD (n=2) de diferentes disciplinas esportivas foram utilizados. Os animais foram equipados com sensores inercias sem fio (Lameness Locator®) para avaliação objetiva antes e após a indução da claudicação, assim como para analisar sua resposta aos tratamentos. As braçadeiras foram aplicadas e apertadas de maneira a gerar uma claudicação consistente ao trote em linha reta no exame visual (grau III na escala da AAEP) e valores médios de altura máxima (DIFFMAX) de 9,87±5,4 mm (G1) e 8,82±1,74 mm (G2) e altura mínima (DIFFMIN) da pelve de 8,55±3,45 mm (G1) e 7,36±2,07 (G2). Os animais foram aleatoriamente submetidos a ambos os tratamentos, em um modelo crossover, onde cada o cavalo era controle de si mesmo, respeitando-se um intervalo mínimo de 48 horas entre cada tratamento. A avaliação objetiva foi realizada com os animais conduzidos ao trote, em linha reta e em piso de areia, de forma que fossem obtidos no mínimo 25 passos. Os cavalos foram avaliados em quatro momentos: intensidade da claudicação pré-sedação (M0), 20 (M2), 30 (M3) e 40 minutos (M4) após o tratamento. A resposta à sedação foi avaliada através do percentual de mudança (Δ%) na intensidade da claudicação induzida. Pelo teste Two-way ANOVA seguido do teste de Bonferoni para comparação das médias não se observou diferença do Δ% entre os tratamentos nos momentos avaliados ($p>0,05$). Uma mudança do DIFFMAX de 15,43% (±11,22), 18,14% (±20,85) e 33,98% (±23,68) foi constatada nos M2, M3 e M4 no G1, e valores de 26,42% (±31), 21,62% (±26,38) e 41,66% (±45,11) foram verificados para o G2 nos mesmos momentos. O DIFFMIN apresentou uma variação de 5,37% (±8,97) (M2), 4,60% (±10,07) (M3) e 4,31% (±7,05) (M4) no G1, e valores de 8,68% (±9,07), 14,14% (±12,77) e 9,32% (±12,79) para os mesmos tempos no G2. Os resultados deste estudo não corroboram a hipótese de interferência da sedação na intensidade da claudicação induzida no casco por até 40 minutos, nem apresentaram diferença entre si. Assim, a utilização de cloridrato de xilazina e tartarato de butorfanol nas doses testadas possivelmente não influenciarão na avaliação das respostas dos bloqueios perineurais e articulares dos MPs.

Palavras-chave: Agonista alfa-2 adrenérgico; claudicação induzida; lameness locator

28. ELASTOGRAFIA ACOUSTIC RADIATION FORCE IMPULSE (ARFI) DO TENDÃO FLEXOR DIGITAL SUPERFICIAL DE EQUINOS

NARA SARAIVA BERNARDI*1; MICHELLE LOPES AVANTE1; ANA PAULA RODRIGUES SIMÕES1; RICARDO ANDRES RAMIREZ USCATEGUI1; KAMILA GRAVENA1; VINICIUS ATHAYDES CANELLO1; DANIELA JUNQUEIRA DE QUEIROZ1; KARINA CALCIOLARI1; MARCUS ANTONIO ROSSI FELICIANO1; JOSÉ CORRÊA DE LACERDA NETO1

1.UNESP JABOTICABAL, JABOTICABAL, SP, BRASIL.

e-mail:nara.sb@gmail.com

Resumo:

Introdução: A elastografia ARFI (Acoustic Radiation Force Impulse) é uma técnica de imagem por ultrassom capaz de avaliar qualitativa e quantitativamente a rigidez tecidual, tendo potencial uso na avaliação das estruturas

musculotendíneas. Não existe até o momento aplicação dessa técnica aos tendões e ligamentos de equinos. Objetivos: Objetivou-se avaliar a rigidez dos tendões flexores digitais superficiais (TFDS) em equinos hígidos por meio da elastografia ARFI, determinando os padrões quantitativos (velocidade de cisalhamento) ainda não descritos para a espécie em questão. Material e métodos: utilizou-se 24 animais, dos quais se avaliaram ambos os membros torácicos. Após a realização de exames prévios e verificada a ausência de afecções locomotoras, estes foram submetidos ao exame ultrassonográfico convencional e elastografia (método ARFI quantitativo) dos tendões flexores digitais superficiais dos membros torácicos, em diferentes regiões anatômicas. Optou-se realizar as avaliações elastográficas com os animais em posição quadrupedal e os membros apoiados no solo Para estudo ultrassonográfico, a região metacarpiana deve ser dividida em sete zonas, tomando como base a distância entre o carpo e a articulação metacarpofalângica. Neste estudo foram avaliadas as seis zonas (1A, 1B, 2A, 2B, 3A e 3B) no corte transversal, e subsequentemente, para avaliação com o transdutor em posição longitudinal, o membro foi dividido em três regiões (proximal, média e distal). O delineamento experimental foi inteiramente casualizado e utilizou-se nível de significância de 5% para todos os testes realizados. Resultados: Ao elastograma, os TFDSs apresentaram-se homogêneos e rígidos, de coloração avermelhada e não deformáveis. A velocidade de cisalhamento do TFDS não diferiu entre as regiões nos cortes transversais (1A: 7,8±0,5 m/s; 1B: 7,8±0,4 m/s; 2A: 7,9±0,5 m/s; 2B: 7,8±0,4 m/s; 3A: 7,9±0,5 m/s; 3B: 7,7±0,6 m/s). Para os cortes longitudinais, a região proximal do TFDS apresentou maior rigidez do que a região distal (Prox: 7,95±0,49 m/s; Média: 7,77±0,45 m/s; Distal: 7,72±0,54 m/s). Também não foram encontradas diferenças entre os membros (esquerdo ou direito). Discussão: A elastografia ARFI demonstrou-se como método apropriado para avaliar o TFDS dos membros torácicos de equinos. Os exames foram realizados com praticidade e alta reprodutibilidade, e possibilitou a determinação de características qualiquantitativas da rigidez tecidual do TFDS. O TFDS mostrou-se homogeneamente rígido nos cortes transversais, porém mais rígido na região proximal quando avaliado em corte longitudinal, dados semelhantes são encontrados quando se avalia a ecogenicidade do TFDS. A técnica foi realizada com sucesso e os resultados obtidos foram alcançados sem dificuldades. A potencial relevância deste trabalho se deve a sua futura aplicação no diagnóstico e acompanhamento das lesões tendíneas. Conclusão: A elastografia ARFI é uma técnica de imagem simples e não invasiva que demonstrou ser aplicável e reprodutível para avaliação dos tendões flexores digitais superficiais dos membros torácicos de equinos saudáveis tendo potencial para ser uma importante ferramenta futura no diagnóstico precoce de lesões tendíneas.

Palavras-chave: Cavalos; ultrassonografia; tendinite

29. ESTUDO DA COMPOSIÇÃO MICOLÓGICA DE DOIS TIPOS DE CAMAS UTILIZADAS PARA FORRAÇÃO DE BAIAS DE EQUINOS E SUA RELAÇÃO COM O DESENVOLVIMENTO DE AFECÇÕES RESPIRATÓRIAS ALÉRGICAS

KARINA CALCIOLARI*1; KAMILA GRAVENA1; VINICIUS ATHAYDES CANELLO1; NARA SARAIVA BERNARDI1; DANIELA JUNQUEIRA DE QUEIROZ1; JOSÉ CORRÊA DE LACERDA NETO1

1.FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E VETERINÁRIAS- UNESP JABOTICABAL, JABOTICABAL, SP, BRASIL.

e-mail:karinaveterinaria@yahoo.com

Resumo:

Dentre as inúmeras causas que levam a queda de desempenho e afastamento dos equinos do esporte, estão as afecções do sistema respiratório, as quais ficam somente atrás de desordens musculoesqueléticas. Relata-se que um dos agentes predisponentes a essas afecções é a exposição a alérgenos como esporos de fungos (Fusarium, Aspergylus e Penicilliun) presente no ar, feno ou cama das cocheiras. Nesse intuito esse trabalho teve como objetivo estudar a flora fúngica de dois tipos diferentes de cama utilizados como forração de baias de equinos e possíveis diferenças no desenvolvimento de irritações respiratórias. Materiais e métodos: Foram utilizados 10 equinos, machos ou femeas, com idade de 14,5 ± 4,5 anos, estabulados por 45 dias sendo divididos em dois grupos utilizando camas diferentes: maravalha autoclavada de pinus comercial (MA) e material formado por madeiras diversas provenientes de serrarias (SE). Ambos grupos receberam o mesmo concentrado comercial peletizado assim como feno pré-secado de tifton. Realizou-se análise das amostras das camas a partir do método do papel filtro umedecido utilizado

para sementes. Fungos que se desenvolveram sobre as partículas de cama após a incubação, foram coletados e analisados em microscópio óptico mediante o uso do corante lactofenol azul-algodão. Os equinos foram observados quanto ao aparecimento de sinais de irritação das vias aéreas: espirros, tosse, coriza e frequencia respiratória os quais foram associados a notas e resultando em escores: leve, moderada e grave. A estimativa de incidência dos fungos e escores foram analisados pelo teste de Kruskal-Wallis, com valores de p iguais ou inferiores a 0,05 ($p \leq 0,05$). Resultados e Discussão: Diversos gêneros fungicos foram observados sobre as amostras sendo que a cama MA apresentou maior porcentagem de Cladosporium (5,6±4,2), Curvolaria (1,0±1,7), Helminthosporium (1,0±1,0), Fusarium (0,2±0,4) comparado a cama SE: Cladosporium (0,4±0,9), Curvolaria (0,4±0,5), Helminthosporium (0,2±0,4), Fusarium (0,0). O gênero Aspergylus, que é um dos fungos mais incriminados pela sintomatologia clínica de doenças respiratórias de origem alérgica, não foi observado. Apesar da cama MA ser autoclavada observou-se a presença de fungos, dentre eles alguns patogênicos como o Fusarium e em maior porcentagem do que na cama SE, podendo esse fato estar associado a contaminação durante o transporte e armazenamento. Apesar da cama MA apresentar maior porcentagem de gêneros fúngicos, apenas um animal estabulado neste tipo de cama apresentou sintomas leves de irritação das vias aéreas superiores, em contrapartida na cama SE, dois animais apresentaram sintomas respiratórios de moderado à grave. Especula-se que tais sintomas possam estar relacionados a maior capacidade da cama SE em dispersar partículas respiráveis deixando o ar da baia mais propício a desenvolver irritação das vias aéreas. Conclusão: O desenvolvimento de respostas irritativas e alérgicas do sistema respiratório de equinos está relacionado a diversos fatores intrinsecos ao manejo ao qual são submetidos. A caracterização micológica das camas utilizada nesse trabalho não influenciou na porcentagem de animais com sintomatologia respiratória, estimulando novas pesquisas quanto a qualidade, composição e gramatura do material utilizado na forração das baias.

Palavras-chave: Sistema respiratório; cavalos; maravalha

30. ESTUDO ULTRASSONOGRÁFICO E MORFOLÓGICO DA INSERÇÃO PROXIMAL DO LIGAMENTO SUSPENSÓRIO EM CAVALOS CRIOULOS

GRASIELA DE BASTIANI*1; FLÁVIO DE LA CÔRTE1; KARIN ÉRICA BRASS1; JARBAS CASTRO JUNIOR2; CAMILA CANTARELLI1; STEFANO LEITE DAU1; MARCOS DA SILVA AZEVEDO1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 2.CLÍNICA HÍPICA LTDA, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

e-mail:grasibage@hotmail.com

Resumo:

Embora uma modalidade diagnóstica rotineira, a ultrassonografia ainda possui algumas limitações para diagnóstico de lesões do ligamento suspensório (LS) devido à composição de fibras musculares, ligamentares e tecido adiposo. O objetivo do presente trabalho é de descrever a inserção proximal do ligamento suspensório da raça Crioula baseado em aspectos ultrassonográficos e morfológicos. Foram selecionados 17 membros torácicos de equinos com idade média de 5,7 anos e que vieram a óbito por diferentes causas em uma clínica privada ou, destinados ao Departamento de Patologia Veterinária da UFSM. Os 34 espécimes de ligamento suspensório foram divididos em dois grupos; raça Crioula (n= 28) e Puro Sangue Inglês (PSI) (n=6), sendo este último usado como grupo controle. O exame ultrassonográfico foi realizado na inserção proximal do LS com um aparelho Sonosite Edge, transdutor linear de 5-10 MHz, com imagens transversais palmaromedial e palmarolateral da face proximal do metacarpiano (MC) III, II e IV. O LS na sua inserção proximal, em amostras de cavalos Crioulos, possui uma ecogenicidade que varia de zonas periféricas dorsais hiperecogênicas que se mesclam a zonas ecogênicas e hipoecogênicas onde ocorre a sua divisão em lobos. Foram também observadas a forma lobulada e o tamanho em comparação ao membro contralateral bem como, a regularidade da superfície óssea do MC III, II, IV. Nas amostras PSI, o LS também é lobulado, mas com diferenças no padrão de ecogenicidade como, hipoecogenicidade e ecogenicidade difusas. Macroscopicamente, as amostras da raça Crioula apresentaram uma grande quantidade de tecido adiposo que corresponde à zona periférica dorsal do LS, e terminando no tecido conjuntivo que separa os lobos ligamentares. Em uma secção transversal macroscópica do LS, as fibras musculares em vermelho se mesclam as fibras ligamentares brancas no centro do LS. Este achado macroscópico não foi observado na raça PSI, onde as fibras musculares se sobrepõem as fibras ligamentares em toda a extensão do ligamento e pequenas quantidades de gordura estão

presentes na periferia dorsal do mesmo. Ultrassonograficamente, fibras musculares possuem menor ecogenicidade que as fibras ligamentares, criando uma variação no padrão de ecos. O tecido adiposo é hiperecogênico, possuindo ecogenicidade similar as fibras ligamentares. Na avaliação ultrassonográfica e macroscópica, amostras da inserção proximal do LS em membros torácicos equinos na raça Crioula demonstraram uma maior quantidade de tecido adiposo dorsal periférico, bem como uma maior quantidade de fibras ligamentares e musculares mescladas em comparação a amostras da raça PSI.

Palavras-chave: Ligamento suspensório; ultrassom; macroscopia

31. EXPRESSÃO DA IL-6, MMP-9, MMP-13 E AGRECAN EM CONDRÓCITOS SAUDÁVEIS EXPOSTOS A ACETONIDO DE TRIANCINOLONA OU PLASMA RICO EM PLAQUETAS

HELOISA EINLOFT PALMA*1; MIGUEL GALLIO1; ROBERTA CARNEIRO DA FONTOURA PEREIRA2; GABRIELE BIAVASCHI SILVA1; CAMILA CANTARELLI1; KALYNE BERTOLIN1; PATRÍCIA WOLKMER3; JULIEN WERGUTZ4; ALEXANDRE KRAUSE1; KARIN ÉRICA BRASS1; FLÁVIO DE LA CÔRTE1

1.UFSM, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 2.UNIJUI, IJUI, RS, BRASIL; 3.UNICRUZ, CRUZ ALTA, RS, BRASIL; 4.UNIFRA, SANTA MARIA, RS, BRASIL.

e-mail:heinloft@hotmail.com

Resumo:

Na cartilagem saudável, os condrócitos mantêm a expressão de colágeno e proteoglicanos e são sensíveis a fatores de crescimento e citocinas que aumentam ou reduzem a síntese de matriz. Na osteoartrite (OA), a decomposição da matriz é acompanhada por alterações fenotípicas dos condrócitos. As citocinas pró-inflamatórias, como a interleucina-1 (IL-1) e o fator de necrose tumoral α (TNFα) desempenham papel fundamental na OA, aumentando a expressão de metaloproteinases (MMP) e diminuindo a síntese de macromoléculas, incluindo o colágeno tipo II e o agrecano. Sabe-se que a MMP-9 e MMP-13 são importantes na destruição da cartilagem articular, especialmente por degradação de colágeno. A expressão de IL-6, que é induzida pela IL-1, também faz parte do processo de degradação articular. Para reduzir os efeitos clínicos causados pela OA, o acetonido de triancinolona (TA) e o plasma rico em plaquetas (PRP), são utilizados com frequência por via intra-articular. Os pacientes da medicina esportiva necessitam de rápido retorno ao seu nível funcional e o PRP pode acelerar essa recuperação. Já o TA é considerado benéfico ao ambiente articular, sendo que os animais tratados se mostram menos claudicantes e com níveis mais baixos de proteínas no líquido sinovial. Devido ao uso bem difundido desses agentes nos casos de OA e com a finalidade de avaliar os possíveis efeitos deletérios do TA e do PRP, optou-se por realizar os tratamentos sobre um cultivo de condrócitos, avaliando a expressão gênica dos fatores produzidos pelos condrócitos. Articulações metacarpofalangeanas de cinco equinos adultos, clínica e radiograficamente sadias, foram usadas. Fragmentos de cartilagem foram colhidos sob ambiente asséptico e sofreram digestão enzimática com pronase e colagenase em tubos Falcon, sendo essa reação interrompida com meio de DMEM suplementado com 10% de soro fetal bovino, 60U/mL de penicilina, 60µg/mL de estreptomicina e 2mmol/L de glutamina. As células foram cultivadas em garrafas, encubadas a 37ºC em uma estufa com 5% de CO2. Após um período de 21 dias, quando as células tinham confluência de 90%, elas foram transferidas às placas de cultivo celular. Após nova confluência de 90%, em três dias, realizou-se o tratamento das mesmas por 30 minutos como segue: G1: controle condrócitos; G2: condrócitos + PRP (500.000 plaquetas/poço); G3: condrócitos + TA (0,06mg/mL), sendo que os testes foram repetidos cinco vezes. As células destinadas à realização da reação em cadeia da polimerase (PCR) foram encaminhadas para o processo de extração de RNA, realizado com o reagente TRIzol®. Após esse procedimento, as amostras foram analisadas para expressão gênica da IL-6, agrecano, MMP-9 e MMP-13. Uma alíquota celular foi encaminhada para realização de testes de viabilidade pelos métodos de azul de trypan e por citometria de fluxo. O PRP foi preparado após coleta de sangue total em bolsa de coleta com CPDA-1 da veia jugular de um equino saudável que foi usado em todos os preparos para a realização deste estudo. As amostras foram centrifugadas para obtenção do PRP de acordo com técnicas já bem estabelecidas pelo nosso laboratório. Optou-se por usar um filtro de leucócitos a fim de remover células inflamatórias no momento da aplicação. Os dados foram analisados por teste de ANOVA de duas vias, seguido do teste de Tukey, sendo significante quando $p<0,05$. Observou-se alta viabilidade celular nos três grupos quando comparados ao grupo controle, em uma média de mais de 98% de células viáveis. Não foram observadas diferenças

na produção de MMP-9, MMP-13, IL-6 e agrecano entre os tratamentos com TA ou PRP. Sugere-se que a exposição de condrócitos normais ao TA e ao PRP não resultou em um aumento na síntese de MMPs, IL-6 e agrecano, não tendo sido associados com efeitos deletérios para as culturas de condrócitos.

Palavras-chave: Metaloproteinases; il-6; agrecano

32. EXPRESSÃO DE CD3 MOSTROU SEMELHANÇA ENTRE GRUPO ALOGÊNICO E AUTÓLOGO APÓS APLICAÇÃO DE CÉLULAS TRONCO MESENQUIMAIS EM TENDÃO FLEXOR DIGITAL SUPERFICIAL DE EQUINOS

JAQUELINE BRANDÃO DE SOUZA*1; MARINA LANDIM E ALVARENGA1; VITOR HUGO SANTOS1; JOÃO PEDRO HÜBBE PFEIFER1; CARLOS EDUARDO FONSECA ALVES1; MIRIAN RODRIGUES1; RENNE LAUFER AMORIM1; JOSÉ ANTONIO LUCAS CASTILHO1; MARIANA LOPES DA CONCEIÇAO1; ANDRE MASSAHIRO TERAMOTO KRIECK1; ANA LIZ GARCIA ALVES1

1.FMVZ UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:jaquelinebrandao.s@hotmail.com

Resumo:

O tendão flexor digital superficial (TFDS) é uma estrutura frequentemente acometida por lesões em equinos de alto desempenho atlético. Atualmente, a medicina regenerativa vem evoluindo de forma significativa no tratamento de diversas enfermidades, no entanto, o entendimento a respeito do comportamento celular quando do transplante de células tronco mesenquimais (CTMs) em tecido hígido ainda não é completamente conhecido. Sendo assim, este trabalho teve como objetivo a avaliação da resposta inflamatória local após aplicação de células tronco mesenquimais alogênicas derivadas do tecido adiposo (AdCTMs) em tendão flexor digital superficial de equinos comparado ao transplante autólogo e ao grupo controle. Os 18 membros torácicos de 9 animais, divididos em três grupos, foram submetidos à aplicação de AdCTMs em tendão hígido, sendo que em Galog os animais receberam aplicação de AdCTMs alogênicas no membro torácico (MT); em Gauto, aplicação de células autólogas no MT e em Gcont aplicou-se o PBS como grupo controle. Esses animais foram avaliados por parâmetros físicos, exames ultrassonográficos e termográficos até o momento da biópsia, que foi realizada uma semana após a aplicação das células autólogas e alogênicas para avaliar a possível reação inflamatória aguda, decorrente do transplante de células no tecido tendíneo. Não houve diferença significativa entre os grupos avaliados e nem para os diferentes dias de avaliação para os seguintes parâmetros: ultrassonográficos de ecogenicidade do TFDS dos equinos avaliados, área do tendão, presença de neovascularização (Power Doppler); exame físico de sensibilidade à palpação e presença de calor; intensidade do infiltrado inflamatório, morfologia dos fibroblastos, linearidade das fibras colágenas (biópsia). Observamos que a expressão de CD3, referente aos linfócitos T, foi maior no grupo autólogo comparado ao controle, porém não diferiu do alogênico. O transplante alogênico de AdCTMs não resultou em reação adversa ou inflamatória que comprometesse o uso dessas células, elucidando a sua segurança neste trabalho. O seu comportamento mostrou-se semelhante ao implante autólogo, sendo assim, a formação de bancos de células alogênicas pode ser favorável. Estudos relacionados à imunogenicidade merecem atenção para que a aplicação clínica seja segura, tanto na medicina veterinária como na medicina humana.

Agradecimentos: À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela concessão da bolsa de Mestrado, Processo 2013/17880-3.

Palavras-chave: Alogênica; células tronco mesenquimais; equino

33. EXPRESSÃO DE CITOCINAS NA MEMBRANA SINOVIAL E SUA RELAÇÃO COM A CONCENTRAÇÃO SINOVIAL NA OSTEOCONDRITE DISSECANTE (OCD) E OSTEOARTRITE (OA) EM EQUINOS

FERNANDA RODRIGUES AGRESTE*1; JOICE FÜLBER1; JULIANA JUNQUEIRA MOREIRA1; SARAH RAPHAELA TORQUATO SEIDEL1; CYNTHIA DO PRADO VENDRUSCULO1; LUCAS MARTINS CHAIBLE1; LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA1; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1

1.FMVZ/USP, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:fe_nandara@hotmail.com

Resumo:

A osteoartrite (OA) e a osteocondrite dissecante (OCD) estão entre as principais afecções que acometem os equinos atletas. A utilização de antagonistas naturais ou análogos sintéticos que impeçam a progressão do processo degenerativo e que atuem na recuperação desta homeostase vem sendo cada vez mais discutida. Com isso, o entendimento da cascata de eventos inflamatórios e degenerativos articulares nos diferentes estágios das doenças articulares é imprescindível para direcionar a melhor abordagem terapêutica, impedindo a progressão da doença e facilitando o estabelecimento de um prognóstico. As citocinas produzidas durante os processos articulares, são classificadas como biomarcadores indiretos, e suas mensurações são de grande utilidade e interesse, podendo auxiliar no esclarecimento dos processos fisiopatológicos das artropatias, avaliar o grau de degradação da cartilagem articular e monitorar a resposta à terapia, além de possibilitar o estabelecimento de um prognóstico. A participação ativa destes mediadores nos processos inflamatórios altera diretamente a membrana sinovial, cartilagem articular e composição do líquido sinovial. Diante disso, o objetivo desse estudo foi avaliar o perfil da expressão das citocinas pró-inflamatórias (IL-1β, IL-6 e TNFα) e anti-inflamatórias (IL-10) que agem no processo inflamatório na membrana e liquido sinovial de articulações com OA e OCD, comparando com as hígidas. Foram utilizados 34 equinos, sem restrição quanto ao sexo e raça. Deste total, 24 animais foram submetidos a tratamento artroscópico, sendo 12 animais acometidos por osteoartrite (OA) e 12 animais com osteocondrite dissecante (OCD). Outros 10 animais formaram o grupo controle, com articulações hígidas. Amostras do líquido sinovial e membrana foram coletados e armazenados em tubo RNAse free a -80°C. A expressão gênica das citocinas (IL-1β, IL-6 IL-10) foi avaliada em PCR real time. A dosagem das citocinas IL-1β, IL-6 IL-10 e TNFα do liquido sinovial, foi realizada segundo a metodologia do ensaio MILLIPLEX MAP Equine Cytokine/Chemokine Panel. Observamos aumento na expressão do gene IL-1β, IL-10 nos grupos OCD e OA, já a IL-6 aumentou a expressão no grupo OCD e diminui no grupo OA, quando comparados com o grupo controle. Pela expressão da proteína, houve aumento na concentração de IL-1β e IL-6 (4,00±1,53; 32,02±49,16 pg/mL respectivamente), e diminuição na concentração de IL-10 (29,71±16,13 pg/mL) no grupo OA em relação ao OCD (IL-1=3,21±2,10; IL-6=2,12±0,68; IL-10=43,29±21,90 pg/mL) e controle (IL-1=2,69±1,02; IL-6=3,04±1,94; IL-10=70,12±57,22 pg/mL), já a concentração de TNFα não foi alterada (controle=1,30±0,37; OA=1,19±0,29; OCD=1,32±0,41 pg/mL). Nossos resultados demonstram que apesar do aumento da expressão de IL-1, IL-6 e IL-10 na membrana sinovial das articulações com OCD, não foi gerado aumento da concentração destas citocinas no líquido sinovial. Contudo, nas articulações com OA, o aumento da expressão de IL-1 se traduziu em aumento na concentração de IL-1 no líquido sinovial, e inesperadamente os resultados de IL-6 e IL-10 apresentaram relação inversa. No acompanhamento dos animais, 85% do grupo OCD e apenas 25% do grupo OA retornaram ao treinamento. Este fato sugere que a fase inicial do processo inflamatório pode não trazer alterações estruturais na cartilagem nos casos da OCD, e sua progressão pode ser modulada pela intensidade de treinamento e conduta terapêutica adequada. Já, a avaliação dos biomarcadores na membrana e liquido sinovial nos casos de OA mostrou um perfil mais inflamatório do que a OCD, e reflete uma evolução progressiva e variável da doença articular até sua fase final, justificado pela diversidade de valores na expressão e concentrações de citocinas. A avaliação de biomarcadores na rotina clinica pode monitorar a progressão da OA e classificá-la, oferecendo prognóstico mais acurado.

Agradecimentos: à Fapesp.

Palavras-chave: Osteoartrite; osteocondrite; citocinas

34. FUNÇÃO HEPÁTICA E RENAL DE ÉGUAS SUBMETIDAS A INOCULAÇÃO DE ANTÍGENO BOTRÓPICO PARA PRODUÇÃO DE SORO ANTIOFÍDICO

MARIANA NAHUM DEL CASTILLO*1; ALINE EMERIM PINNA1; FRANCCESCA SILVEIRA REGIANINI1; MÁRIO FELIPE ALVAREZ BALARO1; NADIA REGINA PEREIRA ALMOSNY1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITEROI, RJ, BRASIL.

e-mail:mariana_nahum@hotmail.com

Resumo:

Acidentes ofídicos têm sido um desafio médico e veterinário. O único tratamento disponível e preconizado pela Organização Mundial da Saúde e pelo Ministério da Saúde é a soroterapia. A produção de soro envolve a injeção subcutânea de venenos de crotalídeos em cavalos, embora estas injeções causem, em pequeno percentual dos animais, alterações locais como, edema e abcesso, ainda não foram demonstrados alterações sistêmicas. A metabolização do veneno inoculado no cavalo é hepática e sua eliminação renal. São escassos estudos sobre a avaliação das alterações hepática e renal em animais utilizados na produção de antivenenos, principalmente estudos integrando diferentes abordagens para avaliar esses efeitos. A avaliação da preservação desses órgãos é realizada principalmente pelo exame físico, exame ultrassonográfico e laboratorial (hemograma, perfil hepático e renal). O objetivo do estudo foi avaliar a função hepática e renal dos equinos submetidos ao protocolo de imunização de base empregado atualmente pelo Instituto Vital Brazil- IVB para produção do soro antibotrópico. Foram utilizadas cinco éguas entre 5 a 15 anos de idade, que não haviam sido inoculadas anteriormente e alojadas no IVB sob manejo semi-intensivo. A imunização de base consiste em oito inoculações da solução de antígeno, com intervalo de uma semana entre elas. As amostras de sangue das éguas foram coletadas em tubos sem anticoagulante, por punção da veia jugular, em três momentos durante o processo de imunização de base sendo a primeira amostra coletada previamente ao início da imunização (T1); segunda coleta na quarta semana (T2) e a terceira no final da imunização (T3). Após a coleta, o sangue foi armazenado e transportado refrigerado para o Laboratório de Pesquisa Clínica e Molecular Marcilio D. Nascimento da Faculdade de Veterinária da Universidade Federal Fluminense. Avaliou-se o perfil hepático pelas enzimas Transaminase Aspartato Aminotransferase (AST), Alanina Transaminase (ALT), GamaglutamilTransferase (GGT), Fosfatase Alcalina e Proteínas totais, albuminaa e globulinas (calculada pela subtração da albumina na proteína). O perfil renal foi avaliado pela dosagem de ureia e creatinina. Adotou-se metodologia de espectrofotometria ou cinética, de acordo com normas do fabricante, em aparelho automatizado (Labmax 4000®, LabTest, São Paulo, Brasil). Utilizou-se o programa estatístico Bioestat 5.0 para a análise dos índices bioquímicos. Inicialmente, verificou-se a normalidade dos dados pelo teste de Lilliefors. Na sequência, verificou-se o efeito do tempo (T1, T2, T3) sobre as variáveis pela análise de variância para medidas repetidas e comparação de médias pelo teste de Tukey à 5% de significância. Os parâmetros da ALT (11,1 ± 4,0 U/L), albumina (2,3 ± 0,3 g/dL) e creatinina (4,0 ± 0,2 mg/dL) não apresentaram efeito ($p>0,05$) de tempo. Já as variáveis AST (140 ± 18,4 vs 246,2 ± 41,7= 301,6 ± 29,7 U/L), GGT (4,6 ± 1,9 vs 3,6 ± 3,9 =13,2 ± 4,2 U/L), proteínas totais (7,8 ± 0,5 vs 7,33 ± 0,4 = 9,2 ± 0,4 g/dL) e globulina (5,3 ± 0,5 vs 4,89 ± 0,3 = 7,1 ± 0,3 g/dL) apresentaram maiores valores ($p<0,05$) no T3 comparados a T1 e T2. A ureia apresentou valor superior em T1 (34 ± 3,4 vs 22 ± 3,1 = 26,2 ± 3,3 mg/dL). Houve uma tendência ($p=0,07$) de elevação da FA em T3. O aumento da AST pode corroboar lesão nos hepatócitos ou musculares, por ação do antígeno inoculado. O aumento na GGT indica lesão dos canalículos biliares redução do fluxo nos canais biliares, provavelmente por causa intra-hepática devido a inoculação do antígeno ao longo da imunização. Já a proteína total teve seu valor elevado devido ao aumento de síntese de globulinas decorrente ao processo de imunização. Os resultados obtidos sugerem que ao longo do período de imunização de base podem ocorrer alterações hepáticas, mas não renais (sobre a metodologia proposta).

Palavras-chave: Soroterapia; bioquimica; equinos

35. INFLUÊNCIA DA CENTRIFUGAÇÃO NA AGREGAÇÃO PLAQUETÁRIA DURANTE PROCESSAMENTO DO PLASMA RICO EM PLAQUETAS E SUA RELAÇÃO COM A CONCENTRAÇÃO DE TGF BETA FINAL

SARAH RAPHAELA TORQUATO SEIDEL*1; CYNTHIA DO PRADO VENDRUSCULO1; FERNANDA RODRIGUES AGRESTE1; JOICE FÜLBER1; JULIANA JUNQUEIRA MOREIRA1; YARA MARIA MICHELACCI2; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1

1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA - USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA - UNIFESP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:sarahseidel@usp.br

Resumo:

O Plasma Rico em Plaquetas (PRP) é um produto autólogo, hemoderivado, de fácil aquisição e baixo custo, apresentando em sua composição plaquetas, fatores de crescimento, proteínas plasmáticas, algumas hemácias e leucócitos; e tem se mostrado de ampla aplicabilidade no tratamento das afecções locomotoras em equinos, com resultados satisfatórios em uso intra-articular, intralesional em tendinites e no tratamento adjunto de laminite crônica. Objetivou-se avaliar o grau de ativação das plaquetas provocado pelas centrifugações durante o processamento do PRP, bem como o impacto desta ativação na concentração plaquetária obtida, e sua correlação com a concentração de TGFβ1 final. Foram utilizados 12 equinos, Árabes, machos, de 3 a 5 anos, clinicamente sadios; sendo realizados dois protocolos de PRP, um com centrifugação única e outro com dupla centrifugação. No primeiro, foram coletados 10ml de sangue total de cada animal por meio de punção da veia jugular externa, com uso de agulha 21G e seringa de 10ml, sendo esse volume imediatamente transferido para tubos falcon contendo citrato de sódio a 3,8% na proporção 1:10; homogeneizado e centrifugado a 141g/12 minutos, à Tº ambiente, e seu sobrenadante denominado PRP0. Para o segundo, o sangue foi coletado com vacutainer em tubos com capacidade de 4,5ml contendo citrato de sódio a 3,8%, totalizando 20ml de sangue total por animal. Após homogeneização as amostras foram transferidas para 3 tubos falcon, permanecendo em repouso à Tº ambiente por 25 minutos, centrifugadas a 300g/5 minutos, seguido de novo repouso de 25 minutos. O sobrenadante do tubo 1 foi denominado plasma pobre em plaquetas 1 (PPP1). O sobrenadante dos tubos restantes foi transferido a dois novos tubos falcon, procedendo a nova centrifugação de 700g/15 minutos, com 45 minutos de repouso à Tº ambiente, após o mesmo, o sobrenadante do tubo 2 em sua porção mais superior foi denominado PPP2, enquanto 70% do sobrenadante do tubo 3 foi descartado e sua porção remanescente homogeneizada e classificada como PRP1. As amostras, previamente identificadas, foram submetidas à contagem plaquetária manual em câmara de Neubauer e à avaliação da agregação plaquetária em aparelho agregômetro Chrono-Log Corporation, pelo método turbidimétrico, com uso do agonista colágeno tipo 1 na proporção 2µl agonista:500µl amostra para induzir a mesma. Após avaliação, foram armazenadas a -80ºC, sendo o fator de crescimento posteriormente quantificado por meio de kit ELISA Human TGFβ1 Quantikine, validado para a espécie equina. As maiores contagens plaquetárias alcançadas foram no PRP1 (duas centrifugações), concentrando em média 6,8x, e as demais frações com média de 4,1x para o PPP1, 2,6x no PRP0, e por fim o PPP2, com 0,33x. O PPP2 não foi submetido ao teste de agregação plaquetária. A média apresentada pelos demais foi: 100% para o PRP0, 90% para o PPP1 e 66,8% para o PRP1. A quantificação do TGFβ1 obtida foi: 5537,3 pg/µl para PRP0; 5539,4 pg/µl para PPP1; 2942,4 pg/µl para PPP2 e 12.407,8 pg/µl para o PRP1. A concentração plaquetária alcançada no PPP1 e PRP1 é condizente com a necessária para classificar o produto como PRP, ou seja, no mínimo 4x acima da basal. A quantidade de TGFβ1 apresentou aumento à medida em que as concentrações plaquetárias aumentaram, evidenciando correlação positiva entre as mesmas. É possível observar que no mínimo 30% do PRP1 já havia sido ativado durante a centrifugação, o que pode explicar a quantidade de TGFβ1 encontrada no PPP2, que possuiu a menor contagem plaquetária, bem como a semelhança de valores de TGFβ1 demonstrada nas amostras de PRP0 e PPP1. Conclui-se que a dupla centrifugação com o intuito de obter maior concentração plaquetária é vantajosa em relação à centrifugação única, mesmo produzindo maior agregação plaquetária durante o processamento do PRP. Isto porque quanto maior a concentração plaquetária atingida, maior a concentração de TGFβ1 disponível.

Agradecimentos: à CAPES pela concessão de bolsa de estudo.

Palavras-chave: Plasma rico em plaquetas; fator de crescimento; agregação plaquetária

36. INFLUÊNCIA DA LEUCOAFÉRESE TERAPÊUTICA SOBRE PARÂMETROS CLÍNICOS E HEMATOLÓGICOS DE EQUINOS COM SEPSE INDUZIDA POR MODELO DE OLIGOFRUTOSE

ODAEL SPADETO JUNIOR*1; ALVARO DE PAULA LAGE DE OLIVEIRA2; CAHUE FRANCISCO ROSA PAZ2; ISABELLE MARINA COLEN FONSECA2; SERGIO DA SILVA ROCHA JÚNIOR2; FABÍOLA DE OLIVEIRA PAES LEME2; MARÍLIA MARTINS MELO2; BETÂNIA SOUZA MONTEIRO3; RAFAEL RESENDE FALEIROS2

1.UINVERSIDADE DE VILA VELHA, VILA VELHA, ES, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE VILA VELHA, VILA VELHA, ES, BRASIL.

e-mail:odaeljr@hotmail.com

Resumo:

Os leucócitos possuem um papel importante na Síndrome da Resposta Inflamatória Sistêmica (SIRS) e a infiltração dessas células no tecido lamelar, causando destruição, já está bem documenta nos casos de laminite desencadeada pela sepse. O objetivo foi avaliar o efeito da remoção de leucócitos circulantes, por meio de protocolo de leucoaférese, sobre os parâmetros clínicos e hematológicos de equinos com quadro séptico induzido pelo modelo oligofrutose. A metodologia experimental foi aprovada pelo Comitê de Ética Sobre Experimentação Animal da UFMG (CETEA/UFMG 281/2013). Foram utilizados doze equinos, fêmeas, sem raça definida com idade média de 10,5 ± 5 anos, pesando 430 ± 35kg, escore corporal 6±1 (escore de 1 a 9), sem histórico prévio de claudicação e divididos em dois grupos de 6 animais cada (controle – CON e tratado - LEUCO). Os dois grupos receberam oligofrutose (1g/kg sid por 3 dias mais 10g/kg sid) via sonda gástrica para indução de sepse e laminite. Doze horas após, os animais do LEUCO foram submetidos a leucoaférese por sistema de fluxo contínuo com duplo acesso venoso. Os animais foram monitorados diariamente no período de sensibilização e nos tempos 6, 12, 18, 24, 36 e 60 horas pós-indução da laminite, seguidos imediatamente pela coleta de sangue. Todos os equinos desenvolveram hipermotilidade intestinal, diarreia e congestão de mucosa a partir de 12 horas após indução. Às 24 horas, foram observados sinais clínicos de SIRS (taquicardia, hipertermia e leucocitose) e disfunção de órgãos (aumento das concentrações sanguíneas de glucose, creatinina e enzimas hepáticas) apenas no grupo CON. Às 36 horas, todos os cavalos do grupo CON apresentaram sinais de choque séptico e foram eutanaziados. Ao contrário, todos animais do grupo LEU estavam vivos ao final do período experimental. Concluiu-se que o modelo de oligofrutose foi eficiente em produzir um quadro de sepse e suas complicações em equinos não tratados. A disfunção de órgãos e a morte relacionada ao choque séptico foram prevenidas pelo uso do protocolo de leucaférese. Nossos resultados indicam que a leucoaférese tem o potencial para ser incorporada no arsenal terapêutico contra endotoxemia e sepse em equinos.

Palavras-chave: Equinos; leucócitos; aférese

37. INFLUÊNCIA DE TEMPO E DA TEMPERATURA DE ARMAZENAMENTO DE SANGUE DE EQUINO SUBMETIDO A ANÁLISES BIOQUÍMICAS

MATHEUS MORILLO BÄR*1; FELIPE EDUARDO DAL MAS1; LUANA GOMES FERNANDES1; MARIA VITÓRIA FERREIRA BARREIROS1; LINDOMAR FERNANDES PESSOA1; MARLA SCHNEIDER1; LEILUANA CAMILA RETTIG1; PEDRO ARGEL ZADINELO MORREIRA1; MARILENE MACHADO SILVA1; ERICA CRISTINA BUENO DO PRADO GUIRRO1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, PALOTINA, PR, BRASIL.

e-mail:barmatheus2103@gmail.com

Resumo:

O uso de exames laboratoriais é prática cada vez mais frequênte na medicina veterinária, uma vez que seus resultados são de grande valor diagnóstico, no entanto a campo o uso desta alternativa por médicos veterinários autônomos é restrito, uma vez que é necessário o encaminhamento das amostras a um laboratório de análises clínicas, o qual nem sempre está próximo ao local do atendimento. Hoje considera-se que a amostra permanece viável para a análise se esta for acondicionada entre 2 e 8 °C por até 24 horas. Assim, determinar o tempo e a temperatura ideal de armazenamento, para mater a viabilidade da amostra é de suma importância, oferecendo segurança na interpretação dos resultados, o qual é objetivo de estudo do presente trabalho. Para realização deste experimento, foi coletado sangue venoso de oito equinos hígidos, 112 ml de cada animal, distribuídos em 14 com fluoreto de sódio + EDTA K3, utilizados para a determinação da concentração de glicose e lactato plasmática, e 14 tubos secos, utilizados para a determinação dos demais marcadores, sendo sete de cada um desses tubos mantidos sob refrigeração (4°C) ou em temperatura ambiente (22°C). Com estas amostras foram realizados

exames bioquímicos utilizando kits comerciais LabTest® para determinação de atividade enzimática de aspartato aminotransferase (AST), creatinina quinase (CK), gama-glutamil transferase (GGT), e concentrações de glicose (GLI), lactato (LACT), ureia, creatinina (CREAT), proteínas séricas totais (PTN) e albumina (ALB) em T0 (imediato após a coleta) e após duas (T2), quatro (T4), oito (T8), 12 (T12), 24 (T24) e 48 horas (T48). A análise dos dados foi baseada nas médias obtidas em cada tempo, sendo que estas poderiam ter seu processamento interrompido caso os valores da alíquota diferissem mais que 6%, acima ou abaixo, dos valores obtidos em T0. O tempo máximo de cada variável em temperatura ambiente e sob refrigeração foi respectivamente: AST T2 (135,1 ± 55,3) e T0 (157,0 ± 61,1); CK T0 (207,5 ± 41,5) e T24 (187,5 ± 34,2); GGT T4 (20,3 ± 2,7;) e T24 (18,8 ± 2,5;); GLI T24 (86,6 ± 5,3;) e T24 (89,5 ± 5,6); LACT T2 (6,2 ± 1,5) e T4 (5,7 ± 1,2); ureia T48 (39,9 ± 2,9) e T8 (39,8 ± 7,2); CREAT T24 (1,5 ± 0,1) e T12 (1,6 ± 0,2); PTN T24 (7,3 ± 0,5) e T24 (7,2 ± 0,5); ALB T24 (2,7 ± 0,1) e T48 (2,8 ± 0,2). Assim pode-se concluir que em temperatura ambiente de 22 °C marcadores como glicose, proteínas séricas totais, albumina e creatinina permanecem viáveis por até 24 horas após a coleta, ao passo que enzimas como a AST e GGT se alteram poucas horas após a coleta. No caso destas amostras permanecerem em refriggeração de 4 °C notou-se que enzimas como GGT e CK permaneceram estáveis por até 24 horas após a coleta.

Palavras-chave: Cavalo; estocagem; patologia clínica

38. ISOLAMENTO E CULTIVO DE CÉLULAS ESTROMAIS MESENQUIMAIS MULTIPOTENTES DERIVADAS DO TECIDO ADIPOSO DE MUARES

GUSTAVO DOS SANTOS ROSA*1; VITOR HUGO SANTOS1; JAQUELINE BRANDÃO DE SOUZA1; BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI1; JOÃO PEDRO HÜBBE PFEIFER1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; MARCOS JUN WATANABE1; ANA LIZ GARCIA ALVES1

1.FMVZ UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:gustavo.rosa@fmvz.unesp.br

Resumo:

Células estromais mesenquimais multipotentes (CEM) consistem em uma população celular heterogênea com capacidade de diferenciação em múltiplas linhagens, de modulação do estresse oxidativo e de produção de fatores de crescimento, vastamente pesquisadas e utilizadas nos últimos anos. O tecido adiposo é a fonte de obtenção de CEM mais utilizada devido ao baixo custo, desconforto mínimo e grande volume celular obtido. A literatura descreve técnicas de isolamento de CEM derivadas de tecido adiposo (CEMAD) em bovinos, caninos, caprinos, equinos, suínos, humanos, camundongos e ratos, realizadas previamente com êxito. Entretanto, não há conhecimento dos autores acerca de relatos científicos prévios sobre CEM em animais híbridos, como muares. O presente estudo objetivou realizar o isolamento de células estromais mesenquimais multipotentes derivadas do tecido adiposo de muares. Foram utilizados dois muares hígidos (o estado de higidez foi confirmado através de exames físicos e laboratoriais - funções hepática, renal e muscular), de 04 e 08 anos, com peso médio de 320 kg. Após sedação e anestesia local, amostras de 02 g de tecido adiposo foram coletadas da região subcutânea supra-glútea dos animais e submetidas à fragmentação mecânica, dissociação enzimática e posterior cultivo in vitro para o isolamento das CEMAD, segundo protocolo descrito de maneira consistente na literatura. Decorridas 48 horas do plaqueamento inicial, foi possível observar aderência média de 10% das células ao fundo da garrafa de cultivo. As CEMAD adotaram morfologia fibroblastóide evidente no 8º dia após o plaqueamento, com 80% da área da placa preenchidos por células aderidas. A confluência total inicial foi atingida no 11º dia da cultura primária, com a formação de um tapete em monocamada celular, caracterizando ausência de comportamento neoplásico. Foi então realizada a segunda passagem (P2), sendo necessários 21 dias para atingir a confluência total, estágio ideal para aplicação ou criopreservação. A viabilidade celular média foi avaliada nesta etapa, através de contagem em câmara de Neubauer sob coloração com Azul de Tripan, atingindo 95% na amostra advinda do animal de 04 anos e 96% no animal de 08 anos, resultado similar ao obtido em cultivos de CEM em humanos. Não foram observadas diferenças entre as taxas de crescimento celular entre as diferentes idades. Em humanos, observa-se maior taxa de crescimento e melhor diferenciação em células provenientes de amostras coletadas de pacientes mais jovens - com menos de 45 anos - em relação a pacientes portando idade média (entre 45 e 60 anos). Analogicamente, pode-se hipotetizar que a diferença de idade entre

os muares utilizados neste estudo não foi suficientemente grande, acomodando-os na mesma faixa etária média e, portanto, mesmo ritmo metabólico. Após a confluência total em P2 e análise de viabilidade, as CEMAD foram criopreservadas em meio comercial Bambanker®, criando um biobanco celular. O presente trabalho demonstrou a viabilidade do isolamento e cultivo de CEM derivadas do tecido adiposo de muares, tornando possível a realização de estudos adicionais para a elucidação das funções biológicas, comportamento e potencial terapêutico das CEM nestes animais.

Palavras-chave: Mulas; células-tronco; medicina regenerativa

39. LEVANTAMENTO DOS CASOS DE ANEMIA INFECCIOSA EQUINA NOTIFICADOS NO RIO GRANDE DO SUL PELO LABORATÓRIO HÍPICA NO PERÍODO DE 2015-2017

ANGELA BARTH ENASTRE*1; SABRINA LOPES MOTA2; VALESCA PETER DOS SANTOS1

1.LABORATÓRIO HÍPICA, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 2.LABORATÓRIO HÍPICA LTDA.O, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

e-mail:angelacardosobarth@gmail.com

Resumo:

A Anemia Infecciosa Equina (AIE) é uma doença viral crônica, causada por um vírus da família Retroviridae, gênero Lentivirus, que pode acometer todos os equídeos. Quanto aos sinais clínicos, caracteriza-se por picos febris, icterícia, anemia hemolítica, edema e perda de peso, principalmente em sua fase aguda. As alterações laboratoriais são anemia hemolítica, trombocitopenia, leucopenia, diminuição da resposta imunológica e aumento nos níveis de cobre e enzimas hepáticas que podem comprometer de forma irreversível o desempenho dos equídeos. Os vetores mecânicos, tabanídeos e moscas dos estábulos são responsáveis pela transmissão da enfermidade, através de sua picada. O teste padrão, aprovado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) para diagnóstico é a Imunodifusão em Ágar Gel (IDGA), de acordo com a Portaria SNDA n˚ 84 de 19/10/1992. A Anemia Infecciosa Equina tem distribuição mundial com cerca de 70% de prevalência em animais adultos. O vírus possui maior prevalência em regiões úmidas e montanhosas de clima tropical e subtropical, onde há grande quantidade de vetores. O presente estudo teve por objetivo fazer um levantamento do número de exames de AIE realizados no período de janeiro de 2015 a janeiro de 2017 e do número de exames positivos detectados no mesmo período pelo Laboratório Hípica em Porto Alegre/RS. Os casos positivos foram caracterizados quanto ao sexo e mesorregião do estado em que se encontrava. De janeiro de 2015 a janeiro de 2017 foram realizados 85.668 ensaios de Anemia Infecciosa Equina. Deste total, foram detectados 76 exames com resultado positivo na técnica de Imunodifusão em Ágar Gel. Em 2015 foram comunicados 26 exames positivos, sendo destes, 12 machos e 14 fêmeas, 69% deles, residentes em Porto Alegre e arredores (Porto Alegre, Canoas, Eldorado do Sul, Guaíba) – mesorregião metropolitana de Porto Alegre. Em 2016, foram comunicados 50 animais positivos, sendo 32 machos e 18 fêmeas. 42% destes pertencentes a mesorregião metropolitana de Porto Alegre. Em janeiro de 2017 não foram diagnosticados animais positivos. Conforme dados publicados no Informativo Técnico n˚ 5/ano 05 em maio de 2014 pelo Departamento de Defesa Agropecuária (DDA) – Secretaria da Agricultura Pecuária e Irrigação do estado do Rio Grande do Sul, a maior população de equinos encontra-se na mesorregião sudoeste e sudeste do estado. Embora a incidência de AIE no estado do RS seja considerada baixa, fato que justificou o aumento do prazo de validade dos exames para 180 dias a partir de 20 de setembro de 2014, o que se verifica é que nas regiões onde a fiscalização oficial é mais intensiva, é onde se detectam animais positivos. De acordo com dados publicados em 2014 pela própria DDA – SEAPI/RS, o número de Guias de Trânsito Animal (GTA), o número de exames realizados e, consequentemente, o número de focos positivos aumenta de forma diretamente proporcional `a intensidade de fiscalização, pois impõem o acesso diagnóstico a faixas da população que não realizavam exames sanitários como rotina. Os resultados obtidos revelam que a doença, apesar de controlada nos grupos de animais que circulam nos principais eventos equestres, persiste em focos localizados em regiões e comunidades que permanecem à margem de controle sanitário.

Palavras-chave: Anemia; infecciosa; diagnóstico

40. MODULAÇÃO INFLAMATÓRIA EM EQUINOS APÓS ARTROSCOPIA E APLICAÇÃO INTRA-ARTICULAR DE PLASMA RICO EM PLAQUETAS, DE PENTORSE OU DE ACETONIDO DE TRIANCINOLONA

MIGUEL GALLIO*1; HELOISA EINLOFT PALMA1; FLÁVIO DE LA CÔRTE1; KARIN ÉRICA BRASS1; LUIS FELIPE DIAS LOPES1; MARTA MARIA MEDEIROS FRESCURA DUARTE1; ROBERTA CARNEIRO DA FONTOURA PEREIRA2

1.UFSM, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 2.UNIJUI, IJUI, RS, BRASIL.

e-mail:vetgallio@yahoo.com.br

Resumo:

O plasma rico em plaquetas (PRP) e o pentosan polissulfato de sódio (NaPPS) são dois representantes de novas terapias utilizadas com o objetivo de melhorar o ambiente articular após eventos traumáticos. O objetivo deste trabalho foi avaliar a modulação inflamatória de articulações submetidas à cirurgia artroscópica, tratadas com acetonido de triancinolona (TA) ou com PRP ou com NaPPS. As articulações que apresentavam fraturas osteocondrais nos ossos do carpo e osteocondrose na articulação tíbio-társica, confirmadas através do exame radiográfico, foram selecionadas. Os animais passaram por um período de descanso de 15 dias, sem o uso de anti-inflamatórios ou outras medicações. O procedimento consistiu na inspeção articular e retirada de todos os fragmentos ósseos como de rotina, seguido pela curetagem do leito da fratura até exposição do osso subcondral saudável. As amostras de líquido sinovial foram coletadas em quatro momentos, sendo o 1º imediatamente antes de se iniciar o procedimento cirúrgico, o 2º aos 30 dias de pós-cirúrgico (imediatamente antes da realização do primeiro tratamento), 3º aos 45 dias de pós-cirúrgico (imediatamente antes da realização do segundo tratamento) e 4º aos 60 dias de pós-cirúrgico. Após a coleta, as amostras foram acondicionadas em tubo eppendorf estéril sem anticoagulante, submetidas à centrifugação e o sobrenadante foi congelado até o momento da análise. O PRP foi produzido pelo método manual, a partir do sangue total colhido da veia jugular dos animais. O TA e o NaPPS foram adquiridos através da compra ou doação de produto comercial. Nove articulações foram tratadas com três mililitros de PRP (363.605 ±150.237 plaquetas/µL), nove articulações tratadas com 250mg de NaPPS e sete articulações tratadas com 6mg de TA. As medições das interleucinas (IL)-1, IL-6, IL-10 e do fator de necrose tumoral α (TNFα) foram efetuadas por meio de kits comerciais ELISA. Os dados foram comparados dentro do grupo a que pertenciam utilizando-se os testes ANOVA de medidas repetidas e de diferenças mínimas significativas de Tukey com significância estabelecida de $p \leq 0,05$. Foram observadas reduções significativas nos níveis da IL-1 ($p=0,001$), IL-6 ($p=0,004$) e do TNFα ($p=0,003$), ao mesmo tempo em que o nível da IL-10 ($p=0,02$) aumentou após a segunda aplicação do PRP. O NaPPS também esteve associado à redução dos níveis das citocinas IL-1 ($p=0,03$) e IL-6 ($p=0,04$), porém não esteve associado à diminuição do TNFα. Ainda houve aumento significativo do nível da IL-10 ($p=0,008$) associado ao seu uso. Neste estudo após o tratamento das articulações com TA, não foi observado diferença entre os níveis das citocinas pró-inflamatórias IL-1, IL-6 e nem do TNFα, porém houve aumento na concentração da IL-10 ($p=0,003$) associado ao uso de TA. Este resultado sugere que a aplicação de 6mg de TA possa apresentar modulação inflamatória, porém em menor grau do que o provido pelas outras terapias aqui empregadas. A modulação inflamatória no líquido sinovial foi influenciada positivamente por todas as terapias, o PRP, um tratamento biológico autólogo, apresentou os melhores resultados, seguido pelo NaPPS e após o TA, sendo seu uso viável após as cirurgias artroscópicas em equinos.

Palavras-chave: Citocinas; fraturas articulares; osteocondrose

41. NEUROTOXICIDADE DO CLORETO DE AMÔNIO 2% SOBRE OS NERVOS DIGITAIS PALMARES EM PÔNEIS

STEFANO LEITE DAU*1; MARCOS DA SILVA AZEVEDO2; FLÁVIO DE LA CÔRTE1; KARIN ÉRICA BRASS1; GABRIELE BIAVASCHI SILVA1; CAMILA CANTARELLI1; RENATA DALCOL MAZARO1; RAFAEL ALMEIDA FIGHERA1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, CURITIBANOS, SC, BRASIL.

e-mail:stefanodau@hotmail.com

Resumo:

A administração perineural de drogas anestésicas é rotineira na medicina de equinos para bloqueios neurais temporários durante procedimento cirúrgicos em estação, para identificação da origem da dor em exames de claudicação e para fins terapêuticos como o controle da dor pós-operatória. Os neurolíticos são drogas que causam uma degeneração neural reversível utilizados, associados ou não com outras terapias, para o controle da dor crônica. Contudo, a duração do efeito desses compostos depende do local de deposição e da severidade da lesão nervosa causada. O objetivo deste estudo foi determinar e descrever a neurotoxicidade do cloreto de amônio a 2% (CA2%) após a administração perineural nos nervos digitais palmares (NDPs) em seis pôneis. Utilizou-se aleatoriamente os ramos lateral e medial dos NDPs de ambos membros torácicos dos animais, sendo três ramos tratados com três mililitros de CA2% (n=18) e um ramo com três mililitros de solução salina 0,9% (SS) (n=6). A região palmar da quartela foi preparada assepticamente para a realização das injeções perineurais após tricotomia. A distância do local de inserção da agulha até a banda coronária foi mensurada para posterior orientação na coleta de fragmentos dos NDPs. Utilizou-se a termografia para documentar a temperatura superficial da pele (TSP) na região palmar da quartela em cinco pontos verticais equidistantes sobre cada ramo antes e uma, três, seis, 12 e 24 horas após as injeções para avaliar a resposta inflamatória local. Os fragmentos dos NPDs (1,5cm) foram coletados cinco, 12, 19, 35, 47 e 62 dias após os tratamentos por meio de neurectomia pela técnica de guilhotina, com os animais sob anestesia geral inalatória, sendo alocado um animal para cada momento. As amostras foram fixadas em solução de formol tamponado 10%, processadas rotineiramente para histopatologia e coradas pela hematoxilina-eosina. Dois avaliadores cegos aos tratamentos classificaram as alterações histopatológicas de acordo com o grau de degeneração nervosa em: ausente, leve, moderada ou severa. Não se observou diferença entre os tratamentos ($p>0,05$) quanto à TSP nas primeiras 24 horas, porém se constatou um aumento médio de 1,8ºC (±0,35°C) e 2,43ºC (±0,7°C) após injeção de SS e CA2% respectivamente neste período. As alterações histológicas identificadas incluíram graus variáveis de substituição multifocal da parede axonal por material homogêneo, marcadamente eosinofílico e de formato elipsóide, caracterizando a presença de esferóides axonais, indicando degeneração Waleriana. Em alguns locais, parte dos fascículos foram substituídos por tecido conjuntivo fibroso. Essas lesões foram observadas do quinto ao 62º dia em 78% (n=14/18) dos ramos tratados com CA2%, sendo que lesões leves, moderadas e severas foram identificadas em 36%, 28% e 36% destas amostras respectivamente. Observou-se também alterações leves e moderadas em 17% e 50% dos nervos tratados com SS, o que pode ser atribuída a ruptura de fibras nervosas durante a inserção da agulha ou caso tenha ocorrido aplicação intraneural. O posicionamento preciso da agulha, dentro ou fora do feixe neurovascular, poderia explicar a variação das lesões após a utilização do CA2%, visto que a injeção perineural está associada a lesões nervosas intermediárias e a injeção intraneural com lesões mais severas. Os resultados do presente estudo indicam que o CA2% produz lesões nervosas de diferentes graus do quinto ao 62º dia após injeção perineural dos NDPs, podendo o efeito clínico deste produto estar relacionado com a severidade da lesão nervosa gerada. Assim, salienta-se a necessidade de uma técnica acurada para uma correta deposição do fármaco no feixe neurovascular.

Agradecimentos: Os autores agradecem o apoio financeiro da FATEC/UFSM (projeto 5.03.0025), da FAPERGS/CAPES e da empresa Vetnil Indústria e Comércio de Produtos Veterinários Ltda.

Palavras-chave: Claudicação crônica; neurectomia; neurólise

42. OCORRÊNCIA DE ANTICORPOS CONTRA NEOSPORA SPP. EM EQUINOS CRIADOS EM ÁREA URBANA E RURAL

MILENA CAROL GRANELLA*1; RUBENS PERES MENDES1; MARIANA DA SILVA CASA1; PAULO EDUARDO FERIAN1; FABIANO ZANINI SALBEGO1; FERNANDA SILVEIRA FLORES VOGEL2; LUIS ANTÔNIO SANGIONI2; JOANDES HENRIQUE FONTEQUE1; PATRÍCIA BRÄUNIG2

1.UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA, LAGES, SC, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA, RS, BRASIL.

e-mail:milenacarolsgranella@gmail.com

Resumo:

A neosporose é descrita como uma das causas potenciais de abortamento em éguas, sendo que o ambiente onde são mantidos os equinos pode ser considerado um fator relevante na exposição ao protozoário. Objetiva-se com este trabalho verificar a ocorrência de anticorpos contra Neospora spp. em equinos criados em área urbana e rural. Foram utilizados 400 equinos divididos em dois grupos. O grupo rural composto por 241 animais da raça Campeiro, registrados na Associação Brasileira dos Criadores de Cavalo Campeiro (ABRACCC), com idade média de 9,59±5,68 anos e peso médio de 423,75±42,49 kg, sendo 206 fêmeas (85,47%) e 35 garanhões (14,53%). O grupo urbano composto por 159 equinos mestiços cadastrados no Programa de Extensão Amigo do Carroceiro do Centro de Ciências Agroveterinárias (CAV) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), com idade média de 15,07±5,84 anos e peso médio de 372,11±56,70 kg, sendo 60 fêmeas (37,74%) e 99 machos castrados (62,26%). As amostras de sangue foram obtidas por meio da venopunção jugular externa em tubos a vácuo para obtenção do soro e armazenadas em temperatura de -20ºC até o processamento. A pesquisa de anticorpos anti-Neospora spp. foi realizada utilizando a técnica de reação de imunofluorescência indireta (RIFI), utilizando lâminas sensibilizadas com taquizoítos N. caninum da estirpe NC-1, células VERO, enriquecido com 10% de soro bovino, L-glutamina, piruvato, penicilina e estreptomicina, fixadas com metanol e acondicionadas em temperatura de congelamento. A primeira diluição foi de 1:50, e como anticorpo secundário utilizou-se o conjugado com fluoresceína anti-horse IgG, com diluição de 1:300. Dos 241 equinos que compuseram o grupo mantido em meio rural, observou-se soropositividade de 9,96% (24/241), destes 29,17% (7/24) machos e 70,83% (17/24) fêmeas. A ocorrência de anticorpos anti-Neospora spp. considerando o total do grupo rural dividido por sexo foi de 20,00% (7/35) nos machos e 8,25% (17/206) nas fêmeas. A soropositividade dos equinos provenientes da área urbana foi de 11,95% (19/159), destes 47,37% (9/19) representado por machos e 52,63% (10/19) por fêmeas. A ocorrência considerando esta população divida pelo sexo foi de 9,09% (9/99) para machos e 16,67% (10/60) para fêmeas. Infere-se que embora seja ínfima a diferença, a área urbana propicia maior risco para infecção de Neospora spp. A similaridade da ocorrência de soropositivos entre machos e fêmeas sobre a população total estudada oriunda de área urbana difere do observado na área rural, sendo que neste houve predomínio de fêmeas. Abordagens adicionais considerando o âmbito de criação e fatores de risco associados à transmissão de Neospora spp. em equinos devem ser realizadas para justificar o predomínio de equinos soropositivos no grupo urbano e elucidar a maior ocorrência de anticorpos anti-Neospora spp. em éguas do grupo rural, com a finalidade de melhor adequar o manejo empregado a esses animais. Conclui-se que há baixa ocorrência anticorpos contra Neospora spp. em equinos mantidos em meio rural e urbano, sendo que neste, pode-se observar maior susceptibilidade à infecção. A investigação dos fatores de risco associados pode auxiliar na elaboração de medidas preventivas.

Palavras-chave: Parasitologia; reação de imunofluorescência indireta; abortamento

43. OCORRÊNCIA DE NEOPLASIAS CUTÂNEAS EM EQUÍDEOS ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UFU

FERNANDO ALVES SOARES RAMOS*1; TATIANE FARIA PRADO1; RAÍSSA OLIVEIRA LEITE1; ERIKY AKIO TONGU1; KAMILA PINHEIRO PAIM1; MARCIO DE BARROS BANDARRA1; GEISON MOREL NOGUEIRA1; DIEGO JOSE ZANZARINI DELFIOL1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLANDIA, MG, BRASIL.

e-mail:diegojzd@hotmail.com

Resumo:

As neoplasias correspondem de 1% a 3% das enfermidades diagnosticadas em equídeos, dentre estas, os neoplasmas cutâneos representam cerca de 50% dos casos. Os tipos e a incidência podem variar de acordo com o clima, raça, pelagem e idade dos animais, acometendo com maior frequência os cavalos idosos. Estudos retrospectivos no Brasil demonstraram que a ocorrência de neoplasias cutâneas é de aproximadamente 2% e que o carcinoma de células

escamosas (CCE) e os sarcóides são as neoplasias de pele mais comuns na espécie. Objetiva-se com este trabalho, determinar a ocorrência de neoplasias cutâneas em equídeos atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia, no período de outubro de 2013 a setembro de 2016. Foram atendidos 336 equídeos, destes, 20,2% (68/336) apresentaram, ao exame clínico, alguma enfermidade cutânea. Após a realização dos exames citológico ou histopatológico constatou-se que 23,5% (16/68) dessas doenças eram neoplásicas. As neoplasias de pele corresponderam a 4,75% (16/336) dos casos atendidos. Dos animais diagnosticados com neoplasia cutânea 58,8% (10/16) eram machos e 41,2% eram fêmeas e aplicando o teste Qui Quadrado não observou-se diferença estatística quanto ao gênero (p= 0,9201). Dos 16 animais com neoplasia cutânea 15 eram equinos (93,75%) e um Muar (6,25%). Em relação as raças dos 15 equinos, nove casos (60%) eram animais sem raça definida (SRD), quatro (26,5%) da raça Quarto de Milha (QM), um da raça Paint Horse e um da raça Mangalarga (6,7%). Animais SRD e QM representam a maioria dos atendimentos realizados no Hospital Veterinário e aplicando-se o teste de Fisher não houve diferença estatística quanto a ocorrência nestas raças (p=0,1073). Um dos equinos SRD possuía duas neoplasias distintas: sarcóide e melanoma. A neoplasia mais diagnosticada foi o CCE com 52,9% (9/17) dos casos, seguido pelos sarcóides 35,3% (6/17), fibroma 5,8% (1/17) e melanoma 5,8% (1/17). Quanto a localização, o CCE foi diagnosticado na região periocular (4/9), prepúcio (3/9) e pênis (2/9), os sarcóides estavam localizados nos membros (3/6), região periocular (2/6) e pavilhão auricular (1/6), o fibroma acometia membro e o melanoma a região perianal. A idade dos equídeos com CCE variou entre três e 20 anos (12±7), com sarcóide entre seis meses e 16 anos (4±6), o equino com fibroma tinha 3,5 anos e o com melanoma 16 anos. A ocorrência de neoplasias de pele neste trabalho foi maior que a encontrada em outros estudos no Brasil, entretanto, corroborando outros estudos realizados no país o CCE e os sarcóides foram as neoplasias mais diagnosticadas.

Palavras-chave: Dermatologia; tumor; pele

44. OSTEOMIELITE DE CALCÂNEO E METACARPIANO PRINCIPAL EM POTRO: RELATO DE CASO

AYMARA EDUARDA DE LIMA*1; THAYNA KIKUCHI MONTEIRO1; MARILIA NUNES CARDOSO1; CAMILA COSTA CASON1; LEANDRO KEITI HAYASHI1; NEIMAR VANDERLEI RONCATI1; ANGELICA TRAZZI BENTO DE MORAES1; PAOLO NEANDRO BONA SOARES1

1.UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:pnbsoares@anhembimorumbi.edu.br

Resumo:

Osteíte é a inflamação do osso que culmina em infecção, em ossos com canal medular, com acometimento da mesma, o termo usado é osteomielite. Possui várias etiologias, porém em potros a via hematógena é a mais comum. A inflamação prejudica o suprimento sanguíneo ósseo. O exame clínico é fundamental na busca da origem da afecção. Os organismos mais encontrados são Gram - do trato gastrointestinal. As manifestações clínicas variam podendo apresentar claudicação leve que pode piorar, aumento de volume regional, dor a pressão digital e febre. Pode haver leucocitose e hiperfibrinogenemia. O diagnóstico é baseado nas manifestações clínicas e a radiografia é a modalidade mais utilizada em casos de suspeita de osteomielite. O aumento de volume dos tecidos moles adjacentes pode ser a única evidência radiográfica. A lise óssea pode ser observada a partir de 3-5 dias após a infecção. No início, a ultrassonografia é efetiva na detecção das lesões, além de guiar aspirados para cultura bacteriana. As áreas de lise podem formar sequestros ósseos, que podem ser dissolvidos no exsudato ou expulso com descarga purulenta, ainda pode ser revertido com a eliminação da infecção, refazendo o contato com o tecido viável. Somente a antibioticoterapia sistêmica não é efetiva. A terapia local é efetuada simultaneamente. A associação de cefalosporinas e aminoglicosídeos demonstra uma cobertura ampla em casos de infecções ósseas. A curetagem cirúrgica também é uma possibilidade de tratamento. Relatar o tratamento de osteomielite em calcâneo do membro pélvico direito (MPD) e em metacarpiano principal do membro torácico direito (MTD) em potra encaminhada com 21 dias de idade ao Hospital Veterinário.Foi encaminhada ao Hospital Veterinário uma potra, QM, 21 dias de idade. Proprietário relatou que o animal apresentava aumento de volume no curvilhão do MPD. O animal já havia sido tratado na propriedade, mas após ser solta no piquete o excesso de atividade piorou o aumento de volume no curvilhão do MPD. Passou a poupar mais o membro e ficar mais deitada. Foi encaminhada

para o Hospital Veterinário. Proprietário acompanhou o parto do animal, a ingestão de colostro e eliminação de mecônio, que ocorreram corretamente, e suspeita que a mãe tenha pisado na potra. Relata que ela saltava na baia e frequentemente batia a canela dos membros torácicos. A inspeção observou-se aumento de volume na região do calcâneo do MPD, que era poupado e apresentava claudicação, que piorou chegando a não apoiar os membros pélvicos. Possui alopecia na face medial do curvilhão. No MTD, terço médio dorsal da canela, havia edema sensível à palpação. No ultrassom de umbigo, pulmões, e articulação tarsocrural, não foram observadas alterações. No raio X do MPD, havia lise óssea com linha descontínua e irregular na tuberosidade do calcâneo. No MTD havia proliferação periostal e lise óssea no terço médio dorsal do metacarpiano principal atingindo a medula. Apresentava leucocitose acentuada e hiperfibrinogenemia. O tratamento instituído foi a administração sistêmica de Ceftiofur, Omeprazol, Meloxicam e Flunixin Meglumine. Realização de 6 antibioses no MPD com sulfato de amicacina diluída em solução fisiológica (SF) na veia safena. No MTD, foi realizada infiltração subcutânea de sulfato de amicacina perilesional e 3 antibioses com sulfato de amicacina diluído em SF na veia cefálica. O animal foi mantido com bandagem Robert Jones nos MPD e MTD. Devido a melhora nos exames e evolução clínica satisfatória o animal recebeu alta. Ratificando as informações encontradas na literatura, observamos leucocitose e hiperfibrinogenemia. A associação de cefalosporina e aminoglicosídeo monstrou resultados positivos, sendo uma opção no tratamento da osteomielite. Devido à resposta satisfatória ao tratamento conservativo, além do sequestro ósseo ser localizado no ponto de inserção do tendão do músculo Gastrocnêmio a curetagem não foi considerada.

Palavras-chave: Hematógena; lise óssea; cefalosporina

45. PERFIL INFLAMATÓRIO E DE DEGRADAÇÃO CARTILAGÍNEA NO LÍQUIDO SINOVIAL DE CAVALOS QUARTO DE MILHA DE CORRIDA COM FRATURAS DE CARPO - RESULTADOS PRELIMINARES

JOICE FÜLBER*1; JULIANA JUNQUEIRA MOREIRA1; SARAH RAPHAELA TORQUATO SEIDEL1; FERNANDA RODRIGUES AGRESTE1; CYNTHIA DO PRADO VENDRUSCULO1; LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA1; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1

1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:baccarin@usp.br

Resumo:

Cavalos atletas estão sujeitos a inúmeras lesões de origem musculoesquelética. A ocorrência de fraturas de carpo em cavalos Quarto de Milha de corrida pode estar relacionada com treinamento intenso em potros jovens, bem como estresse mecânico direto sobre os ossos do carpo, em decorrência da hiperextensão. A somatória destes fatores pode contribuir para a degradação cartilagínea, diminuindo a porcentagem de animais que retornam às atividades esportivas, bem como levando a aposentadoria precoce dos mesmos. O objetivo deste estudo foi determinar o perfil inflamatório e de degradação cartilagínea de cavalos Quarto de Milha que apresentaram fratura de carpo durante treinamento ou corrida por meio de biomarcadores articulares no líquido sinovial (LS). Foram avaliados 12 cavalos com fratura de carpo, apresentando uma ou mais articulações cárpicas acometidas. Previamente a artroscopia foi coletado LS para contagem celular, teste de mucina, coloração, aspecto, viscosidade, determinação das concentrações de prostaglandina E2 (PGE2) por ELISA, condroitim sulfato (CS) e ácido hialurônico (AH) por eletroforese em gel de agarose 0,5% e determinação do peso molecular do AH por eletroforese em gel de agarose 1%. Após a cirurgia todos os animais receberam fenilbutazona intravenoso, AH intra-articular e reabilitação por exercícios controlados semanais: repouso de 15 dias após a cirurgia e retorno gradual ao exercício com caminhadas guiadas no cabresto duas vezes ao dia durante um a dois meses; passando para caminhadas guiadas pelo cabresto, seguido por trote, duas vezes ao dia, durante um a dois meses, em períodos de tempo variáveis conforme o caso, associado a flexões passivas das articulações. O retorno às atividades atléticas foi permitido após quatro meses em média. Os animais apresentaram idade media de três anos. Cinco animais (41,66%) apresentaram apenas uma articulação cárpica acometida, cinco animais (41,66%) apresentaram mais de uma articulação cárpica acometida no mesmo membro e dois animais apresentaram alterações bilaterais (16,66%), totalizando 22 articulações. O LS apresentou coloração entre palha e ouro, aspecto límpido, teste de mucina classificado como bom na maioria dos animais, viscosidade

entre 2 a 5 (50%) e acima de 5 (50%) e contagem média de células nucleadas de 159 células/uL. A concentração média de PGE2 foi 122,89±118,21 pg/mL, de CS 39,66±27,73 µg/mL e de AH 358,58±120,44 µg/mL. O percentual de AH de alto peso molecular foi de 73%, sendo 29% 1000 a 2000 kDa, 29% 3000 a 5000 kDa, 33% 5000 a 10000 kDa e 9% >10000 kDa. Altas concentrações de PGE2 no LS são relatadas em doenças inflamatórias e degenerativas. Os glicosaminoglicanos estudados (CS e AH) estão relacionados à homeostase articular, ou seja, a eventos biológicos relativos ao metabolismo da matriz extracelular, indicando ou não degradação da matriz cartilagínea. Nossos resultados sugerem processo inflamatório presente (aumento de PGE2), contudo não detectamos indícios de degradação da cartilagem (concentrações normais de CS e AH), apesar da presença de fragmentos intra-articulares. Podemos inferir que o tratamento artroscópico foi realizado dentro de um tempo adequado após o diagnóstico das fraturas em relação ao início da destruição cartilagínea. Estes resultados serão interpretados em próxima etapa quando a relação entre o intervalo de tempo decorrido do diagnóstico da fratura à realização do tratamento e o exame físico no momento da colheita de líquido sinovial será avaliada. Também, o retorno destes animais à atividade e sua performance atlética serão comparados antes e após o tratamento. Tendo em vista os eventos que podem degradar a cartilagem articular, conclui-se que a retirada de fragmentos articulares decorrentes de fratura pode ser realizada antes dos mesmos iniciarem processo de degradação cartilagínea. Acredita-se que este procedimento implicará de forma direta no retorno destes animais às atividades de corrida

Palavras-chave: Equinos; fratura de carpo; líquido sinovial

46. PERFIL OXIDATIVO EM CULTIVO DE CONDRÓCITOS EXPOSTOS AO ACETONIDO DE TRIANCINOLONA, PLASMA RICO EM PLAQUETAS E PENTOSANO POLISSULFATO SÓDICO

HELOISA EINLOFT PALMA*1; CAMILA CANTARELLI1; MIGUEL GALLIO1; GABRIELE BIAVASCHI SILVA1; PATRÍCIA WOLKMER2; BIBIANA TELÓ MORAES2; RODRIGO FERNANDO SALAZAR2; JULIEN WERGUTZ3; ALEXANDRE KRAUSE1; KARIN ÉRICA BRASS1; FLÁVIO DE LA CÔRTE1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA, CRUZ ALTA, RS, BRASIL; 3.CENTRO UNIVERSITÁRIO FRANCISCANO, SANTA MARIA, RS, BRASIL.

e-mail:heinloft@hotmail.com

Resumo:

As doenças articulares degenerativas são desordens dos equinos que produzem perdas financeiras e piora na qualidade de vida destes animais. A degeneração cursa com desequilíbrio no ambiente articular, com redução na produção de fatores relacionados à condroproteção e estresse oxidativo. O uso de agentes condroprotetores, tais como o Plasma Rico em Plaquetas (PRP), o pentosano polissulfato sódico (PE) e o acetonido de triancinolona (TA) são alternativas para reduzir ou retardar a progressão dos danos articulares. Com a finalidade de avaliar os efeitos desses três agentes sobre a articulação, optou-se por realizar os tratamentos sobre um cultivo de condrócitos, avaliando o perfil oxidativo in vitro. Foram coletadas articulações metacarpofalangeanas de cinco equinos adultos provenientes de um abatedouro do RS, considerados clínica e radiograficamente saudáveis. Depois de colher fragmentos de cartilagem articular com um osteótomo, sob ambiente asséptico, os condrócitos foram isolados após digestão dos fragmentos articulares com pronase e colagenase em tubos Falcon, sendo a reação interrompida com meio DMEM +10% de soro fetal bovino, 60U/mL de penicilina, 60µg/mL de estreptomicina e 2mmol/L de glutamina. As células foram cultivadas em garrafas, encubadas a 37ºC em uma estufa úmida com 5% de CO_2. Após 21 dias, com as células atingindo confluência de aproximadamente 90%, as mesmas foram transferidas às placas de cultivo celular com seis poços. Após confluência de 90%, em um período médio de três dias, realizou-se o tratamento das mesmas por 30 minutos como segue: G1: controle condrócitos; G2: condrócitos + PRP (500.000 plaquetas/poço); G3: condrócitos + TA (0,06mg/mL); G4: condrócitos + PE (4mg/mL). A avaliação do perfil oxidativo foi realizada através da técnica de TBARS e da capacidade antioxidante através da dosagem da atividade da catalase (CAT) e glutationa peroxidase (GPx). As amostras também foram submetidas ao teste de MTT, avaliando-se a toxicidade dos compostos usados. Os dados foram submetidos à ANOVA de duas vias seguido do teste de Duncan, sendo os resultados considerados significantes quando $p<0,05$. Na osteoartrite normalmente se observa um aumento da atividade de enzimas antioxidantes, bem como níveis altos de substâncias reativas ao ácido tiobarbitúrico

no líquido sinovial. Não foram observadas diferenças no perfil oxidativo dos grupos tratados com PRP, TA e PE quando comparados ao controle. Tais alterações não eram esperadas, uma vez que as células foram removidas de animais saudáveis. Os resultados corroboram o efeito benéfico dos tratamentos usados uma vez que os mesmos não alteraram o perfil oxidativo.de condrócitos em cultivo. Foi observada uma alta viabilidade celular, associada a uma baixa toxicidade revelada pela técnica de MTT, corroborando a baixa atividade das enzimas antioxidantes, bem como da peroxidação lipídica. A ampla utilização do TA intra-articular tem sido avaliada, devido à possível toxicidade desta droga ao ambiente articular. Já o uso do PRP está em avanço no tratamento de pacientes com OA e existem evidências que ele seja considerado seguro para a articulação. Porém, ainda existem poucos estudos que relacionam os efeitos deletérios destes agentes com os condrócitos, especialmente em relação ao PE. Em nosso estudo não houve relação entre o uso destes agentes com o aumento da atividade de enzimas antioxidantes e nem em relação ao aumento da peroxidação lipídica. Pode-se considerar que estas células não se encontravam sob estresse oxidativo possivelmente devido ao tempo de exposição das mesmas aos tratamentos, que talvez não tenha sido prolongado o suficiente para causar danos. Assim, as três opções terapêuticas podem ser consideradas seguras aos condrócitos.

Palavras-chave: Equinos; articulação; catalase

47. PERFIL PARASITÁRIO, PROTEÍNAS PLASMÁTICAS TOTAIS E HEMATÓCRITO DE ÉGUAS EM TREINAMENTO DA RAÇA QUARTO DE MILHA

ALINE GROTO BARREIRAS*1; MONISE FURLAMENTO BUENO1; RAQUEL CORREIA LEITE1; INGRID BROMERSCHENKEL2

1.CENTRO UNIVERSITÁRIO DO NORTE PAULISTA - UNORP, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, SP, BRASIL; 2.UNESP/JABOTICABAL, SAO JOSE DO RIO PRETO, SP, BRASIL.

e-mail:guingafl@hotmail.com

Resumo:

O equino é muito utilizado como animal de esporte em competições de diversas modalidades. Os parasitas gastrointestinais causam redução de ganho de peso, de produtividade e predispõe os animais a doenças, acarretando em importantes prejuízos econômicos. Para minimizar os danos à saúde do animal, bem como a não redução da produtividade, busca-se níveis aceitáveis de infestação. Para detectar a presença destes parasitas, utiliza-se o teste do OPG (ovos por grama de fezes), que além de ser eficaz na avaliação do grau de infestação parasitária também é capaz de demonstrar a eficiência do controle parasitário. Nos exames de sangue, os valores fisiológicos do hematócrito variam entre as espécies e estão relacionados a algumas patologias como a anemia. As parasitoses podem levar o animal a uma hipoproteinemia e que pode ser ocasionada por enteropatias e hemorragias causadas pelo parasitismo. O objetivo do estudo foi avaliar o OPG, proteína total e hematócrito de éguas em treinamento naturalmente infestadas por endoparasitas. Foi utilizado um plantel da raça Quarto de Milha constituído por 12 éguas em treinamento, com média de idade de 2,9 anos, mantidas em um haras no município de Cedral-SP. As éguas recebiam ração duas vezes ao dia, e o volumoso era fornecido ad libitum. As colheitas das fezes foram realizadas de maneira não invasiva, imediatamente após a defecação, utilizando a porção do material que não tenha entrado em contato com o solo. As fezes foram armazenadas em sacos plásticos e acondicionadas em caixa isotérmica com gelo para transporte até o Laboratório de microscopia da UNORP, onde as amostras foram processadas. Para análise das fezes foi utilizado o Método de Gordon e Whitlock (OPG). As coletas de sangue foram realizadas por venopunção da jugular com agulha vaccutainer 25x8. As amostras foram armazenadas em frascos com o anticoagulante ácido etilenodiamino tetra-acético (EDTA), identificadas e acondicionadas em caixa isotérmica com gelo para transporte até o Laboratório de Patologia Clínica da UNORP. Na análise hematológica, foram realizadas as mensurações do Hematócrito (Ht) e da Proteína Plasmática Total (PPT), utilizando as técnicas de microhematócrito, e de refratometria. Do total de 12 amostras avaliadas, uma (8,33%) apresentou contagem de 400 OPG, uma amostra (8,33%) 350 OPG, uma (8,33%) 150 OPG, uma (8,33%) 100 OPG, uma (8,33%) 50 OPG e em sete amostras (58,33%) não foram evidenciadas a presença de ovos nas fezes, pela técnica aplicada. A média aritmética do hematócrito foi de 38% ± 3,4 e da proteína plasmática total foi de 7,34 ± 0,49. g/dL. Onze dos animais avaliados

(91,6%) apresentaram a contagem entre 0–350 OPG, correspondendo a um grau leve de infestação parasitária, o que pode acarretar em pouco ou nenhum efeito a saúde e produtividade do animal e apenas um animal (8,4%) apresentou uma contagem entre 400 – 950 OPG, sendo considerada uma infestação moderada, podendo causar efeitos a saúde e produtividade. Neste caso já é recomendado à administração de anti-helmínticos no intuito de controlar a infestação. O valor de referência de hematócrito utilizado para a espécie equina encontra-se entre 32% – 48% e a concentração de proteína plasmática total encontra-se entre 6,0 g/dL – 8,5 g/dL. De acordo com o estudo realizado, todas as amostras analisadas apresentaram resultados condizentes com os valores de literatura, tanto em relação aos valores obtidos no hematócrito, quanto à proteína plasmática total. Não foram observadas alterações significativas nos valores de Ht e proteína plasmática total dos animais positivos para o OPG.

Palavras-chave: Equinos; opg; sangue

48. PREDITORES DE SAÚDE EM NEONATOS EQUINOS DA RAÇA CAMPOLINA

MARCELA OLIVEIRA*1; GABRIEL FALLER ALMEIDA2; PALOMA LUANY CASTELLO RABELLO1; ANDRESSA DAMACENO1; GABRIELA GABURRO MARANGONHA1; FELIPE BERBARI NETO1; GRAZIELA BARIONI1; INGRID BROMERSCHENKEL1; CARLA BRAGA MARTINS1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO, ALEGRE, ES, BRASIL; 2.MÉDICO VETERINÁRIO AUTÔNOMO, CANTAGALO, ES, BRASIL.

e-mail:marcela_medvet@hotmail.com

Resumo:

Após o nascimento, o sistema neuroendócrino do neonato precisa se adaptar rapidamente ao ambiente. Em situações de estresse peri e pós-natal, como, exemplo, a sepse, hipoxemia e ausência da ingestão de colostro, ocorrem alterações no metabolismo dos carboidratos interferindo nos níveis séricos de glicose e lactato. A hipoglicemia e a hiperglicemia são achados frequentes em casos críticos. O lactato sérico tem sido usado como indicador de prognóstico e severidade de doenças em equinos. A determinação da glicemia e lactatemia associada aos parâmetros fisiológicos são importantes para o diagnóstico e tratamento para potros neonatos. Dessa forma, este estudo teve como objetivo avaliar a frequência cardíaca (FC), frequência respiratória (FR), temperatura retal T (°C), concentrações séricas de glicose e lactato em potros recém-nascidos. O protocolo experimental realizado está de acordo com os princípios Éticos da Experimentação Animal, adotados pela Comissão de Ética no Uso de Animais (CEUA), da Universidade Federal do Espírito Santo (Protocolo nº 78/2015). Foram utilizados oito potros neonatos da raça Campolina de ambos os sexos, recém-nascidos com até 48 horas de vida, pertencentes a uma propriedade particular situada no município de Cantagalo, estado do Rio de Janeiro. Os animais apresentavam-se hígidos, de acordo com exame clinico previamente realizado antes da colheita de cada amostra. Avaliou-se a frequência cardíaca, frequência respiratória, temperatura retal, coloração das mucosas oral e conjuntival, comportamento e tempo de preenchimento capilar da mucosa oral imediatamente após ao nascimento, 24 e 48 horas após. As amostras de sangue foram obtidas por venopunção da jugular, utilizando-se o sistema de coleta a vácuo imediatamente após o nascimento, 12, 24 e 36 horas após. Para a mensuração da glicemia utilizou-se o glicosímetro portátil Accu-Chek® Active e para a determinação do lactato utilizou-se o lactímetro portátil Active Accutrend® Plus. Os resultados obtidos foram analisados no programa Bioestat®, versão 5.3. Para as variáveis fisiológicas utilizou-se o teste t de student. Para a glicemia e lactatemia realizou-se a análise de variância Kruskal-Wallis a nível de 5 % de significância e o teste de Dunn para a comparação das médias. Não houve alteração significativa na FC, FR e T (°C) nos momentos estudados. A normalidade dos parâmetros fisiológicos evidencia a vitalidade dos recém-nascidos, visto que os potros mamaram colostro até duas horas após o nascimento, tempo considerado normal para a espécie. As placentas não apresentaram alterações macroscópicas dignas de nota e os neonatos não apresentaram alterações comportamentais durante o período experimental. É considerado normal a frequência cardíaca acima de 100 bpm durante a primeira hora de vida devido a adaptação cardiovascular e as tentativas de se levantar. O aumento nos demais momentos, provavelmente resultam da contenção do animal. A glicemia apresentou aumento significativo nas concentrações 12 horas após o nascimento, mantendo-se constante até 36 horas. Logo após o nascimento, a concentração de glicose sanguínea do potro é baixa. O estoque de glicogênio é suficiente para conferir energia por apenas até duas horas após o parto. Após a primeira mamada, os níveis de glicose aumentam significativamente,

refletindo a absorção intestinal do colostro, que é altamente calórico. Em relação ao lactatemia notou-se diferença significativa apenas entre o momento 0 e 24 horas, com diminuição significativa nas concentrações de lactato. Os valores elevados após o nascimento podem ser em decorrência do metabolismo anaeróbico promovido pela hipóxia durante o parto. Os potros estudados não apresentaram alterações nos parâmetros clínicos, glicemia e lactatemia indicativas de comprometimento sistêmico no intervalo de 0 a 48 horas pós nascimento.

Palavras-chave: Potro recém-nascido; bioquímica; parâmetros clínicos

49. PREVALÊNCIA DE LESÕES DE PÊNIS E PREPÚCIO EM EQUINOS ATENDIDOS NO HOSPITAL DE CLÍNICAS VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

AUGUSTO LUIZ POSTAL DALCIN*1; LUCIANA DE ARAUJO BORBA1; IGOR FREDERICO CANISSO2; CRISTINA GEVEHR GEVEHR FERNANDES1; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA1; BRUNA DA ROSA CURCIO1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RS, BRASIL; 2.UNIVERSITY OF ILLINOIS URBANA-CHAMPAIGN, URBANA, ESTADOS UNIDOS.

e-mail:luaraujo_sm@hotmail.com

Resumo:

Os distúrbios que ocorrem no pênis e prepúcio de equinos podem apresentar diversas origens como traumas, infecções de origem bacteriana ou parasitária, e principalmente neoplasmas. Essas alterações, mesmo não sendo a causa direta das alterações na produção ou qualidade espermática, afetam a habilidade dos animais efetuarem cobertura por causar dor, tanto no momento da ereção quanto no ato da monta, cursando com perdas produtivas e reprodutivas. Dessa forma, a proposta desse estudo foi determinar a prevalência das alterações de pênis e prepúcio em equinos atendidos no Hospital de Clínicas Veterinária (HCV) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Foi realizado um estudo retrospectivo das lesões de pênis e prepúcio de equinos machos atendidos no HCV/UFPel durante um período de 9 anos (2007-2016). As lesões foram classificadas em três grupos: traumáticas, infecções bacterianas e parasitárias, e tumores cutâneos (tumores neoplásicos e as lesões inflamatórias e proliferativas não neoplásicas com aspecto tumoral). Nos animais que apresentaram tumores cutâneos foram coletadas informações referentes à idade, pelagem e raça. Quanto à idade os animais foram agrupados em três categorias: até 5 anos; de 6-14 anos e acima de 15 anos. Durante o período de janeiro de 2007 a dezembro de 2016 foram atendidos no HCV/UFPel 1263 equinos machos. Deste total, 3,56% (n=45) apresentaram alterações na região de pênis e prepúcio. Os tumores cutâneos apresentaram prevalência de 46,6% (n=21), seguidas das lesões traumáticas com 37,7% (n= 17) e infecções bacterianas e/ou parasitárias com 8,8% (n= 6). Em apenas um caso (2,2%) não foi possível estabelecer a origem da lesão, não sendo incluído em nenhum grupo. Com relação à idade, a maior prevalência foi observada nos animais entre 6-14 anos (47,6%; 10/21), seguido dos animais acima de 15 anos (33,3%; 7/21). Quatro animais foram classificados como adultos, mas sem idade precisa (19,1%; 4/21). Quanto à pelagem, os animais de pelagem tordilha (3/21), baia (3/21), rosilha (3/21) e lobuna (3/21) apresentaram prevalência de 14,3%, seguido de 9,5% da pelagem zaina (2/21). As pelagens tobiana (1/21), oveira (1/21), colorada (1/21), tostada (1/21), gateada (1/21) e preta (1/21) apresentaram prevalência de 4,8%. Um animal não apresentava dados sobre a pelagem. A prevalência de tumores cutâneos foi maior nos animais SRD (76,2%; 16/21), seguido de animais da raça Crioula (19,1%; 4/21) e pônei (4,8%; 1/21). Com relação às pelagens mais acometidas, animais com pelagem mais clara foram mais acometidos. Isto pode ser decorrência da maior incidência de carcinomas de células escamosas (CCE), que acometem pelagens mais claras. Alguns autores descrevem ainda que o acúmulo de esmegma pode estar relacionado ao desenvolvimento CCE. Entretanto, ainda não é estabelecido se o desenvolvimento neoplásico é resultante da irritação crônica provocada pelo acúmulo de esmegma ou se o próprio esmegma atua como agente carcinogênico. A diferenciação dos tumores cutâneos através de histopatologia é importante, pois através da identificação e diferenciação das neoplasias é possível a adoção de medidas terapêuticas adequadas, que variam desde a utilização de crioterapia para remoção de pequenos tumores até a remoção cirúrgica e utilização de quimioterápicos de uso tópico em casos mais severos. Com base nos achados deste estudo, pode-se concluir que os tumores cutâneos são as alterações mais frequentes que afetam o pênis e prepúcio em equinos na região Sul do Rio Grande do Sul. A elevada prevalência dessas alterações ressalta a importância do estabelecimento de um diagnóstico definitivo através de histopatologia e da

adoção de medidas de higiene em animais que tendem a acumular esmegma, pois as neoplasias que acometem o pênis e prepúcio de equinos são comumente recorrentes e o prognóstico a longo prazo é desfavorável.

Palavras-chave: Neoplasias; sistema reprodutor masculino; perdas reprodutivas

50. RELAÇÃO ENTRE OBESIDADE E OCORRÊNCIA DE SÍNDROME METABÓLICA EQUINA EM CAVALOS CRIOULOS

CAMILA CANTARELLI*1; STEFANO LEITE DAU1; SIMONE STEFANELLO1; MARCOS DA SILVA AZEVEDO2; GRASIELA DE BASTIANI3; HELOISA EINLOFT PALMA1; KARIN ÉRICA BRASS1; FLÁVIO DE LA CÔRTE1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, CURITIBANOS, SC, BRASIL; 3.IMED, PASSO FUNDO, RS, BRASIL.

e-mail:camilacantarelli@yahoo.com.br

Resumo:

Os cavalos da raça Crioula que antes eram mantidos soltos em campos nativos, passaram a ser criados em cocheiras ou pastagens com alimentação rica em energia. Essas mudanças no manejo e tipo de alimentação resultaram no surgimento de problemas como as doenças ortopédicas do desenvolvimento e a obesidade. Atualmente, sabe-se que animais obesos estão mais predispostos a desenvolver a síndrome metabólica equina (SME) que se caracteriza pelo aumento da adiposidade corporal, resistência insulínica (RI) e laminite. Os objetivos deste trabalho foram investigar a SME em cavalos Crioulos considerados obesos e avaliar a aplicabilidade do teste dinâmico com glicose de milho via oral (TGO) para o seu diagnóstico. Foram selecionados 22 cavalos de diferentes propriedades do Rio Grande do Sul com registro na Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos (ABCCC). Após obtenção do histórico clínico e de manejo, bem como exame físico completo, foi realizado exame radiográfico dos cascos e mensuração ultrassonográfica da espessura do tecido adiposo subcutâneo na região da base da cola, cernelha, atrás da escápula e retroperitoneal. Medidas morfométricas da circunferência do pescoço (CP), altura da crista do pescoço (HCP), circunferência torácica (CT), altura na região da cernelha e peso foram mensuradas e, além do escore de condição corporal (ECC), o escore da crista do pescoço (ECP) também foi determinado. Os animais foram alocados em três grupos de acordo com seu ECC e presença ou ausência de laminite; G1 (6/22): ECC<7 e tido como controle, G2 (8/22): ECC≥7 sem laminite e G3 (8/22): ECC≥7 com laminite. A avaliação da curva glicêmica foi realizada por meio do TGO após um jejum de oito horas, sendo coletadas amostras de sangue antes e aos 30, 60, 75, 90, 120, 150, 180, 210 e 240 minutos da administração de glicose. A concentração plasmática de insulina foi mensurada antes do TGO, aos 75 min e nos animais que apresentaram pico de glicose após os 90min, também foi realizada mais tardiamente (120, 150 ou 180min pós TGO). Também foi realizada a mensuração de triglicerídeos na amostra basal. Os animais obesos com laminite (G3) apresentaram as maiores medidas morfométricas e concentrações plasmáticas (µUI/mL) de insulina basal (G1=2,2±0,2; G2=3,9±0,2; G3=9,5±0,9) e aos 75min (G1=6±1; G2=9,5±2; G3=18,5±7) dentre os grupos. Diferenças ($p<0,05$) morfométricas (peso, HCP, ECP) e metabólicas (triglicerídeos, tempo para concentração máxima de glicose, área sob a curva de concentração de glicose ao longo do tempo, tempo de retorno a níveis basais de glicose) foram observadas entre animais do G1 comparado com os do G2 e G3. Em nove de 16 animais obesos (56,25%), o pico de glicose, bem como o pico de insulina em resposta ao TGO, ocorreu em um tempo superior (120-180min) ao descrito na literatura (60-90min). Além disso, o tempo necessário para a glicose retornar a níveis basais foi diferente entre os grupos, caracterizando resistência à insulina em 69% (n=11/16) dos animais obesos. A detecção da resistência à insulina por meio do TGO somente foi possível porque a curva da resposta glicêmica ao teste foi determinada, uma vez que as concentrações plasmáticas de insulina se mantiveram dentro dos valores de referência. A gordura subcutânea da região da base da cola foi o fator mais fortemente correlacionado (R=0,87) com a resistência à insulina. A amostragem aos 75 min, preconizada para detecção de hiperinsulinemia, foi considerada inadequada se realizada sem a curva glicêmica em animais obesos. Estes resultados revelam diferenças claras relacionadas com a obesidade nas respostas de glicose e insulina de cavalos Crioulos frente ao TGO, reforçando a associação dessa condição com distúrbios metabólicos. Além disso, aumentam a acurácia no diagnóstico da SME, permitindo sua identificação antes da ocorrência de laminite.

Palavras-chave: Teste de glicose oral; insulina; morfometria

51. RESPOSTA VACINAL A EMA-2 RECOMBINANTE DE THEILERIA EQUI EM ÉGUAS GESTANTE PRIMO-VACINADAS E REVACINADAS

ALICE CORREA SANTOS*1; FÁBIO LEIVAS LEITE1; ANA MUÑOZ VIANNA1; GUILHERME BORGES WEEGE1; BRUNA DOS SANTOS SUÑE MORAES1; ILUSCA SAMPAIO FINGER1; VITÓRIA MÜLLER1; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RS, BRASIL.

e-mail:alice.cs@live.com

Resumo:

Theileria equi é um protozoário hemoparasita, causador de piroplasmose equina, uma doença de importante impacto sanitário e econômico no mercado equestre. Na gestação, T. equi é prejudicial à saúde da égua, além de causar abortos e danos ao neonato. A vacina rEMA-2 foi desenvolvida experimentalmente como uma alternativa de imunógeno, utilizando o antígeno de superfície de merozoítos primariamente reconhecido pelo sistema imunológico de equino, EMA-2. O objetivo deste estudo foi comparar a resposta imune humoral à vacina contendo a proteína rEMA-2 de T. equi em éguas gestantes sob a condição de primo-vacinação e revacinação, bem como a concentração de anticorpos vacinais no colostro. A vacina rEMA-2 foi produzida experimentalmente, sendo composta de 200ng/µl de rEMA-2, PBS-T e Hidróxido de Alumínio como adjuvante. Foram utilizadas 17 éguas gestantes, divididas em Grupo Primo-vacinado (n=7), Grupo Revacinado (n=4) e Grupo Controle (n=5), onde as éguas do Grupo Revacinado receberam reforço um ano após a primovacinação. O esquema vacinal foi realizado a partir dos 300 dias de gestação, com três doses em intervalos de 21 dias nos grupos vacinados. Em todos os grupos, semanalmente foi coletado, separado e armazenado o soro sanguíneo a -20°C. O colostro foi obtido através de ordenha logo após o parto e antes da primeira mamada do potro, e armazenado a -20°C. As amostras foram avaliadas através de ELISA indireto. Os resultados obtidos demonstram que em comparação ao Grupo Controle, a vacina rEMA-2 foi capaz de estimular a produção de anticorpos vacinais nos Grupos Primo-vacinado e Revacinado. Éguas que receberam o reforço vacinal estimularam mais rapidamente a produção de anticorpos, tendo aumento percentual de 61% uma semana após a 1ª dose, enquanto éguas primo-vacinadas tiveram incremento de 8,35% o título de anticorpos no mesmo período. Na resposta primária a uma vacina, após o contato com o antígeno, a expansão clonal de linfócitos leva em torno de 14 dias para produzir níveis detectáveis de anticorpos. Uma parte destes linfócitos irão se diferenciar em células de memória, que ao entrarem novamente em contato com o antígeno permitem que a produção de anticorpos seja mais rápida e intensa, conforme observado em nossos resultados. A média da absorbância e erro padrão da concentração de anticorpos no colostro foi: Grupo Primo-vacinado: 1.4013±0.2121; Grupo Revacinado: 1.9027±0.0670 e Grupo Controle: 0.9408±0.1311, havendo diferença estatística entre os grupos. A vacinação de éguas gestantes geralmente contempla o terço final de gestação, justamente para que sejam concentrados anticorpos vacinais na glândula mamária no periparto, permitindo que o neonato os receba através de imunidade passiva. Observamos que a vacina rEMA-2 foi eficaz para a concentração de anticorpos no colostro, sendo ainda mais evidente no Grupo Revacinado. Éguas que receberam reforço da vacina rEMA-2 apresentaram memória imunológica, o que permitiu a produção de anticorpos vacinais mais rápida em comparação ao Grupo primo-vacinado. Éguas que receberam reforço da vacina rEMA-2 obtiveram concentrações maiores de anticorpos no colostro, sugerindo que neonatos provenientes de éguas revacinadas recebam maior aporte de imunoglobulinas anti-EMA-2 de T. equi através de imunidade passiva.

Palavras-chave: Theileria equi; éguas gestantes; vacina rema-2

52. TEMPO DE RESOLUÇÃO DE OBSTRUÇÕES SIMPLES DO CÓLON MAIOR EM EQUINOS TRATADOS COM INFUSÃO CONTÍNUA DE CLORIDRATO DE LIDOCAÍNA

DEBORAH PENTEADO MARTINS DIAS*1; MARCELO VITOR ALMEIDA DE MORAES1; FLÁVIA ANTUNES MOLEZINI1; HENRIQUE SILVEIRA DIAS FERREIRA1; SAMUEL DOS SANTOS SOUSA1; DANIELA JUNQUEIRA DE QUEIROZ1

1.CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ, RIBEIRAO PRETO, SP, BRASIL.

e-mail:deborah_dias@hotmail.com

Resumo:

As compactações e timpanismos do cólon maior são causas frequentes de síndrome cólica em equinos. A abordagem clínica inclui fluidoterapia intensiva e medicamentos específicos para cada caso, sendo o uso de pró-cinéticos recomendado no restabelecimento do trânsito intestinal. A infusão contínua de cloridrato de lidocaína comprovadamente age na recuperação de equinos apresentando íleo adinâmico após laparotomia exploratória devido à sua ação pró-cinética, analgésica e anti-inflamatória. Entretanto, há poucos relatos de casos clínicos explorando o uso deste fármaco no tratamento de equinos com obstruções simples do cólon maior. Objetivou-se verificar o tempo para resolução de compactações e timpanismos do cólon maior de equinos tratados com infusão contínua de cloridrato de lidocaína como adjuvante ao tratamento tradicional. Foram avaliados 20 equinos adultos apresentando síndrome cólica, encaminhados ao Hospital Veterinário do Centro Universitário Barão de Mauá. De acordo com os achados da palpação transretal, os animais foram divididos em grupos considerando a enfermidade gastrointestinal apresentada: compactação (G1, n=10) ou timpanismo (G2, n=10). Dentre estes grupos, os equinos foram escolhidos aleatoriamente para receber infusão contínua de cloridrato de lidocaína (L) ou placebo (P). Assim, avaliou-se equinos compactados tratados com lidocaína (G1L, n=5), equinos compactados tratados com placebo (G1P, n=5), equinos timpânicos tratados com lidocaína (G2L, n=5) e equinos timpânicos tratados com placebo (G2P, n=5). Todos os cavalos receberam ringer lactato por via intravenosa (IV), considerando-se 10% de desidratação. Aos animais do G1, administrou-se hidróxido de magnésio na dose de 280 mg/kg, via sonda nasogástrica e, aos animais do G2, administrou-se 500 mg/kg de sorbitol, IV. Imediatamente após o tratamento inicial com laxantes (G1) ou anti-timpânicos (G2), iniciou-se a administração de cloridrato de lidocaína com bolus de 1,3 mg/kg, diluídos em 250 ml de solução de ringer lactato, IV. Após a administração do bolus, realizou-se infusão contínua do fármaco, determinada por gotejamento em equipo macrogotas, na dose de 0,05 mg/kg/min, diluídos em solução de ringer lactato, IV, ininterruptamente até a recuperação do animal, monitorada por palpação transretal. Os animais dos grupos P receberam o bolus e a infusão contínua de ringer lactato na mesma taxa de gotejamento dos grupos L, porém sem conter lidocaína. Realizou-se exames físicos a cada 30 minutos durante o tratamento e não observou-se sinais indicativos de toxicidade causada pelo cloridrato de lidocaína em infusão contínua. A normalização do quadro clínico ocorreu em média de 6 horas no G1P e 5 horas no G1L (17% mais rápido com lidocaína); 5 horas no G2P e 3 horas no G2L (40% mais rápido com lidocaína). Concluiu-se que a infusão contínua de cloridrato de lidocaína na dose proposta diminuiu o tempo para a resolução de obstruções simples do cólon maior, principalmente para casos de timpanismo, quando a ação do fármaco demonstrou favorecer a eliminação dos gases acumulados no lúmen intestinal.

Palavras-chave: Cavalo; compactação; pró-cinético

53. TEORES DE SETE MINERAIS NOS CASCOS DE EQUINOS DA RAÇA CAMPEIRO

ANDERSON FERNANDO SOUZA*1; RUBENS PERES MENDES1; MILENA CAROL GRANELLA1; MARIANA DA SILVA CASA1; ROGÉRIO LAUS1; MARCELO ALVES MOREIRA1; JOANDES HENRIQUE FONTEQUE1

1.UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA, LAGES, SC, BRASIL.

e-mail:milenacarolsgranella@gmail.com

Resumo:

A qualidade dos cascos está associada ao bom desempenho das funções dos equinos, sendo que vários fatores podem influenciar na capacidade de resistir ao impacto e ao desgaste, dentre eles a concentração de minerais. O

objetivo do trabalho foi mensurar os teores de cobre, ferro, sódio, potássio, zinco, cálcio e magnésio nos cascos de equinos da raça Campeiro. Utilizaram-se 30 equinos, sendo 23 fêmeas (77%) e sete machos (23%), com peso médio de 414,3±46,1 kg e idade média de 10,9±7,6 anos, registrados na Associação Brasileira dos Criadores de Cavalo Campeiro (ABRACCC), provenientes de propriedades núcleo de conservação in situ da raça nas cidades de Lages, Curitibanos e Concórdia no estado de Santa Catarina, São Francisco de Paula e Caxias do Sul no estado do Rio Grande do Sul. Todos os equinos encontravam-se desferrados e com adequada conformação podal, mantidos em sistema de criação semiextensiva alimentados com pastagem nativa e/ou feno de azevém e tifton, sal mineral, ração concentrada comercial e água ad libitum. Foram excluídas do trabalho fêmeas gestantes e/ou com potro ao pé. Amostras de todos os cascos foram coletadas das regiões da parede, sola e ranilha com auxílio de torquês de casco e rinete, diferenciando-as entre pigmentadas e não pigmentadas. Em seguida as amostras foram lavadas com detergente isento de minerais (Extram) e água destilada e secos com álcool absoluto, acondicionando-as em sacos plásticos identificados e lacrados, sendo congeladas até a realização das análises. A quantidade de 0,3 g obtida do pool das amostras de cada animal foi digerida em 6,0 mL de solução de HNO3 PA em digestor micro-ondas modelo Multiwave 300 (PerkinElmer®), em seguida, diluídos para 30 mL com água destilada (condutividade inferior a 5 µS/cm) e acondicionadas em tubos tipo Falcon com capacidade de 50 mL, mantido em refrigeração. As concentrações de Ca, Mg, Cu, Fe e Zn foram determinadas pela técnica de espectrofotometria de absorção atômica de chama (FAAS) em equipamento modelo AAnalyst 200 (PerkinElmer®) e K e Na por emissão atômica em fotômetro de chama modelo DM-62 (Digimed®). Uma solução de lantânio 1,0 % foi adicionada a solução padrão de Ca e nas amostras para complexar o P e deixar o Ca livre para análise. Aplicou-se o teste T de Student para comparação entre os teores de minerais entre cascos pigmentados e não pigmentados. A análise de variância (ANOVA), seguido pelo teste de Tukey foi aplicado para os teores de minerais nas diferentes partes do casco ($P<0,05$). Independente da pigmentação dos cascos, observaram-se maiores teores ($P<0,05$) de Cu, Fe e Zn na parede e de K, Ca e Mg na ranilha, não havendo diferença ($P>0,05$) nos teores de Na entre as regiões do casco. Em relação aos cascos pigmentados (escuros) e não pigmentados (claros), observaram-se maiores teores ($P<0,05$) de Fe na parede e sola e de K na sola e na ranilha dos cascos pigmentados. Estando os elementos Cu e Zn associados a formação e estruturação da matriz córnea, isso pode refletir uma melhor estruturação da parede frente as demais partes do casco, tendo em vista sua função de suporte da maior parte do peso. Embora existam diferenças nos teores de alguns minerais entre cascos de diferentes colorações, parece não refletir em melhor qualidade do casco escuro em relação ao claro nos equinos da raça Campeiro.

Palavras-chave: podiatria; elementos químicos; locomotor

54. TRATAMENTO DE SARCÓIDE EQUINO: PROCEDIMENTO CIRURGICO E IMPLANTE AUTÓLOGO – ESTUDO RETROSPECTIVO

FÁBIO FLAIN PIFFERO*1; GEÓRGIA CAMARGO GOSS1; CARLA TEIXEIRA LEITE1; BRUNO GOSTINSKI ROMERO1; MARCELO LAMEIRO PORCIUNCULA1; GABRIELA DÖWICH1; LOREANE ROSA DA ROSA1; LEONARDO TRENTIM CHAVES1; INGRID RIOS LIMA MACHADO1; CLÁUDIA ACOSTA DUARTE1; FABRÍCIO DESCONSI MOZZAQUATRO1

1.UNIPAMPA, URUGUAIANA, RS, BRASIL.

e-mail:fabio_piffero@hotmail.com

Resumo:

O sarcóide é um tumor benigno que acomete equinos de várias idades sem predisposição por raça, sexo ou pelagem, apresentando-se geralmente na derme. Embora seja considerado um tumor benigno, é bastante agressivo pois apresenta uma rápida proliferação celular desorganizada permitindo que cresça rapidamente. As lesões geralmente são propensas a recorrência pois a neoplasia é refratária aos diferentes tipos de tratamento. O sarcóide pode ser classificado em 4 formas distintas que se correlacionam com as características histológicas: Oculto ou superficial, verrucoso, nodular e fibroblástico. O sarcóide tipo fibroblástico possui aparência exofítica fibrovascular, frequentemente semelhante a tecido de granulação, podendo apresentar-se pedunculado ou localmente invasivo. Embora as características clínico-patológicas do sarcóide equino estejam sedimentadas, a sua etiologia ainda é controversa. Os dados epidemiológicos e o comportamento clínico da lesão sugerem uma possível origem infecciosa

por papilomavirus bovino. As lesões neoplásicas ocorrem em qualquer região do corpo, porém são registradas com maior frequência na cabeça, comissura labial e região periocular, além da região cervical, membros e região ventral (abdominal e paragenital) do corpo. Este trabalho objetivou relatar o desfecho clínico de 5 casos de sarcóide em equinos atendidos na rotina clínica do HUVet da Unipampa, campus Uruguaiana. Os animais, quatro da raça crioula e um PSI (idade 1,5 a 5 anos) apresentavam uma massa disforme, com aparência de tumor sarcóide, como já descrito anteriormente. Os tratamentos preconizados foram retirada cirúrgica, podendo ou não ser realizado implante autólogo. Os pacientes foram submetidos a anestesia geral com xilazina (1mg/kg), cetamina (2mg/kg) intravenosa e manutenção com triple drip (xilazina, cetamina, EGG) juntamente com bloqueio local de lidocaína 2% na base do sarcóide. Foi realizada uma incisão eliptica em torno do nódulo com margem de 1cm, após a divulsão do subcutâneo e dissecação do tecido, foi realizada a excisão total. Finalizou-se a técnica com a dermorrafia na região. Associado a este procedimento foi realizada a tecnica do implante autólogo. Este procedimento constitui da retirada de um fragmento de 0,5mm da própria massa tumoral que é envolta em papel alumínio e passa por um tratamento criogênico (N2 líquido) por 90 segundos. Logo após, é realizada uma incisão de 1cm na região do músculo semiespinhal e longuissimo do pescoço sendo o fragmento enxertado entre o subcutâneo e a pele. O pós-operatório constou de curativo local das feridas e remoção dos pontos cirúrgicos aos 15 dias de pós-operatório. Amostras de tecidos removidos foram encaminhados para o setor de patologia para confirmação histopatológica. Todos os tumores foram confirmados como sarcóide do tipo fibroblástico com presença de eosinófilos associado a infiltrado inflamatório neutrofílico. Dos cinco casos de sarcóide fibroblasticos que foram encaminhados para cirurgia, 1 foi realizado apenas a remoção cirurgica e 4 foram com a associação (remoção cirugica + implante autólogo). Em apenas 1 animal, que fora tratado com remoção + implante autólogo, não houve a recidiva do tumor. Em todos os outros casos o sarcóide reapareceu no mesmo local poucos meses após o procedimento. Vários trabalhos relatam uma ampla variedade de tratamento de sarcóides em equinos. E os resultados nem sempre são animadores pois as recidivas são recorrentes. O modelo proposto de tratamento de sarcóide (remoção cirúrgica + implante autólogo), embora com um número pequeno de animais tratados, não foi efetivo na prevenção do reaparecimento do tumor.

Palavras-chave: Sarcóide; tratamento; implante

55. TRATAMENTOS DE FERIDAS CUTÂNEAS EXPERIMENTAIS COM EXTRATO E ÓLEO DE COPAÍBA

JULIANA DE MOURA ALONSO*1; DEBORA PERRONE KAUER1; CLAUDIA HELENA PELLIZZON1; ANA LIZ GARCIA ALVES1; MARCOS JUN WATANABE1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1

1.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:cahussni@fmvz.unesp.br

Resumo:

Feridas cutâneas apresentam elevada incidência na espécie equina. A copaíba (Copaifera langsdorffii) é uma árvore encontrada nas regiões norte e nordeste do Brasil, que tem sido estudada como fonte fitoterápica na cicatrização de feridas. O objetivo deste estudo foi avaliar os tratamentos com o extrato hidroalcoólico e com o óleo-resina de copaíba em feridas cutâneas experimentalmente induzidas em equinos. Foram utilizados seis equinos adultos, submetidos à indução bilateral de quatro feridas circulares de pele de 2 cm de diâmetro. As feridas foram produzidas com auxílio de punch, dispostas linearmente na região lombar direita e esquerda. Foram utilizados quatro tratamentos tópicos: solução fisiológica (controle), creme Lanette (veículo puro), creme à base de extrato hidroalcoólico de copaíba a 10% (EH) e creme à base de óleo-resina de copaíba a 10% (OL). Os tratamentos foram dispostos em diferentes sequências em cada animal, sendo combinado alternadamente no sentido crânio-caudal. As diferentes combinações foram realizadas a fim de se minimizar a influência das diferentes taxas de retração observadas ao longo da região dorsal dos equinos A região lombar direita foi destinada a avaliação macroscópica da cicatrização, tempo total de cicatrização e retração, através da planimetria sequencial. O lado esquerdo foi destinado à análise histopatológica, que se deu através da realização de biopsias nos dias 3, 7, 14 e 21. As feridas se apresentaram macroscopicamente semelhantes nos primeiros três dias de tratamento, caracterizando o processo inflamatório inicial. Na segunda fase do processo cicatricial (3º e 7º dia) as feridas do tratamento controle mostraram-se significantemente menores em relação as feridas tratadas com copaíba (EH e OL), sugerindo que esses tratamentos interferiram negativamente

na taxa de retração neste período. Apesar das feridas tratadas com copaíba ou creme base se mostrarem maiores neste período, não houve diferença significativa no tempo total de cicatrização entre os tratamentos. A partir das análises microscópicas, foi observado que as feridas tratadas com copaíba apresentaram presença de vasos mais calibrosos e melhor reorganização tecidual no 14º e 21º, destacando-se positivamente o tratamento com OL. A partir dos resultados obtidos, foi possível concluir que os tratamentos com OL e EH não resultaram em diminuição significativa do tempo total de cicatrização e resultaram em atraso na contração da ferida nos primeiros sete dias. A utilização do OL demonstrou-se indicado no tratamento de feridas em equinos após a fase inflamatória, ao sétimo dia de tratamento, pois não interferiram na retração e promoveram melhor qualidade do tecido cicatricial.

Agradecimentos: CNPq/PIBIC – UNESP.

Palavras-chave: Copaíba; cicatrização; equinos

56. USO COMPARATIVO DO LACTATO VENOSO E DO LÍQUIDO PERITONEAL COMO AUXILIAR DIAGNÓSTICO E PROGNÓSTICO NO ABDÔMEN AGUDO DE EQUINOS

MARIA AUGUSTA BERLINGIERI*1; PAULO ARI LEIRIA1; JULIETTI BEATRIZ VIEIRA1; CAUE NATAM DE SOUZA1; ALISSON ROMANO DA SILVA1

1.EQÜIVET HOSPITAL VETERINÁRIO, INDAIATUBA, SP, BRASIL.

e-mail:gutaberlingieri1@hotmail.com

Resumo:

Os níveis de lactato estão correlacionados com o fornecimento de oxigênio tecidual. Sua absorção pelos tecidos é um marcador útil na determinação de déficits de perfusão e resposta a terapias. Desta forma, um parâmetro que tem recebido atenção atualmente é a concentração de lactato do líquido peritoneal. Os processos viscerais isquêmicos, que resultam de lesões estrangulativas levam a formação de lactato. Alguns estudos têm reportado o uso da concentração de lactato venoso e do líquido peritoneal de forma comparativa como parâmetro auxiliar diagnóstico e prognóstico. O lactato é o produto final do metabolismo anaeróbico de glicose. A mudança para metabolismo anaeróbico da glicose com a entrega de oxigénio insuficiente para os tecidos aumenta as concentrações de lactato sanguíneo. Menos comumente, a hiperlactatemia pode resultar de disfunções hepáticas, inibição da piruvato desidrogenase, catecolaminas, sepse ou SIRS, embora o aumento do nível de lactato nesses casos seja geralmente menor do que o que é visto na hipovolemia. A elevação nos valores de lactato venoso e do líquido peritoneal indicam diminuição global da perfusão (hipotensão /desidratação) ou local (isquemia e desordem estrangulativa). Os valores de lactato do líquido peritoneal mais altos podem indicar obstruções estrangulativas. A depuração de lactato com atraso tem demonstrado estar associada com prognóstico ruim em humanos e na Medicina Veterinária. O presente levantamento de casos associa os valores de lactato venoso e do líquido peritoneal de 20 equinos entre machos e fêmeas, de idades variadas nos anos de 2016 e início de 2017. Todos os animais foram atendidos pelo seguinte protocolo de exame físico, sondagem nasogástrica, cateterização jugular, hematócrito, proteína total, palpação transretal, coleta do líquido peritoneal, lactato do líquido peritoneal e lactato venoso. No levantamento realizado foi possível constatarmos que os valores de lactato venoso foram maiores nas obstruções simples, quando comparado aos valores de lactato do líquido peritoneal, e nesses casos a maioria dos animais receberam alta sendo a resolução clínica ou cirúrgica. Por outro lado, o lactato do líquido peritoneal foi maior nas obstruções estrangulativas quando comparado aos valores de lactato venoso, e na maioria desses casos, os animais vieram a óbito ou foram submetidos a eutanásia. Desta forma, nos casos ilustrados concluímos que na maioria das afecções estrangulativas o valor de lactato do líquido peritoneal é maior que o do lactato venoso, e que esse parâmetro é importante como auxiliar diagnóstico e prognóstico na avaliação durante admissão de um equino com abdômen agudo.

Palavras-chave: Lactato; equino; abdõmen agudo

57. UTILIZAÇÃO DE BACTERIÓFAGOS NO CONTROLE DE RODOCOCOSE

VALESCA PETER DOS SANTOS*1; SABRINA LOPES MOTA2; PETRA GARBADE3

1.LABORATÓRIO HÍPICA LTDA. E PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEDICINA ANIMAL-EQUINOS/ UFRGS, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 2.LABORATÓRIO HÍPICA LTDA., PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 3.PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEDICINA ANIMAL-EQUINOS/UFRGS, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

e-mail:valescapsantos@hotmail.com

Resumo:

A rodococose é uma infeção bacteriana causadora de inúmeros prejuízos na criação de equinos. É provocada pela bactéria gram-positiva Rhodococcus equi, habitante do solo e das fezes de cavalos adultos. Acomete animais jovens, entre 0-6 meses de vida que ainda não possuem um sistema imunológico desenvolvido. Pode provocar pneumonia, linfadenite, uveíte, artrite séptica e enterite. Os custos com tratamento e controle de disseminação da doença são elevados. Perdas genéticas e econômicas de proporções gigantescas foram relatadas em criatórios que apresentaram surto desta enfermidade. Sabemos que alguns fatores contribuem para o desenvolvimento da doença. Sendo a bactéria um habitante das fezes dos animais, não é esperado criar potros em ambientes livres dela. No entanto, alguns fatores no manejo de criatórios, contribuem para que a população de Rhodococcus equi se desenvolva no ambiente, aumentando de forma radical o desafio imunológico para os potros neonatos e nos primeiros dias de desenvolvimento. O presente trabalho, tem por objetivo testar a utilização de bacteriófagos, ou simplesmente fagos, como uma alternativa para equilibrar a população de R. equi no ambiente, aumentando essa população ambiental, sem promover resistência populacional por seleção genética como fazem os anti-microbianos. Os bacteriófagos são vírus que infectam e destroem bactérias. São onipresentes e responsáveis pelo balanço microbiano de todos os ecossistemas. No presente trabalho foram utilizadas 8 cepas de Rhodococcus equi, obtidas de fontes variadas, como isolados de necropsia, isolados de esterco equino, isolado de lavado tráqueo-brônquico de potro doente. Uma amostra padrão ATCC (American Type Culture Collection) foi cedida pela Faculdade de Veterinária de Santa Maria – UFSM/RS para teste da sensibilidade aos bacteriófagos. Foram isolados 14 bacteriófagos obtidos de amostras de solo e cama de cocheiras maternidade em propriedades com histórico de rodococose. Cada um destes fagos foi testado para verificação in vitro de atividade lítica para cada uma das amostras de Rhodococcus equi obtidas. Para as combinações de R. equi + Bacteriófago que apresentaram zonas de lise em placa de cultivo bacteriano, foram realizados testes de atividade antimicrobiana fágica em caldo de cultura. A atividade lítica foi avaliada através da diferença de densidade óptica do caldo em diferentes tempos de crescimento bacteriano, através da comparação deste com um controle (caldo de cultura bacteriana sem adição de bacteriófago). Cada amostra foi plaqueada para a contagem de Unidades Formadoras de Colônia (UFC) no meio, nos diferentes tempos e comparada com a amostra controle. Os resultados obtidos foram analisados através do Teste T com significância de 0,05% ($p < 0,05$). Três conjuntos R. equi + bacteriófago tiveram a quantidade de bactérias significativamente reduzida. Os resultados obtidos sugerem que os bacteriófagos podem ser utilizados no desenvolvimento de drogas antimicrobianas e podem ser uma alternativa para o controle ambiental de populações bacterianas patogênicas. No caso específico da rodococose, são necessários mais estudos para definir a forma de utilização, a dose e a frequência de aplicação destes organismos no ambiente.

Palavras-chave: Rodococose; bacteriófagos; pneumonia

58. UTILIZAÇÃO DE MARCADORES DO PROCESSO INFLAMATÓRIO NO DIAGNÓSTICO PRECOCE DE SEPSE E SUA CORRELAÇÃO COM O ESCORE DE SEPSE E SOBREVIVÊNCIA EM POTROS NEONATOS PROVENIENTES DE ÉGUAS COM PLACENTITE

LUCIANA DE ARAUJO BORBA*1; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA1; FERNANDA MARIA PAZINATO1; BRUNA DOS SANTOS SUÑE MORAES1; VITÓRIA MÜLLER1; IGOR FREDERICO CANISSO2; BRUNA DA ROSA CURCIO1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RS, BRASIL; 2.UNIVERSITY OF ILLINOIS URBANA-CHAMPAIGN, URBANA, ESTADOS

UNIDOS.

e-mail:luaraujo_sm@hotmail.com

Resumo:

A placentite é uma importante causa de aborto e morte neonatal em equinos. O desenvolvimento de sepse neonatal é uma consequência comum da placentite, sendo considerada a maior causa de morte em potros até os sete dias de vida. Entretanto, poucos estudos existem acerca do diagnóstico precoce e prognóstico desses potros. O objetivo deste estudo foi avaliar a concentração da proteína Amiloide A sérica (SAA), leucócitos totais, fibrinogênio e lactato e verificar a sua correlação com o escore de sepse e com a sobrevivência em potros nascidos de éguas com placentite ascendente induzida experimentalmente. Tem-se como hipótese que esses marcadores apresentam-se em maiores concentrações no plasma de potros nascidos de éguas com placentite quando na presença de sepse, e que existe correlação com o escore de sepse e com a sobrevivência. Trinta e cinco potros foram utilizados neste estudo. Sete potros saudáveis compuseram o grupo saudáveis (n=7). Vinte e oito potros nascidos de éguas com placentite foram classificados de acordo com o escore de sepse em não sépticos (n=19), com escore de sepse menor que 11 e, potros sépticos (n=9), com escore de sepse igual ou acima de 11. Foram realizadas coletas sanguíneas ao nascimento, com 24 e 48h de vida para mensuração dos níveis de proteína amiloide A sérica, leucócitos totais, lactato e fibrinogênio. A comparação entre grupos foi realizada através do teste de Kruskal-Wallis, devido à distribuição não paramétrica verificada no teste de Shapiro-Wilk. A comparação entre a taxa de sobrevivência entre os grupos foi realizada através do Teste Exato de Fisher. A associação entre as variáveis foi avaliada através do teste de correlação de Spearman. Para realização da análise estatística foi utilizado o software SPSS 20.0. A taxa de sobrevivência foi menor nos potros sépticos (22%, n=2/9; P<0.001) em relação aos não sépticos (89%, n=17/19) e grupo controle (100%, n=7/7). Embora sem diferença entre os grupos, concentrações mais elevadas de proteína Amiloide A sérica foram observadas nos animais do grupo séptico em relação aos grupos controle e não sépticos. Os valores de leucócitos totais, lactato e fibrinogênio não apresentaram diferença entre os grupos ao nascimento. Nas 24h e 48h somente as concentrações de lactato foram maiores no grupo séptico (P<0,001) em relação aos grupos saudáveis e não sépticos. Foi observada correlação entre o escore de sepse e a sobrevivência (ρ= -0,56; P<0,001). Ao nascimento foi constatada correlação positiva entre a proteína Amiloide A sérica e o escore de sepse (ρ= +0,43; P=0.023) e entre os valores de proteína Amiloide A sérica e leucócitos totais (ρ= -0,49; P=0,04). Nas 24 e 48 horas, foi observada correlação entre o escore de sepse e as concentrações de lactato (ρ= 0,69; P<0.001 e ρ= 0,56; P<0,001, respectivamente). Nas 48 horas de vida foi observada ainda, correlação positiva entre os valores de leucócitos totais e a sobrevivência (ρ= 0.46; P=0,01). Não foi observada correlação entre as concentrações de SAA e a sobrevivência. Neste estudo observamos que, embora sem diferença entre grupos, os valores de amiloide A sérica foram mais elevados ao nascimento, e que existe correlação positiva entre a SAA e o escore de sepse. As concentrações de fibrinogênio e leucócitos totais não mostraram ser marcadores úteis de sepse nesta população de potros. Os valores de lactato, não demonstraram ser um marcador sensível ao nascimento, porém a partir das 24 horas, podem ser utilizados como indicador do processo séptico.

Palavras-chave: Proteína amiloide a sérica; lactato; fibrinogênio

59. VIABILIDADE CELULAR DE CONDRÓCITOS EXPOSTOS A BUPIVACAÍNA, MEPIVACAÍNA E ROPIVACAÍNA

GABRIELE BIAVASCHI SILVA*1; STEFANO LEITE DAU1; FLÁVIO DE LA CÔRTE1; KARIN ÉRICA BRASS1; HELOISA EINLOFT PALMA2; MIGUEL GALLIO1; ALEXANDRE KRAUSE1; LUCIANA FONTANARI KRAUSE3; KALYNE BERTOLIN1; JULIEN WERGUTZ3

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA, CRUZ ALTA, RS, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FRANCISCANA, SANTA MARIA, RS, BRASIL.

e-mail:gabibiavaschi@hotmail.com

Resumo:

A mepivacaína é o anestésico local mais utilizado nos bloqueios anestésicos intra-articulares (IA) durante os exames de claudicação nos Estados Unidos e na Europa por apresentarem menor efeito condrotóxico, contudo o seu uso na rotina clínica no Brasil é limitado devido ao difícil acesso e custo desta droga. A ropivacaína é um anestésico local de longa duração, semelhante à bupivacaína, disponível no Brasil, porém sem relatos de seu efeito sobre condrócitos equinos. Por este motivo, o presente estudo avaliou, através de cultivos de condrócitos em monocamada, os possíveis efeitos tóxicos da ropivacaína 0,75%, mepivacaína 2% e bupivacaína 0,5%. Fragmentos de cartilagem foram obtidos de forma asséptica por meio de artrotomia de articulações metacarpofalangeanas provenientes de peças de frigorífico. Estas articulações não apresentavam alterações características de doença articular ao exame radiológico e ao exame macroscópico no momento da coleta de cartilagem. Os condrócitos foram obtidos após a digestão enzimática dos fragmentos de cartilagem com pronase 1% por 30 minutos (') e posteriormente com colagenase 0,4% por 180'. As células foram ressuspendidas e cultivadas em meio DMEM suplementado com penicilina (60 U/mL), estreptomicina (60 µg/mL) e glutamina (2 mmol/L) em garrafas de cultivo celular incubadas a 37°C em estufa umidificada com 5% de CO2. A viabilidade celular foi mensurada por meio de citometria de fluxo (%) e pelo método colorimétrico MTT (%). Para o primeiro teste os condrócitos foram semeados em placas celulares de seis poços e quando atingiram confluência média de 80% foram expostos a 30' dos seguintes tratamentos: ropivacaína 0,75% (G1); solução fisiológica 0,9% (G2); mepivacaína 2% (G3) e bupivacaína 0,5% (G4). Posteriomente, o sobrenadante foi removido e as células foram tripsinizadas e suspensas em meio de cultivo para avaliação por citometria de fluxo. Para a avaliação pelo método colorimétrico de MTT os tratamentos foram removidos após o período de 30' e 100 µL de DMEM e 10 µL de solução de MTT foram adicionados, as células foram incubadas por 3 a 4 horas e depois as placas foram esvaziadas e 100 µL de dimetil sulfóxido adicionado para dissolver os cristais de formazan que se formaram pela degradação do MTT. As amostras foram realizadas em duplicata biológica e os resultados de viabilidade foram expressos em porcentagens como média ± desvio padrão. A citometria de fluxo revelou uma taxa de viabilidade celular de 96,72 ± 1,29% nas células tratadas com ropivacaína 7,5 mg/ml; 99,01 ± 0,11% nas tratadas com solução salina, 97,47 ± 0,74% nas tratadas com mepivacaína 20 mg/ml e 90,81 ± 3,97% nos tratamentos com bupivacaína 5 mg/ml. Na avaliação pelo método de MTT a viabilidade foi de 48,65 ± 0,92% no G1, 54,15 ± 3,04% no G2, 31,25 ± 1,48% no G3 e 20,45 ± 3,04% no G4. Estes resultados refletem resultados parciais do experimento, com apenas duas repetições, o que não permitiu análise estatística. A menor viabilidade observada através do método de MTT pode estar associada à existência de dano mitocondrial nas células apesar da membrana celular ainda estar íntegra, identificando fases mais iniciais da morte dos condrócitos. Através do método de MTT se pode observar, assim como em condrócitos humanos, que as células tratadas com ropivacaína apresentaram viabilidade celular superior às células tratadas com mepivacaína e bupivacaína, sugerindo menor toxicidade da ropivacaína em relação aos outros anestésicos locais. A mensuração da taxa de viabilidade celular indica que a ropivacaína é um fármaco a ser considerado no uso IA, contudo, mais estudos devem ser conduzidos a fim de avaliar a segurança da droga.

Palavras-chave: Viabilidade de condrócitos; toxicidade; bupivacaína

60. VIDEOENDOSCOPIA AO ALCANCE DE TODOS: OS RECURSOS DO SMARTPHONE

GUSTAVO HENRIQUE ZIMMERMANN WINTER*1; LUIS FELIPE PELINSON DOS PASSOS1; ANDREZA MORAIS DE SOUZA2

1.UNIRITTER, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 2.M. VETERINÁRIA, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

e-mail:ghzwinter@gmail.com

Resumo:

O diagnóstico por imagem é ferramenta importante no dia a dia da clínica de equinos. No entanto, alguns equipamentos necessitam alto capital imobilizado, e por vezes demoram em proporcionar retorno financeiro. Entre estes destacam-se os equipamentos de radiologia digital, ultrassonografia e videoendoscopia. O presente trabalho apresenta uma nova alternativa de baixíssimo custo e alta praticidade para a realização de videoendoscopia em equinos. Pode ser utilizada como recurso semiológico na clínica médica ou ferramenta de ensino em escolas de medicina veterinária. Idealizou-se que através do uso de câmeras para smartphones e tablets com sistema Android e aplicativos específicos é possível realizar procedimentos videoendoscópicos em odontologia, gastroscopia e nas

vias aéreas superiores e inferiores. O videoendoscópio proposto é formado por uma sonda nasogástrica como meio de colocação e passagem, pelo dispositivo da câmera em si e do smartphone para visualização da endoscopia. Esta câmera, conhecida como boroscópio, possui conexão USB e tem sido utilizada há anos na manutenção mecânica aeronáutica por exemplo. Pode ser adquirida em modelos com cabo flexível ou rígido, entre 1 e 10 metros. Algumas lentes apresentam diâmetro de apenas 7mm e já contam com iluminação tipo LED. O termo boroscópio vem do inglês "borescope" e se refere ao método de visualizar (do grego skopein) estruturas internas através de um pequeno furo (do inglês bore); procedimento que é referido como endoscopia na área médica. Entre as principais vantagens deste sistema destacam-se: (1) valor reduzido quando comparado ao endoscópio médico; (2) é a prova d'água, portanto pode-se realizar higienização e antissepsia; (3) ótima qualidade de imagem (HD) com iluminação LED embutida; (4) salva fotos e vídeos; (5) é portátil e de diâmetro reduzido para introdução na sonda nasogástrica comercial; (6) possui modelos com diversos comprimentos como 1,5m, 2m, 5m e até 10m, o que permite endoscopia pulmonar, gastroscopia e histeroscopia com segurança e ergonomia dos envolvidos; (7) facilidade de utilização pelo operador, no smartphone, com aplicativo gratuito; (8) agrega valor ao serviço do veterinário de equinos ao mesmo tempo que impacta como moderna ferramenta de diagnóstico perante o cliente. Como principais desvantagens deste sistema citam-se: (1) não permite controle/orientação da lente, nem permite limpeza remota da lente, além de (2) não possuir canal de trabalho como endoscópios médicos. Por ser bastante fino e flexível o boroscópio requer uso de sonda nasogástrica, mas que é igualmente acessível e de baixo custo. Nos exames realizados com esta montagem de videoendoscopia por smartphone em equinos não foram necessária sedação ou outra contenção específica, apenas uma rotina de introdução da sonda nasogástrica. Uma vez inserida a sonda pode-se optar por uma endoscopia de vias aéreas superiores, laringe, traqueia e brônquios, ou promover a deglutição e passagem esofágica até o estômago. A visualização da mucosa estomacal permitiu identificação de gastrite e úlceras, porém rapidamente a lente foi encoberta por conteúdo da ingesta e suco gástrico. Na endoscopia de vias aéreas foi impressionante a qualidade e clareza das imagens obtidas. Para avaliação odontológica é imperativo o uso de um abre-bocas de Haussmann ou similar. Este endoscópio mostrou-se eficaz como auxílio em Ensino Superior e como ferramenta de diagnóstico rápido, eficiente, à campo (portátil e de baixo custo). Não possui todas as funcionalidades de um equipamento convencional mas serve de recurso semiológico, triagem diagnóstica, grava imagens (foto e vídeo) para laudos ou consultas a outros profissionais e centros de referência. Este equipamento é uma ótima ferramenta de diagnóstico por imagem para exame rápido em triagem e auxílio diagnóstico. Apresentou boa qualidade de imagem e acurácia semiológica, acelerando o processo diagnóstico e a correta conduta clínica veterinária oferecida ao paciente.

Palavras-chave: Endoscopia; gastroscopia; alternativa

RESUMOS
REPRODUÇÃO DE EQUÍDEOS

61. A ESPÉCIE DO REPRODUTOR (EQUINOS X ASININOS) E O SEXO DA CRIA SOBRE O PERÍODO DE GESTAÇÃO EM ÉGUAS

GABRIELA BERTAIOLLI BERTAIOLLI ZOCA*1; GABRIEL DE CARLI DOS SANTOS1; THIAGO MARTINS1; ENEIVA CARLA CARVALHO CELEGHINI1; CARLA PATRICIA TEODORO DE CARVALHO1; RENATA LANÇONI1; THYAGO ESCODRO DERCOLI1; RUBENS PAES DE ARRUDA1

1.FMVZ - USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

e-mail:arrudarp@usp.br

Resumo:

O período de gestação das éguas está sujeito a grandes variações, uma vez que fatores referentes à raça, idade, níveis nutricionais, número de partos da égua, ao sexo e espécie da cria e ao ambiente (localização geográfica, latitude, clima e fotoperíodo) influenciam sob o mesmo, tornando necessário o conhecimento do processo para auxílio em diferenciar um neonato pré-maturo de dismaturo. O objetivo deste trabalho foi comprovar se a espécie do reprodutor e se o sexo da progênie do acasalamento influencia no período de gestação (dias) das éguas. Foram utilizados dados retrospectivos de 60 éguas mestiças, Puro Sangue Inglês (PSI) e Brasileiro de Hipismo (BH), com faixa etária entre 2 e 23 anos, ao longo de 10 estações reprodutivas, pertencentes ao Setor de Equideocultura da Prefeitura do Campus Fernando Costa da Universidade de São Paulo, Pirassununga/SP. O estudo procedeu-se por meio da separação dos dados das éguas em categorias: éguas cobertas ou inseminadas com garanhão ou jumento, sexo da cria obtida quando o reprodutor foi garanhão ou jumento, duração do período de gestação de acordo com a faixa etária das éguas, sendo estas divididas em 3 grupos: éguas de 2 a 4, 5 a 8 e 9 a 23 anos. Foram utilizados 13 garanhões e 2 jumentos como reprodutores ao longo dessas estações. Para análise estatística utilizou-se o procedimento MIXED do SAS, versão 9.3. Os efeitos de sexo, espécie e idade foram analisados separadamente. Quando necessário, o teste de médias LSD foi utilizado nas comparações. Não houve diferença significativa (P>0,05) no tempo de gestação de éguas prenhes de híbridos (burro ou mula) ou não (potro ou potra), tampouco no sexo da cria, sendo a média de gestação geral de 330,9 ± 1,19 dias quando macho (328,5 a 333,2 dias), e 327,9 ± 1,09 dias quando fêmea (325,7 a 330,1 dias). Não houve efeito significativo (P>0,05) da espécie do reprodutor no tempo de gestação das éguas, independendo do sexo do produto; 329,5 ± 0,91 dias (327,7 a 331,3 dias) quando era garanhão e 328,1 ± 1,83 dias (324,5 a 331,8 dias) quando o reprodutor era jumento. O tempo de gestação foi significativamente (P<0,05) maior em éguas de 9 a 23 anos de idade (333,5 ± 1,74 dias), porém, éguas de 2 a 4 e 5 a 8 anos de idade não diferiram significativamente (P>0,05) quando comparadas entre si, tendo obtido médias de 327,7 ± 1,24 dias e 328,6 ± 1,27 dias, respectivamente. A variação no tempo de gestação é grande devido a vários fatores influenciando, tendo sido reportado médias de 338,0 ± 0,68 dias em éguas da raça Mangalarga. Não foi encontrado diferença significativa (P>0,05) no período gestacional de potras das raças Mangalarga (340,3 dias) e Bretão (338,1 dias), bem como efeito do sexo da cria, no entanto, notaram uma significativa variação no período de gestação da raça Mangalarga quando comparado o mês de concepção, sendo menor no mês de Janeiro (330,75 dias) e maior em Outubro (343 dias), já na raça Bretão a variação em dias foi menor, sendo maior no mês de Fevereiro (337,9 dias) e menor também em Outubro (342,9 dias). Ainda há relatado uma tendência (P=0,074) de éguas primíparas apresentarem período gestacional maior que multíparas na raça Crioula, tendo como média geral 335,6 ± 10,5 dias (312 a 364 dias). Foi também constatado que quando o sexo da progênie foi masculino, o período gestacional foi significativamente (P<0,001) maior (346,2 ± 0,72 dias) quando comparado as do sexo feminino (342,4 ± 0,65 dias) em éguas da raça Puro Sangue Inglês criadas no Reino Unido. Entretanto, quando se trata de éguas cobertas por jumentos, a literatura é bastante escassa e superficial, neste sentido, é relatado que éguas prenhes de híbridos têm um período de gestação de 343,1 dias (315 a 369 dias). Ficou claro neste estudo que a espécie do reprodutor, seja garanhão ou jumento, não interfere no tempo de gestação, tampouco o sexo da cria influencia em tal circunstância, sendo assim, a idade da égua parece causar maior interferência na duração do período de gestação.

Palavras-chave: Gestação; híbridos; garanhões

62. ANÁLISE COMPARATIVA DO ESTRESSE OXIDATIVO DE ESPERMATOZOIDES DA CAUDA DO EPIDÍDIMO E DO EJACULADO DE GARANHÕES

PRISCILLA NASCIMENTO GUASTI*1; LAÍZA SARTORI DE CAMARGO1; PATRICIA M PAPA1; RUBIA ALVES SCHMITH1; LUIS FERNANDO MERCÊS CHAVES SILVA1; LUIZ ROBERTO PENA ANDRADE JUNIOR1; JULIANA PEDROSO MENDES1; CAMILA PAULA FREITAS-DELL`AQUA1; FREDERICO O PAPA1

1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:priguasti@gmail.com

Resumo:

O equino é o único mamífero que possui uma relação positiva entre o estresse oxidativo e a funcionalidade espermática, e este efeito paradoxal possui influência direta na capacidade fertilizante dos espermatozoides. As células espermáticas do epidídimo não possuem contato com o plasma seminal, no qual possui importantes propriedades antioxidantes que contribuem para a proteção contra as espécies reativas ao oxigênio (EROS). O objetivo deste estudo foi avaliar o estresse oxidativo de espermatozoides colhidos da cauda do epidídimo e do ejaculado de equinos. Foi coletado um ejaculado de 11 garanhões; após uma semana os animais submetidos a orquiectomia bilateral e os espermatozoides da cauda do epidídimo foram coletados por fluxo retrógrado. O estresse oxidativo foi avaliado por meio da análise da produção de H2O2 intracelular com a sonda fluorescente carboxi-H2DCFDA (Molecular Probes) e análise da peroxidação lipídica com a sonda fluorescente C11-BODYPY (Molecular Probes) utilizando citometria de fluxo (LSR II Fortessa, BD Biosciences). A taxa de produção de H2O2 e peroxidação lipídica foram testadas quanto a normalidade com o teste de Kolmorov-Smirnov, os dados paramétricos foram analisados pelo teste t de Student não pareado e os não paramétricos pelo teste de Mann-Whitman, considerando o valor de $P < 0,05$ como significativo. Os dados estão apresentados como média ±SEM. A produção de H2O2 intracelular dos espermatozoides do ejaculado (28,02 ± 7,2) foi significativamente maior em comparação aos espermatozoides da cauda do epidídimo (12,85 ± 4,08). Da mesma forma, os espermatozoides do ejaculado (32,90 ± 8,04) apresentaram maior índice de peroxidação lipídica da membrana plasmática em comparação aos espermatozoides colhidos da cauda do epidídimo (12,95 ± 0,97; $P < 0,05$). No ducto epididimário, as células espermáticas se encontram em um estado de quiescência metabólica e são ativadas somente no momento da ejaculação, na qual os componentes do plasma seminal contribuem com o início desta ativação do metabolismo espermático. Ainda, o espermatozoide equino é altamente dependente da produção de ATP via mitocôndrias, e como consequência do alto potencial mitocondrial, grandes quantidades de EROS são geradas, indicando alto metabolismo celular. Apesar do plasma seminal apresentar uma série de enzimas que possuem atividades captadoras (scavenger) de EROS, a alta atividade metabólica dos espermatozoides ejaculados se sobrepõe naturalmente as suas propriedades antioxidantes. Desta forma, foi possível concluir que os espermatozoides do epidídimo possuem menor estresse oxidativo em comparação aos espermatozoides do ejaculado, devido ao baixo metabolismo celular durante o armazenamento na cauda do epidídimo.

Agradecimentos: Os autores em a Fundação de Amparo À Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio financeiro.

Palavras-chave: Peroxidação lipídica; espécies reativas ao oxigênio; equino

63. AVALIAÇÃO MICROBIOLÓGICA E TESTE DE SENSIBILIDADE IN VITRO DE BACTÉRIAS ISOLADAS DO ÚTERO DE ÉGUAS DA RAÇA CRIOULA

RAFAEL DOS SANTOS BANDEIRA*1; JULIA THOMASINI2; BRUNA SPADOTTO2; GABRIELA LORENZET2; GABRIEL VICTORIA MARTINS2; GUILHERME NOVELLO2; RAQUELI TERESINHA FRANÇA2; FERNANDO P LISBOA2

1.UNESP - BOTUCATU, IJUI, RS, BRASIL; 2.UCS, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL.

e-mail:rafa.bandeira@hotmail.com

Resumo:

A endometrite é uma das principais causas de infertilidade em éguas, gerando perdas econômicas, descarte de animais, abortos e mortes embrionárias. Este trabalho tem como objetivo identificar os principais agentes bacterianos isolados do útero de éguas da raça crioula e testar a sensibilidade in vitro dos mesmos. Foram coletadas amostras de 74 éguas que apresentavam sinais de alterações reprodutivas, como acúmulo de líquido uterino, presença de secreção vulvar e/ou sucessivos diagnósticos negativos. Os animais são provenientes de propriedades localizadas no estado do Rio Grande do Sul e as amostras foram colhidas durante o período reprodutivo 2014/2015 e 2015/2016. A colheita do material foi realizada no estro com auxílio de Swab protegido Provar®, sendo acondicionado em meio Stuart e enviado ao laboratório imediatamente após. As amostras foram semeadas em meios ágar sangue (Sangue equino desfibrinado 5%) e Macconkey, respectivamente, sendo mantidas a 37ºC por 24 horas. Após isolamento, as bactérias foram identificadas por métodos bioquímicos. Observou-se isolamento microbiano em 63,5% (47) das amostras, sendo 36,5% (27) negativos. Isolou-se com maior frequência Escherichia coli 22 (46,8 %), seguido de Klebsiella 12 (25,54 %), Staphylococcus sp. 5 (10,64 %), Staphylococcus aureus 2 (4,25%), Proteus sp. 2 (4,25%), Enterobacter 1 (2,13%), Enterococcus 1 (2,13%), Streptococcus β-hemolítico 1 (2,13%). Apenas um dos animais testados apresentou crescimento fúngico (Candida sp.). O perfil de sensibilidade microbiana in vitro assinalou como mais efetivos a Amicacina 89% (32/36), Enrofloxacina 76% (19/25), Gentamicina 72,7% (32/44), Ceftriaxona 71% (29/41) e Sulfametoxazol + Trimetropim 69% (29/42). Alguns antimicrobianos testados apresentaram 100% de sensibilidade, porém o numero de testados foi relativamente baixo, por isso optou-se pela não utilização dos dados. Dentre os antimicrobianos que apresentaram maior frequência de resistência destaca-se a Ampicilina 77% (23/30), Penicilina 64% (07/11), Sulfametoxazol + Trimetropim 29% (12/42), Gentamicina 25% (11/44), Ceftriaxona 17% (07/41), Amicacina 11% (04/36), Enrofloxacina 8% (02/25). A resistência bacteriana e o isolamento de agentes fúngicos em endometrites em éguas podem decorrer do uso indevido de antimicrobianos, tanto pelo uso parenteral como em infusões uterinas. Estes animais utilizados no experimento não tem o diagnóstico de endometrite, já que para a confirmação seria necessário a correlação com a citologia endometrial. No entanto, tais achados comprovam a importância da realização de antibiogramas para a realização de tratamentos reprodutivos, visto que muitos dos agentes isolados apresentam resistência à antibióticos amplamente utilizados na rotina.

Palavras-chave: égua; endometrite; resistência bacteriana

64. COLHEITA FRACIONADA MELHORA A QUALIDADE E LONGEVIDADE DO SÊMEN DE GARANHÕES SENSÍVEIS A REFRIGERAÇÃO

SIDNEI NUNES DE OLIVEIRA*1; LUIS FERNANDO MERCÊS CHAVES SILVA1; ENDRIGO ADONIS BRAGA DE ARAUJO1; LUIZ ROBERTO PENA ANDRADE JUNIOR1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; PATRICIA M PAPA1; JOÃO ALEXANDRE MATOS CARNEIRO1; FELIPE P HARTWIG1; MARCO A ALVARENGA1; MARCIO TEORO DO CARMO1; CAMILA PAULA FREITAS-DELL`AQUA1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; FREDERICO O PAPA1

1.UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:sidneino@gmail.com

Resumo:

Garanhões cujo sêmen apresenta baixa resistência ao processo de refrigeração são denominados sensíveis à refrigeração. Este fato pode estar relacionado à ação exercida pelo plasma seminal nas células espermáticas, reduzindo a motilidade e fertilidade dos espermatozoides. Por conseguinte, a centrifugação do sêmen e posterior retirada do plasma seminal é necessária neste grupo de animais, por outro lado, este processo pode causar danos mecânicos às células espermáticas. Durante a ejaculação o garanhão emite de cinco a nove jatos, divididos em três frações que se diferem pela sua composição e produção das glândulas sexuais acessórias. Uma técnica que pode proporcionar um menor efeito deletério as células espermáticas durante a refrigeração seria a técnica de colheita fracionada do ejaculado equino, pela qual é possível separar os primeiros jatos de sêmen os quais possuem uma menor quantidade de plasma proveniente das vesículas seminais, tornando-se uma alternativa para minimizar os danos que possivelmente são provocados pelo plasma seminal, bem como pela centrifugação em garanhões considerados sensíveis a criopreservação. O objetivo deste trabalho foi comparar as diferentes frações do ejaculado em garanhões classificados como sensíveis e resistentes a refrigeração na manutenção da sobrevivência dos

espermatozoides, avaliados pela cinética espermática após a refrigeração por 24h a 5°C. Para isso, colheu-se 10 ejaculados fracionados de garanhões que apresentaram queda na motilidade progressiva ≥25% após a refrigeração esse foram classificados como sensíveis a refrigeração e 10 ejaculados fracionados de garanhões cuja motilidade progressiva teve queda de ≤10% após a refrigeração esses foram classificados como resistentes a refrigeração. As colheitas foram realizadas utilizando uma vagina artificial de dimensões modificadas e utilizando uma mucosa plástica a qual denominou de "Sperm clean" sendo as frações separadas em: "Fração A" (FA) correspondia aos 1º e 2° jatos do sêmen "Fração B" (FB) correspondia ao 3º e 4° jatos e "Fração C" (FC) correspondente ao 5° e os demais jatos do ejaculado. Após as colheitas foi então retirada uma alíquota correspondente a 33% do volume de cada uma das frações para formar o grupo controle/fração ejaculado FE. De cada uma das frações (FA, FB, FC e FE) de cada grupos de garanhões, foi retirada uma amostra e diluída em meio à base de leite (Botu-Sêmen®) na concentração de 50 espermatozoides/mL, armazenadas em caixas para refrigeração (Botu-flex®) e mantidas por 24 horas a 5°C. Após 24h as amostras foram submetidas a avaliação da cinética espermática computadorizada (Hamilton-ThorneTM) para motilidade total (MT), motilidade progressiva (MP) e percentual de espermatozoides rápidos (RAP). Os dados foram submetidos ao teste Kolmogorov-Smirnov para verificar a normalidade. Quando não apresentavam distribuição normal utilizou-se o Friedman test seguido de teste de Dunns, para todos foi considerando P<0,05 e expressados as médias e erro padrão. Utilizando o pacote estatístico disponível no GraphPadInstat 5.0 software (San Diego, CA, USA). Os resultados demonstraram diferença estatística para o grupo de garanhões sensíveis para os parâmetros de MT, MP e RAP, entre as frações dos ejaculados após 24h de refrigeração a 5°C. Já para o grupo de garanhões resistentes houve diferença entre as frações na MT e MP, entre as frações dos ejaculados após 24h de refrigeração a 5°C. Desta forma, pode-se concluir que a fração A do ejaculado a qual possui uma menor quantidade de plasma seminal produzido pelas vesículas seminais nos garanhões sensíveis a refrigeração, demonstrou uma melhor longevidade após a refrigeração a 5°C por 24 h e possibilitou uma melhor resistência espermática ao processo de criopreservação.

Agradecimentos: FAPESP nº 2014/00354-0 pela concessão da Bolsa de Mestrado e a Botupharma pelo fornecimento de meios diluentes

Palavras-chave: Criopreservação; ejaculado fracionado; espermatozoides

65. COMPARAÇÃO DA IMUNOMARCAÇÃO DOS RECEPTORES ENDOMETRIAIS DE ESTRÓGENO E PROGESTERONA EM ÉGUAS ACÍCLICAS TRATADAS COM PROGESTERONA UTILIZANDO MÉTODOS SUBJETIVO E OBJETIVO DE AVALIAÇÃO

LUCIANA FRANÇA SMITH MACIEL*1; ELISA SANT'ANNA MONTEIRO DA SILVA2; JOSIANE ADELAIDE CAMARGO LOURENÇÃO1; CEZINANDE MEIRA1

1.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.CENTRO UNIVERSITÁRIO DO TRIÂNGULO, UBERLÂNDIA, MG, BRASIL.

e-mail:lucianafsmith@hotmail.com

Resumo:

A administração de progesterona (P4) após o estradiol é comumente realizado para preparar éguas receptoras acíclicas como receptoras de embrião. No entanto, existem relatos de gestação em receptoras acíclicas utilizando somente a P4. O objetivo deste trabalho foi avaliar o efeito da aplicação de P4 de longa ação (P4LA) sobre a imunomarcação dos receptores de estrógeno alfa (ERα), beta (ERβ) e progesterona (PR) no endométrio de éguas acíclicas, por meio da imunohistoquimica (IHQ), comparando os resultados por uma avaliação subjetiva, por meio do método de escores, com a avaliação objetiva, pelo programa de analises de imagens Image J. Foram utilizadas oito éguas em anestro sazonal, nas quais foram realizadas biópsias uterinas imediatamente antes e cinco dias após a administração de 1,5g de P4LA. As amostras foram acondicionadas em formol tamponado 10% por 24h e depois transferidas para álcool 70 até o processamento da amostra. Para a realização da IHC, foram utilizados anticorpos primários para detecção dos PR (diluição - 1:100, mouse monoclonal PR-2C5, Invitrogen), ERα (diluição - 1:100, mouse monoclonal SC-311, Santa Cruz Biotechnology) e ERβ (diluição 1:100, mouse monoclonal PPG5-10, Abcam), pelo método da peroxidase e DAB. A avaliação subjetiva da intensidade de imunomarcação dos receptores no endométrio foi realizada por

três pesquisadores, independentes, sem a identificação dos momentos. Os escores de imunomarcação foram classificados em: 0 (imunomarcação ausente), 1 (fraca), 2 (moderada) e 3 (forte). A avaliação objetiva foi realizada utilizando o software de análise e processamento de imagem Image J (Wayne Rasband, National Institute of Mental Health, USA), o qual realiza a contagem dos pixels da área imunomarcada selecionada. O teste de postos sinalizados de Wilcoxon foi utilizado para comparar os escores de imunomarcação e porcentagem de células imunomarcadas no Image J para os ERα, ERβ e PR. Os ERα apresentaram aumento na imunomarcação ($p<0,05$) após a administração de P4LA pela avaliação subjetiva e objetiva. Quanto aos ERβ, foi observada diminuição da imunomarcação ($p<0,05$) após o tratamento pela análise subjetiva e tendência a diminuição ($p=0,07$) pela análise objetiva. Já os PR não apresentaram alteração utilizando ambas as análises ($p>0,05$). Considerando que a imunohistoquímica é uma análise semi-quantitativa e que a avaliação subjetiva por meio de escores de imunomarcação é algumas vezes inaceitável para publicação, um método que permita os cientistas a comparar estatisticamente a intensidade de imunomarcação é muito desejável. A partir do exposto, foi possível observar que os resultados de imunomarcação dos receptores após o tratamento, utilizando ambos os métodos, foram similares. Como conclusão, a utilização do programa de análise de imagens Image J para a avaliação objetiva da intensidade de imunomarcação pode ser uma alternativa à análise subjetiva por meio de escores.

Palavras-chave: Equinos; imunohistoquímica; progesterona

66. COMPARAÇÃO DO PROTEOMA DOS ESPERMATOZOIDES DA CAUDA DO EPIDÍDIMO E DO EJACULADO DE GARANHÕES

JULIANA PEDROSO MENDES*1; LAÍZA SARTORI DE CAMARGO1; RUBIA ALVES SCHMITH1; PATRICIA M PAPA1; LUIZ ROBERTO PENA ANDRADE JUNIOR1; LUIS FERNANDO MERCÊS CHAVES SILVA1; FABIANA FERREIRA DE SOUZA1; FREDERICO O PAPA1; PRISCILLA NASCIMENTO GUASTI1

1.UNESP, AREIOPOLIS, SP, BRASIL.

e-mail:julipm2004@hotmail.com

Resumo:

Após a espermatogênese, são observadas importantes modificações nos domínios de membrana da célula espermática e estas etapas ocorrem em completa ausência de expressão proteica. As modificações são realizadas, na sua maioria, por proteínas contidas no meio que cercam a célula espermática, seja no fluido epididimário, plasma seminal ou secreções do trato reprodutor feminino, promovendo a reorganização de sua estrutura. Em vista disso, o objetivo deste estudo foi avaliar o proteoma da membrana plasmática de espermatozoides do epidídimo e do ejaculado de garanhões. Foi colhido um ejaculado de 11 garanhões; uma semana após as colheitas, os animais foram submetidos à orquiectomia bilateral e os espermatozoides da cauda do epidídimo foram recuperados pela técnica de fluxo retrógrado. Para a solubilização das proteínas espermáticas do epidídimo e do ejaculado foi utilizado 0,5% (v/v) de nonidet P-40 em TRIS 50 mM contendo inibidores de proteases e sonicação em banho de gelo. A quantificação proteica foi realizada pelo método do ácido bicinconínico (BCA). As proteínas foram digeridas em 20 ng/µL de tripsina (Promega; 1:50 enzima substrato), dessalinizadas em colunas de fase reversa C18 (SepPack, Waters) e identificadas por espectrometria de massas Nano-LC ESI QToF (NanoAcquity, Waters). Os espectros foram adquiridos com o software MassLynx v.4. e pesquisados contra banco de dados Mammalia obtido no Uniprot utilizando o software Mascot engine v.2.3.01 (Matrix Science). Os dados gerados foram analisados quanto à ontologia gênica, para classificação da função molecular e processo biológico no software Scaffold Q+ (Proteome Software). Foram identificadas 49 proteínas (62 espectros) e 43 proteínas (62 espectros) nas amostras do extrato proteico de espermatozoides epididimários (EP) e do ejaculado (EJ), respectivamente, incluindo proteínas envolvidas no processo de fertilização (izumo sperm egg fusion, sperm equatorial segment, zona pellucida-binding protein). Nas amostras do extrato EP e EJ, as principais funções moleculares foram relacionadas a atividades catalíticas e propriedades de ligação. O total de 29 e 26 proteínas foram identificadas exclusivamente no extrato de EP e EJ, sendo a maioria dos processos biológicos relacionados aos processos celulares, regulação biológica e processos metabólicos. Das proteínas identificadas apenas no extrato EJ, 5 são provenientes do plasma seminal, tais como HSP-1, CRISP-3, clusterina, BSP-A3, SOD, indicando que estas se ligam a membrana plasmática durante a

ejaculação. A HSP-1 corresponde a 70-80% das proteínas do plasma seminal e foi identificada como a proteína mais abundante no extrato EJ, exercendo funções relacionadas ao processo de capacitação espermática. Em conclusão, a comparação do extrato proteico de espermatozoides do ejaculado e do epidídimo evidenciou proteínas que afetam diretamente/indiretamente o processo de capacitação espermática e fertilização, revelando um complexo proteoma funcional. Ainda, o perfil proteômico do extrato EJ é altamente modificado durante a ejaculação, devido a interação da membrana plasmática do espermatozoide com as proteínas do plasma seminal.

Agradecimentos: Os autores agradecem a Fundação de Amparo À Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio financeiro.

Palavras-chave: Proteínas; fertilidade; equino

67. COMPARAÇÃO ENTRE DIFERENTES TÉCNICAS DE DESCONGELAÇÃO DO SÊMEN EQUINO

CARLOS EDUARDO CAMARGO*1; RODRIGO CHAVES MACAN1; NATHÁLIA GONÇALVEZ CARDOSO1; KARINA VIEIRA CAMARGO1; CAMILA MENEGHINI1; DANIELA PORTELA CARDOZO1; MARCELA MAIRA MIQUELETTO1

1.PUCPR, CURITIBA, PR, BRASIL.

e-mail:kaducamargo_vet@hotmail.com

Resumo:

O Brasil possui o terceiro maior rebanho de equinos do mundo, se tornando uma referência mundial pela sua criação de animais de alto desempenho bem como nas biotecnologias da reprodução de equinos. Garanhões com problemas reprodutivos são selecionados como reprodutores, desta forma, alternativas para melhorar os índices reprodutivos ao mesmo tempo melhorando a genética dos animais, são alvos desejados pelos criadores, o que incentiva a utilização de biotecnologias ligadas à reprodução, como a inseminação artificial (IA) com sêmen congelado. O uso do sêmen congelado proporciona diversas vantagens na reprodução equina, entretanto muitas etapas como o protocolo de congelação e descongelação são fatores limitantes para o sucesso da técnica. Existe uma grande variedade de tempo e temperatura em diferentes protocolos de descongelação, sendo assim é essencial que essa etapa seja eficaz e não cause maiores danos as células espermáticas. O presente estudo tem por objetivo avaliar diferentes métodos para descongelação do sêmen equino, através de diferentes temperaturas e tempo de exposição ao processo que já são consagradas a campo e comparar a uma técnica que não foi encontrada pelo nosso grupo na literatura cientifica, a qual permite um maior tempo ao médico veterinário sem causar maiores danos as células espermáticas. Para a realização desse projeto foram utilizadas palhetas de sêmen congelado de 12 (doze) garanhões comprovadamente férteis e de boa congelabilidade, armazenadas em botijão de nitrogênio líquido a 196°C negativos. O experimento foi realizado na cidade de Fazenda Rio Grande-PR, no Laboratório de Reprodução Animal da Fazenda Experimental Gralha Azul da PUCPR. Este experimento foi delineado utilizando como grupo controle dois protocolos de descongelação já consagrados a campo A e B abaixo, comparados a um grupo C descrito como tratamento: - Grupo A: 37°C por 30 segundos; - Grupo B: 46°C por 20 segundos e - Grupo C: 37°C por 60 segundos. Após a descongelação, foram avaliados: motilidade, vigor, morfologia espermática e integridade da membrana. Todas as amostras foram submetidas à avaliação microscópica por 3 experientes profissionais diferentes e o mesmo foi filmado por câmera acoplada ao equipamento para facilitar as análises. Toda metodologia esta adotada nas linhas mestras de pesquisa em reprodução equina e normatizadas pelo Colégio Brasileiro de Reprodução Animal. Os resultados obtidos foram tabulados e avaliados seguindo preceitos de análises estatísticas segundo o método de anova. Letras iguais indicam que não foi encontrada diferença estatística entre os grupos. Não foi encontrada diferença estatística ($p>0,05$) entre os grupos controle e o grupo tratamento em nenhum dos itens avaliados. Após a descongelação dos 12 garanhões nos 3 grupos, A, B e C foram obtidas as médias dos mesmos e os seguintes resultados foram obtidos referentes a motilidade espermática: 44,16%a, 48,33%a e 43,33%a respectivamente para os grupos A, B e C. No teste hiposmótico, a porcentagem de células íntegras ficou disposta da seguinte forma: 66,08%a, 62,58%a e 64,66%a para os grupos A, B e C respectivamente. Quanto a morfologia espermática, a seguinte porcentagem de células normais foi encontrada: 75,25%a, 73,16%a e 71,05%a respectivamente. Conclui-se que o sêmen congelado, quando submetido a descongelação por 37°C durante 60 segundos, continua viável para a

inseminação artificial, sem apresentar diferença estatística em relação aos protocolos de 37°C durante 30 segundos e 46°C durante 20 segundos já consagrados a campo. A grande vantagem proposta pelo protocolo 37°C durante 60 segundos é proporcionar um maior tempo de descongelação, o que permite melhor preparação no laboratório e tempo hábil para realizar as técnicas necessárias com tranquilidade enquanto o sêmen é descongelado.

Palavras-chave: Sêmen; garanhões; descongelação

68. COMPARAÇÃO ENTRE DUAS TÉCNICAS DE DESCONGELAMENTO DE SÊMEN EQUINO BASEADA NA MOTILIDADE E VIGOR ESPERMÁTICO

VICTOR HUGO FERNANDES*1; LIÉDGE CAMILA FELICIO1; LUCIANO CORDEIRO XAVIER1; GABRIEL BARCELLOS FELICIO2; JOÃO FILIPI PEREIRA1; LUIZ ERNANDES KOZICKI3; IVENS NAVARRO HAPONIUK PRUS3

1.UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.MÉDICO VETERINARIO DOUTOR EM REPRODUÇÃO, CAMPOS DO JORDÃO, SP, BRASIL; 3.PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ, CURITIBA, PR, BRASIL.

e-mail:victofernandes@hotmail.com

Resumo:

A criopreservação do sêmen equino tem grande importância no melhoramento genético da espécie, porquanto possibilita a maximização do uso de reprodutores melhoradores. Porém o principal entrave para a utilização do sêmen criopreservado está relacionado com significativa variação entre indivíduos relacionada às habilidades de os espermatozóides sobreviverem ao processo da criopreservação e na viabilidade espermática após o descongelamento. Os parâmetros de temperatura ideais no momento do descongelamento do sêmen refletem-se como uma variável primordial para a obtenção de uma maior taxa de eficiência reprodutiva. O presente estudo teve por objetivo avaliar duas técnicas de descongelamento de sêmen equino em diferentes tempos e temperaturas, considerando-se os parâmetros de motilidade e vigor espermático pós–descongelamento. A pesquisa foi realizada com seis garanhões de diferentes raças sendo 3 Brasileiros de Hipismo, 2 Puro Sangue Inglês e 1 Puro Sangue Árabe, na região metropolitana de Curitiba e interior do Estado de São Paulo. Foram descongeladas duas palhetas de sêmen de cada reprodutor sob diferentes temperaturas e avaliado os parâmetros espermáticos de motilidade e vigor do ejaculado. Os parâmetros foram avaliados subjetivamente em microscópio ótico em lâmina/lamínula, por profissional experiente. Foram constituídos dois grupos: o Grupo46 (descongelamento à temperatura de 46°C por 20 segundos) resultando em 60,0% de motilidade espermática e vigor 3, e o Grupo37 (descongelamento à 37°C por 30 segundos), perfazendo a média de 58,0% de motilidade e 3 de vigor espermático. Não houve diferença (P>0,05) entre os grupos. Ambos os grupos atingiram as expectativas da qualidade do sêmen pós descongelamento consistente com os parâmetros propostos (Manual, CBRA, 1998). O padrão dos parâmetros espermáticos após o descongelamento sofre forte variação entre indivíduos. A variação inclui a partida de sêmen congelado e a temperatura utilizada ao descongelamento. Isto advém muitas vezes de fatores individuais, acarretando redução ou aumento da taxa de fertilidade, características que envolvem o processo de descongelamento (danos causados às estruturas das membranas celulares, por exemplo). Concluiu-se que ambos os métodos de descongelamento equino mostraram-se eficientes nas características propostas no estudo.

Palavras-chave: Parâmetros espermáticos; descongelamento; sêmen

69. COMPARAÇÃO ENTRE TAXAS DE PRENHEZ APÓS TE EM RECEPTORAS SUBMETIDAS A SEDAÇÃO COM ACEPROMAZINA E EM RECEPTORAS NÃO SUBMETIDAS A SEDAÇÃO DURANTE A INOVULAÇÃO TRANSCERVICAL

GIOVANNA TAKAKURA*1; ARIANE FLÁVIA DO NASCIMENTO2; AFONSO CELSO JUNQUEIRA BORGES1; CAROLINA COIMBRA CHAGAS3

1.QUIRON REPRODUÇÃO EQUINA, CAMBUQUIRA, MG, BRASIL; 2.FUNDAÇÃO DE ENSINO E TECNOLOGIA DE ALFENAS (UNIFENAS/FETA), ALFENAS, MG, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS - UFLA, LAVRAS, MG, BRASIL.

e-mail:gstakakura@yahoo.com.br

Resumo:

Na técnica de transferência de embriões (TE) em equinos os índices de recuperação embrionária e as taxas de prenhez após TE sofrem influências de variáveis que envolvem o embrião, a receptora e o procedimento de transferência. A liberação de PGF2α após a manipulação cervical no processo de transferência não cirúrgica de embriões é fato discutido como uma das causas de perda embrionária pós TE, podendo diminuir drasticamente as taxas de prenhez. A sedação das receptoras pode ser utilizada com o intuito de diminuir reações no momento da inovulação, evitando assim, traumatismos na cérvix e no útero, facilitando também a manipulação do técnico devido ao relaxamento vaginal. No presente estudo retrospectivo de dados, comparamos as taxas de prenhezes obtidas após a TE em receptoras que foram sedadas utilizando 25 mg de acepromazina IV e em receptoras nas quais não foi utilizado nenhum tipo de sedação no ato da inovulação. Foram analisados os dados de 308 TE, em animais da raça Mangalarga Marchador, realizadas no período decorrente de duas estações de monta consecutivas, 2015/2016 e 2016/2017, no Quirón Centro de Reprodução Equina localizado na Fazenda Nossa Senhora Aparecida, município de Cambuquira - MG. Os dados dos meses de outubro e março foram descartados nos dois tratamentos para diminuir a interferência dos períodos de transição. Os embriões foram colhidos de doadoras hospedadas na central e também em criatórios de Mangalarga Marchador nos municípios de São Lourenço e Caxambu - MG. As colheitas foram realizadas preferencialmente no D8 e, eventualmente, no D9 (sendo D0 o dia de ovulação da doadora). Após a manipulação os embriões foram acondicionados em tubo plástico com 3 mL de meio de manutenção Holding Plus 0,4% BSA e refrigerados por 4 a 18 horas a 20 ± 2°C. As receptoras foram selecionadas por classificação da tensão uterina e fechamento da cérvix por palpação, corpo lúteo bem formado e ecotextura uniforme do útero à ultrassonografia. Durante o período do estudo foram utilizadas 24 receptoras D4, 99 D5, 94 D6, 75 D7, 16 D8 e 1 D9 (sendo D0 o dia de ovulação da receptora). A preparação, no momento da TE, consistia em prévia contenção da cauda revestida por luva de palpação até a base para evitar contaminação e posterior assepsia da região perineal. O períneo era sistematicamente lavado com água e detergente líquido por três vezes e a secagem realizada com toalhas de papel absorvente. As inovulações foram realizadas pelo método transcervical coberto utilizando pipeta para Inseminação artificial revestida com camisa sanitária. No grupo de receptoras que receberam sedação, a aplicação ocorria logo após a contenção da cauda. O diagnóstico da prenhez foi realizado através de ultrassonografia aos 14 dias de idade do embrião. O grupo de éguas tratadas era composto por 201 animais sendo que em 141 foi diagnosticada prenhez positiva (70,14%). O grupo de éguas que não receberam a sedação era composto por 107 éguas e destas 81 foram diagnosticadas prenhes (75,70%). Estatisticamente, não houve diferença entre os tratamentos em relação as taxas de prenhez. Este resultado foi atribuído ao fato do temperamento, normalmente tranquilo das receptoras da raça Mangalarga Marchador, permitir que não reagissem impulsivamente durante os procedimentos, de forma que ocorressem traumas cervicais e uterinos. Estes dados sugerem que é dispensável o uso deste sedativo durante a inovulação mas que, entretanto, ele pode ser utilizado quando o técnico decidir sobre sua necessidade de acordo com o temperamento do animal que vai receber o embrião.

Palavras-chave: Sedação; acepromazina; inovulação

70. EFEITO DA CARNOSINA NA CRIOPRESERVAÇÃO DE SÊMEN DE GARANHÕES COM BAIXA CONGELABILIDADE

GIULIA K. V. KAWAI*1; JOÃO DIEGO DE AGOSTINI LOSANO1; CAROLINA CAMARGO ROCHA1; ANDRESSA DALMAZZO1; MAÍRA MORALES BRITO1; BRUNO ROGÉRIO RUI1; MARIA AUGUSTA ALONSO1; CAMILLA MOTTA1; MARCÍLIO NICHI1

1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA - FMVZ/USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:gkiyomi@usp.br

Resumo:

As espécies reativas de oxigênio são fundamentais na fisiologia espermática. No entanto, um desequilíbrio entre a produção e a capacidade antioxidante caracteriza o estresse oxidativo. O espermatozoide é extremamente suscetível ao estresse oxidativo, dependendo fortemente de compostos presentes no plasma seminal para a proteção desta célula contra este evento. No entanto, durante a criopreservação do sêmen equino é necessária a retirada quase total do plasma seminal. Em estudo recente, verificamos que esta remoção, torna os espermatozoides sensíveis ao subproduto extremamente deletério da peroxidação lipídica, o malondialdeído (MDA). Dessa forma, a carnosina, dipeptídeo quelante de aldeídos e que está presente no plasma seminal, pode ser uma alternativa para proteção contra o acúmulo do MDA. Assim, objetivamos avaliar o possível efeito protetor da carnosina no processo de criopreservação espermática em amostras de garanhões com baixa congelabilidade. Para isso, amostras seminais de baixa congelabilidade (motilidade total pós-descongelação <30%) foram colhidas em duplicata de sete garanhões (N=14) da raça Mangalarga Paulista, com intervalo de sete dias entre colheitas. As amostras foram criopreservadas, segundo protocolo já estabelecido, com concentrações crescentes de carnosina adicionadas ao diluidor comercial de criopreservação (0, 1mM, 50mM e 100mM). Após a descongelação, o padrão de cinética espermática foi determinado pelo Sistema Computadorizado de Análise Espermática (CASA) e as amostras foram submetidas às análises de citometria de fluxo para avaliar integridade das membranas plasmática e acrossomal (Iodeto de Propídio-PI e Pisum sativum conjugada a Isotiocinato de fluoresceína-FITC-PSA), potencial de membrana mitocondrial (JC-1) e a suscetibilidade da cromatina à denaturação ácida (SCSA). Além disso, avaliamos a susceptibilidade do espermatozoide à peroxidação lipídica pela mensuração das substâncias reativas ao ácido tiobarbitúrico (TBARS). Amostras criopreservadas com 50mM de carnosina, apresentaram maior número de células com elevado escore de potencial de membrana mitocondrial. Apesar de aparentemente ser um efeito positivo, esse escore apresenta uma correlação positiva com lesão de membrana e acrossomo (r=0,45; p=0,04). Além disso, observamos também maior suscetibilidade dos espermatozoides ao estresse oxidativo nestas amostras, a qual correlacionou-se negativamente com integridade de membranas plasmática, acrossomal (r=-0,50; p=0,01) e DNA (r=-0,49; p=0,02). Estes resultados mostram que a carnosina 50mM pode ter gerado um possível comprometimento mitocondrial levando ao aumento da susceptibilidade do espermatozoide à peroxidação lipídica. Esta alteração no status oxidativo torna-se um problema, especialmente pela maior susceptibilidade dos espermatozoides equinos aos efeitos deletérios do malondialdeído. Um motivo para este efeito seria a afinidade da carnosina em reagir com açúcares intermediários da glicólise. Dessa forma, ocorreria uma diminuição na produção de piruvato, importante substrato para o ciclo de Krebs e a fosforilação oxidativa. Tal evento, poderia levar às disfunções mitocondriais com consequente liberação de agentes pró-oxidativos. Além disso, a inibição da via glicolítica pode afetar o ciclo das pentoses levando à diminuição da atividade da glutationa peroxidase, importante enzima antioxidante. Mais estudos são necessários para verificar as causas dos resultados encontrados.

Agradecimentos: À Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela concessão de auxílio à pesquisa (Processo no 2016/03782-8) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Palavras-chave: Criopreservação espermática; sêmen equino; carnosina

71. EFEITO DE DIFERENTES DILUENTES E DA REMOÇÃO DO PLASMA SEMINAL NA REFRIGERAÇÃO DO SÊMEN ASININO (EQUUS ASINUS)

LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES*1; FELIPE ERISON MEDRADO ROCHA DE SOUSA1; LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO1; LUIS FERNANDO MERCÊS CHAVES SILVA1; LUIZ ROBERTO PENA ANDRADE JUNIOR1; SIDNEI NUNES DE OLIVEIRA1; MARCO A ALVARENGA1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; FREDERICO O PAPA1

1.UNESP-UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA ´´JULIO DE MESQUITA FILHO``, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:lucastroncarellirodrigues@gmail.com

Resumo:

Poucos estudos específicos sobre o sêmen refrigerado de asininos têm sido realizados, além disto, os meios

diluentes e protocolos utilizados em programas de biotecnologia do sêmen são voltados para a espécie equina. A inseminação artificial com sêmen congelado de jumentos ainda demonstra resultados insatisfatórios nas taxas de gestações quando utilizado em jumentas, razão pela qual estão sendo desenvolvidos trabalhos voltados para o uso do sêmen fresco e refrigerado, com o propósito de contornar estas dificuldades. O objetivo deste trabalho foi comparar o efeito de diferentes substancias presente nos diluentes de refrigeração e congelação, com e sem a presença do plasma seminal no processo de refrigeração de sêmen de asininos a 5° C, utilizando-se para tanto a cinética e integridade de membrana plasmática nos momentos zero e 24 horas. Para isso colheu-se 10 ejaculados de diferentes animais mensurando o volume, contagem de espermatozoides (camâra de Newbauer) e cinética espermática computadorizada (Hamilton-ThorneTM). Os meios diluentes utilizados tinham como base leite desnatado (Botu-Sêmen Special®), caseinato de sódio (Botu-Sêmen Gold®) e gema de ovo (Botu-Crio®). Cada ejaculado foi dividido em sete grupos respeitando a concentração por ml recomendada para cada meio diluente: grupo 1 diluído em Botu-Sêmen Special® 50 x 106 spzt/ml ; grupo 2 Botu-Sêmen Gold® 50 x 106 spzt/ml; grupo 3 centrifugado Botu-Sêmen Special® 1:1 v/v e ressuspendido em Botu-Sêmen Special® na concentração de 100x106 spzt/ml; grupo 4 centrifugado Botu-Sêmen Gold® 1:1 v/v e ressupendido em Botu-Sêmen Gold® na concentração de 100x106 spzt/ml; grupo 5 centrifugado Botu-Sêmen Special® 1:1 v/v e ressupendido em Botu-Crio® na concentração de 100x106 spzt/ml; grupo 6 centrifugado Botu-Crio® 1:1 v/v e ressupendido em Botu-Crio® na concentração de 100x106 spzt/ml; grupo 7 centrifugado Botu-Sêmen Gold® 1:1 v/v e ressupendido em Botu-Crio® na concentração de 100x106 spzt/ml. Após a adição de meio diluente em cada um dos grupos foi realizada a cinética espermática computadorizada (Hamilton-ThorneTM) T0 para: motilidade total (MT), motilidade progressiva (MP), porcentagem de espermatozoides com movimentos rápidos (RAP) e integridade de membrana plasmática (IM) utilizando coloração da eosina nigrosina (BotuVital®). As amostras refrigeradas foram acondicionadas em Botuflex® a 5ºC por 24 horas, as avaliações foram às mesmas do T0. Os dados foram submetidos ao teste Kolmogorov-Smirnov para verificar a normalidade, sendo avaliados através da analise de variância seguida por teste de tuckey, todas as estatísticas foram consideradas significativas quando o P<0,05. Os resultados demonstraram no tempo zero que não houve diferença estatística entre os grupos avaliados. Entretanto no momento 24 horas houve diferença estatística P<0,05 em termo MT e RAP (sendo superior nos) entre os grupos onde foi removido o plasma seminal e ressuspendido em diluentes a base de caseinato de sódio e gema de ovo em comparação aos grupos com presença do plasma seminal e ressuspendido em diluente a base de leite desnatado. Em relação a MP os grupos com a presença do leite desnatado apresentaram menores resultados quando comparados aos demais, sendo estatisticamente diferentes. Quanto a IM foram encontrados melhores valores quando houve a remoção do plasma seminal. Desta forma, pode-se concluir que a retirada do plasma seminal e ressuspensão em meio à base de caseinato de sódio ou gema de ovo mostraram-se eficientes na manutenção e longevidade do sêmen de asinino refrigerado 24 horas a 5ºC.

Agradecimentos: FMVZ-UNESP, Botucatu e a Botupharma pelo fornecimento de meios diluentes.

Palavras-chave: Asinino; diluente; plasma seminal

72. EFEITO DO ESCORE DE CONDIÇÃO CORPORAL NA DINÂMICA FOLICULAR FINAL E FERTILIDADE DE ÉGUAS DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR

MIGUEL PIZZOLANTE BOTTINO*1; AUGUSTO SIQUEIRA LEMOS1; BRUNA OLIVEIRA DIAS1; SARAH MARIA GODTFREDSEN1; JOSÉ NÉLIO SOUSA SALES1; FLAMARION TENÓRIO DE ALBUQUERQUE1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS, LAVRAS, MG, BRASIL.

e-mail:miguelbottino@yahoo.com.br

Resumo:

O manejo nutricional inadequado e a redução da gordura corporal estão associados a diminuição na eficiência reprodutiva. A leptina é um hormônio derivado dos adipócitos, capaz de atuar como um sinalizador do status nutricional ao hipotálamo. Concentrações de leptina geralmente variam diretamente com a porcentagem de gordura corporal. Em roedores, baixas concentrações de leptina promovem redução na liberação das gonadotrofinas, podendo reduzir a atividade ovariana ou até mesmo promover anestro. Uma alternativa eficiente para se quantificar

a reserva de gordura corporal é a avaliação do escore de condição corporal (ECC). Assim, o objetivo do presente estudo foi avaliar o efeito do escore de condição corporal na dinâmica folicular final e na fertilidade de éguas adultas da raça Mangalarga Marchador. No estudo foram utilizadas 189 éguas (95 paridas e 94 não paridas) com ECC variando de 3 a 8 (escala de 1 a 9). Na avaliação do estudo, as éguas foram divididas em dois grupos de acordo com o escore de condição corporal (Grupo Alto ECC - ECC≥7 e Grupo Baixo ECC - ECC<7). Durante o estudo, após exame ultrassonográfico, os animais que apresentaram corpo lúteo receberam 6,71 mg de dinoprost trometamina (Lutalyse®, Pfizer, Brasil), IM. A partir do momento em que o folículo dominante atingiu o diâmetro entre 33 a 35 mm, os animais passaram a ser examinados diariamente, a fim de mensurar o diâmetro do folículo dominante e grau de edema uterino (escala de 0 a 3). As éguas com folículo dominante com diâmetro igual ou superior a 37 mm receberam 1000 UI de hCG (Chorulon®, MSD, Holanda), IV, para induzir a ovulação. A determinação da ovulação foi feita por identificação ultrassonográfica de estrutura luteinizada no local do folículo dominante previamente visualizado. O diagnóstico de gestação foi realizado 12 a 14 dias após a ovulação por exame ultrassonográfico. Os dados foram analisados pelo procedimento GLIMMIX do SAS. O ECC médio do Grupo Alto ECC foi de 7,17 e do Grupo Baixo ECC foi de 5,27. Não foi verificada diferença entre os grupos de escore corporal em relação ao diâmetro inicial do folículo dominante [Grupo Alto ECC (35,68±0,57mm) e Grupo Baixo ECC (35,67±0,37mm); P=0,73], diâmetro do folículo ovulatório [Grupo Alto ECC (43,91±0,57mm) e Grupo Baixo ECC (43,33±0,55mm); P=0,52], crescimento folicular [Grupo Alto ECC (2,92±0,16mm) e Grupo Baixo ECC (2,64±0,18mm); P=0,22], diâmetro folicular no momento da administração de hCG [Grupo Alto ECC (40,93±0,40mm) e Grupo Baixo ECC (40,80±0,38mm); P=0,84], diâmetro folicular no momento da administração de prostaglandina [Grupo Alto ECC (26,28±1,14mm) e Grupo Baixo ECC (27,58±1,26mm); P=0,52], edema uterino na indução da ovulação [Grupo Alto ECC (2,15±0,08mm) e Grupo Baixo ECC (1,98±0,09mm); P=0,12], edema uterino após ovulação [Grupo Alto ECC (0,42±0,07mm) e Grupo Baixo ECC (0,26±0,06mm); P=0,07] e taxa de prenhez [Grupo Alto ECC 57,5% (50/87) e Grupo Baixo ECC 44,4% (28/63); P=0,12]. No entanto, éguas do Grupo Alto ECC apresentaram maior diâmetro máximo do folículo dominante quando comparadas as do Grupo de Baixo ECC [Grupo Alto ECC (44,42±0,53mm); Grupo Baixo ECC (43,07±0,41mm); P=0,05]. Apesar de não ser estatístico, a diferença de 13,1% nos resultados da taxa de prenhez entre os grupos estudados chama a atenção e sugere a necessidade de mais estudos. Dessa forma, conclui-se que o ECC interfere no diâmetro máximo do folículo dominante de éguas da raça Mangalarga Marchador.

Palavras-chave: Ecc; prenhez; crescimento folicular

73. EFEITO DO NÚMERO DE APLICAÇÕES DA HCG SOBRE A RESPOSTA OVULATÓRIA DURANTE A VIDA REPRODUTIVA DE ÉGUAS

GABRIELA BERTAIOLLI BERTAIOLLI ZOCA*1; GABRIEL DE CARLI DOS SANTOS1; THIAGO MARTINS1; ENEIVA CARLA CARVALHO CELEGHINI1; CARLA PATRICIA TEODORO DE CARVALHO1; RENATA LANÇONI1; THYAGO ESCODRO DERCOLI1; RUBENS PAES DE ARRUDA1

1.FMVZ-USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

e-mail:arrudarp@usp.br

Resumo:

A inseminação artificial em éguas é otimizada quando fármacos indutores da ovulação são utilizados. A Gonadotrofina Coriônica Humana (hCG), fármaco mais utilizado para tal fim, contribui para a redução do número de serviços durante um ciclo estral principalmente quando existe uma alta demanda de sêmen do garanhão ou o sêmen é criopreservado e limitado. Além disto, diminui custos com transporte, auxilia a sincronização de doadoras e receptoras de embriões, estimula a maturação e ovulação do folículo dominante reduzindo o intervalo interovulatório e estimula a formação do corpo lúteo. Ao ser administrada na presença de um folículo pré ovulatório com diâmetro ≥ 35mm e edema endometrial, a ovulação normalmente ocorre entre 24 e 48 horas após o tratamento com hCG (78 - 91%). Ainda que confiável, falhas podem ocorrer com maior incidência em éguas idosas, não sabendo ao certo se a falha na indução da ovulação é devido a formação de anticorpos anti-hCG, formados a partir de aplicações prévias do fármaco em uma mesma estação reprodutiva. O objetivo deste trabalho foi sustentar a hipótese de que a perda na eficiência da hCG em promover a ovulação não está relacionada as aplicações desta em ciclos consecutivos, mas, de que

a quantidade de aplicações da hCG ao longo da vida reprodutiva de éguas, pode interferir na resposta esperada após sua aplicação. Foram colhidos dados retrospectivos de 122 ciclos estrais de 60 éguas mestiças, Puro Sangue Inglês e Brasileiro de Hipismo, com faixa etária de 2 a 23 anos, ao longo de 10 estações reprodutivas (outubro a março), pertencentes ao Setor de Equideocultura da Prefeitura do Campus Fernando Costa da Universidade de São Paulo, Pirassununga/SP. As éguas foram divididas de acordo com o número de aplicações de hCG realizados ao longo de suas vidas reprodutivas, sendo que: grupo A, 1 aplicação (n=48); grupo B, 2 a 3 aplicações (n=50) e grupo C, 4 a 7 aplicações (n=24). Foram utilizados 2500 UI da hCG, por via endovenosa, quando detectado por meio de ultrassonografia modo-B um folículo ≥ 35mm de diâmetro e edema endometrial, independentemente de ter sido na mesma estação reprodutiva ou não. A eficiência da hCG na indução das ovulações foi avaliada 48h após sua aplicação, por meio da presença do corpo lúteo onde existia um folículo dominante (exame ultrassonográfico modo-B). Para as análises estatísticas utilizou-se o procedimento Glimmix do SAS, versão 9.3. Para as comparações utilizou-se o teste de médias LSD (opção DIFF do comando LSMEANS). O grupo B (86,0% ± 0,05 de ovulações) não apresentou diferença significativa (p>0,05) na taxa de ovulação 48h comparado ao grupo A (97,9% ± 0,02), porém, tendeu a ser menos eficiente. O grupo C apresentou eficiência significativamente (P<0,05) menor que os grupos A e B sob a taxa de ovulação em 48h (58,3% ± 0,10). Estudos foram realizados ao longo dos anos para determinar a eficiência da hCG após aplicações subsequentes e os resultados são controversos principalmente em torno da formação de anticorpos anti-hCG. Baseando-se em nossos resultados, concluímos que a eficiência da hCG em induzir a ovulação após sua aplicação é comprometida não somente pelo seu uso em ciclos consecutivos, mas também pelo número de vezes em que foi utilizada durante a vida reprodutiva da égua, sendo que o tempo de resposta a ovulação foi significantemente maior em éguas tratadas mais que 4 vezes.

Palavras-chave: Indução da ovulação; hcg; anticorpo

74. EFEITO DO TRATAMENTO COM IMPLANTE INTRAVAGINAL DE PROGESTERONA SOBRE A CONTAGEM DE FOLÍCULOS ANTRAIS EM ÉGUAS NA FASE DE TRANSIÇÃO DO ANESTRO PARA A ESTAÇÃO REPRODUTIVA

HIAGO CORTEZINI HADID*1; GUSTAVO ROMERO GONÇALVES1; FABIO LUIZ BIM CAVALIERI2; ANTONIO HUGO BEZERRA COLOMBO2; FÁBIO MOROTTI1; MARCELO MARCONDES SENEDA1

1.UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, LONDRINA, PR, BRASIL; 2.GESTAR EMBRIÕES REPRODUÇÃO ANIMAL, MARINGÁ, PR, BRASIL.

e-mail:hiago_hadid@hotmail.com

Resumo:

A contagem de folículos antrais (CFA) é um parâmetro que vem sendo estudado nos últimos anos como potencial marcador biológico para a eficiência reprodutiva nos animais. Em bovinos há consenso de que a CFA mais alta tem relação direta com a fertilidade. Na espécie equina são escassas as informações sobre o tema. Este trabalho têve como objetivo investigar os efeitos do tratamento com implante de progesterona (P4) sobre a contagem de folículos antrais em éguas na fase de transição do anestro para o estro. Para isso foram utilizadas éguas (n = 21) sem raça definida, de propriedades da região da cidade de Londrina, separadas em um Grupo Controle (n=11), sem tratamento com progesterona e um Grupo P4 (n=10), no qual foi usado implantes de progesterona. Essas éguas foram avaliadas através de ultrassonografia transretal, por um único operador experiente, em dias intercalados, para a contagem dos folículos antrais até o momento da ovulação ou atresia do folículo dominante. Os dados foram analisados quanto à normalidade de distribuição pelo teste de Anderson-Darling e quanto à homogeneidade de variâncias pelo teste de Levene. Após avaliação de D0 a até D24, constatou-se que as éguas que receberam implante de P4 apresentaram maior contagem de folículos antrais (9,6 ± 3,4) quando em comparação aos animais do grupo controle (8,5 ± 2,3; p < 0,05). Verificou-se ainda uma constância no número de folículos em cada indivíduo, sem variação significativa ao longo do período estudado (p= 0,28). Concluímos que o tratamento com implantes intravaginais de progesterona em éguas na transição do anestro para o estro apresentou relação com maior contagem de folículos antrais.

Palavras-chave: Contagem de folículos antrais; implante intravaginal; progesterona

75. EFEITO DO ÁCIDO MEFENÂMICO SOBRE A MOBILIDADE EMBRIONÁRIA EM ÉGUAS

VERIDIANA DE PAULA ANDRADE*1; CAROLINA TIEMI CARDOSO OKADA1; CAMILA PAULA FREITAS-DELL`AQUA1; MARCO A ALVARENGA1

1.FMVZ- UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:vet_veriandrade@hotmail.com

Resumo:

Na espécie equina a mobilidade ocorre entre os dias 6 e 16 após a ovulação e nesta fase o embrião apresenta formato esférico e se desloca constantemente pelo ambiente uterino através das contrações miometrais produzidas por estímulos químicos da própria vesícula embrionária. Este longo período de estímulo assegura que o embrião produza sinais anti-luteolíticos para o endométrio, evitando assim a processo de luteólise. Após 17 dias encerra-se o evento, culminando com a fixação do embrião em um dos cornos. Durante a mobilidade a vesícula embrionária equina produz prostaglandinas PGE-2, PGF e PG1-2. Frequentemente no momento da técnica de transferência de embrião faz-se o uso de medicamentos anti-inflamatórios não esteroidal (AINEs) na tentativa de reduzir inflamação uterina e geração de PGF2α pelo endometrio. Se ocorrer alguma falha durante a migração embrionária o reconhecimento materno da gestação pode ser afetado e consequentemente lise do corpo lúteo resutando em morte precoce do embrião. O trabalho tem como objetivo avaliar o efeito do ácido mefenamico (AM) em relação a migração embrionária: AM é um inibidor da ciclooxigenase 1 e 2 (COX-1 e COX-2). Baseado no estudo de Ginther (1998) o útero foi dividido em 9 segmentos representados em desenho esquemático e após a vesícula ser localizada a mesma era registrada no local correspondente. No presente experimento foram utilizadas 10 éguas, e estas foram avaliadas pelo método de ultrassonografia transretal seriada a cada 5 minutos durante uma hora. A primeira avaliação foi determinada como controle e a segunda avaliação foi realizada após duas horas da administração do AM, tempo suficiente para o medicamento atingir o pico sérico. Depois de 24 horas da administração do AM as éguas foram reavalidas por palpação seriada durante mais uma hora, afim de verificar se a droga apresentaria efeito residual na mobilidade embrionária. Primeiramente realizou-se uma analise descritiva dos parâmetros (média e erro padrão) de acordo com as condições experimentais e avaliação da normalidade pelo teste Kolmogorov-Smirnov. Como os dados foram não paramétricos utilizou-se o teste de Friedman seguido por Dunn's. O uso do AM diminuiu ($p<0.05$) a quantidade de movimentos por hora realizados pelo embrião, de 6.0 ± 0.3 no controle para 2.7 ± 0.3 grupo tratado. Na ultrassonografia seriada 24 horas após o tratamento, foi observado padrão semelhante ao controle, 5.2 ± 0.4, demonstrando que a mobilidade voltou ao padrão de movimentos observados no momento controle. Com esse estudo, podemos concluir que a aplicação do AM durante o período de mobilidade embrionária, diminuiu em média 55% a mobilidade embrionária. Não foi observado efeito remanescente do AM 24 horas após a sua administração.

Palavras-chave: Anti-inflamatório não esteroidal; mobilidade embrionária; égua

76. EVIDÊNCIAS DE CICLICIDADE NO OVÁRIO DA FÊMEA MUAR

ANDRESSA GUIDUGLI LINDQUIST*1; SUELLEN MIGUEZ GONZÁLEZ2; CAMILA BIZARRO DA SILVA1; MARCELO MARCONDES SENEDA1

1.UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, LONDRINA, PR, BRASIL; 2.CENTRO UNIVERSITÁRIO DE RIO PRETO, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, SP, BRASIL.

e-mail:andressaguidugli@icloud.com

Resumo:

As fêmeas muares apresentam características reprodutivas específicas, além disso atualmente possuem papel

significativo como receptoras de embriões das espécies equina e asinina. Sugere-se que as mulas demonstrem atividade ovariana pela dinâmica folicular e a evidência de processos de ovulação, no qual um oócito é eliminado e assim ocorre a formação do corpo lúteo. Novos conhecimentos sobre a dinâmica reprodutiva da mula poderão viabilizar sua eficiência reprodutiva como receptora de embrião. Assim, objetivou-se nesse trabalho investigar as particularidades reprodutivas das fêmeas muares, tais como a incidência de folículos, corpos lúteos e oócitos nos ovários. Foram utilizados ovários muares (n=14), obtidos em abatedouro local, transportados ao laboratório em recipiente térmico (26 ºC) e submetidos à dissecação da túnica albugínea e tecidos conectores. Após, estes foram pesados e avaliados quanto a presença de folículos antrais e/ou corpos lúteos. Os folículos aspirados (n=7) obtinham diâmetro entre 4 a 10 mm, e para tanto utilizou-se agulha 40x12 mm (18G 1 ½) conectados à seringa de 20 mL, contendo solução heparinizada. Sob lupa estéreo-microscópica avaliou-se os oócitos quanto à qualidade do ooplasma e características das células do cumulus oophorus (grau I, II, III e desnudo). O peso médio dos ovários foi de 7,79g, no qual, os mesmos com presença de folículos antrais obtiveram maior peso (26,3g) em comparação com aqueles que obtiveram apenas corpos lúteos (2,24 - 9,17g). Constatou-se incidência de corpos lúteos em 64% (9/14) dos ovários de mulas, enquanto 21% (3/14) possuiam folículos antrais. Foram recuperados 6 oócitos dos 7 folículos aspirados, resultando na taxa de recuperação de 85,7 %. Quanto a avaliação dos oócitos, três destes foram classificados como Grau I e o restante em Grau II. Portanto, os indícios de ciclicidade evidenciados neste trabalho poderá contribuir para o entendimento da fisiologia reprodutiva dessas fêmeas.

Palavras-chave: Mula; folículos; corpo lúteo

77. EXPRESSÃO DE PROTEÍNAS DO CORPO LÚTEO DURANTE A LUTEOGÊNESE E LUTEÓLISE INDUZIDA EM ÉGUAS

RUBIA ALVES SCHMITH*1; LAÍZA SARTORI DE CAMARGO1; PRISCILLA NASCIMENTO GUASTI1; FABIANA FERREIRA DE SOUZA1; CEZINANDE MEIRA1

1.UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:rubiaschmith@hotmail.com

Resumo:

O desenvolvimento e regressão do corpo lúteo (CL) é um processo fundamental para a eficiência do ciclo estral e manutenção da gestação das espécies domésticas. Com o intuito de entender os mecanismos fisiológicos desta glândula transitória e diminuir o intervalo interovulatório, diversos estudos têm demonstrado que fatores de crescimento, citocinas e aplicação de agentes luteolíticos estão diretamente relacionados a este processo. Assim, o objetivo desse estudo foi descrever a expressão de proteínas envolvidas no processo de luteinização e luteólise em éguas. Foram utilizadas 24 éguas, de raças e idades variadas, distribuídas aleatoriamente em dois grupos experimentais, grupo controle (solução salina, n = 6) e grupo PGF 10 (aplicação de 10 mg de dinoprost trometamina, n = 6). Os tratamentos foram realizados por administração de dose única, por via intramuscular nos momentos D2 e D8, considerando como D0 é o dia da ovulação. Seis horas após o tratamento foram colhidos fragmentos teciduais do CL pela técnica de biópsia guiada por ultrassonografia transvaginal. Todas as éguas foram sedadas com 20 µg/kg de detomidina (Dormiun V, Agener União) e o relaxamento retal induzido com 0,2 mg/kg de butilbrometo de escopolamina (Butylscopolamina, Sigma Pharma). Os procedimentos foram realizados utilizando agulha de biópsia modelo tru-cut acoplada a um guia com transdutor convexo endocavitário. As amostras foram preparadas em pools (n = 6 amostras/grupo) na concentração de 100 µg para realização da eletroforese unidimensional em gel de poliacrilamida a 12% (SDS PAGE). O gel foi corado com Comassie coloidal, fotodocumentado e analisado pelo programa Image Master 1D (GE, HealthCare). As proteínas do CL contidas nas principais bandas foram excisadas em pequenos blocos e digeridas em 20 ng/mL de tripsina (Promega). As amostras resultantes da digestão de peptídeos foram separadas por RP-nano UPLC (nano Acquity, Waters) C18 (100 mm 6100 mm) acoplado com um espectrômetro de massa Q-Tof Premier (Waters) com fonte de nanoeletrospray. A análise por SDS-PAGE de proteínas do CL revelou um perfil eletroforético variando de 12 a 225 kDa com predominância de proteínas com massa molecular inferior a 76 kDa. Na espectrometria de massas foi encontrado um total de 36 bandas proteicas e aproximadamente 1.080 proteínas, com massa molecular variando de 174,8 a 15,2 kDa. Destas, foram detectadas

proteínas comuns aos grupos tratados e controle, como a hemoglobin subunit alpha, hemoglobin subunit beta, serum albumin, cholesterol side-chain cleavage enzyme, mitochondrial, as funções moleculares de maior destaque se relacionaram ao transporte de oxigênio para os tecidos, regulação da pressão osmótica coloidal do sangue e biossíntese de esteroides. Além disso, foram detectadas proteínas específicas no grupo tratado no momento D2 como a alpha 1 antiproteinase 2 com atividade inibidora das endopeptidases e processo biológico envolvido na resposta de fase aguda, a 60S acidic ribossomal protein P2, sendo esta uma proteína estrutural constituinte do ribossomo, responsável pela tradução mitocondrial. No grupo que recebeu o tratamento no momento D8 foram detectadas proteínas como a heat shock cognate 71 kDa protein que tem múltiplas funções no controle da qualidade das proteínas, garantindo dobramento e transporte de peptídeos sintetizados e a ativação da proteólise para proteínas malformadas. Assim como, a annexin A1 que desempenha função na regulação da resposta imune e do processo inflamatório e a superoxide dismutase [Mn], mitochondrial que é oxiredutase, com função de destruir os radicais aniônicos superóxidos, normalmente produzidos dentro das células e tóxicos para os sistemas biológicos. Dessa forma, este estudo permitiu elucidar a distribuição e a variação da massa molecular das proteínas do corpo lúteo de éguas durante a luteogênese e luteólise induzida em equinos, e mais pesquisas estão sendo desenvolvidas para esclarecer a fisiologia do corpo lúteo nesta espécie.

Palavras-chave: Equino; luteinização; proteômica

78. FITOTERÁPICOS COMO ALTERNATIVA DE CONTROLE PARA BACTÉRIAS CAUSADORAS DE ENDOMETRITE EM ÉGUAS

FERNANDO P LISBOA*1; GABRIEL VICTORIA MARTINS1; GUILHERME NOVELLO1; RAQUELI TERESINHA FRANÇA1; ANA PAULA LONGARAY DELAMARE1; GABRIEL FERNANDES PAULETTI1

1.UCS, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL.

e-mail:pxlisboa@gmail.com

Resumo:

Endometrite refere-se a um processo inflamatório do endométrio que pode ser crônico ou agudo, infecioso ou não infeccioso. Na espécie equina as endometrites são consideradas uma das principais causas de queda de fertilidade, morte embrionária e abortos, gerando relevantes prejuízos econômicos. Dentre os agentes microbianos causadores de infecções uterinas na espécie equina, os mais encontrados são bactérias e fungos, sendo a endometrite bacteriana a causa mais frequente de infertilidade em éguas. A principal forma de tratamento utilizada nestes casos é a antibióticoterapia, intrauterina ou parenteral. A resistência bacteriana associada a antimicrobianos tem aumentado em função de mecanismos de sobrevivência desenvolvidos por estes patógenos, e pela utilização indiscriminada destes fármacos. Compostos naturais apresentam baixa probabilidade de geração ou seleção de resistência devido a sua complexidade química e forma de ação, além disso, são comuns na natureza. Este trabalho tem como objetivo testar a atividade antimicrobiana dos óleos essências de Alecrim (Rosmarinus officinalis), Carqueja (Baccharis trimera) e Capim Cidreira (Cymbopogon citratus) frente a três cepas bacterianas isoladas do útero de éguas da raça crioula, Escherichia coli (B1), Escherichia coli (B2) e Enterobacter sp. (B3). Os óleos essenciais foram obtidos através do método de extração por hidrodestilação por aparelho tipo Clevenger por uma hora (100 g de plantas desidratadas). As amostras foram colhidas de éguas crioulas com histórico de infertilidade utilizando-se coletor de swab uterino para éguas (Provar®). Os swabs foram semeados em meios ágar sangue e Macconkey, sendo mantidas a 37ºC por 24 horas. Após isolamento, as bactérias foram identificadas por métodos bioquímicos. A determinação do percentual de inibição (PI) para cada bactéria foi realizada através de teste de diluição em microplacas associado à leitura espectrofotométrica. Para o cálculo do PI, as leituras densitométricas das amostras com óleo foram comparadas com o crescimento na ausência deste, e expressas na forma de percentual, considerando PI superior ou igual a 90% como concentração inibitória mínima (CIM). Foram testadas as concentrações 10; 5; 2,5; 1,25; 0,625; 0,3125; 0,1562 e 0 µL/mL de óleo. Como controle positivo, foi realizado antibiograma pela técnica de difusão em disco. O óleo de Alecrim na concentração de 10 µL/mL foi o mais efetivo, apresentando PI de 98,6%, 97,8% e 100% para as bactérias 1, 2 e 3, respectivamente. Além disso, foi observado um padrão linear de inibição entre as concentrações testadas deste óleo. O óleo de carqueja na mesma concentração apresentou PI de 40,5%, 57,5% e 55,6%, enquanto que o óleo

de capim cidreira 75,7%, 59% e 77,6% para as bactérias 1, 2 e 3, respectivamente. As três bactérias testadas foram sensíveis à Sulfametoxazol + Trimetropim, Gentamicina e Amicacina. A B1 apresentou sensibilidade intermediária para Ampicilina e Ceftriaxona, a B2 para Ampicilina, enquanto que a B3 apresentou resistência à Ampicilina. Tais achados comprovam que o óleo de Alecrim demonstrou superioridade em relação aos antibióticos que obtiveram sensibilidade intermediária ou resistente. O conjunto de resultados permite concluir que óleo de alecrim possui propriedades antibacterianas, demonstrando potencial para inibir o crescimento de bactérias causadoras da endometrite em éguas. Além disso, os demais óleos testados também apresentam potencial inibitório, entretanto as concentrações testadas não foram suficientes para atingir a CIM.

Palavras-chave: Fitoterápicos; óleos essenciais; alecrim

79. INCLUSÃO DE COLESTEROL E SEUS EFEITOS NA INTEGRIDADE DAS MEMBRANAS PLASMÁTICA E ACROSSOMAL DE ESPERMATOZOIDES CRIOPRESERVADOS DE JUMENTOS DA RAÇA PÊGA

FLÁVIA VIEIRA DE FREITAS*1; MARIA EDUARDA BORGES FIGUEIRA; CRISTIAN DA SILVA TEIXEIRA2; THIAGO AUGUSTO TELES DE SOUZA2; CARLOS MATTOS TEIXEIRA SOARES2; MARIA GAZZINELLI NEVES2; BRUNA WADDINGTON DE FREITAS2; LARISSA MARQUES DE OLIVEIRA2; MARINA DA SILVA PASSARELLI1; MARIANA ANDRADE TORRES1; SIMONE MARIA MASSAMI KITAMURA MARTINS1; ANDRÉ FURUGEN CESAR DE ANDRADE1; GIOVANNI RIBEIRO DE CARVALHO3

1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, VIÇOSA, MG, BRASIL; 3..

e-mail:flavia.vet10@gmail.com

Resumo:

A criopreservação do sêmen de diversas espécies, apesar de ser uma importante biotécnica reprodutiva, pode causar diversas lesões à célula espermática. A membrana plasmática do espermatozoide sofre a chamada fase de transição durante o abaixamento da temperatura, passando de um estado líquido-cristalino para o estado em gel. Durante a mudança de fase, é possível que ocorra perda de função da membrana devido a uma inadequada reorganização dos seus componentes, o que poderia comprometer diretamente a capacidade fertilizante do espermatozoide, através da lesão à própria membrana plasmática e à membrana acrossomal. Assim, a adição do colesterol à membrana plasmática de espermatozoides tem demonstrado ser uma técnica que, aliada a adequados protocolos de criopreservação, promove bons parâmetros celulares após o descongelamento. Isto é possível graças à capacidade do colesterol de abaixar a temperatura da fase de transição da membrana plasmática, mantendo esta estrutura fluida mesmo em baixas temperaturas e evitando a reorganização inapropriada de seus componentes. Desta forma, avaliou-se os efeitos da inclusão de colesterol na integridade das membranas plasmática e acrossomal de espermatozoide de jumentos. Foram utilizadas 5 colheitas de sêmen de 5 jumentos da raça Pêga, com idade entre 3 e 10 anos e peso médio de 300 Kg. Após as avaliações do sêmen in natura, este foi dividido em duas alíquotas, destinadas ao grupo controle (GC) e o grupo tratado (GT). O sêmen do GC foi diluído em meio à base de leite em pó (Botu-Sêmen® – Botupharma Botucatu, SP, Brasil) em proporção 1:1, centrifugado a 600 g durante 15 minutos, ressuspendido com meio à base de gema de ovo (Botu-Crio® – Botupharma Botucatu, SP, Brasil) para obtenção de concentração de 200 x 106 espermatozoides/mL, envasado em palhetas francesas de 0,5 mL, refrigerado à 5ºC durante 20 minutos, mantido a 4 cm do vapor de nitrogênio durante 15 minutos e mergulhado em nitrogênio líquido para congelamento do sêmen. O sêmen do GT foi previamente incubado com 1,5 mg de ciclodextrina (C4555 – Sigma-Aldrich, St. Louis, Missouri, EUA) carregada com colesterol (C3045 – Sigma-Aldrich, St. Louis, Missouri, EUA) a cada 120 x 106 espermatozoides/mL durante 15 minutos à temperatura ambiente e protegido da luz. Após este tempo, o sêmen do GT foi diluído em meio à base de leite em pó (Botu-Sêmen® – Botupharma Botucatu, SP, Brasil) em proporção 1:1 e procedeu-se com as mesmas etapas de criopreservação do GC. Para avaliação da integridade das membranas plasmática e acrossomal, as palhetas foram descongeladas em banho-Maria à 37º C durante 30 segundos, e seu conteúdo incubado com 1 µL de cada uma das sondas fluorescentes, sendo elas Syto-59 (Molecular Probes Inc., Eugene, Oregon, EUA), Iodeto de Propídio (Sigma-Aldrich, St. Louis, Missouri, EUA) e FITC-PSA (Sigma-Aldrich, St. Louis, Missouri, EUA). As análises foram realizadas em aparelho de citometria de fluxo modelo BDAccuri C6 (Beckton-Dickeson, San Jose, USA). Os dados foram analisados pelo programa SAS (SAS Institute Inc.,

2010). Houve efeito (p<0,05) da inclusão de colesterol na manutenção da integridade das membranas plasmática e acrossomal, caracterizada pela maior população de células AIMI (acrossoma íntegro e membrana íntegra) para os espermatozoides do GT (21,42 ± 2,53) em relação ao GC (12,73 ± 1,96). É pertinente inferir que a adição de colesterol aos espermatozoides se mostrou eficaz em promover maior estabilização da membrana plasmática e acrossomal, possivelmente este foi capaz de preservar sua funcionalidade ao longo do processo de criopreservação. Conclui-se com o presente estudo, que a adição de colesterol ao sêmen de jumentos da raça Pêga, na concentração utilizada, é recomendada para a preservação da integridade das membranas plasmática e acrossomal durante o processo de criopreservação.

Palavras-chave: Colesterol; ciclodextrina; membrana plasmática

80. INCLUSÃO DE COLESTEROL E SEUS EFEITOS NO POTENCIAL DE MEMBRANA MITOCONDRIAL DE ESPERMATOZOIDES CRIOPRESERVADOS DE JUMENTOS DA RAÇA PÊGA

FLÁVIA VIEIRA DE FREITAS*1; MARIA EDUARDA BORGES FIGUEIRA; CRISTIAN DA SILVA TEIXEIRA2; THIAGO AUGUSTO TELES DE SOUZA2; CARLOS MATTOS TEIXEIRA SOARES2; MARIA GAZZINELLI NEVES2; BRUNA WADDINGTON DE FREITAS2; LARISSA MARQUES DE OLIVEIRA2; MARINA DA SILVA PASSARELLI1; MARIANA ANDRADE TORRES1; SIMONE MARIA MASSAMI KITAMURA MARTINS1; ANDRÉ FURUGEN CESAR DE ANDRADE1; GIOVANNI RIBEIRO DE CARVALHO3

1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, VIÇOSA, MG, BRASIL; 3..

e-mail:flavia.vet10@gmail.com

Resumo:

A criopreservação pode afetar o espermatozoide de várias maneiras e, dentre elas, é possível salientar o comprometimento da função das mitocôndrias. A mitocôndria espermática é uma das organelas mais importantes da do espermatozoide, pois é através da adequada funcionalidade desta estrutura que advém a principal fonte energética para a movimentação do flagelo, estrutura responsável pela chegada do espermatozoide ao sítio de fertilização do ovócito. Com o advento de novos diluidores e aditivos, foi possível minimizar os danos causados pela criopreservação. Neste sentido, a adição de colesterol, em concentrações adequadas, ao sêmen de jumentos pode preservar as características físicas e metabólicas do gameta masculino. Além disso, com o desenvolvimento de sondas fluorescentes mais sensíveis e específicas, foi possível detectar os reais danos causados pela preservação pelo frio. Este estudo objetivou avaliar os efeitos da inclusão de colesterol ao sêmen de jumentos da raça Pêga na preservação do potencial de membrana mitocondrial (ΔΨm). Para isto, foram utilizadas 5 colheitas de sêmen de 5 jumentos da raça Pêga, com idade entre 3 e 10 anos e peso médio de 300 Kg. Após as avaliações do sêmen in natura, este foi dividido em duas alíquotas, destinadas ao grupo controle (GC) e o grupo tratado (GT). O sêmen do GC foi diluído em meio à base de leite em pó (Botu-Sêmen® – Botupharma Botucatu, SP, Brasil) em proporção 1:1, centrifugado a 600 g durante 15 minutos, ressuspendido com meio à base de gema de ovo (Botu-Crio® – Botupharma Botucatu, SP, Brasil) para obtenção de concentração de 200 x 106 espermatozoides/mL, envasado em palhetas francesas de 0,5 mL, refrigerado à 5ºC durante 20 minutos, mantido a 4 cm do vapor de nitrogênio durante 15 minutos e mergulhado em nitrogênio líquido para congelamento do sêmen. O sêmen do GT foi previamente incubado com 1,5 mg de ciclodextrina (C4555 – Sigma-Aldrich, St. Louis, Missouri, EUA) carregada com colesterol (C3045 – Sigma-Aldrich, St. Louis, Missouri, EUA) a cada 120 x 106 espermatozoides/mL durante 15 minutos à temperatura ambiente e protegido da luz. Após este tempo, o sêmen do GT foi diluído em meio à base de leite em pó (Botu-Sêmen® – Botupharma Botucatu, SP, Brasil) em proporção 1:1 e procedeu-se com as mesmas etapas de criopreservação do GC. Para avaliação do potencial de membrana mitocondrial, as palhetas foram descongeladas em banho-Maria à 37º C durante 30 segundos, e seu conteúdo incubado com 1 µL de cada uma das sondas fluorescentes, sendo elas Syto-59 (Molecular Probes Inc., Eugene, Oregon, EUA), Iodeto de Propídio (Sigma-Aldrich, St. Louis, Missouri, EUA) e JC-1 (Molecular Probes Inc., Eugene, Oregon, EUA). As análises foram realizadas em aparelho de citometria de fluxo modelo BDAccuri C6 (Beckton-Dickeson, San Jose, USA). Os dados foram analisados pelo programa SAS (SAS Institute Inc., 2010). Houve efeito (p<0,05) da inclusão de colesterol na manutenção de alto ΔΨm, com maiores valores de ΔΨm para o GT (15,49 ± 2,47) em relação ao GC (6,30 ± 1,07). Diante dos resultados expostos, é possível

concluir que a adição do colesterol, na concentração utilizada, ao sêmen de jumentos da raça Pêga foi capaz de perservar um alto ΔΨm, sendo recomendado para tal finalidade.

Palavras-chave: Colesterol; ciclodextrina; mitocondria

81. INFLUENCE OF PARTIAL OR TOTAL REPLACEMENT OF GLYCEROL BY ALTERNATIVE CRYOPROTECTANTS IN GENT FREEZING EXTENDER ON POST-THAW SPERM QUALITY IN STALLIONS

RODRIGO ARRUDA DE OLIVEIRA*1; SVEN BUDIK2; CHRISTINE AURICH2

1.UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA, DF, BRASIL; 2.VETMEDUNI VIENNA, VIENNA, ÁUSTRIA.

e-mail:rodrigocavalos@yahoo.com.br

Resumo:

Although glycerol is the cryoprotectant most commonly used in stallions, it has also a considerable toxicity for equine sperm. It was the aim of this study to analyse the quality of frozen-thawed stallion semen after complete or partial replacement of glycerol in the freezing extender by alternative cryoprotectants. We hypothesized that partial or total replacement of glycerol by cryoprotectants occurring in cold-resistant frog, insect or plant species results in similar or better semen quality after freezing–thawing. As basic medium, the commercial Gent basic extender was used and either supplemented with glucose and urea, trehalose and proline, or trehalose and betaine. Based on a series of preliminary experiments, semen was frozen in either commercial Gent cryopreservation extender (Gent control), Gent glucose–urea extender or a Gent combined extender (glucose–urea, trehalose-betaine and trehalose-proline; volume ratio of 2:1:2) in a computer-controlled rate freezer. After freezing–thawing, semen was analysed for motility, membrane integrity, phosphatidylserine translocation, mitochondrial membrane potential and chromatin condensation. No differences between Gent control and Gent glucose–urea extender were seen, while all endpoints except DNA integrity were negatively affected in Gent combined extender (e.g., progressive motility: Gent 49.2 ± 3.7, Gent glucose–urea 46.5 ± 4.6, Gent combined 24.4 ± 2.8%; $p < .001$). In conclusion, glycerol concentration in a commercial freezing extender for equine spermatozoa can be successfully reduced when urea as an additive cryoprotectant is added and the glucose concentration is elevated. However, total glycerol replacement with urea, betaine, proline and trehalose was less successful.

Acknowledgements: This research was supported by a CAPES (Coordenacão de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior) Scholarship to Rodrigo Arruda de Oliveira.

Palavras-chave: Cryoprotectants; glycerol; horse

82. MIGRAÇÃO DE POLIMORFONUCLEARES E EXPRESSÃO DE COX-2 NO TECIDO ENDOMETRIAL DE ÉGUAS SUSCEPTÍVEIS A ENDOMETRITE TRATADAS COM PLASMA RICO EM PLAQUETAS

LORENZO GARRIDO SEGABINAZZI*1; AIME FRISO1; ANDRÉ MACIEL CRESPILHO1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; FREDERICO O PAPA1; MARCO A ALVARENGA1

1.UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:lgseg@hotmail.com

Resumo:

A endometrite persistente pós-cobertura (EPPC) é uma enfermidade com impactos importantes dentro do mercado

do cavalo, sendo considerada a principal causa de subfertilidade nas fêmeas equinas. Com o intuito de reduzir a resposta inflamatória, estudos recentes têm demonstrado aumento da fertilidade de animais acometidos por EPPC quando utilizadas drogas imunomoduladoras. Um modulador da resposta inflamatória que vem sendo largamente utilizado na medicina veterinária é o plasma rico em plaquetas (PRP), que contém diversos fatores de crescimento importantes na reparação tecidual, com ação benéfica no tratamento de inflamações tendíneas e osteoarticulares. Neste contexto, o presente estudo teve por objetivo avaliar o efeito do tratamento, assim como o melhor momento da aplicação de PRP sobre a resposta inflamatória uterina pós-cobertura e os índices de fertilidade de éguas susceptíveis a EPPC. Para isto 13 éguas susceptíveis a EPPC foram utilizadas em três ciclos consecutivos. As éguas eram inseminadas com sêmen fresco de um garanhão de fertilidade conhecido 24 h após a indução da ovulação (1mg acetato de deslorelina) e os ciclos foram classificados em: Controle (C): sem interferência farmacológica; Pré-IA: infusão intrauterina de 20 mL de PRP 24 horas antes da IA; Pós-IA: infusão intrauterina de 20 mL de PRP 4 horas após a IA. A obtenção do PRP foi realizada através de única centrifugação (120 x g/10min) do sangue total e apenas amostras contendo mais de 250.000 plaquetas/µL foram utilizadas. Foram realizadas biópsias endometriais 24 h após a IA para as análises do número de polimorfonucleares (PMN) do tecido endometrial e número de células marcadas para COX-2 avaliadas através de imunohistoquímica e classificado através de um score de marcação (negativo; fraco; médio; intensa). Variáveis contínuas foram avaliadas através de análise de variância, considerando $P \leq 0,05$. Na contagem de PMN no estrato compacto e epitélio luminal não foi observada ($p>0,05$) diminuição nas biópsias do ciclo Pós-IA em comparação ao ciclo controle, porém quando comparado o ciclo controle ao ciclo Pré-IA foi observada tendência estatística ($p=0,063$) para redução do número dessas células nas biópsias endometriais do grupo tratado com PRP. Já na contagem de PMN no estrato esponjoso, ambos os tratamentos com PRP foram eficientes ($p<0,05$) na diminuição da contagem de PMN quando comparados ao ciclo não tratado. O PRP também se mostrou eficiente em diminuir ($p<0,05$) a expressão de COX-2 em ambos os grupos tratados (média) quando comparados ao controle (intensa). Entre os ciclos tratados não foram observadas diferenças ($p>0.05$) em nenhuma das variáveis estudadas. Desta forma, podemos concluir que ambos os tratamentos com PRP foram capazes de reduzir o processo inflamatório no útero de éguas susceptíveis a endometrite, com resultados similares entre os tratamentos.

Palavras-chave: Plasma rico em plaquetas; endometrite; égua

83. MOMENTO DE REALIZAÇÃO DA INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL OU MONTA NATURAL EM RELAÇÃO A OVULAÇÃO E SUA INTERFERÊNCIA NA DETERMINAÇÃO DO SEXO DO CONCEPTO

GIOVANNA TAKAKURA*1; ARIANE FLÁVIA DO NASCIMENTO2; AFONSO CELSO JUNQUEIRA BORGES1; TAIGUARA DE CASTRO SAMPAIO1; CAROLINA COIMBRA CHAGAS3

1.QUIRON REPRODUÇÃO EQUINA, CAMBUQUIRA, MG, BRASIL; 2.FUNDAÇÃO DE ENSINO E TECNOLOGIA DE ALFENAS (UNIFENAS/FETA), ALFENAS, MG, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS, LAVRAS, MG, BRASIL.

e-mail:gstakakura@yahoo.com.br

Resumo:

A definição do sexo do concepto é determinada por genes contidos no cromossomo X ou Y do espermatozoide no momento em que ocorre a fecundação do oócito. Os espermatozoides que contém o cromossomo Y são mais leves, mais rápidos, menos resistentes e quando fecundam o oócito que contém o cromossomo X resultam na formação de embriões que ao se desenvolver geram indivíduos machos. Os espermatozoides que contém o cromossomo X são mais pesados, mais lentos e mais resistentes e ao se fundirem ao oócito geram embriões que darão origem a indivíduos fêmeas. Tendo em vista a preferência por nascimento de potras, a campo percebe-se resistência dos proprietários em realizar a inseminação artificial ou monta natural em momentos próximos da ovulação. Tal hesitação é justificada pela possibilidade dos espermatozoides Y, sendo mais rápidos, favorecerem a maior concepção de potros em relação ao de potras. Objetivou-se, assim, conhecer a proporção de potras e potros nascidos relacionando o tempo transcorrido entre a inseminação artificial (ou monta natural) e a ovulação. Os dados foram coletados em animais da raça Mangalarga Marchador pela equipe da Quirón Reprodução Equina com sede na Fazenda Nossa Senhora Aparecida, município de Cambuquira – MG no Sul de Minas Gerais. Foi realizado

um levantamento do sexo de potros nascidos que haviam sido produzidos em Estações de Monta anteriores (2011 a 2015) totalizando 193 animais. Foram coletados nascimentos dos quais havia anotação sistemática diária do ciclo reprodutivo da doadora ou matriz. Os dados incluíam o dia da indução da ovulação, o dia da inseminação ou monta natural e o dia da ovulação. Os resultados foram agrupados em número de machos e número de fêmeas gerados a partir de ciclos nos quais a inseminação foi realizada de 48 a 24 horas antes da ovulação (76 indivíduos – grupo 1), de 24 horas ao momento da ovulação (111 indivíduos – grupo 2) e até 6 horas após a ovulação (6 indivíduos – grupo 3). Não houve diferença significativa. No grupo 1 a taxa de nascimentos de machos foi 48,68% (37 potros) e a de fêmeas 51,32% (39 potras). No grupo 2 a taxa de nascimento de machos foi 51,35% (57 potros) e a de fêmeas 48,65% (54 potras). No grupo 3 a taxa foi 50% de machos e 50% de fêmeas. Perfazendo no total, de 193 nascimentos, 97 do sexo masculino e 96 do sexo feminino. Tais resultados comprovam que não apenas a velocidade ou longevidade do espermatozoide determinarão a fecundação por Y ou X. Outros fatores como o pH dos fluidos vaginais, pH do fluido seminal do garanhão e osmolaridade estão envolvidos na perda da capacidade fertilizante que ocorre antes da perda da motilidade. Em suma, o espermatozoide que fecunda é o que alcança o oócito com sua capacidade de fecundação intacta.

Palavras-chave: Proporção; machos; fêmeas

84. PARÂMETROS FISIOLÓGICOS DA PLACENTA EM ÉGUAS DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR

ISABELA SYLLOS CAMPOS*1; GUILHERME NUNES DE SOUZA2; GUSTAVO MENDES GOMES3; ALINE EMERIM PINNA1; ANA MARIA REIS FERREIRA1

1.UFF, NITERÓI, RJ, BRASIL; 2.EMBRAPA, JUIZ DE FORA, MG, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA, VASSOURAS, RJ, BRASIL.

e-mail:isabelasyllos@ig.com.br

Resumo:

O acompanhamento gestacional das éguas é imprescindível para evitar perdas embrionárias e fetais. A placenta da égua é definida como um órgão formado por tecidos maternos e fetais, com a função de trocas metabólicas entre mãe e feto. Os equinos são os únicos que apresentam um grande número de causas não infecciosas de abortamentos relacionados à aparente falta de reserva placentária e deficiência microcotiledonária. A ultrassonografia transretal da espessura da junção útero-placentária é uma ferramenta de diagnóstico precoce de anormalidades placentárias, e pode ser utilizada para o acompanhamento gestacional. Os exames macroscópicos e microscópicos da placenta pós-parto têm caráter de diagnóstico definitivo para patologias placentárias e permite a avaliação das características fisiológicas da placenta. A raça Mangalarga Marchador é brasileira e possui um valor social e comercial muito alto dentro do país, e utiliza em larga escala as mais avançadas biotecnologias da reprodução. O objetivo do estudo foi avaliar a espessura da Junção útero-placentária (JUP) das éguas da raça Mangalarga Marchador, mensalmente, do quinto mês de gestação até o mês do parto com ultrassonografia convencional e anátomo-histopatologia das placentas pós-parto. Foram utilizadas sete éguas com gestação dentro dos padrões fisiológicos, com idade entre 5 a 10 anos. Na avaliação ultrassonográfica transretal, as JUP foram monitoradas mensalmente até o mês do parto e as medidas foram feitas entre o meio do ramo da artéria uterina e o fluido alantoideano, em três pontos com médias entre eles na escala de milímetro. As placentas foram avaliadas pós-partos, macroscopicamente, e foram coletados sete fragmentos de regiões diferentes para o exame microscópico. As médias da espessura da JUP aumentaram a cada mês gestacional até o décimo primeiro mês, mês do parto. Todas as avaliações se mantiveram com média de 5,27 mm, permanecendo dentro do intervalo de confiança de 95%. Os dados deste estudo ficaram próximos dos estudos com outras raças de éguas. As avaliações morfológicas das sete placentas pós-parto não apresentaram alterações compatíveis com patologias durante a gestação, e mantiveram-se dentro dos parâmetros fisiológicos. Assim como na ultrassonografia das JUP, não foram encontradas alterações significativas nas espessuras das JUP e imagens anormais para o padrão fisiológico, diferente em estudos de patologias placentárias com outras éguas, que apresentaram na imagem da JUP aumento acentuado da espessura, infiltrados inflamatórios na JUP e no líquido alantoideano, abortamento em idade gestacional avançada e alterações morfológicas nas placentas pós parto. O presente estudo concluiu que as avaliações das sete éguas da raça Mangalarga Marchador e suas respectivas placentas, apresentaram padrões fisiológicos durante a gestação.

Palavras-chave: Gestação; placenta; ultrassonografia

85. RELAÇÃO ENTRE O DIA DA OVULAÇÃO E A TAXA DE PRENHEZ EM ÉGUAS RECEPTORAS DE EMBRIÕES

GIOVANNA TAKAKURA*1; CAROLINA COIMBRA CHAGAS2; EFA DEPE2; CARINE RODRIGUES PEREIRA2; DIÓGENES FERREIRA FILHO3

1.QUIRÓN REPRODUÇÃO EQUINA, CAMBUQUIRA, MG, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS, LAVRAS, MG, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA, RJ, BRASIL.

e-mail:rolcachagas@gmail.com

Resumo:

Um dos principais desafios em um programa de transferência de embrião em equinos é a sincronização da égua doadora com a égua receptora, pois a duração do estro em éguas é muito variável e nem sempre terapias hormonais são suficientes para se conseguir essa sincronização. Durante as estações de monta 2015/2016 e 2016/2017, foram acompanhadas 351 receptoras na Central Quirón Reprodução Equina com sede na Fazenda Nossa Senhora Aparecida, município de Cambuquira no Sul de Minas Gerais. As receptoras eram divididas em lotes e o controle folicular das éguas de cada lote era realizado, em média, três vezes por semana. O dia da ovulação era considerado como D0 e as receptoras eram inovuladas de D4 a D8. Estas eram avaliadas e classificadas de acordo com suas condições uterinas, como por exemplo, tônus à palpação e morfoecogenicidade na ultrassonografia e as selecionadas recebiam os embriões. O diagnóstico de gestação era feito aos 14 dias de idade do embrião. As taxas de prenhez, relacionadas ao dia da ovulação da receptora, foram as seguintes: D4 66,6%, D5 75,23%; D6 73,87%; D7 61,53% e D8 75%; com média de 70,65% de prenhezes confirmadas. Foi realizado o teste de comparação múltipla com correção de Bonferroni (p-valor < 0,005) para avaliar a associação entre o dia da ovulação e a taxa de prenhez e o teste foi não significativo (p-valor = 0,228), indicando que não existe diferença na taxa de prenhez em relação ao dia da ovulação. Assim, o presente estudo confirma o resultado de outros trabalhos, que sugerem a utilização de receptoras no intervalo de D4 a D8. Além disso, o resultado demonstra que a classificação e seleção de receptoras com boas condições uterinas foi eficiente, visto que, não houve diferença considerável entre os grupos. Isso comprova que o melhor dia para a inovulação é uma característica individual de cada égua, o que reforça a necessidade da avaliação e classificação do útero das receptoras antes da transferência do embrião, e a utilização de receptoras que apresentem bom tônus e morfoecogenicidade uterina, que está intimamente relacionado ao nível sérico de progesterona, contribuindo para melhores resultados.

Palavras-chave: Transferência de embrião; receptora; ovulação

86. RELAÇÃO ENTRE O ESCORE DE CONDIÇÃO CORPORAL E A TAXA DE PRENHEZ EM ÉGUAS RECEPTORAS DE EMBRIÕES

GIOVANNA TAKAKURA*1; EFA DEPE2; CAROLINA COIMBRA CHAGAS2; CARINE RODRIGUES PEREIRA2; DIÓGENES FERREIRA FILHO3

1.QUIRÓN REPRODUÇÃO EQUINA, CAMBUQUIRA, MG, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS, LAVRAS, MG, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, SEROPÉDICA, RJ, BRASIL.

e-mail:rpcarine@gmail.com

Resumo:

A égua receptora é um dos pontos críticos em um programa de transferência de embriões em equinos. Para

garantir o sucesso da técnica é necessário a seleção e o manejo corretos das receptoras. As éguas receptoras devem estar em idade reprodutiva, apresentar bom escore de condição corporal (ECC), ausência de problemas clínicos, boa conformação do trato reprodutivo e consequentemente, ciclos regulares. Durante as estações de monta 2015/2016 e 2016/2017, foram acompanhadas 351 receptoras na central Quirón Reprodução Equina localizada em Cambuquira, no sul de Minas Gerais. As éguas foram classificadas quanto ao seu ECC, por apenas um avaliador, seguindo o método desenvolvido por Leighton-Hardman, cuja escala numérica varia de 0 (muito magro) a 5 (muito obeso). O escore 3 é considerado o ideal, caracterizando-se por animais com pescoço firme, com tecido adiposo revestindo as costelas, processos espinhosos e garupa, porém as estruturas são facilmente palpáveis. O diagnóstico de gestação era realizado no D14, correspondente a idade do embrião. As taxas de prenhezes obtidas de acordo com o escore de condição corporal da receptora foram as seguintes: escore 1 (33,3%; 2 éguas prenhes de 6 éguas), escore 2 (65,0%; 69 éguas prenhes de 106 éguas), escore 3 (75,3%; 165 éguas prenhes de 219 éguas) e escore 4 (66,6%; 14 éguas prenhes de 21 éguas). Foi realizado o teste Qui-quadrado para avaliar a associação entre o ECC e a taxa de prenhez e o teste foi significativo ao nível de 5% de significância (p-valor = 0,043), indicando que existe associação entre estas variáveis, ou seja, o escore corporal influencia na taxa de prenhez de éguas receptoras de embrião. Também foi realizado o teste para diferença de duas proporções, em que foi comparado as proporções de éguas com prenhez positiva entre os escores corporais, de dois a dois, sendo constatada diferença significativa entre o escore 1 e o escore 3. Dessa forma, éguas com escore 3 apresentaram melhor índice de confirmação de prenhez aos 14 dias apenas em relação à éguas com escore 1, ratificando a necessidade de manter as receptoras no escore ideal, ou mais próximas possível. Além da importância do bom ECC para a concepção, a manutenção dessa condição durante a gestação contribui para que haja o desenvolvimento do embrião, e posteriormente do feto, levando a prenhez a termo. Dessa forma, no momento da escolha bem como no manejo da receptora, o ECC se mostra como ponto importante para eleição ou descarte de uma égua como receptora de embrião.

Palavras-chave: Transferência de embriões; receptora; escore de condição corporal

87. TEMPO DE GESTAÇÃO DE ÉGUAS PURO SANGUE INGLÊS MANTIDAS EM CLIMA TROPICAL E SUBTROPICAL

GABRIELA CASTRO DA SILVA*1; BRUNA DA ROSA CURCIO2; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA2; CLÁUDIA HAETINGER2; FABIO LIMA2; FERNANDA MARIA PAZINATO2; BRUNA DOS SANTOS SUÑE MORAES2; NATANE MIRANDA SARAIVA2; IGOR CANISSO3

1.ABRAVEQ, PELOTAS, RS, BRASIL; 2.UFPEL, PELOTAS, RS, BRASIL; 3.UNIVERSITY OF ILLINOIS COLLEGE OF VETEINARY MEDICINE, URBANA, ESTADOS UNIDOS.

e-mail:gabicastrovini@gmail.com

Resumo:

O tempo de gestação em éguas Puro Sangue Inglês (PSI) é muito variável. Fatores ambientais (luminosidade, temperatura, umidade, nutrição) são conhecidos por terem grande influência na reprodução, já descrita em espécies domésticas. Em equinos, a luminosidade e a nutrição são bem caracterizados por controlar a ciclicidade reprodutiva e a duração da gestação. Entretanto, informações dos efeitos de temperatura, precipitação, e umidade ainda são limitadas. Desta forma, hipotetizamos que a combinação da temperatura e umidade no mês do parto afetam a duração do tempo gestacional em éguas mantidas em clima tropical e subtropical. O objetivo deste estudo foi avaliar os efeitos de temperatura e umidade no mês do parto no tempo gestacional em éguas PSI. Foi avaliado o tempo gestacional de 376 éguas PSI nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, com gestações normais e potros saudáveis ao nascimento. A partir destes animais foram coletados os dados: idade da égua (jovens de 3-7 e maduras >8 anos), número de partos (primíparas ou multíparas) e o gênero do potro. As matrizes eram provenientes de três criatórios: Criatório 1 na região de Bagé/RS (clima subtropical, n=400 gestações de 203 éguas); Criatório 2 na região de São José dos Pinhais/PR (clima subtropical, n=98 gestações de 49 éguas); e Criatório 3 na região de Rio Claro/SP (clima tropical, n=202 gestações de 124 éguas). Todas as éguas foram submetidas a condição de manejo e nutrição semelhantes, mantidas em pastagem durante o dia, e suplementadas com grãos e alojadas em estábulos a noite. As variáveis climatológicas utilizadas incluíram temperatura de bulbo seco (Tdb), umidade relativa (UR), precipitação,

e o índice de temperatura e umidade calculado (ITU). Os dados meteriológicos foram obtidos no serviço nacional de meteorologia, nas estações climáticas referentes região de cada um dos três criatórios. Todas as éguas foram cobertas por monta natural, e a ovulação confirmada através de palpação trans-retal e ultrassonografia. Os dados paramétricos foram avaliados através de ANOVA e comparação das médias realizadas por teste de Tukey. Foram considerados a interação do local com o gênero do potro e idade das éguas. Foi considerado valor significativo p<0,05, para o teste de normalidade de Shapiro-Wilks e os resultados expressos em médias e pelo desvio padrão (± DP)e intervalo mínimo-máximo. Potros machos (343±10, 320-390 d, n = 361) tiveram gestação mais longa que as fêmeas (340±12, 321-375 d, n = 359) (p = 0,03), sem efeitos significativos da localização, ou interações com as condições climáticas. As éguas maduras (344±11, 321-390, n = 342 gestações) tiveram maior tempo de gestação do que as éguas jovens (341±11, 320-375 d, n = 378 gestações) (p = 0,009). O criatório 1, apresentou o tempo de gestação maior (344±12, 320-390d) que 2 e 3, respectivamente (338 ±7, 321-358 d), e 3 (337±7, 320-366 d) (p <0,001). A umidade relativa e precipitação foram similares (p>0.05) para o criatório 1 (73±7%; 140±99 mm3) e 2 (80±5%, 140±91 mm3), ambos parâmetros foram superiores (p<0.001) no criatório 3 (67±3%; 40±46 mm3. A Tdb e ITU são significativamente diferentes (p<0.001) para todos os 3 criatórios [Criatório 1 (15.4±2.9oC, 60±4.5); 2 (17.3±6oC, 64.4±9.6); 3 (20±2 oC, 66.3 ±3)]. Não houve interações significativas (p> 0,05) entre localização, gênero do potro, número de partos e idade da égua em relação ao tempo de gestação. Sendo que não foi observada diferença na média de idade das éguas entre os 3 criatórios. Contudo as éguas foram manejadas de forma similar, assim os efeitos observados na duração da gestação podem ser atribuídos à temperatura e consequentemente ao ITU, ao invés da localização. E umidade e precipitação não parecem afetadas a duração da gestação. Assim conclui-se que éguas que permanecem em temperatura mais baixas e no mês do parto apresentam maiores tempo de gestação. Mais estudos são necessários para estabelecer as médias de temperatura e ITU que podem influenciar na gestação.

Palavras-chave: Reprodução; gestação; temperatura

88. USO DE IMPLANTE INTRAVAGINAL DE PROGESTERONA NO PERÍODO TRANSICIONAL DE ÉGUAS DA RAÇA CRIOULA

RAFAEL DOS SANTOS BANDEIRA*1; GUILHERME NOVELLO2; CANDIDO VICTOR KERN3; GABRIEL VICTORIA MARTINS2; RAQUELI TERESINHA FRANÇA2; FERNANDO P LISBOA2

1.UNESP - BOTUCATU, IJUI, RS, BRASIL; 2.UCS, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL; 3.UFPEL, PELOTAS, RS, BRASIL.

e-mail:rafa.bandeira@hotmail.com

Resumo:

O uso de implantes intravaginais de progesterona vem sendo uma alternativa para a indução da ciclicidade de éguas em transição. Por mais que ocorra crescimento folicular durante este período, a ovulação não acontece devido aos baixos níveis de LH, hormônio responsável pela maturação folicular e ovulação. O objetivo deste trabalho foi avaliar o uso do implante intravaginal de progesterona no período transicional de éguas da raça Crioula. Foram utilizadas 6 éguas, que apesar do bom escore corporal, apresentavam sinais de transição no mês de outubro, diferente do observado nos outros animais da propriedade. Os animais foram avaliados através de palpação retal e ultrassonografia, onde observou-se folículos com cerca de 25 mm, ausência de corpo lúteo e edema uterino. O dia da aplicação do dispositivo intravaginal (Cronipres®, Laboratório Biogénesis) foi considerado o dia 0 (D0), e previamente a sua introdução, retirou-se a corda plástica e foi instilado Terracortril® spray para prevenir uma possível vaginite. A introdução vaginal foi realizada com a mão enluvada. Após 7 dias de tratamento, as éguas 2, 3 e 4 não apresentaram folículos maiores do que 30 mm, demonstrando um desenvolvimento folicular discreto comparado às demais. A retirada do implante foi realizada no D9, onde as éguas 1, 5 e 6 apresentaram folículos de 33, 33 e 42 mm, respectivamente. Já as éguas 2, 3 e 4 mantiveram o mesmo padrão folicular. A indução da ovulação foi realizada no D10 para as éguas 5 e 6, e no D11 para a égua 1. A inseminação artificial (IA) foi realizada no dia seguinte à indução, sendo utilizada um total de 1 x 109 espermatozoides móveis. A detecção da ovulação ocorreu 24 horas após a IA. Ao final do tratamento (D9), um novo implante foi utilizado nas éguas que não responderam, sendo as mesmas trocadas para um potreiro com maior disponibilidade de forragem. No entanto, durante o segundo tratamento, em função de problemas de manejo da propriedade, os implantes só foram retirados após 12 dias. No

dia da retirada foi constatado que as éguas 2 e 3 já haviam ovulado, mesmo com a presença do dispositivo, enquanto que a égua 4 apresentou folículo de 38mm. A ovulação foi induzida no dia seguinte (D13), inseminação no D14 e a ovulação detectada no D15. Dos 3 animais inseminados no primeiro tratamento, 2 emprenharam no primeiro ciclo e um no ciclo subsequente. No segundo tratamento a égua 4 emprenhou neste procedimento enquanto que as demais foram tratadas com cloprostenol, retornando ao cio em 7 dias. Não foram observados casos de vaginite em nenhum dos tratamentos. O implante intravaginal eleva os níveis de progesterona fazendo feedback negativo na liberação do LH, o qual fica armazenado na hipófise. Ao final do tratamento, com a retirada do implante, a queda nos níveis de progesterona proporciona a liberação do LH em concentrações suficientes para maturação e ovulação do folículo dominante. Caso o implante seja mantido além do período recomendado, a ovulação pode ocorrer da mesma fora, já que as concentrações de progesterona diminuem, conforme observado em nosso segundo tratamento. Ao final do estudo foi observada uma eficácia de 50% no primeiro tratamento, sendo necessário o segundo, associado à troca de manejo, para a obtenção de um resultado final de 100% de retorno à ciclicidade. Através destes achados é possível concluir que a utilização de implante intravaginal de progesterona é eficaz para induzir a ciclicidade quando utilizados em éguas em transição.

Palavras-chave: Implante intravaginal; progesterona; ciclicidade

89. VALIDAÇÃO EXPERIMENTAL DE AMH COMO MARCADOR QUANTITATIVO DA RESERVA FOLICULAR OVARIANA UTILIZANDO OVARIECTOMIA UNILATERAL EM ÉGUAS

RENATA C. ULIANI1, ALAN J. CONLEY2, CYNTHIA J. CORBIN2, AIMÉ M. FRISO1, LUCIANA F. S. MACIEL1, MARCO A. ALVARENGA[1]

1. Departamento de Reprodução Animal, FMVZ - UNESP, Botucatu - São Paulo, Brazil. 2.Department of Population Health and Reproduction, School of Veterinary Medicine, University of California Davis, Davis, California, USA.

e-mail:renata.uliani@gmail.com

Resumo:

As estimativas da reserva ovariana têm sido procuradas há muito tempo como possíveis preditores de fertilidade. Os hormônios foliculares ovarianos são obviamente candidatos, mas a maioria está sob controle regulatório de feedback e normalizados apesar da diminuição do número de folículos ovarianos sob a influência de suporte gonadotrópico positivo. No entanto, o hormônio anti-Mulleriano (AMH) tem sido utilizado como marcador da reserva folicular ovariana nas mulheres. Para nosso conhecimento, a reserva folicular ovariana não foi manipulada experimentalmente com o objetivo de investigar os efeitos nas concentrações de AMH, certamente não em cavalos. Portanto, a hemi-ovariectomia foi utilizada para reduzir pela metade a reserva folicular ovariana e as concentrações de AMH foram monitoradas antes e durante 2 semanas após a cirurgia. 14 éguas de várias raças foram hemi-ovariectomizadas durante a época de reprodução sob anestesia local via laparotomia de flanco. As éguas foram divididas por faixa etária, sendo jovens (n = 6, média 6,0 ± 0,9yrs) e velhas (n = 8; 18,4 ± 0,7yrs) etárias. A incisão foi fechada em duas camadas utilizando uma linha de sutura contínua incluindo as camadas musculares abdominais seguido de aproximação do tecido subcutâneo e sutura da pele. O soro foi recolhido de todas as éguas no dia anterior à cirurgia e diariamente durante 15 dias após a cirurgia. O AMH foi mensurado utilizando um kit ELISA comercial de acordo com as instruções do fabricante (Equine AMH ELISA, Ansh Labs, Webster, TX, EUA). O valor médio de AMH antes da cirurgia foi de 1,0 ± 0,1ng / mL e não diferiram por idade (1,0 ± 0,1 e 1,0 ± 0,2ng / mL, respectivamente em éguas jovens e velhas), as concentrações de AMH diminuíram progressivamente, atingindo 0,4 ± 0,1 ng / mL 5 dias após a cirurgia, 54,5% das concentrações pré-cirúrgicas e permaneceu constante nos dias que seguiram. Os dados mostram que, apesar da inevitável e progressiva perda da reserva folicular ovariana entre os 6 e os 18 anos de idade, isso não refletiu em diminuição nas concentrações de AMH. Entretanto, a diminuição significativa da reserva folicular ovariana por hemi-ovariectomia cirúrgica foi seguida por uma queda da AMH para metade das concentrações pré-cirúrgicas. Concluímos que a AMH é um indicador quantitativo agudo da reserva folicular ovariana após Hemi-ovariectomia, porém com o lento declínio progressivo das populações de folículos primordiais que inevitavelmente acompanha o envelhecimento, a compensação dos ovários e a reposição contínua das populações de folículos antrais atrapalham este declínio em éguas até quase 20 anos de idade. Portanto, deve-

se ter cautela na interpretação das concentrações de AMH como marcador de fertilidade em éguas com menos de 20 anos de idade.

Palavras-chave: hormônio anti-Mulleriano; éguas, ovariectomia

RESUMOS

FISIOLOGIA DO EXERCÍCIO OU NUTRIÇÃO DE EQUÍDEOS

90. ANALISE DE PARÂMETROS HEMATIMÉTRICOS E BIOQUIMICOS EM EQUINOS QUARTO DE MILHA ATLETAS PRÉ E PÓS-TREINAMENTO

GUILHERME BARBOSA COSTA*1; AULO HENRIQUE ARAUJO1; GUILHERME HENRIQUE ROCHA1; IZABELA PUERCHI RIBEIRO1; ISADORA HELENA MELO1; MATEUS PRADELA CASTALGINI1; MARIANA REATO NASCIMENTO1; DANIEL PAULINO JUNIOR1

1.UNIFRAN - UNIVERSIDADE DE FRANCA, FRANCA, SP, BRASIL.

e-mail:guibc14@hotmail.com

Resumo:

Um aspecto predominante atualmente é que o cavalo tem se destinado mais ao esporte do que ao trabalho no campo. Existem diferentes modalidades esportivas, com variados níveis de exigências, assim faz se necessário um planejamento adequado do treinamento visando evitar lesões futuras ao equino atleta. Neste trabalho buscamos analisar os parâmetros hematimétricos e bioquímicos de equinos submetidos a atividades físicas de alto rendimento. Foram avaliados 13 equinos da raça Quarto de Milha com idades variadas de 5 a 15 anos, peso entre 350 a 550 quilos, submetidos regularmente a atividades físicas como: prova de explosão e agilidade. Estas foram realizadas as terças-feiras, quintas-feiras e Sábados por um período de 2 h e 15 min, com intervalos com media de 10 a 15 minutos por animal na pista. A pista composta de areia e com comprimento de 600 m e largura de 60 m. As coletas de dados para analise foram realizadas durante 60 dias: T0, T15, T30, T45, T60 sendo em todos coletados pré e pós-exercício das seguintes formas; a equipe de coleta chegou ao local 2 horas antes do início dos treinamentos para que fossem medidos os parâmetros dos animais no pré-treino. As coletas foram realizadas na seguinte sequencia: retirada de sangue para hemograma, ck, glicose e lactato. Após isso, a equipe esperou o início dos treinamentos e assim que os animais eram liberados de seus exercícios eram-se coletadas a analise do pôs-treino dos mesmos novamente. Em relação aos resultados das variáveis hematimétricas, foi possível observar que a média no pós-treino das hemácias em todas as coletas teve um aumento percentual de 35% em relação ao pré-treino variado de10, 6±1 x106 para 15±1,2 x106. Isto nos leva a seguinte hipótese: considerando que durante o exercício os equinos fazem a contração esplênica, ejetando mais hemácias na circulação, para que haja uma distribuição de oxigênio para os músculos de forma rápida para a produção de ATP e estes trabalharem mais, e visto que a hemoglobina é importante carreador de oxigênio. Sendo observado que em T0 percentual aumento foi 35% já T60 foi de 25%. Já no leucograma foi possível observar linfocitose mais sem alteração nos leucócitos totais. Nos exames de CK podemos observar que nos cavalos analisados tiveram uma variação entre o pré T0 141,5±39 UI/L para 248,1±160 UI/L no pré T60, já no pós T0 obtivemos 280,8±218 UI/L, sendo esta variável alterada no pós T60 com valor de 296,9±102,9 UI/L atingindo aumento de aproximadamente 43% pré e 5,5% pós. Os padrões de lactato estão entre 1,11 a 1,78 Mmol/L nos cavalos submetidos ao exercício podemos observar no T0 pré valor 3,4±0,5 Mmol/L e no pós 17,8 ± 3,4 Mmol/L já no T60 observamos pré 1,15±0,3 Mmol/L, pós 14,84±5,8 Mmol/L tendo uma variação de diminuição de 63% no pré e 17% pós. Ao decorrer dos treinamentos com o aumento da intensidade exigida, a grande maioria da glicose e consumida no processo aeróbico, quando forcamos o aumento da intensidade a níveis de alto desempenho e a troca oxigênio se torna insuficiente se inicia o processo anaeróbico. Podemos observar no pré T0 que níveis séricos de glicose se mantiveram 90±10,3 mg/dl variando no pós para 127,3± 23,2 mg/dl, já no T60 a variável foi no pré 84,6±10,8 mg/dl e pós 103,5± 24,2 mg/dl tendo um percentual de queda de 6% no pré e 19% pós. Observamos também alterações na glicemia foram relativamente semelhantes as do lactato mostrando uma adaptação do animal ao treinamento e a opção de uma via alática "CK" para geração de energia para a atividade alto desempenho. Após analise descritiva concluímos que o acompanhamento dos cavalos submetidos a esportes alto desempenho é de extrema importância, pois proporciona um melhor cuidado com os animais evitando possíveis lesões por esforço além de auxiliar médico veterinário no diagnóstico precoce melhorando e prolongando a vida atlética dos animais.

Palavras-chave: Cavalo; creatina quinase; esporte equestre

91. ASINOS E EQUINOS APRESENTAM DIFERENTES ESTRATÉGIAS NA OBTENÇÃO DO RECURSO FENO INDEPENDENTE DE SUA DISTRIBUIÇÃO

TÂMARA DUARTE BORGES*1; EMÍLIA R.L. BARRETO2; PEDRO HENRIQUE ESTEVES TRINDADE2; FERNANDA MENDES BARUSSI1; FERNANDA ZETTEL BASTOS1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1

1.PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO", JABOTICABAL, SP, BRASIL.

e-mail:tamaratdb@hotmail.com

Resumo:

Objetivou-se avaliar se a forma de distribuição da oferta de feno difere na capacidade de obtenção deste recurso entre equinos e asininos. Seis equinos e seis asininos adaptados em um piquete em comum (50 x 50 m) foram avaliados durante quatro períodos de 30 minutos. Os registros comportamentais foram realizados por filmagem, de forma direta, focal e com rota de amostragem contínua. O recurso feno (2kg) foi disponibilizado em sacolas de feno posicionadas em mourões no centro do piquete, de forma que os animais obtivessem acesso por todos os lados em um raio de 1m de distância. O tratamento 1 (T1) consistiu na oferta de somente um ponto de acesso ao recurso, com 2kg de feno; e o tratamento 2 (T2) com oferta de dois pontos de feno com 1kg cada um. Registrou-se a duração total (s) que cada animal obteve acesso ao recurso quando submetidos a T1 e T2. Os dados foram transformados para distribuição logarítmica e submetidos a análise de modelos mistos (GLM) utilizando o software SAS (versão 9.2). Foi considerando como efeito fixo o Tratamento, o Período de Avaliação e a Espécie. Obteve-se diferença significativa (P=0,0015) para a variável espécie, sendo que os equinos permaneceram em média 732,25 min (5,97±0,21), e asininos 1000,47 (6,96±0,19) min. As variáveis Tratamento e Período de avaliação não foram significativas (P=0,22; P=0,48, respectivamente). Conclui-se que a espécie animal foi um fator determinante para obtenção de acesso ao recurso, que pode ser explicado por uma possível facilitação social entre os asininos e/ou uma a forte hierarquia de dominância entre os equinos. Isso sugere-nos que asininos e equinos apresentam diferentes estratégias na obtenção do recurso feno independente de sua distribuição.

Palavras-chave: Cavalos; comportamento social; etologia

92. AVALIAÇÃO DO EFEITO DO UNDECILATO DE BOLDENONA NO DESENVOLVIMENTO DE TESTÍCULO E OVÁRIO EM POTROS

HORTÊNCIA CAMPOS MAZZO*1; MURILLO ORMIERES1; GABRIELA DO VALE POMBO1; YASMIN DE SALES PEREIRA1; NICOLAS VENTURA DUARTE1; KATIA FELTRE1; BAITY BOOCK LEAL2; MARCELO AUGUSTO FERREIRA2; PAULA BANDIERA LEITE2; BRUNA CERRUTI DE GODOI2; SANDRA FERNANDEZ2; ALEXANDRE AUGUSTO DE OLIVEIRA GOBESSO1

1.USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL; 2.CEVA, PAULÍNIA, SP, BRASIL

e-mail:htncia@hotmail.com

Resumo:

O desenvolvimento dos órgãos reprodutivos, especialmente na fase da puberdade, é um bom indicador de eficiência reprodutiva em potros. A biometria testicular tem como principais finalidades diagnosticar alterações, assim como auxiliar na predição do potencial reprodutivo bem como da produção espermática diária. A mensuração ovariana é descrita como um parâmetro de avaliação de maturidade. Esteroides anabólicos androgênicos são compostos naturais e/ou agentes sintéticos derivados da testosterona ou modificados que atuam promovendo aumento das atividades anabólicas e androgênicas, sendo maiores os efeitos anabólicos quando comparadas aos androgênicos. O undecilenato de boldenona é um agente anabólico de longa duração, que atua nos cavalos aumentando a retenção de nitrogênio e a síntese de proteínas, estimulando o crescimento da musculatura, promovendo consequentemente o aumento do desempenho esportivo e crescimento acelerado. Autores relatam, dentre os efeitos indesejáveis do uso da boldenona, a diminuição testicular em várias espécies, bem como efeitos na atividade ovariana. Desta forma, o estudo foi conduzido com o objetivo de avaliar o efeito da aplicação de undecilenato de boldenona (Equifort), no

desenvolvimento de testículo e ovário em potros na puberdade. Foram utilizados 11 potros (5 machos mestiços e 6 fêmeas mestiças com Brasileiro de Hipismo), ± 17 meses e peso corporal médio de 355,17 ± 26,63 kg e de 411,42 ± 29,49 kg, respectivamente. O consumo diário individual adotado foi de 2,0% do peso corporal (PC) em matéria seca. Os animais ficaram em piquetes sem acesso ao capim, recebendo dieta com relação 50:50 (50% concentrado farelado e 50% feno de Tifton 85 (Cynodon spp.)). Água e suplemento mineral ad libitum. Os animais foram divididos em 2 grupos experimentais: GI- Grupo Controle: Seis animais (3 machos e 3 fêmeas); GII- Grupo Tratado: Cinco animais (2 machos e 3 fêmeas). No início do experimento (D0) o GII foi submetido à administração de undecilenato de boldenona (Equifort) na posologia recomendada pelo fabricante (0,25 mL/50 kg de PC), via intramuscular profunda. O período experimental foi composto por 87 dias. Nos dias D0, D14, D28, D44, D59, D74 e D85 foram realizados exames ultrassonográficos onde foram mensurados o comprimento e largura dos testículos e o comprimento na vertical (largura) e na horizontal (altura) do ovário para acompanhar o crescimento. A análise estatística da mensuração testicular não evidenciou qualquer diferença entre os grupos com relação ao comprimento testicular direito (GI 43,13mm±4,70; GII 41,97mm±4,51) e esquerdo (GI 45,89mm±5,51; GII 44,73mm±4,12) e largura do testículo direito (GI 24,78mm±3,03; GII 26,27mm±5,27) e esquerdo (GI 24,82mm±4,22; GII 27,13mm±3,08) dos potros (P ≥ 0,05). No entanto, ao avaliar a largura do testículo esquerdo, quando comparado ao D0 (GI 26,7mm±3,3; GII 19,4mm±1,4), D28 (GI 19,7mm±4,8; GII 21,7mm±7,4) apresentou um aumento em ambos os grupos (P ≥ 0,05). Da mesma forma, no que diz respeito à média da mensuração ovariana não foram encontradas diferenças na largura do ovário direito (GI 29,15mm±6,24; GII 27,55mm±4,17) e esquerdo (GI 30,34mm±6,22; GII 28,54mm±3,21) e altura do ovário direito (GI 23,5mm±5,63; GII 21,20mm±1,53) e esquerdo (GI 23,47mm±2,80; GII 21,50mm±3,17) das potras (P ≥ 0,05). No entanto, ao avaliar a altura do ovário esquerdo, observa-se que em D28 (GI 23,4mm±7,1; GII 27,6mm±5,1) esta apresentou um aumento (P ≥ 0,05) quando comparado ao mesmo parâmetro de D0 (GI 21,0mm±4,2; GII 21,3mm±0,7) em ambos os grupos. Tais alterações já eram esperadas, uma vez que os potros se encontram em pleno desenvolvimento reprodutivo. A observação do mesmo resultado em ambos os tratamentos, evidencia que não há qualquer correlação com o uso do produto. Assim, conclui-se que o uso do undecilenato de boldenona (Equifort) não provocou modificações no que diz respeito ao tamanho de testículo e ovário dos potros.

Palavras-chave: Androgênicos; equinos; gônada

93. AVALIAÇÃO TERMOGRÁFICA DA REGIÃO DO CARPO DE CAVALOS PURO SANGUE INGLÊS DE CORRIDA JOVENS EM INÍCIO DE TREINAMENTO

BIANCA PEGORARO VIEIRA*1; THASLA DE FREITAS SANTI1; FERNANDA MENDES BARUSSI1; FERNANDA ZETTEL BASTOS1; HANNA CAROLINE PROCHNO1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1

1.PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ, CURITIBA, PR, BRASIL.

e-mail:michelottojunior@yahoo.com.br

Resumo:

Lesões musculoesqueléticas são a principal razão para a interrupção do treinamento de cavalos de corrida, sendo o carpo uma região especialmente acometida. A termografia infravermelha é uma técnica de uso clínico bastante útil para a investigação do sistema locomotor dos cavalos, pois permite detectar alterações superficiais de perfusão sanguínea, podendo indicar processos inflamatórios de forma precoce. A hipótese do presente estudo é que o uso periódico da termografia pode ajudar a entender as alterações musculoesqueléticas que ocorrem em cavalos de corrida, e antecipar a observação de alterações antes do agravamento de lesões. Assim, o objetivo do presente estudo foi realizar a avaliação da variação térmica da região do carpo de cavalo Puro Sangue Inglês (PSI) de corrida em início de treinamento. Aprovado pelo Comitê de Ética no Uso de Animais PUCPR – 00951A. Quinzenalmente foram avaliados cavalos da raça PSI de 2 anos de idade no período inicial de treinamento, transcorrido de junho de 2016 a janeiro de 2017. As imagens termográficas coletadas dos membros torácicos vista frontal e palmar com aproximadamente 1,5m de distância de cada animal foram registradas com a Câmera Térmica Flir E50bx e foram avaliadas através do programa Flir Tools informando a temperatura superficial dos pontos pré-determinados, sendo eles: carpo (direito e esquerdo). As coletas de dados foram feitas sempre no mesmo horário (entre 6h e 6h30min) com os animais na própria baia, aproximadamente 15 min após a escovação, contidos pelo cabresto. As imagens

termográficas obtidas foram analisadas e indicaram aumento significativo das temperaturas dos carpos dos animais durante o estágio de treinamento. Ao se comparar a última avaliação em relação à primeira, a variação no período do estudo foi de um acréscimo de 7,16°C na avaliação pela vista dorsal e 7,3°C na vista palmar (p<0,0001). Assim, conclui-se que o acompanhamento dos cavalos de corrida com o uso da termografia infravermelha pode ser muito útil no entendimento da adaptação do sistema musculoesquelético ao treinamento. Próximos estudos deverão ser na avaliação do valor preditivo da termografia na antecipação de alterações que possam levar a lesões.

Palavras-chave: Diagnóstico por imagem; equinos; termografia infravermelha

94. AVALIAÇÃO TERMOGRÁFICA DA REGIÃO DO TARSO EM CAVALOS PURO SANGUE INGLÊS DE CORRIDA EM INÍCIO DE TREINAMENTO

PATRICIA FERNANDES RODRIGUES*1; HANNA CAROLINE PROCHNO1; BIANCA PEGORARO VIEIRA1; RODOLFO AUGUSTO ALTHAUS JANSEN1; FERNANDA MENDES BARUSSI1; FERNANDA ZETTEL BASTOS1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1

1.PUCPR, CURITIBA, PR, BRASIL.

e-mail:p.michelotto@pucpr.br

Resumo:

O tarso é responsável pela maioria dos casos de claudicação de membro posterior em cavalos atletas. É importante que medidas de prevenção e tratamento precoce de lesões sejam tomadas para que a carreira atlética desses animais não seja comprometida. A termografia infravermelha permite monitorar a temperatura corporal superficial e identificar precocemente alterações, com detecção anterior à manifestação clínica. As alterações de temperatura podem ocorrer devido ao aumento de vascularização induzida por exercício, calor do ambiente, manipulação e/ou processos inflamatórios. O presente estudo teve por objetivo estudar a variação térmica do tarso de cavalos Puro Sangue Inglês (PSI) de corrida jovens, no período inicial de treinamento. Foram avaliados 16 cavalos PSI de corrida, com idade inicial entre 21 e 24 meses, machos e fêmeas, no período inicial de treinamento entre os meses de junho de 2016 a janeiro de 2017, no Jockey Club do Paraná, totalizando 7 meses de estudo e 16 avaliações realizadas. As imagens termográficas foram obtidas com câmera termográfica Flir E50bx, a uma distância de 1,5 m do membro pélvico do animal, através das vistas dorsal e plantar do tarso, no início da manhã (6h) e pelo menos 15 minutos após a escovação, com o cavalo dentro da própria baia contido pelo cabresto. As avaliações foram realizadas da mesma forma, pelo mesmo avaliador a cada 15 dias durante o período do estudo. Foi selecionado um ponto médio na articulação do tarso vista dorsal e plantar, para a medição da temperatura. As imagens foram analisadas no programa Flir Tools para obtenção da temperatura nas áreas de interesse. A análise dos dados foi realizada através de ANOVA seguido por teste de Tukey de múltipla comparação, considerando significativo p<0,05. O presente estudo foi aprovado pelo CEUA da PUCPR pelo parecer 951A. O número de animais sofreu variações durante o estudo em decorrência do afastamento de alguns cavalos do treinamento, finalizando em 11 animais na última avaliação. A temperatura em tarso direito e esquerdo não diferiu nos momentos de avaliação, sendo consideradas conjuntamente para as análises. As variações de temperatura foram semelhantes em ambas as vistas dorsal e plantar. Entre a primeira e a segunda avaliação ocorreu um aumento significativo de aproximadamente 2oC nas temperaturas, que sofreu um decréscimo novamente na terceira avaliação (p<0,0001). A partir da quarta avaliação as temperaturas aumentaram gradualmente até a última avaliação. Houve aumento da temperatura na última avaliação em relação à primeira, em ambos os aspetos dorsal e plantar (p<0,0001). No aspecto plantar a diferença foi de 6,66°C, e no dorsal foi de 6,05°C, entre a primeira avaliação em junho e a última em janeiro. Essa variação demonstra a adaptação do tarso ao treinamento. Concluindo, a termografia foi capaz de mostrar modificações circulatórias na fase inicial de adaptação ao exercício nos cavalos PSI em início de treinamento para a corrida. Esse entendimento é importante para a identificação de alterações que possam representar, de forma precoce, a ocorrência de lesão.

Palavras-chave: Biotecnologia; cavalo atleta; locomotor

95. AVALIAÇÃO TERMOGRÁFICA DO BOLETO DOS MEMBROS TORÁCICOS E PÉLVICOS DE CAVALOS PURO SANGUE INGLÊS DE CORRIDA EM INÍCIO DE TREINAMENTO

HANNA CAROLINE PROCHNO*1; PATRICIA FERNANDES RODRIGUES1; BIANCA PEGORARO VIEIRA1; RODOLFO AUGUSTO ALTHAUS JANSEN1; FERNANDA MENDES BARUSSI1; FERNANDA ZETTEL BASTOS1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1

1.PUCPR, CURITIBA, PR, BRASIL.

e-mail:p.michelotto@pucpr.br

Resumo:

Lesões envolvendo a articulação do boleto, a maioria ocasionada por estresse acumulativo que pode envolver osso, cartilagem ou tecidos moles, estão entre as principais causas de interrupção no treinamento de cavalos de corrida. A termografia infravermelha é uma importante técnica auxiliar ao clínico de equinos, ela representa a temperatura da superfície corpórea, podendo sinalizar a ocorrência de injúrias pelas alterações na temperatura e fluxo sanguíneo, e permite identificar precocemente alterações, com detecção anterior à manifestação clínica de afecções locomotoras. Este trabalho tem como objetivo estudar a variação térmica das articulações metacarpofalangeanas (MC) e metatarsofalangeanas (MT) de cavalos jovens Puro Sangue Inglês (PSI) de corrida, no período inicial de treinamento. Foi procedida a avaliação termográfica em 16 cavalos PSI de corrida, com idade inicial entre 21 e 24 meses, machos e fêmeas, oriundos do Jockey Club do Paraná, em Curitiba. Os animais chegaram no stud em junho, e após um período de adaptação, foram iniciados no treinamento. As avaliações termográficas começaram juntamente com o início do treinamento na segunda quinzena de junho de 2016, e foram realizadas até a segunda quinzena de janeiro de 2017, fechando 7 meses de avaliação e 16 avaliações realizadas no total. As avaliações foram realizadas quinzenalmente tendo início às 6h AM, para que tivéssemos um mínimo de interferência pela temperatura ambiente. Foram realizadas com os animais em repouso dentro das baias, protegidos da luz e do vento. Todas as imagens foram capturadas com uma distância média de 1,5 metros do cavalo com o avaliador. Para captura das imagens foi utilizada uma câmera termográfica Flir E50bx, obtendo-se imagens pelos aspectos dorsal e palmar das articulações MC e MT, e selecionando um ponto médio no boleto em ambos os aspectos dorsal/palmar para a medição da temperatura a partir desses pontos. As imagens foram analisadas utilizando o software Flir Tools para registros de temperatura em graus celsius. A análise dos dados foi realizada através de ANOVA seguido por teste de Tukey de múltipla comparação, considerando significativo $p<0,05$. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética no Uso de Animais PUCPR, e registrado pelo número 951A. A temperatura das articulações MC e MT não diferiram entre o lado esquerdo e o direito em nenhuma das avaliações, sendo consideradas juntas para as análises entre os tempos de avaliação. Nos membros torácicos, as temperaturas da última avaliação foram significativamente maiores que a inicial em junho ($p<0,0001$), em ambos os aspectos, representando 6,88°C de acréscimo no aspecto dorsal, e 8,24°C de acréscimo no aspecto palmar. Em relação aos membros pélvicos, na avaliação das articulações MT pela vista dorsal as temperaturas também tiveram aumento significativo: 6,65°C na última avaliação em relação à primeira ($p<0,0001$). Na vista plantar o resultado foi similar e a elevação da temperatura foi de 7,13°C entre a primeira e última avaliação ($p<0,0001$). Tais variações podem ser explicadas pela intensidade de treinamento, sendo que na primeira avaliação os animais estavam em início de treinamento ao trote, e na última, estavam em trabalho intenso de 1600m. A termografia foi capaz de mostrar modificações circulatórias na fase inicial da remodelação óssea e adaptação ao exercício. Com o aumento da intensidade do exercício possivelmente aumenta o fluxo sanguíneo periférico, aumentando a temperatura da superfície externa dos membros, que foi detectado com alta sensibilidade pelo exame termográfico. Os achados do presente estudo sugerem que a termografia é uma ferramenta útil para avaliar as alterações circulatórias em região de boleto de potros em início de treinamento, podendo ainda em estudos futuros ser utilizada na identificação de problemas subclínicos, evitando o aparecimento de lesões que possam interferir no desempenho atlético dos animais.

Palavras-chave: Articulações; diagnóstico por imagem; equinos

96. COMPARAÇÃO DAS VARIÁVEIS CINEMÁTICAS LINEARES E TEMPORAIS ENTRE AS MARCHAS BATIDA E PICADA DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR

MAYARA GONÇALVES GONÇALVES FONSECA*1; JESSICA LAGE LAGE1; CONSUELO MARELLI2; THAYNE DE OLIVEIRA SILVA3; IZABELLA MOREIRA MARQUES4; GUSTAVO GONZÁLEZ MONTEIRO DE BARROS5; CASSIO CESAR DE MATOS SALES4; AMANDA PIAIA SILVATTI6; GUILHERME CAMARGO FERRAZ1

1.FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E VETERINÁRIAS (FCAV), UNESP – UNIV. ESTADUAL PAULISTA, JABOTICABAL, SP, BRASIL; 2.MÉDICA VETERINÁRIA AUTÔNOMA, FORTALEZA, CE, BRASIL; 3.DEPARTAMENTO DE VETERINÁRIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV), VIÇOSA, MG, BRASIL; 4.ESCOLA DE VETERINÁRIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 5.FEAD MINAS, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 6.DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV), VIÇOSA, MG, BRASIL.

e-mail:mayaragoncalvesf@hotmail.com

Resumo:

A raça Mangalarga Marchador (MM) admite somente dois tipos de andamentos naturais de velocidade intermediária: marcha batida (MB) ou marcha picada (MP). Estudos de avaliação objetiva desses andamentos são essenciais para racionalizar o processo de seleção e julgamento dos animais. Objetivou-se comparar variáveis cinemáticas lineares e temporais das marchas batida e picada da raça MM. Avaliaram-se 29 equinos de MB ou 16 de MP com faixa etária entre 41 a 111 meses de idade inscritos na 34ª Exposição Nacional do Cavalo MM. Dezoito câmeras PRIME 17w (240 Hz) do sistema Optitrack® de captura optoeletrônica foram posicionadas num percurso de 16 m de comprimento e 7 m de largura. Três marcadores retrorreflexivos esféricos de 1,6 cm de diâmetro foram afixados na porção proximal da parede dorsal, na extremidade cranial da pinça e na extremidade caudal do talão lateral dos cascos. Cada equino foi equitado pelo seu apresentador e passou pelo percurso na marcha média, sendo selecionados 4 ciclos de passada completas. As coordenadas tridimensionais (X, Y e Z) e os quadros dos eventos de apoio e decolagem de cada casco foram obtidos de forma visual utilizando o Motive MTV-BDY. Determinaram-se 1) duração, comprimento, frequência e a velocidade de cada passada; 2) dissociação de decolagem e de apoio de cada par diagonal; 3) distribuição do tempo da passada em cada tipo de apoio. A dissociação relativa do par diagonal compreendeu o tempo decorrido entre o apoio sucessivo dos membros pélvico e torácico do lado oposto (dissociação de apoio) e o tempo decorrido entre a decolagem sucessiva desses membros (dissociação de decolagem) em relação ao tempo total da passada. Os dados foram avaliados quanto à normalidade (Shapiro-Wilk) e à homocedasticidade (Levene). As distribuições dos tempos em cada tipo de apoio foram comparadas pelo teste U de Mann-Whitney e as demais variáveis analisadas pelo teste t de Student ($P<0,05$). Animais de MB foram apresentados em velocidade maior (13,10 e 12,08 km/h; $P<0,05$), exibiram maior duração (0,523 e 0,504 s; $P<0,001$), maior comprimento (1,90 e 1,79 m; $P<0,001$) e menor frequência (1,92 e 1,98 passadas/s; $P<0,001$) de passadas que os animais de MP, respectivamente. Isto sugeriu que animais de MP precisariam executar número ainda maior de passadas que o encontrado nesse estudo para percorrer uma mesma distância se fossem apresentados na mesma velocidade que animais de MB. Em ambas as marchas, a média de dissociação foi negativa, ou seja, na maioria dos animais o casco torácico saiu e chegou ao solo previamente ao casco pélvico. Na MP, houve maior dissociação de decolagem (-30,02 e -4,52%; $P<0,001$) e de apoio (-23,40 e -0,18%; $P<0,001$) do que na MB, respectivamente. A diferença de dissociação entre os andamentos implicou em distintas distribuições do tempo em cada tipo de apoio. Na MB, a maior porcentagem do tempo da passada foi de apoios bipedal diagonal, seguida de monopedal posterior, tríplice de anterior, bipedal lateral e bipedal de posterior, com baixa frequência de apoios quadrupedais, tríplice de posterior, monopedal de anterior e suspensão. Já na MP, a maior porcentagem foi de apoios laterais seguida por diagonais, tríplice de anterior, monopedal de posterior e houve baixa ocorrência de tríplice de posterior e monopedal de anterior. Sendo assim, a porcentagem em cada tipo de apoio diferiu ($P<0,05$) entre MB e MP, exceto para a porcentagem de apoios monopedais de anteriores ($P=0,19$). Do ponto de vista cinemático, as diferenças mais relevantes entre os dois andamentos foram a maior ocorrência de apoios laterais, de tríplices de anterior e de monopedal de posterior, e menor frequência de apoios diagonais na MP em relação à MB. Conclui-se que os andamentos MB e MP foram distintos em todas as variáveis cinemáticas lineares e temporais avaliadas, exceto na porcentagem de apoio de monopedal de anterior.

Agradecimentos: Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Mangalarga Marchador; Processo FAPESP nº 2015/17.155-2.

Palavras-chave: Andamento; biomecânica; equino

97. COMPORTAMENTO INGESTIVO DE POTROS DA RAÇA CRIOULA COM 5 MESES DE IDADE NA FASE DE CRIA

JOÃO DANILO BIFFI PEREIRA*1; MARCELE SOUSA VILANOVA1; CATIA DAL BELLO GIACOMET1; CAROLINE BRAGA ANDELIERI1; WILLIAN PERIN1

1.UCS, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL.

e-mail:joao.danilo@hotmail.com

Resumo:

O bem-estar animal é uma ciência em desenvolvimento, que busca as relações mais respeitosas entre os humanos e os animais. Uma das bases fundamentais para a manutenção desse equilíbrio é o entendimento das variáveis comportamentais que influenciam os animais em pastejo, pois desde a domesticação dos equinos, diversas são as situações de manejo alimentar inadequadas resultantes do restrito conhecimento desses animais a campo. O objetivo do trabalho foi avaliar o comportamento ingestivo de potros com cinco meses de idade, acompanhados de suas mães, em pastagem de campo nativo melhorado, durante os turnos da manhã, meio-dia e tarde. O experimento foi realizado na Cabanha Tamboré, localizada no município de São Francisco de Paula/RS. Foram selecionadas oito éguas com idade média de nove anos, prenhas (entre 120 a 180 dias gestação) com seus potros ao pé. Os animais foram alocados em um potreiro de 8ha, composto por pastagem nativa, melhorada com trevo branco, trevo vermelho e cornichão. A coleta dos dados foi realizada nos dias 24, 25 e 26 de março de 2017, durante o período das 08h às 18h. Foram anotadas as frequências de realização dos comportamentos de pastejo, deslocamento, bebendo água, ingestão de sal mineral, ócio, dormindo, mastigando, defecando/urinando, realizando exercício/brincando, se coçando, potro mamando, interação potro com égua e interação potro com potro. O método de avaliação utilizado foi do etograma, técnica de amostragem do animal focal, com intervalos de 10/10 minutos entre as observações (Del-Claro, 2004). O tempo despendido com os comportamentos foi transformado em percentual (tendo como base 600 minutos totais de avaliação) e os dados foram submetidos a análise da variância e as médias comparadas pelo teste de Tukey (5%). A frequência percentual total despendida com os comportamentos, foi de 50,8 em pastejo, 16,4 em ócio, 13,5 dormindo, 6,7 deslocando-se, 2,3 em interação potro com potro, 2,2 com ingestão de sal mineral, 1,9 potro mamando, 1,6 se coçando, 1,4 mastigando, 1,2 defecando/urinando, 1,0 interação potro com égua, 0,6 realizando exercício/brincando e 0,4 bebendo água. Os comportamentos que foram influenciados pelo turno de avaliação foram: Pastejo (Manhã: 14,0b, Meio-dia: 16,0b; Tarde: 20,7a), ingerindo sal mineral (Manhã: 0,5b, Meio-dia: 1,4a; Tarde: 0,4b) e dormindo (Manhã: 7,6a, Meio-dia: 4,2b; Tarde: 1,7c). Os potros com cinco meses de idade já apresentam como comportamento prioritário a ingestão de alimento sólido (pasto), uma vez que já estão preparados para o desmame que acontecerá aos seis meses de idade. A atividade de pastejo é substituída no turno da manhã pela de dormir, e volta a ser prioridade no turno da tarde, onde os potros elevam a ingestão de alimento e dormem menos. Foi constatado que antes de iniciar o sono, os potros se acalmam e permanecem um período em ócio, conforme observado nos resultados. Segundo Santos (2014), os animais destinaram maior parte do tempo ao ato de pastar, sendo que as diferentes categorias animais apresentaram uma média diurna em pastejo de 8 horas e 35 minutos (37,5%). Já segundo Meyer (1995), os equinos permanecem de 12 a 18h (50 a 75%) em pastejo, consumindo em porções frequentes de pequenos bocados, durante períodos noturnos e diurnos. O fato de neste trabalho a frequência ter sido de 50,77% de pastejo, pode estar relacionada ao fato das avaliações finalizarem as 18h, não ocorrendo no turno da noite. O conhecimento das atividades realizadas pelos potros aos 5 meses de idade, pode ser um indicativo para decisão mais precisa do período de desmame, uma vez que indica a total capacidade do animal em realizar a colheita do alimento e manutenção da nutrição adequada, diminuindo significativamente a dependência do leite materno.

Palavras-chave: Bem-estar-animal; pastejo; campo nativo

98. COMPORTAMENTO INGESTIVO DE ÉGUAS DA RAÇA CRIOULA PRENHAS E EM LACTAÇÃO

JOÃO DANILO BIFFI PEREIRA*1; MARCELE SOUSA VILANOVA1; CATIA DAL BELLO GIACOMET1; CAROLINE BRAGA

ANDELIERI1; WILLIAN PERIN1

1.UCS, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL.

e-mail:joao.danilo@hotmail.com

Resumo:

O bem-estar animal é uma ciência em desenvolvimento, que busca as relações mais respeitosas entre os humanos e os animais. Uma das bases fundamentais para a manutenção desse equilíbrio é o entendimento das variáveis comportamentais que influenciam os animais em pastejo, pois desde a domesticação dos equinos, diversas são as situações de manejo alimentar inadequadas resultantes do restrito conhecimento desses animais a campo. O objetivo do trabalho foi avaliar o comportamento ingestivo de éguas de raça Crioula, prenhas e com potro ao pé, em pastagem de campo nativo melhorado, durante os turnos da manhã, meio-dia e tarde. O experimento foi realizado na Cabanha Tamboré, localizada no município de São Francisco de Paula/RS. Foram selecionadas oito éguas com idade média de nove anos, prenhas (entre 120 a 180 dias gestação) com potros ao pé. Os animais foram alocados em um potreiro de 8ha, composto por pastagem nativa, melhorada com trevo branco, trevo vermelho e cornichão. A coleta dos dados foi realizada nos dias 24, 25 e 26 de março de 2017, durante o período das 08h às 18h. Foram anotadas as frequências de realização dos comportamentos de pastejo, deslocamento, bebendo água, ingestão de sal mineral, descansando, mastigando, defecando/urinando, se coçando, potro mamando, interação égua com égua e interação égua com potro. O método de avaliação utilizado foi do etograma, técnica de amostragem do animal focal, com intervalos de 10/10 minutos entre as observações (Del-Claro, 2004). O tempo despendido com os comportamentos foi transformado em percentual (tendo como base 600 minutos totais de avaliação) e os dados foram submetidos a análise da variância e as médias comparadas pelo teste de Tukey (5%). A frequência percentual total despendida com os comportamentos, foi de 77,0 em pastejo; 11,7 descansando; 4,03 em deslocamento; 2,12 com potro mamando; 1,32 mastigando; 0,84 ingerindo sal; 0,77 defecando/urinando; 0,64 de interação égua/potro; 0,6 bebendo água; 0,44 de interação égua/égua; 0,41 coçando. Os comportamentos que foram influenciados pelo turno de avaliação foram: Deslocamento (Manhã: 2,09a, Meio-dia: 0,83b; Tarde: 1,11b), ingerindo sal (Manhã: 0,14b, Meio-dia: 0,63a; Tarde: 0,07b) e interação égua/potro (Manhã: 0,00b, Meio-dia: 0,14ab; Tarde: 0,5a). Como esperado, os equinos utilizam a maior parte do tempo com a atividade de colheita de alimento. Segundo Zanine et. al., (2006) das 24h avaliadas, as éguas gastaram em média 16,7h (69,5%), dos quais o maior tempo se concentra das 16h às 19h. De acordo com Rifá (1990), as éguas em lactação utilizam em média 59% do dia para o pastejo e 40% para descanso e outras atividades. Resultado este, um pouco inferior ao encontrado neste trabalho (77%), possivelmente em função de que as avaliações foram realizadas até as 18h. Diferença que pode ser justificada em função dos equinos continuarem patejando até 01h (Zanine et. al., 2006). O conhecimento das atividades realizadas pelas éguas gestantes e em lactação pode auxiliar os manejadores na escolha dos melhores períodos de manuseio desses animais e confinamento, quando necessário, visando a busca incessante pelo bem-estar animal nas criações de equinos.

Palavras-chave: Bem-estar-animal; pastejo; campo nativo

99. COMPORTAMENTOS ANTECIPATÓRIOS PRÉ-ALIMENTAÇÃO EM CAVALOS MANTIDOS EM BAIAS

VANESSA DA SILVA JOCHEM*1; MARCUS VINICIUS MACHADO DE CARVALHO1; ANA BEATRIZ ALMEIDA TORRES1; MARIA JOSÉ HÖTZEL1; DENISE PEREIRA LEME1

1.UFSC, FLORIANÓPOLIS, SC, BRASIL.

e-mail:deleme@hotmail.com

Resumo:

A sociedade cada vez mais vem se preocupando com o bem-estar, seja ele de humanos ou de outras espécies, e

consequentemente, há um crescente aumento das cobranças na criação animal, principalmente para os animais que vivem confinados. Uma das formas de se verificar o nível de bem-estar animal é avaliando-se as alterações nos comportamentos antecipatórios da espécie. Portanto, o presente estudo teve como objetivo avaliar a presença de comportamentos antecipatórios dos cavalos mantidos em sistemas de confinamento em um centro equestre no Estado de Santa Catarina. Foram selecionados dez animais adultos de trabalho leve, confinados em baias individuais, submetidos à alimentação fracionada em cinco refeições diárias, contendo três tipos de alimento: volumoso, concentrado comercial e aveia, além do sal mineral e da água à vontade. Os cavalos foram divididos em dois grupos: três cavalos com estereotipias (grupo COM) e sete sem estereotipias (grupo SEM). Cada cavalo foi observado por dez dias, em três momentos do dia, em duplicata, por um período de 20 minutos cada. As observações foram realizadas duas vezes no baseline (momento sem interferência comportamental conhecida), duas vezes no pré-alimentação (pré-aveia e pré-concentrado comercial) e duas vezes após as mesmas alimentações. O observador se posicionou a uma distância da baia que permitiu uma total visualização do animal, sem interferir no comportamento espontâneo do mesmo. Foram observadas e cronometradas transições comportamentais, considerando as trocas de todos os tipos de comportamentos expressados pelos cavalos (normais, anômalos e estereotipados). Os dados coletados foram tabulados em planilhas Excel, realizando-se a comparação de médias e calculando-se os erros padrões. Independente do grupo, foram verificadas manifestações de 20 comportamentos normais (deitar, cavar, relinchar, espojar etc) e 22 comportamentos anômalos e estereotipias (coprofagia, lamber ou morder estrutura da baia, "dança do urso", morder a língua exposta etc) durante todas as observações. Durante o baseline, os animais COM apresentaram 15,7±8,3 transições de comportamento, enquanto os animais SEM tiveram 3,0±0,9. No momento pré-alimentação, os animais COM tiveram 32,9±8,1transições de comportamento e os SEM, 5,5±0,5. No momento pós-alimentação, os animais COM apresentaram 7,5±7 transições, e os SEM 3,0±1,0. Observou-se que do baseline para a pré-alimentação, o grupo COM aumentou 17,35±1,75 vezes o número de transições comportamentais, enquanto no grupo SEM, o aumentou 2,46±0,67. Do baseline para o pós-alimentação, grupo COM apresentou um aumento do número de transições comportamentais de 8,13±5,06; enquanto o grupo SEM apresentou aumento de 2,49±0,07. Do momento pós-alimentação para pré-alimentação, observou-se que nos cavalos COM, o aumento do número de transições comportamentais foi de 25,48±6,5; enquanto no grupo SEM foi de 2,49±0,64. Por estes resultados, pode-se verificar que os cavalos com estereotipias apresentaram maior número de transições comportamentais nos três momentos diários, e apresentaram mais trocas de comportamentos que os cavalos sem estereotipias, nos momentos que antecederam a alimentação. O número de transições no momento pós-alimentação foi o menor para os dois grupos, o que pode estar relacionado com uma possível sensação de satisfação, seja pela ingestão do alimento ou pelo objetivo alcançado. Neste estudo, foi possível verificar que todos os cavalos anteciparam o momento da alimentação manifestando maior frequência de transições de comportamento e, de forma oposta, mostraram-se mais passivos após as refeições.

Palavras-chave: Equinos; manejo alimentar; alojamento

100. DIGESTIBILIDADE APARENTE DOS NUTRIENTES DA DIETA COMPLETA PELETIZADA E EXTRUSADA COMPOSTA POR DIFERENTES FONTES DE FIBRA PARA EQUINOS

KATIA FELTRE*1; ALEXANDRE AUGUSTO DE OLIVEIRA GOBESSO1; FERNANDA RUDOLF GONZALBO GARCIA1; GABRIELA DO VALE POMBO1; YASMIN DE SALES PEREIRA1; LUIZ ANTONIO JORGE DE MORAES FILHO1; BIANCA PETERMANN MORETTI1; JULIO CESAR DE CARVALHO BALIEIRO1

1.FMVZ/USP, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

e-mail:katiafeltre@yahoo.com.br

Resumo:

O objetivo do trabalho foi aferir os efeitos do uso de dieta completa na digestibilidade aparente dos nutrientes em equinos utilizando alimento peletizado e extrusado produzidos com três diferentes fontes de fibra. Foram utilizados oito equinos, machos castrados da raça Mini-Horse, com idade aproximada de cinco anos e peso médio de 140 kg. As dietas foram divididas em dieta controle 50% de volumoso (feno de Tifton 85) e 50% concentrado peletizado, fornecidos separadamente e dieta completa peletizada e extrusada composta por 50% de volumoso (Tifton 85,

capim elefante ou rolão de milho) mais 50% concentrado em um único produto. Foram realizados 4 períodos de 20 dias (15 dias de adaptação e 5 dias para coleta total de fezes) em que o consumo diário individual adotado foi de 1,75% do peso e a água ad libitum. Entre cada período, houve um intervalo (3 semanas), onde os animais receberam 2% do peso corporal em matéria seca de feno de Tifton 85, sal mineral e água ad libitum. Os animais e os tratamentos foram distribuídos aleatoriamente em dois Quadrados Latinos, balanceados e simultâneos, sendo Q1 – controle, capim elefante, rolão de milho e feno de Tifton 85 peletizados; e Q2 – controle, capim elefante, rolão de milho e feno de Tifton 85 extrusados. Foram avaliados os teores de matéria seca (MS), matéria orgânica (MO), proteína bruta (PB), matéria mineral (MM), extrato etéreo (EE), fibra em detergente neutro (FDN), fibra em detergente ácido (FDA) e amido. As amostras de fezes foram colhidas e acondicionadas em sacos plásticos protegidos da luz solar. As fezes foram recolhidas, pesadas, homogeneizadas e uma alíquota de 10% (amostras simples) foi retirada e armazenada em freezer a -20ºC. Ao término do experimento, todas as amostras simples de cada animal foram descongeladas e homogeneizadas formando uma amostra composta da qual foi retirada uma porção de aproximadamente 300g. Todas as amostras (alimentos e fezes) foram submetidas à secagem (65ºC) e moídas em peneira de 1mm. Com base nos resultados bromatológicos, foram calculados os coeficientes de digestibilidade aparente da matéria seca (DAMS), proteína bruta (DAPB), extrato etéreo (DAEE), fibra em detergente neutro (DAFDN), fibra em detergente ácido (DAFDA) e da matéria orgânica (MO). As fontes de fibra e os tipos de processamento não interferiram ($p<0,05$) nos coeficientes de digestibilidade aparente da PB (média de 69,59%) e do EE (média 61,96%). Porém, foi observado efeito ($p<0,05$) das fontes de fibra nos coeficientes de digestibilidade aparente da MS, FDN e da MO, sendo menores para o capim elefante em relação às demais fontes de fibra e o controle, com médias de 59,17, 60,94 e 47,18%, respectivamente. O coeficiente de digestibilidade aparente da FDN do feno de Tifton 85 e do controle foram superiores em relação às demais fontes de fibra. Foi possível observar efeito interativo processamento*tratamento ($p=0,0169$) para o coeficiente de digestibilidade aparente da FDA. O grupo controle e o grupo feno de Tifton 85, tanto extrusado quanto peletizado, apresentaram melhores resultados de digestibilidade da fibra em relação aos demais. O resultado da interação processamento*tratamento mostra que o tratamento com melhor coeficiente de digestibilidade aparente da FDA foi o feno de Tifton 85 extrusado (57,59%) dentre as dietas processadas. Os resultados inferiores referentes à digestibilidade aparente dos nutrientes para o tratamento com capim elefante estão relacionados à quantidade de carboidratos não estruturais e ao teor da fração fibrosa presente na dieta em relação aos demais tratamentos. Em geral, os constituintes fibrosos (FDN, FDA e Lignina) são correlacionados negativamente com a digestibilidade. No presente trabalho, a dieta completa peletizada ou extrusada não interferiu na digestibilidade aparente dos nutrientes, sendo que a fonte de fibra com maior FDA (capim elefante) resultou em menores coeficientes de digestibilidade aparente da dieta em relação às demais fontes de fibra.

Palavras-chave: Alimentação; cavalo; dieta completa

101. INFLUÊNCIA DA SUPLEMENTAÇÃO COM TONNUS JCR VETNIL® NO METABOLISMO ENERGÉTICO E LESÕES MUSCULARES EM EQUINOS ATLETAS DE TEAM PENNING

ERIKY AKIO TONGU*1; AMANDA BIZARE1; RAÍSSA OLIVEIRA LEITE1; ISADORA ARAÚJO NAVES1; LARISSA FREITAS CAMPOS1; MARIANA NEHME MARINHO1; KAMILA PINHEIRO PAIM1; TATIANE FARIA PRADO1; JOÃO PAULO ELSEN SAUT1; ANTÔNIO VICENTE MUNDIM1; DIEGO JOSE ZANZARINI DELFIOL1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLANDIA, MG, BRASIL.

e-mail:djzdelfiol@ufu.br

Resumo:

O Team Peanning é uma modalidade equestre que exige velocidade máxima, nesse tipo de exercício ocorre o rápido consumo de energia pela via anaeróbica. Diversos suplementos têm sido desenvolvidos para melhorar o desempenho e diminuir lesões musculares em equinos atletas. Objetivou-se avaliar a influência da suplementação com Tonnus JCR® nos parâmetros fisiológicos, metabolismo energético e muscular no treinamento de Team Penning. Foram utilizados 10 equinos da raça Quarto de Milha, atletas de Team Penning há pelo menos um ano e inseridos aleatoriamente em dois grupos: a) grupo suplementado – G1 (n=5), cavalos que receberam 50 gramas Tonnus JCR® pó adicionado a ração duas vezes ao dia, totalizando 100 g por animal/dia durante o intervalo entre os

dois treinos (80 dias); b) grupo não-suplementado – G2 (n=5). Além da suplementação, o grupo 1 recebeu 20 gramas de Tonnus JCR® pasta nos cinco dias anteriores ao segundo treino. Foram realizados exame físico (frequência cardíaca, frequência respiratória, tempo de preenchimento capilar, coloração de mucosa e temperatura retal) e exames laboratoriais [avaliação da atividade sérica das enzimas creatina quinase (CK), aspartato aminotransferase (AST) e lactato desidrogenase (LDH) e avaliação da concentração plasmática de lactato e glicose], utilizando kits comerciais Labtest® em analisador automático ChemWell®. As amostras foram colhidas em 12 diferentes momentos em ambos os treinos: em repouso (M0), imediatamente após o animal realizar a primeira (M1); segunda (M2); terceira (M3); sexta (M4); oitava (M5) e décima passada (M6), após 30 minutos do termino da décima passada (M7), após 6 horas (M8), após 12 horas (M9), após 24 horas (M10) e após 48 horas (M11) do término do treino. O exame físico e a análise dos teores de glicose e lactato foram realizadas nos momentos M0 a M7. As análises de CK, AST e LDH foram realizadas no M0 e entre M8 a M11. Os resultados foram submetidos a análise de variância (Two-way ANOVA) e pós teste de Bonferroni ($p \leq 0,05$). Os parâmetros fisiológicos não diferiram entre os treinos em ambos os grupos. No treino 2 houve uma diminuição nos teores de glicose no G1 quando comparou-se com o treino 1 (p=0,01), já no G2 não houve diferença (p=0,13). Em ambos os grupos e treinos, os teores de lactato plasmático aumentaram, ultrapassando o limiar anaeróbico de 4mmol/L a partir do M2 e se mantiveram elevados até o M6. Não foram observadas diferenças nos teores de lactato entre os grupos nos treinos 1 (p=0,17) e 2 (p=0,61) e também não foi observado diferença entre os treinos no G1 (p=0,58) e no G2 (p= 0,70). As concentrações de CK no treino 1 não apresentaram diferença entre os grupos (p=0,83) e momentos (p=0,16). Quando comparado as concentrações de CK entre os grupos no treino 2, observou-se níveis menores no G1 (p=0,02). Ao se comparar o G1 antes e após a suplementação, as concentrações de CK foram menores no treino 2 (p=0,01). Já no grupo 2 não houve diferença entre os treinos (p=0,51). A atividade das enzimas AST e LDH não diferiram entre os grupos nos treinos 1 e 2. Concluiu-se que a suplementação diminuiu as concentrações de glicose, indicando melhor aproveitamento e também diminuiu os níveis de CK, o que indica menor lesão muscular.

Palavras-chave: Limiar anaeróbico; equinos atletas; lesão muscular

102. METABOLISMO LIPÍDICO E ATIVIDADE DE PARAOXONASE 1 EM POTROS DA RAÇA CRIOULA SUBMETIDOS A DIFERENTES TIPOS DE CRIAÇÃO

ILUSCA SAMPAIO FINGER*1; LORENA ALVARIZA AMARAL1; BRUNA DOS SANTOS SUÑE MORAES1; JOÃO ALVEIRO ALVARADO RINCÓN1; ALICE CORREA SANTOS1; AUGUSTO SCHNEIDER1; MARCIO NUNES CORRÊA1; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA1

1.UFPEL, PELOTAS, RS, BRASIL.

e-mail:ilusca-finger@hotmail.com

Resumo:

A pressão da indústria do cavalo sobre a criação tem feito com que animais cada vez mais jovens sejam preparados para competições morfológicas, doma e treinamento. As dietas ricas em carboidratos ofertadas a esses animais resultam em sobrepeso e acúmulo de gordura. O excesso de peso associado ao exercício apresenta uma estreita ligação com alterações musculoesqueléticas, principalmente em animais jovens, já que a maturação óssea está incompleta e existe uma menor resistência às forças de compressão. A enzima antioxidante paraoxanase 1 (PON 1) tem sido caracterizada como uma proteína de fase aguda em humanos e bovinos, desta forma faz-se necessário estudar e avaliar o envolvimento desta enzima nos processos de inflamação e estresse oxidativo em equinos, já que não há descrição nesta espécie. O objetivo deste estudo foi avaliar indicadores do metabolismo lipídico e a atividade sérica de PON1 comparando potros da raça Crioula criados em sistema de criação intensivo e extensivo. O estudo foi desenvolvido em criatórios de equinos da raça Crioula localizados nas cidades de Pelotas e Bagé, no estado do Rio Grande do Sul. Foram avaliados 19 potros sem alterações clínicas, os quais foram divididos em dois grupos: o grupo de criação extensiva (G1); composto por 10 animais, com 18 meses de idade, mantidos soltos em campo nativo, sem suplementação alimentar e apresentavam condição corporal de 5 – 6 (escala de 1 – 9) e o grupo de criação intensiva (G2); composto por nove animais com 18 meses de idade, mantidos em condição de confinamento com dietas ricas em concentrado, submetidos a exercícios repetitivos para desenvolvimento muscular e apresentavam condição

corporal entre 7 – 9 (escala de 1 – 9). Foram realizadas coleta de sangue para avaliação bioquímica e atividade da PON1. As análises de colesterol Total, colesterol LDL, colesterol HDL, foram realizadas por espectrometria. Para determinação da atividade da PON1 sérica foi utilizado protocolo de avaliação por espectrofotômetro. Para identificação de possíveis alterações radiográficas indicativas de osteoartrite procedeu-se o estudo radiológico da articulação tarsica. Para comparação entre as médias foi utilizado o teste de Tukey sendo considerado significante $p < 0,05$. Os dados estão apresentados como média + erro padrão da média. Os potros do sistema intensivo apresentaram valores superiores ($p < 0,05$) de colesterol total (G1: 108,40+3,48; G2:142,25+5,22) e colesterol LDL (G1: 46,20+2,75; G2: 74,30+7,20), demonstrando que o metabolismo lipídico destes indivíduos indica fatores de risco associados a obesidade. Não houve diferença nas concentrações de colesterol HDL entre grupos. Na avaliação da atividade da PON1, os animais do grupo intensivo apresentaram valores superiores ($p < 0,05$; G1: 40,77+3,92; G2: 55,46+4,17). Na avaliação radiológica foram observadas alterações compatíveis com osteoartrite em 100% (n=9) dos potros em sistema intensivo. Essa elevada incidência de lesões osteoarticulares observadas nos potros criados intensivamente seja em consequência das dietas ricas em carboidratos e do exercício físico associado ao sobrepeso. A PON1 é definida como uma enzima esterase cálcio – dependente, sintetizada no fígado e liberada na corrente sanguínea, onde se encontra ligada exclusivamente ao HDL. Em humanos hidrolisa diversas compostos oxidantes, prevenindo a oxidação de lipídeos nas lipoproteínas de baixa (LDL) e alta (HDL) densidades. Conclui-se com os dados obtidos que os animais jovens com sobrepeso criados em sistema intensivo, demonstraram alterações no metabolismo lipídico e maior atividade da PON1, indicando que essa enzima pode ser utilizada como marcador de alterações metabólicas em equinos em virtude da sua atividade antioxidante.

Palavras-chave: Equinos jovens; raça crioula; sobrepeso

103. PARÂMETROS ELETROCARDIOGRÁFICOS EM EQUINOS DE SALTO SUBMETIDOS A UM TESTE DE CAMPO

LAIS POLICARPO MACEDO*1; MARCELA BUCHER BINDA1; FERNANDA DE ALMEIDA TEIXEIRA1; RENAN SILVA CARVALHO1; LAURA MONTEIRO CASTRO CONTI1; HELIO CORDEIRO MANSO FILHO2; CLARISSE SIMÕES COELHO3

1.UVV-ES, VILA VELHA, ES, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, RECIFE, PE, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA), SALVADOR, BA, BRASIL.

e-mail:clarissecoelho@yahoo.com.br

Resumo:

Garantir o bem-estar de equinos atletas é crucial. Para tal, torna-se necessário entender os efeitos do exercício sobre parâmetros cardiometabólicos para permitir diferenciar respostas normais e esperadas em animais bem condicionados daquelas oriundas de processos patológicos e/ou falta de condicionamento atlético nas diferentes modalidades. Apesar das várias pesquisas envolvendo equinos atletas, poucas são aquelas com animais de salto treinados em condições tropicais. Para testar a hipótese de que o exercício de salto possa causar modificações compatíveis com o tipo de desafio, foi desenvolvido um trabalho que objetivou avaliar a influência da prova de salto a campo sobre os parâmetros eletrocardiográficos de equinos treinados e adaptados às condições tropicais. Foram usados 12 equinos, raça Brasileiro de Hipismo, com idade média de 11,3±4,1 anos e com peso médio de 490,4±33,9 kg. Os animais foram avaliados em dois diferentes momentos, no repouso e imediatamente após a prova de salto (<5min), usando um equipamento de eletrocardiograma de seis derivações. As variáveis eletrocardiográficas analisadas foram ritmo cardíaco, frequência cardíaca (FC), duração da onda P, do complexo QRS, dos intervalos PR e QT e as amplitudes das ondas P, R e T e análise do QT corrigido de acordo com a fórmula de Bazett ($QT/\sqrt{RR}$). A prova de salto foi realizada numa pista de areia de 80mx58m. O aquecimento foi feito ao passo e trote por 10 minutos, seguido de 5 obstáculos verticais de alturas progressivas (0,80 m, 0,90 m, 1,00 m). Após isso, todos os animais executaram o mesmo percurso com as seguintes especificações: 600 m de distância total e 12 obstáculos com altura de 100 cm, sendo oito verticais, três oxers paralelas e uma combinação dupla. Durante o percurso, os equinos usaram um sistema de monitoramento da frequência cardíaca acoplado ao GPS (Polar RS800CX). As variáveis foram analisadas quanto a normalidade com o teste Kolmogorov-Smirnov com comparação entre as médias usando teste-t pareado, considerando $p<0,05$. O monitoramento feito pelo frequencímetro demonstrou

que os animais executaram a atividade física numa velocidade média de 3,31±0,31 m/s e FC média de 133,8±25,7 bpm, completando o percurso em 203,7±51,0 segundos. Na análise do ritmo observou-se 50,0% de ritmo sinusal no repouso, com FC média de 31,5±5,8 bpm, e 75,0% de taquicardia sinusal logo após o exercício, com FC média de 76,9±15,2 bpm. No pós exercício, foi possível observar reduções significativas nas durações da onda P (p<0,0001), do complexo QRS (p=0,0019) e dos intervalos PR (p=0,0002) e QT (p<0,0001), com aumentos significativos na amplitude da onda P (p=0,0014) e FC (p<0,0001). O aumento da FC é esperado em situações de exercício físico e excitação e esse aumento é inversamente correlacionado com a duração dos intervalos PR e QT. O aumento na amplitude da onda P pode ser atribuído a um aumento no tônus simpático. Não foram registradas arritmias cardíacas e todos animais terminaram suas provas com tempo médio e sem fazer faltas no percurso. Foi possível concluir que o teste de salto a campo usado na presente pesquisa produziu alterações eletrocardiográficas compatíveis com a intensidade do exercício imposto. Diferenças observadas nas comparações com a literatura podem estar relacionadas com raça, tipo de exercício, condicionamento atlético e condições de criação, reforçando a importância do estabelecimento de respostas normais frente a esse tipo específico de atividade equestre executado em condições tropicais.

Palavras-chave: Cavalo; frequência cardíaca; exercício

104. TESTE A CAMPO PARA DETERMINAÇÃO DA FREQUÊNCIA CARDÍACA MÁXIMA DE EQUINOS DA RAÇA MANGALARGA MARCHADOR

JESSICA LAGE LAGE*1; MAYARA GONÇALVES GONÇALVES FONSECA1; GUSTAVO GONZÁLEZ MONTEIRO DE BARROS2; GUILHERME CAMARGO FERRAZ1

1.FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E VETERINÁRIAS (FCAV), UNESP – UNIV. ESTADUAL PAULISTA, JABOTICABAL, SP, BRASIL; 2.FEAD MINAS, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

e-mail:jessicalage@gmail.com

Resumo:

A frequência cardíaca máxima (FCMÁX) corresponde ao valor mais alto que a FC pode atingir durante teste de esforço incremental e que não se altera com subsequente aumento da intensidade (velocidade) do exercício. Sua determinação fornece informações importantes sobre a aptidão aeróbia de equinos atletas e pode ser relacionada com a intensidade do exercício físico. Objetivou-se determinar a FCMÁX a campo de equinos de marcha batida ou picada da raça Mangalarga Marchador (MM). Dezenove equinos, machos e fêmeas, de marcha batida (n=14) ou picada (n=15) da raça MM foram submetidos a um teste de esforço máximo a campo. Equitados pelo mesmo cavaleiro, todos os animais realizaram os testes portando monitor cardíaco com GPS acoplado (Garmin Forerunner 310XT), que registrou os valores de frequência cardíaca (FC), velocidade e distância percorrida a cada 2 s durante o exercício. Inicialmente, realizou-se o aquecimento por 20 min na marcha, em seguida os equinos foram submetidos a galope reunido por 500 m seguido de aceleração para a máxima velocidade possível por aproximadamente 20 s em 220 m de estrada reta, plana, uniforme, de terra firme. Finalmente, para progressão da intensidade do esforço após a aceleração, o conjunto cavalo-cavaleiro percorreu 70 m adicionais em aclive com 17% de elevação. A FCMÁX foi determinada utilizando-se os dados de FC durante os testes e correspondeu ao valor máximo identificado durante a formação da assíntota da curva FC versus velocidade, caracterizada pela ausência de alteração após intensidade crescente durante o exercício em aclive. Os dados foram avaliados quanto à normalidade (Shapiro-Wilk) e homocedasticidade (Bartlett), e em seguida submetidos à análise de variância acompanhada por teste de Tukey (P<0,05). A FCMÁX obtida foi 211±3 bpm nos equinos de marcha batida e 214±5 bpm para os animais de marcha picada e não houve diferença entre os grupos (P=0,7066). A FC média durante a fase de aceleração (na reta sem inclinação) foi 179±5 e 196±8 bpm dos grupos marcha batida e marcha picada, respectivamente, e não diferiu entre os grupos (P=0,0815). A velocidade máxima alcançada durante a fase de aceleração foi 36,61±1,60 km.h-1 nos animais de marcha batida e 38,18±2,69 km.h-1 na marcha picada sem diferença entre os grupos (P=0,6216). O teste de esforço máximo a campo possui dificuldades, principalmente quanto ao espaço adequado para a sua realização. Deste modo, o gradiente foi utilizado neste estudo com o objetivo de manter o aumento da intensidade do esforço físico sem utilizar velocidades muito altas que poderiam oferecer risco à segurança do conjunto cavalo-cavaleiro. Um estudo prévio realizado com equinos de pólo não encontrou diferenças entre os valores de FCMÁX determinados

em teste de esforço progressivo a campo (211±7 bpm) e em esteira (213±2 bpm). Outra pesquisa encontrou FCMÁX de 215 bpm em cavalos de corrida em teste progressivo em esteira. Assim, os valores determinados pelo teste de esforço máximo a campo do presente estudo foram semelhantes aos encontrados em estudos anteriores tanto a campo quanto em esteira rolante. Portanto, conclui-se que o protocolo de teste utilizado foi eficiente para determinar a FCMÁX e pode ser utilizado em situações de campo. A FCMÁX média de equinos da raça MM (marcha batida ou picada) é 212±3 bpm.

Palavras-chave: Cavalo atleta; desempenho; fisiologia do exercício

RESUMOS
RELATO DE CASO

105. A IMPORTÂNCIA DA ULTRASSONOGRAFIA TRANSABDOMINAL (FLASH) NO DIAGNÓSTICO DE DESLOCAMENTO DE CÓLON À DIREITA: RELATO DE CASO

MARIA AUGUSTA BERLINGIERI*1; PAULO ARI LEIRIA1; JULIETTI BEATRIZ VIEIRA1; CAUE NATAM DE SOUZA1; ALISSON ROMANO DA SILVA1

1.EQÜIVET-HOSPITAL VETERINÁRIO, INDAIATUBA, SP, BRASIL.

e-mail:gutaberlingieri1@hotmail.com

Resumo:

A ultrassonografia transabdominal em equinos com cólica tem sido utilizada rotineiramente em muitos Hospitais Veterinários. A técnica ultrassonográfica FLASH é uma adequação da técnica FAST (específica para pacientes de UTI nos traumas toracoabdominais em humanos e pequenos animais), que é utilizada para identificação e avaliação dos órgãos abdominais dos equinos. É uma técnica de varredura rápida e valiosa quanto a localização, aparência e conteúdo dos órgãos abdominais, e fornece informações quanto a determinação de diagnóstico, recomendação cirúrgica ou manejo clínico, e além disso permite monitoramento da resposta terapêutica. No abdômen equino normal, a vasculatura colônica ascendente cursa ao longo do aspecto medial do cólon e pode não ser visível durante o exame ultrassonográfico transabdominal. A proposta do presente relato é de firmar que a visualização da vascularização colônica ascendente do lado direito do abdômen durante uma ultrassonografia transabdominal pode sugerir deslocamento de cólon ascendente a direita ou vólvulo colônico de 180°. Um equino, fêmea, Sela Holandesa, 5 anos de idade, castanha, foi encaminhada ao EQÜIVET-Hospital Veterinário com queixa de desconforto abdominal irresponsivo a terapia realizada na propriedade. Durante o atendimento Hospitalar, os parâmetros clínicos foram de FC: 36 bpm, FR: 16 mrm, TPC: 2", mucosas róseas, temperatura retal de 37,5ºC. Os valores de hematócrito de 37% e proteína total de 6g/dl; lactato venoso de 4,7 mmol/L. Foram realizados sondagem nasogástrica e lavagem do estômago. A palpação transretal evidenciou presença de distensão gasosa exacerbada. A ultrassonografia transabdominal foi realizada utilizando um aparelho GE (Vivid e) com um transdutor convexo de frequência de 2,5-5 Mhz. A varredura do abdômen foi realizada de caudal para cranial e em sentido dorso ventral em ambos lados. O cólon foi identificado pelas saculações características entre 12º e 17º espaços intercostais direito, e a vascularização colônica ascendente foram definidas por duas ou mais estruturas hipoecóicas circulares diretamente adjacente a parede do cólon, aproximadamente no nível da junção costocondral, com a probe orientada transversamente a coluna vertebral. Devido aos achados descritos durante a avaliação, o animal foi encaminhado a Celiotomia exploratória. No período transcirúrgico, após a inspeção da cavidade abdominal, foi encontrado o deslocamento de cólon maior à direita (anti-horário). Após a remoção do gás através de aspiração, o deslocamento foi corrigido, sendo em seguida realizada enterotomia para remoção do conteúdo e enterorrafia. Após inspeção da cavidade abdominal, as alças intestinais foram anatomicamente reposicionadas e efetuada rafia da parede de forma convencional. O animal foi monitorado 24 horas durante a permanência no Hospital e recebeu alta médica 15 dias após o procedimento cirúrgico. Em estudos retrospectivos de equinos submetidos a Celiotomia exploratória por cólica, a visualização ultrassonográfica da vasculatura colônica no lado direito do abdômen, parece ser um achado altamente sensível e específico para deslocamento de cólon a direita. Por tratar-se de um método não invasivo e de fácil execução, a ultrassonografia FLASH pode ser incorporada como auxiliar na avaliação do abdômen agudo, principalmente devido a acurácia dos achados nos deslocamentos de cólon a direita.

Palavras-chave: Ultrassonografia; equino; deslocamento

106. A IMPORTÂNCIA DA ECOCARDIOGRAFIA CONTRASTADA NO DIAGNÓSTICO DE DSV EM EQUINO: RELATO DE CASO

BEATRIZ A. WOSEROW *1; RAÍSSA KAROLLINY SALGUEIRO CRUZ1; JULIANA BORNHAUSEN ARAÚJO1; AMANDA SARITA CRUZ ALEIXO1; KAROLINE KOETHER1; MAURÍCIO GIANFRANCESCO FILIPPI1; JULIANA ALMEIDA NOGUEIRA DA GAMA1; MAYRA DE CASTRO FERREIRA LIMA1; SIMONE BIAGIO CHIACCHIO1; MARIA LÚCIA GOMES LOURENÇO1

1.UNESP-FMVZ, BOTUCATU-SP, BRASIL

e-mail: chiacchios@fmvz.unesp.br

Resumo:

As anormalidades congênitas do sistema cardiovascular enquadram-se entre as mais frequentemente encontradas em animais domésticos, porém são raramente descritas em equinos. O defeito de septo ventricular (DSV) é a cardiopatia congênita mais comumente encontrada em equinos e caracteriza-se por uma abertura na porção do septo ventricular, que separa o ventrículo direito do esquerdo, geralmente atingindo a porção membranosa do septo, próximo da artéria aorta, promovendo comunicação livre do sangue entre os dois ventrículos. A ecocardiografia contrastada é uma técnica que utiliza agentes de contraste à base de microbolhas injetadas por via endovenosa periférica para melhorar o sinal ecocardiográfico. O objetivo do presente trabalho foi descrever o caso de um animal da espécie equina, portador de defeito de septo ventricular e a utilização do teste de microbolhas com solução salina como auxílio na determinação da evolução da doença. Foi atendida uma potra, da raça Paint Horse, um ano de idade, 240 kg. A queixa principal era de letargia há uma semana. Ao exame clínico, o animal apresentava-se em estação, mucosas róseas, hidratado, pulso forte e rítmico, temperatura retal de 38,2ºC, taquicardia (64 batimentos por minuto - bpm) e taquipnéia (48 movimentos por minuto - mpm). À auscultação cardíaca verificou-se sopro holossistólico (grau V/VI), audível nos quatro focos, com ponto de maior intensidade no 5º espaço intercostal direito, foco tricúspide. À palpação torácica, detectou-se frêmito bilateral. Durante a auscultação pulmonar notou-se som aumento dos sons broncobronquiolares. Ao ecodopplercardiograma verificou-se a presença de defeito de septo ventricular com extensão de 2,03 cm. Optou-se por realizar o teste de microbolhas em solução salina visando-se complementar o diagnóstico de VSD e acompanhamento da evolução para shunt reverso. O teste consistiu em cateterização da veia jugular direita e aplicação de contraste com microbolhas (produzidas por meio de pressão exercida sobre torneira de três vias, promovendo-se a transferência de 20 mL de solução salina e 0,4 ml de ar), administradas rapidamente pelo acesso venoso periférico. O estudo foi considerado positivo, quando detectada a presença anormal de contraste em câmaras cardíacas esquerdas. O DSV é a malformação cardíaca congênita mais comum observada na espécie equina. Quando um DSV está presente, o padrão de fluxo habitual é a partir do ventrículo esquerdo para o direito, sendo que com a evolução da doença e a presença de hipertensão pulmonar ocorre reversão do shunt e consequente sobrecarga de volume em ambos os ventrículos. O teste de microbolhas é utilizado para auxiliar no diagnóstico da reversão do shunt no DSV. O aparecimento de contraste, ao corte longitudinal quatro câmaras, caracterizou-se pelo preenchimento completo inicial das cavidades direita (átrio e ventrículo) e posterior aparecimento das bolhas no ventrículo esquerdo. A técnica é bem fundamentada em cães e a importância desse relato é enfatizar que esta deve ser utilizada em animais de grande porte com objetivo semelhante, uma vez que é efetiva.

Palavras-chave: congênita, equino, sopro, defeito, coração

107. ABORTO DE FETO ASININO EM RECEPTORA EQUINA APÓS INTERRUPÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO DE PROGESTERONA AOS 120 DIAS DE GESTAÇÃO

LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO*1; FREDERICO O PAPA1; JOSE ANTONIO DELL`AQUA JR1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; FELIPE ERISON MEDRADO ROCHA DE SOUSA1; MARCO A ALVARENGA1; PATRICIA M PAPA1; SIDNEI NUNES DE OLIVEIRA1; ENDRIGO ADONIS BRAGA DE ARAUJO1; LUIS FERNANDO MERCÊS CHAVES SILVA1; JOÃO ALEXANDRE MATOS CARNEIRO1

1.UNIVERSIDADE JULIO DE MESQUITA FILHO, FMVZ, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:lucas.canuto@hotmail.com

Resumo:

De uma forma geral a fisiologia reprodutiva dos equídeos é semelhante, no entanto diferenças específicas entre os equinos e os asininos são evidentes, como o período de gestação, número de cromossomos e a gonadotrofina

coriônica asinina (dCG). Biotecnologias empregadas são as mesmas e geralmente são utilizadas entre as espécies, como inseminação artificial de éguas com sêmen de jumento e transferência de embrião asinino para receptora equina. Nos jumentos, a transferência de embriões tem apresentado baixas taxas de gestação, principalmente em transferência intraespecífica, a baixa viabilidade dos embriões asininos, qualidade das receptoras, nível de sincronia entre doadora e receptoras, liberação de PGF2α com consequente luteólise, motivado pela difícil manipulação da cérvix no momento da passagem transcervical. A principal alternativa para esse problema é transferência do embrião asinino para uma receptora equina, contudo, na inovolução interespecífica tem sido observado que éguas gestantes com embriões asininos, e muares apresentam maiores perdas embrionárias comparadas às éguas com embrião equino. Possivelmente essas perdas embrionárias e aborto do feto, estão diretamente relacionado a concentrações médias semanais de progesterona e eCG significativamente menores nas gestantes de embrião interespecífico quando comparado com embrião equino. O desenvolvimento de concepto interespecífico causa acentuada diferenças na taxa de desenvolvimento do ambiente uterino, tamanho, duração e atividade endócrina dos cálices endometriais. Essas estruturas únicas para os equídeos, desenvolvem-se como uma série de protuberâncias dispostas em círculo em torno do corno gravídico, e estão presentes entre 40 e 120 dias de gestação. Cada cálice endometrial consiste em uma massa densamente embalada de células trofoblásticas epiteliais e produz gonadotrofina coriônica equina (eCG) estimulando o desenvolvimento de corpos lúteos acessórios, que ajudam a manter a gestação. No asinino é a dCG, que apresenta uma atividade mais relacionada com a função de LH do que de FSH, ao contrário da eCG. Apesar disso, o concepto continua a se desenvolver até cerca de 60-65 dias, mas em 80% dos casos sem a interdigitação normal de vilosidades alantocoriônicas com o endométrio, acompanhado por um afluxo de leucócitos em toda a área do endométrio, causando com isso uma resposta citotóxica mediada por células maternas podendo causar aborto entre 80 e 100 dias de gestação, o restante que chega ao nascimento, estão desnutrido devido ao comprometimento das trocas placentárias, uma vez que a receptora não receba suplementação hormonal ou tratamento imunológico. Uma égua srd, com aproximadamente 6 anos, foi inovulada com embrião asinino de 8 dias, recebeu o mesmo manejo e reposição hormonal (Altrengest®, 5mL IM a cada sete dias) que as demais receptoras de embrião equino, com essa suplementação de progesterona, mantiveram níveis normais quando comparada as outras éguas. Aos 120 dias foi interrompida a suplementação hormonal como procedimento padrão dos programas de transferência de embrião em equinos, quando se utiliza a progesterona exógena. Após 2 dias, na avaliação convencional da gestação, com ultrassonografia, a placenta e demais estruturas estavam totalmente desprendidas da parede uterina, em razão disso não houve qualquer sinal de viabilidade fetal. Após 24 horas houve a expulsão do feto, o qual foi levado ao HV da UNESP-Botucatu, chegando ao Departamento de Reprodução Animall foi realizado a investigação e posteriormente encaminhado a Área de Patologia Veterinária onde passou por avaliação detalhada tanto do feto quanto da placenta. Frente à avaliação anatomopatológica somada as informações obstétricas e a dosagem de progesterona nos dias 0, 15, 30, 60, 90, e 120 de gestação, conclui-se que o aborto foi causado pela interrupção do tratamento com Altrengest®, não havendo a substituição da progesterona pelos envoltórios fetais devido a incompatibilidade entre as espécies.

Palavras-chave: Transferência de embrião; equus asinus; progestágeno

108. ABSCESSO APICAL EM POTRO DE 6 MESES DE IDADE

MAURICIO JOSE BITTAR*1; TATIANA YUMI MIZUCINA AKUTAGAWA2; JULIANA NASCIMENTO BITTAR1

1.BITTARVET VET. LTDA, RIO CLARO, SP, BRASIL; 2.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:bittarvet@uol.com.br

Resumo:

O Abscesso periapical é a infecção da região periapical dos elementos dentários vestibulares que afeta as raízes e os tecidos adjacentes, podendo atingir o alvéolo e a estrutura óssea, o que resulta na deformação da face. Esta patologia em pré-molares e molares é frequentemente causada pela impactação vertical do elemento dentário predispondo o dente à inflamação do tecido pulpar (pulpite) e consequente migração do foco bacteriano pela corrente sanguínea e/ou linfática para a região periapical (anacorese). Em animais jovens é associada ao período de mudas dentárias e às alterações de desgaste dentário, porém sua ocorrência em animais de até 1 ano ainda não foi

descrita. Neste relato, uma potra, Mangalarga Paulista, de 6 meses de idade apresentou aumento de volume severo no ramo horizontal direito da mandíbula, próximo a região do masséter. No exame clínico da cabeça foi observado aumento ósseo na hemiarcada 4, com dor à palpação e ausência de fístula externa. No exame da cavidade oral foi observada leve retração gengival na face vestibular do dente 808 (quarto pré-molar inferior direito decíduo), no qual foi identificada fistula periodontal com presença de exsudato mucopurulento. Na avaliação radiológica foi identificada extensa área de osteólise periapical (abscesso periapical) e, com o auxílio de sonda milimetrada, foi observada comunicação da fístula periodontal com o ápice dentário. Baseado no diagnóstico de infecçao periapical do dente 808, foi realizada exodontia intra-oral em estação. Para contenção química e analgesia foi utilizada tranquilização sob infusão contínua com Detomidina e Butorfanol e bloqueio perineural do ramo mandibular. Após a remoção do dente, foi realizada curetagem alveolar leve para evitar destruição do germe dentário permanente. No controle radiológico pós-cirúrgico foi observada total retirada de fragmentos. O curativo alveolar foi realizado com Alveolex® (Biodinâmica) e preenchimento com silicone de condensação para moldagem, com o intuito de evitar o acúmulo de matéria orgânica no interior do mesmo. Foi prescrita Doxiciclina oral 10mg/kg/BID por 20 dias, Flunixim meglumine 1,1mg/kg/SID por 03 dias e lavagem diária da cavidade oral com água corrente, solução de Digluconato de Clorexidine à 0,2% e salmoura. Após 01 semana foi retirado o silicone e realizadas lavagens diárias do alvéolo sob pressão, até completa cicatrização. Sugere-se que o abscesso periapical desta potra seja primário, ou seja, houve migração direta do foco bacteriano por anacorese e formação do abscesso apical, sendo posteriormente formado um trato fistuloso. Isto porque o animal apresentou diarréria infecciosa intensa aos 5 dias de idade e perdurou por 20 dias. Não há na literatura descrição de caso de abscesso apical por anacorese em animais dessa idade, sendo que o principal diagnóstico diferencial para aumentos ósseos mandibulares nessa idade são fraturas mandibulares traumáticas. Diante do exposto, destaca-se a importância da avaliação clínica e odontológica minuciosa e atenção para alterações radiográficas dentárias em casos como esse. Pelo fato de ser um dente decíduo, existe o risco do abscesso periapical ter destruído o germe do dente permanente (408); portanto, são necessários estudos radiológicos subsequentes da região para avaliar a formação do mesmo. Por não existir contato oclusal com o dente 508 foi recomendada a odontoplastia (ajuste oclusal) a cada 03 a 06 meses. Vale ressaltar a dificuldade para manuseio durante o procedimento cirúrgico deste caso, pois o espaço interno oral é reduzido devido à pouca idade do animal, exigindo do profissional muita prática, habilidade, paciência e equipamentos de extração intra-oral adequados para animais deste porte.

Palavras-chave: Odontologia; extração; intra-oral

109. ACIDENTE OFÍDICO CROTÁLICO EM EQUINO PRODUTOR DE PLASMA ESCORPIÔNICO NA FAZENDA SÃO JOAQUIM- SP – RELATO DE CASO

CAMILA COSTA CASON*1; AYMARA EDUARDA DE LIMA1; THAYNA KIKUCHI MONTEIRO1; DÁCIO DE CASTRO DIAS2; MICHELE CRISTIANE DE CAMARGO2; MÔNICA FREITAS SILVA2; RAFAELA SUEMI ARAKI BUENO1; LILIANE RAMOS DA ROCHA PEREIRA1; CESAR GRANER2; RONALDO AZEVEDO FERREIRA2

1.UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.INSTITUTO BUTANTAN, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:dacio.dias@butantan.gov.br

Resumo:

Acidentes ofídicos ocorrem com frequência em áreas rurais no Brasil. Os relacionados a animais do gênero Crotalus não são frequentes, pois esses ofídios preferem locais secos e pedrosos e só atacam quando excitados. São facilmente identificados por possuírem um guizo. Seu veneno tem ação neurotóxica, miotóxica, coagulante e nefrotóxica. Não há necrose aparente no local da inoculação, provoca rabdomiólise sistêmica e por isso o animal apresenta mioglobinúria, paralisia motora e respiratória. A ação neurotóxica é principalmente mediada pela crotoxina, que atua nas terminações nervosas e inibe a liberação de acetilcolina. Causa bloqueio neuromuscular, promovendo paralisias motoras. A ação miotóxica produz lesões nas fibras musculares esqueléticas, liberando mioglobina e enzimas que serão excretadas na urina. A ação coagulante é similar a da trombina promove o consumo de fatores de coagulação, promovendo incoagulabilidade sanguínea. Não apresenta trombocitopenia. Apesar das variações nos testes de coagulabilidade as alterações hemorrágicas são discretas. Ocasiona lesão tubular indireta e direta

devido à mioglobinúria. As manifestações clínicas em geral são tumefação e edema no local, dificuldade de preensão de alimento, alterações neurológicas, caracterizadas por "fáscies miastênica", evidenciadas por ptose palpebral, flacidez da musculatura da face e midríase. O efeito miotóxico, causa mialgias de aparecimento precoce. Pode ter alteração na coloração da urina devido à mioglobinúria. Nos exames laboratoriais, observamos aumento de creatina quinase (CK), aspartato amino transferase (AST) e variáveis níveis de leucocitose. O tratamento é baseado, na administração de soro antiofídico, além de soro antitetânico e antibioticoterapia de amplo espectro. Fluidoterapia também é necessária, garantindo hidratação adequada, melhora na perfusão renal e suporte cardiovascular. Alguns animais podem desenvolver anemia devido à coagulopatia e diátese hemorrágica, sendo indicada transfusão sanguínea. O objetivo deste trabalho é relatar o caso de acidente ofídico causado por serpente do gênero Crotalus em equino na fazenda São Joaquim, Instituto Butantan. Foi atendido na sede da Fazenda, em janeiro de 2017, um equino, macho, SRD, 9 anos, pertencente à tropa produtora de plasma escorpiônico. O animal estava isolado no pasto. À inspeção, apresentou dificuldade de deambulação, redução acentuada na fase de elevação nos membros posteriores, arrastando as pinças no solo e dificuldade em manter o equilíbrio. Estava apático, com edema evidente em região de focinho e lábios, hiperemia e edema em mucosa do lábio inferior (possível local da picada), ptose palpebral bilateral, diminuição dos reflexos oculares, ptose labial e "Head Tilt". Inicialmente, foi administrado Ringer Lactato (IV), e Flunixin Meglumine (IM), em seguida 100 ml de soro anticrotálico foram diluídos em 1L de Glicose 5% e administrados (IV) para o tratamento. Á micção, apresentou colúria. Possuía dificuldade na preensão, mastigação e deglutição. No exame laboratorial, apresentou leucocitose acentuada, aumento expressivo de AST e uréia. A terapia complementar foi composta de fluidoterapia com Solução fisiológica 0,9%, Ringer Lactato e Glicose 5% (BID, IV), Flunixin Meglumine (TID, IM) e Ceftiofur (SID, IM). Animal foi monitorado durante a recuperação. Apresentou melhora significativa, com remissão dos sinais clínicos, retorno gradual dos reflexos oculares e melhora na coordenação motora, a urina estava normocorada, além de melhora nos exames laboratoriais. Desta forma, o mesmo recebeu alta. Corroborando com a literatura, o paciente apresentou alterações neurotóxicas, miotóxicas e nefrotóxicas. O quadro clínico e histórico do local levou a um diagnóstico presuntivo de acidente ofídico crotálico. A resposta ao soro específico foi efetiva, ratificando a suspeita clínica, portanto a rápida identificação e instituição de tratamento são de suma importância em casos de acidentes ofídicos.

Palavras-chave: Crotálico; veneno; neurotóxico

110. ADAPTAÇÃO DA TÉCNICA DE REPULSÃO DE PRÉ-MOLAR PARA O TRATAMENTO DA DOENÇA PERIODONTAL ASSOCIADA À FRATURA DENTÁRIA E FÍSTULA MANDIBULAR EM EQUINO – RELATO DE CASO

MARIANA MARCANTONIO CONEGLIAN*1; RAMIRO DAS NEVES DIAS NETO2; HELOISA GODOI BERTAGNON3; SHARLENNE LEITE DA SILVA MONTEIRO3; HELCYA MIME ISHIY HULSE3

1.PUC PR, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL; 3.UNICENTRO, GUARAPUAVA, PR, BRASIL.

e-mail:mmconeglian@yahoo.com.br

Resumo:

A doença periapical (DP) é considerada uma das afecções mais graves dentro da odontologia equina, podendo evoluir para abscesso periodontal, com ou sem fistulação e fratura dentária levando a problemas de adaptação à embocadura, dificuldade na mastigação, emagrecimento progressivo e até cólicas por compactação. O Diagnóstico da DP é realizado através da anamnese e exame da cavidade oral associados à avaliação radiológica. A escolha do tratamento baseia-se no grau de acometimento dentário e condição geral do paciente. Diferentes terapias são propostas: tratamento conservativo, extração intraoral e até o procedimento cirúrgico, sendo a extração através da técnica de repulsão após trepanação a mais realizada e para a realização da trepanação é indicado a realização de anestesia geral. O objetivo deste trabalho é relatar um caso de DP em equino envolvendo o elemento dentário 407 associada à fratura deste e tratamento através da extração dentária por repulsão, porém sem a necessidade de trepanação. Foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Estadual do Centro-Oeste um equino macho castrado, de aproximadamente 4,5 anos apresentando há cinco meses um aumento de volume na borda ventral da mandíbula direita, de consistência dura acompanhado de uma fístula de onde drenava secreção purulenta. Ao exame

clínico o equino apresentava parâmetros vitais dentro da normalidade, porém sua condição corporal estava abaixo do ideal e ainda apresentava uma leve redução da motilidade intestinal. O exame da cavidade oral revelou mobilidade anormal do elemento dentário 407, acompanhada de fratura deste e acúmulo de alimentos entre os dentes 406 e 407. O exame radiográfico confirmou a fratura, acompanhada de doença periodontal e reabsorção de parte da raiz do dente 407. Uma sonda metálica foi introduzida na fístula mandibular e nova radiografia foi realizada, indicando que o trajeto fistuloso desembocava exatamente no centro do elemento dentário 407. Inicialmente foi realizada uma tentativa de extração intraoral com animal em posição quadrupedal sob sedação, porém o procedimento não foi efetivo. Instituiu-se, portanto tratamento conservativo através da lavagem da fistula mandibular e da cavidade oral com clorexidine 0,2% duas vezes ao dia por 5 dias e terapia antimicrobiana através da associação de Penicilina procaína e Gentamicina obtendo-se assim condição favorável para a cirurgia através da técnica de repulsão de pré-molares. O equino foi submetido à anestesia geral e posicionado em decúbito lateral, um espéculo bucal foi utilizado permitindo a introdução da mão da cirurgiã. Na técnica convencional realizaria-se a incisão da pele e periósteo sobre a área proposta de trepanação para após esta, com auxílio de um rebatedor, realizar a repulsão do dente. No caso aqui descrito, entretanto a trepanação não foi realizada e a própria fístula pré-existente foi utilizada, após curetagem, para a introdução do rebatedor e repulsão do dente, o que reduziu consideravelmente o tempo de cirurgia. Após a extração realizou-se nova curetagem e um rolo de gaze foi introduzido para impedir acumulo de alimentos no local, a gaze era trocada diariamente acompanhada de lavagens com clorexidine 0,2% intraoral e através da fístula, até o fechamento desta. A terapia antimicrobiana foi mantida por mais sete dias. Novas avaliações foram realizadas observando cicatrização completa da fístula mandibular aos 15 dias e recuperação da condição corpórea aos 45 dias. Nova avaliação após seis meses foi recomendada para correção das possíveis alterações decorrentes da ausência deste elemento dentário. Cuidado este que deverá continuar por toda a vida do animal. No presente relato a cirurgia de extirpação de pré-molar mandibular através de fístula pré-existente, mostrou-se eficiente reduzindo o tempo de cirurgia, e trazendo a tona uma possibilidade para a realização da técnica com o animal em posição quadrupedal, sob neuroleptoanalgesia, para isso novos estudos são necessários.

Palavras-chave: Odontologia equina; doença periapical; extirpação dentária

111. ADMINISTRAÇÃO INTRALESIONAL DE IODETO DE POTÁSSIO À 15% NO TRATAMENTO DA PITIOSE: RELATO DE CASO

JULIANA DE MOURA ALONSO*1; THIAGO YUKIO NITTA1; SANDRA DE MORAES GIMENES BOSCO1; MARCOS JUN WATANABE1; ANA LIZ GARCIA ALVES1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1

1.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:jumandril@hotmail.com

Resumo:

A pitiose é uma doença granulomatosa do tecido cutâneo e subcutâneo causado pelo oomiceto Pythium insidiosum. A presença de pitiose na região distal dos membros associada a um longo período de evolução apresenta um mau prognóstico. Relata-se o caso de um equino, fêmea, dois anos de idade da raça Mangalarga Paulista oriunda de propriedade com área de açude, apresentando ferida granulomatosa na região medial de metatarso esquerdo em seu terço distal associada à presença de prurido e sinais de automutilação. Ao atendimento foi relatado o aparecimento da ferida há três meses e descrita ausência de cicatrização e piora clínica após tratamento inespecífico realizado. Macroscopicamente observou-se a presença de ferida granulomatosa de aproximadamente 5x5 cm com trajetos fistulosos profundos apresentando secreção serosanguinolenta e a presença de concreções amareladas (Kunkers) entremeados à granulação. Apesar do aspecto clássico da ferida associado ao prurido intenso sugerir o diagnóstico de pitiose realizou-se a confirmação laboratorial microbiológica, onde foi observado a presença de hifas com identificação do agente. Devido a localização da lesão e tempo de evolução apresentado optou-se pela instituição de terapia associada consistindo na exérese da granulação seguida de termocauterização, administração diária oral de iodeto de potássio (67mg/Kg 60 dias) e infiltração com 60 mL de solução saturada de iodeto de potássio em água destilada à 15% na lesão, em aplicação única 48 horas após excisão cirúrgica. Considerado o mau prognóstico em casos de pitiose localizados abaixo de carpo e de tarso, optou-se pela associação terapêutica

com a infiltração local com iodeto de potássio, sendo que este procedimento nunca fora anteriormente descrito. A administração intralesional de iodeto resultou em necrose tecidual e aumento da lesão nas primeiras 72 horas após administração, entretanto, após este período observou-se progressiva cicatrização da ferida com epitelização total após 82 dias. Este caso sugere que o tratamento associado com a administração intralesional de iodeto de potássio tenha contribuído com a remissão da infecção, devendo-se evoluir nos estudos com este método terapêutico na busca da eficiência nos tratamentos da pitiose.

Palavras-chave: Cavalos; ferida; granulação

112. APLICAÇÃO DA TÉCNICA DOS TRÊS "L'S" EM FERIDA LACERANTE NA FACE DE DUAS POTRAS QUARTO DE MILHA

IOLANDA GEA KASSEM*1; MARIA INÊS GAY DA FONSECA AALLGAYER DIANO2; JULIA SAVIETTO FRATI3; MALVINA MARTINS PARRÉ4; LAURA LEANDRA HALINSKI1; LAURA BLAIR BAILEY5; DIEGO MELO DEMIER DE CARVALHO6; EDUARDO MALSCHITZKY7

1.RESIDENTE THERAPY4HORSES, PURCELL, ESTADOS UNIDOS; 2.THERAPY4HORSES, PURCELL, ESTADOS UNIDOS; 3.UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 4.FMVZ/UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 5.TEXAS TECH UNIVERSITY, LUBBOCK, ESTADOS UNIDOS; 6.CENTRO UNIVERSITÁRIO ANHANGUERA, NITEROI, RJ, BRASIL; 7.UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

e-mail:therapy4horsesestudos@gmail.com

Resumo:

Feridas são frequentes no atendimento clínico de equinos e também alvos de inúmeros estudos na Medicina Veterinária para a elaboração de técnicas que acelerem o reparo celular e que ainda promovam uma cicatrização de boa qualidade. A associação de métodos fisioterápicos junto ao manejo clínico de feridas tem apresentado grandes vantagens. A técnica dos Três "L's" foi instituída pela Therapy4Horses, no tratamento de feridas de difícil resolução em equinos. A sigla consiste da inicial de três procedimentos que a caracterizam: low friction, lasertherapy e Leptospermum scoparium, ou seja, baixa fricção, laserterapia e pomada à base de Leptospermum scoparium. A limpeza de feridas com soluções adequadas e com baixa fricção promove a manutenção da camada mais superficial da pele, facilitando o processo cicatricial. O LASER, com seu efeito fotobioestimulador, tem relação direta na síntese de ATP celular, na redução da inflamação e na estimulação da fase proliferativa da cicatrização. O metilglioxal, principal componente da pomada citada, possui propriedades anti-inflamatórias e antibacterianas potentes, comprovadas cientificamente, além de promover um ambiente adequado para a fase de reparo tecidual. Relatam-se os casos de duas potras da raça Quarto de Milha, de seis e sete meses de idade, que apresentaram uma ferida lacerante localizada na região de fronte e chanfro, com aproximadamente 12x10cm e 41x20cm de comprimento e largura, respectivamente. Além do alto grau de contaminação, as feridas apresentavam aspecto necrótico e exposição óssea. A paciente com a lesão de menor extensão ainda apresentava sinais clínicos de rodococose e leucocitose nos exames laboratoriais e, portanto, foram administrados antibióticos (Claritromicina – 750mg; Rifampicina – 500mg; BID, por 21 dias), protetor gástrico (Gastroguard®) e probiótico (5ml, Proviable®). Em contrapartida, a outra potra, foi tratada somente com a associação de sulfadiazina e trimetoprima (400mg, BID, por 10 dias) pela gravidade da lesão. Mesmo com a antibioticoterapia sendo iniciada antes da aplicação da técnica dos Três "L's", não foi observado controle da infecção no local da lesão e sua progressão em relação à cicatrização era lenta. No primeiro caso, a técnica fora realizada em quatro sessões, com intervalos de 10-15 dias e, no segundo caso, nove sessões com intervalos de 3-10 dias. Em ambas as pacientes, a região era mantida fechada com bandagem aderente durante esse período. O manejo das feridas era iniciado pela limpeza com gaze umedecida com solução de ácido hipocloroso a 0,0120%, realizada com baixa fricção, seguida pela laserterapia (LASER de He-Ne, classe IIIb, 904nm, 500mW, 1J/cm²) ao longo de toda a extensão da lesão e, finalizado, pela aplicação da pomada à base de Leptospermum scoparium e recobrimento com gaze e bandagem elástica. Com a rápida epitelização, o recobrimento ósseo fora observado, nestes casos, a partir da segunda sessão. Após, aproximadamente, 33 dias do início da aplicação da técnica, as feridas se apresentavam cicatrizadas. Com isso, conclui-se que a utilização da técnica dos Três "L's" mostrou-se benéfica no reparo de feridas, promovendo um tecido cicatricial de boa qualidade e sem a ocorrência de complicações durante

as terapias.

Palavras-chave: Lesão cutânea; equino; leptospermum scoparium

113. APLICAÇÃO DO PLASMA RICO EM PLAQUETAS (PRP) EM FERIDA ACOMETIDA DE DEISCÊNCIA APÓS LAPAROTOMIA EXPLORATÓRIA EM EQUINO: RELATO DE CASO

MARIANA LOPES DA CONCEIÇAO*1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; MARILIA FERRARI MARSIGLIA1; ANA LIZ GARCIA ALVES1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; BETSABÉIA HELOÍSA GENTILHA MILANI1; MARCOS JUN WATANABE1

1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:mari.lopesc@hotmail.com

Resumo:

O plasma rico em plaquetas (PRP) consiste em uma alta concentração de plaquetas em um pequeno volume de plasma, sendo, em média, quatro vezes maior que a concentração sérica. Quando ativadas, as plaquetas liberam fatores de crescimento e proteínas que residem no seu interior em grânulos (grânulos densos, lisossomos e alpha grânulos). Há dezenas de fatores de crescimento, entre os quais destacam-se o TGFβ (transforming growth factor) e PDGF-BB (platelet-derived growth factor, VEGF (vascular endothelial growth factor) e EGF (epidermal growth factor). Tais fatores ligam-se aos seus receptores transmembrânicos na superfície de células locais ou circulantes, iniciando, assim, a expressão de proteínas responsáveis por quimiotaxia, angiogênese, síntese de matriz extracelular, diferenciação celular e proliferação, que ampliam o poder de reparação tecidual. Dessa forma, a liberação de fatores de crescimento em uma região lesada promove o aumento da permeabilidade vascular, permitindo que células atraídas quimicamente pela inflamação (principalmente leucócitos) e pelos fatores degranulados pelos alpha grânulos (quimiotaxia) possam realizar transposição através do endotélio rumo ao foco acometida. Além de glóbulos brancos, diversas outras células, como células-tronco mesenquimais adultas, osteoblastos, fibroblastos, células endoteliais e epidermais expressam receptores de membrana para os fatores de crescimento degranulados pelas plaquetas. A habilidade de reparar feridas cutâneas após injúria é essencial para a sobrevivência. Em equinos, feridas acima de carpo e tarso tendem a cicatrizar rapidamente e sem complicações. Foi atendido no Hospital Veterinário da UNESP campus de Botucatu, um equino de 10 meses de idade, fêmea, da raça quarto-de-milha apresentando desconforto abdominal agudo. O animal foi encaminhado para laparotomia exploratória, no qual foi diagnosticado compactação de cólon maior e menor. Após o procedimento cirúrgico, o animal passou a apresentar peritonite, sendo realizado antibioticoterapia. Por apresentar dor devido à peritonite, o animal passou a ficar em decúbito esternal por longos períodos de tempo, havendo contaminação da ferida cirúrgica com deiscência. Dessa forma, realizou-se a duas aplicações de PRP nos bordos da ferida, havendo um resultado satisfatório, uma vez que houve proliferação de tecido de granulação e maior coaptação dos bordos. O protocolo para obtenção do PRP consistiu em duas centrifugações (300g por 5 minutos e 700g por 17 minutos) e dois repousos (30 e 40 minutos). Concluiu-se que o plasma rico em plaquetas foi efetivo em acelerar o processo de reparação e, além disso, auxiliou no combate à infecção, uma vez que o tecido de granulação tem como característica ser resistente à infecção.

Palavras-chave: Plasma rico em plaquetas; equinos; reparação tecidual

114. ARANEÍSMO EM EQUINO DA ESCOLA DE EQUITAÇÃO DO EXÉRCITO

CARINE RODRIGUES PEREIRA*1; BRUNA MACHADO AMARAL ROSA2; DANIELA CRISTINA MATOSO E SILVA2; VANESSA COSTA DE LIMA2

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS, ITAUNA, MG, BRASIL; 2.ESCOLA DE EQUITAÇÃO DO EXÉRCITO, RIO DE JANEIRO, RJ, BRASIL.

e-mail:rpcarine@gmail.com

Resumo:

No Brasil, os acidentes causados por aranhas, denominados araneísmo, são provocados principalmente por três gêneros: Phoneutria (armadeira), Loxosceles (aranha-marrom) e Latrodectus (viúva-negra). No acidente com aranhas do gênero Phoneutria há dor, edema, parestesia e sudorese. Já a lesão cutânea do loxoscelismo caracteriza-se por eritema e edema, dor, febre, equimose, palidez (placa marmórea) e necrose seca ulcerada de difícil cicatrização. O componente mais importante do veneno é a enzima esfingomielinase D que atua sobre as membranas celulares, gerando ativação das cascatas do sistema complemento, coagulação e plaquetas, provocando intensa reação inflamatória local acompanhada de edema, hemorragia e necrose focal. A forma cutânea visceral do loxoscelismo é rara, com hemólise intravascular e insuficiência renal aguda. No latrodectismo há dor, sudorese, ptose e contraturas musculares. Um equino com alto desempenho na modalidade salto, de propriedade do Exército Brasileiro e estabulado em baia na Escola de Equitação do Exército, apresentou um quadro clínico de dor caracterizado por sudorese, frequência cardíaca de 70 bpm, claudicação grau 4, edema no membro pélvico direito (MPD) na articulação metatarsofalangeana e pico febril de 40°C. Após dois dias de tratamento, ocorreu uma fistulação na face plantado-lateral da articulação metatarsofalangeana do MPD com conteúdo sero-sanguinolento. O tratamento adotado preconizava a limpeza das feridas e remoção do tecido morto diariamente, além de alternâncias e combinações entre Flunixin Meglumine, Fenilbutazona, 1,1 mg/kg e Meloxicam 0,6 mg/kg por via intravenosa (IV), duas vezes ao dia (BID), durante uma semana. Também foram realizadas massagens tópicas com Dimetilsulfóxido, Dexametasona, Prednisolona e Lidocaína para otimizar a analgesia e absorção dos medicamentos. Utilizou-se o Omeprazol a fim de evitar úlceras gastrointestinais. O tratamento com antibióticos foi à base de Estreptomicina e Penicilinas Procaína e Benzatina 8.000 UI/kg IV uma vez ao dia (SID) nos três primeiros dias, sem evolução significativa. Nos dez dias seguintes utilizou-se Sulfonamida e Trimetoprina 13 mg/kg IV SID, concomitante à lavagem da ferida com Clorexidine, solução de Gentamicina a 10% e aplicação de pomada à base de Sulfato de Gentamicina, Sulfanilamida, Sulfadiazina, Uréia e Vitamina A. No vigésimo dia todo o espaço morto causado pela necrose já havia sido preenchido por tecido de granulação e fibrina. Um mês após a fistulação, o animal começou a ser exercitado novamente em caminhadas diárias de 15 minutos com ligas de proteção. O diagnóstico de loxoscelismo foi realizado clinicamente por meio dos sintomas e características das lesões de aspecto necrótico com áreas pálidas desvitalizadas, mescladas às áreas isquêmicas e posteriormente ulcerativas e secas. Não foi utilizada nenhuma técnica diagnóstica de imagem. O tratamento foi realizado durante 145 dias até total cicatrização da ferida. Atualmente o equino participa de competições de salto sem apresentar sequelas decorrentes do araneísmo. O diagnóstico definitivo é realizado pela detecção do veneno no soro do animal através do método ELISA, com elevada especificidade e sensibilidade, porém pouco utilizado na rotina clínica. Apesar da recuperação satisfatória do equino, o prognóstico ao início do tratamento era reservado pela importância da região anatômica atingida pela picada, em que estruturas nobres como tendões e ligamentos poderiam ser acometidas e comprometer a recuperação do animal. O soro antiaracnídico tem sua eficácia reduzida após 36 horas da inoculação do veneno e devido à dificuldade de se diagnosticar o araneísmo em equinos dentro deste período, esta alternativa de tratamento não é comumente utilizada. Com base nos resultados obtidos, sugere-se o uso de antibióticos de amplo espectro, antiinflamatórios não esteroidais, remoção do tecido morto e limpeza diária das feridas como tratamento de escolha nos casos de loxoscelismo.

Palavras-chave: Araneísmo; loxoscelismo; loxosceles sp.

115. ATENDIMENTO EMERGENCIAL EM LACERAÇÃO DE PESCOÇO GRAU III COM COMPROMETIMENTO VASCULAR: RELATO DE CASO

PRISCILA APARECIDA DOS SANTOS*1; FERNANDA FONSECA1; ALFREDO SARACENI BASILIO1; LETICIA RAMALHO IZZO1; GABRIEL VINICIUS RIOS ARANTES1; WAGNER APARECIDO DE OLIVEIRA MOTA1; PEDRO HENRIQUE PINTO1; VERENA HILDEGARD GYÁRFAS WOLF1; FRANCISCO ANTÔNIO DE TOLEDO MELLO NETO1; ALEX EDUARDO ALVES MARTINS1

1.FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ENSINO SUPERIOR DE BRAGANÇA PAULISTA - FESB, BRAGANÇA PAULISTA, SP, BRASIL.

e-mail:priscila-ap-santos1@hotmail.com

Resumo:

A cicatrização da pele é alvo de diversos estudos, principalmente na área clínica, científica e econômica, devido a grande ocorrência de feridas causadas por traumas na espécie equina. Os equinos apresentam atitudes de fuga, resultando em respostas rápidas a qualquer estímulo de perigo, levando a ações traumáticas externas, como lesões por arame farpado ou liso, podendo gerar grandes quadros de lacerações e hemorragias. Para tanto, é necessária a ação rápida para o controle desse sangramento, restabelecendo as funções cardiovasculares do paciente, principalmente em casos onde há o comprometimento de vasos calibrosos e formação de feridas extensas. Normalmente essas são tratadas por segunda intenção, pois apresentam características como, bordos distantes e em aposição ou ainda se apresentam contaminadas por agentes infecciosos ou corpos estranhos, além de apresentar um custo benefício bastante satisfatórios. Existem diversos métodos terapêuticos utilizados para o tratamento dessas feridas, porém a maioria resulta em retardo da cicatrização e tecido de granulação exuberante. Um equino, macho, da raça Mangalarga Marchador, com 4 anos de idade, pesando 350 kg, deu entrada no Hospital Veterinário Dr. Bernardo Aronovich- HVET FESB, no mês de Janeiro de 2017, apresentando um quadro hemorrágico devido a uma lesão de descontinuidade na região peitoral de aproximadamente 50 cm de comprimento e 20 cm de diâmetro. Na anamnese relatou-se que a lesão foi provocada por arame liso, sendo identificada aproximadamente 4 horas depois do ocorrido. Ao exame clínico os parâmetros se apresentavam dentro da normalidade. Optou se por sedação do paciente para a realização da hemostasia com compressas, ligadura de vasos acometidos e debridamento da ferida. Devido à localização da lesão, extensão e contaminação local não foi possível suturar os bordos da ferida, optando-se pelo fechamento por segunda intenção. Dentre a terapia instituída empregou se o uso de ácido tranexânico 15 mg/kg, sulfadoxina com trimetoprim 15 mg/kg, Flunixina meglumina 1.1 mg/kg. Foi realizada a limpeza do local com clorexidina 2%, pomada Furanil® associado ao Unguento Chemitec®, carvão ativado, açúcar, Barbatimão, soro autólogo e curativo local, utilizando-se malha tubular e compressa, durante o período de internação. Animal retornou a propriedade três dias após o seu ingresso, continuando o tratamento tópico instituído, até a completa cicatrização da ferida. Foi prescrito Sulfametoxazol e Trimetoprim 25 mg/kg. Após três meses do início do tratamento, houve redução significativa dos bordos da ferida. Com isso um bom atendimento emergencial incluindo a contenção de danos imediatos e tratamento adequado de uma ferida extensa, auxilia e favorece com que o prognóstico do paciente seja favorável.

Palavras-chave: Laceração; hemorragia; arame liso

116. ATIVIDADE ANTIFÚNGICA DE ÓLEOS ESSENCIAIS SOBRE CANDIDA SP. ISOLADA DO ÚTERO DE ÉGUA

GUILHERME NOVELLO*1; GABRIEL VICTORIA MARTINS1; RAQUELI TERESINHA FRANÇA1; RAFAEL DOS SANTOS BANDEIRA2; GABRIEL FERNANDES PAULETTI1; ANA PAULA LONGARAY DELAMARE1; FERNANDO P LISBOA1

1.UCS, SAO MARCOS, RS, BRASIL; 2.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:guiganovello@hotmail.com

Resumo:

A endometrite é a principal causa de infertilidade em éguas e é causada principalmente por bactérias e fungos. Os fungos são microrganismos oportunistas, e os fatores predisponentes para seu desenvolvimento são queda da imunidade, desequilíbrio da flora vaginal pelo uso indiscriminado de antibióticos e má conformação vulvar. Devido a isso, é comum que a endometrite fúngica tenha caráter crônico. Os principais agentes causadores de endometrite fúngica são Aspergillus sp. e Candida sp.. Os tratamentos incluem lavagens uterinas, infusão de substâncias antissépticas, administração oral e intra-uterina de agentes antifúngicos, entre outros. No entanto, é importante isolar o agente causador e realizar testes de sensibilidade específicos. O objetivo deste trabalho é testar o efeito antifúngico in vitro de óleos essenciais como alternativa de tratamento para uma endometrite fúngica o qual não se obteve sucesso em tratamento convencional in vivo. Foram obtidos óleos essenciais de Alecrim (Rosmarinus officinalis) e Capim Cidreira (Cymbopogon citratus) através do método de extração por hidrodestilação por aparelho tipo Clevenger por uma hora (100g de plantas desidratadas). O fungo foi isolado do útero de uma égua da raça

Crioula, com 24 anos e histórico de 8 anos de infertilidade. Para o isolamento foi colhido swab uterino durante o estro com coletor Provar®, e a amostra obtida foi acondicionada em meio de transporte Stuart, sendo enviada ao laboratório ainda no mesmo dia. A citologia foi realizada com coletor citológico Provar®, e o esfregaço fixado e corado com Panótipo Rápido®. Na avaliação citológica foi constatada uma quantidade expressiva de leveduras, não sendo observada a presença de hifas. Na avaliação microbiológica, observou-se crescimento significativo de Candida sp. após 48 horas de incubação, não havendo crescimento bacteriano concomitante. Após a confirmação do diagnóstico, foi instituído tratamento com aplicação oral de 1g de fluconazol SID, iniciando no meio do estro, até o dia da colheita do embrião (D8), totalizando 10 dias de tratamento. Além disso, foram realizadas 2 infusões contendo 1,5 x 106 UI de Nistatina em dias alternados durante o cio, interrompendo o tratamento 2 dias antes da ovulação. Não foi possível recuperar embrião neste ciclo, por isso foi realizada nova avaliação microbiológica no ciclo seguinte. Na segunda avaliação constatou-se que o tratamento não surtiu efeito, já que foram observadas leveduras na citologia e novamente o agente patológico foi isolado. Para a determinação do percentual de inibição (PI) dos óleos frente à Candida sp., foi realizado teste de diluição em microplacas associado à leitura espectrofotométrica. Para o cálculo do PI, as leituras densitométricas das amostras com óleo foram comparadas com o crescimento na ausência deste, e expressas na forma de percentual, considerando PI superior ou igual a 90% como concentração inibitória mínima (CIM). Foram testadas as concentrações 10; 5; 2,5; 1,25; 0,625; 0,3125; 0,1562 e 0 µL/mL de óleo. Ambos os óleos na concentração de 10 µL/mL foram efetivos no controle do agente, apresentando PI de 100%. As demais concentrações demonstraram potencial inibitório, porém não foram suficientes para atingir a CIM. Caso fosse considerado a concentração inibitória média (CI50), todas as concentrações testadas de ambos os óleos seriam eficazes para o controle de pelo menos 50% do crescimento fúngico. Através destes resultados pôde-se concluir que o óleo de Alecrim e Capim Cidreira possuem propriedades antifúngicas, demonstrando potencial para o controle de fungos causadores da endometrite em éguas. No entanto, outras pesquisas estão sendo conduzidas para avaliação do efeito da aplicação in vivo destas substâncias.

Palavras-chave: Endometrite fúngica; candida sp.; fitoterápicos

117. AVULSÃO PARCIAL DE CASCO EM EQUINO, COM CRESCIMENTO LAMINAR EM APARENTE FLUXO ASCENDENTE

LUIZA DE SIQUEIRA ALMEIDA REIS*1; RITA DE CASSIA CAMPEBELL1; ANTONIO CARLOS LOPES CÂMARA1; ANTONIO RAPHAEL TEIXEIRA NETO1; CRISTIANE DA SILVA PEREIRA1; GUSTAVO PEIXOTO BRAGA1; IGOR LOUZADA MOREIRA1; CAMILA OSSE DE SOUZA1; CRISTIANO SILVA BOUÉRES1; ANNA BEATRIZ VELTRI PENEIRAS1; JULIO RAFAEL DE MELO PEREIRA1

1.UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASILIA, DF, BRASIL.

e-mail:luiza.siqueira00@gmail.com

Resumo:

A avulsão do casco é descrita com uma laceração aguda ou ocasionada por lesões crônicas por traumas repetitivos, podendo ser completa, com perda total dos tecidos ou incompleta, na qual uma borda do casco permanece intacta. A parede do casco, região coronária, sola, falange distal, lâminas e a articulação interfalangeana distal podem estar envolvidas. Neste trabalho relata-se o caso de um equino, SRD, macho, adulto, de aproximadamente 15 anos e com 285kg, encaminhado ao Hospital Veterinário por uma ONG, por ter sido abandonado, apresentando ferida com secreção purulenta, tecido necrosado e avulsão na porção dorsal da pele e região coronária, do membro pélvico direito, além de edema da região distal a articulação metatarso falangeana e claudicação. Na avaliação física, imediatamente observou-se extensiva lesão traumática no casco do membro pélvico direito, com significativa perda de parte da muralha do mesmo, em aspecto predominantemente dorsal, apresentando tecido ulcerativo e necrótico, com incrustações compactas e de odor fétido, presença de miíase na sola e claudicação de grau 5. O exame radiográfico realizado nas projeções dorso-plantar e látero-medial no membro acometido revelou completa desconfiguração com radiopacidade da terceira falange, perda de definição de suas margens, bem como do sesamóide distal, além de reação periosteal com perda de contornos parciais da falange média e bordas sem definição na falange proximal. O tratamento clínico envolveu limpeza do ferimento com PVPI diluído (1:100) e aplicação

tópica de nitrofural com açúcar, seguido de bandagem compressiva diária, bem como o ferrageamento corretivo oval do casco acometido. Foi utilizada fenilbutazona 4,4mg/kg IV, com intervalos de 24h, totalizando 4 aplicações; gentamicina 6,6mg/kg IV, com intervalos de 24h, totalizando 5 aplicações e benzilpenicilina benzatina 30.000 UI/kg IM, com intervalos de 48h, totalizando 3 aplicações. Adicionalmente, optou-se por realizar o debridamento do tecido necrótico contaminado, permitindo drenagem adequada, seguido de perfusão intravenosa regional. Nesta técnica, um torniquete foi colocado proximalmente à estrutura infectada, de forma que possibilitou a permanência do fármaco na região acometida ao se ocluir o fluxo venoso, difundindo-o aos tecidos distais do membro. Infundiu-se lentamente na veia safena a associação de 25mL de gentamicina com 25mL de sulfóxido de dimetilo (DMSO), diluídos em 250 mL de solução isotônica, durante aproximadamente 5 minutos, mantendo-se o torniquete por 30 minutos após a infusão da solução. A terapêutica aplicada associada à abordagem cirúrgica promoveu evolução satisfatória da ferida podal, com a progressiva eclosão do estojo córneo em direção oposta ao que é comumente observado, isto é, a cicatrização adquiriu uma oclusão advinda da região distal, próxima à pinça do casco em direção à coroa, adquirindo fornecimento constante de novas células na região lamelar, gerando um aparente fluxo laminar ascendente, provavelmente devido ao fornecimento constante de novas células na região lamelar, gerando epitelização e remodelação do córium, promovendo considerável diminuição de secreção e redução da claudicação para grau 3. Após 60 dias de tratamento, numa nova avaliação radiográfica, pôde-se constatar início de processo anquilótico entre as falanges. A recuperação completa ou incompleta da avulsão, com perda parcial da cápsula do casco baseia-se na epitelização e reorganização do córium, mais do que uma contração do mesmo, tornando a restauração capsular mais demorada (de 3 a 5 meses). Entretanto, a histopatologia do tecido de queratinização em possível fluxo laminar ascendente será necessária para classificar apropriadamente o prognóstico da afeccção e informar se, de fato, a recuperação da avulsão do casco será completa ou não, de forma a possibilitar a manutenção da qualidade de vida do animal.

Palavras-chave: Laceração; reação periosteal; perfusão regional

118. AZOOSPERMIA EM GARANHÃO - RELATO DE CASO

FERNANDO P LISBOA*1; GUILHERME NOVELLO1; RAQUELI TERESINHA FRANÇA1; RAFAEL DOS SANTOS BANDEIRA2; GABRIEL VICTORIA MARTINS1

1.UCS, CAXIAS DO SUL, RS, BRASIL; 2.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:pxlisboa@gmail.com

Resumo:

O termo azoospermia significa ausência de espermatozoides no ejaculado, podendo ser dividida em secretora ou excretora. As causas variam entre problemas no trânsito espermático, incluindo obstruções de ampola, granulomas, falhas no processo ejaculatório ou ejaculação retrógrada, e problemas na espermatogênese, como degeneração ou hipoplasia testicular. O objetivo deste trabalho é relatar um caso de azoospermia em um garanhão de 3 anos da raça QM com histórico de infertilidade. Após inúmeras coberturas aos 2 e 3 anos de idade sem resultar em prenhez, o garanhão foi encaminhado para investigação clínica detalhada. Após sua chegada, o animal passou por exame específico do aparelho reprodutor, onde observou-se testículos de tamanho reduzido e consistência flácida, os quais permaneciam constantemente encostados no corpo do indivíduo em função de um aparente encurtamento dos cordões espermáticos. Não foram observadas alterações na palpação retal e avaliação ultrassonográfica. Na primeira colheita de sêmen o garanhão apresentou boa libido. No entanto, ao final do reflexo ejaculatório, percebeu-se desconforto do animal, sendo observados poucos pulsos uretrais e um movimento de cauda atípico, sugerindo falha na ejaculação. O resultado do ejaculado foi um liquido de aspecto aquoso, com 13 ml de volume e ausência de espermatozoides na avaliação microscópica. Após a colheita do sêmen, observou-se que os testículos não estavam na bolsa escrotal, permanecendo assim até 2 horas após o procedimento. Devido a esta constatação, o garanhão foi observado com frequência nos dias subsequentes, sendo confirmado que durante longos períodos do dia os testículos não se encontravam na bolsa escrotal. Visando descartar problemas ortopédicos que ocasionem dor e que possam interferir na ejaculação, foi realizada avaliação clínica criteriosa do aparelho locomotor do indivíduo, a qual não demonstrou alterações. Após a avaliação clínica, outra coleta foi realizada, sendo observado um quadro

semelhante ao anterior. Na tentativa de identificar o tipo de azoospermia, o líquido coletado na segunda coleta foi encaminhado ao laboratório para determinação da atividade da Fosfatase Alcalina (FA). Essa enzima é produzida nas células do testículo e epidídimo, portanto níveis inferiores a 100 UI/l no ejaculado indicam que houve falha na ejaculação. A concentração de FA encontrada foi de 11.221 UI/l, o que confirma uma azoospermia secretora, ou seja, devido a problemas na espermatogênese. Para confirmar as condições da produção espermática do indivíduo, foi realizada citologia aspirativa com agulha fina (CAAF), onde foi observado predomínio de células de Sertoli e poucas células da linhagem espermática. Em avaliações histopatológicas de quadros severos de degeneração testicular é possível observar um elevado número de células de Sertoli em relação às demais células da linhagem espermática. Neste caso, a ausência de histórico de fertilidade associada aos achados citológicos confirma que a causa da azoospermia deste animal se deve a degeneração testicular. Na tentativa de reverter o quadro de degeneração, optou-se pela realização de um tratamento a base de nutracêutico (Botumix Garanhão Plus®), pentoxifilina (4g/dia) e Gestran Plus® 0,05mg/dia durante 60 dias, além de 2 coletas de sêmen semanais. Para o acompanhamento do tratamento realizou-se CAAF nos momentos 30 e 60 dias de tratamento, visando avaliar o desenvolvimento das células da linhagem espermática. O quadro de azoospermia se manteve durante todo o tratamento, assim como o tamanho testicular e comprimento do cordão espermático. Os achados citológicos foram semelhantes à primeira colheita. De acordo com os achados da avaliação andrológica, foi diagnosticado um quadro de azoospermia secretora em função de uma degeneração testicular possivelmente causada pelo encurtamento do cordão espermático. Devido ao fundo genético da patologia, a recomendação foi castrar o garanhão.

Palavras-chave: Azoospermia; degeneração; hipoplasia

119. BOTA ORTOPÉDICA DE SILICONE DE CONDENSAÇÃO NO TRATAMENTO DE LAMINITE CRÔNICA

ALVARO DE PAULA LAGE DE OLIVEIRA*1; CAHUE FRANCISCO ROSA PAZ1; BRUNO DONDONI DONDONI MALACARNE1; LETICIA OLIVEIRA COTA1; ISABELA WINTER1; ISABELLE MARINA COLEN FONSECA1; ANA LUIZA PEREIRA FERREIRA1; JOSÉ HENRIQUE SARAIVA BORGES2; RAFAEL RESENDE FALEIROS1

1.UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 2.PRONTOEQQUS, CAMPO GRANDE, MS, BRASIL.

e-mail:isabellecolen@gmail.com

Resumo:

O realinhamento da superfície solear da falange distal com o solo é hoje um procedimento padrão para o tratamento da laminite crônica em equinos. Para tanto utiliza-se ferradura ou tamanco de madeira associado ao uso de massa de silicone de condensação, para o preenchimento solear. O objetivo é descrever o uso do silicone de condensação para confecção de uma bota ortopédica que dispensa a fixação na muralha do casco. Atendeu-se um garanhão Quarto de Milha (19 anos de idade) com laminite crônica. Tanto no membro torácico direito (MTD) como no membro torácico esquerdo (MTE), observou-se rotação palmar da falange distal em relação à parede do casco, em aproximadamente 20º no MTE e de 24º no MTD, com necrose e infecção da região da pinça solear e de linha branca. Realizou-se tenotomia seguida de remoção de todo material necrótico e colocação de tamanco de madeira com extensão palmar em ambos os membros. Instituiu-se antibioticoterapia sistêmica com gentamicina (6,6mg/kg/IV/SID) Penicilina (20000UI/kg/IM/SID) e fenilbutazona (2,2mg/kg/IV/SID) no pós-operatório. O controle da dor crônica foi feito com amitriptilina (1mg/kg/VO/BID), gabapentina (1,2mg/kg/VO/SID), cetamina (0,3mg/kg/SC/TID) e firocoxibe (0,1mg/kg/VO/BID). A limpeza diária dos cascos foi realizada com antissépticos. Com 90 dias era notável o crescimento do casco e já não era necessária a extensão palmar, entretanto pontos de infecção solear persistiam e a muralha não mais permitia a fixação do tamanco. Com isso, optou-se pela confecção da bota ortopédica de silicone de condensação, moldada de forma a cobrir a superfície solear (2 cm de espessura), os talões e o terço distal da muralha do casco mantendo o alinhamento da falange distal paralelamente ao solo. Para fixação da bota no casco utilizou-se ataduras de crepom recobertas por fita adesiva, facilitando a limpeza diária do casco. O paciente adaptou-se bem à órtese, sendo capaz de caminhar com facilidade e permitir a realização de coletas de sêmen. Concluí-se que a utilização da bota ortopédica facilita a limpeza diária, além de proporcionar conforto ao equino sem a necessidade de fixação na muralha do casco como para tamanco e ferradura.

Palavras-chave: Cavalo; tamanco de madeira; tenotomia

120. CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS EM PREPÚCIO DE EQUINO

LUANE CAMARGO ZENI*1; PEDRO LARA1; EROS LUIS DE SOUSA1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1; LUCIANA DORIA RIBEIRO CABRAL1

1.PUCPR, CURITIBA, PR, BRASIL.

e-mail:luanezeni@yahoo.com.br

Resumo:

Dentre as neoplasias epiteliais, o carcinoma de células escamosas (CCE) é a mais comum em equinos machos, pois se registra como a principal neoplasia do pênis e prepúcio em animais castrados, de qualquer idade, não necessariamente de origem metastática. A região despigmentada e desprovida de pêlos são fatores que auxiliam no aparecimento do CCE e os sintomas se agravam com o efeito da radiação solar. O primeiro sinal clínico é a dermatose solar, a qual ao evoluir, na neoplasia se observa eritema, edema e descamação seguidos de formação de crostas e adelgaçamento da epiderme e subsequente ulceração. Com o tempo o tumor invade a derme e as áreas tumorais se tornam mais firmes, as ulceras aumentam de tamanho e profundidade. O diagnóstico é realizado através do exame histopatológico e o tratamento adequado é a excisão cirúrgica da neoplasia quando localizado no prepúcio. O presente caso, objetivou analisar e comparar a eficácia de diferentes tratamentos para o carcinoma de células escamosas na região do prepúcio de equinos. Um equino, macho, 18 anos, sem raça definida, tordilho, foi atendido na Unidade Hospitalar de Animais de Fazenda – PUCPR. Ao exame físico, o animal não apresentou alterações nos parâmetros fisiológicos. Durante a inspeção do prepúcio, pode-se perceber grande massa na parede interna de aproximadamente 12 cm de largura e 7 cm de profundidade, com consistência firme e aspecto ulcerativo com presença de secreção sanguinolenta e purulenta, além do odor fétido. Foi estabelecido ao animal o tratamento com antibiótico por 10 dias e anti-inflamatório durante 6 dias. No 6º dia de tratamento, o animal foi submetido à criocirurgia peritumoral, com nitrogênio líquido, sob anestesia geral intravenosa. Foi retirado um fragmento para biópsia histopatológica, a qual posteriormente confirmou-se a suspeita de CCE. Desde então, o animal iniciou tratamento com Firocoxib por 10 dias e curativo diário com clorexidina 2% e água, pomada tópica nitrofural e spray repelente. Após 8 dias da realização da criocirurgia, foi feito o debridamento da ferida ulcerada, com auxílio de bisturi, pois seu aspecto era de tecido necrótico, reavivando assim toda a lesão. Em seguida, foi aplicado nitrogênio líquido e seguiu com o mesmo tratamento proposto. Observou-se no 15º dia, que houve mínima regressão no tamanho da massa tumoral e pouca melhora no aspecto macrológico, porém como se trata de tumor indicou-se exérese total da massa. Após 4 meses, o cavalo retornou ao hospital e observou-se que houve proliferação da massa tumoral no prepúcio, apresentando 20 cm de comprimento e 15 cm de profundidade atingindo até a musculatura retoabdominal. Sendo assim, foi proposto um tratamento de quimioredução, com Cisplatina, da massa para posteriormente realizar a excisão cirúrgica do tumor. Alguns autores descrevem o CCE como a neoplasia que ocorre com mais frequência no pênis e prepúcio assim como nas junções muco cutâneas, sendo na sua maioria malignos, assim como no caso exposto. Compreende-se também que o CCE é um tumor invasivo e de alto índice de recorrência. Os CCE são evidenciados como pequenos tumores, onde o estágio inicial do desenvolvimento dessa neoplasia em animais castrados é um processo inflamatório em forma de placas, que fica evidenciada na região da reflexão prepucial, área essa delimitada pela dobra da pele que invagina e não é visualizada externamente, porém nos quadros mais avançados, podem afetar áreas maiores do revestimento prepucial com lesões adjacentes ao pênis. Existem várias modalidades de tratamento para o CCE, incluindo a cirurgia nos quadros onde o tumor possui tamanho superior a 1 cm, a criocirurgia indicada para neoplasmas superficiais e não invasivos, a radiação ionizante, a quimioterapia e a terapia fotodinâmica. Por se tratar de um tumor maligno e altamente invasivo, deve-se atentar ao uso de técnicas adjuvantes juntamente com a excisão cirúrgica, correlacionando assim uma menor taxa de recidiva.

Palavras-chave: Neoplasia; cavalo; prepúcio

121. CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS OCULAR EM EQUINO

CAMILA DA SILVA FERREIRA*1; MARIANA MOTTA DE CASTRO1; CARLOS EDUARDO WAGNER1; AMANDA PILETTI1; WERICSSON DA SILVA BORGES1; SERGIO FREIRE DOS SANTOS JUNIOR1; CRISLAINE MONTIEL SPONCHIADO1; LUANA DOMINGOS DE SOUZA1

1.FACULDADE ANHANGUERA DOURADOS MS, DOURADOS, MS, BRASIL.

e-mail:camilavetufms@hotmail.com

Resumo:

O carcinoma de células escamosas (CCE) caracteriza-se por neoplasia maligna de células epidérmicas que tendem a se diferenciar em queratinócitos. Uma das principais causas predisponentes é a exposição prolongada a luz ultravioleta. Despigmentação da pele, papiloma vírus tipo 2 e ausência ou rarefação de pêlos também são fatores que predispõe ao desenvolvimento do carcinoma. As formas mais comuns quanto a localização são os da cabeça e órgãos genitais. São comuns casos de recidivas pós cirurgias que estão relacionadas aos casos de maior gravidade e com metástases. O objetivo deste trabalho foi relatar um caso de carcinoma de células escamosas no olho de uma égua Quarto de Milha utilizando como tratamento a opção cirúrgica. Foi atendida no Hospital Veterinário da Faculdade Anhanguera de Dourados MS uma égua Quarto de Milha, idade de 8 anos, pelagem alazão e frente aberta, com nódulo granulomatoso aderido na córnea do olho direito. Este encontrava-se circunscrito, de coloração rósea, aspecto de couve-flor e ocupava 40 % do globo ocular. Segundo relato do proprietário esta lesão foi identificada a quatro meses e apresentou desde então crescimento progressivo. O animal foi encaminhado a cirurgia, previamente sedado com acepromazina intravenoso na dose de 0,1 mg/kg e após efeito desta deu-se início ao protocolo anestésico com 2,2 mg/kg de quetamina intravenoso, infusão contínua dose resposta de éter gliceril guaiacol 1 g/kg e bloqueio local com lidocaína. Utilizaram-se fios de nylon para ancoragem das pálpebras facilitando a visualização e retirada do nódulo com lâmina de bisturi 15. Removeu-se todo o tecido. Após recuperação anestésica foi medicada com meloxicam 0,6 mg/kg e penicilina 20.000 UI/kg ambas intramuscular durante 7 dias. Para uso tópico colírio a base de ciprofloxacina e sulfato de condroitina a cada 3 horas, durante 10 dias. A lesão na córnea foi acompanhada com testes utilizando fluoresceína e após cicatrização da úlcera utilizou-se pomada a base de cloranfenicol 3 vezes ao dia por mais 20 dias, que foi quando ocorreu cicatrização completa. Coletou-se um fragmento do nódulo e o método de diagnóstico utilizado foi histopatologia. O resultado encontrado para o material foi o CCE. Os principais métodos para tratamento são remoção cirúrgica, associada ou não a crioterapia; quimioterápicos; hipertermia; terapias fotodinâmicas e radioterapia. A disponibilidade financeira do proprietário, localização e a amplitude da massa tumoral são os fatores considerados para a escolha da terapia. No presente relato não houve recidiva e não tinha indícios de metástase, além de não apresentar cicatriz. Os casos semelhantes a este e sem recidiva, encontrados na literatura, referem-se aqueles em que foi retirada com margem de segurança a massa tumoral e não se descrevia metástases. A taxa de sucesso descrita para remoção cirúrgica é de 67 % e naquelas com remoção incompleta a taxa é de 44%. A metástase ocorre em 10 a 15% dos casos e podem afetar as glândulas salivares, tórax, pulmão, baço e fígado. Devido a característica de crescimento lento do carcinoma o processo de metástase é raro. Optou-se por ciprofloxacina devido sua ação específica em microorganismos oculares gram positivos e gram negativos sem citotoxidade epitelial associada a sulfato de condroitina que permite o reestabelecimento epitelial sem deixar cicatriz. A retirada cirúrgica associada ao tratamento pós-operatório com colírio a base de ciprorfloxacina e sulfato de condroitina mostraram-se eficazes e não se relatou recidiva em caso de CCE ocular de equino.

Palavras-chave: Ciprofloxacina; cirúrgica; córnea

122. CELIOTOMIA EXPLORATÓRIA EM ÉGUA PRENHE EM TERÇO FINAL DE GESTAÇÃO: RELATO DE CASO

FERNANDA FONSECA*1; PRISCILA APARECIDA DOS SANTOS1; ALFREDO SARACENI BASILIO1; LETICIA RAMALHO IZZO1; GABRIEL VINICIUS RIOS ARANTES1; WAGNER APARECIDO DE OLIVEIRA MOTA1; PEDRO HENRIQUE PINTO1; VERENA HILDEGARD GYÁRFAS WOLF1; FRANCISCO ANTÔNIO DE TOLEDO MELLO NETO1; ALEX EDUARDO ALVES MARTINS1

1.FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ENSINO SUPERIOR DE BRAGANÇA PAULISTA - FESB, BRAGANÇA PAULISTA, SP, BRASIL.

e-mail:fefa_fonseca@hotmail.com

Resumo:

A síndrome cólica é a afecção mais prevalente de encaminhamento para hospitais veterinários, e a que apresenta maior morbidade e mortalidade entre os sistemas acometidos, podendo ocorrer aborto em 16% a 18 % dos casos envolvendo éguas gestantes. As causas para tal condição podem ser associadas ao manejo alimentar dos equinos, juntamente com sua anatomia, predispondo ao aparecimento das alterações gastrointestinais. Égua da raça mangalarga machador, de 4 anos de idade, pesando 400 kg, com 8 meses de gestação, alimentação à base de silagem de milho foi encaminhada ao Hospital Veterinário Dr. Bernardo Aronovich - HVET FESB, em setembro de 2016, com queixa principal de desconforto abdominal. Na avaliação clínica o animal apresentou taquicardia, taquipnéia, hipomotilidade em todos os quadrantes e dor severa, mesmo sob o efeito de analgésicos. Na palpação retal o útero apresentava-se dorsal, impossibilitando a continuidade da mesma. Após análise clínica, laboratorial (líquido peritoneal e lactato) e evolução do quadro, foi encaminhada para celiotomia exploratória, sendo observado encarceramento de íleo em forame epiplóico, sablose e torção em seguimento jejunal com comprometimento vascular de aproximadamente 1,5 m de comprimento. Em função da complexidade clínico-cirúrgica, o trans operatório se estendeu por 7 horas. As alças de intestino delgado apresentavam muito conteúdo líquido, sendo necessária enterotomia de jejuno, para melhorar a exposição, manipulação e diminuição de endotoxemia circulatória. Após avaliação criteriosa das alças, optou-se pela enteroanastomose do segmento comprometido. O tratamento pós-operatório consistiu na administração de Ceftiofur (4,4 mg/kg), Gentamicina (6,6 mg/kg), Flunixina Meglumine (1,1 mg/kg), Heparina (50 UI/kg), Ranitidina (2 mg/kg), Dimetilsulfóxido (½ ml/kg), Morfina (0,1 mg/kg), Gastrozol Pasta (Dose 300 kg), Óleo Mineral (20 ml) e fluidoterapia suporte. Após 48 horas pós-operatória houve estabilização clínica do animal, não apresentando refluxo e manutenção volêmica, optando pela diminuição na dose de Flunixina Meglumine para dose antitoxêmica (0,25 mg/kg). Em decorrência da melhora no quadro toxêmico, 72 horas pós-operatória foi realizada uma ultrassonografia para verificar a vitalidade fetal. O paciente ficou internado durante 12 dias não demonstrando nenhuma alteração clínica, recebendo alta e parindo normalmente na data prevista. As afecções gastrointestinais mais comuns em éguas gestantes são as de intestino grosso, como compactações e torções, sendo incomuns ocorrências de afecções de intestino delgado. O tratamento preconizado em éguas gestantes inclui a redução e prevenção dos efeitos endotoxêmicos evitando a ocorrência da hipóxia maternal, pois ambos os fatores são responsáveis pela alta taxa de morte embrionária e aborto em éguas gestantes com síndrome cólica.

Palavras-chave: Cólica; prenhês; celiotomia exploratória

123. CICATRIZAÇÃO DE FERIDA PROFUNDA EM EQUINO COM USO DE DRENAGEM ABERTA, LASER DE BAIXA INTENSIDADE E ULTRASSOM TERAPÊUTICO - RELATO DE CASO

GUSTAVO HENRIQUE MARQUES ARAUJO*1; ANNA BEATRIZ BORGES DE CARVALHO1; GUILHERME PINHEIRO SANTOS1; JORDANA CABRAL ROSA DOS ANJOS1; RHAVILLA SANTOS DE OLIVEIRA1; ROGERIO ELIAS RABELO1; JULIA DE MIRANDA MORAES1

1.UFG - REJ, JATAI, GO, BRASIL.

e-mail:gustavoaraujovet@gmail.com

Resumo:

Lesões cutâneas possuem ampla importância na clínica equina, por ter um período de cicatrização extenso e o desenvolvimento de tecido de granulação em excesso. Várias linhas de pesquisas, buscam estratégias para driblar intercorrências indesejadas durante o processo de reparação tecidual dos equinos. A técnica de drenagem aberta pode ser empregada na clínica de grandes animais quando o fechamento primário da lesão não pode ser realizado, seja ele em casos de contaminação da ferida ou em casos de áreas muito extensas. Os drenos ativos são sistemas de sucção fechados, que removem o fluido por pressão negativa, sendo particularmente úteis na drenagem de feridas profundas e apresentam menor risco de infecção. Outros métodos como o laser de baixa potência (LBP) e

ultrassom terapêutico (UST), são frequentemente empregados no tratamento de lesões cutâneas, impulsionando a produção de colágeno e o ágil desenvolvimento de fibroblastos, o que implica, em aumento da força de tensão da ferida e redução do tempo de cicatrização. Entre os benefícios estão listados a ação analgésica, propriedades anti-inflamatórias, redução do edema e estímulo do fluxo sanguíneo. Objetivou-se, relatar a reconstituição tecidual de lesão cutânea em um equino. Foi atendido um equino, macho, aproximadamente quatro anos, clinicamente debilitado, apresentando lesão cutânea exsudativa, visualmente contaminada, com bordas irregulares e elevadas, edematosas, invaginadas, profundidade acentuada. Localizada cranialmente à região inguinal esquerda, lateralmente ao prepúcio. O proprietário não soube informar o evento desencadeante da lesão e a procura por atendimento, ocorreu cinco dias após a identificação. Optou-se pelo acompanhamento e cicatrização por segunda intenção, higienizando a ferida com líquido de Dakin e clorexidine, antibioticoterapia (penicilina procaína 30.000 UI/Kg, SID, durante 10 dias) e AINE (fenilbutazona 4,4 mg/Kg, SID, durante 4 dias). Os curativos eram feitos duas vezes ao dia e pretendiam combater a infecção da ferida, e proporcionar um ambiente favorável para cicatrização, com remoção de sujidades, tecidos necróticos e manutenção da umidade ideal. Além da terapia medicamentosa, optou-se pelo uso do dreno ativo durante seis dias, facilitando a manutenção da limpeza da ferida e excreção de conteúdo acumulado. A terapia com LBP e UST ocorreu em duas etapas, a primeira no quinto e sétimo dia após o início do tratamento. Onde, foi aplicada o LBP (Physiolux dual, 830 nm de comprimento de onda, Arsenieto de Gálio e Alumínio-AsGaAl, potência de 40 mW – Bioset) com 20 Joules/cm2 de intensidade, e aplicação nas bordas da ferida de forma pontual em pontos equidistantes de 1cm, e em varredura sobre o leito da ferida. Após 37 dias a ferida encontrava-se com 39.9 cm² e atingia a granulação e nivelamento desejado, dando início a segunda fase. Nessa etapa a terapia com LBT foi retomada, aplicando-se 10 J/cm² nas bordas, associada com UST (Sonacel Dual – Bioset), aplicado pelo método direto, na presença de gel, sobre a pele tricotomizada, com frequência de 3MHz no modo pulsado (não-térmico), intensidade de 0,5W/cm² e intensidade de pulso a 100Hz a 10% por 12 minutos sobre as linhas de tensão, nas áreas de formação de fibrose e aderência (5 aplicações a cada 2 dias). Após 90 dias do início do tratamento a ferida apresentava 7,6 cm², demonstrando redução de 81% em sua extensão, em comparação com a extensão evidenciada na segunda fase da terapia com LBP e UST. A combinação das duas técnicas apresentou resultados satisfatórios, diminuindo consideravelmente o tempo de cicatrização, com interessante resultado estético.

Palavras-chave: Ferida; dreno aberto; laserterapia

124. CISTO DE INCLUSÃO EPIDÉRMICA EM REGIÃO SUBMANDIBULAR EM EQUINO: RELATO DE CASO

ANDRESSA GUIDUGLI LINDQUIST*1; POLYANA CAROLINA MARINO2; GUSTAVO ROMERO GONÇALVES2; FLÁVIA NESI MARIA3; CAROLINE CELLA GERON3; JULIANA EVANGELISTA BEZERRIL2

1.UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, LONDRINA, PR, BRASIL; 2.CENTRO UNIVERSITÁRIO INGÁ, MARINGÁ, PR, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ, BANDEIRANTES, PR, BRASIL.

e-mail:andressaguidugli@icloud.com

Resumo:

O cisto epidermoide também chamado de cisto de inclusão epidérmica ou cisto folicular é uma lesão não neoplásica que pode acometer qualquer espécie. Sendo mais frequente em cães, bovinos e raramente em gatos e equinos. Apesar da sua origem congênita, só pode tornar-se evidente quando a esfoliação contínua de células escamosas do seu revestimento epitelial aumenta de tamanho. Foi descrito diferentes regiões de localização como cabeça, coluna vertebral e nos tecidos presentes no interior do casco, de caráter benigno e localizados. O diagnóstico é feito através dos achados macroscópicos e histopatológicos. Foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Estadual do Norte do Paraná, Bandeirantes, PR, um equino, fêmea, da raça Quarto de Milha, pelagem alazã, com dois anos de idade, 340 kg com histórico de aumento de volume na região submandibular direita. O animal apresentava esta alteração desde o nascimento, porém, recentemente observou aumento no local de forma significativa. Durante o exame físico geral não foram identificadas alterações nos parâmetros clínicos. Porém, ao exame específico do sistema tegumentar, observou-se um aumento de volume circular de aproximadamente cinco

centímetros de diâmetro em terço médio do ramo mandibular direito em região ventral (próximo aos linfonodos submandibulares). Durante a palpação do local observou-se que sua consistência se apresentava flutuante e mais internamente com consistência elástica semelhante há uma "borracha". A conduta inicial foi à punção do local com auxílio de uma agulha de grosso calibre (40x12 mm) para excluir a possibilidade de abscesso. Devido ao insucesso do procedimento e permanência do aumento de volume, optou-se por realizar a lancetagem do local com anestesia local e sedação. Após o procedimento, houve saída de secreção acinzentada sebosa com presença de pelos em grande quantidade envolto por uma cápsula espessa. A partir da identificação do conteúdo e visualização minuciosa do mesmo, suspeitou-se de cisto epidermoide, optando-se pelo tratamento cirúrgico para remover todo o conteúdo. Realizou-se uma incisão elíptica ao redor da massa, e a cápsula envolvendo o conteúdo foi removida. O conteúdo retirado foi enviado para exame histopatológico, o qual foi confirmado a suspeita clínica. A remoção cirúrgica é o melhor tratamento, pois as lesões são semelhantes a abscessos podendo confundir os proprietários dos animais e como consequência disso, na tentativa de remoção pode causar resposta inflamatória local grave. Até o presente momento, poucos trabalhos descreveram a importância dos cistos de inclusão epidérmica como diagnóstico diferencial de lesões nodulares em tecido tegumentar de equinos. Os métodos realizados para este caso e o acesso cirúrgico mostraram-se eficazes, não apresentando recidiva até o momento, podendo ser sugerido para outros casos semelhantes. O cisto epidermoide é de ocorrência rara na espécie eqüina e pouco descrita na literatura, porém quando ocorre não trás prejuízos ao animal, apesar de atrapalhar durante a montaria, colocação de celas, rédeas e acima de tudo prejudicar a estética do animal, tornando-se o principal motivo dos proprietários em tentar solucionar o problema o mais rápido possível.

Palavras-chave: Equino; cisto epidermoide; lesões nodulares

125. CISTO DENTÍGERO EM EQUINO

TATIANE FARIA PRADO*1; KAMILA PINHEIRO PAIM1; RAÍSSA OLIVEIRA LEITE1; ERIKY AKIO TONGU1; DIEGO JOSE ZANZARINI DELFIOL1; GEISON MOREL NOGUEIRA1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLÂNDIA, MG, BRASIL.

e-mail:geison.nogueira@ufu.br

Resumo:

Cisto dentígero é uma afecção congênita decorrente de uma anormalidade do fechamento da primeira fenda branquial, durante a formação embrionária, geralmente identificado em jovens, na região temporal, podendo ocorrer bilateralmente sendo pouco comum em equinos. Caracterizam-se por quantidade variada de tecido dentário englobado em estrutura cística revestida por epitélio que produz uma secreção mucóide a qual drena por um trato fistuloso. O diagnóstico é realizado com base no histórico, exame físico e radiográfico e o tratamento consiste na excisão cirúrgica do tecido. Dentre as complicações associadas à cirurgia há o risco de hemorragia, danos ao meato auditivo, traumatismo craniano e lesões neurológicas, como a paralisia de nervo facial. Uma égua, sem raça definida, de pelagem pampa, com mais de 20 anos de idade foi encaminhada para o Hospital Veterinário – UFU, após ser apreendida pela Prefeitura Municipal de Uberlândia. O animal apresentava baixa condição de escore corporal (2/9), apatia, pelos opacos e mucosas pálidas. Possuía um aumento de volume nodular, séssil, indolor e de consistência dura, na base do pavilhão auricular esquerdo com presença de fístula e secreção mucóide esbranquiçada. Ao exame radiográfico tangencial da área acometida, em projeção oblíqua da região temporal esquerda, observou-se área com radiopacidade e contornos bem definidos, próxima a região do meato acústico externo esquerdo, compatível com cisto dentígero. A égua foi submetida a anestesia geral inalatória para ablação cirúrgica da fístula. Durante a ressecção do trajeto fistuloso, pode-se observar, no interior da saculação, uma estrutura de coloração branco amarelada, consistência dura, semelhante a um elemento dentário, medindo 2,7 x 2,0 x 1,5 cm. Foi aplicado um dreno de penrose na região, que foi removido no terceiro dia pós cirúrgico. Instituiu-se terapia antimicrobiana com penicilina benzatina (40.000UI/kg, IM a cada 48 horas, 4 aplicações) e gentamicina (6,6mg/kg, IV, SID, por 7 dias) e terapia antiinflamatória com flunixin meglumine (1,1mg/kg, IV, SID, 5 dias). Profilaticamente administrou-se soro antitetânico (10.000 UI, IM) e omeprazol (4,4 mg/kg, VO, 5 dias). No pós operatório, a égua apresentou paralisia de nervo facial do lado esquerdo, caracterizado por ptose palpebral, desvio de lábio e acúmulo de alimento na

cavidade oral, então iniciou-se terapia com dexametasona (0,1mg/kg, IV, SID, por 3 dias), vitamina B1 (10mg/kg, IV, por 3 dias) e fisioterapia. O animal recebeu alta 55 dias após cirurgia, com boa cicatrização das feridas cirúrgicas e sem sequelas neurológicas. O cisto dentígero apesar de ser identificado em animais jovens foi visto nesta égua idosa provavelmente devido o animal não ter recebido atendimento veterinário prévio, assim como descrito na literatura a paralisia de nervo facial foi uma das complicações que ocorreu neste caso, porém a terapia instituída foi satisfatória tanto para o tratamento do cisto dentígero quanto para a lesão neurológica.

Palavras-chave: Odontogênico; heterotópica; cavalo

126. COMPLICAÇÕES DE DISTOCIA EM ÉGUA E POTRO: PROLAPSO UTERINO, AGALACTIA, SÍNDROME DO MAL-AJUSTAMENTO E HÉRNIA DIAFRAGMÁTICA – RELATO DE CASO

PEDRO HENRIQUE SALLES BRITO*1; MARILIA ALVES FERREIRA1; GONÇALO DA ROCHA MORONA1; GUSTAVO MORANDINI REGINATO1; JULIA DE ASSIS ARANTES1; ROBERTO DO PRADO FILHO ROMANO1; PAULO FANTINATO NETO1; RENATA GEBARA SAMPAIO DÓRIA1

1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

e-mail:pedro.brito@usp.br

Resumo:

Distocias representam menos de 1% de todos os partos e podem gerar consequências graves para a égua como ruptura uterina, hemorragia de artéria uterina, laceração de cervix ou vagina e prolapso uterino, e também prejuízos à vitalidade do potro, predispondo à síndrome do mal ajustamento, hérnia diafragmática de origem traumática, evisceração, fraturas, entre outros. Foi encaminhado à Unidade Didática Clínico Hospitalar (UDCH) da FZEA/USP uma égua, 7 anos, apresentando prolapso uterino, 6 horas após o parto. Segundo responsável, o animal encontrava-se em decúbito lateral há dois dias, sem sinais de parto e, durante o exame transvaginal, ocorreu ruptura dos anexos fetais e indução involuntária do parto. Houve grande dificuldade para a remoção do feto, e após 30 minutos de tentativas, conseguiram finalizar o parto ainda na fazenda. Seis horas após o parto ocorreu prolapso uterino, o que levou ao encaminhamento para a UDCH. Após lavagem uterina e realização crioterapia, sob sedação e anestesia epidural, reposicionou-se o útero na cavidade pélvica e everteu-se ambos os cornos uterinos. Durante o pós-operatório tratou-se o útero com lavagem uterina, duas vezes ao dia, com solução Ringer Lactato à 5% de iodo, Gentamicina 6,6 mg/Kg SID por 5 dias, Penicilina Potássica 22.000 UI/Kg QID por 10 dias e Flunixim Meglumine 1,1 mg/Kg SID por 5 dias. Observou-se que a égua não havia produzido colostro e a potra ainda não havia mamado. Iniciou-se o tratamento com domperidona, 500 mg/dia, via oral, por 10 dias, ocitocina 20 UI TID, seguido de massagem no úbere e ordenha do conteúdo acumulado a fim de estimular a lactação. A potra apresentava os tendões relaxados e dificuldade em locomover-se. Optou-se por fornecer, em mamadeira, 200 ml de colostro a cada hora nas próximas 12 horas, seguindo com sucedâneo, até que a égua iniciasse a produção de leite. Foi realizada imunização passiva com 1 litro de soro hiperimune e, iniciou-se o tratamento com ceftiofuor 7,5 mg/Kg BID e amicacina 10 mg/Kg BID. Cerca de 48 horas após o parto a potra apresentou depressão, letargia, perda do reflexo de sucção e conseguia ficar em estação apenas com ajuda. Suspeitando-se que a potra apresentava síndrome do mal-ajustamento, iniciou-se suplementação com oxigenoterapia 5 litros/min, alopurinol 40mg/Kg dose única, gabapentina 20mg/Kg TID e finasterida 15 mg/dia por três dias. A alimentação foi realizada por sonda nasogástrica de potros, a cada duas horas, com 200 ml de solução à base de Potromilk®. Após 2 dias de tratamento intensivo o animal começou a apresentar melhoras clínicas, permanecendo em estação e alerta, porém começou a apresentar grande quantidade de refluxo na sonda. Quatro dias após o parto a potra começou a apresentar abaulamento abdominal e acúmulo excessivo de gás, sendo possível auscultação de timbre metálico durante a percussão auscultatória. Durante exame ultrassonográfico toracoabdominal observou-se “loops” de intestino delgado com grande quantidade de líquido e redução da motilidade intestinal. Durante o exame físico auscultou-se borborigmos em região torácica, taquicardia e taquipnéia. O proprietário optou pela não realização da laparotomia exploratória devido ao alto grau de debilidade do paciente. Cinco dias após o parto o potro veio a óbito, sendo observada hérnia diafragmática com acometimento de 40% do intestino delgado além de retroflexão da flexura pélvica. Considerando o elevado e laborioso trabalho de patro, acredita-se que o animal tenha sofrido asfixia neonatal, o que desencadeou a síndrome do mal ajustamento.

A elevada força de tração realizada na propriedade durante o parto ocasiou o prolapso uterino e provavelmente tenha sido o fator determinante para a apresentação da hérnia diafragmática no potro. Casos de distocia em equinos, apesar de raros, devem ser tratados com muito cuidado e a monitoração pós-parto da paturiente e do neonato deve ser intensiva uma vez que diversas patologias podem vir a afetar a égua e o potro.

Palavras-chave: Equino; asfixia neonatal; distocia

127. CORREÇÃO CIRÚRGICA DE RUPTURA RETAL COM AUXÍLIO DE ENDOSCÓPIO: RELATO DE CASO

SARAH MARIA GODTFREDSEN*1; VICTOR FERREIRA RIBEIRO MANSUR1; RODRIGO NORBERTO PEREIRA1; EDUARDO ALVES LIMA1

1.UFLA, LAVRAS, MG, BRASIL.

e-mail:sarahgodtfredsen@hotmail.com

Resumo:

As lacerações de reto em equinos são classificadas em quatro graus distintos, de acordo com a gravidade da lesão. As lacerações de grau I cursam com a ruptura da mucosa e submucosa retal; as de grau II ocorrem quando somente a musculatura é rompida, as lesões classificadas em grau III à ruptura da mucosa, submucosa e musculatura, onde apenas a serosa se matem íntegra e as lacerações de grau IV correspondem a lesões onde todas as camadas do reto estão rompidas. Uma égua Manga-larga, 8 anos de idade, foi encaminhada ao Hospital Veterinário com histórico de sangramento retal profuso após cobertura. À palpação transretal detectou-se uma laceração de reto grau III, dorso-lateral esquerda com aproximadamente 6cm de diâmetro, localizada à 50cm oral ao ânus. À abdominocentese apresentou líquido turvo com 380.000 leucócitos/dl. A paciente foi submetida à sedação com detomidina (0,02 mgkg) e butorfanol (0.01 mgkg), seguida de anestesia epidural com lidocaína. Foi realizada colonoscopia com endoscópio flexível. A limpeza da área lacerada foi feita com solução de Riger com Lactato e delicado debridamento com gaze. Para evitar o acúmulo de fezes no local e possível evolução da laceração para grau IV, optou-se por realizar uma sutura de aproximação das bordas da ferida. Para tanto, utilizou-se três fios de poliamida (0,60mm de diâmetro / 120cm de comprimento) aplicados com uma agulha cilíndrica, introduzido no reto protegida pela mão do cirurgião. Após passar pelas bordas da ferida a ponta dos fios era puxada até sair pelo ânus. Os nós corrediços, portanto, foram confeccionados na área externa da paciente e introduzidos no reto, fazendo-os deslizar até a ferida. Todo o procedimento foi realizado com o auxílio da endoscopia flexível. As longas pontas dos fios de sutura foram mantidas na luz do reto para facilitar sua posterior remoção aos 14 dias de pós-operatório. A remoção da sutura também foi realizada com auxílio da endoscopia flexível. Durante o pós-operatório foi realizada remoção manual das fezes, administração de ceftiofur 5mg/kg IM BID; metronidazol 20mg/kg VO TID; gentamicina 6,6 mg/kg BID e flunixin meglumine 1mg/kg IV BID. A paciente foi mantida com os cascos e quartela imersos em água com gelo por 36 horas, visando prevenir o desenvolvimento de laminite. Foi adicionada à dieta, semente de linhaça e Muvinlax® para promover o amolecimento das fezes. O tratamento foi bem sucedido, pois não houve complicações sistêmicas, cursando com boa cicatrização da ferida e consequente alta paciente.

Palavras-chave: Fístula; ânus; égua

128. DEFORMIDADE TRAQUEAL EM EQUINO

LETICIA GARCIA*1; ALEJANDRA BEATRIZ BRITEZ OLMEDO2; RAUL MARCELO MALDONADO CASTILLO2

1.UFPR, PALOTINA, PR, BRASIL; 2.HOSPITAL EQUINO RAUL MALDONADO, MARIANO ROQUE ALONSO, PARAGUAI.

e-mail:lezavdoskigarcia@gmail.com

Resumo:

As alterações de formato da traqueia podem ser de origem congênita por malformação, ou adquiridas. Raças de cavalos miniaturas e pôneis, são propensas a malformação do desenvolvimento da traqueia conhecida como scabbard trachea ou traqueia colapsada. Embora seja quase certamente uma anormalidade de desenvolvimento, geralmente é encontrada incidentalmente durante o exame endoscópico ou exame post mortem de pôneis maduros. Diferente de outras espécies, colapso traqueal primário em cavalos só foi relatado em cavalos maduros. O diagnóstico depende da endoscopia traqueal e da radiografia. Nota-se que a traqueia apresenta graus variáveis de compromisso luminal e, anéis cartilaginosos danificados. A detecção precoce e criteriosa de problemas respiratórios é essencial para diagnostico e tratamento efetivo. Foi recebido no Hospital Equino Raul Maldonado, animal da espécie equina, fêmea, 5 anos de idade, 390 Kg, raça quarto de milha, para tenoscopia da bainha digital. O procedimento foi realizado sob anestesia inalatória. Não houveram complicações transoperatórias. Aos 15 dias pós cirúrgico o animal passou a apresentar estertores respiratórios em momentos de estresse e esforço, não havendo histórico de problemas respiratórios anteriores conforme relato do proprietário. Procederam-se ao exame clinico, no qual a auscultação pulmonar e traqueal não apresentou alterações. Verificaram-se presença de secreção nasal de coloração enegrecida e odor fétido em ambas narinas. Procederam-se aos exames ultrassonográfico e radiográfico. A avaliação ultrassonográfica não revelou quaisquer alterações. O estudo do laudo radiográfico resultou em um achado de deformidade traqueal dorsoventral em porção cervical caracterizada por um estreitamento interno com consequente diminuição de lúmen traqueal. O exame endoscópico revelou necrose, desprendimento de mucosa, presença de muco e, tecido de granulação na traqueia em porção cervical. Foi coletado material para cultura por pinça através do canal de biopsia do endoscópio, sem resultados positivos para agentes infecciosos. O tratamento imediato incluiu o uso de dexametasona endovenosa a cada 24 horas, para diminuir o grau de granulação; expectorante por via oral; acetilcisteina; plasma rico em plaquetas foi depositado através do endoscópio com objetivo de promover a regulação dos estágios da cicatrização tecidual. Houveram melhoras significativas quanto ao grau de estreitamento de lúmen traqueal. A terapêutica antimicrobiana incluiu uso de penicilina, metronidazol e gentamicina. Dado início do tratamento, a secreção nasal purulenta e de odor fétido desapareceu. Foram realizados exames endoscópicos a cada dois dias para debridamento de tecido necrótico. Animal nunca apresentou febre. Porém, o tecido de granulação estava incontrolável. Dias após, passou a ser detectável estridor inspiratório e expiratório na auscultação traqueal. Um mês após a cirurgia o animal apresentou episódio inédito de dispneia severa. Para estabilização do quadro clinico procedeu-se a oxigenoterapia e traqueostomia emergencial. Porém, horas após a cirurgia, o animal ainda em observação entrou em quadro de falência respiratória anoxica e morreu em seguida. A necropsia revelou macroscopicamente redução de 75 por cento na área luminal e deformidade precoce em cartilagem traqueal. A pressão gerada pelo traqueotubo da anestesia na porção afetada foi responsável pela isquemia da mucosa traqueal. Suspeita- se que previamente a lesão, havia uma malformação traqueal dorsoventral que permitiu a ocorrência desta injuria. A acumulação lenta e continua de ácido carbônico exerce efeitos narcotizantes sobre o cérebro, os movimentos respiratórios se tornam cada vez mais débeis. A falência respiratória é o estágio terminal da insuficiência respiratória, na qual a atividade dos centros respiratórios diminui a um ponto tal que cessam os movimentos dos músculos respiratórios. Posteriormente ocorre a paralisia de órgãos centrais por hipoxigenacao, e morte.

Palavras-chave: Trato respiratório superior; traqueia; colapso traqueal

129. DESCARGAS COMPLEXAS REPETITIVAS EM UM EQUINO COM MIOPATIA DISTRÓFICA

LUIZA STACHEWSKI ZAKIA1; MARIANA ISA POCI PALUMBO2; RAFFAELLA B. C. TEIXEIRA3; LUIZ ANTONIO DE LIMA RESENDE4; MAURO P. SOARES5; ROGERIO M. AMORIM1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO1; ALEXANDRE SECORUN BORGES*1

1.FMVZ - UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.UFMS, CAMPO GRANDE, MS, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE DE MINNESOTA, MINNESOTA, ESTADOS UNIDOS; 4.FMB- UNESP - BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL; 5.UFPEL - PELOTAS, PELOTAS, RS, BRASIL.

e-mail:asborges@fmvz.unesp.br

Resumo:

As miopatias em equinos podem ser de origem genética, metabólica, tóxica ou inflamatória. O reconhecimento da clínica destas enfermidades e associação aos achados histológicos e eletromiográficos são essenciais. As principais miopatias que manifestam miotonia são a paralisia periódica hipercalêmica (HYPP), miotonia distrófica e miotonia congênita. O presente relato tem como objetivo descrever os seus achados histológicos e eletromiográficos em equino macho, mestiço Quarto de Milha e Puro Sangue Inglês, de 19 meses de idade encaminhado à Clínica Médica de Grandes Animais da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade Estadual Paulista, campus de Botucatu. Ao exame físico o animal possuía parâmetros vitais dentro da normalidade, rigidez muscular bilateral, hipertrofia dos músculos da garupa e miocimia paravertebrais e glúteo, teste de "dimpling" positivo e andar rígido. O animal foi testado geneticamente e foi negativo para HYPP. O exame de hemograma e bioquímica sérica incluindo funções renal e hepática não revelaram alterações. Apenas os níveis de creatinina quinase estavam aumentados (396 UI/L). O resultado da hemogasometria venosa, triiodotironina (T3) e tiroxina (T4), assim como a glicose sanguínea estavam dentro da normalidade. Descargas repetitivas complexas que não variavam em frequência ou amplitude foram encontradas na eletromiografia. Distrofia muscular com núcleos centrais e variação no parâmetro das fibras em tamanho e também proliferação de tecido conectivo com degeneração miofibrilar com fibras necróticas foram observadas na histologia do músculo glúteo médio. Miofibras com tumefação mitocondrial e lise das cristas, acúmulo de fluído entre as miofibrilas e desorganização dos sarcômeros foram observadas na microscopia eletrônica. Com isso é possível concluir que o presente caso apresenta miopatia distrófica e que o diagnóstico destas enfermidades é imprescindível para o estabelecimento do prognóstico correto do animal.

Palavras-chave: Miopatia; distrofia; eletromiografia

130. DESLOCAMENTO DO TENDÃO FLEXOR DIGITAL SUPERFICIAL DA TUBEROSIDADE DO CALCÂNEO

POLLYANNA STREMEL ROMEIRO*1; LUIS FERNANDO COELHO BASTOS FERNANDO BASTOS2

1.UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

e-mail:pollyanna_str@hotmail.com

Resumo:

O deslocamento do Tendão Flexor Digital Superficial (SDFT) é causado pela ruptura de uma das fáscias de inserção, cuja função é fixar o tendão na Tuberosidade do Calcâneo para que esse não se desloque (medialmente ou lateralmente) no momento da flexão do membro. Uma vez rompida, ocorre a contração da fáscia oposta, ocasionando o deslocamento do tendão. Tal ruptura geralmente é consequência de um trauma de alta intensidade que pode estar associado ou não à fratura. O objetivo desse relato é descrever a ocorrência da patologia e a importância da ultrassonografia no diagnóstico definitivo. Um equino, Brasileiro de Hipismo, fêmea, 6 anos, com histórico de surgimento de edema acentuado, durante o esforço físico, em aspecto plantar da articulação társica esquerda, foi atendido a campo por um médico veterinário. No exame radiográfico não foi constado alterações significativas. No exame ultrassonográfico observou-se presença de área anecóica difusa em aspecto plantar de região társica; espessamento de tecido subcutâneo; diminuição de ecogenicidade difusa e espessamento do Tendão Flexor Digital Superficial; presença de fluido anecóico com celularidade na Bursa do Gastrocnêmico e do Calcâneo. Devido à dificuldade presente no exame causado pelo grande acúmulo de líquido, optou-se pela reavaliação ultrassonográfica em 15 dias. Coletou-se o líquido sinovial das bursas para análise laboratorial, a qual confirmou presença de células inflamatórias. A fim de reduzir o edema instalado, foi realizado a infiltração das bursas com Acetonido de Triancinolona (0,01 mL/kg) em dose única. Posterior ao intervalo de tempo necessário, realizou-se o segundo exame ultrassonográfico que confirmou a alteração de topografia do SDFT. O qual se apresentava lateralizado em relação ao Tendão Gastrocnêmico e ao Ligamento Plantar Longo. Uma vez diagnosticado o deslocamento, o proprietário preferiu encerrar a vida atlética do animal e não optar pelo tratamento cirúrgico devido à baixa taxa de sucesso. O diagnóstico torna-se mais claro quando há uma diminuição do edema associado aos exames complementares, corroborando com o caso relatado. Atualmente o tratamento cirúrgico apresenta alta taxa de recidiva, o que não garante o retorno da atividade atlética do paciente. Embora a patologia da região társica seja uma das maiores

causas de claudicação de membro pélvico, o deslocamento do SDFT é incomum na rotina veterinária. No entanto quando ocorre, o deslocamento lateral é o mais frequente. O custo do tratamento cirúrgico torna-se inviável, devido à baixa taxa de sucesso. Os exames complementares mostram-se de extrema importância nesse caso para confirmação diagnóstica, em especial a ultrassonografia. Pois esta permite, de forma não invasiva, a visualização e a avaliação das estruturas moles presentes.

Palavras-chave: Luxação; deslocamento; sdft

131. DIARRÉIA POR INTOLERÂNCIA A LACTOSE EM POTRO QUARTO DE MILHA DE 3 MESES: RELATO DE CASO

ANA LUÍSA HOLANDA DE ALBUQUERQUE1; LUIZA STACHEWSKI ZAKIA1; KAROLINE KOETHER1; THAÍS GOMES ROCHA1; SIMONE BIAGIO CHIACCHIO1; ROGÉRIO MARTINS AMORIM1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1; JOSE PAES DE OLIVEIRA-FILHO*1

1.FMVZ UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:zefilho@fmvz.unesp.br

Resumo:

Dentre as etiologias de diarréia em potros a intolerância a lactose é a menos comum. A intolerância a lactose pode ser secundária após enterite por clostridioses ou infecções virais, como coronavirose e rotavirose, pela lesão na borda em escova do intestino delgado. Foi encaminhado para a CGA um potro de 3 meses, quarto de milha com histórico de diarréia há 10 dias. A diarréia teve início com aspecto pastoso e amarelado, evoluindo para diarréia líquida. No exame físico, mucosas levemente pálidas, tempo de preenchimento capilar de 3 a 4 segundos, temperatura retal de 37.8 ºC mantendo-se na faixa fisiológica durante toda a estadia do animal, além de hipermotilidade em todos os quadrantes de auscultação intestinal. Durante a estadia no hospital, o potro se alimentava do leite da mãe e feno. Foi realizado hemograma, bioquímica sérica, hemogasometria diária, coproparasitológico e, afim de descartar rodococose, swab retal por 3 dias consecutivos para cultura e antibiograma, lavado traqueo-brônquico e ultrassonografia abdominal e torácica. Foi relatado leucocitose (24.800 leucócitos) por neutrofilia (92%), azotemia renal (uréia: 290,6 mg/dL, creatinina: 8,43 mg/dL), acidose metabólica (pH sangue venoso: 7,243) e ausência de parasitas no coproparasitológico. Não houve crescimento na cultura do lavado traqueo-brônquico, porém foram isolados no swab retal E. coli, Enterobacter cloacae e Proteus spp. No exame ultrassonográfico havia pouca quantidade de caudas de cometa e irregularidade de pleura bilateral em áreas ventrais do tórax e, em abdômen, espessamento de alças de intestino delgado (0,55 cm), não foram encontradas imagens sugestivas de abcesso. Inicialmente o tratamento para rodococose foi continuado até a liberação de todos os exames complementares, assim como a correção da desidratação (9%) e equilíbrio eletrolítico. Por 3 dias o animal não apresentou melhora no quadro de diarréia, e o antibiograma da cultura do swab retal revelou resistência para diversos antimicrobianos com excessão às fluorquinolonas, foi realizado então tratamento sistêmico com norfloxacino 5mg/kg apesar da restrição para potros havendo possibilidade de artropatia secundária. Após os 10 dias de tratamento o potro conseguia manter seu equilíbrio hidro-eletrolítico dentro do fisiológico e as fezes apresentavam aspecto amarelo-esverdeado pastoso. No objetivo de melhorar o aspecto das fezes pela ação adstringente e também anti-endotoxêmica do subsalicilato de bismuto (1 a 3 ml/kg) foi realizado tratamento de 10 dias, apresentando diminuição da motilidade e formação de cíbalos verdes. Ao cessar o tratamento houve volta de diarréia amarelada, líquida e em jatos. Levando em consideração a possibilidade de a diarréia ser causada pela intolerância a lactose, possivelmente pela lesão causada por enterite infecciosa, foi de escolha fazer diagnóstico terapêutico, por ser mais prático e menos invasivo do que o diagnóstico via administração via sonda nasogástrica de monohidrato de lactose. Foi administrado 400 mg/50kg de lactase via oral a cada 4 horas, até que seja realizado o desmame. Em menos de 8 horas o potro apresentou fezes e motilidade intestinal normais. Ao diminuir a frequência de administração de lactase observamos que o potro manteve fezes e motilidade normais com a administração via oral a cada 12 horas. Portanto, apesar de não ser a etiologia mais comum, a intolerância a lactose deve ser incluída como diagnóstico diferencial para causas de diarréia em potros, mesmo que não seja causa primária, principalmente em casos refratários a terapêutica.

Palavras-chave: Diarréia; potros; lactose

132. DISFUNÇÃO METABÓLICA EM ÉGUA: RELATO DE CASO

DIEGO GUEDES CAMPOS*1; NATALIA MARTINS BUSTAMANTE SÁ2; ALINE EMERIM PINNA3; JÚLIO FERRAZ JACOB4

1.UFRRJ, SEROPÉDICA, RJ, BRASIL; 2.UNIFESO, TERESOPÓLIS, RJ, BRASIL; 3.UFF, NITERÓI, RJ, BRASIL; 4.UFFRJ, SEROPEDICA, RJ, BRASIL.

e-mail:diegoguedecamposs@hotmail.com

Resumo:

De acordo com alguns relatos a disfunção do pars intermédio pituitária (DPIP) interfere negativamente na vida reprodutiva do animal idoso. Este tipo de patologia gera um aumento na produção de corticóide, ocasionado pela superprodução de adenocorticotropina (ACTH). O desequilíbrio nos níveis de dopamina ocasiona a proliferação das células melanotrópicas e consequentemente o aumento na produção do propiomelanocortina (POMC). Esta elevação do POMC resulta na hipertrofia e hiperplasia do pars intermedia da pituitária. A falha ou irregularidade no ciclo estral, supressão do estro, redução de fertilidade provocada pela diminuição ou parada da produção do hormonio folículo-estimulante (FSH) e do hormonio luteinizante (LH), alteração no desenvolvimento folicular e falha de ovulação deve se consequentemente à esse desequilíbrio hormonal. Juntamente associa se a alguns sinais clínicos como hirsutismo, poliúria e polidipsia, laminite, hiperhidrose, letargia, atrofia muscular, apetite voraz, cegueira, imunossupressão, infertilidade e olhos salientes. O presente relato trata de uma égua doadora de embrião da raça Campolina, 22 anos, o animal se encontrava em regime a pasto dentro do sistema semi- intensivo. O mesmo era submetido ao exame de palpação retal e ultrassonografia transretal, afim de avaliar a funcionalidade dos órgãos reprodutivos, esta então apresentava ciclicidade normal, com crescimento folicular de aproximadamente 3 mm diário e ovulação ocorrendo 36 a 40 horas pós indução como relata a literatura, porém sem sucesso na recuperação embrionária. Além disso, animal apresentava hirsutismo e letargia. Optou-se, então, pela realização de analises hormonal, para diagnosticar uma possível alteração metabólica. De acordo com os resultados laboratoriais, obteve as seguintes avaliações e valores: Cortisol pela manhã 70,0 ng/ml; Cortisol tarde 41,7 ng/ml; cortisol pós dexemetasona 23,0 ng/ml; Ritmo circadiano 40,42 %; T4 total 11,9 mg/ml; Insulina pela manhã 17,60 uUI/ml. Os resultados apresentados revela que o animal se mostrou positiva para DPIP, já que éguas saudáveis não podem apresentar alterações nos resultados tomando como base aos valores de referência. De acordo com a literatura o tratamento preconizado baseia no uso de fármacos a fim de restabelecer o equilíbrio entre os neurotransmissores da dopamina e serotonina. Portanto apesar do tratamento oneroso, é de extrema importância um diagnóstico laboratorial, já que esta patologia acomete principalmente animais entre 18 e 20 anos.

Palavras-chave: Metabólico; equino,; disfunção,

133. EFICIENCIA DO PROTOCOLO DE TRANSFERENCIA DE EMBRIOES PARA EGUAS RECEPTORAS ANOVULATORIAS

CAMILA ASSIS MACHADO VIEIRA*1; DANIEL DE MOURA FRANCO LAGE1; TIAGO MACHADO VIERA1

1.UNIPAM, PATOS DE MINAS, MG, BRASIL.

e-mail:camilaassisvet@gmail.com

Resumo:

A técnica de transferência de embriões consiste na colheita de um ou mais embriões de uma égua doadora e transferência para o útero de outra fêmea da mesma espécie, denominada receptora. Entre vários protocolos empregados na transferência de embriões em equinos, a utilização de benzoato de estradiol e progesterona de

longa duração mostrou-se viável para indução do estro e manutenção da gestação equina durante a fase transicional. O objetivo desse trabalho foi descrever o uso de benzoato de estradiol e progesterona em uma égua receptora anovulatória para transferência de um embrião relatando sua eficiência. O trabalho foi realizado no haras Terra Brava Agropecuária, um criatório de cavalos da raça Mangalarga Marchador, no município de Presidente Olegário/MG durante a estação de monta. Como doadora de embrião foi utilizada uma égua de 23 anos de idade, bom escore corporal e apta para atividade reprodutiva. Como receptora foi utilizada uma égua com aproximadamente 4 anos de idade, SRD também com boa condição corporal. O manejo nutricional da égua doadora consiste em regime a base de feno, sal mineral à vontade e concentrado (13%PB) em baia. A receptora foi alojada no criatório em regime de pastagem Tifton 85, com água e sal mineral à vontade e recebendo concentrado (12%PB) em bretes uma vez por dia. A doadora foi submetida ao exame ultrassonográfico diariamente para o controle do cio. A receptora também foi manipulada diariamente com o ultrassom para acompanhar as dobras uterinas induzidas pela ação do benzoato de estradiol (Estrogin®, Biofarm, Jaboticabal, Brasil) e também tônus uterino decorrente da ação da progesterona. O ultrassom utilizado foi o modelo DP 2200 VET, da marca Midray acoplando uma probe transretal linear de 7,5MHz. A doadora foi inseminada com sêmen fresco de um garanhão comprovadamente apto para a reprodução, da mesma raça. A inseminação foi realizada após detecção de um folículo dominante (com diâmetro igual ou superior a 35mm) juntamente com o acompanhamento do tônus uterino e administração de 750µg de deslorelina/animal (análogo do GnRh; Sincrorrelin®, Ouro Fino, Ribeirão Preto, Brasil), pela via intramuscular. Posteriormente foi submetida a um exame ultrassonográfico diário para detecção da ovulação. O dia da ovulação foi considerado D0 da doadora, e no dia D8 foi realizado a colheita do embrião. O manejo diário da receptora constitui na administração de 2,5 ml de benzoato de estradiol (BE) no D0, seguido de 2,5 ml de BE no D1, e no D2. Pois, esse medicamento obtém a simulação hormonal do estro e estimula a expressão de receptores uterinos para progesterona, semelhante ao que acontece no ciclo estral das éguas cíclicas previamente a ovulação. Em seguida, o útero foi avaliado através da ultrassonografia confirmando a presença de edema uterino, e posteriormente administrando 5 ml de progesterona 300mg de longa duração pela via intramuscular em veículo oleoso, pois esse medicamento tem a função de manter um adequado ambiente uterino e garantir um ótimo desenvolvimento embrionário e fetal. A receptora foi controlada diariamente pelo ultrassom para acompanhamento do tônus uterino e ação da progesterona, e o programa de transferência de embrião aconteceu 5 dias após aplicação desse protocolo juntamente com a administração de mais 5 ml de progesterona. Após 7 dias foi feito uma avaliação ultrassonográfica uterina na receptora confirmando a gestação de 15 dias. Após a transferência, o animal passou a receber 5 ml de progesterona de 15 em 15 dias até completar 120 dias de gestação. Esse trabalho mostrou a eficiência e abrangência deste protocolo para éguas receptoras anovulatórias, estejam elas em anestro ou na fase de transição. Conclui-se nesse relato que o protocolo hormonal utilizando benzoato de estradiol associado à progesterona é considerado eficiente e seguro para programas de transferência de embriões em receptoras anovulatórias, possibilitando a obtenção de taxa de prenhes semelhante a animais cíclicos.

Palavras-chave: Receptoras anovulatórias; transferência de embriões; reprodução equina

134. EMPREGO DA CERCLAGEM COM PARAFUSOS CORTICAIS NA OSTEOSSÍNTESE DE MANDÍBULA EM EQUINO – RELATO DE CASO

THAIS AKELLI SANCHEZ KOVACS*1; MAX GIMENEZ RIBEIRO1; LUCAS LOPES RINO DIAS1; RENATO BACARIN ZAVILENSKI1; HELOISA FERREIRA1; ODUVALDO CÂMARA MARQUES PEREIRA JUNIOR1

1.UEM, UMUARAMA, PR, BRASIL.

e-mail:thais.ask@hotmail.com

Resumo:

As fraturas de mandíbula ocorrem com relativa frequência na clínica cirúrgica de equinos, sendo de etiologia traumática ocasionada por coices, quedas e colisões; patológica resultante de uma periostite alveolar crônica ou iatrogênica como consequência de extração dentária. Clinicamente, o paciente com fratura mandibular apresenta ausência de aposição dos dentes, dificuldade de apreensão de alimentos, salivação, disfagia, exteriorização da língua, limitação da abertura bucal, edemaciação, odor fétido, crepitação e dor à palpação do ramo fraturado, resultando

em inapetência ou à anorexia. O diagnóstico é realizado através da sintomatologia clínica com o auxílio do exame radiográfico, a fim de avaliar a localização, extensão e tipo da fratura. Dentre as opções de osteossíntese, descreve-se o uso de cerclagens ou hemicerclagens, placas de compressão dinâmica, parafusos corticais, acrílico intraoral e fixação esquelética externa. Diante do exposto, o presente relato tem por objetivo descrever aspectos clínicos e cirúrgicos de um caso de fratura mandibular em equino. RELATO DE CASO: Foi atendida no Hospital Veterinário da Universidade Estadual de Maringá, campus Umuarama - Paraná, uma fêmea da espécie equina, da raça Quarto de Milha, atleta da modalidade "laço em dupla", de sete anos de idade, pesando 460 kg com histórico de aumento de volume na região mandibular esquerda e anorexia. Na anamnese o proprietário relatou que a paciente era criada em manejo extensivo com outros equinos, tendo levado um coice na face esquerda. Durante o exame físico foi observada má oclusão dentária, sialorreia, hemorragia, odor fétido, instabilidade e dor local, sugestivo de fratura de mandíbula. Ao exame radiográfico foi diagnosticada fratura completa obliqua aberta de mandíbula esquerda entre o diastema e o segundo pré-molar. Após a confirmação da fratura foi instituído o tratamento cirúrgico, com uma cerclagem de fio de aço ancorada a dois parafusos corticais para maior aproximação e estabilização da fratura. O protocolo terapêutico pós-operatório incluiu administrações farmacológicas a base de enrofloxacino (5.5 mg/kg, IV, SID por 7 dias), ceftiofur (2.2 mg/kg, IM, SID por 5 dias), flunixin meglunime (1.1 mg/kg, IV, SID por 3 dias) e lavagem da cavidade oral com clorexidine 2% durante 20 dias, bem como curativo local com rifamicina spray. A dieta baseou-se em alfafa triturada durante 20 dias visando minimizar a movimentação mandibular submetida à osteossíntese. A paciente recebeu alta médica cinco dias após o procedimento cirúrgico e retornou 30 dias depois para nova avaliação radiográfica, a qual evidenciou a consolidação completa da fratura. Diante do exposto, podemos concluir que à técnica de cerclagem associada aos parafusos corticais apresentou um resultado satisfatório na estabilização e realinhamento da fratura de mandíbula.

Palavras-chave: Cavidade oral; cerclagem; estabilização

135. EMPREGO DA FARMACOPUNTURA NO CONTROLE DA DOR NA LAMINITE – RELATO DE CASO

THAIS AKELLI SANCHEZ KOVACS*1; MAX GIMENEZ RIBEIRO1; CAROLINA QUARTERONE2; AILLA INACIO DA CRUZ1

1.UEM, UMUARAMA, PR, BRASIL; 2.UNICESUMAR, MARINGÁ, PR, BRASIL.

e-mail:thais.ask@hotmail.com

Resumo:

A laminite equina é ocasionada por inúmeros fatores, destacando-se dentre eles os distúrbios gastroentéricos, envolvendo tanto processos inflamatórios e funcionais quanto a ingestão excessiva de grãos. Independente da etiologia as manifestações clínicas incluem alteração cardiorrespiratória, pulso digital positivo, claudicação, alternância de apoio entre os membros e/ou decúbito, bem como, em casos severos, a rotação e deslocamento ventral da falange distal. A terapêutica envolve administração de antiinflamatórios não esteroidais, anticoagulantes, antiendotóxicos, analgésicos e alterações alimentares. Todavia, vale ressaltar que a associação de técnicas alternativas para o controle da dor se faz necessária em casos mais severos, dentre elas, o emprego da farmacopuntura, a qual consiste na administração de subdoses de fármacos em pontos de acupuntura, proporcionando analgesia e potencializando os efeitos do fármaco utilizados. RELATO DE CASO: Foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Estadual de Maringá (UEM) – Campus Umuarama – Paraná, um equino, da raça quarto de milha, macho, com nove anos de idade, pesando 450 kg, atleta da modalidade "três tambores", com histórico de ingestão excessiva de aveia seguida de claudicação. Durante o exame físico, foi observado claudicação em grau 4 (0-5), pulso positivo das artérias digitais e aumento da temperatura da porção distal dos membros torácicos, bem como relutância em movimentar-se. Ao exame clínico foi observada alteração da frequência cardiorrespiratória, sendo 40 bpm e 24 mpm, respectivamente, indicando a presença de dor. No exame radiográfico foi identificada rotação de terceira falange, sendo 4.4 graus de rotação no membro torácico direito e 4.3 graus no membro torácico esquerdo. Como protocolo inicial de tratamento foi prescrito fenilbutazona (4.4mg/kg, IV, SID, durante 7 dias), omeprazol (2mg/kg, VO, SID, durante 10 dias), ácido acetilsalicílico (10 mg/kg, VO, SID, durante 10 dias) e cetamina (0,2 mg/kg, VO, BID, durante 7 dias). Entretanto, ao terceiro dia de tratamento foi empregada a farmacopuntura, sendo administrado flunixin meglumine (0,27 mg/kg, SID) no acuponto Vaso Governador -1 (VG-1), pois o paciente estava arresponsivo aos analgésicos, permanecendo

em decúbito por períodos prolongados. A escolha da farmacopuntura deve-se ao seu efeito antiálgico prolongado pela administração de fármacos nos acupontos, reduzindo a dose e potencializando os efeitos analgésicos e antiinflamatórios do flunixin meglumine, logo, reduz os efeitos colaterais ocasionados por doses convencionais, bem como os custos do tratamento e tempo de contenção do paciente. O paciente recebeu alta médica alguns dias depois, após o desmame dos fármacos. Podemos concluir que a farmacopuntura apresentou resultado satisfatório no controle da dor na laminite neste caso.

Palavras-chave: Acuponto; analgesia; dor

136. ENFISEMA SUBCUTÂNEO GENERALIZADO CAUSADO POR FERIDA AXILAR EM EQUINO - RELATO DE CASO

YURI SILVA BONACIN*1; SAMUEL DOS SANTOS SOUSA1; GABRIELA MARCHIORI BUENO1; JOSÉ ANTÔNIO MARQUES1; PAULO ALÉSCIO CANOLA1

1.FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E VETERINÁRIAS DE JABOTICABAL, UNESP, JABOTICABAL, SP, BRASIL.

e-mail:ysbonacin@gmail.com

Resumo:

O enfisema subcutâneo é o acúmulo de gás no espaço subcutâneo, ao longo dos feixes e das fáscias musculares. A origem do enfisema é multíplice, porém as principais são as perfurações de traqueia e as feridas em locais de movimento contínuo, tal como as axilas. As feridas axilares em equinos são comumente oriundas de traumas, tal como choque mecânico com objetos inanimados, empalamento por objetos pontiagudos, além de coices proferidos por outros animais. Durante o movimento, a compressão da musculatura local realiza sucção do ar para o espaço subcutâneo, onde pode se observar crepitação e hiperalgesia. A progressão clínica do enfisema subcutâneo pode levar ao desenvolvimento de pneumomediastino, pneumotórax e infecções secundárias por bactérias do gênero clostridium. O objetivo deste trabalho é relatar a ocorrência do enfisema subcutâneo em um equino, bem como descrever o tratamento implementado e o resultado positivo. Um equino fêmea, da raça Quarto de Milha, de dez anos de idade, foi referida ao Hospital Veterinário Governador Laudo Natel, da FCAV/UNESP, apresentando quadro de enfisema subcutâneo generalizado e ferida na região axilar esquerda, posterior ao olecrano. Segundo relato do proprietário, o animal apresentou desconforto durante o trabalho, constatando-se a presença de sangue e ferida perfurante, a qual evoluiu para enfisema na região da axila e posteriormente restante do corpo. Ao exame físico animal apresentou normalidade dos parâmetros fisiológico e do hemograma. Na inspeção visual possuía enfisema generalizado, se estendendo da face até a vulva. A ferida possuía cinco cm de comprimento, e à princípio apresentava drenagem de conteúdo serosanguinolento de odor fétido. Foi realizada limpeza da ferida com solução fisiológica e clorexidines degermante e aquoso. O tratamento foi realizado com limpeza diária da ferida com solução fisiológica e clorexidine aquoso, com posterior introdução de uma compressa de gaze tipo queijo, embebida em solução de nitrofurazona com açúcar. Era realizada ducha de água fria uma vez ao dia, realizando a drenagem do ar no sentido do local da ferida. Foi realizada antibioticoterapia sistêmica por três dias, com uso de penicilina potássica, QUID, associada ao metronidazol, BID e gentamicina, SID. Durante o tratamento o animal foi mantido na baia de internação. A alta médica ocorreu em um mês de tratamento, sem nenhum sinal de enfisema ou distúrbio secundário à ocorrência do episódio. O caso descrito foi referido aos cuidados veterinários com quadro avançado de enfisema subcutâneo, porém as complicações tal como o pneumotórax e pneumomediastino não foram observadas. A opção pelo uso de compressa de gaze do tipo queijo, embebida em nitrofurazona e inserida na ferida, é um excelente auxílio ao tratamento de feridas provenientes de lacerações profundas. No caso descrito, a compressa de gaze impedia a entrada de uma parte de ar para o espaço subcutâneo, além de manter a solução em contato íntimo com o local, diminuindo o espaço morto. A ferida traumática não era recente, desta maneira se optou pelo tratamento por segunda intenção. A antibioticoterapia sistêmica concomitante ao debridamento cirúrgico e limpeza criteriosa da ferida, são descritos em todos casos presentes na literatura e constituem uma estratégia importante na prevenção e tratamento de infecções bacterianas secundárias. A limitação na movimentação do animal também é importante para evitar a sucção de ar para o espaço subcutâneo. Alguns autores descrevem a drenagem do ar por uso de cateter ou incisões na pele, porém a ducha com água fria no corpo mostrou resultados satisfatórios. O

presente trabalho conclui que o enfisema de subcutâneo, mesmo apresentado na forma generalizada, é passível de tratamento com resultados positivos, porém se faz necessário o cuidado intensivo e a detecção precoce de possíveis distúrbios secundários, que possam ocorrer e colocar a vida do animal em risco.

Palavras-chave: Crepitação; ferida; axila

137. ENFISEMA SUBCUTÂNEO SECUNDÁRIO A FERIDA INCISA AXILAR

IVENS NAVARRO HAPONIUK PRUS*1; LUCIANA DORIA RIBEIRO CABRAL2; ANNYLISE TELESCA GALERA2; ANDRESSA BATISTA DA SILVEIRA3; ENIO AUGUSTO GRANATTO DE OLIVEIRA4

1.PUC PR, PINHAIS, PR, BRASIL; 2.AUTÔNOMO, CURITIBA, PR, BRASIL; 3.UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 4.REGIMENTO DA POLICIA MONTADA CORONEL DUCÍDIO, CURITIBA, PR, BRASIL.

e-mail:ivenshaponiuk@gmail.com

Resumo:

As causas de enfisema subcutâneo em equinos podem ser diversas, porém dentre as mais comuns estão perfuração de traqueia e feridas em regiões de intensa movimentação, que levam a sucção de ar para o espaço subcutâneo. O diagnóstico é baseado no exame físico do animal, que através da palpação do local da ferida nota-se crepitação e aumento de volume. A princípio não é uma patologia severa, tendo um prognóstico favorável, desde que tomadas medidas profiláticas. Caso isso não ocorra há possibilidade de complicações, como o aumento da pressão intracraniana, obstruções das vias aéreas e em casos mais severos pneumomediastino e pneumotórax. Um equino fêmea, de 10 anos, mestiça, foi atendida na Unidade Hospitalar de Equinos da PUCPR, situada na cidade de Curitiba-PR, apresentando uma ferida cortante linear com bordos paralelos na região ventro-axilar, lateral esquerda, com uma extensão de aproximadamente 30cm, causada por um objeto metálico cilíndrico (cano). Como protocolo inicial de atendimento foi realizada a limpeza e assepsia local, sutura simples interrompida da lesão, terapias antimicrobiana com administração de penicilina, anti-inflamatória com fenilbutazona e preventiva de gastropatias com omeprazol. Dois dias após o início do tratamento foi observado aumento de volume em região abdominal e espadua esquerda com crepitação a palpação, avançando, posteriormente, para a região do pescoço e garupa. O tratamento instituindo então para o novo quadro foi basicamente impedir o acesso de ar no subcutânea através da ferida incisa. Para isso foi afixado, por pontos de ancoragem, um campo obrigatório sobre toda a extensão da ferida, limpeza diária com solução fisiológica e aplicação de pomada cicatrizante. Além disso a paciente foi mantida confinada e em restrição de movimentação. Após 4 dias de terapia observou-se redução significativa do enfisema subcutâneo, momento em que foram removidos os pontos de ancoragem, mantendo somente o curativo diário da ferida. Após 15 dias de terapêutica houve redução total do enfisema. No tratamento do enfisema subcutâneo secundário à ferida incisa em áreas de tensão a principal medida a ser tomada é impedir a sucção de ar ocasionada pela ambulação. Compressas oclusivas e a realização dos curativos diários aceleram a cicatrização da ferida, mas a restrição de movimentação mostrou-se fundamental no tratamento. A restrição de movimento, oclusão e cuidados com feridas extensas em regiões de grande tensão cutânea são imprescindíveis, uma vez que este será o local de acesso do ar para o subcutâneo.

Palavras-chave: Enfisema subcutaneo; ferida axilar; equino

138. EXCISÃO CIRÚRGICA ASSOCIADA AO TRATAMENTO TÓPICO COM POMADA À BASE DE METRONIDAZOL, ÓLEO DE COPAÍBA E PAPAÍNA EM PITIOSE EQUINA

CAMILA DA SILVA FERREIRA*1; MARIANA MOTTA DE CASTRO1; WERICSSON DA SILVA BORGES1; AMANDA PILETTI1; SERGIO FREIRE DOS SANTOS JUNIOR1; LUANA DOMINGOS DE SOUZA1; MARIANE ALVES PONCIANO1; DELFINO ÁLVARES PEREIRA DA SILVA1

1.FACULDADE ANHANGUERA DOURADOS MS, DOURADOS, MS, BRASIL.

e-mail:camilavetufms@hotmail.com

Resumo:

A pitiose em equinos é uma doença ulcerativa, proliferativa na pele e tecido subcutâneo causada pelo oomiceto Pythium insidiosum. É caracterizada pela formação de granulomas eosinofílicos, com a presença de massas necróticas chamadas de kunkers. Um equino, fêmea, mestiça Quarto de Milha, pelagem castanha, seis anos de idade, pesando 360 kg, foi encaminhada ao Hospital Veterinário da Faculdade Anhanguera de Dourados MS no mês de abril de 2016, por apresentar uma lesão granulomatosa na região medial do membro posterior esquerdo. De acordo com o responsável pelo animal, a lesão havia sido percebida a cerca de seis meses, com o aparecimento de um nódulo de pele localizado na região medial da coxa esquerda. A lesão apresentou crescimento progressivo e tornou-se uma extensa ferida com presença de secreção sanguinolenta e recoberta por crostas. Ao exame físico notou-se uma massa firme de aspecto granulomatoso, medindo aproximadamente 40 centímetros, com presença de exsudato serossanguinolento e concreções de coloração amarelada, suspeitou-se de pitiose cutânea. O tratamento consistiu-se na excisão cirúrgica da massa granulomatosa, seguida de cauterização com ferro quente. Para a realização do procedimento, o animal foi anestesiado com cloridrato de xilazina 2% associado a cloridrato de quetamina 10%, ambos por via endovenosa. Na manutenção do plano anestésico, utilizou-se éter gliceril guaiacol (EGG) em infusão contínua pela via endovenosa. Depois de realizada a antissepsia, utilizou-se cloridrato de lidocaína 2% como anestésico local. Após a ressecção, amostras da lesão foram coletadas e fixadas em formol 10% para realização de análise histopatológica, que revelou o tecido subcutâneo com acentuada proliferação de tecido conjuntivo fibroso com formações grosseiramente esféricas constituídas de um centro hipereosinofílico resultante da degranulação de eosinófilos. Nessas áreas frequentemente foram observadas imagens negativas de hifas pseudoseptadas. No pós cirúrgico administrou-se 1,1 mg/Kg de flunixina meglumina durante cinco dias, além de 2 mg/Kg de ceftiofur sódico por seis dias, ambos pela via intramuscular a cada 12 h. A ferida era higienizada duas vezes ao dia com clorexidina 2% e iodopolividona 10%, após cada higienização utilizava-se de forma tópica pomada a base de metronidazol 1%, óleo de copaíba 15% e papaína 2%. O tratamento tópico foi realizado durante 90 dias, até a completa cicatrização da ferida. No animal em questão, não foi utilizado iodeto de potássio e a cura com remissão da lesão foi possível com a excisão cirúrgica e uso da pomada, acendendo assim uma nova possibilidade para o tratamento de animais acometidos por Pythium insidiosum.

Palavras-chave: Pythium; kunkers; neoplasia

139. FIBROSE HEPÁTICA MEDICAMENTOSA: RELATO DE CASO

LUAN GAVIÃO PRADO*1; FRANCIELE DE CÁSSIA SIQUEIRA BALBINO1; LARISSA CERQUEIRA BARBOZA1; NATÁLIA GONÇALVES SANTANA PROCÓPIO1; IGOR SANTOS FREITAS1; GABRIEL DOS ANJOS CELLOTO1; LUIZ PEDRO TORRES COSTA1; MARIANA CARDOSO DA COSTA GARCIA1; LÍVIA MIRANDA POPOLÍZIO1; LUCAS DE MOURA SAMPAIO1; CAIQUE AUGUSTO RIBEIRO GOMES1

1.CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ITAJUBÁ, ITAJUBA, MG, BRASIL.

e-mail:luangprado@hotmail.com

Resumo:

O fígado é a maior glândula do corpo que apresenta inúmeras funções, desde a produção da bile, ácidos biliares, armazenamento de vitaminas e minerais, metabolização de medicamentos e na síntese de fatores de coagulação, dentre outras. Nos equinos, o fígado se localiza na parte medial do abdômen, dentro da abobada diafragmática e como os demais órgãos pode ser acometido por afecções. A doença hepática é qualquer distúrbio capaz de causar lesão de hepatócitos, colestase ou ambas, como por exemplo intoxicações ou inflamações. Pode evoluir para uma insuficiência hepática, caracterizada pela incapacidade do fígado em remover do sangue as substâncias que comumente excreta e pela menor produção de substâncias, como a albumina que é uma proteína plasmática

ligada a cascata de coagulação. Nem sempre a doença hepática provoca insuficiência, uma vez que o fígado tem grande capacidade de reserva e regeneração, costuma ocorrer quando há a perda de 70 a 80% da massa hepática funcional para que se instale a insuficiência. Os sinais clínicos comumente encontrados são icterícia, encefalopatia hepática, edema, emaciação, diarreia, fotossensibilização, diátese hemorrágica e dor abdominal. Para realização de um diagnóstico fidedigno de uma doença ou insuficiência hepática além dos sinais clínicos apresentados, se faz necessário a realização de exames complementares como as análises bioquímicas, exames de imagem e histopatológico. Entre os testes laboratoriais se incluem a determinação da atividade sérica de enzimas Alanina Aminotransferase (ALT), Aspartato Aminotransferase (AST), Glutamato Desidrogenase (GLDH) e ainda a mensuração da concentração sérica de substâncias que são normalmente produzidas ou removidas do sangue pelo fígado, como amônia e bilirrubina. O tratamento varia conforme a causa e tem como objetivo a retirada do motivo causador e suporte até a regeneração do órgão, mas uma vez perdida a função da massa hepática não há tratamento. O objetivo deste trabalho é relatar a ocorrência de fibrose hepática medicamentosa em um equino da raça Mangalarga Marchador. Foi atendido, um equino, macho, não castrado, 5 anos, Mangalarga Marchador. Durante a anamnese o proprietário relatou que estava administrando diferentes quatro tipos de anti-inflamatórios não esteroidais por aproximadamente dois meses para tratamento de uma lesão de locomotor do animal. Ao exame físico inicial o animal apresentava frequência cardíaca aumentada (68 b.p.m), frequência respiratória (28 m.r.m), mucosas levemente ictéricas e sistema digestório com normomotilidade. Durante a inspeção foi observado a presença de úlceras na parte interna dos lábios e, portanto, foram solicitados exames laboratoriais. No hemograma o animal apresentou anemia arregenerativa normocítica normocrômica (Hemácias 5.83 milh/mm³), Plaquetas 220.000/mmc, hipoproteinemia (proteína total 4,8g/dL, Albumina 1,4g/dL), Uréia 32,0 mg/dL, Creatinina 1,08mg/dL, Transminase G. Oxalactéia (AST) 343,0 U/L, Transminase G. Pirúvica (ALT) 21,0 U/L, Fosfatase Alcalina 290,0U/L. Devido as alterações encontrados no exame laboratorial e pela ausência de melhora clínica do animal foi solicitado ultrassonografia de fígado, coração e pulmão. No transcorrer do procedimento foi diagnostico um quadro de hidropericárdio e hidrotórax, no fígado foi possível observar áreas de bordas irregulares e áreas de fibrose no parênquima hepático. Durante a internação o animal começou a apresentar sinais de encefalopatia hepática como convulsões. Foi então indicado eutanásia do animal. A necropsia pode-se observar fibrose difusa do fígado, presença de líquido de aspecto translúcido em cavidade abdominal e torácica, além de aproximadamente 500 mL deste mesmo líquido no pericárdio. Conclui-se que a utilização de anti-inflamatórios não esteroidais acima da dose e do tempo recomendados pode levar a falência hepática que teve como consequência o surgimento de hidroperitônio, hidropericário e hidrotórax devido a menor produção de albumina.

Palavras-chave: Equino; fígado; fibrose

140. FÍSTULA ORAL CAUSADA POR PONTAS DE ESMALTE – RELATO DE CASO

IZAURA DE VARGAS SCHERER*1; LIZZIE DE OLIVEIRA DIETRICH2

1.UFSM, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 2.EQUIDENT, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

e-mail:izauravscherer@gmail.com

Resumo:

Equídeos de trabalho que nunca tiveram qualquer tratamento odontológico mostram significativas pontas de esmalte em dentes molares, apesar de serem alimentados com uma dieta predominantemente à base de forragens. As pontas de esmalte são os distúrbios dentários mais comumente encontrados, e pelo menos 35% dos animais que apresentam essa alteração sofrem com úlceras na mucosa oral. Os procedimentos de nivelamento corretivos são frequentemente realizados para: aliviar o desconforto associado com lesões orais dos tecidos moles causadas por pontas afiadas de esmalte; reduzir alongamentos dentários, que colocam stress sobre dentes e mandíbulas afetadas; melhorar a mastigação e digestão dos alimentos; aliviar as tensões em dentes irregularmente desgastados; e prevenir desconforto e melhorar o desempenho no cavalo que usa embocadura. O objetivo deste trabalho é relatar um caso de fístula oral decorrente do excesso de pontas de esmalte. Equino, fêmea, da raça Mangalarga Marchador,

7 anos, sob manejo extensivo, utilizada para reprodução como receptora e sem histórico de atendimento dentário prévio. No exame externo, o animal apresentou aumento de volume na face lateral direita, na região do dente Triadan 107, aproximadamente 10 cm caudal à comissura labial. Nesta assimetria havia uma fístula orocutânea. Ao exame intraoral, com equino sedado com 0,02mg/kg detomidina IV, e uso de espéculo oral, fotóforo e espelho, foram observadas lacerações de bochecha severas do lado direito ocasionadas pelas pontas excessivas de esmalte dentário dos molares. Como meio diagnóstico da origem fistular, o orifício cutâneo foi sondado com cateter e aplicado gel de clorexidina colorido como meio de contraste e antissepsia. Foi comprovada a relação da laceração de mucosa presente na mucosa oral na região do dente Triadan 107 com a fístula cutânea. Como tratamento, foi realizado o procedimento de odontoplastia e nivelamento das arcadas para correção das alterações oclusais e remoção das pontas a fim de proporcionar conforto ao animal. Complementarmente foi feita limpeza e antissepsia da fístula e também curetagem dos seus bordos cutâneos. Em 30 dias após o procedimento de nivelamento dental e odontoplastia, o equino obteve regressão completa da fístula. Casos como este reafirmam a importância dos cavalos necessitarem de tratamento odontológico adequado, do tipo odontoplastia, esporadicamente ao longo de sua vida, aparando-se pontas de esmalte e corrigindo irregularidades na arcada, tanto na superfície oclusal, como nas superfícies vestibular, lingual e palatal. Por fim este tipo de tratamento alivia a dor e favorece uma mastigação adequada.

Palavras-chave: úlcera de bochecha; fístula orocutânea; pontas de esmalte

141. FÍSTULA SINOCUTÂNEA NO SEIO MAXILAR CAUDAL – RELATO DE CASO

CAMPO AMOR VIEIRA DA CUNHA NETO*1; GIOVANE OLIVO1; CÉSAR ERINEUDO TAVARES DE ARAÚJO1

1.FMVZ/UNESP DE BOTUCATU SP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:campoamor_vieira@hotmail.com

Resumo:

As fístulas sinocutâneas geralmente são sequelas de fraturas cominutivas dos ossos da face compostos pelos seios paranasais. O maior deles é o seio maxilar caudal (SMC) que se comunica com o seio conchal ventral através do canal infra-orbital e tem seu piso formado pelas raízes dos dentes P4 e M1 cobertas por fina camada óssea. A prevalência de desordens primárias dos seios paranasais decorrentes de trauma é de 6,5% e os sinais clínicos incluem assimetria facial, edema, epífora, epistaxe ou secreção mucopurulenta unilateral. O tratamento consiste em reparo por segunda intensão de fistulas com menos de 3 cm e cirúrgico para fistulas maiores que 3 centímetros de diâmetro e as técnicas usualmente descritas são os retalhos de pele, periósteo, músculo e fáscia. Também é possível a realização de enxertos autógenos ou implantes de materiais sintéticos para ancorar o tecido de granulação neoformado. Este trabalho teve por objetivo relatar um caso de correção cirúrgica de fistula sinocutânea crônica em égua da raça Quarto de Milha com histórico de trauma na face ocorrido há aproximadamente dez meses. A égua estava em bom estado corpóreo e com parâmetros vitais dentro da normalidade e discreta assimetria dos ossos da face. A fístula sinocutânea do SMC esquerdo apresentava falha óssea de 37mm e completa cicatrização pele-mucosa com conteúdo mucopurulento sendo drenado. Uma semana antes do procedimento foi instituído antibioticoterapia por VO com sulfametaxazol + trimetropim na dose de 25mg.kg-1 BID e limpeza da ferida com solução de 1% de iodo em cloreto de sódio 0,9% seguida de aspersão de rifamicina sódica TID. Para o procedimento de correção da fistula o animal foi submetido a jejum alimentar de 6 horas, realizada sedação com 0,05mg.kg-1 de acepromazina IM e 0,05mg.kg-1 de diazepan IM e após 10 minutos administrou-se 1 mg.kg-1 de xilazina IV, após sedação foi realizada a tricotomia da região peri-fistular. Com o animal em estação foi realizada anestesia local com cloridrato de lidocaína 2% nos seguintes pontos: entre linha media frontal e canto medial do olho esquerdo (5ml), no forame infraorbitário (5ml), forame supraorbitário (2ml), terço médio da crista facial (5 ml) e processo do osso zigomático (5ml). Com o animal devidamente sedado, contido e com campo cirúrgico devidamente preparado foi realizado antissepsia local, incisão de pele na transição pele-mucosa em torno da fistula, realizado divulsão da pele, tecido conectivo e elevação do periósteo. A síntese foi realizada em duas linhas com sutura em massa da pele, tecido conectivo e periósteo com padrão Wolf captonadas e outra simples separada de pele, ambos com fio náilon número zero. Para o pós-operatório foi dado continuidade na antibioticoterapia durante duas semanas reduzindo a dose

inicial para 20mg.kg-1, flunixin meglumine 1,1 mg.kg-1 IV SID durante três dias seguido de meloxican 1,2 mg.kg-1 SID durante cinco dias, além de omeprazol 10% SID por VO. Para os curativos foi utilizado PVPI tópico e glicerina iodada a 2%, compressão da ferida com bandagens coladas com adesivo de cianocrilato trocados a cada 48 horas durante duas semanas. As suturas foram retiradas com 10 dias de PO. Após retirada das suturas observou-se uma solução de continuidade pontual na parte cranial da linha de síntese, onde foi realizada limpeza e preenchido com cianocrilato. Aos 15 dias de pós-operatório foi possível verificar, com auxílio de ultrassonografia que a falha óssea foi preenchida com tecido de granulação sob o tecido cicatricial da epiderme. A técnica utilizada foi de fácil execução, permitiu ser realizada com o animal sedado em estação e se mostrou eficiente na correção de fistula crônica, com aproximadamente 3 cm de diâmetro, no seio maxilar caudal, com a vantagem de manter o animal na propriedade evitando maiores transtornos de viagem, diminuindo custos para o proprietário.

Palavras-chave: Fístula; cirurgia; trauma

142. HEMOPERITONEO POR LINFOMA EM RAIZ MESENTÉRICA

MARIA EDUARDA MOREIRA VOLPATO*1; PAULO HENRIQUE DOS SANTOS CASTRO1; ALINE MATOS CURVELO BARROS1; SOFIA CICOLO SILVA1; LUCIANA NEVES TORRES1; JULIO DAVID SPAGNOLO1; CARLA BARGI BELLI1

1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA - USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:cbbelli@usp.br

Resumo:

Hemoperitoneo é o acúmulo anormal de sangue na cavidade peritoneal. Embora a real frequência do mesmo em equinos seja desconhecida, esta condição tem sido pouco relatada nesta espécie. A ampla possibilidade de causas e a severidade das manifestações presentes requerem uma interpretação cuidadosa dos achados hematológicos e bioquímicos e dos resultados de procedimentos como abdominocentese e ultrassom abdominal. A ocorrência de hemoperitoneo pode ser secundária a ruptura esplênica ou hepática, ruptura de artérias mesentéricas por migração larval, ruptura de artéria uterina durante o parto, coagulopatias e lesões neoplásicas ou abscessos. Dentre as neoplasias abdominais relatadas em equinos está presente o linfoma, que é determinado por transformações malignas das células linfoides, podendo ser considerado a forma neoplásica mais comum do sistema hemolinfático nos equinos. Pode ser classificado como multicêntrico, alimentar, esplênico, cutâneo e subcutâneo. As manifestações clínicas nos cavalos com linfoma não são específicas e variam muito dependendo dos órgãos afetados. Algumas manifestações comuns incluem perda de peso, letargia, linfadenopatia e edema. Os achados laboratoriais incluem anemia, hiperfibrinogenemia, hiperproteinemia, hiperglobulinemia e hipoalbuminemia. Relata-se aqui o caso de um equino encaminhado ao HOVET-USP, Quarto de Milha, macho, de cerca de 6 anos, com queixa de edema recorrente em bolsa escrotal, associado a distensão abdominal e alterações em auscultação pulmonar. O veterinário que encaminhou o animal, durante exame ultrassonográfico, encontrou grande presença de líquido livre na cavidade com características de heterogeneidade que, após a abdominocentese, verificou ser sanguinolento. No HOVET-USP o exame físico revelou baixo escore corporal, taquicardia, mucosas congestas, auscultação pulmonar com reverberação de ruídos cardíacos e intestinais e distensão abdominal. No hemograma havia neutrófilos hipersegmentados, aumento de monócitos (1.068/µL) e de fibrinogênio (600 mg/dL). Também havia diminuição de albumina (1,82 g/dL) e aumento de bilirrubina indireta (6,47 mg/dL). No perfil renal observou-se aumento de uréia (73,7 mg/dL). Realizou-se abdominocentese onde foi observado líquido peritoneal de aspecto sanguinolento, com 5% de hematócrito, proteína 2 g/dL, 24.900 de contagem de células nucleadas e lactato 18,6 mmol/L. No ultrassom abdominal notou-se grande quantidade de líquido com presença de fibrina, baço com superfície irregular, de tamanho reduzido e afastado da parede abdominal, alças intestinais com pouca quantidade de conteúdo alimentar. Diante das alterações observadas, indicou-se uma laparotomia exploratória. Durante o procedimento cirúrgico, ao realizar a incisão na linha média abdominal, ocorreu drenagem de grande quantidade de líquido sanguinolento. Na exploração da cavidade abdominal observou-se a presença de formação tumoral em porção distal do jejuno, se estendendo desde a raiz mesentérica até a junção do mesentério com a alça intestinal. Devido à extensão da formação e à impossibilidade de remoção cirúrgica, associado ao grande sangramento, indicou-se a eutanásia do animal. Durante a necropsia, além da tumoração evidenciada na laparotomia, havia também aumento de linfonodos

mediastinais. Foi colhido material para histopatológico, onde foi diagnosticado linfoma. Este equino apresentou a forma multicêntrica do linfoma. O incomum do caso é o acometimento da raiz mesentérica e o desenvolvimento de distensão abdominal e hemoperitoneo, o que é pouco relatado na literatura. O diagnóstico definitivo com o animal vivo é difícil, porem neste caso foi possível devido a laparotomia exploratória. Conclui-se que o linfoma deve ser considerado como diagnóstico diferencial em cavalos com hemoperitoneo.

Palavras-chave: Hemoperitoneo; linfoma; equino

143. HIPERPARATIROIDISMO NUTRICIONAL SECUNDÁRIO E SUAS ALTERAÇÕES NA CAVIDADE ORAL – RELATO DE CASO

IZAURA DE VARGAS SCHERER*1; ARIELLE DA SILVA COSTA2; LIZZIE DE OLIVEIRA DIETRICH3; JARBAS CASTRO JUNIOR4

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 2.UNIRITTER, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 3.EQUIDENT, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 4.CLÍNICA HÍPICA, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

e-mail:izauravscherer@gmail.com

Resumo:

O Hiperparatireoidismo Nutricional Secundário ou Osteodistrofia Fibrosa, ou também conhecido como “Doença da Cara Inchada”, é um distúrbio relacionado ao manejo nutricional errôneo em equinos. Ocorre devido ao aumento da liberação do hormônio PTH (paratormônio), o qual atua retirando cálcio dos ossos e liberando-o para a corrente sanguínea. O excesso do mineral fósforo (P) na dieta faz com que o cálcio (Ca) dos ossos seja retirado para que o equilíbrio na relação Ca:P seja mantido. Os primeiros ossos a sofrerem com a remoção do cálcio são os ossos da face, pois apresentam uma deposição excessiva de tecido conjuntivo e osteóide por estímulo dos osteoblastos, levando ao aumento progressivo na espessura dos ossos. Posteriormente os ossos afetados são mandíbula, crânio, costelas, vértebras e ossos longos. O objetivo desse trabalho é relatar o caso de um equino macho, 20 anos com Osteodistrofia Fibrosa, que apresenta emagrecimento progressivo, dificuldade para se alimentar, ingerir água e anormalidades dentárias secundárias à doença. Este animal estava sob confinamento, recebendo ração comercial e feno de alfafa, seu escore corporal (ECC) era 3, demonstrou dificuldade de locomoção, dispnéia, respiração ruidosa e aumento de volume dos ossos da face (incisivo, nasal, mandibular e alveolar). No exame clínico, a suspeita foi osteodistrofia fibrosa. Na avaliação intraoral, foi observado aumento de volume dos ossos alveolares incisivos, maxilares e mandibulares, além de sangramento nos espaços interdentais e mobilidade grau 1 nos dentes de todas as arcadas. Devido à deformação dos ossos da face ocorreu obstrução da passagem de ar em conchas nasais e seios paranasais, resultando em respiração ruidosa nas vias aéreas superiores e dispnéia. Adicionalmente foram feitas radiografias de face, que revelaram radiopacidade em seios paranasais, indicativo de presença de tecido fibroso nos compartimentos rostrais e caudais, e perda de densidade óssea mandibular, maxilar e em alvéolos dentais. No exame bioquímico, a concentração sérica de Ca e P não estavam alteradas, contudo a fosfatase alcalina (FA), elevada (675,68mg/dl). O hemograma revelou anemia, leucopenia, neutropenia e desidratação. Neste caso, devido ao avanço da osteodistrofia fibrosa e de comprometimento da saúde do animal foi recomendada eutanásia. A instabilidade dentária presente nesta doença gerada pela reabsorção alveolar promove dor mastigatória e por fim perda de peso progressiva, não são raros os casos de perda dental. Alguns sinais clínicos como o sangramento nos espaços interdentais e a mobilidade dental devem ser diferenciados de doença periodontal. No caso da osteodistrofia fibrosa, a periodontite é disseminada e associada ao aumento de volume alveolar. Síndrome de Hipercementose Odontoclástica Equina pode ser confundida com esta doença, porém ela cursa com hipercementose, perda da integridade do periodonto e fístula. O fato do animal estar sob constante confinamento, sem exposição solar, pode ter sido o fator desencadeante. Considerando que a radiação ultravioleta B da luz solar estimula a produção da pré-vitamina D, que, por sua vez, é convertida nos rins para a forma biologicamente ativa, a vitamina D, e sem esta não é possível que o organismo faça a absorção do cálcio. Os níveis bioquímicos de Ca e P foram normais por ser um processo avançado e mecanismos homeostáticos tendem a compensar os níveis destes minerais. Já a FA estava elevada devido ao aumento da atividade osteoblástica presente nesta doença. A eutanásia foi a opção escolhida devido ao comprometimento da saúde do animal, ao avanço da doença, uma vez que não existe a regressão dos

sinais clínicos e do quadro do animal, e pelo sofrimento respiratório.

Palavras-chave: Hiperparatiroidismo nutricional secundário; osteodistrofia fibrosa; cara inchada

144. INSUFICIÊNCIA AÓRTICA E DISPLASIA DE TRICÚSPIDE EM UM POTRO DE 10 MESES: RELATO DE CASO

KAROLINE KOETHER*1; SIMONE BIAGIO CHIACCHIO1; ALEXANDRE SECORUN BORGES1; MARIA LÚCIA GOMES LOURENÇO1; JULIANA BORNHAUSEN ARAÚJO1; MAYRA DE CASTRO FERREIRA LIMA1; AMANDA SARITA CRUZ ALEIXO1; JULIANA ALMEIDA NOGUEIRA DA GAMA1

1. UNESP-FMVZ, BOTUCATU- SP, BRASIL

e-mail: chiacchios@fmvz.unesp.br

Resumo:

O coração é um excelente órgão para se realizar imagens ultrassonográficas, uma vez que o sangue dentro das câmaras cardíacas é relativamente anecóico, o que favorece o delineamento das válvulas ecogênicas e paredes da câmara. Sons cardíacos anormais em animais jovens são consistentes com cardiopatias congênitas. Defeito de septo ventricular é a cardiopatia congênita mais comum em equinos, sendo que anomalias valvulares são raras e ocorrem principalmente nas valvas semilunares aórticas e nas válvulas atrioventriculares (displasia de mitral e tricúspide). Assim o presente relato teve como objetivo descrever o caso de um animal da espécie equina, portador de insuficiência aórtica e displasia de tricúspide. Um potro, 10 meses de idade, 150 kg, Mangalarga, foi atendido com queixa principal de emagrecimento progressivo, hiporexia e cansaço fácil. Ao exame clínico o animal apresentava mucosas róseas, desidratação 5 %, temperatura retal de 38,4ºC, taquicardia (94 batimentos por minuto) e frequência respiratória de 24 movimentos por minuto. À auscultação cardíaca verificou-se sopro holossistólico (grau III/VI), com ponto de maior intensidade no 4º espaço intercostal esquerdo (foco aórtico) e sopro grau IV/VI em tricúspide. À auscultação pulmonar detectou-se ruído traqueobrônquico e bronco-bronquiolar. Foi observado presença de edema em prepúcio. As fezes apresentavam-se ressecadas e recobertas de muco. Foram solicitados exames complementares, sendo que o ecodopplercardiograma revelou espessamento das cúspides das valvas atrioventriculares, sendo a cúspide da parede livre da valva tricúspide levemente displásica. À avaliação da valva semilunar esquerda (aórtica) foi observado aspecto e movimentação anormal e ao estudo Doppler constatou-se insuficiência de grau importante. De acordo com os achados ecodopplercardiográficos o paciente era portador de cardiopatias congênitas compatíveis com insuficiência aórtica e displasia de tricúspide. O paciente encontrava-se no estágio C da ICC e foi instituído terapia com maleato de enalapril 0,5 mg/kg, VO, BID e furosemida 1mg/kg, IM, BID. Desta forma, conclui-se que sopros cardíacos devem ser investigados e avaliados com exames específicos em equinos, pois o impacto de qualquer anormalidade cardiovascular no desempenho presente e futuro nesses animais podem ocasionar perdas econômicas, sendo as cardiopatias congênitas nem sempre diagnosticadas, uma vez que são consideradas raras na espécie.

Palavras-chave: equino, cardiopatias, sopro, ecodopplercardiograma, aorta

145. INSUFICIÊNCIA RENAL CRÔNICA EM EQUINO

DANIELA JUNQUEIRA DE QUEIROZ*1; SAMUEL DOS SANTOS SOUSA1; HENRIQUE SILVEIRA DIAS FERREIRA1; BRUNO SOARES SALVADOR1; DEBORAH PENTEADO MARTINS DIAS1

1.CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ, RIBEIRÃO PRETO, SP, BRASIL.

e-mail:danielajqueiroz@hotmail.com

Resumo:

A insuficiência renal crônica (IRC) é uma síndrome caracterizada pela perda progressiva da função renal que resulta em menor capacidade de concentrar urina, retenção de metabólitos, desequilíbrio hidroeletrolítico e ácido-base e disfunções hormonais. Um equino Quarto de Milha, macho, de 19 anos de idade, foi encaminhado para atendimento veterinário apresentando sinais de síndrome cólica. Durante a anamnese o proprietário revelou que o animal não estava urinando. Após exame físico o animal foi encaminhado à laparotomia exploratória devido à presença de alças de intestino delgado distendidas durante a palpalção retal, dor severa e fluido peritoneal sanguinolento. Na laparotomia identificou-se uma torção de cólon maior, foi feito o reposicionamento da alça e não houve a necessidade de enterotomia. Também se identificou a bexiga repleta de urina e bastante distendida e observou-se uma massa obstruindo o óstio uretral. Realizou-se então uma uretrostomia perineal com colocação de uma sonda permitindo o esvaziamento da vesícula urinária. No pós-operatório imediato foi feito penicilina potássica (20.000 UI/ kg), gentamicina (6,6 mg/kg), metronidazol (15 mg/kg) além de flunexina meglumina (1,1 mg/kg). Três dias após o procedimento cirúrgico exames laboratoriais revelaram azotemia (ureia: 69 mg/dL; creatinina: 3,8 mg/dL) e na urinálise observou-se presença de cilindros granulosos (++) e hialinos (++) e isostenúria (1,013). Foi feito tratamento com fluidoterapia intensiva com solução de ringer com lactato. Quinze dias após a laparotomia o animal foi submetido a uma nova intervenção cirúrgica para retirada do pênis e prepúcio. Foi feito histologia da massa que obstruía a uretra e diagnosticou-se carcinoma de células escamosas. Nos dias subsequentes o animal apresentou-se apático, com hiporexia, anêmico (Ht: 17%), a ureia e a creatinina permaneceram elevadas e, apesar de não haver mais cilindros na urina, a densidade urinária (du) permanecia diminuída. Setenta e cinco dias após a admissão o quadro permanecia o mesmo (ureia: 100 mg/dL; creatinina: 2,8 mg/dL; du: 0,018), caracterizando IRC. A apatia e hiporexia observadas são sinais clínicos de uremia, termo utilizado para definir a síndrome clínica de disfunção de múltiplos órgão que ocorre em decorrência da perda da função renal. A anemia, nos casos de IRC, é atribuída a diversos fatores como diminuição da sobrevivência dos eritrócitos, deficiência nutricional e diminuição da produção de eritropoetina pelos rins. No presente relato supõe-se que a IRC foi decorrente de um quadro de lesão renal aguda. A lesão renal aguda tem como principais causas diminuição da perfusão renal e sepse, situações comuns aos quadros de síndrome cólica em equinos, além de drogas nefrotóxicas, como antibióticos aminoglicosídeos, e antiinflamatórios não esteroidais. Neste caso todas essas situações estiveram presentes e assim acredita-se que a IRC foi uma sequela do quadro de insuficiência renal aguda devido à lesão renal aguda, caracterizada pela presença de cilindros urinários, apresentada pelo animal.

Palavras-chave: Síndrome cólica; uremia; cilindros urinários

146. INSUFICIÊNCIA RENAL CRÔNICA EM EQUINO POR ALTERAÇÃO CONGÊNITA

DANIELLE ARAÚJO BARBOSA*1; FREDERICO FERNANDES ARAÚJO1; YASMIM VARAGO FARTH1; MARIANA COSENZA1; ANA FLAVIA COSTA1; HOMERO LEITE MARTINS1; PEDRO VICTOR LUNA FREIRE OLIVEIRA1

1.UNIFIL, IBIPORA, PR, BRASIL.

e-mail:fred_arj@hotmail.com

Resumo:

A insuficiência renal (IR) é uma afecção incomum em equinos e pode ser definida como um decréscimo na taxa de filtração glomerular, resultando em azotemia e a distúrbios eletrolíticos e acido-básicos. A IR pode ser classificada em aguda ou crônica podendo as causas serem congênitas ou adquiridas. Em animais com menos de 5 anos de idade, a lesão congênita deve ser considerada. Dentre os fatores congênitos que podem levar à uma insuficiência renal crônica destacam-se a agenesia renal, displasia, hipoplasia, rim policístico e hidronefrose. Os fatores adquiridos são aqueles que ocorrem por consequência de danos nos túbulos glomerulares como isquemia renal, componentes nefrotóxicos, infecções do trato urinário, pielonefrites ou obstruções. O equino possui grande capacidade de filtração glomerular, e para apresentar sinais clínicos de lesão renal crônicadeve apresentar um comprometimento renal de pelo menos dois terços dos rins. Infelizmente o prognóstico para insuficiência renal crônica por causa congênita é desfavorável, principalmente por ser um fator irreversível. Os animais começam a apresentar perda

de peso progressiva e um quadro de azotemia sem mudanças. Normalmente a indicação acaba sendo a eutanásia, antes que o animal morra por descompensação urêmica ou caquexia. Foi encaminhado ao Hospital Veterinário da Unifil (HV-Unifil), um garanhão da raça Quarto-de-Milha com 2,5 anos de idade, histórico de diminuição de apetite nos últimos 15 dias, perda de peso progressiva e desidratação intensa. Na propriedade havia sido realizada fluidoterapia, onde observou-se que o cavalo urinou após 30 litros de fluído. O animal fazia mímica constante para urinar, apresentava curvatura da coluna e respiração ofegante aparentando dor. Ao dar entrada no HV-Unifil, foi solicitado um hemograma completo, e exame bioquímico (AST, GGT, Uréia, Creatinina, Albumina, Fibrinogenio, Fósforo e Cálcio). O resultado do exame foi: Uréia: 146 / Creatinina: 8,6 / Cálcio: 15,6 / Fósforo 1,4 / Albumina: 1,5 / AST: 228 / GGT: 17 / Fibrinogênio 400. Na urinálise, as alterações encontradas foram a baixa densidade urinária (isostenúria), no valor de 1,006 e a presença de leucócitos (3/campo). No exame ultrassonográfico foi possível observar apenas o rim direito onde apresentava-se, de forma geral com tamanho menor, mais hiperecóico, não havia diferença de região cortical e medular, dilatação de pelve renal e sedimentos hiperecóicos. A bexiga apresentava um leve espessamento de mucosa e áreas hiperecóicas sugestivas de sedimentos. O tratamento realizado foi a hidratação parenteral, passando para enteral após o terceiro dia. Os valores de uréia e creatinina não baixaram em níveis significativos durante o tratamento, chegando a apresentar valores de uréia: 616 e creatinina: 14,7. Animal apresentava edema ventral, facial e de prepúcio. Conforme era realizada a hidratação os edemas aumentavam, a taxa de reposição era diminuída, não sendo possível assim reestabelecer a hidratação de maneira adequada. Devido a sua piora progressiva, foi indicado à eutanásia. O tratamento necessário seria a hemodiálise ou transplante renal, porém devido a inviabilidade de tal tratamento e a falta de resposta ao tratamento clínico realizou-se a eutanásia. Após a eutanásia, o animal foi submetido à necropsia. Na análise macroscópica dos rins, estes se apresentaram de tamanho pequeno, com inserção ectópica da artéria renal (acima da pelve renal) e multilobulações. À analise histopatológica, evidenciou uma nefrite intersticial crônica associado à necrose tubular. O tratamento clínico para insuficiência renal crônica, neste caso, não apresentou a resposta desejada, visto que o animal apresentava uma alteração renal congênita.

Palavras-chave: Anomalia congênita renal; hipoplasia; displasia

147. INTUSSUSCEPÇÃO JEJUNO-JEJUNAL EM POTRO

VICTÓRIA CAMARA ANTUNES*1; RAFAEL RICCI MOTA1; RAPHAEL HENRIQUE ALVARES1; RODRIGO ROLIM DUARTE1

1.UNICESUMAR, MARINGA, PR, BRASIL.

e-mail:viiantunes@live.com

Resumo:

A intussuscepção se dá quando um segmento de alça intestinal se invagina em outro segmento. Sua severidade está diretamente relacionada a obstrução, parcial ou completa, do lúmen intestinal e do suprimento sanguíneo. Nos equinos, os animais jovens são mais acometidos, tendo maior casuística em potros de duas a cinco semanas de vida. Os fatores predisponentes desta enfermidade estão relacionados a alterações que causam hipermotilidade como infestação por vermes redondos ou achatados, mudança na dieta, alimentos grosseiros e mal digeridos, diarréias, enterites, neoplasias intraluminais, dentre outros. Animais acometidos apresentam dores abdominais contínuas de intensidade moderada a severa, perda de peso, depressão, febre intermitente, mucosas congestas e fezes escassas. Um equino, macho, da raça quarto de milha, três meses de idade, pesando aproximadamente 120kg, foi encaminhado ao hospital veterinário do Centro Universitário de Maringá, Unicesumar. O histórico era de dor abdominal intensa não responsiva a terapia analgésica e com evolução de aproximadamente dez horas. Durante o exame clínico constatou-se aumento da frequência cardíaca (110bpm), frequência respiratória (24 mpm), desidratação moderada, mucosas congestas, hipertermia (38,9°C) e ausência da motilidade do trato gastrointestinal. A paracentese abdominal foi improdutiva. Com base na avaliação clínica o animal foi imediatamente encaminhado para o centro cirúrgico sendo submetido à laparotomia exploratória, que revelou quadro de intussuscepção jejuno-jejunal. Foi realizado a ressecção da porção acometida e feita a anastomose do jejuno. A avaliação, pós enterectomia, do intussuscepto, revelou avançado grau de congestão, extensa área de necrose e infestação por Strongylus vulgaris. A forma mais comum de intussuscepção em equinos é a íleo-cecal, porém outros segmentos de alça intestinal

podem ser acometidos como por exemplo a intussuscepção ceco-cólica, ceco-cecal, jejuno-jejunal. Esta enfermidade apresenta níveis de gravidade variáveis, diretamente relacionada com o tamanho do segmento envolvido bem como a magnitude do comprometimento circulatório, sendo na maioria das vezes considerados casos graves. A palpação transretal, radiografia e a ultrassonografia podem auxiliar no diagnóstico das intussuscepções, porém, na maioria dos casos é a laparotomia exploratória que confirma o diagnóstico. O prognóstico da intussuscepção é reservado. A severidade do caso é proporcional ao tempo de evolução e grau do comprometimento vascular, visto que quadros de peritonite decorrentes da migração bacteriana pela parede intestinal comprometida, juntamente com o desenvolvimento de processos toxêmicos desencadeados pela necrose intestinal, são frequentes. Frente ao exposto, acredita-se que o pronto encaminhamento ao centro cirúrgico é fator fundamental e determinante para o sucesso do tratamento da intussuscepção.

Palavras-chave: Intussuscepção; jejuno; verminose

148. LACERAÇÃO PENIANA EM CAVALO MANGALARGA MACHADOR – RELATO DE CASO

ADRIANO FELIPE MENDES*1; GILSON PEDRO AMARAL FILHO2; CARLA FREDRICHSEN MOYA-ARAUJO2

1.UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, GUARAPUAVA, PR, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE DO PARANÁ (UNICENTRO), GUARAPUAVA, PR, BRASIL.

e-mail:carlafredrichsen@yahoo.com.br

Resumo:

Foi atendido um garanhão, quatro anos de idade, Mangalarga Machador, inteiro, com queixa de lesão peniana. O proprietário relatou que o animal havia ferido o pênis em cerca de arame liso há duas semanas. O paciente foi medicado com benzilpenicilina associada a estreptomicina com terapia antinflamatória a base de dexametasona, durante três dias consecutivos, sem observar melhora clínica. Era mantido em pastagem com duas fêmeas saudáveis, recebia ração e suplemento mineral no cocho e água ad libitum oriunda de represa. Vacinado contra tétano, influenza e encefalite viral. Ao exame físico observou-se dor intensa e edema em prepúcio que dificultava exposição do pênis. Foi necessária administração de acepromazina para avaliação do órgão. A laceração estendia-se da porção dorsal até ventral do corpo do pênis, recoberta por áreas de necrose, odor fétido e sangramento. Não sendo detectadas outras alterações clínicas. Foi realizado hemograma, não sendo observadas alterações nos parâmetros hematológicos. O animal permaneceu internado e o tratamento preconizado foi administração de flunixim meglumine, 1,1mg/Kg, IV, cada 24 horas e omeprazol, 2mg/kg, VO, cada 24 horas, durante 5 dias consecutivos e curativo local. Este era precedido de ducha fria no prepúcio, seguida de massagem com DMSO em gel e ao redor spray repelente. O pênis exposto para limpeza da ferida com gaze embebida em solução fisiológica, seguida pela aplicação de pomada a base de clorexidine. Procedimento realizado a cada 12 horas, durante 45 dias. No segundo dia de tratamento pode ser observada a diminuição do edema e após cinco dias o animal já expunha o pênis para urinar, com completa cicatrização ao final do tratamento, quando recebeu alta hospitalar.

Palavras-chave: Fisiopatologia; reprodução; enfermidade peniana

149. LAPAROTOMIA PARAMEDIANA OBLÍQUA PARA OVARIECTOMIA EM UMA ÉGUA: RELATO DE CASO

GUILHERME MAIA MULDER VAN DE GRAAF*1; ROGÉRIO NAVARRO DE ABREU2; LIDIA HILDEBRAND PULZ2; MARCIO DE BARROS BANDARRA3; LUIZ EDUARDO BENASSI RIBEIRO2; LUCIANO HENRIQUE TONON2; PAULO HENRIQUE DOS SANTOS CASTRO1

1.FAEF, GARÇA, SP, BRASIL; 2.UNIFEOB, SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SP, BRASIL; 3.UFU, UBERLÂNDIA, MG, BRASIL.

e-mail:mv.guilhermegraaf@yahoo.com.br

Resumo:

A ovariectomia é um procedimento frequentemente realizado em éguas de forma eletiva e existem diversas técnicas e acessos descritos para essa cirurgia, como: colpotomia, laparotomia pelo flanco e técnicas laparoscópicas. Entretanto a ocorrência de tumores ovarianos nas éguas, principalmente os tumores de células da granulosa, considerados os mais comuns, podem dificultar muito a realização da ovariectomia, devido ao grande volume dos ovários acometidos. Esse relato tem o objetivo de discutir o uso do acesso paramediano oblíquo para retirada de um grande tumor ovariano em uma égua. Um equino, fêmea, mangalarga de 5 anos de idade apresentava comportamento de garanhão por 3 meses. Ao realizar palpação retal foi observado grande aumento de volume contínuo ao corno uterino esquerdo, com mobilidade e superfície lisa com áreas de discreta flutuação. No ultrassom a massa apresentava diversas áreas anecóicas esféricas, de tamanho variado e parede hipoecogênica. A mensuração não foi possível devido ao grande volume ovariano. Foi então indicada a ovariectomia pela suspeita de tumor ovariano e a intenção do proprietário de utilizar essa égua para reprodução. Como o volume da massa tumoral poderia dificultar a sua retirada pelo flanco e também a ligadura do pedículo ovariano, foi tomada a decisão de realizar a cirurgia com a égua sob anestesia geral inalatória em decúbito dorsal, em posição de trendelenburg, porém o acesso a ser utilizado ainda não estava definido. Então após o posicionamento da égua em decúbito dorsal, foi realizada novamente palpação retal, onde foi possível mover o ovário e observar grande tensão do seu pedículo quando direcionado à linha média, com isso, foi tomada a decisão de realizar laparotomia pelo acesso paramediano oblíquo esquerdo. Esse acesso permitiu boa visualização da massa tumoral, drenagem de aproximadamente 2 litros de líquido do interior da massa. Em seguida adotou-se posição de trendelenburg, para evitar que as alças intestinais interferissem na manipulação do ovário e seu pedículo. Então 4 fios de poliéster n° 5 (Atramat) foram fixados no ovário, em padrão "sultan", para facilitar a tração. Após a exteriorização do ovário um emasculador foi aplicado no pedículo ovariano para a hemostasia do mesmo. Ao fim desse procedimento a mesa cirúrgica voltou para a posição horizontal e a síntese da parede abdominal foi realizada com fio poliéster n° 5 (Atramat) padrão "sultan", o tecido subcutâneo e pele com fio de ácido poliglicólico n° 0 em padrão simples contínuo e festonado, respectivamente. No período pós operatório foi aplicado penicilina benzatina (30.000 U. I./kg, a cada 72 horas por 9 dias), flunixin meglumine (1,1 mg/kg, a cada 24 horas por 5 dias), dimetilsulfóxido (0,5 g/kg, a cada 24 horas por 5 dias), furosemida (1,0 mg/kg, a cada 24 horas por 5 dias) e dexametazona (0,05mg/kg, no primeiro dia e em doses decrescentes a cada 24 horas por 5 dias). Não foram observados dores abdominais após a cirurgia, nem qualquer outra manifestação sistêmica, entretanto ocorreu grande formação de edema lateral à sutura, já no primeiro dia pós operatório, devido a tração excessiva necessária para exteriorização do referido ovário. A sutura final da pele tinha 28 cm e o ovário retirado apresentou 8,8 Kg de peso e 24 cm de diâmetro aproximadamente. O exame histopatológico revelou se tratar de neoplasia do estroma gonadal – tumor de células da granulosa. A égua teve alta após 6 dias e não manifestou comportamento de garanhão novamente. O proprietário relatou cio normal após 8 meses da cirurgia. O acesso utilizado foi então efetivo para a realização da ovariectomia, permitindo boa visualização de toda a massa tumoral e também boa manipulação do pedículo ovariano, a posição de trendelenburg se mostrou eficiente em facilitar a manipulação do pedículo ovariano e a fixação de fios de grosso calibre também foi efetiva na exteriorização do ovário, mesmo muito dilatado.

Palavras-chave: Tumor de células da granulosa; tumor ovariano; celiotomia paramediana oblíqua

150. LEUCOMA BILATERAL ASSOCIADO COM MEMBRANA PUPILAR PERSISTENTE EM EQUINO

JOAO CARDOSO DE MELO*1; VERA CARDOSO DE MELO2; BRUNO FAGUNDES3

1.ANCLIVEPA -SP, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 2.INSTITUTO MUNICIPAL DE MEDICINA VETERINÁRIA JORGE VAITSMAN, RIO DE JANEIRO, RJ, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE IGUAÇU, ITAPERUNA, RJ, BRASIL.

e-mail:jcmvet@hotmail.com

Resumo:

O proprietário de um equino da cidade de Quissamã/RJ buscou avaliação oftalmológica, já que o mesmo apresentava manchas brancas em ambos os olhos, afim de obter um diagnóstico e saber das condições visuais do animal. Esse trabalho objetiva descrever o caso clínico de um equino macho e mestiço de 8 anos de idade diagnosticado com leucoma bilateral associado com membrana pupilar persistente. Realizou-se uma avaliação oftalmológica em que, através da transiluminação direta, se observou a presença de opacidade corneana bilateral, porém com resposta positiva aos testes de ameaça e movimento, e de diversas membranas pupilares indo de encontro ao endotélio corneano (sinéquia anterior); além de formação de leucoma secundário no contato entre as membranas e o endotélio. A confirmação clínica do diagnóstico foi obtida com o uso da lâmpada de fenda. O leucoma é uma condição congênita que não costuma evoluir, mas que pode acarretar danos visuais ao animal. No caso aqui relatado, constatou-se a ocorrência de leucoma bilateral posicionado no centro dos campos visuais. No entanto, ambos os olhos se mostravam visuais. A constatação da perfeita acuidade visual do animal se mostrou relevante por se tratar de uma montaria de criança. A literatura não sugere tratamento nesses casos porque as membranas pupilares podem ser vascularizadas e tanto o descolamento cirúrgico das membranas, por sua característica invasiva, quanto o uso de midriáticos, pela tensão causada nas membranas, podem causar rupturas e, por consequência: levar a hematomas e hemorragias intraoculares. Apesar do equino apresentar leucoma bilateral associado com membrana pupilar persistente, sua visão não estava comprometida. Considerando-se os riscos envolvidos em possíveis interferências, não se sugeriu nenhum tratamento pois esta abordagem se alinha com o referido na literatura. Esse trabalho tem o apoio da Prefeitura Municipal de Quissamã/RJ.

Palavras-chave: Membrana pupilar; sinéquia; córnea

151. LINFANGITE SIMPLES EM MUAR: RELATO DE CASO

IARA NÓBREGA MACEDO*1; SARA VILAR DANTAS SIMÕES1; KARLA CAMPOS MALTA1; RUY BRAYNER DE OLIVEIRA FILHO1; FRANCISCA MÔNICA COURAS DIAS1; ISABELLA DE OLIVEIRA BARROS1; IGOR MARIZ DANTAS1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB, AREIA, PB, BRASIL.

e-mail:doutorabella@hotmail.com

Resumo:

A linfangite é uma inflamação progressiva dos vasos linfáticos periféricos, geralmente é decorrente da ação de microrganismos, como bactérias e fungos. Existe a linfangite ulcerativa e a linfangite epizoótica que podem ser de etiopatogenia primária, porém, a ocorrência mais comum é a de etiopatogenia secundária à contaminação de lesões cutâneas por bactérias e fungos, ou seja, a linfangite aguda ou simples. O presente trabalho tem por objetivo relatar um caso de linfangite simples no membro posterior direito de um muar, SRD, fêmea, de idade desconhecida. O animal foi encaminhado ao Hospital Veterinário da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), apresentando membro posterior direito edemaciado. Como era um animal errante, não foi detalhado na anamnese se ele havia tido uma lesão cutânea antes do aparecimento dos sinais clínicos, podendo esta ter sido a porta de entrada de microrganismos. O paciente apresentava parâmetros vitais dentro da normalidade. Devido à escassez de trabalhos que relatem casos semelhantes, o tratamento adotado para este caso clínico foi baseado no da linfangite ulcerativa. O protocolo foi instituído inicialmente a base de penicilina (40.000UI/kg, a cada 48 horas, intramuscular, durante 5 dias) e cetoprofeno (2,2 mg/kg, intravenoso, a cada 24 horas, 5 dias). Posteriormente, foi introduzido ao tratamento Sulfametaoxazol e Trimetoprim 25 mg/kg, intramuscular, a cada 24 horas, durante 5 dias). Com o uso da sulfa não foi observada melhora no quadro clínico do paciente e então, o animal novamente voltou ao protocolo inicial de antibióticos, com uso de penicilina. Para tentar a redução do edema, utilizou-se dexametazona (0,2 mg/kg, a cada 24 horas, durante 21 dias, sendo posteriormente feito o desmame). Como complementação do tratamento realizou-se ducha diária durante 15 minutos, 2 vezes ao dia, sendo realizada em todo período de internamento do paciente, assim como massagem com dimetilsulfóxido. Após 57 dias de tratamento, o muar recebeu alta apresentando redução do edema bastante significativa. Desta maneira, é notório que, casos de linfangites são poucos descritos na literatura, principalmente que apresentem diagnóstico real da causa, ou ausência de lesões cutâneas, como do relato acima, sendo a patogênese pouco entendida. Apesar disso, é possível observar que se trata de um caso de linfangite aguda ou simples, em que o edema se manifesta principalmente de maneira unilateral, no membro

afetado. O tratamento precoce é fundamental para sua eficácia e recuperação do animal, impedindo desta forma, a progressão do edema.

Palavras-chave: Edema; pele; sistema linfático

152. LIPOMAS MESENTÉRICOS MÚLTIPLOS EM EQUINO JOVEM: RELATO DE CASO

GUSTAVO DOS SANTOS ROSA*1; JULIANA DE MOURA ALONSO1; MARILIA FERRARI MARSIGLIA1; MARIANA LOPES DA CONCEIÇAO1; TATIANE VELALVA DE PAULA1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; ANA LIZ GARCIA ALVES1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; MARCOS JUN WATANABE1

1.FMVZ UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:watanabe@fmvz.unesp.br

Resumo:

Embora a maioria dos lipomas mesentéricos ocorra sem consequências clínicas, a obstrução estrangulante (OE) por lipomas pedunculados é responsável por até 10% de todas as cirurgias abdominais em equinos e até 30% de todas as OE de intestino delgado (ID). O presente trabalho relata um caso atípico de OE por lipoma em um equino jovem, demonstrando os achados ultrassonográficos e discutindo a abordagem cirúrgica e seu prognóstico, baseado em um protocolo de avaliação de viabilidade intestinal. O protocolo consiste na avaliação macroscópica do intestino 15minutos após reversão do estrangulamento, com classificação em 05 graus. Lesões de grau I sugerem menor acometimento, sem necessidade de enterectomia. Já lesões de grau IV e V possuem caráter irreversível, requerendo a excisão do segmento acometido. A graduação é inferida de acordo com a cor da serosa, espessura da parede, presença de lesões hemorrágicas e de motilidade espontânea ou induzida mecanicamente através de pressão digital. Um equino macho de 09 anos foi atendido no HV-UNESP Botucatu com desconforto abdominal agudo, taquicardia e atonia intestinal total. Através da palpação transretal foi possível identificar alças de ID distendidas e uma massa firme e arredondada na região abdominal caudodorsal direita. Realizou-se a ultrassonografia, que confirmou a presença da referida massa, apresentando aproximadamente 10 cm de diâmetro e padrão heterogêneo. A massa encontrava-se cercada por segmentos de ID distendidos por líquido e atônicos. A paracentese revelou grande quantidade de líquido com coloração avermelhada e turva. Devido aos achados do exame físico, ultrassonográfico e laboratoriais, o animal foi submetido à celiotomia. Durante a exploração abdominal observou-se aproximadamente 80% do íleo com coloração roxa, parede espessada e distensão por líquido. Três massas foram encontradas, medindo 18x13,5cm, 9,5x8,5cm e 6x7cm e 1288g, 413g e 96g, respectivamente. Duas delas - a maior e a menor – possuíam o aspecto típico de lipomas, com consistência mole, cor amarela e aspecto gorduroso. A massa menor estava aderida ao mesentério; a maior encontrava-se aderida à serosa ileal, causando obstrução intestinal extraluminal. A terceira massa possuía consistência firme, coloração rósea e aspecto fibroso e bastante reativo, parcialmente envolta pelo omento. Seu pedículo causava estrangulamento à porção jejunal aboral. Após a excisão das três massas, o intestino retomou a motilidade e a coloração rósea, classificando-o como grau II segundo o protocolo descrito. Deste modo, optou-se pela não realização de enterectomia. O paciente desenvolveu ileus pós-operatório refratário à terapia pró-cinética. Nova avaliação ultrassonográfica foi realizada, sendo possível visualizar espessamento da parede do ID, com atonia e distensão. Após 48 horas de cuidados intensivos sem resposta, o paciente apresentou dor severa sem resposta à medicação analgésica. Devido à ausência de alternativas terapêuticas restantes, optou-se pela eutanásia. A necropsia revelou necrose severa do íleo, além de petéquias e equimoses na serosa jejunal aboral. Adicionalmente, outros três lipomas assintomáticos com 04 cm de diâmetro foram encontrados aderidos ao mesentério e mesocólon. O presente caso demonstra que, embora a idade média para a ocorrência de lipomas esteja entre 17 e 19 anos, estes podem ocorrer em animais jovens. A ultrassonografia abdominal foi uma importante ferramenta para a detecção dos lipomas e acompanhamento da condição intestinal pós-operatória. O aspecto ileal justificou a conduta tomada, segundo protocolo publicado anteriormente. Contudo, a necropsia demonstrou lesões intestinais irreversíveis, não corroborando com o referido protocolo. Em conclusão, OEs devido a lipomas devem ser consideradas como diagnóstico diferencial em cólicas com sede provável no ID. A associação de técnicas diagnósticas pode colaborar com a detecção e intervenção precoces, aumentando o sucesso sem a realização de enterectomia.

Palavras-chave: Enterectomia; lipoma pedunculado; ileus

153. MELANOMA MALIGNO METASTÁTICO DISSEMINADO PELA CAVIDADE ABDOMINAL EM EQUINO TORDILHO

ALEXANDRE CARVALHO MONTEVERDE*1; LUIS FELIPE PELINSON DOS PASSOS2; CAROLINE HOMEM ROLDÃO3; MARINA ALQUATI DA SILVA3

1.AUTÔNOMO, VIAMÃO, RS, BRASIL; 2.CENTRO UNIVERSITÁRIO RITTER DOS REIS, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

e-mail:felipelinson14@hotmail.com

Resumo:

O melanoma é uma neoplasia maligna que se origina dos melanócitos que são as células que produzem melanina e são responsáveis pela pigmentação. Ocorre devido ao estímulo de formação de novos melanoblastos ou aumento excessivo de sua produção. Em equinos, esse tipo tumoral representa grande parte dos comprometimentos cutâneos, principalmente em animais de pelagem tordilha, porém não se observa predileção racial e sexual, sendo a idade considerada um agravante na malignidade. Em geral são notados em equinos mais velhos, mas normalmente começam a se desenvolver em animais com 3 a 4 anos de idade. Esta afecção oncológica acomete principalmente as regiões de cauda e períneo, mas estes tumores podem se instalar em quaisquer outros lugares inclusive as regiões parotídea, auricular e ocular, e ocasionalmente se desenvolve em órgãos genitais; sendo que o curso clínico varia desde a formação de nódulos até a disseminação metastática. O diagnóstico preferencial é o histopatológico e os tratamentos de escolha são a excisão cirúrgica e a crioterapia, no entanto a recidiva é comum, pois embora a maioria seja benigna, variantes invasivas, algumas com potencial metastático, podem se desenvolver. O prognóstico é desfavorável, pois, em geral, o tumor é detectado tardiamente, quando já houve infiltração local ou formação de metástases. O objetivo do presente trabalho é relatar o caso de um equino macho, castrado, 18 anos de idade, sem raça definida (SRD) e de pelagem tordilha localizado no município de Gravataí no estado do Rio Grande do Sul (RS), no qual apresentou um nódulo firme, não ulcerado e não aderido na região da cernelha, no lado esquerdo do corpo, com cerca de 10 cm de diâmetro. Com a finalidade de diagnosticar, foi feita punção do material deste nódulo, que apresentava coloração vermelho escura e sem odor fétido, sendo encaminhado para exame no Laboratório de Patologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O resultado não apresentou nenhuma especificação diferente de coágulo sanguíneo. Dois meses depois, o tutor relatou apatia, perda de apetite e perda de peso progressiva do animal. Através do exame clínico, notou-se que o animal apresentava outros nódulos semelhantes ao inicial. Foi realizado hemograma e perfil bioquímico cujo resultado demonstrou leve anemia, aumento de ureia e diminuição dos níveis de glicose, indicando a presença de disfunção hepática. Baseado na severidade da doença e na piora do seu prognóstico, o proprietário optou pela eutanásia do animal. Uma completa necropsia foi realizada, onde encontrou-se uma grande massa melanótica difusa pela cavidade abdominal, envolvendo grande parte fígado, mesentério, intestino e áreas multifocais no peritônio. Foram enviadas amostras do rim, fígado e dos fragmentos tumorais para análise histopatológica, e líquido peritoneal para análise citológica no Laboratório de Patologia da UFRGS. Os fragmentos tumorais foram descritos histologicamente com proliferação neoplásica maligna de células melanocíticas de maneira sólida, com moderado estroma de sustentação. As células apresentaram formato epitelioide, com citoplasma eosinofílico abundante contendo em seu interior variável quantidade de melanina. Os núcleos eram ovalados com nucléolos evidentes e múltiplos. Anisocitose e anisocariose acentuada, e, em média, duas figuras de mitose por campo de maior aumento (400x). Havia ainda, com frequência, células neoplásicas multinucleadas e com macrocariose. O fígado apresentava infiltrado neoplásico idêntico ao descrito anteriormente. E o rim, discreto infiltrado intersticial linfoplasmocitário. Os achados clínicos e patológicos permitiram concluir o diagnóstico de melanoma metastático. Conforme relatado em estudos anteriores observou-se que juntamente com o fator pelagem, a idade do animal colabora com o surgimento de melanomas, visto que pelo aumento da expectativa de vida a população de equinos geriátricos tem aumentado significativamente.

Palavras-chave: Melanoma; equino; tordilho

154. MELANOMA METASTÁTICO EM EQUINO - RELATO DE CASO

GUILHERME NOVELLO*1; FERNANDO P LISBOA1; GABRIEL VICTORIA MARTINS1; LEANDRO DO MONTE RIBAS1; LETICIA DOSSIN REGIANINI1; NELSON HENRIQUE PANTE1; RAQUELI TERESINHA FRANÇA1

1.UCS, SÃO MARCOS, RS, BRASIL.

e-mail:guiganovello@hotmail.com

Resumo:

Melanomas são processos tumorais que se desenvolvem a partir de uma desorientação no metabolismo da melanina. Melanomas normalmente se desenvolvem nas regiões periocular, anal, vulvar e na base da calda. Quando diagnosticados tardiamente, estes resultam em prognóstico desfavorável, devido a possível existência de metástases, não só no subcutâneo, mas também em órgãos e cavidades. Este trabalho tem como objetivo relatar um caso de Melanoma Metastático em equino. Foi atendido na Clínica Veterinária de Grandes Animais da Universidade de Caxias do Sul/RS, um equino, macho, sem raça definida, de 15 anos, pelagem tordilha, pesando 450 Kg. No exame clínico geral, foi observada moderada dispneia, lesões cutâneas nodulares, de consistência firme, indolores, localizadas na região do períneo, dos linfonodos retrofaríngeos e parotídeos. Não foram detectadas outras alterações significativas nos parâmetros fisiológicos. Com base nos achados clínicos o diagnostico presuntivo foi de Melanoma. Para confirmar a suspeita clínica foi realizada citologia aspirativa por agulha fina (CAAF) dos nódulos, sendo o esfregaço feito no momento da coleta do material e a lâmina corada com Panótipo Rápido®. Na avaliação citológica foram visualizados melanócitos com grande quantidade de grânulos em seu citoplasma de coloração castanho a preto. Estes grânulos eram densos e obscureciam o núcleo das células, impossibilitando a avaliação de critérios de malignidade nucleares. A amostra continha moderada celularidade, anisocitose e grande quantidade de grânulos dispersos ao fundo da lâmina, confirmando o diagnóstico de Melanoma. O equino foi mantido internado e nos dias que seguiram, agravou o quadro de dispneia seguido de grave disfagia e refluxo alimentar oro nasal. A partir do quadro alimentar e respiratório, optou-se pela realização da faringoscopia, momento em que foi observado edema faríngeo significativo e consequentemente estenose da abertura laríngea e esofágica, limitando a sequência do exame. A dificuldade alimentar e respiratória piorou durante os dias de internação, momento que se optou pela realização da eutanásia. Na necropsia foram observadas metástases de melanoma de coloração preta, firmes e lisas, localizadas na abertura esofágica, na membrana tireóidea, parênquima pulmonar e musculatura intercostal interna. A pelagem tordilha foi determinante para o desenvolvimento dos Melanomas. A idade avançada do equino pode ser considerada como um fator agravante tendo influência direta na malignidade do melanoma e consequentemente na formação das metástases. A citologia a partir da CAAF mostrou ser técnica de simples realização que define de forma segura a doença e consequentemente a conduta médica. Ocasionalmente metástases de melanoma se desenvolvem em cavidades, órgãos e vísceras, forma avançada da doença em animais idosos que acaba sendo responsável por complicações de saúde que podem predispor ao óbito. Associa-se a deterioração da saúde do equino às complicações secundárias ao melanoma metastático relatado, em especial as lesões próximas ao esôfago e laringe. A presença de metástases em cavidades e órgãos deve ser considerada durante a avaliação clínica do equino com melanoma para que ocorra intervenção precoce e assim a redução dos prejuízos a saúde do animal.

Palavras-chave: Melanoma; metastase; equino

155. MIOPATIA PÓS ANESTÉSICA EM EQUINO ANÊMICO: RELATO DE CASO

ALINE MOTA ENGBRUCH*1; SÉRGIO GRANDISOLI GARCIA FILHO1; MARIA EDUARDA MOREIRA VOLPATO1; ROSANA SOUZA THURLER DOS SANTOS1; JULIO DAVID SPAGNOLO1; ALINE MAGALHÃES AMBROSIO1; DENISE TABACCHI FANTONI1

1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA - USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:aline.engbruch@hotmail.com

Resumo:

A miopatia pós-anestésica é uma das complicações anestésicas mais comuns na espécie equina e é caracterizada principalmente por claudicação de um membro até fraqueza generalizada do animal. Embora o problema tenha início durante o período trans-anestésico, os sinais clínicos só são vistos durante a recuperação pós-anestésica. É causada pela hipóxia muscular durante a anestesia, dentre os fatores predisponentes encontram-se: grande massa muscular do equino, longo tempo de decúbito, posicionamento ou acolchoamento inadequados, hipotensão arterial e hipoxemia. O objetivo deste trabalho é relatar um caso de miopatia pós anestésica cujo a provável causa não esteja relacionada aos fatores predisponentes observados. Foi encaminhada ao Serviço de Cirurgia de Grandes Animais uma égua, de três anos, da raça Brasileiro de Hipismo, 545kg, apresentando laceração de quartela do membro pélvico direito há 1 dia. Foi indicada a Tenoscopia de urgência para lavagem da bainha flexora e exploração da ferida, a fim de evitar maior tempo de exposição a agentes infecciosos. Ao exame físico apresentou-se agitada, com frequência cardíaca de 48bpm, frequência respiratória 44mpm, hematócrito 23% e proteína plasmática total 6g/dL. Apesar de diagnosticada a anemia normocítica hipocrômica (He=5,2milhões/µL Hb=7,9g/dL CHCM=35%), enquadrando assim o animal na classificação ASA III/V (American Society of Anestesiologists), o animal foi submetido à cirurgia. O protocolo anestésico utilizado foi detomidina (10µg/kg, IV) como medicação pré-anestésica, indução com cetamina (2,5mg/kg, IV) e diazepam (0,05mg/kg, IV), e assim que se apresentou em decúbito foi administrado EGG 10% na dose de 50mg/kg e posteriormente a intubação orotraqueal. O animal foi posicionado apropriadamente em mesa cirúrgica acolchoada, em decúbito lateral esquerdo com o membro torácico esquerdo posicionado cranialmente e o membro pélvico esquerdo (MPE) caudalmente. A manutenção foi realizada com isofluorano e foi instituída ventilação mecânica controlada por volume. O paciente foi monitorado quanto à frequência e ritmo cardíaco, saturação periférica de oxihemoglobina (SpO2) e pressão arterial invasiva por meio de monitor multiparamétrico. O animal apresentou somente dois curtos períodos de hipotensão com PAM entre 50 a 60mmHg, revertidos em até cinco minutos com infusão contínua de efedrina na taxa de 10µg/kg/min por dez minutos, seguida de 5µg/kg/min por cinco minutos. A SpO2 manteve-se em valores superiores à 98% e não houve alteração em nenhum outro parâmetro. Após três horas de anestesia geral, o animal foi levado à sala de recuperação pós-anestésica (RPA) em um colchão apropriado, em decúbito lateral esquerdo. Após uma hora e vinte minutos na RPA, assumiu posição esternal, e após dez minutos houve a primeira tentativa de colocar-se em estação. Mesmo com auxílio, houve muita dificuldade de propriocepção do MPE, deixando o animal agitado e com restrição de movimentação do mesmo, retornando ao decúbito esternal. O diagnóstico imediato da miopatia foi essencialmente clínico, devido à dificuldade do animal em se levantar, dor e rigidez muscular, e com o passar do tempo, também laboratorial. Instituiu-se tratamento imediato com massagens, laserterapia, fluidoterapia, miorrelaxante e analgésicos, além de auxilio com talha elétrica para levantar nos dias subsequentes. Após dois dias, apresentava creatinoquinase 24.310,0 U/L, atingindo 285.120 U/L no terceiro dia de pós cirúrgico, quando ocorreu óbito por choque. Apesar de estar adequadamente posicionado, não ter sofrido hipotensão arterial, o animal apresentava-se anêmico, consequentemente com redução da oferta de oxigênio aos tecidos, levando-o à hipóxia muscular e miopatia pós-anestésica. Conclui-se que nos casos de animais pesados e com grande massa muscular, e que têm alguma comodidade importante (nesse caso, a anemia), há uma maior necessidade de corrigir o problema em questão antes da própria cirurgia.

Palavras-chave: Anestesia; equinos; anemia

156. OBSTRUÇÃO ESOFÁGICA EM POTRO POR INGESTÃO DE CONCETRADO

MAÍSA ALVES BATISTA DE SOUZA*1; IARA NÓBREGA MACEDO1; WALTER HENRIQUE CRUZ PEQUENO1; ALEXANDRA MELO OLIVEIRA1; LUCAS BARBOSA SERAFIM1; IGOR MARIZ DANTAS1; KARLA CAMPOS MALTA1; ISABELLA DE OLIVEIRA BARROS1

1.UFPB, AREIA, PB, BRASIL.

e-mail:doutorabella@hotmail.com

Resumo:

Toda obstrução esofágica é uma emergência na clínica médica de equídeos, isso ocorre devido ao aumento de

pressão exercida sobre a mucosa esofágica causada pelo material obstrutivo, acarretando extensa lesão tecidual, com consequente formação de tecido fibroso, estenose, e perfuração esofágica. O propósito desse relato é descrever um caso de obstrução esofágica em um potro após ingestão de concentrado. Deu entrada no Hospital Veterinário da UFPB, um potro de 3 anos de idade, sem raça definida, com queixa de regurgitação alimentar e episódios de descarga nasal com secreção mucopurulenta. Segundo o proprietário, o animal era criado de forma extensiva com pouca disponibilidade de água e só recebia concentrado aos finais de semana, e há 3 dias encontrava-se sem se alimentar. Durante o exame clínico, após sedação com xilazina (1mg/kg, endovenoso) realizou-se gastroscopia, porém devido a presença de grande quantidade de secreção, não foi possível completa visualização do esôfago, porém foi possível observar presença de massa de bolo alimentar compactado, com características de ração concentrada. Então iniciou-se um tratamento através da utilização de sonda nasogástrica e utilização de água morna, além de massagem na região esofágica até total desobstrução do esôfago. Após a manobra realizou-se novamente outra gastroscopia na qual o esôfago foi completamente visualizado e encontrava-se desobstruído. No estômago foi visualizado apenas presença de grande quantidade de líquido. Durante a endoscopia também foi possível observar presença de secreção purulenta na traqueia e no septo nasal. O tratamento ainda consistiu de Meloxicam (0,6 mg/kg, 24/24h, intramuscular, durante 3 dias), 2 litros de solução fisiológica acrescidos de 20 ml de lidocaína a 2% sem vasoconstritor. Para tratamento no quadro respiratório ainda foi instituído sulfametoxazol (20 mg/kg, intramuscular, durante 3 dias) e sessões de nebulização com óleo canforado associado a cloridrato de bromexina. Desta maneira, é de grande importância um atendimento precoce, já que a obstrução esofágica se trata de uma emergência, com diagnóstico e tratamento imediato, aumenta a chances de recuperação de animal, sem precisar submete-lo a um procedimento cirúrgico.

Palavras-chave: Gastroscopia; regurgitação; sonda nasogástrica

157. OBSTRUÇÃO ESTRANGULATIVA DE INTESTINO DELGADO ATRAVÉS DE HÉRNIA DIAFRAGMÁTICA EM ÉGUA PRENHE: RELATO DE CASO

MARIANA LOPES DA CONCEIÇAO*1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; MARILIA FERRARI MARSIGLIA1; ANA LIZ GARCIA ALVES1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1; MARCOS JUN WATANABE1

1.UNESP BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:mari.lopesc@hotmail.com

Resumo:

A hérnia é a uma afecção congênita ou adquirida que se caracteriza pela protrusão de um órgão ou parte dele através de uma falha na parede de uma cavidade anatômica. Via de regra a hérnia deve apresentar os seguintes componentes: saco, anel e conteúdo herniário. A hérnia diafragmática é uma afecção incomum nos equinos, sendo geralmente um achado de necropsia. Sua etiologia é geralmente adquirida consequente a trauma ou aumento de pressão intra-abdominal, porém sua forma congênita é relatada. Sinais clínicos associados com a hérnia diafragmática são desconforto abdominal, dispneia, intolerância ao exercício e até mesmo morte súbita. O diagnóstico ante mortem de hérnia diafragmática é difícil de ser realizado, uma vez que seus sinais são inespecíficos e o animal geralmente vem à óbito rapidamente. Foi atendido no Hospital Veterinário da UNESP, campus de Botucatu, uma equino, fêmea, SRD de 14 anos prenhe de 10 meses apresentando desconforto abdominal de aproximadamente nove horas de evolução. O animal apresentava sudorese difusa, distensão abdominal severa, apetite extremamente seletivo e dor moderada. Ao exame físico, apresentava Fc: 60 bpm, Fr: 32 mpm, temperatura: 37,8ºC, mucosas róseas, TPC 3-4s e atonia intestinal em todos os quadrantes. Procedeu-se com a lavagem nasogástrica, coleta de exames laboratoriais e fluidoterapia com ringer lactato. A dor era responsível à administração de medicação antiespasmódica (escopolamina 50mg/mL) pela via intravenosa. Através da palpação transretal, foi possível identificar diversas alças de intestino delgado distendidas por gás. O exame hemogasométrico arterial mostrava o valor da pressão de oxigênio alterado: PO2: 78mmHg (valor de referência: 85-100mmHg). Devido à piora do exame físico e posterior ausência de resposta à medicação analgésica, o animal foi encaminhado para a laparotomia exploratória. Em decorrência do tamanho do feto, a exploração sistemática da cavidade abdominal foi prejudicada, sendo que parte do jejuno e do íleo não foram passíveis de exteriorização. Seguindo o segmento jejunal em sentido oral, foi possível palpar um orifício

próximo ao diafragma e ao fígado, por onde se insinuava o intestino delgado. Devido à dificuldade da palpação, supôs-se que esse orifício fosse o forâme de Wislow ou uma hérnia diafragmática. Dessa forma, seguiu-se com a tração delicada do segmento intestinal, com o intuito de redução do aprisionamento. Após várias tentativas, as alças aprisionadas foram exteriorizadas, porém havia necrose em toda a sua extensão, com laceração segmentar de serosa e exposição da mucosa intestinal, além de comprometimento dos vasos mesentéricos com hemorragia aguda. Após a exteriorização, foi possível realizar a palpação apropriada do orifício herniário, confirmando o diagnóstico de hérnia diafragmática através da palpação da pleura visceral pulmonar pela cavidade abdominal, através da falha na abóbada diafragmática. Dessa forma, devido à gravidade e à extensão da lesão, o paciente foi submetido à eutanásia no período trans-operatório. A cesariana não foi realizada, devido à prematuridade do feto. Esse relato reforça a ideia que cólicas decorrentes de hérnias diafragmáticas podem ser confundidas com outras de origem estrangulante, por sua apresentação clínica semelhante. Ressalta-se a importância do exame hemogasométrico arterial, uma vez que a expansão pulmonar está prejudicada devido à ocupação de parte do tórax por vísceras abdominais, havendo queda da PO2.

Palavras-chave: Hérnia diafragmática; prenhez; equinos

158. OBSTRUÇÃO LUMINAL ESOFÁGICA POR SERRAGEM: RELATO DE CASO

MARILIA FERRARI MARSIGLIA*1; MARCOS JUN WATANABE1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; MARIANA LOPES DA CONCEIÇAO1; ANA LIZ GARCIA ALVES1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1

1.FMVZ UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:mariliafmarsiglia@gmail.com

Resumo:

Obstrução luminal esofágica é uma emergência comum na clínica médica de equídeos. Alimentos ou corpos estranhos são os mais encontrados e podem ser observados por via endoscópica. Para garantir a qualidade do exame, relaxamento do paciente e segurança dos envolvidos, recomenda-se tranquilizar o animal, sendo a xilazina 10% a mais utilizada. Anestesia tópica também pode ser uma ferramenta importante por facilitar a entrada do endoscópio no esôfago, ao injetar-se lidocaína 2% pelo canal de trabalho do endoscópio. O diagnóstico baseia-se na apresentação dos sinais clínicos como ptialismo, disfagia, tosse, regurgitação de alimento, assim como dificuldade e impossibilidade de passagem da sonda nasogástrica, por imagens radiográficas e avaliação endoscópica. O método terapêutico pode ser conservativo, realizando a lavagem esofágica com água morna e anestésico local, associada à administração de medicamentos que resultem em relaxamento da musculatura esofágica. Uma égua, da raça quarto de milha, 5 anos de idade foi atendida no Hospital Veterinário da UNESP Botucatu, com histórico de disfagia, dispneia, salivação excessiva, extensão de cabeça e pescoço e edema difuso da cervical. Na propriedade foi atendida por veterinário que realizou sondagem naso-esofágica e tentou dissolver a massa com água morna juntamente com massagem local externa, sem sucesso. No Hospital a sondagem não foi progressiva, pois o paciente não realizava movimento de deglutição. Ao exame radiográfico não se observou corpo estranho radiopaco, porém foi possível observar um deslocamento e presença de material amorfo em traquéia. Foi realizado exame endoscópico, sob sedação por xilazina 10% (0,6 mg/kg) e uso tópico de lidocaína 2% diluída a 10% em solução fisiológica, porém, pela manipulação excessiva o esôfago encontrava-se destacado do tecido adjacente. Com isso, o endoscópio não acessava o esôfago. Optou-se por realizar a desobstrução sob anestesia geral, em decúbito lateral esquerdo. Acessou-se por via endoscópica novamente e visualizou-se uma massa de serragem compactada em esôfago a 40 cm da narina externa. Com o auxílio da pinça de biópsia fenestrada retirou-se uma porção do material, contudo apresentava-se extremamente compactado, impossibilitando a remoção do material de alguns locais. Optou-se pela desobstrução com a sonda nasogástrica para empurrar o conteúdo até o estômago. Em seguida observou-se através de nova endoscopia a presença de ulceração e de resquícios da serragem na mucosa esofágica. Dessa forma, realizou-se a lavagem do esôfago com água através da sonda nasogástrica. Foi possível remover todo o conteúdo do lúmen esofágico. Apesar disso, como consequência das condutas tomadas na propriedade, o pulmão do paciente apresentava crepitação e estertores à auscultação, sendo necessária oxigenação na recuperação anestésica. Mesmo assim, ao tentar levantar, o animal ficava ofegante e não conseguia se manter em pé. Após 4

horas do término do procedimento o animal não se levantou, sendo submetido à eutanásia. Ao final, ressalta-se que a manipulação indevida do esôfago comprometeu o prognóstico favorável, uma vez que o órgão se apresentava destacado do tecido adjacente. Além disso, a realização de sondagem traqueal e administração de líquido afetou amplamente a capacidade respiratória do animal, comprometendo sua recuperação.

Palavras-chave: Equinos; obstrução; esofagoscopia

159. ORQUIECTOMIA UNILATERAL COMO TRATAMENTO DE ORQUITE ASSOCIADA A EPIDIDIMITE EM EQUINO: RELATO DE CASO

JULIA GOMIDE DE BARROS*1; THYAGO ESCODRO DERCOLI1; DANILO MACIEL DUARTE1; NICOLE FIDALGO PARETSIS1

1.FACULDADE MAX PLANCK, INDAIATUBA, SP, BRASIL.

e-mail:jugomidebarros@gmail.com

Resumo:

Processos inflamatórios nos testículos e no epidídimo são denominados respectivamente orquite e epididimite, no qual geralmente ocorrem de forma concomitante. Estas alterações no trato reprodutor estão relacionadas diretamente à fertilidade do animal podendo apresentar deficiências temporária ou permanente. A orquite e epididimite podem ser de origem infecciosa ou traumática. Os patógenos geralmente envolvidos são P. aeroginosa, Klebsiella pneumoniae, Streptococcus spp, Staphilococcus spp, B. abortus, E. coli, Mycoplasma, Ureaplasma ou Chlamydia, Protozoa. A literatura sugere administração de anti-iflamatórios, antibióticos de amplo espectro, duchas frias e pentoxifilina como tratamento inicial. Caso não haja melhora, é indicada a orquiectomia unilateral. O inchaço e a degeneração de um testículo causados pela inflamação podem afetar o mecanismo de termorregulação local e a espermatogênese no testículo oposto pode ser prejudicada. Foi realizado atendimento à campo em um equino, macho, Brasileiro de Hipismo, 19 anos de idade que apresentou aumento de volume e temperatura no testículo esquerdo com sensibilidade dolorosa à palpação. Na anamnese, não foi relatado ocorrência de trauma e no exame ultrassonográfico foi identificado alterações compatíveis com orquite e epididimite. Foi instituído terapia conservativa com ceftiofur (2 mg/kg, IM, SID, 10 dias), sulfato de amicacina (5 mg/kg, IM, BID, 10 dias) e meloxicam 2% (10 mg/kg, IV, SID, 6 dias). Sem sucesso no tratamento conservativo, o paciente foi encaminhado para o Hospital Escola Veterinário Max Planck para realizar a orquiectomia unilateral do testículo esquerdo. O animal foi submetido a anestesia intravenosa com “triple drip” (cloridrato de xilazina 0,8 mg/kg, IV; quetamina 1,5 mg/kg, IV; e éter gliceril guaiacol 100 mg/ml, IV). A técnica aberta foi incialmente eleita para orquiectomia, porém, durante a manipulação, não foi possível realizar a exteriorização do testículo, assim como identificar as estruturas devido à presença de aderências. A túnica vaginal se encontrava aderida ao testículo e ao epidídimo, por isso, a divulsão foi parcialmente realizada e a emasculação foi efetuada na porção proximal do cordão espermático. Desta forma, optou-se pela orquiectomia com a técnica fechada. Institui-se no pós-operatório penicilina benzatina (20.000 UI, IM, SID, 7 dias), gentamicina (6,6 mg/kg, IV, SID, 1 dia), flunixin meglumine (1,1 mg/kg, IV, SID, 5 dias) e profilaxia com soro antitetânico (5.000 UI, IM, dose única). Após excisão do testículo esquerdo, observou-se a presença de fibrose, aumento de volume do epidídimo e aderência das túnicas. Este material foi encaminhado para o exame histopatológico. No laudo histopatológico, identificou-se processo inflamatório crônico e ativo localizado na região da túnica albugínia com infiltração inflamatória perivascular de linfócitos e monócitos. Notou-se também, proliferação excessiva de tecido conjuntivo e fibras colágenas entre a túnica albugínea e o testículo. Não foi identificado alterações no parênquima testicular. O paciente teve alta em 24 horas e retornou à atividade reprodutiva após 10 meses. Assim como descrito na literatura, neste relato a orquite e a epididimite se apresentaram de forma concomitante. Devido à importância do animal como garanhão, optou-se pelo tratamento conservativo com anti-inflamatório e antibióticos de amplo espectro embora não confirmada a origem infecciosa das afecções. Neste relato, a realização da orquiectomia unilateral foi fundamental para que cessasse o processo inflamatório e o animal retornasse à atividade reprodutiva com apenas um testículo funcional.

Palavras-chave: Orquite; epididimite; orquiectomia

160. OSSIFICAÇÃO INCOMPLETA DOS OSSOS CÁRPICOS E TÁRSICOS EM POTRA PREMATURA – RELATO DE CASO

ALESSANDRA FRANCO DA CRUZ CECHIM*1; RODRIGO CRISPIM MOREIRA1; LUIS EDUARDO STEVANATO DE ALMEIDA1; MAYRA LISSONI AGUIAR1; YASMIN NAJM BORTOLETTO1

1.HOSPITAL VETERINÁRIO CRISPIM & STEVANATO - MEDICINA EQUINA, MIRASSOLÂNDIA, SP, BRASIL.

e-mail:alessandracechim@gmail.com

Resumo:

A maturação do esqueleto a partir de um molde de tecido cartilaginoso ocorre principalmente nos estágios finais da gestação. A ossificação dos ossos cárpicos e társicos do equino tem início nos últimos dois meses da vida intra-uterina e uma fase rápida desse processo acontece nas duas semanas que antecedem o parto. Alguns fatores podem atrasar ou impedir a ossificação normal como prematuridade (tempo gestacional menor que 320 dias), dismaturidade secundária a placentite, infecção fetal e gestação gemelar. A ossificação incompleta desses ossos é um fator perinatal que pode predispor a deformidades angulares dos membros e a uma doença articular degenerativa. Um equino, fêmea, Quarto de Milha, 5 dias de idade foi encaminhado ao Hospital Veterinário "Crispim & Stevanato – Medicina Equina" com histórico de prematuridade (298 dias de gestação) e queixa de aumento de volume localizado em face dorsal do carpo em ambos os membros. Ao exame clínico, o animal apresentava baixo peso corporal (36 kg). A palpação de ambos os carpos evidenciou aumento de volume flutuante e aumento de temperatura local. Os principais achados laboratoriais foram leucocitose de 43.400/µl com 94% de segmentados, linfopenia (1000/µl) e hipoalbuminemia (0,7 g/dl). Ao exame radiográfico, observou-se todos os ossos cárpicos pequenos e com formato arredondado. Nos tarsos, observou-se baixo grau de ossificação, com maior comprometimento dos ossos társicos central e terceiro. O exame ultrassonográfico dos carpos revelou a presença de conteúdo heterogêneo com pontos hiperecogênicos restrito ao subcutâneo. Através de uma pequena incisão, foi removido um coágulo de fibrina de consistência firme e coloração amarelada e isolou-se E.coli desse material. Foi realizada lavagem diária com solução fisiológica seguida de curativo com bandagem compressiva na região até completa cicatrização da ferida. O tratamento inicial incluiu ceftiofur (6,6 mg/kg, IM, administrado com intervalo de 48 horas, totalizando 5 aplicações), amicacina (20 mg/kg, IM, SID, 9 dias), flunixin meglumine (1,1 mg/kg, IM, SID, 5 dias), omeprazol (4 mg/kg, VO, SID, 15 dias), suplementação vitamínica mineral e banhos de sol diários. A movimentação da potra foi restringida e o animal era monitorado continuamente visando limitar as tentativas de permanecer em estação. Além disso, a potra era auxiliada a cada 2 horas a mamar, de forma que evitasse a sustentação de peso. O exame radiográfico era realizado a cada 15 dias para acompanhar a ossificação e as radiografias subsequentes mostraram evolução lenta do processo. Devido a persistência da leucocitose (33.000 µl com 89,7% de segmentados) após 9 dias de tratamento, optou-se pela instituição de nova antibioticoterapia com azitromicina (10 mg/kg, VO, SID) e rifampicina (15 mg/kg, VO, SID). A nova terapia mostrou-se efetiva após 7 dias e a contagem absoluta de leucócitos chegou a 12.800/µl. Após 30 dias de internação, observou-se o desenvolvimento de deformidade angular do carpo do tipo valgus e deformidade flexural tarsal bilateralmente. A partir do dia 45, a potra começou a levantar sozinha e a mamar sem auxílio. Foi indicada, então, a imobilização articular com tala. O objetivo do tratamento foi minimizar a sobrecarga no esqueleto imaturo do animal. Apesar da ausência de sinais clínicos de infecção por Rhodococcus equi, foi instituído tratamento com azitromicina associada a rifampicina devido a leucocitose persistente. Os ossos cárpicos ulnar, terceiro e quarto são os últimos a se ossificarem. No tarso, o processo ocorre por último nos ossos társicos central e terceiro. Dessa forma, há estresse excessivo no aspecto lateral do carpo e no aspecto cranial do tarso, o que justifica que as deformidades mais frequentemente observadas sejam carpo valgus e tarso valgus e/ou deformidade flexural tarsal. A imobilização do membro é recomendada até que a ossificação seja completa para prevenir a distribuição desigual de cargas, o que pode levar a uma deformidade permanente.

Palavras-chave: Ossificação incompleta; prematuridade; neonatologia

161. OSTEOSSÍNTESE COM PLACA BLOQUEADA E CERCLAGEM NO TRATAMENTO DA FRATURA DE

RAMO MANDIBULAR EM EQUINO

VINICIUS MAIA RIBEIRO GODOY*1; ANDERSON FERNANDO SOUZA1; SOFIA CICOLO SILVA1; NICOLE FIDALGO PARETSIS1; JULIO DAVID SPAGNOLO1; RODRIGO ROMERO CORRÊA1; ANDRE LUIZ DO VALLE DE ZOPPA1

1.FMVZ-USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:vinicius.godoy.usp@gmail.com

Resumo:

As fraturas de mandíbula em equinos são associadas com eventos traumáticos e podem ser desafiadoras para o tratamento cirúrgico, em que a instabilidade óssea no foco de fratura pode dificultar a boa evolução do caso. O objetivo deste trabalho é descrever um caso de fratura de ramo mandibular, tratado com a combinação de dois métodos de fixação. Uma égua Brasileira de Hipismo, de dois anos, 409 kg, foi atendida no HOVET-USP. O animal havia estirado ao cabresto, e em seguida foi observado ferimento em região de mandíbula direita. O tratador notou dificuldade à mastigação de alimento. Após atendimento veterinário na propriedade e exame radiográfico, foi identificada fratura em ramo mandibular direito, no diastema entre os incisivos e pré-molares. O animal foi recebido no Hospital Veterinário 24 horas após a ocorrência da lesão. Foi observada laceração cutânea na face lateral do ramo mandibular direito, com edema e secreção serossanguinolenta. Imagens radiográficas ortogonais revelaram duas linhas de fratura mesiais ao segundo dente pré-molar, com destacamento e deslocamento de fragmento ósseo ventral. Sob anestesia geral inalatória, em decúbito dorsal, realizou-se incisão de 20 centímetros em região ventral e paralela ao ramo mandibular direito, permitindo o acesso à superfície ventral mandibular. Para correção da fratura, uma placa bloqueada (LCP) foi posicionada, utilizando-a para manter a redução do fragmento destacado. Sete parafusos bloqueados e unicorticais foram usados para a osteossíntese, com dois parafusos rostrais à fratura, um sobre o fragmento destacado, e os demais em região distal às linhas de fratura. O tecido subcutâneo foi aproximado com fio absorvível sintético, e a pele fechada com agrafes. Realizou-se, ainda, a cerclagem entre os dentes incisivos, com ancoragem entre o segundo e terceiro dentes pré-molares, para aumentar a estabilidade óssea, gerando maior resistência mecânica durante a mastigação. Os fios de cerclagem e os dentes incisivos foram recobertos com resina odontológica para evitar sua separação e a ocorrência de lesões sobre a mucosa oral. A laceração em face lateral mandibular foi desbridada e mantida aberta. A recuperação anestésica ocorreu com o animal solto, sob sedação prévia, porque se usado o cabresto, este comprimiria a região operada. O paciente foi tratado com penicilina, amicacina e fenilbutazona, além de receber tratamento anti-álgico com morfina no período pós-operatório imediato. Notou-se incapacidade para mastigação de volumoso na primeira semana pós-operatória, e o animal foi mantido com concentrado comercial para manutenção, além de alimento volumoso peletizado comercial. A ferida cirúrgica apresentou boa evolução, assim como a ferida em face lateral da mandíbula. Foi realizado controle radiográfico a cada 15 dias, onde a partir do 30º dia notou-se início da consolidação da fratura, além de focos de lise ao redor dos parafusos e da placa, sem aspecto de contaminação. Foi realizada a remoção da placa 60 dias após sua implantação. O procedimento foi realizado sob sedação e anestesia regional. A cerclagem foi mantida por mais 30 dias, e sua remoção foi realizada sob mesma técnica anestésica. A estabilidade é ponto chave na adequada consolidação das fraturas, especialmente da mandíbula, o que pode propiciar o rápido retorno à alimentação voluntária. Para tanto, a combinação das técnicas de osteossíntese com placa bloqueada e cerclagem atingiu seus objetivos. A utilização de alimento volumoso peletizado foi fundamental para o período pós-operatório imediato. Apesar de contaminada, não foram observadas complicações sépticas na consolidação da fratura. A proximidade dos parafusos aos elementos dentários poderá trazer futuras complicações, mas que ainda não foram notadas. O tecido mole dos dentes em formação são radioluscentes e não são identificados ao exame radiográfico. As técnicas e protocolos utilizados obtiveram êxito no tratamento, permitindo a adequada consolidação óssea.

Palavras-chave: Fratura; mandíbula; osteossíntese

162. OSTEOSSÍNTESE COM PLACA EM FRATURA DE TÍBIA EM POTRO DE TRÊS MESES

KAMILA PINHEIRO PAIM*1; RAÍSSA OLIVEIRA LEITE1; TATIANE FARIA PRADO1; ERIKY AKIO TONGU1; JOÃO PAULO

ELSEN SAUT1; DIEGO JOSE ZANZARINI DELFIOL1; GEISON MOREL NOGUEIRA1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLANDIA, MG, BRASIL.

e-mail:geison.nogueira@ufu.br

Resumo:

Fraturas de tíbia ocorrem com relativa frequência em equinos, são mais comuns em potros resultantes de trauma. A carga da tíbia resulta em torque, possivelmente devido a angulação dupla das articulações femuro-tibio-patelar e do tarso. Em função disso, a maior parte das fraturas nesse osso, apresentam a configuração espiral ou cominutiva. A imobilização com gesso, como método único de tratamento para fraturas completas diafisárias na tíbia é pouco eficaz, sendo indicado a utilização de placas, como a de compressão dinâmica. Relata-se o caso de uma potra, três meses de idade, 110 Kg, raça Quarto de Milha, que apresentava à inspeção claudicação grau 4, com aumento de volume na região da tíbia do membro pélvico direito, com ausência de solução de continuidade na pele ou exposição óssea. À palpação observou-se sensibilidade dolorosa, instabilidade e crepitação na porção médio-proximal da tíbia direita. Ao exame radiográfico, nas projeções latero-medial e crânio-caudal, foi evidenciada fratura completa, diafisária, em espiral da tíbia. O tratamento instituido foi a ostessíntese com placa. O animal foi submetido a anestesia geral inalatória, para a realização de acesso cirúrgico medial da tíbia. Foi aplicada uma placa de compressão dinâmica de 4,5mm, 9 furos, na superfície medial do osso, contemplando as porções diafisária, metáfise e epífise proximal. Além desta, também foram utilizados dois parafusos corticais de 4,5mm na porção diafisária média cranialmente. Foi instituída antibioticoterapia profilática com ceftriaxona, na dose de 25 mg/Kg, via intravenosa, a cada 12 horas, durante 10 dias; analgesia com cetoprofeno 2,2mg/Kg, via intravenosa, a cada 12 horas, por 3 dias; e, omeprazol, 4 mg/kg, via oral, uma vez ao dia, durante 3 dias. Procedeu-se a avaliação radiográfica semanal, para acompanhamento dos posicionamentos interfragmentário e do implante. Aos sete dias pós-operatórios, observou-se o surgimento de uma linha de fratura incompleta, no fragmento proximal, longitudinalmente, sem comprometer, contudo, a estabilidade óssea. Aos 16 dias, foi possível observar radiograficamente, o início da formação de calo ósseo, assim como um pequeno afastamento da extremidade proximal da placa em relação a superfície óssea e de três parafusos proximais. Por este motivo, associou-se a imobilização externa com gesso sintético, da terceira falange à metáfise distal do fêmur, mantendo o mesmo por 25 dias. Apesar das complicações após colocação do implante, a consolidação óssea seguiu curso normal, e decorridos 75 dias do procedimento cirúrgico, o animal recebeu alta. A utilização isolada da placa de compressão dinâmica, de 4,5mm, foi insuficiente para o tratamento da fratura, sendo necessária a associação com gesso sintético como método de imobilização externa, para eficácia do tratamento.

Palavras-chave: Placa dcp; equino; cirurgia

163. OSTEOSSÍNTESE EM FRATURA DIAFISÁRIA PROXIMAL EM ESPIRAL DE RÁDIO EM POTRO

DANIELA MARIA SCHUEROFF*1; FREDERICO FERNANDES ARAÚJO1; YASMIM VARAGO FARTH1; MARIANA COSENZA1; ANA FLAVIA COSTA1; HOMERO LEITE MARTINS1; PEDRO VICTOR LUNA FREIRE OLIVEIRA1; LUCAS RUAN PIRES1; DANIELLE ARAÚJO BARBOSA1

1.UNIFIL, LONDRINA, PR, BRASIL.

e-mail:fred_arj@hotmail.com

Resumo:

Nos equinos, as fraturas do rádio são menos frequentes quanto à da ulna sendo causadas principalmente por traumas externos. O diagnóstico é realizado pelo exame físico, apresentando claudicação de apoio, crepitação acompanhada de instabilidade do membro e a avaliação radiográfica confirma a existência da fratura. A escolha do método de fixação baseia-se no tipo e localização da fratura, tamanho e idade do animal, número de ossos envolvidos e viabilidade dos tecidos moles da região. A reparação das fraturas requer redução anatômica e rígida estabilidade, para que ocorra a cicatrização do osso fraturado e o paciente restabeleça as funções do membro.

Foi encaminhado para o Hospital Veterinário da Unifil, um potro macho, da raça Quarto-de-Milha com 4 meses de idade com fratura de rádio. O animal chegou em pé no trailer, imobilizado com tala, porém, esta havia saído do lugar. O animal foi encaminhado para exame radiográfico onde evidenciou-se uma fratura diafisária proximal em espiral no rádio. A fratura foi imobilizadae mantida assim até o momento da cirurgia. Animal foi encaminhado para cirurgia de osteossíntese guiada com radiografia transoperatória. A sedação foi realizada com xilasina, a indução com cetamina associada ao diazepam e a manutenção com isoflurano. O acesso realizado foi crânio-lateral com afastamento e divulsionamento da musculatura músculo extensor radial do carpo, músculo extensor digital comum para melhor visualização da fratura. Após a redução da fratura, a mesma foi estabilizada, previamente à fixação das placas, por um parafuso cortical em lag com auxílio das pinças de redução de fraturas, transfixando e estabilizando os dois fragmentos. Primeiramente fixou-se uma placa de 4,5mm de 10 parafusos na parte cranial do radio, fixada por 8 parafusos e depois uma placa de 4,5mm com oito furos, fixada com seis parafusos, na região lateral do osso. As placas foram fixadas com parafusos corticais 4,5mm e um parafuso esponjoso 4,5mm. A musculatura foi reposicionada e sua parte lesionada foi suturada com padrão de Sultan Fio Poliglactina 0, o tecido subcutâneo foi reduzido com sutura de cushing Fio Poliglactina 2,0 e a pele com ponto simples contínuo Fio Nylon 0. Após a cirurgia, o membro foi imobilizado com tala lateral para que o animal pudesse se recuperar com mais segurança. A tala foi mantida por aproximadamente 40 dias. Para o tratamento pós-operatório foi utilizado antibioticoterapia com gentamicina associada ao ceftiofur e de antiinflamatório Meloxicam. Os curativos eram realizados a cada 10 dias, com a colocação de uma nova tala de alumínio. Após 20 dias foi realizada a radiografia, onde não se observou nenhum indício de osteomielite ou qualquer rejeição aos parafusos. Outra radiografia foi realizada em 55 dias após a cirurgia, observa-se formação de calo ósseo com aumento de radiopacidade na linha de fratura e migração do parafuso medular. O animal ainda se encontra em tratamento, sem o uso de tala e apoiando o membro no solo desde o primeiro dia de pós-operatório. Foi realizada uma aproximação máxima entre os fragmentos. Na literatura, encontramos tratamentos que utilizam a fixação externa ou até mesmo o tratamento conservativo, sendo poucos os resultados encontrados sobre o sucesso da fixação com placas e parafusos em fraturas radiais em potros. A fixação com placas e parafusos no tratamento da fratura proximal de rádio em potro, até o momento, está se mostrando eficiente com o rápido e completo restabelecimento funcional do membro.

Palavras-chave: Cirurgia ortopédica; placa e parafuso; equino

164. OTITE EQUINA POR PROTEUS MIRABILIS - RELATO DE CASO

PAULA ALESSANDRA DI FILIPPO*1; GABRIEL CARVALHO SANTOS1; VERONICA VIEIRA1; GABRIELA BRAVIM LEMOS1; ITALO S. COUTINHO1; FLÁVIO AUGUSTO SOARES GRAÇA1

1.UENF, CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ, BRASIL.

e-mail:paula_difilippo@yahoo.com.br

Resumo:

A otite, definida como a inflamação das estruturas auditivas, é classificada de acordo com a região anatômica acometida. A otite interna envolve o nervo vestíbulo-coclear e pode ser causada por bactérias, vírus ou fungos, infestação parasitária, neoplasias, lesões vasculares e disfunção imune. O animal acometido, frequentemente apresenta sintomas vestibulares periféricos, como desvio e rotação da cabeça e paralisia do nervo facial ipsilateral. Os sinais neurológicos advêm da diminuição da drenagem pelos condutos auditivos em razão do edema de mucosa e obstrução por exsudato, que podem ocasionar infecções persistentes e lesão dos nervos faciais. A otite externa é uma afecção do epitélio do conduto auditivo, podendo também acometer o pavilhão auricular. O diagnóstico etiológico da otite primária em equinos é de difícil realização, devido ao canal auditivo externo ser longo e à dificuldade de visualização da membrana timpânica. Entretanto, quando realizado favorece a instituição precoce e específica do tratamento e, consequentemente, a cura do animal. O objetivo desde estudo foi o de descrever o quadro clínico de um equino diagnosticado com otite por Proteus mirabilis. O equino macho, 18 anos de idade e 320 kg/pv, foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Estadual Norte Fluminense (HVET-UENF) –RJ com histórico de apatia, perda do equilíbrio resultando em quedas frequentes, dificuldades em se alimentar, sonolência e inchaço na base da orelha esquerda. Segundo relato do proprietário, há 40 dias o animal havia se envolvido em

uma briga com um outro animal e nesta ocasião, havia lesionado a orelha. Ao exame físico o animal apresentava comprometimento do nervo facial, clinicamente notada pela paralisia facial unilateral do lábio superior e inferior. Após avaliação clínica procedeu-se o exame otológico detalhado. No interior do conduto auditivo notou-se a presença de exsudato abundante e fétido. O animal sentia dor a palpação externa do conduto auditivo. A colheita do material foi realizada introduzindo-se um swab estéril o mais profundamente possível no canal auditivo vertical. Após este procedimento, foi feita também a colheita de exsudato e/ou cerúmen para a confecção de esfregaços e posterior observação microscópica. O material colhido foi semeado em ágar Sabouraud dextrosado (Sabouraud Dextrose 2% Agar) acrescido de cloranfenicol e azeite de oliva estéril. Os meios de cultura foram deixados em incubação por até 28 dias à temperatura ambiente após inoculação. As colônias crescidas no meio de cultura foram identificadas como Proteus mirabilis. Baseado no antibiograma, instituiu-se tratamento com Gentamicina (6,6mg/kg, IV, SID, 4 dias), Penicilina benzatina (20.000UI/kg, IM, SID, 7 dias), Flunixin Meglumine (0,5mg/kg, IV, SID, 3 dias) e curativo local com Clorexidine Dergemante e pomada à base de Neomicina (BID/7 dias). O tratamento instituído resultou na cura completa da afecção e dos sintomas. O sucesso na resolução deste caso deveu-se principalmente, a precisão no diagnóstico o qual, permitiu a instituição do tratamento adequado. Colaborou ainda para a manutenção anatômica normal do pavilhão auricular acometido.

Palavras-chave: Antibiograma; inflamação auricular; cavalo

165. OVARIECTOMIA BILATERAL POR VÍDEOLAPAROSCOPIA EM POSIÇÃO QUADRUPEDAL PARA REMOÇÃO DE TUMOR DE CÉLULAS DA GRANULOSA EM ÉGUA

CAROLINA COIMBRA CHAGAS*1; DAVID ARGÜELLES CAPILLA1; ANN MARTENS2; ANTONIA SÁNCHEZ DE MEDINA1; BALTASAR CORTÉS1; MARIA SANTISTEBAN1; ALBA RUBIO SOÁREZ1; LORENA JORDA VILAR1; MILLAN DE ANCO FERNÁNDEZ1

1.UNIVERSIDAD DE CÓRDOBA, CÓRDOBA, ESPANHA; 2.GHENT UNIVERSITY, GHENT, BÉLGICA.

e-mail:rolcachagas@gmail.com

Resumo:

As neoplasias ovarianas são muito importantes entre as anormalidades reprodutivas na égua. A mais frequente é o Tumor de Células da Granulosa, associado na maioria das vezes a alterações comportamentais e cíclicas. Foi recebida no Hospital Clínico Veterinário (HCV) da Universidade de Córdoba – Espanha, para realização de ovariectomia bilateral, uma égua Pura Raça Lusitana de seis anos de idade e 562 kg com suspeita de Tumor de Células da Granulosa. Segundo a Médica Veterinária que encaminhou o caso, a égua apresentava comportamento de garanhão e foi detectado, mediante palpação e ultrassonografia transretal, uma massa no ovário esquerdo. Durante o exame ultrassonográfico realizado no HCV, a massa se situava central no abdômen caudal e apresentava estrutura policavitária com imagem típica de favo de mel, com uma cavidade hipoecoica de grande tamanho (12-15 cm de largura). A mensuração exata do ovário esquerdo foi impossível por superar a capacidade do aparelho de ultrassonografia. O corno e o ovário direito apresentavam tamanho e aparência ultrassonográfica normal, porém por se tratar de uma égua de esporte sem interesse reprodutivo, optou-se pela ovariectomia bilateral. A princípio foi realizada vídeolaparoscopia bilateral em posição quadrupedal no tronco de contenção, mediante sedação e analgesia. Foram feitos três acessos laparoscópicos de 2 cm em cada flanco. Realizou-se o bloqueio anestésico local com lidocaína 5% no pedículo ovariano e no mesovário e em seguida estas estruturas foram resseccionadas com termocautério hemostático. Dessa forma, os ovários ficaram livres no abdômen e suturaram-se a musculatura, subcutâneo e pele. Posteriormente, devido ao grande tamanho do tumor no ovário esquerdo, o animal foi levado ao centro cirúrgico, onde se realizou uma celiotomia através da linha mediana ventral sob anestesia total intravenosa para a retirada dos ovários. Após, suturou-se a musculatura com fio absorvível de ácido glicólico 5-0 e padrão simples contínuo; subcutâneo com fio não absorvível de polipropileno 2-0 e padrão simples contínuo e a pele foi suturada com grampos cirúrgicos. Não houve intercorrências na recuperação anestésica da égua e com ela em posição quadrupedal foi realizada bandagem compressiva do abdômen. A evolução do animal posterior a cirurgia foi favorável e após cinco dias de hospitalização recebeu alta hospitalar. Foram enviadas duas amostras do ovário esquerdo para diagnóstico histopatológico, após a cirurgia. Macroscopicamente, o ovário possuía aspecto policístico,

com líquido vermelho-amarronzado e aspecto de favo de mel, pesando 8 kg e medindo 29 cm de largura, 24 cm de profundidade e 78 cm de circunferência. Aos cortes seriados, havia pequenas cavidades e um tecido de coloração amarelado a esbranquiçado existindo áreas pardas compatíveis com zonas de hemorragias. Microscopicamente se observava uma neoformação procedente do estroma dos cordões sexuais. As células neoplásicas se dispunham revestindo folículos neoformados (macro e microfolículos) e também em ninhos e cordões. As células apresentavam escasso citoplasma eosinófilo com núcleo ovalado a esférico, hipercromáticos e com nucléolo evidente. Ao redor destas células da granulosa neoplásicas se observava proliferação de células da teca e fibroses. Observava-se também, um grande desenvolvimento do tecido conjuntivo correspondente provavelmente a cápsula do tumor na qual podíamos observar proliferação de células da granulosa e áreas de hemorragia. O diagnóstico histopatológico confirmou a suspeita de Tumor de Células da Granulosa. O presente caso chamou a atenção pelas suas grandes dimensões, pois a maioria dos casos já relatados na literatura possuía dimensões muito inferiores.

Palavras-chave: Tumor de células da granulosa; ovariectomia bilateral; videolaparoscopia

166. PENECTOMIA PARCIAL EM EQUINO COM CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS

CAMILLA SOARES SCATTAREGI*1; TATIANA HARUMI SAITO1; BRUNO MARCONDES DE OLIVEIRA1; GUSTAVO KRAUSS LEMOS1; TATIANE SANDY SOUZA2; DIOGO S.G. CRUZ2; THIAGO PIRES ANACLETO3; ANA CAROLINA ORTEGAL ALMEIDA3; EVERTON SCHIMIDT PRADO3; SERGIO DA SILVA ROCHA JÚNIOR3

1.GRADUANDOS EM MEDICINA VETERINÁRIA EM 2016 PELA UNIVERSIDADE JOSÉ DO ROSÁRIO VELLANO (UNIFENAS), ROD, ALFENAS, MG, BRASIL; 2.GRADUADOS EM MEDICINA VETERINÁRIA EM 2016 PELA UNIVERSIDADE JOSÉ DO ROSÁRIO VELLANO (UNIFENAS), RODO, ALFENAS, MG, BRASIL; 3.PROFESSOR DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE JOSÉ DO ROSÁRIO VELLANO (UNIFENAS), RODOV, ALFENAS, MG, BRASIL.

e-mail:camilla.scattaregi@gmail.com

Resumo:

O carcinoma de células escamosas (CCE) é uma neoplasia cutânea maligna e metastática dos queratinócitos, com prevalência em regiões onde há menor pigmentação da pele e pouca cobertura por pelos, como pálpebras, prepúcio, vulva e junções mucocutâneas. Dentre as principais causas, são a exposição prolongada à luz ultravioleta (UV), nos animais que não são higienizados periodicamente a ação cancerígena do esmegma, por último existe a correlação do papilomavírus equino tipo 2 no desenvolvimento desta neoplasia. Várias terapias são descritas para o tratamento sendo o mais eficazes a excisão cirúrgica, criocirurgia, hipertermia por rádio fluorescência, cirurgia a laser, radioterapia, quimioterapia, imunoterapia e pela combinação de todos estes métodos. Foi atendido no Hospital Veterinário de grandes animais, UNIFENAS, uma equino, macho, com aproximadamente 12 anos de idade, escore corporal 3, pesando 350 KG e pelagem tordilha. Durante o exame físico foi constada a presença de uma massa pedunculada de superfície irregular, de consistência firme, com áreas multifocais ulceradas envolvendo toda glande do pênis. De acordo com a histórico do animal e os achados macroscópicos, suspeitou-se de um carcinoma de células escamosas. Desta forma foi solicitada a remoção radical do tecido, e a técnica empregada foi a penectomia parcial, uma vez removido, o material foi encaminhado para avaliação histológica, onde os achados foram condizentes com a suspeita de CCE. Não houveram complicações pós-operatórias e até o último contato com o proprietário o animal passa bem e retornou suas atividades. Por se tratar de um equino macho de idade avançada, a principal suspeita a origem da neoplasia, foi ocasionada pela ação dos raios UV associada a presença constante de esmegma, devido ao proprietário não possuir o abito de higienizar das genitálias do animal.

Palavras-chave: Equino; neoplasia; penectomia

167. PERITONITE IDIOPÁTICA EM EQUINO – RELATO DE CASO

TAYNA ROSENDO*1; VICTTOR JOSE MAGRO1; DEBORA JULIANA MARQUES1; ARNALDO SOTERO LUZ SOUZA1;

FERNANDA TAMARA NEME MOBAID AGUDO ROMÃO1

1.FAEF, GARÇA, SP, BRASIL.

e-mail:ftnmaromao@gmail.com

Resumo:

O peritônio é um tecido que recobre as estruturas da cavidade abdominal. A peritonite nada mais é que a inflamação do peritônio, que é uma resposta a uma variedade de estímulos, quais podem ser infecciosos ou não infecciosos, podendo ser classificada de acordo com sua origem pode ser primária ou secundária, de acordo com o grau de envolvimento, sendo localizada ou difusa como também pela gravidade dos sinais clínicos, podendo ser aguda ou crônica. Independente da causa, a fisiopatologia da peritonite permanece similar em todos os casos, a contaminação bacteriana de uma fonte pontual simples pode estender-se por toda a cavidade peritoneal dentro de 3 a 6 horas por meio das contrações normais do intestino, parede abdominal e diafragma. O presente trabalho tem por objetivo relatar um caso de peritonite idiopática, juntamente a terapêutica sucesso para o animal relatado. Foi atendido no Hospital Veterinário de Grandes Animais da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral- FAEF, um equino, macho, da raça quarto de milha, com 4,5 anos de idade, pelagem baio amarilho, pesando 420 kg, com sinais de desconforto abdominal. Na chegada ao Hospital Veterinário foi realizado exame físico geral que demonstrou alterações nos parâmetros vitais: mucosas congestas com presença de halo endotoxêmico, TPC 3", FC: 64 bpm, FR: 32 mpm, temperatura 38°C, com ausência de motilidade nos quatro quadrantes abdominais, comportamento apático e moderada desidratação. Foi realizado então exame especifico do trato digestório, qual se apresentou de forma alterada: na sondagem nasogástrica e lavagem do estômago presença de areia. A palpação retal apresentava cíbalos compactados em colón menor e não apresentava condições de exploração dos demais órgãos por dor, também apresentava dor à palpação externa do abdômen. A ultrassonografia abdominal evidenciou inflamação nas paredes das alças intestinais. Na paracentese abdominal o liquido colhido apresentava-se turvo, esbranquiçado, pH 6,0 e aumento de proteína. Na análise citológica: predomínio de 96% neutrófilos, 2% de linfócitos, 2% de células mononucleares, com presença de macrófagos e neutrófilos degenerados. O hemograma e bioquímico não apresentou alterações consideráveis. Foi realizado a reposição hídrica eletrolítica parenteral intravenosa com ringer lactato, terapia anti-inflamatória, antiendotoxêmica com flunexim meglumine (0,25 mg/kg, IV, QID), DMSO (1ml/kg, Via Sonda Nasogástrica, SID), e antimicrobiana com gentamicina (6,6 mg/kg, IV, SID) e ceftiofur (4,4 mg/kg, IV, SID). Nos dias seguintes de internação o animal começou a apresentar melhora clínica, apresentando diminuição da dor abdominal, e começou a apresentar movimentos intestinais, ainda que diminuídos. Porém o hemograma apresentou uma leucocitose por neutrofilia, com aumento do fibrinogênio plasmático chegando a 800 mg/dL, o qual foi diminuindo em resposta ao tratamento. A melhora total tanto clinica quanto nos exames complementares se deu depois de 13 dias de tratamento, o tratamento anti-inflamatório e antiendotoxêmico foi suspenso, e o antimicrobiano mantido até o vigésimo dia de internação, data qual o animal se apresentava de alta hospitalar. Após três meses e um ano da alta hospitalar, foi realizado contato com o proprietário e este relata que o animal se encontra bem sem demais alterações, não havendo nenhum episodio de cólica após a alta clinica. O presente caso apresentado foi de uma peritonite aguda e considerada idiopática, pois não foi possível instituir a causa inicial para a mesma. A peritonite tem prognóstico mau em equinos, entretanto, no caso relatado houve boa resposta a terapia instituída e o animal se recuperou, não apresentando nenhuma complicação posterior.

Palavras-chave: Abdome agudo; endotoxemia; inflamação

168. PERSISTÊNCIA DE ÚRACO E POLIARTRITE SÉPTICA EM EQUINO NEONATO

MAÍSA ALVES BATISTA DE SOUZA*1; IGOR MARIZ DANTAS1; RUY BRAYNER DE OLIVEIRA FILHO1; KARLA CAMPOS MALTA1; ROBERTA MÁIRA PEREIRA1; SUEDNEY LIMA SILVA1; ISABELLA DE OLIVEIRA BARROS1

1.UFPB, AREIA, PB, BRASIL.

e-mail:doutorabella@hotmail.com

Resumo:

A artrite séptica pode ser definida como uma manifestação inflamatória de uma articulação. É uma enfermidade que acomete potros, como também equinos adultos, não tendo predisposição. É a complicação mais grave constatada nas articulações dos equinos. A artrite séptica em potros, está comumente envolvida a um sítio primário de sepse existente em algum local do organismo ou em parte do corpo, causando bacteremia. O presente relato teve como objetivo descrever um caso de poliartrite séptica em potro da raça Quarto de Milha, atendido no Hospital Veterinário da UFPB. O animal tinha 22 dias de vida, a cerca de 10 dias, apresentou secreção ocular bilateral com ulceração. Apresentou também um aumento de volume nas articulações tarsicas, bilateral. No umbigo havia secreção purulenta e eliminava urina. No ultrassom da região umbilical, visualizou aumento da área de ecogenicidade. E no ultrassom feito da região tarsica observou liquido, hiperecóico com pontos de fibrina. Sistemicamente, o tratamento antimicrobiano constituindo foi a base de Penicilina (40.000 UI/kg), Gentamicina (3mg/kg), no controle da dor foi administrado Meloxicam (0,5 mg/kg) e para febre Dipirona na dose de (25mg/kg). Foi realizada uma artrocentese devido à dificuldade de eliminar a secreção purulenta. Foi feita também a lavagem articular com Amicacina (500mg/animal) diluído em 250 ml de solução fisiológica, associado a (5ml) de Dimetilsulfóxido e bandagem no local. O tratamento foi executado por 1 semana, houve uma redução da infeção articular, porém não sanou. O tratamento para persistência de úraco, consistiu na intervenção cirúrgica, através da laqueadura do úraco junto à vesícula urinária. O animal permaneceu internado durante 2 semanas e posteriormente recebeu alta. O animal foi encaminhado para propriedade, contudo por falta de manejo, ficou sem alimentação, o proprietário relatou que o animal veio a óbito 24 horas após chegar na propriedade. Desta forma é de grande importância adotar como prevenção, um manejo ideal dos neonatos, principalmente a cura do umbigo, para evitar a infecções hematológicas, que cheguem até as articulações.

Palavras-chave: Potro; artrite; onfalite

169. PIOMETRA EM ÉGUA - RELATO DE CASO

PATRÍCIA DE FARIA LAINETTI*1; ANTONIO FERNANDO LEIS FILHO1; ROBERTO RODRIGUES DA ROSA FILHO1; GUSTAVO DOS SANTOS ROSA1; LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; FELIPE ERISON MEDRADO ROCHA DE SOUSA1; JULIANA DE MOURA ALONSO1; JOÃO CARLOS PINHEIRO FERREIRA1

1.UNESP - FMVZ/BOTUCATU, BOTUCATU, SP, BRASIL.

e-mail:patylainetti@hotmail.com

Resumo:

A piometra é uma infecção que ocorre no útero, pode ser aguda ou crônica, em que há um acúmulo de pus na luz uterina. Pode ser aberta ou fechada, na aberta é possível observar a saída do conteúdo e na fechada ocorre um acúmulo do mesmo. Algumas causas podem levar à dificuldade de drenagem dos conteúdos de origem uterina, entre elas cérvix fibrosa, com aderências e/ou irregular e alterações na capacidade uterina de contração, estes fatores aumentam a probabilidade do animal desenvolver um quadro de piometra. A contaminação uterina pode ocorrer por agentes exógenos ao ambiente uterino, ou seja, após a cobertura, ou inseminação artificial, manipulação para coleta de embrião ou endógena, em que o animal não conseguiu eliminar o exudato proveniente das glândulas uterinas durante o estro e houve uma contaminação bacteriana do mesmo. Quando a piometra é aberta, seu diagnóstico é realizado de maneira precoce, pois há visualização do conteúdo. Em casos da piometra fechada, o diagnóstico é um achado de exames de palpação e ultrassonografia transretal. Nas éguas raramente há algum tipo de alteração sistêmica, contudo o animal não retorna ao cio pois o endométrio não produz PGF2α, o que acaba levando à um prejuízo econômico para o proprietário, uma vez que ele acredita que aquele animal irá gerar um potro e a matriz não é utilizada por alguns meses. Uma égua de aproximadamente quinze anos, da raça árabe, foi atendida no departamento de Reprodução Animal da FMVZ – UNESP/Botucatu – SP. A queixa inicial era que o animal estava gestante de aproximadamente 6 meses e provavelmente abortando, pois havia secreção purulenta em região vulvar. Segundo o histórico do animal, a fêmea havia sido coberta por um garanhão duas vezes, após isso não entrou mais no cio, foi observado aumento de volume abdominal, também foi realizado diagnóstico de gestação positivo

por meio da palpação transretal. Ao ser atendida pelo departamento, realizou-se exame físico e constatou-se que animal estava em bom estado geral, sem alterações de freqüência cardíaca, freqüência respiratória, temperatura, mucosas e tempo de preenchimento capilar. À inspeção foi observado secreção purulenta na porção proximal da vagina e na comissura vulvar ventral. À palpação retal foi possível constatar grande aumento de volume uterino, com os cornos bem dilatados, porém sem resposta quando realizado o teste do balotamento. Ao realizar ultrassonografia transretal foi observado grande quantidade de conteúdo anecogênico com pontos hiperecogênicos por todo o útero, sem presença de feto. Após o diagnóstico, o tratamento se constituiu na dilatação da cérvix que estava fechada até o momento e o conteúdo, de aproximadamente 10 litros, foi drenado com uma sonda uterina (do tipo Foley) e posteriormente o útero foi lavado com solução Ringer com Lactato, até não ter mais vestígios da secreção purulenta. No cultivo foram encontrados dois tipos de bactérias, Kleibsiella pneumoniae sensível à amoxicilina com clavulanato, cefalexina, ceftiofur, ceftriaxona, enrofloxacina e norfloxacina e resistente à azitromicina, penicilina g e florfenicol, no cultivo bacteriano foi encontrado também Streptococcus beta hemolítico sensível à amoxicilina com clavulanato, cefalexina, ceftiofur, ceftriaxona, azitromicina, penicilina g e florfenicol e resistente à enrofloxacina e norfloxacina. Foram realizadas lavagens diárias com a mesma solução para manter a cérvix aberta e para eliminar o resto de conteúdo que pudesse ter acumulado de um dia para o outro e 2 mL de ocitocina (20UI) por via subcutânea para ajudar na contração uterina. É importante ressaltar o uso da ultrassonografia para o diagnóstico dos casos de piometra fechada, uma vez que o animal se mantém saudável e sem sinais clínicos, contudo o proprietário acaba prejudicado pelo tempo em que a égua se manteve sem ser utilizada e sem ciclar, sendo que o tratamento dessa enfermidade é relativamente simples e barato quando comparado à outras doenças.

Palavras-chave: Infecção uterina; ultrassonografia; equídeos

170. PITIOSE MAMÁRIA SECUNDÁRIA À LESÃO CUTÂNEA EM POTRA QUARTO DE MILHA: RELATO DE CASO

LUCAS FERREIRA MENDONÇA*1; PAULO ALÉSCIO CANOLA1; JÚLIA RIBEIRO GARCIA CARVALHO1; MARINA LANSARINI ANTONIOLI1; CAIO CARVALHO BUSTAMANTE1; PAULA LUZIA FORMIGONI BERGAMASCO1; VANESSA BARROCO DE PAULA1; TALISSA CAMARGO MANTOVANI DE BONIS1; DÁBIA SILVA TEIXEIRA2

1.UNESP - CÂMPUS JABOTICABAL, JABOTICABAL, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS, LAVRAS, MG, BRASIL.

e-mail:lucasfm.mv@hotmail.com

Resumo:

A pitiose cutânea é uma doença infecciosa piogranulomatosa causada pelo oomiceto aquático Pythium insidiosum. O acúmulo de água em banhados e lagoas, além da presença de vegetação aquática e temperatura ambiente elevada (30 a 40°C) são fatores imperativos para a formação dos zoósporos infectantes, os quais, posteriormente, sofrem quimiotaxia para os tecidos danificados do hospedeiro. O quadro é caracterizado pela presença de lesões ulcerativas, com extensão variada, bordas irregulares e drenagem abundante de secreção serossanguinolenta, associada a tratos fistulosos preenchidos por material branco-amarelado irregular e firme denominado “kunkers”. O diagnóstico pode ser baseado na caracterização clínica das lesões cutâneas associado ao resultado histopatológico. Entretanto, é necessária a confirmação por meio de exames complementares, como a imunohistoquímica ou reação em cadeia da polimerase (PCR). O tratamento ainda é um grande desafio e sua eficácia depende de fatores como tamanho e localização da lesão, evolução, imunidade do paciente e terapia instituída. Usualmente, combina-se excisão cirúrgica com imunoterapia ou administração sistêmica, intralesional e tópica de drogas antifúngicas, juntamente com cauterização da ferida. Foi admitido no Hospital Veterinário da FCAV/Unesp, Câmpus de Jaboticabal um equino, fêmea, da raça Quarto de Milha, de 1 ano e 6 meses, pesando 170 kg, apresentando feridas na região medial dos membros pélvicos, em altura de tíbia e fíbula. Segundo o proprietário, as feridas haviam sido inicialmente observadas há aproximadamente três semanas, com rápida evolução e prurido intenso. Ainda segundo o mesmo, a paciente permanecia em pastagem, as quais apresentava várias áreas de alagamento. No exame físico foi observada a presença de secreção serossanguinolenta abundante e presença de "kunkers" nas feridas. Pelo aspecto macroscópico da lesão, suspeitou-se de pitiose cutânea. Por meio de exames complementares, identificou-se Babesia equi e eritropenia acentuada (2,76 x 106 he/µL), possivelmente causada pela presença do hemoparasita

e drenagem abundante de secreção serosanguinolenta pelas feridas. A paciente foi submetida ao procedimento de exérese cirúrgica do tecido granulomatoso seguido de cauterização e aplicação tópica de anfotericina-B com DMSO e bandagem compressiva. No entanto, dada à extensão da lesão, houve recidiva da afecção e aventou-se nova tentativa de extirpação cirúrgica do tecido granulomatoso. O tratamento pós-operatório foi feito com terapia antimicrobiana de amplo espectro, anti-inflamatório não esteroidal e troca da bandagem a cada dois dias, com aplicação tópica da solução supracitada. Entre uma intervenção cirúrgica e outra, notou-se aumento de volume na região inguinal direita. Com o auxílio do aparelho de ultrassonografia observou-se presença de líquido inflamatório na glândula mamária direita e pontos hiperecoicos, sugestivos de presença "kunkers" no tecido mamário. Após alguns dias do último procedimento cirúrgico, o animal veio a óbito. A paciente foi encaminhada à necropsia onde foi confirmada a infiltração no tecido mamário e linfonodo inguinal pelo Pythium insidiosum e presença de "kunkers". Conforme citado anteriormente, a pitiose cutânea é comum em equinos habitando áreas alagadas. Lesões gástricas e pulmonares já foram relatadas em casos graves. No entanto, na paciente em questão, não foram encontradas lesões semelhantes, porém, os achados ultrassonográficos e, posteriormente, à necropsia, observaram-se envolvimento da glândula mamária e linfonodos inguinais. A disseminação do pseudofungo para estes tecidos, nesse caso, possivelmente ocorreu por via linfática. Metástase é definida como a disseminação, pelo sangue ou via linfática, de organismos patológicos, além do foco primário de uma lesão. Neste sentido, pode-se inferir que houve metástase (linfática) mamária da lesão cutânea primária.

Palavras-chave: Anfotericina-b; equino; "kunkers"

171. PRÓTESE INTRAOCULAR DE METILMETACRILATO COMO ALTERNATIVA À ENUCLEAÇÃO EM EQUINO: RELATO DE CASO

GUSTAVO DOS SANTOS ROSA*1; MARILIA FERRARI MARSIGLIA1; CAIO NUNES DE BARROS1; CAROLINA MURA MURA RAMOS1; JULIANA DE MOURA ALONSO1; MICAELLA GORDON GANDOLFI1; GEÓRGIA NADALINI RODRIGUES1; CLÁUDIA VALÉRIA SEULLNER BRANDÃO1; ANA LIZ GARCIA ALVES1; CARLOS ALBERTO HUSSNI1; MARCOS JUN WATANABE1; CELSO ANTÔNIO RODRIGUES1

1.FMVZ UNESP, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:mariliafmarsiglia@gmail.com

Resumo:

Devido à sua posição proeminente na cabeça, os olhos são frequentemente acometidos por traumas que, em termos de severidade, podem variar desde uma lesão conjuntival leve até uma laceração severa da córnea com ruptura do bulbo ocular. Em casos de perfuração ocular, a intervenção cirúrgica é o tratamento de eleição, reestabelecendo as estruturas internas do olho. O diagnóstico clínico baseia-se na observação de irregularidades da superfície corneal, frequentemente acompanhadas por traves de fibrina, prolapso de íris, diminuição da pressão intraocular, câmara anterior rasa e extravasamento do humor aquoso, hipópio e hifema. De acordo com a causa da perfuração e a severidade da lesão, realiza-se o tratamento cirúrgico mais adequado. Como exemplos são citados enxertos conjuntivais, utilização de membrana amniotíca e, em casos de cegueira irreversível secundária ao descolamento de retina, glaucoma ou endofitalmite, enucleação ou o uso de próteses intraoculares. Quando a córnea encontra-se integra a prótese intraocular pode ser utilizada, desde que haja tecido suficiente para a sutura em esclera, visando um aspecto estético melhor. O presente trabalho tem como objetivo relatar o descolamento de retina secundário à uveíte devido a corpo estranho intraocular, e a utilização de uma prótese intraocular de metilmetacrilato como alternativa à enucleação. Um equino, fêmea da raça Mangalarga Marchador, de 7 anos, foi atendido no Hospital Veterinário da FMVZ-UNESP Botucatu, após perfuração da córnea por fragmento de feno durante a alimentação no cocho, com 30 dias de evolução. O paciente apresentava blefaroespasmo, fotofobia, quemose e epífora, além de má acuidade visual. Após exame oftálmico pôde-se observar edema corneal, hifema, hiperemia conjuntival moderada e um corpo estranho (CE), estrutura cilíndrica linear de aproximadamente 6 mm de comprimento localizada na câmara anterior. Após tentativa de tratamento conservativo sem sucesso com a administração de anti-inflamatório sistêmico (flunixin meglumine, 1mg/kg) e local (diclofenaco sódico 4-4h), antibiótico (Tobramicina 6-6h) e midriáticos, optou-se pelo procedimento cirúrgico para a excisão do CE. Mesmo após a excisão do CE e terapia pós-operatória

intensiva, não houve retorno da visão ou diminuição dos sinais de inflamação devido à uveíte, causando dor severa. Optou-se então pelo emprego de uma prótese intraocular de metilmetacrilato (resina acrílica) devido ao resultado estético superior. Antes da cirurgia, o diâmetro da córnea foi mensurado (30mm) e uma esfera de metilmetacrilato foi moldada e esterilizada. A técnica cirúrgica utilizada consistiu na evisceração de todo o conteúdo intraocular, com acesso pela superfície dorsal da esclera. Em seguida, a prótese foi introduzida pela incisão e a esclera foi suturada em padrão simples contínuo, utilizando fio de poliglactina 910 6-0. Em seguida foi realizado um flap conjuntival sobre a sutura da esclera. A conduta pós-operatória com flunixin meglumine e ceftiofur IV foi suficiente para promover o conforto e evitar infecções. O animal recebeu alta cerca de 20 dias após a implantação da prótese sem sinais clínicos de desconforto ocular. Lesões orbitais e oculares devem sempre ser consideradas emergências. A enucleação ocasiona deformidades faciais, característica muitas vezes desagradável ao proprietário. Para casos similares em que a aparência é um fator importante, a literatura recomenda a utilização de próteses de silicone. Entretanto, devido à natureza inerte do metilmetacrilato, a utilização de esferas pré-moldadas estéreis deste material não resultou em reações de caráter imunogênico. Em suma, o presente relato demonstrou que a biocompatibilidade do metilmetacrilato suporta sua utilização como matéria-prima para próteses em oftalmologia veterinária. A realização de cirurgias oftálmicas cosméticas utilizando próteses intraoculares estabelece excelente alternativa à enucleação, gerando resultados esteticamente mais adequados em equinos.

Palavras-chave: Oftalmologia; uveíte; cirurgia cosmética

172. QUADRO HIPERAGUDO DE SALMONELOSE EM POTRO: RELATO DE CASO

LEANDRO KEITI HAYASHI*1; PAOLO NEANDRO BONA SOARES1; MARISA MARTIRE PELLEGRINI1; TASSIA BARRERA DE PAULA E SILVA1; AYMARA EDUARDA DE LIMA1; THAYNA KIKUCHI MONTEIRO1; MARILIA NUNES CARDOSO1; NEIMAR VANDERLEI RONCATI1; IGOR QUIRICO1

1.UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, SAO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:leandrokeiti.hayashi@gmail.com

Resumo:

A salmonelose é uma doença infecciosa causada por uma bactéria gram negativa do gênero Salmonella spp.. Esta enfermidade possui caráter zoonótico e acomete diversas espécies, inclusive os equinos de todas as idades. A infecção pode provir de várias fontes como água, alimentos ou fezes de outros animais infectados. Em potros a doença geralmente está associada aos casos hiperagudos de septicemia e enterotiflocolite aguda, cujo sinais observados normalmente são febre, diarreia, depressão e choque hipovolêmico. O diagnóstico é feito através da reação em cadeia da polimerase (PCR) ou da cultura microbiológica das fezes, sendo este o método mais especifico, porém com sensibilidade limitada e obtenção do resultado demorado. Um equino, macho, da raça quarto de milha, 4 meses de idade, foi encaminhado ao Hospital Veterinário Anhembi Morumbi, apresentando diarreia amarelada com odor fétido à três dias. Ao início dos sintomas, colega foi chamado para o primeiro atendimento na propriedade. O tratamento instituído foi fluidoterapia com Ringer Lactato, Sulfa e Trimetoprim, probiótico, carvão ativado e Buscopan, quando o animal apresentava sinal de desconforto. Ao terceiro dia o animal apresentou piora, sendo encaminhado para o hospital. Ao desembarcar o animal apresentava-se em decúbito lateral, prostrado, anoréxico, mucosas cianóticas, TPC 4 s, temperatura 38,20 C, frequência cardíaca 99 bpm, frequência respiratória 31 mpm, motilidade intestinal normal com ausculta de líquido e gás. Na sondagem nasogastrica obteve-se líquido amarelado com fibras e odor fétido. Diante do quadro critico, foi administrado solução coloide, flunixin meglumine IV, cloridrato de tramadol IV, cimetidina IV, ringer lactato sob pressão IV. Durante o atendimento o animal apresentou diversos episódios de diarreia em jato, ainda em decúbito, indo a óbito pouco tempo depois. Quando questionado, proprietário relata que houveram dois casos de diarreia em potros no período de um mês, sendo que um foi a óbito e o outro apresentou melhora do quadro com o tratamento instituído. Na cultura microbiológica das fezes não houve crescimento bacteriano após 72 horas de cultivo. Na necropsia, macroscopicamente, pode-se observar congestão de vasos e aumento dos linfonodos mesentéricos, mucosas intestinais hemorrágicas, áreas isquêmicas difusas em intestino delgado e intestino grosso. O laudo histopatológico constatou enterite erosiva moderada (subaguda a crônica), com vilosidades atrofiadas e estágios larvais de helmintos (provável Strongyloides spp.) e

coccídeos, além de colite necro-ulcerativa severa e difusa, com trombose capilar superficial, depleção e linfólise de nódulos linfoides. O padrão observado sugere considerar possível infecção bacteriana por Salmonella spp. e/ou Rhodococcus equi. Descarta-se a hipótese de rodococose pois não há histórico na propriedade, e os sinais clínicos e os achados macroscópicos não são característicos dessa afecção. Corroborando com o caso apresentado, a literatura diz que os principais sinais clínicos da salmonelose são apatia, depressão, febre e diarreia, sendo que a morbidade e mortalidade da doença depende da idade do animal, do sorovar envolvido e de fatores predisponentes como cólica, estresse, imunossupressão por doenças concomitantes, tratamento com antibióticos, cirurgias e condições sanitárias deficientes. A forma mais severa, caracterizada por hiperaguda, acomete potros de 1 à 6 meses, podendo levar a óbito em 24 à 72 horas. Na necropsia é possível observar congestão do intestino delgado, petéquias e equimoses nas serosas, edema e aumento de tamanho pulmonar e dos linfonodos mesentéricos. A mucosa intestinal pode apresentar pequenas lesões ulcerativas com ou sem pseudomembrana diftérica de coloração acinzentada que pode aderir a mucosa tanto no ceco quanto no cólon maior. Associando os achados macroscópicos com os sinais clínicos e o laudo histopatológico conclui-se que o animal foi a óbito por um quadro de salmonelose hiperaguda.

Palavras-chave: Salmonelose; salmonella spp.; potro

173. REDUÇÃO DE FRATURA DE OLÉCRANO EM EQUINO COM FIXAÇÃO DE PLACA DINÂMICA DE COMPRESSÃO, PARAFUSOS E PORCAS DE BLOQUEIO

LÍVIA ZAMPOL DELL' ANTONIA*1; LILIAN CRISTINA MORAIS BONEBERG1

1.FACULDADE DE JAGUARIÚNA, SUMARE, SP, BRASIL.

e-mail:lilianboneberg@hotmail.com

Resumo:

As fraturas de olécrano são relativamente comuns em equinos e suas causas mais frequentes relacionam-se ao trauma externo originado principalmente, por coices ou quedas. Assim como em qualquer modalidade de esporte, os equinos estão sujeitos a sofrer certos tipos de acidentes, esses podem ser desde uma simples luxação até uma fratura exposta. Os sinais clínicos geralmente associados à fratura de olécrano são manifestados como incapacidade de o animal suportar o peso sobre o membro lesionado, assim como uma postura de “cotovelo caído”. Uma pequena porcentagem dos animais é capaz de suportar seu peso, apresentando dessa maneira diferentes graus de claudicação. O objetivo deste trabalho é descrever o tratamento cirúrgico realizado com princípios da osteossíntese, juntamente à colocação de placa dinâmica de compressão (DCP), parafusos e porcas “Screw locking elements” (SLE), em um equino, com 10 anos de idade, raça sela francesa, utilizado em concursos de equitação que, após sofrer um trauma, fraturou o olécrano do membro anterior esquerdo. Foram realizadas pesquisas eletrônicas e bibliográficas em artigos científicos e livros; esclarecimentos relativos ao tratamento empregado e prognóstico são discutidos e comparados às doutrinas consultadas nesse relato de caso. Sabe-se que o insucesso das osteossínteses com placas convencionais ocorre devido aos parafusos se afrouxarem. Para melhorar a estabilidade a fixação foi realizada com porcas de bloqueio na extremidade dos parafusos e SLE. Sabe-se que apenas uma SLE de cada lado da fratura, estabilizada com placa de compressão dinâmica proporciona a mesma firmeza como se todos os parafusos estivessem bloqueados com porca de bloqueio. Alguns autores, afirmaram que enquanto os sistemas de placa de bloqueio (LCP) não obtinham micro movimento no foco da fratura, em quanto que as placas dinâmicas de compressão fixadas com SLE em cada extremidade, o micro movimento foi menor do que um milímetro, sendo ideal para estimular a formação de calo ósseo. A porca de bloqueio colocada na extremidade do parafuso fixa melhor a placa de compressão dinâmica, pois não depende da rosca feita no osso, suportando quase a mesma carga que o osso natural, sendo mais satisfatória que as osteossínteses tradicionais, quando a rosca é realizada no próprio osso. Para um paciente que necessita colocar peso imediato sobre o osso fraturado, este método pode ser mais plausível que outros métodos de fixação, não sendo necessária a colocação de porcas em todos os parafusos. O tratamento cirúrgico empregado foi bem sucedido com consolidação completa da fratura.

Palavras-chave: Osteossíntese; fratura; olecrano

174. RELATO DE CASO E SUSPEITA DE SURTO DE ENCEFALOMIELITE VIRAL EQUINA EM RORAIMA

PAULO THIAGO BARROS FIGUEIROA*1

1.ADERR, BOA VISTA, RR, BRASIL.

e-mail:paulofigueiroa@bol.com.br

Resumo:

A encefalomielite equina Leste (EEL) é uma Arbovirose causada pelo Eastern equine encephalitis virus (EEEV), um RNA vírus do gênero Alphavirus pertencente à família Toga-viridae. A doença manifesta-se com sintomatologia nervosa; é considerada uma zoonose de alta letalidade. O termo arbovirus (arbovírus) é utilizado para designação dos vírus que são mantidos na natureza em ciclos envolvendo vetores artrópodes hematófagos e hospedeiros vertebrados. O ciclo se desenvolve entre aves silvestres e mosquitos. Os vetores mais prováveis são Culex spp e Aedes spp. Os equinos e o homem são hospedeiros acidentais. A transmissão da encefalomielite equina leste pode ocorrer raramente de equinos para equinos, pelo contato direto ou por transmissão por insetos. A encefalomielite equina Leste (EEL) é listada pela IN de Nº 50/2013 /MAPA como de notificação obrigatória e imediata de qualquer caso suspeito. Os sinais clínicos mais observados são anorexia, hipertermia, dificuldade de locomoção, andar em circulo e escoriações na pele da região da cabeça. Este estudo tem como objetivo relatar um caso de encefalomielite equina leste no Estado de Roraima que é o estado mais setentrional da Amazônia brasileira. A floresta amazônica é uma das maiores reservas de Arbovírus do mundo, não só devido às condições climáticas favoráveis, mas também à grande diversidade da fauna, porem não há relatos de encefalomielite no Estado de Roraima. O presente caso iniciou-se em 22 de junho de 2016 no município de Boa Vista-RR, um equino fêmea da raça QM de 24 meses apresentou uma leve incoordenação durante a locomoção ao exame clinico constatou-se mucosas hiperemicas, FC de 44 BPM e temperatura de 38,7º C que no período de 24 horas evoluiu para dificuldade de manter em estação, andar em círculos e quedas frequentes e anorexia, foi coletado sangue para realização de hemograma e realização de sorologia para encefalomielite equina o qual foi mantido congelado e a Agencia de Defesa Agropecuária do Estado de Roraima-ADERR foi notificada da suspeita. O hemograma apresentou uma leve anemia e linfocitose e neutropenia. O tratamento de suporte constituiu de fluidoterapia, flunixina meglumina e dexametasona o animal passava a maior parte do tempo em decúbito e apresentava cada vez mais escoriações e edema na cabeça proveniente das pancadas que recebia ao cair quando tentava se locomover. A partir do 3º dia o animal voltou a se alimentar e conseguia se permanecer mais tempo em estação utilizando um arvore como apoio, permaneceu se recuperando gradativamente e no 7º dia foi coletada nova amostra de sangue para sorologia pareada. As amostras de soro foram remetidas ao Instituto Biológico de São Paulo onde foi realizada a sorologia para Encefalomielite equina utilizando a técnica de Soroneutralização em cultura de células e apresentaram o seguinte resultado amostra de 22/05 REAGENTE: 1:80 e amostra 29/05 REAGENTE : 1:320 ambas vírus Leste, não foram reagentes para o vírus Oeste. Confirmando a suspeita clinica da encefalomielite equina Leste, já relatado em outros estados da região amazônica. Acredita-se que mais animais tenham sido acometidos pelo vírus da EEL no Estado, no entanto como muitas vezes o serviço veterinário oficial só é comunicado um longo tempo depois da morte dos animais, devido a maioria das criações de equídeos do Estado serem extensivas, o que dificulta o diagnostico conclusivo. Com a confirmação laboratorial do caso estudado e orientação dos proprietários sobre a vacinação diminuiu consideravelmente os casos de mortes de equinos que vinham acontecendo naquele período apresentando quadro neurológico. A vigilância deve ser constante e o apoio Laboratorial é de suma importância na conclusão do diagnostico já que inúmeras doenças podem provocar quadros neurológicos e o Estado de Roraima esta localizado em uma região de fronteira internacional onde ocorrem outras encefalites de potencial zoonótico mais devastadoras, que não ocorrem no Território Brasileiro.

Palavras-chave: Encefalomielite; equino; arbovirose

175. RELATO DE CASO: FRESAMENTO SOLEAR PARA TRATAMENTO DE FERIDA PERFUROCORTANTE DE SOLA EM EQUINOS

NATHALIA RODRIGUES CAVANHA*1; GABRIELA SLLVA CAMPOS1; VANESSA LUIZA MARINHEIRO SILVA1; VERIDIANA AZEVEDO NADRUZ1; LUIS RENATO OSELIERO1; LAURA PEREIRA PINSETA1

1.JOCKEY CLUB DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:nath_cavanha@hotmail.com

Resumo:

Um equino, macho, PSI de 9 anos, estabulado no Jockey Club de São Paulo (JCSP), foi encontrado na cocheira apresentando sudorese e claudicação grau 5/5 (escala Stashak) do membro posterior direito (MPD). O cavalariço relatou a presença de objeto perfurante na sola em região do ápice da ranilha do membro acometido. O animal foi encaminhado para o Hospital de equinos do JCSP, porém o objeto, uma agulha de 13 cm utilizada para costurar sacos de serragem, já havia sido removido pelo cavalariço. No exame clínico o animal apresentou frequência cardíaca 48 bpm, frequência respiratória 20 mpm, motilidade em todos os quadrantes, mucosas róseas, tempo de preenchimento capilar de 2 segundos e temperatura de 37,8C. O objetivo desse trabalho é relatar os métodos de diagnostico e tratamento escolhidos para este caso. Após a limpeza do casco e exame detalhado, não foi encontrado o local da perfuração e o teste de pinçamento foi negativo. Foram administradas 2 g de fenilbutazona intravenosa, aplicado iodopolividona tópico na sola e feita botinha com EVA (espuma vinílica acetinada) no MPD. No dia seguinte da internação, a ferradura foi retirada e durante o casqueamento observou-se o início de extravasamento de líquido sinovial na região apontada como área de penetração do objeto. Foram realizadas três projeções radiográficas (dorsoplantar, lateromedial e skyline), sendo que na segunda projeção foi utilizado um guia metálico para avaliar a profundidade, extensão e trajetória do objeto. O exame radiográfico demonstrou acometimento de estruturas importantes como a região de inserção do tendão flexor digital profundo (TFDP) e a bursa do navicular. Optou-se pela realização do "Fresamento solear" (Técnica do "Streetnail") com auxílio de um trépano para exposição da região afetada e realização da limpeza (solução de iodopovidona - 3 ml diluídos em 1 litro de ringer lactato) e drenagem do local. Foi aplicado antibiótico em pó (pentabiótico®) diretamente na ferida cirúrgica e feita bandagem para proteção do casco de umidade e sujidades. As medicações pós-cirúrgicas utilizadas foram gentamicina (7 dias, 6,6mg/kg, IV, SID), penicilina (7 dias, 20000 UI, IM, BID), tramadol (5 dias, 2 mg/kg, IM, SID), cetoprofeno (5 dias, 2,2 mg/kg, IV, SID), omeprazol (30 dias, 4mg/kg, VO, SID), dipirona (5 dias, 25mg/kg, IV, SID). No dia seguinte à penetração da agulha, foi realizada perfusão regional na veia digital plantar com 1250 mg amicacina, 5 ml de cloridrato de lidocaína 2% e 10 ml de solução salina 0,9% sendo este procedimento repetido a cada dois dias em um total de sete aplicações além do pedilúvio com permanganato de potássio por 20 minutos, curativo e bandagem com material absorvente e EVA. O grau de claudicação reduziu e a perfusão regional passou para uma vez por semana. Entretanto, após seis dias o animal apresentou piora e a perfusão regional não pode ser feita (vasos estavam muito danificados). Na artrocentese, o líquido sinovial apresentou-se turvo e de coloração sanguinolenta. Decidiu-se fazer a lavagem da articulação interfalangeana distal utilizando-se um litro de solução de ringer com lactato e aplicação de 500 mg de amicacina. No total foram quatro lavagens com intervalo de três dias e, após esse período o animal já apresentava melhoras significativas do líquido sinovial e da claudicação (2/5). Após o termino das lavagens, o animal permaneceu no hospital por 10 dias e em seguida foi casqueado e ferrado com uma ferradura talonada (1,5 cm). Animal teve alta 20 dias depois, sem apresentar claudicação evidente ao passo e foi indicado o uso da ferradura especial até futuras avaliações. Segundo Auer and Stick (2012), o prognóstico é reservado, e se diagnosticado e tratado precocemente, a chance de sucesso aumenta. Devido a rápida intervenção e tratamento imediato, o resultado obtido foi a melhora da claudicação e, consequentemente, um prognóstico melhor do que descrito em literatura.

Palavras-chave: Streetnail; bursa do navicular; perfurocortante

176. RELATO DE CASO: OBSTRUÇÃO URETRAL POR CÁLCULO EM EQUINO

MARILIA ALVES FERREIRA*1; PEDRO HENRIQUE SALLES BRITO1; JULIA DE ASSIS ARANTES1; ROBERTO DO PRADO FILHO ROMANO1; GUILHERME SILVA GODOI1; GABRIELA SANTO ANDRÉ1; THAMIRES SHIZUE PANASSOL1; CLARISSA HELENA SANTANA1; RENATA GEBARA SAMPAIO DÓRIA1

1.UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, PIRASSUNUNGA, SP, BRASIL.

e-mail:marilia.alves.ferreira@usp.br

Resumo:

Doença obstrutiva do trato urinário de cavalos é uma enfermidade rara e de baixa prevalência na espécie, mas potencialmente grave. É uma condição de emergência que apresenta sinais clínicos variáveis e dependentes da localização anatômica da obstrução. O local mais comum em que se alojam é o arco isquial em animais machos onde a uretra se estreita e muda de direção. O componente cristalóide principal dos urólitos de equinos é o carbonato de cálcio e possui superfície irregular e espiculada. Este relato tem como objetivo descrever um caso de urolitíase obstrutiva atendida na Unidade Didática Clínico Hospitalar da FZEA USP de um equino macho castrado, 8 anos SRD, com sinais clínicos de cólica, exposição de pênis e gotejamento de urina, ausência de hematúria, desconforto abdominal, postura frequente para urinar, tenesmo, disúria e inapetência desde a noite anterior ao atendimento. O animal era alimentado com silagem de milho e capim e ração farelada a base de milho. Durante o exame transretal foi possível notar grande distenção e turgidez da bexiga, além de elevada sensibilidade dolorosa à palpação dos rins. Optou-se por realizar a sondagem uretral, porém foi improdutiva pois a sonda não alcançou a bexiga. Optou-se pela realização do exame ultrassonográfico da região perineal, em que foi possível diagnosticar uma obstrução da uretra, sendo visualizado uma massa de 3 cm de comprimento gerando sombra acústica. Ainda foi possível observar a uretra dilatada e a sonda uretral em contato direto com a massa obstrutiva. Foi feita uma avaliação dos rins e foi possível observar dimininuição da ecogenicidade do córtex renal e perda da definição da silhueta da pelve renal compatível com edemaciamento do órgão e sugestível de hidronefrose. Na urinálise a amostra apresentava aspectos físicos como coloração amarelo ouro, aspecto discretamente turvo e odor sui generis e aspectos químicos como ph 8,0 e densidade 1,032. Na análise dos sedimentos observou-se elevada celularidade na amostra, contendo alta quantidade de células de descamação, moderada quantidade de células de transição e poucas células renais. Foi feita análise hematológica obtendo-se parâmetros normais. Optou-se por realizar a uretrotomia perineal com o animal em estação sob sedação e anestesia epidural. Foi possível acessar e remover o cálculo de superfície irregular e espiculada, desobstruindo a uretra. Utilizou-se sutura absorvível sintética com padrão de sutura simples separados para fechar a uretra mantendo a sonda uretral com guia para evitar a oclusão da uretra e com o mesmo fio aproximou-se o tecido subcutâneo com sutura simples contínua. Para a pele realizou-se também pontos simples separado com fio de nylon 1. Os níveis de ureia e creatinina foram mensurados no terceiro dia pós operatório apresentando valores dentro da normalidade para a espécie. O cavalo permaneceu com a sonda uretral durante 48 horas após o procedimento, foi mantido em fluidoterapia de manutenção durante 72 horas, antibioticoterapia com enrofloxacino (5mg/kg SID) durante 10 dias, flunixin meglumine (0,25 mg/kg TID) por 4 dias e dipirona sódica (25mg/kg QID), durante 8 dias. Após 10 dias do procedimento cirúrgico removeu-se os fios de sutura e foi realizado nova urinálise apresentando aspectos físicos da urina normais, aspectos químicos ph 9,0 e densidade 1,018 e presença de leucócitos. O animal recebeu alta 10 dias após o procedimento cirúrgico, apresentando níveis de ureia e creatinina normais e exame de urina dentro dos parâmetros normais. Foi prescrito ao proprietário suplementação com ácido ascórbico (1-2 g/Kg/dia) ou sulfato de amônia (175 mg/Kg/dia) afim de acidificar a urina, além de fornecimento de sal mineral e água de boa qualidade. Apesar da evolução satisfatória do caso o animal permanecerá sob acompanhamento pois a urolitíase obstrutiva pode ser um sinal de doença do trato urinário superior em muitos cavalos, podendo ocorrer recidivas na formação de cálculos e possivelmente novas obstruções.

Palavras-chave: Cálculo uretral; urolitíase; obstrução

177. REMOÇÃO DE CÁLCULO VESICAL EM ÉGUA, POR VIA URETRAL, COM AUXÍLIO DE ENDOBAG - RELATO DE CASO

LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA*1; MARILIA FERRARI MARSIGLIA1; RODRIGO TAVARES NIEMAN1; MARIA RAQUEL BELLOMO AGRELO RUIVO1; ALINE MOTA ENGBRUCH1; FELIPE SILVEIRA REGO MONTEIRO ANDRADE1; FLÁVIA DE PAIVA BONIZZI2; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN1

1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FMVZ-USP), SÃO PAULO, SP, BRASIL; 2.MÉDICA VETERINÁRIA AUTÔNOMA, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:rodrigo_nieman@hotmail.com

Resumo:

A urolitíase permanece como uma condição infrequente diagnosticada em equinos, onde 59,7% é de localização vesical, sendo mais comum em machos castrados e garanhões do que em éguas. Acredita-se que essa diferença seja pelo fato da uretra ser mais longa e estreita no macho. Os urólitos em equinos são primeiramente compostos por cristais de carbonato de cálcio, com uma menor proporção de fosfato de magnésio e amônio, oxalato de cálcio e sulfato de cálcio. O sinal clínico mais comum é a hematúria, exacerbada pelo exercício. Além dela inclui-se tenesmo, incontinência urinária, disúria, estrangúria e polaciúria. O diagnóstico é baseado nos sinais clínicos; palpação transretal e transuretral (nas fêmeas); ultrassonografia e cistoscopia. Alguns métodos têm sido descritos para a remoção dos cálculos vesicais, incluindo laparocistotomia, cistotomia laparoscópica, remoção transuretral, com ou sem litotripsia, e cistotomia pararretal. Dentre as complicações encontradas, as mais observadas são perfuração da vesícula urinária ou uretra, peritonite, uretrite, cistite e estenose uretral. Uma égua, da raça Mangalarga Marchador, de 470kg e 14 anos de idade, foi atendida no Hospital Veterinário da FMVZ-USP, São Paulo, com histórico de urina acastanhada e polaciúria. Anteriormente ao encaminhamento, foi realizada urinálise e urocultura, constatando-se aumento significativo de neutrófilos, ph básico e presença de cristais de oxalato de cálcio, sugestivo de cistite por urolitíase. Na urocultura houve crescimento de Candida albicans. Também se realizou exame ultrassonográfico, identificando formação hiperecogênica de característica regular no interior da bexiga, diagnosticando cálculo vesical. Foi instituído inicialmente, pelo clínico responsável, tratamento com fluconazol, flunixim meglumine e omeprazole. No Hospital Veterinário, após confirmação do diagnóstico de cistite associada a urolitíase vesical, optou-se pela remoção transuretral, realizada com o animal em posição quadrupedal, sob tranquilização com fentanil (2µg/kg) e anestesia epidural com morfina (0,1mg/kg) e lidocaína 2% (1ml/100kg). Com o auxílio de sonda uretral, injetou-se 60ml de solução de nitrofurazona para distensão da bexiga, facilitando a palpação e manipulação digital do cálculo por via uretral. Para retirada do mesmo utilizou-se dispositivo do tipo endobag (Endo Pouch®), com a extremidade de bolsa plástica englobando o material a ser retirado. Contudo, a dimensão do cálculo era maior que o esfíncter uretral, sendo necessária a realização de esfincterectomia e posterior síntese do local com poliglactina 910 nº 1, em padrão simples contínuo. A estrutura apresentava coloração amarronzada, consistência pétrea, textura áspera e tamanho de 8,7x7x5,2cm. Para o período pós-operatório utilizou-se Sulfadiazina (VO, BID, por 16 dias), Fenazopiridina (4mg/kg, VO, BID, por 3 dias) e omeprazole (VO, SID, por 15 dias). O animal recebeu alta hospitalar 15 dias após o procedimento, com frequência normal de micção e urina de coloração característica. Apesar da alta especificidade e custo do material, a utilização do Endo Pouch® permitiu a remoção do cálculo por via uretral com mínimo trauma cirúrgico, se comparado com procedimentos invasivos convencionais, sem necessidade de anestesia geral, diminuindo a morbidade e convalescência, sendo uma ferramenta a se considerar no tratamento de urolitíase vesical.

Palavras-chave: Equino; urolitíase; oxalato de cálcio

178. REPARAÇÃO DO TECIDO OSTEOCONDRAL DA CRISTA SAGITAL DO OSSO METACARPIANO PRINCIPAL EM UM EQUINO - RELATO DE CASO

LUIS CLÁUDIO LOPES CORREIA DA SILVA*1; RODRIGO TAVARES NIEMAN1; FERNANDA MANZANO DE CAMPOS2; CYNTHIA DO PRADO VENDRUSCULO3; ROSE ELI GRASSI RICI3; AURA CHAVES ROSAURO4; CAROLINA BRANDÃO SERRANO3; RAQUEL YVONNE ARANTES BACCARIN3

1.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FMVZ-USP), SÃO PAULO, SP, BRASIL; 2.EQUINE CENTER, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 3.ACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FMVZ-USP), SÃO PAULO, SP, BRASIL; 4.MÉDICA VETERINÁRIA AUTÔNOMA, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:rodrigo_nieman@hotmail.com

Resumo:

Doenças osteocondrais e osteoartrite são caracterizadas pela degradação focal ou difusa da cartilagem articular e,

consequentemente, prejuízo da função articular. As estratégias atuais de tratamento, conservativas e cirúrgicas, não resultam em restauração total da cartilagem hialina e, portanto, trazem um prognóstico reservado. A profundidade da lesão, o tamanho, localização em relação à carga de apoio e idade do animal influenciam a taxa de reparo e a resiliência da nova superfície de tecido fibrocartilagíneo. O diagnóstico das afecções articulares se baseia comumente no exame físico e radiográfico, tendo como achados comuns aqueles relacionados às alterações do tecido ósseo, particularmente o osso subcondral e o colapso articular. A extensão da degradação articular é melhor avaliada por artroscopia, porém, exames diagnósticos avançados, como a ressonância magnética, podem ser utilizados, além da avaliação histológica do tecido. Uma potra Mangalarga, de 1 ano e 8 meses de idade, foi submetida a artroscopia metacarpofalangeana esquerda para tratamento de cisto subcondral em região dorsodistal da crista sagital. Após 10 meses, o animal não apresentava claudicação ou outra alteração perceptível ao exame físico da articulação operada, mas teve óbito em decorrência de quadro de abdômen agudo. Através das devidas técnicas de necropsia, o membro torácico esquerdo foi removido do esqueleto do animal e seccionado proximalmente à articulação radiocárpica e o tecido osteocondral cicatrizado da crista sagital do terceiro metacarpiano foi então analisado por radiografia, ultrassonografia, ressonância magnética e artroscopia, além da avaliação macroscópica e histológica da lesão tratada. As imagens radiográficas evidenciaram bom preenchimento da lesão cística anteriormente curetada. O exame ultrassonográfico mostrou principalmente achatamento da crista sagital associada a irregularidade do osso subcondral adjacente. A ressonância magnética identificou presença de área erosiva côncava uniforme no local da lesão. Durante o procedimento artroscópico pôde-se evidenciar formação de fibrocartilagem revestindo a superfície articular da crista sagital do metacarpiano principal e a avaliação macroscópica global do reparo obteve escore 9 (grau 2 ou quase normal) segundo o ICRS (International Cartilagem Repair Society). A histologia confirmou presença de matriz colágena com característica de fibrocartilagem, além da presença de condrócitos. Os resultados indicam que a associação dos métodos de diagnóstico por imagem é fundamental não apenas no diagnóstico de lesões osteocondrais, mas também no acompanhamento pós-operatório do processo cicatricial. A análise histológica comprovou que o tecido de reparação neoformado foi composto de fibrocartilagem de boa qualidade. A avaliação geral do reparo da lesão cística curetada, neste caso, demonstrou a eficiência do tratamento no período de 10 meses e a relação positiva entre exame de imagem e análise macroscópica e histológica da cicatrização osteocondral.

Palavras-chave: Articulação metacarpofalangeana; tecido osteocondral; diagnóstico por imagem

179. RESSECÇÃO LATERAL DO CANAL AUDITIVO EM TRÊS EQUINOS

KAMILA PINHEIRO PAIM*1; RAÍSSA OLIVEIRA LEITE1; ERIKY AKIO TONGU1; BRUNA SOUZA TEIXEIRA1; LAYANE QUEIROZ MAGALHÃES1; TATIANE FARIA PRADO1; JOÃO PAULO ELSEN SAUT1; DIEGO JOSE ZANZARINI DELFIOL1; GEISON MOREL NOGUEIRA1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLANDIA, MG, BRASIL.

e-mail:geison.nogueira@ufu.br

Resumo:

A otite externa é uma enfermidade inflamatória e/ou infecciosa do canal auditivo e pavilhão auricular externo. As principais causas são aumento de umidade e presença de ectoparasitas associadas a infecções bacterianas secundárias. Casos crônicos e recorrentes de otite externa podem levar a estenose do canal auditivo, otite média e a quadros de síndrome vestibular. São sinais clínicos frequentes a presença de secreção purulenta e sensibilidade dolorosa na região do conduto auditivo. O diagnóstico se baseia no histórico, sinais clínicos e exames complementares, como a cultura e isolamento do agente, exame radiográfico e a endoscopia de bolsa gutural. Como tratamento clínico deve-se instituir a antibioticoterapia e limpeza do conduto auditivo. Contudo, em casos onde há estenose do canal, deve-se associar a terapia cirúrgica, para que seja possível a drenagem do conteúdo purulento e acesso ao mesmo. Relata-se três casos de otite externa, em equinos, submetidos a técnica operatória de ressecção lateral do canal auditivo. Foram atendidos três animais machos, sem raça definida; o primeiro com 20 anos de idade, apresentando sensibilidade dolorosa, estenose completa na abertura do conduto auditivo esquerdo e presença de secreção purulenta no direito; o segundo com 4 anos de idade, presença de secreção purulenta fétida e redução da abertura do canal auditivo esquerdo; o terceiro com 16 anos, sensibilidade dolorosa, estenose

completa do conduto auditivo esquerdo e presença de fístula próxima ao mesmo. Foi instituída antibioticoterapia com ceftiofur sódico nos três animais, na dose de 4,4 mg/Kg, via intravenosa, uma vez ao dia, durante 10 dias, além de terapia anti-inflamatória com meloxican, 2,2 mg/kg, via intravenosa, duas vezes ao dia, durante 5 dias e omeprazol, 4,0 mg/Kg, via oral, uma vez ao dia, pelo mesmo período. Limpeza do conduto auditivo com solução a base de propilenoglicol e clorexidine 0,5 %. Os equinos foram submetidos a protocolo de anestesia geral inalatória para realização da técnica de ressecção lateral do canal auditivo. Após tricotomia e antissepsia da região do conduto, foi procedida uma incisão de pele, em forma de "U", sobre a porção vertical do canal, tendo início e término na fenda intertragal e estendendo-se até 1,0 cm ventralmente à base cartilaginosa palpável do conduto. Divulsionados a pele e subcutâneo, visualizou-se a parede lateral do canal auditivo, sendo possível a realização de duas incisões paralelas, desde a fenda intertragal até a base do conduto. Excisado o retalho cartilaginoso da parede lateral, procedeu-se a sutura do epitélio do canal auditivo à pele com fio de náilon 0, utilizando padrão de sutura contínua. Os condutos foram submetidos a lavagem com solução fisiológica no transoperatório. Houve a recuperação completa dos casos, em média, duas semanas após o procedimento. A técnica de ressecção lateral do conduto auditivo, nestes animais, foi importante para o tratamento da otite externa, permitindo o acesso ao canal para limpeza e drenagem do conteúdo, auxiliando na recuperação dos animais.

Palavras-chave: Otite; estenose; ectoparasitas

180. RESSONÂNCIA MAGNÉTICA NO DIAGNÓSTICO PRECOCE DE PRÉ-FRATURA EM UM EQUINO DA RAÇA PURO SANGUE INGLÊS

MATHEUS DIAS CUNHA*1; JULIO CESAR PAGANELA1; BRUNA PATRICIA SIQUEIRA RAIMUNDO1

1.HORSE CENTER, PETRÓPOLIS, RJ, BRASIL.

e-mail:matheusdmcunha@hotmail.com

Resumo:

A ressonância magnética atualmente se mostra como o método mais eficaz na identificação de diversas lesões atribuídas ao sistema locomotor dos equinos, sendo considerado diagnóstico "Gold Standard" para alterações de casco e boleto. As fraturas por stress são lesões que podem comprometer toda a vida esportiva de cavalos atletas. Lesões na porção distal do osso metacarpiano/metatarsiano, nos côndilos, são comumente vistas em animais jovens que iniciam sua carreira esportiva e os treinamentos precocemente. A ressonância magnética é o único método diagnóstico que possibilita a identificação precoce das fraturas condilares, onde é possível visualizar áreas de pré fratura, e assim prevenir lesões mais severas e/ou a fratura completa. O objetivo deste trabalho é relatar a identificação de uma área de pré-fratura, através da ressonância magnética, em um animal que se apresentava claudicante, sem qualquer alteração no exame radiográfico atendido na clínica veterinária Horse Center. Um animal da raça Puro Sangue inglês com aproximadamente 3 anos de idade, apresenta uma claudicação grau 2, responsivo ao bloqueio dos seis pontos baixos, sem efusão ou dor a flexão do boleto do membro posterior esquerdo. Radiografias das regiões do casco, quartela e boleto do membro claudicante foram realizadas, nas projeções lateromedial, dorsopalmar e oblíquas, porém, nenhuma alteração significativa foi constatada. Na avaliação ultrassonográfica do boleto também não havia nenhuma alteração. Encaminhado assim para a ressonância magnética, onde a região do boleto foi analisada. O animal apresentava áreas de esclerose no côndilo lateral do metatarso em todas as sequências utilizadas, como T1 GRE, T2* e T2FSE. A área de esclerose, é identificada por áreas de hipointensidade na região condilar, associada a ela observou se a presença de líquido inflamatório no osso subcondral, sugestivo de um edema ósseo, caracterizado por uma área de hipersintensidade na sequência STIR. O quadro caracteriza um processo sub-agudo de doença osteocondral palmar, com área de edema ósseo, caracterizando um local de pré-fratura. O repouso e paralização dos treinamentos foram indicados por aproximadamente 90 dias, como tentativa de reduzir o impacto na região e dessa forma impedir a progressão do processo. Após o período de repouso absoluto, o animal passou por nova avaliação através do exame de ressonância magnética, onde houve redução da área de esclerose e não apresentou mais área de edema ósseo, característico da pré fratura diagnosticada, com isso houve cicatrização da lesão, o animal foi liberado para retornar as atividades. Com esse estudo foi possível notar que a ressonância magnética se mostra como método mais preciso e eficiente na identificação de áreas de pré fraturas,

podendo desta forma ser utilizada de forma preventiva, facilitando o tratamento precoce dessas lesões e de forma conservadora, diminuindo os riscos e o comprometimento da carreira atlética dos animais acometidos.

Palavras-chave: Ressoância magnética; pré-fraturas; doença osteocondral palmar

181. RESTAURAÇÃO DE DENTE MOLAR 209 COMO TRATAMENTO DE CÁRIE INFUNDIBULAR EM EQUINO - RELATO DE CASO

TIAGO SILVINO JACQUES*1; LIZZIE DE OLIVEIRA DIETRICH2; SUZIANE MARIA MARQUES RAUPP3

1.UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL, CANOAS, RS, BRASIL; 2.EQUIDENT - ODONTOLOGIA EQUINA AVANÇADA, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL, SANTA CRUZ DO SUL, RS, BRASIL.

e-mail:lizzie.dietrich@gmail.com

Resumo:

Cáries dentárias são frequentes em cavalos velhos e animais em regime de arraçoamento intensivo. Pode também ocorrer pela decomposição de alimentos ou por ação de enzimas bacterianas. A cárie é causada pela ação de um ácido (que provem da decomposição da comida pela ação das bactérias que habitam a boca), e provoca a erosão do esmalte e sua posterior corrosão. A principal bactéria responsável pela cárie em humanos é o Streptococcus mutans (bactéria com capacidade acidogênica e acidúrica). Os equinos afetados pela cárie apresentam dificuldade de apreensão e mastigação, além de halitose característica. O tipo mais comum de cárie dental nesta espécie é a que afeta o infundíbulo do dente maxilar, que pode ser observada com maior prevalência em animais com mais de 12 anos de idade. Estes dentes molares maxilares são mais predispostos aos processos cariogênicos devido à presença da hipoplasia de cemento infundibular, ou seja, deposição deficiente de cemento no interior do infundíbulo. O presente trabalho relata o atendimento de rotina em um equino da raça Brasileiro de Hipismo, fêmea, 15 anos de idade, sem histórico e sinais clínicos relacionados. Durante o tratamento dental de rotina, a inspeção intra-oral, sob sedação e com uso de espelho e sonda exploratória, observou-se acúmulo de alimento no dente Triadan 209, na região infundibular e perda da estrutura anatômica dos infundíbulos rostral e caudal. Radiografia não revelou alteração do dente afetado, tampouco no seu ápice. Somado ao quadro clínico assintomático, e a presença de alimento impactado no infundíbulo, chegou-se ao diagnóstico de cáries infundibulares (rostral e caudal) de grau 3 (segundo Dacre), possivelmente em consequência de hipoplasia de cemento infundibular. O tratamento foi à restauração infundibular do dente 209, a fim de manter as características anatômicas e funcionais do elemento dentário, e evitar a proliferação da cárie e consequentemente uma fratura ou infecção apical. O procedimento de restauração foi realizado com o equino em estação, sob sedação em bolus com detomidina 0,02 mg/kg e dose de suplementação 0,01 mg/kg associado ao butorfanol 0,01 mg/kg. O tratamento primordial para esta doença incluiu o nivelamento das arcadas e retirada da oclusão do dente afetado e enfraquecido. No procedimento de restauração foi efetuada a limpeza dos infundíbulos cariados do dente 209, com lavagem com solução de clorexidina 0,2%, intercalada com curetagem, usando cureta de dentina adaptadas de diferentes angulações, com a intenção de remover a matéria orgânica. Após esta limpeza inicial, usou-se broca de carbide esférica e motor de baixa rotação para a raspagem das paredes infundibulares e remoção de tecido cariado. A etapa seguinte consistiu na aplicação de cariostático (removedor químico de cárie a base de ácido fluorídrico), aguardando-se 1 minuto para prosseguir com o enxágue e secagem, seguido do uso de hidróxido de cálcio fotopolimerizável. Continuou-se a restauração com aplicação de ionômero de vidro também fotopolimerizável. Logo após foi aplicado ataque ácido por 30 segundos e enxague. Por fim, foi feita a aplicação de um adesivo odontológico para aderência da resina. A última etapa consistiu no uso da resina dual core, seguida de fotopolimerizador para promover a cura inicial. Como pós-operatório foi utilizado flunixin meglumine 2,2mg/kg SID, IV, por três dias. O paciente é avaliado trimestralmente por meio de exame visual, com a intenção de observar se a restauração permanece íntegra. Passados 12 meses, a restauração permanece no local e o dente não apresenta fratura ou sinais de comprometimento pulpar. Este tratamento demonstrou-se até então efetivo para a afecção dentária encontrada, pois a restauração preservou o elemento dental e, até o momento, preveniu fratura e comprometimento apical. Este tipo de tratamento também apresenta um benefício em relação ao custo, pois se torna mais acessível que a extração dental.

Palavras-chave: Cárie; infundíbulo; restauração

182. RUPTURA GÁSTRICA EM ÉGUA QUARTO DE MILHA APÓS INGESTÃO DE CONCENTRADO ENERGÉTICO: RELATO DE CASO

RAFAELLA SILVA DA CONCEIÇÃO*1; GUSTAVO PEIXOTO BRAGA2; IGOR LOUZADA MOREIRA2; CRISTIANO SILVA BOUÉRES2; MARINA FROTA DE ALBUQUERQUE LANDI2; EDUARDO DE PAULA NASCENTE1; SABRINA LUCAS RIBEIRO DE FREITAS1; HUGO JAYME MATHIAS COELHO PERON1

1.INSTITUTO FEDERAL GOIANO CAMPUS URUTAÍ, URUTAÍ, GO, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASILIA, DF, BRASIL.

e-mail:rafasc_159@hotmail.com

Resumo:

Equinos apresentam estômago pequeno quando comparado ao tamanho de seu intestino, suportando menor quantidade de alimento ofertado em uma única refeição. Como esses animais não apresentam pré-estômagos anatomicamente separados, como os ruminantes, uma baixa digestão fermentativa pode ocorrer no estômago, em sua porção aglandular. Neste processo, há formação de ácidos graxos voláteis, e a presença de grande quantidade de alimento aumenta o tônus vagal e, consequentemente, a contração peristáltica que, no caso dos equinos, pode resultar em ruptura gástrica. O objetivo deste trabalho foi relatar o caso de uma égua que apresentou ruptura gástrica causada pela ingestão excessiva de concentrado energético. Uma égua, da raça Quarto-de-Milha, 8 anos de idade, 450 kg, em período de lactação, deu entrada no Hospital Veterinário de Grandes Animais da Universidade de Brasília (HVET-UnB) apresentando quadro clínico de cólica. O proprietário relatou que teria notado os primeiros sinais clínicos 12 horas antes da chegada ao Hospital. Ela foi medicada por ele com um total de 40 ml de flunixim meglumine via IV, 200 ml de sorbitol via IV e três litros de solução fisiológica via IV. Relatou que a estava alimentando com um quilo e meio de concentrado para bovinos leiteiros a 24% de proteína, um quilo e meio de concentrado para equinos com 13% de proteína, sal mineral para equinos e forrageira Brachiaria decumbens à vontade, há um mês e meio. Ao exame clínico, notaram-se mucosas conjuntivas hipocoradas, mucosa oral cianótica, tempo de preenchimento capilar maior que três segundos, grau de desidratação de 8%, frequência cardíaca de 40 bpm, frequência respiratória de 20 mrpm, hipomotilidade nos quatro quadrantes de auscultação intestinal e temperatura retal de 36,6 °C. Observou-se quadro de leucocitose ao hemograma. Realizou-se sondagem nasogástrica, porém não foi verificado presença de conteúdo estomacal. Assim, administrou-se cerca de 2 litros de água pela sonda, não havendo retorno significativo do líquido injetado. O tratamento de suporte foi instituído com fluidoterapia via IV (solução Ringer com lactato), sorbitol (100 ml, via IV), solução vitaminada em infusão contínua, dose anti-endotoxêmica (0,25 mg/kg, via IV) de flunixin meglumine e subdosagem de cloridrato de xilazina 2%. O animal ameaçava se deitar dentro do brete de contenção, não sendo possível fazer o procedimento de paracentese. Foi imediatamente levada para caminhar para evitar o decúbito, vindo a óbito 15 minutos depois e encaminhada para a realização de necrópsia. Verificou-se ruptura focalmente extensa de camada serosa em fundo gástrico associada a edema difuso, hemorragia multifocal, peritonite aguda difusa e múltiplas rupturas no omento. Com isto, pelo quadro de leucocitose observado no hemograma, pelos achados de necrópsia e pelo não retorno de conteúdo à sondagem nasogástrica, a paciente provavelmente já apresentava ruptura gástrica ao adentrar as dependências do Hospital Veterinário. A alta quantidade de concentrado fornecido ao animal provocou uma elevada taxa de fermentação, ultrapassando a capacidade normal do estômago. Diferentemente dos ruminantes, que eructam constantemente e apresentam maior compartimento gástrico, os equinos não conseguem realizar tal eliminação de forma eficiente. A distensão máxima aumenta o peristaltismo do órgão, e acarreta a ruptura, como observado na necrópsia. Ruptura gástrica em equinos decorrente de dilatação gástrica cuja causa primária seja a alta fermentação de rações destinadas a bovinos são esporádicos. Os proprietários devem se atentar para não oferecer rações formuladas para outras espécies, à qualidade e quantidade dos componentes nutricionais da ração fornecida, evitando assim quadros de síndrome cólica e consequente óbito. A causa mortis neste relato foi ruptura gástrica por excesso de fermentação secundária à alta quantidade de concentrado energético destinado à nutrição de bovinos.

Palavras-chave: Abdome agudo; equinos; nutrição

183. RUPTURA TRAUMÁTICA DA VEIA JUGULAR ASSOCIADA À TROMBOFLEBITE: TRATAMENTO CIRÚRGICO À CAMPO

MARIANA COCCO*1; FLÁVIA DO PRADO AUGUSTO AMARO1; BRUNA LAMPE ZIELINSKI1; LUIZA COSTA BARCELLOS1; LUIS FAGNER DA SILVA MACHADO1; IURY RIBEIRO DE PAULA2; GUILHERME VILVERT JÚNIOR3; RUDNEI JOÃO DE SOUZA3; PETERSON TRICHES DORNBUSCH1

1.UFPR, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.HOSPITAL LUIS LEIGUE, GUARAMIRIM, SC, BRASIL; 3.AUTÔNOMO, GASPAR, SC, BRASIL.

e-mail:mariana.cocco@hotmail.com

Resumo:

A tromboflebite de jugular é uma obstrução parcial ou completa do fluxo venoso, decorrente à formação de trombos, associada de inflamação da parede do vaso. Os principais fatores que influenciam no aparecimento do quadro são: estase venosa, alterações na parede do vaso e alterações no sistema de coagulação. A enfermidade está associada a injeções com substância irritantes, punção venosa e cateterização, trauma mecânico ao endotélio, perdas plasmáticas severas, infecção local por falta de assepsia e aos quadros endotoxêmicos. O tratamento preconizado para os casos de tromboflebite jugular em casos de infecção associada restringe-se à ligadura e remoção do vaso ou utilização de heparina. Casos de necrose tecidual extensa devido à tromboflebite, muitas vezes estão associados a óbitos. O objetivo deste relato foi avaliar a eficácia do procedimento cirúrgico com a ligadura da veia jugular e da veia maxilar. Um equino, SRD, macho não castrado, três anos de idade, foi examinado em atendimento externo devido a uma flebite de jugular esquerda, resultante de injeções perivasculares com fenilbutazona e descaso na condução do tratamento. Os sinais clínicos observados foram dor e edema local, com leve edema da região parotídea. O agravamento do caso levou a necrose tecidual e ruptura da veia jugular no seu terço médio. A hemorragia foi intensa, sendo o sangramento controlado por compressão e sutura em massa de todo o tecido adjacente. Devido à necrose da veia jugular e tecido circundante, após 10 dias ocorreu um novo episódio de hemorragia. Nesse momento optou-se pela a ligadura e retirada da veia jugular no seu terço superior, desde a veia maxilar, associada à curetagem e limpeza da região perivascular necrótica e colocação de dreno. Todo o procedimento foi realizado com o paciente em estação e sob anestesia local, devido a restrições financeiras. Durante o período de 20 dias o animal foi submetido à antibioticoterapia a base de benzipenicilina procaína (40.000UI/kg, IM, SID), diidroestreptomicina (16mg/kg, IM, SID) e piroxicam (1,2 mg/kg, IM, SID). O curativo tópico foi realizado com água corrente duas vezes ao dia, seguido de liquido de dakin, rifamicina spray e açúcar cristal. Seguido de massagem ao redor da ferida com pomada DM-Gel®. Após quatro semanas o paciente voltou aos trabalhos físicos normalmente. A oclusão da veia jugular devido à tromboflebite em equinos é relativamente comum. A necrose tecidual local deu-se em decorrência da grande concentração de substância irritante injetada associada à contaminação bacteriana pela manipulação venosa feita sem as devidas técnicas de assepsia. A falta de infra-estrutura como o exame ultra-sonográfico da veia jugular, exames laboratoriais, materiais cirúrgicos e ambiente específico dificultam os procedimentos, decisões e até as condições de vida do paciente. A tromboflebite de jugular deve ser considerada uma emergência na clinica de equinos e o atraso no seu atendimento pode levar a complicações graves e risco de vida ao paciente, apesar deste caso evoluir favoravelmente com tratamento a campo, os autores recomendam a internação e cuidados intensivos nesses pacientes.

Palavras-chave: Tromboflebite; jugular; ligadura

184. SEMINOMA DIFUSO EM EQUINO – RELATO DE CASO

FELIPE ERISON MEDRADO ROCHA DE SOUSA*1; LUCAS TRONCARELLI RODRIGUES1; LUCAS EMANUEL FERREIRA CANUTO1; ANTONIO FERNANDO LEIS FILHO1; PATRÍCIA DE FARIA LAINETTI1; ROBERTO RODRIGUES DA ROSA FILHO2; PATRICIA M PAPA1; FREDERICO O PAPA1

1.FMVZ/UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:felipeerison@hotmail.com

Resumo:

Neoplasias testiculares em equinos são raramente relatadas, provavelmente porque a maioria dos machos são orquiectomizados muito jovens e os testículos removidos não são examinados para a presença das alterações. As neoplasias testiculares mais frequentes em equinos são o seminoma, teratoma, teratocarcinoma e carcinoma embrionário. O seminoma é comum em garanhões idosos e, ao contrário do homem e do cão, não tem nenhuma correlação com criptorquidismo, podendo ser uni ou bilateral. Histologicamente são subdivididos nas formas intratubular ou difuso. Este estudo relata o caso de um equino, macho, da raça Mangalarga Marchador, de 19 anos, pesando 412 kg, atendido no setor de grandes animais do Departamento de Reprodução Animal e Radiologia Veterinária, da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP, Campus de Botucatu, SP, apresentando histórico de aumento progressivo e contínuo do volume testicular direito há quatro meses, e com infertilidade nos últimos 12 meses. No exame clínico, o testículo direito apresentou-se com volume aumentado, consistência firme, forma ovoide, posição horizontal, sem alterações da mobilidade na bolsa testicular, indolor à palpação e sem aumento de temperatura. No exame ultrassonográfico do parênquima testicular, foram identificadas áreas heterogêneas hiper e hipoecóicas circunscritas, caracterizando alterações no epitélio seminífero. Optou-se pela orquiectomia unilateral direita como tratamento e o testículo foi enviado em solução de formol a 10% para a análise histopatológica. Macroscopicamente, verificou-se superfície irregular de coloração acastanhada com mesclas esbranquiçadas, parênquima heterogêneo de consistência flácida e presença de áreas exibindo múltiplas formações gelatinosas. Ao exame histopatológico, foram observadas células redondas e poligonais no parênquima, entremeadas ao estroma fibrovascular. As células neoplásicas apresentaram citoplasma distinto, eosinofílico, moderado, núcleo paracentral, cromatina densa ou frouxa e nucléolo indistinto. Notou-se moderada anisocitose e anisocariose, pleomorfismo discreto, intensa quantidade de células binucleadas e multinucleadas, com mitose atípica, sendo compatível com seminoma. Por ter como consequência infertilidade, seu diagnostico é fundamental para a vida reprodutiva futura do garanhão, visto que, o testículo contralateral ao afetado continua produzindo espermatozoides e gerando descendentes. O aumento indolor do testículo que se desenvolve insidiosamente em garanhões mais velhos (≥ 10 anos) é mais provável de ser causado por neoplasia do que por inflamação ou isquemia, no entanto, deve ser inspecionado e descartado outras causas de aumento da bolsa testícular, como torção do cordão espermático, orquite, epididimite, hidrocele, hematocele e herniação ou ruptura inguinal. O diagnóstico foi confirmado com base nos achados clínicos, ultrassonografia e histopatologia, concluindo tratar-se de um seminoma difuso unilateral em equino.

Palavras-chave: Neoplasia; testículo; equino

185. SHEAR MOUTH ASSOCIADA À TRAUMA FACIAL - RELATO DE CASO

IZAURA DE VARGAS SCHERER*1; LIZZIE DE OLIVEIRA DIETRICH2; JARBAS CASTRO JUNIOR3

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA, RS, BRASIL; 2.EQUIDENT - ODONTOLOGIA EQUINA AVANÇADA, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL; 3.CLÍNICA HÍPICA, PORTO ALEGRE, RS, BRASIL.

e-mail:lizzie.dietrich@gmail.com

Resumo:

Biomecanicamente, uma boca em cisalha (shear mouth) é resultado de uma redução ou de uma completa ausência de mastigação de um lado, o que permite que as margens bucais dos dentes molares do maxilar e a margem lingual dos dentes molares mandibulares não sofram atrito normal. Muitas etiologias são propostas para esta doença rara. Uma hipótese é que uma infecção apical de molares que pode levar a uma restrição no movimento mandibular normal por dor (DIXON et al., 2000; DIXON, 2003; DIXON & DACRE, 2005; EASLEY et al., 2011). O objetivo deste trabalho é relatar o caso de um equino com fístula na região mandibular ventral do masseter esquerdo após trauma de face, associada a uma má oclusão do tipo mordida em cisalha (shear mouth). Um equino, macho, castrado, SRD, 15 anos foi levado à clínica Equident para tratar uma fístula mandibular localizada na porção ventral do masseter

esquerdo, com descarga fétida e purulenta há 3 anos. No exame da cavidade oral, sob sedação 0,2 mg/kg de detomidina IV, foi observada uma anormalidade dental severa: mordida em cisalha (shear mouth) e severa DGL 4 nos incisivos. Os quadrantes 200 e 300 apresentavam angulação excessiva, aproximadamente 60^0, e bloqueio da excursão lateral; enquanto que os quadrantes 100 e 400 mantiveram a angulação normal, aproximadamente 20. Na inspeção intraoral, os dentes Triadan 310 e 311 estavam fraturados e um fragmento dentário do 310 apresentava-se longitudinalmente no bordo gengival do quadrante 300. No exame radiográfico, havia radioluscência apical nos dentes Triadan 310 e 311, sugerindo fratura dos mesmos e reabsorção apical; além de presença de um sequestro no bordo ventral da mandíbula próximo à fístula. No exame bacteriológico, obteve-se Streptococcus spp, sensível à doxiciclina. No primeiro estágio de tratamento, foram feitos ajuste oclusal e exodontia dos dentes Triadan 310, 311 e seus fragmentos, com o equino em estação e sedado (0,2mg/kg detomidina IV, 0,1 mg/kg butorfanol IV, e suplementação com metade da dosagem) e com bloqueio regional do nervo mandibular com 10 ml de lidocaína 2%. No pós-operatório: foi aplicado silicone de moldagem para fechamento do alvéolo; doxiciclina oral 10mg/kg a cada 12 horas, por 21 dias; e flunixin meglumine 1,1mg/kg IV a cada 24 horas por 3 dias. A limpeza do alvéolo era feita diariamente com solução iodada 2%. Após 7 dias, foi realizada a segunda etapa do tratamento que consistiu na curetagem da fístula mandibular, remoção do sequestro e debridamento da ferida, com o equino sedado e em estação, conforme protocolo anterior. Flunixin meglumine 1,1mg/kg IV a cada 24 horas foi aplicado por 5 dias, além da continuação da antibioticoterapia. A ferida externa foi limpa diariamente e aplicada gaze com açúcar e iodo 5%. A ozonioterapia foi empregada com suporte na forma de gás para estimular cicatrização e reduzir crescimento bacteriano. Com 28º dia de internação, foi feita a terceira etapa do tratamento que compreendeu a exodontia do Triadan 309, em função da permanência da fístula, seguindo protocolo com animal em estação. O cuidado pós-operatório foi o mesmo da etapa inicial. O paciente recebeu alta 50 dias após internação, uma vez que se observou cicatrização intraoral e extraoral completas. Recomendou-se a realização de odontoplastia a cada quatro meses. Traumas de face podem gerar danos ósseas, dentais e/ou neurológicos que quando não tratados produzem transtornos mastigatórios que progressivamente geram desalinhamentos oclusais, em consequência da dor localizada ou mesmo por perda da propriocepção regional. O tratamento proposto em etapas demonstrou-se adequado para o caso, visto que existia uma cronicidade no afecção e formação de sequestro. O tratamento em estação sob sedação, associado ao bloqueio regional, foi efetivo, seguro e com baixo custo, podendo ser considerada a primeira opção para quadros similares. A odontoplastia reparatória esporádica se faz essencial para o futuro deste quadro.

Palavras-chave: Fístula mandibular; shear mouth; boca em cisalha

186. SUCESSO NO TRATAMENTO DA PITIOSE EQUINA COM TRIANCINOLONA E IODETO DE POTÁSSIO: RELATO DE 5 CASOS

PAULA ALESSANDRA DI FILIPPO*1; VERONICA VIEIRA1; GABRIEL CARVALHO SANTOS1; GABRIELA BRAVIM LEMOS1; ITALO S. COUTINHO1

1.UENF, CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ, BRASIL.

e-mail:paula_difilippo@yahoo.com.br

Resumo:

A pitiose é uma doença causada pelo fungo Pythium insidiosum que acomete bovinos, ovinos, caprinos e também equinos, originando lesões que normalmente se restringem à pele e tecidos subcutâneos. A maior prevalência da doença coincide com períodos de chuvas intensas e temperaturas altas, evidenciando a relação do agente etiológico com os meses da primavera e verão. O pitium é um microorganismo aquático, que se caracteriza pela formação de zoósporos, biflagelados, procedentes de esporângios filamentosos, que são a forma de propagação do agente. Em geral, os zoósporos se instalam no tecido subcutâneo gerando lesões ulceradas, com superfície irregular e secreção viscosa serosanguinolenta. A ferida contém numerosos focos necróticos com aspecto arenoso e coloração que varia entre amarelo e o cinza, denominados kunkers. A pitiose acomete animais de diferentes faixas etárias e as lesões localizam-se principalmente na porção distal dos membros, região ventral do abdômen e tórax, em virtude do contato frequente dessas regiões com a água contaminada. No ano de 2016, cinco cavalos encaminhados ao Hospital

Veterinário da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro –HVET/UENF foram diagnosticados com pitiose. Uma fêmea equina, sem raça definida, com 8 anos de idade apresentava uma lesão de aproximadamente 30 cm de diâmetro na região ventral do abdômen. A lesão havia surgido a menos de 30 dias. O segundo e terceiro casos refere-se a duas fêmeas equinas com 7 e 10 anos de idade, respectivamente. Ambas não possuíam raça definida e apresentavam uma única lesão sobre o metatarso. As lesões possuíam aproximadamente 15 cm de diâmetro e possuíam 60 dias de evolução. O quarto animal era uma potra Quarto de Milha com 4 meses de idade; a ferida com 10cm de diâmetro localizava-se no membro pélvico esquerdo e havia surgido, há 40 dias. O quinto caso tratava-se de um equino, sem raça definida, com 5 anos de idade. O animal apresentava uma lesão de 10 cm de diâmetro sobre o metacarpo direito. A lesão havia surgido a 20 dias. Todos os animais tinham acesso a áreas alagadas. As feridas possuíam superfície ulcerada, com presença de secreção sero-sanguinolenta, aspecto granulomatoso, odor característico e presença de kunkers. A suspeita clínica de pitiose foi confirmada através do exame histopatológico (hematoxilina eosina) O tratamento instituído em todos os cinco casos constou na administração de Acetonida de Triancinolona (25 mg/kg, IM, SID, 3 aplicações com o intervalo de 7 dias) e Iodeto de Potássio (10g/animal, VO /SID, por 15dias). Nenhum dos animais foi submetido a exérese cirúrgica das lesões cutâneas e, todos apresentaram remissão total da afecção após uso do referido protocolo. O sucesso no tratamento da pitiose é influenciado pelo tamanho, tempo e local das lesões e, também, pela idade e estado fisiológico do animal. Inúmeros tratamentos têm sido utilizados, no entanto o sucesso na maioria destes, é associado a ampla exérese cirúrgica da ferida, o que pode ser dificultado na dependência da localização/extensão destas. O tratamento em tela apresentou 100% de eficácia, sem que houvesse a necessidade de intervenção cirúrgica e/ou repetição do protocolo assim sendo, deve ser considerado como boa alternativa no tratamento da pitiose equina.

Palavras-chave: Oomicetos; zigomicose; ferida da moda

187. SUSPEITA DE ÚLCERA GÁSTRICA EM EQUINO SUBMETIDO A CONFINAMENTO

DANIELLE ARAÚJO BARBOSA*1; HOMERO LEITE MARTINS1; FREDERICO FERNANDES ARAÚJO1; MARIANA COSENZA1; DANIELA MARIA SCHUEROFF1; LUCAS RUAN PIRES1

1.UNIFIL, LONDRINA, PR, BRASIL.

e-mail:danielle.cristina.araujo@hotmail.com

Resumo:

A síndrome cólica é uma das principais enfermidades que acometem os equinos, sendo mais comum as dores de origem gastrointestinais. É considerada uma doença grave, com evolução rápida e que pode levar o animal a óbito se não for dado o devido tratamento. É importante ter o conhecimento dos potenciais fatores que desencadeiam a síndrome cólica, para entender a etiologia e o quadro clínico em que o animal se encontra e realizar tratamento adequado para cada caso. As cólicas podem ser de diferentes etiologias dentre elas encontram-se obstruções, compactações, torções, as de origem estomacais como úlceras gástricas e outras diversas causas. As úlceras gástricas podem estar associadas ao confinamento, estresse, idade, sobrecarga de trabalho, uso abusivo de anti-inflamatórios não esteroidais, mudanças no manejo, dietas inadequadas e infecção por Helicobacter spp. Um equino macho de 1 ano e 8 meses, chegou ao hospital veterinário da UniFil apresentando ausência de motilidade intestinal, frequência cardíaca (FC) de 88 bpm, temperatura de 37,4°C, mucosa hiperêmica e tempo de preenchimento capilar (TPC) de 5”. Na anamnese o proprietário relatou que o animal foi adquirido em leilão. O equino ficava solto em piquetes e quando chegou em sua propriedade ele foi mantido na baia durante a maior parte do tempo recebendo ração e feno duas vezes ao dia, soltando o animal poucas vezes. Antes do animal chegar ao hospital foram realizados alguns procedimentos na propriedade, pois o animal iniciou com desconforto abdominal por volta das 18:00 horas do dia anterior; os procedimentos incluíram a dissolução de pó de café em 1 litro de água e 50 mL de óleo de oliva, por via oral, feita por uma pessoa não capacitada. O veterinário administrou 10 mL de flunixin meglumine, 60 mL de Sedacol® pela via intravenosa; Depois de uma hora foi feito o 1 litro de soro fisiológico com 120 mL de Merceptom® e 120 mL de Sedacol® pela via intravenosa. Na propriedade, o médico veterinário realizou a lavagem do estomago onde foram retirados 2 litros de refluxo e aplicado 25 mL de dipirona intravenosa. No hospital veterinário para tratamento inicial do animal, foi realizado a sondagem nasogazstrica, obtendo 13 litros refluxo

espontâneo sanguinolento estomacal, contendo presença de feno e ração, sendo feita então a lavagem gástrica com água para auxiliar na remoção do conteúdo estomacal. Realizou-se a palpação transretal, onde foi possível sentir intestino delgado distendido. Na paracentese, foi obtido uma amostra de 3 mL de coloração amarelada e aspecto turvo, com 91% de segmentados, sendo indicativo para lesões enterogástricas. No hemograma apresentou o fibrinogênio de 400 mg/dL (100-400 mg/dL), indicando reação inflamatória. Após o atendimento inicial animal apresentava hipomotilidade intestinal, FC de 56 bpm, mucosa hiperêmica e TPC de 4". Por via oral, foi administrado 80 mL de sucralfato e Gastrozol®. Antibioticoterapia foi realizado com ceftiofuor 5mg/kg intravenoso durante 5 dias. Fluidoterapia com ringer lactato totalizando 20 litros por via parenteral. Com a anamnese, sinais clínicos e a resposta positiva ao tratamento a principal suspeita foi úlcera gástrica. Nesse caso a gastroscopia não foi realizada pois não há profissionais que realizem o serviço na região. Com o presente trabalho, concluiu-se que essa mudança abrupta de hábito alimentar, com grande quantidade de carboidratos, e o confinamento que leva ao estresse do animal, pode ter induzido o mesmo a desenvolver uma úlcera gástrica. O tratamento realizado no hospital foi eficiente, mas sabe-se que esse animal irá necessitar de um manejo adequado para que o quadro clínico não se repita. Foi prescrito após a alta medica, diminuir a quantidade de concentrado, soltar o animal por períodos mais longos e mais vezes ao dia, e administrar omeprazol durante 50 dias. É importante ressaltar que mudanças abruptas no manejo de equinos, podem levar a quadros graves de gastrites e outras alterações gastrointestinais.

Palavras-chave: Cólica; hipomotilidade intestinal; refluxo espontâneo

188. SÍNDROME CÓLICA POR COMPACTAÇÃO DE CÓLON TRANSVERSO EM EQUINO: RELATO DE CASO

IARA NÓBREGA MACEDO*1; IGOR MARIZ DANTAS1; KARLA CAMPOS MALTA1; MAÍSA ALVES BATISTA DE SOUZA1; RUY BRAYNER DE OLIVEIRA FILHO1; SIMONE BOPP1; THAÍS RIBEIRO FÉLIX1; ALLAN GLEDSON FERREIRA DOS SANTOS1

1.UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB, AREIA, PB, BRASIL.

e-mail:iaranmacedo@gmail.com

Resumo:

As compactações estão entre as doenças abdominais mais comuns na espécie equina, sendo consideradas as principais causas de cólica. Elas se formam preferencialmente em locais onde ocorre diminuição do diâmetro intestinal como por exemplo flexura pélvica e transição do cólon dorsal direito para o cólon transverso. O objetivo deste trabalho é relatar um caso de cólica equina por compactação de cólon transverso. Um equino, macho, SRD, 3 anos de idade, deu entrada no Hospital Veterinário da UFPB com sinais de cólica. Na anamnese, o proprietário relatou que o animal apresentava histórico de deitar e rolar há 3 dias com presença de escoriações, constipação, dor abdominal, polidpsia, hiporexia e normúria. Apresentava-se ainda apático e com a cabeça baixa. Ao exame clínico notou-se mucosas hiperêmicas, distensão abdominal bilateral, frequência cardíaca 84 bpm e movimentos intestinais ausentes. Nas alças pode-se constatar dilatação e presença de gás, impossibilitando assim, uma palpação retal eficaz. Foi então realizada a tiflocentese e mesmo assim não obteve-se sucesso na palpação. No hemograma foi encontrada leucopenia e linfopenia. Sendo instituído o tratamento clínico com flunixina meglumine 1,0mg/kg 24h/24h intravenoso, ranitidina 2,0 mg/kg, 6/6h intravenoso, sorbitol 100g/animal intravenoso, metilcelulose 1,0g/kg via oral, lidocaína 1,0mg/kg intravenoso, gluconato de cálcio 200mg/kg intravenoso, metronidazol 15mg/kg 12/12h intravenoso, e foi realizada fluidoterapia com NaCl e ringer lactato durante todo o período em que o animal esteve interno, porém, não houve melhora clínica após dois dias de tratamento. O animal continuava apresentando abdome distendido, mucosas congestas, e passou a apresentar um halo hiperêmico na mucosa oral acompanhado de lesões na mesma. O paciente foi então encaminhado para cirurgia, onde foi realizada anestesia geral, na medicação pré-anestésica utilizou-se xilazina 1,1 mg/kg IV; midazolan 0,1mg/kg e cetamina 2,2 mg/kg IV na indução; e para a manutenção isofluorano. No bloco cirúrgico o paciente foi colocado em decúbito dorsal e realizou-se a tricotomia ampla. Incisou-se a pele e a linha média ventral, após a abertura da cavidade abdominal, observou-se deslocamento do colón e do ceco com presença de gás. Os mesmos foram retirados da cavidade e foi introduzida agulha para retirada desse gás. Após isso, realizou-se uma incisão na flexura pélvica com o intuito

de retirar todo o conteúdo, onde foram encontrados três fecalomas de tamanhos variados no interior do cólon ventral e dorsal esquerdo. Após a lavagem, foi realizada a sutura invaginante com fio vicryl 2.0. Na base do ceco, em direção ao lado esquerdo, foi explorado o cólon transverso onde também havia presença de fecaloma, de tamanho maior do que os encontrados anteriormente, o mesmo foi responsável por uma compactação seguida de isquemia e consequente necrose da alça. Havendo um prognóstico totalmente desfavorável, foi necessária a eutanásia do animal, sendo administrada lidocaína por via intratecal. Desta maneira, apesar de ainda existirem casos de mortalidade tratando-se de síndrome cólica, sabe-se que os crescentes avanços no diagnóstico e terapia (clínica e cirúrgica) vem contribuindo de forma crescente para expectativa de sobrevida dos animais, sendo assim, sempre preconiza-se rápido atendimento clínico para reduzir o risco de óbito.

Palavras-chave: Dor; abdome agudo; trato gastrointestinal

189. SÍNDROME CÓLICA POR OBSTRUÇÃO DE PARASCARIS EQUORUM EM POTRO - RELATO DE CASO

LARA ANTONIASSI DEL RIO*1; DIOGO AUGUSTO FREITAS RIBEIRO DE SOUZA1; ARTHUR NELSON TRALLI NETO1; DENISE MONTEIRO BOZZOLO1; ERNANDO DE ABREU JUNIOR1; FELIPE MARQUES DOS SANTOS1; LEANDRO RAMOS SILVEIRA CARDENAS1; LANA GABRIELA MOLEZIN INÁCIO1; MARCOS ANTONIO FURLANI MENDES1; MURILO TAKEDA1; NATALY ANY DA CUNHA RAFAGNIN1; PLINIO NOVAES CORDOVIL1; ROBSON DIEGO MAIA NUNES1; SUELLEN MIGUEZ GONZÁLEZ1; GUILHERME GONÇALVES FABRETTI SANTOS1; JOÃO MORELLI JUNIOR1; IGOR AUGUSTO ANDRETA PAIOLA1; BRUNO FORNITANO CHOLFE1

1.CENTRO UNIVERSITÁRIO DE RIO PRETO - UNIRP, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, SP, BRASIL.

e-mail:laraantoniassi.vet@gmail.com

Resumo:

Um potro, com 3 meses de idade, macho, da raça QM e pesando 110 kg foi encaminhado ao Hospital Veterinário "Dr. Halim Atique" com sinais de síndrome cólica não responsiva à terapia analgésica. Ao exame físico o animal apresentava-se com mucosas hipocoradas, tempo de preenchimento capilar superior à três segundos, com taquicardia e taquipnéia. Em relação a motilidade intestinal a mesma encontrava-se ausente, e auscultava-se som referente à presença de gás em áreas do intestino delgado. Ao exame de ultrassom notou-se áreas de distensão por gás em intestino delgado, e à paracentese notou-se indícios de comprometimento vascular. Concomitantemente a realização dos procedimentos citados o animal recebeu fluidoterapia e foi sondado por via nasogástrica, no entanto, não houve produtividade. Não havendo melhora do quadro clínico e nem boa resposta à terapia analgésica empregada o paciente foi encaminhado à laparotomia exploratória. Como medicação pré-anestésica utilizou-se xilazina e em seguida o mesmo foi induzido com associação de cetamina e diazepam sendo mantido em anestesia total inalatória com isoflurano aliado à fluidoterapia com lidocaína. À laparotomia exploratória notou-se distensão em intestino delgado com áreas leves de comprometimento vascular, procedendo-se a enterotomia observou-se a presença de infestação de Parascaris equorum. Os vermes encontrados apresentavam-se com cerca de 18 a 25 cm e estavam espalhados por toda extensão de intestino delgado. Procedeu-se a retirada dos mesmos e em seguida realizou-se enterorrafia e sutura das demais camadas – músculo, subcutâneo e pele. No pós operatório institui-se terapia antimicrobiana com metronidazol, IV, BID, por três dias; gentamicina, IV, SID, por cinco dias e ceftiofur, IM, num total de cinco aplicações a cada 48 horas. Por conta das áreas com comprometimento vascular optou-se pela realização de tratamento preventivo de laminite. Como tal tratamento utilizou-se acepromazina, TID, IM, por três dias; heparina sódica, TID, SC, por três dias; flunixina meglumina, IV, em dose anti-inflamatória (SID) e dose anti-endotoxêmica (BID) por três dias e DMSO diluído em solução fisiológica, IV, SID, por três dias. Também realizou-se protocolo para desverminação do paciente utilizando vermífugo a base de febendazole, administrado por via oral na dose de 110 kg uma vez ao dia por cinco dias. O mesmo recebeu também omeprazol, SID, PO, na dose de 110 kg e ranitidina, IV, TID como protetores da mucosa gástrica. Além de tais medicações o animal foi mantido em fluidoterapia, de acordo com a necessidade, nos cinco primeiros dias, realizou-se também a limpeza da ferida cirúrgica com solução à base de clorexidine alcoólico duas vezes ao dia e aplicando-se, em seguida, sulfadiazina de prata em pomada. Cerca de quinze dias após o procedimento o animal estava de alta e liberado

para retorno à propriedade. Sendo o paciente oriundo de uma propriedade de criação de equinos e a presença de Parascaris equorum envolvida com subdesenvolvimento dos potros foi recomendado ao proprietário a adoção de um calendário de desveminação efetivo buscando-se reduzir e evitar novos problemas. De modo sucinto tal relato buscou salientar a importância de um protocolo adequado de desverminação em equinos, principalmente nos potros, e descrever as consequências e complicações de uma infestação por endoparasitas.

Palavras-chave: Abdõmen agudo; verminose; síndrome cólica

190. SÍNDROME DO MAU AJUSTAMENTO NEONATAL CONCOMITANTE À ISOERITRÓLISE NEONATAL EM UM POTRO DISMATURO - RELATO DE CASO

GEÓRGIA CAMARGO GOSS*1; LEONARDO TRENTIM CHAVES1; CLÁUDIA MEDEIROS RODRIGUES; GABRIELA DÖWICH1; CLÁUDIA ACOSTA DUARTE1; FABRÍCIO DESCONSI MOZZAQUATRO1; INGRID RIOS LIMA MACHADO1; GUSTAVO KLAUS1; LILIAN PINTO CAMARGO1; ANA LUISA MOREIRA CARNEIRO1; FRANCINE INÊS WILLE1; MATHEUS EUGÊNIO SABARÁ POSSA1; FÁBIO FLAIN PIFFERO1

1.UNIPAMPA, URUGUAIANA, RS, BRASIL.

e-mail:leonardotchaves@gmail.com

Resumo:

O potro dismaturo é descrito como aquele que nasce a termo, mas possui características de prematuridade. Isto geralmente ocorre em animais que tiveram um baixo desenvolvimento intrauterino ou, devido a infecções placentárias. A síndrome do mau ajustamento neonatal (SMA) é uma das maiores causas de morte em neonatos resultando da combinação de hipoxemia e isquemia, o que leva a alterações em múltiplos sistemas (sistema nervoso central, rins e trato gastrintestinal). Já a isoeritrólise neonatal, consiste em uma enfermidade de baixa ocorrência, está ligada a incompatibilidade sanguínea feto/mãe. Geralmente os sinais clínicos observados são depressão, anemia severa e icterícia generalizada que aparecem de forma progressiva após a ingestão do colostro. Em ambas as enfermidades, a manifestação dos sinais clínicos ocorre geralmente nas primeiras 24h de vida. O objetivo do presente trabalho foi relatar a ocorrência de SMA concomitante com isoeritrólise neonatal em um potro dismaturo. Uma fêmea, da raça PSI, com 24h de vida e 37kg, foi atendida no HUVet da UNIPAMPA com histórico de ter nascido por parto distócico e apresentar fraqueza, diminuição do reflexo de sucção e icterícia de mucosas, com progressão do quadro clínico para apatia, perda do reflexo de sucção e dificuldade para manter-se em posição quadrupedal. Além dos sinais clínicos descritos no histórico, apresentava hiperextensão dos membros, apatia, dificuldade em defecar, anemia severa, presença de plasma ictérico, aumento nos valores bioquímicos renais, além de incompatibilidade sanguínea com a mãe e com ela mesma. Com base nos sinais clínicos e nos achados laboratoriais, foram diagnosticadas SMA, isoeritrólise neonatal além de dismaturidade, ocorrendo concomitantemente. Durante a internação, o animal permaneceu monitorado e recebeu fluidoterapia com ringer com lactato, alimentação via sonda nasogástrica com suscedâneo por 72h e, após este período, com leite da mãe (avaliado no laboratório para verificação da ausência de anticorpos), além de monitoramento da glicemia. Sempre que a glicemia mostrava-se alterada (valores glicêmicos < 100mmol/L) era realizada infusão de glicose de forma contínua. Além disso, foi administrado ceftiofur (40mg/kg) a fim de evitar infecções secundárias. Devido ao valor do hematócrito estar muito baixo (9%), foi realizada transfusão sanguínea após detecção de um doador compatível. Ao final da transfusão, a potra já apresentava coloração de mucosas rósea pálida, aumento no valor do hematócrito (29%), mantendo-se em posição quadrupedal por longos períodos. Após 12h do término deste procedimento, retirou-se a sonda nasogástrica, pois o animal demonstrou também, melhora no reflexo de sucção e suspendeu-se a fluidoterapia. O animal permaneceu internado para tratamento por 15d. Após a normalização de todos os parâmetros a potra recebeu alta hospitalar. Os potros nascidos dismaturos possuem características de prematuridade como, por exemplo, baixo peso ao nascer, alterações no sistema músculo esquelético e dificuldade em manter-se em posição quadrupedal. No caso descrito, não havia histórico sobre o acompanhamento da gestação. O baixo desenvolvimento placentário, que resulta no potro dismaturo, pode também levar à ocorrência da SMA, cujos sinais clínicos mais comuns são, como no equino do relato, ausência/diminuição do reflexo de sucção, letargia, baixo escore corporal e falha renal. A ocorrência destas enfermidades representa um grande risco à vida do neonato e, como no caso

relatado, quando associadas à isoeritrólise neonatal, caracterizada por quadros de anemia severa, consequência da produção de anticorpos da mãe contra as hemácias do potro, os danos causados aos tecidos são agravados, principalmente devido à baixa quantidade de hemácias circulantes podendo resultar em hipóxia, desfavorecendo o prognóstico. O acompanhamento do parto e auxílio precoce do neonato são importantes para o diagnóstico precoce das enfermidades e prognóstico do animal.

Palavras-chave: Dismaturo; isoeritrólise; ajustamento

191. TERAPIA COM ONDAS DE CHOQUE NO TRATAMENTO DA FRATURA DE TERCEIRA FALANGE EM UM EQUINO: RELATO DE CASO

LUIS FAGNER DA SILVA MACHADO*1; MARIANA COCCO2; FLÁVIA DO PRADO AUGUSTO AMARO2; LUIZA COSTA BARCELLOS2; BRUNA LAMPE ZIELINSKI2; LIDIA DORNELLAS DE FARIA3; PETERSON TRICHES DORNBUSCH2

1.FURB, BLUMENAU, SC, BRASIL; 2.UFPR, CURITIBA, PR, BRASIL; 3.AUTÔNOMA, BRASÍLIA, DF, BRASIL.

e-mail:mariana.cocco@hotmail.com

Resumo:

A fratura de terceira falange em equinos é de ocorrência frequente, mas apresenta um prognóstico reservado dependendo do tratamento empregado, sendo que este tem por objetivo estabilizar a fratura e impedir o movimento da falange dentro do estojo córneo, podendo ser conservativo, aliando repouso e ferraduras ortopédicas; ou cirúrgico, utilizando parafusos compressivos. O tempo de recuperação é longo, podendo variar de 6 a 12 meses. O tratamento com ondas de choque (ShockWave) consiste na aplicação de ondas que atravessam os tecidos e fluidos produzindo uma deformação mecânica, que provoca alterações bioquímicas e acarreta na proliferação celular. O presente trabalho tem por objetivo relatar o tratamento com ondas de choque em uma fratura de terceira falange. Um equino, macho, raça crioula, 04 anos, foi atendido com histórico de trauma na face solear do casco do membro torácico esquerdo. Ao exame clínico apresentava claudicação grau IV, aumento de temperatura no casco, pulso da artéria digital intenso, posição antálgica de alívio flexionando as articulações distais do boleto e falanges, com apoio em pinça sem carga e sensibilidade a pinça tenaz de casco. O diagnóstico de fratura de terceira falange longitudinal medial articular foi confirmado por meio de avaliação radiográfica. O tratamento realizado constituiu de ferradura ortopédica, anti-inflamatório não esteroidal (AINES) firocoxibe (0,12 mg/kg, SID, IV) durante 20 dias, ácido tiludrônico (500 mg, dose única, IV), 4 doses a cada 7 dias de pentosano polissulfato de sódio (2,5mg/kg, IM), infiltração da articulação interfalangeana distal com hialuronato de sódio (20 mg) e cinco sessões de ondas de choque com intervalo de 30 dias entre elas. A ferradura ortopédica consistia de quatro guarda cascos laterais soldados no exterior dos ramos da ferradura, próximos à junção dos quartos e talões, associado a uma barra no meio da sola e esta preenchida com massa epóxi. Após a quarta sessão de ondas de choque (150 dias), foi confirmada a consolidação da fratura por meio do exame radiográfico, mas mesmo assim foi realizada mais uma sessão e o paciente retornou as suas atividades. Fraturas de terceira falange com envolvimento articular, como a observada no caso, são mais comuns e com prognósticos mais desfavoráveis, pois podem levar a um processo de osteoartrite da articulação interfalangeana distal. Estas fraturas geralmente são tratadas de forma conservativa baseando-se em repouso e uso de ferradura ortopédica, o que torna a recuperação mais onerosa e demorada. Em contrapartida, o tratamento com ondas de choque é uma tecnologia não invasiva e sem complicações, utilizada como aliada a cirurgia e ao tratamento conservativo, podendo encurtar o período de recuperação. Este tratamento promove neovascularização, ativa os fatores osteogênicos locais e estimula fatores de crescimento como VEGF (fator de crescimento do endotélio vascular) sem lesar os tecidos moles. Além do desencadeamento do processo anti-inflamatório e cicatrizantes no tecido, ela também causa analgesia desde a primeira sessão. Neste caso, além do tratamento com ondas de choque, também foi utilizado a ferradura ortopédica e a infiltração articular com hialuronato de sódio, tratamentos estes que são amplamente utilizados e mostram altos índices de sucesso, colaborando também com o êxito final obtido. Conclui-se que o uso das ondas de choque aparentemente auxiliou na diminuição do tempo de convalescença, entretanto mais estudos clínicos são necessários para confirmar sua eficácia no tratamento de fraturas em equinos.

Palavras-chave: Fratura; terceira falange; ondas de choque

192. TETANIA DA LACTAÇÃO DA ÉGUA: RELATO DE CASO

FERNANDA TAMARA NEME MOBAID AGUDO ROMÃO*1; CAMILA AGOSTINHO SARTORI1; RENAN BORGES INACIO1; SOFIA DE BARROS BOTACINI1; SILVANA RUI MARTINS DA CRUZ1; CRISTHIAN DE ALMEIDA BARBOSA1; ANDREA REBECA FERREIRA VASCONCELOS1; GABRIEL FRANCO SIMÕES1; ANA CAROLINA AIELLO DALL BEN1; WILLIAN RODRIGUES INACIO1; BIANCA GERARDI1

1.FAEF, GARCA, SP, BRASIL.

e-mail:ftnmaromao@gmail.com

Resumo:

A hipocalcemia é uma condição relativamente rara em equinos, podendo ser denominada tetania da lactação, do transporte ou hipocalcemia idiopática. Os sinais clínicos são: tônus muscular aumentado, marcha rígida, ataxia, fasciculação muscular, principalmente dos músculos temporal, masseter e tríceps, trismo, disfagia, salivação, transpiração profusa, taquicardia, arritmias, convulsão, coma e morte. Essas alterações podem ser progressivas em éguas lactantes e em 24 a 48 horas os animais podem morrer. Em casos leves, o tratamento não se faz necessário, entretanto, nos casos graves recomenda-se a administração de soluções de borogluconato de cálcio a 20%, na dose de 250 a 500 mL/500 kg, diluídas em solução salina ou glicose. A maioria dos casos respondem rapidamente a terapia, e numa minoria pode haver a recidiva. O presente trabalho tem por objetivo relatar um caso de tetania da lactação em uma égua, juntamente com a terapêutica de sucesso. Foi atendido no Hospital Veterinário de Grandes Animais da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral- FAEF, um equino fêmea, da raça quarto de milha, com 9 anos de idade, pelagem rosilha, pesando 510 kg, no 10° dia de lactação. Segundo o veterinário que encaminhou a égua, na noite anterior, após ter sido coberta por monta natural, sem nenhuma intercorrência, começou a apresentar sinais neurológicos como andar espástico, lábios duros, e ataxia. Na chegada ao Hospital Veterinário foi realizado exame físico geral que demonstrou as seguintes alterações nos parâmetros vitais: frequência cardíaca 80 bpm, frequência respiratória 44 movimentos por minuto, ausência de motilidade intestinal em todos os quadrantes abdominais. O exame neurológico demonstrou incoordenação motora grau 3/5, andar espástico, rigidez muscular, fasciculação em masseter, tríceps e costado, pescoço rígido com escoliose para o lado direito, lábios rígidos e voltados para lado direito, trismo mandibular com incapacidade de apreensão e mastigação do alimento, ausência de sensibilidade da hemiface direita e esquerda, ausência de tônus de cauda e lateralizarão para o lado direito, e diminuição do reflexo do esfíncter anal, e incontinência urinária. Com base nos sinais clínicos a suspeita de tetania da lactação foi estabelecida, juntamente com a suspeita de trauma craniano ou medular. Foi realizada a reposição hidroeletrolítica, intravenosa, com 30 litros de solução de Ringer Lactato, com 10 mL de borugluconato de cálcio diluído até totalizar 300 ml de reposição, também foi medicada com flunixim meglumine, e ocitocina para facilitar a ejeção de leite para o potro. A partir do 4° litro de ringer com lactato já houveram sinais gradativos de melhora, como diminuição das fasciculações, relaxamento da musculatura, diminuição do trismo mandibular, diminuição da arritmia, e retorno dos movimentos intestinais; de maneira que no 15° litro de ringer lactato com cálcio, o animal estava sem alterações neurológicas evidentes e passou a se alimentar normalmente. Neste caso o diagnóstico de tetania da lactação foi terapêutico, devido a resposta imediata a reposição do cálcio intravenosa, sendo que os sinais clínicos foram desaparecendo gradativamente ao longo da administração. Por se tratar de uma doença metabólica rara, a tetania da lactação deve ser sempre considerada em casos neurológicos com evolução extremamente aguda como no caso descrito, e em éguas lactantes. O tratamento é relativamente simples e a resposta a terapia é imediata.

Palavras-chave: Hipocalcemia; egua lactante; sinais neurológicos

193. TETANO EM UM EQUINO - RELATO DE CASO

CAMILA ASSIS MACHADO VIEIRA*1; TIAGO MACHADO VIERA1

1.UNIPAM, PATOS DE MINAS, MG, BRASIL.

e-mail:camilaassisvet@gmail.com

Resumo:

O tétano é uma doença com mortalidade em torno de 80% em equinos causada por exotoxinas produzidas pelo Clostridium tetani (C. tetani), bactéria anaeróbica, formadora de esporos Gram - positivo. Pode ser encontrada sob forma vegetativa ou esporulada em função das condições de tensão de oxigênio no ambiente. O C. tetani pode ser isolado do conteúdo gastrointestinal dos herbívoros, sendo a contaminação fecal responsável pela propagação das bactérias no solo. Essa bactéria também é encontrada no intestino dos equinos, sendo considerada uma bactéria natural desses animais. Porem, quando o animal sofre algum tipo de distúrbio, como cólica, estresse ou diarreia, essas bactérias se desorganizam e se proliferam formando assim um quadro de tétano. Outra forma de contaminação é o contato com os tecidos através de ferimentos, pois a bactéria se prolifera e produz neurotoxinas, em seguida, ocorre liberação das neurotoxinas tetanospasmina e toxina não espasmogênica, desencadeando a doença. O diagnóstico de tétano geralmente é baseado nos sinais clínicos que são característicos, e no histórico de algum manejo que possa ter gerado uma porta de entrada para o agente. O objetivo desse trabalho foi descrever um caso de tétano responsivo ao tratamento. O presente trabalho relata um caso de tétano em um equino, macho, 3 anos de idade, da raça Mangalarga Marchador, atendido em sua propriedade em Patos de Minas/MG. O proprietário suspeitava de fratura cervical, pois, segundo ele, o animal não conseguia mexer o pescoço e tinha bastante dificuldade ao caminhar. No exame físico o animal apresentou frequência cardíaca de 85 bpm, frequência respiratória de 60 mpm, TPC 3 segundos, e temperatura retal de 38°C. Durante o exame, foram observados, andar rígido, narinas dilatadas, orelhas eretas e imóveis, rigidez cervical, cauda em bandeira, sudorese e protrusão da terceira pálpebra, caracterizando assim um quadro de tétano. Não foram encontradas lesões no corpo do animal. O tratamento preconizado foi administração de 100.000 UI/IV de soro antitetânico ao primeiro dia, com repetição de 10.000 UI/IV durante os seis dias subsequentes, neutralizando as toxinas circulantes. Foi realizada a antibioticoterapia à base de Penicilina Benzatina e procaína na dose de 10.000.000 UI/IM a cada 24 horas durante 7 dias, e também foi utilizada a acepromazina como sedativo e relaxante muscular na dosagem de 0.1 mg/kg a cada 12 horas durante os 7 dias de tratamento. Após oito dias do inicio do tratamento o animal não apresentava sintomatologia de tétano, retornando todos os parâmetros à normalidade, e ficando em observação por mais 10 dias, apresentando uma cura clínica. Devido ao seu prognóstico reservado, o tétano em equinos se constitui em um problema que requer uma atenção especial. A vacinação é o método ideal para evitar o acometimento dos animais por essa doença, assim como medidas profiláticas complementares, como o uso de soro antitetânico em qualquer procedimento invasivo por menor que seja. O diagnóstico do tétano é exclusivamente clínico, ressaltando assim a importância da interpretação destes. O tratamento precoce é fundamental para que o prognóstico passe de reservado para favorável.

Palavras-chave: Equinos; clostridium tetani; toxinas

194. TRAQUEOSTOMIA COMO ALTERNATIVA À NEOPLASIA TRAQUEAL EM EQUINO - RELATO DE CASO

LARA ANTONIASSI DEL RIO*1; DIOGO AUGUSTO FREITAS RIBEIRO DE SOUZA1; LEANDRO RAMOS SILVEIRA CARDENAS1; MURILO TAKEDA1; NATALY ANY DA CUNHA RAFAGNIN1; ROBSON DIEGO MAIA NUNES1; PLINIO NOVAES CORDOVIL1; BRUNO FORNITANO CHOLFE1; GUILHERME GONÇALVES FABRETTI SANTOS1; IGOR AUGUSTO ANDRETA PAIOLA1; JOÃO MORELLI JUNIOR1; SUELLEN MIGUEZ GONZÁLEZ1

1.CENTRO UNIVERSITÁRIO DE RIO PRETO - UNIRP, SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, SP, BRASIL.

e-mail:laraantoniassi.vet@gmail.com

Resumo:

Uma égua, quarto de milha, com 22 anos de idade e pesando 420 kg foi encaminhada ao Hospital Veterinário “Dr. Halim Atique” com queixa de dificuldade respiratória, emagrecimento e apatia há um ano. O proprietário relatou

que anteriormente o animal recebeu tratamento com agentes broncodilatarores havendo melhora momentânea do quadro seguida de piora acentuada. Ao exame físico inicial do animal observou-se mucosas normocoradas, frequência cardíaca de 44 batimentos por minuto, frequência respiratória de 48 movimentos por minuto acompanhada de ortopnéia, mas sem alterações em auscultação pulmonar, temperatura corporal de 37, 6ºC e motilidade intestinal adequada. Posteriormente o animal foi encaminhado a endoscopia na qual notou-se presença de uma massa de ampla extensão na entrada da traqueia, da qual coletou-se fragmento para exame histopatológico. Ao exame histopatológico tal massa se tratava de lesão pré-neoplasica de carcinoma associado à processo inflamatório pio granulomatoso. Adicionalmente, por se tratar de neoplasia, foi realizado exame radiológico em região pulmonar em busca de possível metástase, no entanto, nenhuma alteração condizente com metástase foi encontrada. Diante do quadro do animal institui-se tratamento pré-operatório à base de corticoide (dexametasona, intravenosa, duas vezes ao dia) e terapia antimicrobiana (trimetoprima em associação com sulfadimetoxina sódica, via oral, duas vezes ao dia). Após uma semana de tratamento, notou-se acentuada melhora clínica na respiração do animal e, por procedimento de endoscopia, notou-se leve regressão na massa. O paciente foi encaminhado à traqueostomia em busca de melhora na qualidade de vida do mesmo. Para tal procedimento o animal foi sedado com detomidina, mantendo o mesmo em posição quadrupedal, após tricotomia e antissepsia adequada foi realizada a anestesia local da região cirúrgica e o procedimento então foi iniciado e executado no terço médio da traqueia. Após o procedimento cirúrgico, o animal permaneceu em terapia antimicrobiana por mais uma semana e recebeu também terapia analgésica. Concomitantemente, institui-se a limpeza da ferida cirúrgica duas vezes ao dia com solução à base de clorexidine alcóolico. Após cerca de dez dias o animal recebeu alta e retornou à propriedade.

Palavras-chave: Carcinoma; dificuldade respirátoria; traqueostomia

195. TRAQUEOSTOMIA COMO TERAPIA AUXILIAR NA REDUÇÃO DE PROLAPSO DE RETO EM MUAR - RELATO DE CASO

TAIRINE ERICA DA CRUZ*1; THYAGO ESCODRO DERCOLI2; ROBERTA SARGO2; MARIANA LUIZA MEZZENA GOBATO3; JAIRO JARAMILLO CARDENAS4; LEONARDO FERNANDES GONÇALVES2; NEILSON RODRIGO PEREIRA2

1.UNESP FMVA, SAO BERNARDO DO CAMPO, SP, BRASIL; 2.FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA MAX PLANCK, INDAIATUBA, SP, BRASIL; 3.FMVZ UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 4.AUTONOMO, INDAIATUBA, SP, BRASIL.

e-mail:tairini.cruz@gmail.com

Resumo:

O prolapso de reto é a inversão da mucosa retal e suas estruturas através do esfíncter anal, devido à perda do tônus, afrouxamento do tecido conectivo submucoso ou deficiência no sistema suspensório do reto. Está associado ao tenesmo secundário a uma variedade de condições, dentre ela, infecção por Rhodococcus equi. Foi encaminhado ao Hospital Escola Veterinário Max Planck-Indaiatuba-SP, no dia 3/05/2016, um muar, fêmea, com três meses de idade, com histórico de prolapso de reto, diarréia e opacidade das córneas. Ao exame físico, o animal apresentou frequência cardíaca de 120 bpm, frequência respiratória de 60 mpm, temperatura retal de 39,5° C, mucosas oculares e vaginal pálidas e apatia. No exame laboratorial, o animal manifestou anemia moderada e leucocitose por neutrofilia. No exame específico, o segmento prolapsado apresentou aproximadamente 5 cm de diâmetro, aparência congesta e áreas de necrose. Através do exame ultrassonográfico em região torácica foram observados abscessos pulmonares compatíveis com rhodococcus, bem como os outros sinais clínicos apresentados. O tratamento consistiu-se em Azitromicina (10 mg/kg/PO, SID, por 20 dias), Rifampicina (5 mg/kg/PO, BID por 20 dias), Metronidazol (15 mg/kg/PO, TID por 7 dias), Meloxicam (0,6 mg/kg/IM, SID por 3 dias), Dimetilsulfóxido (DMSO - 20 ml/ animal/ IV, SID por 5 dias) e desinfecção do prolapso diariamente. Inicialmente foram realizadas tentativas de redução manual do prolapso com auxilio de solução tópica hipersaturada de açúcar, gelo e lubrificante, juntamente com anestesia epidural baixa (sacrococcígea), com lidocaína (0,1 mg/kg). Todavia, as manobras utilizadas não foram efetivas. Ulteriormente, realizou-se a técnica de sutura captonada em bolsa de tabaco, diminuindo a luz da musculatura perianal. A bolsa de tabaco era mantida por no máximo 48 horas, deixando um dia de descanso e então refeita. Mesmo com o cessar da diarréia, através do tratamento sistêmico conclusivo, e tentativas sucessivas de correção manual do prolapso, o animal permanecia com inversão da mucosa retal. Optou-se, então, pela técnica de traqueostomia com

levantamento de flap e fixação de cânula flexível sem cuff, atentando-se a higienização local, realizada duas vezes ao dia. O traqueotubo permaneceu por 20 dias. Após este período o material foi retirado e a ferida cirúrgica foi cicatrizada por segunda intenção. Após manobra, não se observou mais o prolapso de reto. A enterite nos casos de infecção por Rhodoccocus equi pode resultar no aparecimento de prolapso retal, tornando o prognóstico reservado, uma vez que, após inviabilidade do segmento, há alto risco de contaminação ascendente. No caso relatado, mesmo após o tratamento da enterite e a realização de manobras descritas em literatura para redução do prolapso, não houve a restituição permanente do mesmo, portanto, optou-se pela traqueostomia temporária, buscando reduzir a resistência expiratória e consequentemente a prensa abdominal recorrente no momento da evacuação. No presente relato, a traqueostomia eletiva foi de substancial importância para a resolução permanente do prolapso de reto.

Palavras-chave: Traqueostomia; prolapso de reto; rhodoccocus equi

196. TRATAMENTO CIRÚRGICO DA MIOPATIA FIBRÓTICA – RELATO DE CASO

IVENS NAVARRO HAPONIUK PRUS*1; ENIO AUGUSTO GRANATTO DE OLIVEIRA2; LUANE CAMARGO ZENI3; ANDRESSA BATISTA DA SILVEIRA4; LUCIANA DORIA RIBEIRO CABRAL1

1.PUCPR, CURITIBA, PR, BRASIL; 2.REGIMENTO DA POLÍCIA MONTADA CORONEL DULCÍDIO, CURITIBA, PR, BRASIL; 3.PUC PR, CURITIBA, PR, BRASIL; 4.UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL.

e-mail:ivenshaponiuk@gmail.com

Resumo:

A Miopatia Fibrótica é uma doença degenerativa que atinge principalmente equinos da raça Quarto de Milha, afetando comumente os membros pélvicos do animal caracterizado pela formação de uma fibrose ou ossificação do músculo, causada por ações traumáticas que evoluem para uma ruptura de feixes musculares. Acometem principalmente os músculos semimenbranoso e semitendinoso, podendo estes aderir-se e limitar a sua movimentação alterando o andar. A formação da fibrose é facilmente identificada durante a palpação pelo desenvolvimento de uma massa de consistência firme. A alteração no passo do animal, o auxílio do exame ultrassonográfico e radiográfico da região, são métodos que colaboram no diagnóstico da doença e da região afetada. Com isso, a intervenção cirúrgica é recomendada. Um equino macho, mestiço, 17 anos, utilizado no patrulhamento montado, foi atendido na Unidade Hospitalar de Equinos - PUCPR, apresentando claudicação do membro posterior esquerdo (MPE). Ao exame clínico constatou-se claudicação mecânica ao passo, sendo possível observar que o paciente não executava a fase cranial do passo, fazendo com que o membro acometido fosse abruptamente puxado para trás. Durante a palpação notou-se uma massa de consistência rígida na porção caudal da coxa do MPE. Ao exame radiográfico da região do glúteo não foi observado alteração, porém ao exame ultrassonográfico observou-se presença de sombra acústica posterior, no músculo semitendinoso do MPE, podendo estar relacionado à calcificação muscular. Com os achados optou-se por realizar tenotomia da inserção tibial do m. semitendinoso, porém não foi obtido sucesso. Com isso, após 4 meses da primeira intervenção, foi realizado a ressecção cirúrgica da massa fibrosa no músculo semitendinoso (miectomia), sendo fixados pontos de ancoragem, para auxiliar na manutenção do curativo da incisão cirúrgica. Como tratamento pós operatório foi estabelecido antibióticoterapia durante 9 dias, analgésico por 4 dias, anti-inflamatório não esteroidal e protetor gástrico por 3 dias. A fisioterapia diária constituída de caminhadas duas vezes ao dia durante oito dias e hidroterapia na região foi instituído a fim de não criar aderências. Após 10 dias, foram retirados os pontos cirúrgicos e readaptou-se a fisioterapia para caminhadas que intercalavam passo e trote, fechando 21 dias de tratamento. Posteriormente a este período, o animal foi liberado para as suas atividades. A tenotomia da inserção tibial do semitendinoso é uma cirurgia que por menos invasiva que seja não apresenta bons resultados, pois não tem o efeito desejado de recuperação completa do passo do animal. Neste caso a massa impediu de alguma forma que o andar retornasse por completo, sendo necessário nova intervenção cirúrgica. Outros autores propõem a miectomia do músculo afetado e liberação de possíveis adesões com outros músculos, sendo está técnica mais invasiva, porém com melhor evolução e conclusão do caso. A miectomia neste relato, mostrou-se mais efetiva, pois permitiu com que o passo do cavalo retornasse ao normal, reduzindo seu tempo de recuperação e com retorno satisfatório às suas atividades físicas habituais.

Palavras-chave: Miopatia fibrótica; tratamento cirúrgico; equinos

197. TRATAMENTO DE RUPTURA DE PERONEUS TERTIUS COM FISIOTERAPIA

LAURA YASMIN MONTEIRO STANCOV*1; SOLANGE CORRÊA MIKAIL1

1.ESPAÇO EQUUS, COTIA, SP, BRASIL.

e-mail:lauraymstancov@gmail.com

Resumo:

O músculo Peroneus tertius é uma parte importante do aparelho recíproco do equino, responsável por realizar a flexão do tarso de forma simultânea com a articulação femuro-tibio-patelar. A causa mais comum dessa afecção é o trauma. O objetivo desse relato é avaliar a resposta ao tratamento de fisioterapia, durante o período de um mês, de um quadro que estava sem evolução por nove meses. Foi enviado ao Espaço Equus, um equino macho, da raça Puro Sangue Lusitano, 16 anos de idade, com ruptura parcial da origem do músculo Peroneus tertius no membro posterior esquerdo, ocorrida há nove meses atrás, decorrente de um acidente no piquete. A avaliação do caso foi realizada através da ultrassonografia e do aplicativo de análise biomecânica Hudl Technique Elite®. No exame ultrassonográfico, a lesão foi identificada próximo à origem e apresentava a estrutura de tamanho aumentado em relação ao membro contralateral, bordos sem definição e áreas hipoecóicas. Na inspeção ao passo, o animal apresentava a biomecânica característica dessa afecção: a flexão da articulação femuro-tibio-patelar sem a flexão concomitante do tarso. O ângulo médio de flexão do tarso do membro posterior esquerdo era de 136 graus. O programa de fisioterapia consistiu de duas sessões diárias de laser terapêutico Luminex® na dose de 24 J/cm2 durante 26 dias. Foi realizado também um programa de exercícios progressivos que incluiu: duas caminhadas de dez minutos ao passo por dia; exercício ativo assistido para a flexão do tarso (realizado dentro da baia através da estimulação da pele no membro afetado) e exercícios ao passo com estimulador de banda coronária (técnica descrita pela Dra. Hilary Clayton para gerar um estímulo proprioceptivo através do uso de uma pulseira com argolas na quartela para aumentar a flexão do tarso). Aos vinte dias foram inclusos os exercícios com uma sequência de cinco obstáculos em forma de cavalete (dez repetições) e aumento na altura dos obstáculos para 15 cm nos últimos cinco dias. Em apenas trinta dias observou-se uma melhora expressiva na flexão da articulação do tarso. Inicialmente o grau de flexão máximo do tarso a era 110 graus e após um mês de tratamento foi para 57 graus. A avalição ultrassonográfica também apresentou melhora: a estrutura apresentou tamanho menor, bordos mais definidos e aumento da ecogenicidade. Conclui-se que a fisioterapia contribuiu nesse caso não só na melhora clínica, mas também no tempo de recuperação, pois o animal apresentava incapacidade de flexionar o tarso há nove meses e apenas em trinta dias, voltou a flexionar.

Palavras-chave: Peroneus tertius; fisioterapia; reabilitação

198. TRATAMENTO DE SARCÓIDE EQUINO COM EUPHORBIA TIRUCALLI – RELATO DE CASO

TAYNA ROSENDO*1; CAMILA AGOSTINHO SARTORI1; RENAN BORGES INACIO1; ARNALDO SOTERO LUZ SOUZA1; FERNANDA TAMARA NEME MOBAID AGUDO ROMÃO1

1.FAEF, LUIZIANIA, SP, BRASIL.

e-mail:ftnmaromao@gmail.com

Resumo:

O sarcóide equino é a neoplasia cutânea com maior frequência em equinos, não tendo predileção por raça, sexo, pelagem ou idade. A etiologia ainda não é completamente definida, a associação do papiloma vírus bovino (PVB-1 e

PVB-2) parece ser um fator predisponente para o sarcóide. As lesões são mais comuns na face, membros e abdômen ventral. As lesões podem ser classificadas através de sua aparência macroscópica, podendo ser fibroblástica, papilomatosa, nodular, mista ou oculta. O diagnóstico pode ser clínico tendo sua confirmação através de biópsia, já o tratamento é complicado devido às recidivas frequentes. Os tratamentos que usualmente são empregados são as imunoterapias como a hemoterapia e vacinas autógenas, uso tópico de antiviral como o aciclovir, quimioterápicos como imiquimode, ou quando possível e a região apresentar margem cirúrgica, a ressecção com sessões de criocirurgia para remoção da neoformação. O presente trabalho tem por objetivo relatar um caso de sarcóide equino, juntamente com a terapêutica de sucesso com o uso da planta Euphorbia tirucalli. Foi atendido no Hospital Veterinário de Grandes Animais da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral- FAEF, um equino fêmea, da raça quarto de milha, com 9 anos de idade, pelagem alazã, pesando 450 kg, o animal era mantido a pasto juntamente com bovinos. Segundo o proprietário há aproximadamente 6 meses antes da entrada ao HV o animal começou a apresentar lesões na pele, principalmente na região inguinal que não regrediam. Na chegada ao HV, após exame clínico o diagnóstico de sarcóide foi estabelecido. Apresentava as seguintes características: na comissura medial do olho direito e no ramo da mandíbula sarcóide nodular, na região inguinal direita, aspecto fibroblástico com cerca de 16 cm de diâmetro. No tratamento optou-se pelo uso da planta Euphorbia tirucalli (avelós), devido a custos. Foi realizada a aplicação da seiva da planta, diluída em água de injeção intralesional no sarcóide da região inguinal direita, apresentando dor e edema nos 3 primeiros dias, e nos dias posteriores apresentou necrose de grande parte da proliferação, a lesão regrediu para aproximadamente 6 cm. Reaplicações foram realizadas a cada 15 dias, totalizando 4 aplicações. Após, foi realizada a aplicação tópica da seiva da planta diluída em mucilagem, e em aproximadamente 2 meses apresentou total regressão da lesão. Nas outras lesões foi usada apenas a aplicação tópica da seiva da planta todos tendo regressão moderada. Os efeitos colaterais da aplicação intralesional foram edema e dor no local da aplicação, já os efeitos colaterais da aplicação tópica foram apenas leve irritação no local. Nota-se também que na forma fibroblástica a resposta a aplicação tópica e intralesional da planta foi melhor que no tipo nodular. Apesar do tratamento tópico e intralesional com a seiva da planta Euphorbia tirucalli (avelós) ser pouco descrito, e ainda não se ter doses ou formas de aplicação bem instituídas, a aplicação intralesional e tópica se mostra eficiente, de baixo custo, sem recidivas, tornando-se uma opção viável de tratamento para o sarcóide do tipo fibrosblástico equino.

Palavras-chave: Avelós; neoplasia cutânea; papilomavirus

199. TRATAMENTO DE ÚLCERA INDOLENTE EM EQUINO

JOAO CARDOSO DE MELO*1; VERA CARDOSO DE MELO2; BRUNO FAGUNDES3

1.ANCLIVEPA -SP, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 2.INSTITUTO MUNICIPAL DE MEDICINA VETERINÁRIA JORGE VAITSMAN, RIO DE JANEIRO, RJ, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE IGUAÇU, ITAPERUNA, RJ, BRASIL.

e-mail:jcmvet@hotmail.com

Resumo:

Após solicitação de um munícipe de Quissamã/RJ, foi realizada uma visita para a avaliação das condições oftálmicas de um equino que apresentava blefaroespasmo grave e muita dor no olho esquerdo. O animal foi submetido a exame oftalmológico para diagnostico e devidamente medicado. O objetivo deste trabalho é descrever o tratamento de uma úlcera indolente em um equino de raça quarto de milha com dois anos de idade. A importância deste relato deriva do fato da úlcera indolente configurar uma condição que pode acarretar comprometimento visual e dor. Após inspeção visual, fez-se uso de fluoresceína em strips para confirmação da suspeita de úlcera corneana e uma úlcera indolente com descolamento de grande parte do epitélio corneano foi obsevarda. Como o uso de medicação tópica não se mostra tão eficiente quanto sua associação com o debridamento com a broca de diamante, pois este remove todo o tecido epitelial morto, acelerando a reepitelização corneana, no dia 0, realizou-se um debridamento com broca de diamante. Paralelamente, instituiu-se tratamento com soro autólogo refrigerado renovando-se a cada três dias e colírios a base de moxifloxacino (Vigamox) e de ácido hialurônico (Hyabak), ambos de 4/4 horas por 14 dias, com revisões nos dias 07 e 14. O animal foi mantido confinado para facilitar o tratamento e evitar possíveis traumas e complicações. A avaliação clínica no dia 07 constatou melhora significativa com reepitelização de grande

parte da córnea. No dia 14, a reepitelização foi reputada completa e observou-se que a transparência da córnea foi restabelecida. A abordagem proposta mostrou-se eficiente para o tratamento de úlcera indolente em equino e no final dos 14 dias de acompanhamento, a reepitelização estava completa e a transparência totalmente preservada. Este trabalho tem o apoio da Prefeitura Municipal de Quissamã/RJ.

Palavras-chave: úlcera; córnea; oftalmologia

200. TREPANAÇÕES DO SEIO FRONTAL REALIZADAS A CAMPO: RELATO DE DOIS CASOS

HEITOR DOURADO SIMOES*1; ROBERTO PIMENTA DE PÁDUA FOZ FILHO2; FELIPE GARCIA TOSTA3; GUSTAVO PEREIRA ROCHA1; FABIO FEITOSA1; MARCOS VINICIOS FEITOSA1

1.MÉDICO VETERINÁRIO AUTÔNOMO, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.PROFESSOR DO CURSO DE M. VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI- UAM, JUNDIAI, SP, BRASIL; 3.ALUNO DO CURSO DE M. VETERINÁRIA DA FACULDADE DE JAGUARIÚNA- FAJ, JAGUARIUNA, SP, BRASIL.

e-mail:heitor_dourado_simoes@hotmail.com

Resumo:

As sinusites correspondem à inflamação dos seios paranasais, geralmente causadas por infecções bacterianas, associadas ou não a problemas dentários ou etiologias secundárias, como o trauma. Algumas fraturas faciais cicatrizam espontaneamente, porem a falha no seu tratamento pode gerar sinusites, sequestro ósseo, deformidade facial, fistulas e adelgaçamento do septo nasal ou necrose. Fraturas faciais envolvendo os seios paranasais e a cavidade nasal são comuns como resultado direto de traumas, e a cirurgia reconstrutiva deve ser realizada o mais previamente possível, possibilitando melhores resultados. A trepanação permite acesso limitado aos seios paranasais. O procedimento pode ser realizado com o animal em estação e devidamente sedado, permitindo exames diagnósticos ou procedimentos terapêuticos, tais como: endoscopia, aspirações, lavagens, biópsias, repulsão ortodental e número reduzido de procedimentos cirúrgicos. Duas fêmeas meio sangue PSI com idade entre 4 e 6 anos utilizadas na prática de polo apresentaram sinusite com secreção purulenta por uma narina. No primeiro caso a sinusite foi secundária a infecção do trato respiratório superior, e no segundo caso a sinusite foi secundaria a trauma direto no osso frontal com fratura do mesmo. Ambas foram tratadas na propriedade com antibiótico terapia. Devido à persistência da secreção nasal, mesmo após o tratamento com antibióticos, optou-se pela trepanação para lavagem do seio paranasal frontal, nas propriedades. Com o animal em estação sob sedação com Acepromazina 1% e Xilazina 10%, e infiltração local de Lidocaína a 2%. Procedeu-se na incisão da pele até o periósteo do osso frontal. Foi utilizada uma furadeira para acesso ao seio paranasal frontal. Nas lavagens utilizou-se 10 ml de iodopovidona diluídos em um litro de solução fisiológica. No caso da fratura causada por um coice, o tecido se encontrava espessado e aderido ao periósteo, dificultando a divulsão. Foram removidos 2 pequenos fragmentos. No animal que apresentou infecção prévia do trato respiratório foi instalada uma sonda do tipo peltzer que foi utilizada para lavagem diária do seio frontal por 20 dias, associada ao uso de metronidazol 4g por dia por 7 dias e sulfa +trimetropin oral por 20 dias. Consideramos que a técnica da trepanação com utilização de furadeira na propriedade permitiu o tratamento da afecção. Outra vantagem foi o fato de se evitar o estresse do transporte e troca de ambiente. Como desvantagem consideramos as dificuldades dos procedimentos realizados com o animal em estação e apenas sedado, além das limitações de arsenal terapêutico e de instalações que podemos ter na propriedade, quando comparados ao hospital veterinário.

Palavras-chave: Trepanação; cirurgias em estação; sinusite

201. TUMOR DAS CÉLULAS DA GRANULOSA EM ÉGUA QUARTO-DE-MILHA – RELATO DE CASO

MARCIO TEORO DO CARMO*1; GUSTAVO PULZATTO MERLINI1; GILSON PEDRO AMARAL FILHO2; GUSTAVO HENRIQUE MARQUES ARAUJO3; CARLA FREDRICHSEN MOYA-ARAUJO4

1.UNESP, BOTUCATU, SP, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE DO PARANÁ (UNICENTRO), GUARAPUAVA, PR, BRASIL; 3.UNIVERSIDADE FEDERAL DO GOIÁS, JATAÍ, GO, BRASIL; 4.UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE, GUARAPUAVA, PR, BRASIL.

e-mail:carlafredrichsen@yahoo.com.br

Resumo:

O tumor das células da granulosa é uma neoplasia benigna, unilateral que pode ocorrer em animais jovens, mas a incidência aumenta com idade. Foi atendida uma égua, doadora de embrião, quatro anos de idade, Quarto-de-Milha, com histórico de anestro prolongado. O proprietário relatou que o animal estava no programa de transferência de embrião, porém ainda acíclica. Na propriedade há uma filha dessa égua, com quatro meses de idade apenas. Ao exame clínico não foram observadas alterações significativas. No exame do genial interno detectou-se aumento de volume em ovário esquerdo, com aspecto nodular e direito hipotrofiado. Na ultrassonografia havia presença de várias estruturas císticas, não sendo possível mensuração ovariana total. Colheu-se sangue para dosagem hormonal. Valores obtidos de estrógenos totais = 6,16 pg/mL, progesterona = 0,01 ng/mL e testosterona79 pg/mL. Os níveis de estrógeno e progesterona são compatíveis com animais em anestro, contudo a concentração de testosterona estava elevada, uma vez que os valores de referência para fêmeas é < 50pg/mL. A literatura relata que em éguas o tumor das células da granulosa pode estar associado ao anestro ou ninfomania dependendo da produção hormonal, e que muitas vezes há associação das células da teca, podendo ser verificado níveis de testosterona elevados. Esses dados são compatíveis com o caso em questão. O diagnóstico de tumor das células da granulosa baseou-se no histórico, avaliação ultrassonográfica e dosagem hormonal. A terapêutica empregada foi ovariectomia unilateral, via flanco. O animal no momento está em observação para avaliação da ciclicidade na próxima estação de monta.

Palavras-chave: Fisiopatologia; reprodução; enfermidade ovariana

202. ÚLCERA DE CÓRNEA EM EQUINO - RELATO DE CASO

ANTÔNIO CATUNDA PINHO NETO*1; ELEN MAIZA SOUZA SENA2; JOSÉ IVAN CAETANO FERNANDES FILHO3; CAMILA GOERSCH BARROSO4; HELOÍSA DE PAULA PEDROSA1; RODRIGO MARTINS RIBEIRO1; OCELIO PEREIRA DA SILVA5

1.UFMG, BELO HORIZONTE, MG, BRASIL; 2.UNIPAC, CONSELHEIRO LAFAIETE, MG, BRASIL; 3.FACULDADE CISNE, QUIXADÁ, CE, BRASIL; 4.UECE, FORTALEZA, CE, BRASIL; 5.VETNIL, FORTALEZA, CE, BRASIL.

e-mail:antoniocatunda@hotmail.com

Resumo:

Apesar de ser uma das enfermidades mais comuns da oftalmologia equina, a úlcera de córnea é um dos problemas mais desafiadores na clínica médica de equinos, pois o sucesso no tratamento é menos frequente quando comparado a outras espécies. Os olhos proeminentes dos equinos favorecem os acidentes traumáticos, sendo esta a causa principal para o desenvolvimento da ulceração corneana, portanto, as infecções secundárias devem sempre ser consideradas. Os sinais clínicos comumente apresentados são epífora, blefaroespasmo, fotofobia, edema de córnea, hiperemia conjuntival e, possivelmente, miose. O diagnóstico da úlcera corneana é feito por meio dos sinais clínicos e da retenção do corante de fluoresceína que auxilia na identificação da extensão da úlcera corando o epitélio lesado na tonalidade verde brilhante. Foi atendido uma égua, com 2 meses de gestação, pelagem preta, 5 anos de idade, da raça Mangalarga Machador. Foi relatado que o animal apresentava uma mancha arredondada branca no olho esquerdo, com um histórico de que a lesão ocorreu durante o transporte do animal de Recife-PE para Cascavel-CE. Ao exame clínico de inspeção foi observado presença de ectoparasitas, escore corporal 2, lesões no chanfro, região do masseter. Ao exame oftálmico, ficou constatado que a paciente apresentava blefaroespasmo, blefarite, alta sensibilidade a luz e edema corneano focal, no globo ocular esquerdo. Em virtude da escassez de recursos apropriados para um diagnóstico preciso, este animal foi tratado como um caso de úlcera de córnea. Foi instituída terapia por via tópica com 1ml de soro sanguíneo do próprio animal após ser heparinizado, 3 vezes por dia, 1ml de sulfato de condroitina A associado ao sulfato de glucosamina (Condroton®), 1 vez por dia e pomada oftálmica

a base de gentamicina, hidrocortisona, vitamina A e D (Keravit®), 3 vezes por dia, aplicados na pálpebra inferior e massageados para que abrangessem toda a superfície do olho. Após 48 horas de tratamento o animal apresentou melhora significativa da lesão ocular e em 7 dias a remissão completa de todos os sintomas e sinais apresentados. No relato apresentado o diagnóstico foi baseado nos sinais clínicos, que condizem com a lesão. A úlcera de córnea pode ser caracterizada de acordo com a área, profundidade e a presença ou ausência de infiltração celular, sendo classificadas como não complicadas ou complicadas. O tratamento da úlcera corneana sem complicações abrange o controle da dor e da inflamação, a eliminação ou a prevenção de infecções e a profilaxia de complicações secundárias. A cicatrização ocorre por migração e mitose das células epiteliais adjacentes e pode estar completa de 2 a 6 dias, dependendo do tamanho da lesão. O uso do Condroton® teve o intuito de fornecer substrato para a regeneração corneal. A pomada Keravit®, possui em sua formulação a gentamicina, um antibiótico de amplo espectro que possui excelente penetração no tecido córneo, as vitaminas A e D que favorecem o crescimento do ceratócitos, auxiliando no processo de cicatrização e remodelação da lesão, o corticoide diminui a vascularização e, portanto, o transporte de células inflamatórias e a atividade fibroblástica, inibindo a formação de cicatrizes hipertóficas, queloide e edema. Apesar de potencializar a colagenase e diminuir o mecanismo de resistência contra infecções, o critério adotado para o seu uso foi a total cicatrização da córnea. A aplicação tópica de soro autógeno heparinizado foi utilizado no protocolo da terapia por auxiliar o processo de cicatrização do epitélio corneano. As enzimas com ação antiproteolíticas presentes no soro, inibem a ativação e produção de proteases e colagenases que degradam o colágeno, principal proteína da matriz celular ocular. O protocolo adotado foi eficaz para o tratamento de úlcera de córnea, demonstrando uma resolução completa da lesão após 7 dias da terapia instituída.

Palavras-chave: Ulceração corneana; cavalo; olho

203. USO DE OPIOIDES POR MEIO DE CATETER EPIDURAL EM EQUINOS: ESTUDO RETROSPECTIVO

SÉRGIO GRANDISOLI GARCIA FILHO*1; ALINE MOTA ENGBRUCH2; ALINE MAGALHÃES AMBRÓSIO2; FELIPE SILVEIRA REGO MONTEIRO ANDRADE2; JULIO DAVID SPAGNOLO2; LARA LOPES FACO2; ROSANA SOUZA THURLER DOS SANTOS2; DENISE TABACCHI FANTONI2

1.FM, SÃO PAULO, SP, BRASIL; 2.FMVZ-USP, SÃO PAULO, SP, BRASIL.

e-mail:sergio_grandisoli@hotmail.com

Resumo:

O uso de opioides é indicado para tratamento de dores moderadas à intensas, entretanto em equinos há muita resistência ao emprego desses fármacos devido a possibilidade de hipomotilidade com risco de cólicas, assim como receio da ocorrência de excitação. Entretanto, seu uso por via epidural promove analgesia por maior período e reduz a incidência de efeitos colaterais sistêmicos. O cateter epidural permite administração seriada de fármacos por essa via, sendo indicado em quadros em que o estimulo doloroso persiste por longo período. Com o objetivo de verificar a eficácia, segurança da técnica e período de permanência do cateter, realizou-se o levantamento das fichas clínicas de equinos internados no Hospital Veterinário da FMVZ-USP, no período entre fevereiro de 2013 a fevereiro de 2017, que utilizaram cateter epidural, as quais foram avaliadas quanto a enfermidade primária, período de permanência do cateter, causa de remoção, fármacos utilizados, eficácia do tratamento utilizando a escala visual analógica (VAS) com notas de 0 à 10, sendo de 0 a 3 considerada dor leve, de 4 a 7 moderada e de 8 a 10 intensa, além da ocorrência de complicações como prurido, infecção, inflamação local, obstrução ou quebra do cateter. Ao todo foram analisados oito casos, sendo um de excisão de neoplasia com realização de eletro-quimioterapia em membro pélvico esquerdo (MPE), um caso de artrite séptica em metatarso-falangeana de MPE, dois de artrite séptica em tarso-metatársica em membro pélvico direito (MPD), um de tenossinovite séptica em MPD, um caso de fratura de metacarpo em MPD, um de fratura na tíbia e um caso de mastectomia. A média de permanência do cateter foi de 19 dias, com variação entre 3 e 38 dias. Em relação às complicações verificou-se leve prurido após a administração do opioide por esta via em um animal e deslocamento do cateter no mesmo paciente, em dois animais houve obstrução do cateter. Outro animal desenvolveu síndrome cólica durante o período de tratamento, com um quadro de compactação gástrica, porém deve-se relatar que este animal também estava recebendo outras medicações como anti-inflamatórios não esteroidais. Dentre as causas de remoção em um caso houve

deslocamento do cateter, dois animais foram eutanasiados com o cateter epidural, em três casos houve a remoção após a resolução da afecção e em dois animais ocorreu obstrução do cateter. Em todos os animais foi administrado morfina, com a dose variando entre 0,1 a 0,2mg/kg de uma a duas vezes por dia e apenas em um caso administrou-se fentanil concomitantemente. Quanto à avaliação da eficácia em dois casos de artrite séptica e no caso da fratura de metacarpo não houve redução evidente do escore de dor nos dias posteriores à colocação do cateter epidural, enquanto no caso da mastectomia ocorreu redução de dor moderada para sem dor, dois casos houve redução do grau de dor intensa para moderada e em 2 casos não haviam dados suficientes para esta avaliação. Corroborando com a literatura em cães e humanos, a morfina não foi suficiente para tratamento de dores intensas, sendo indicado associação com opioides mais potentes como fentanil. Neste estudo o uso do cateter epidural para administração de opioide demonstrou-se seguro por períodos prolongados, uma vez que houve baixa incidência de complicações, entretanto foi efetivo apenas para 50% dos animais analisados, demonstrando que o uso de opioides por via epidural é uma ferramenta viável para o tratamento da dor, entretanto, principalmente nas dores intensas o tratamento é complexo e deve ser realizado de forma multimodal.

Palavras-chave: Analgesia; cavalos; opióides

204. USO DE PAPAÍNA NA CICATRIZAÇÃO DE FERIDA EM UM EQUINO

ANNA CHRISTINA SCHMITZ*1

1.UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA UNISUL, ANITAPOLIS, SC, BRASIL.

e-mail:anna.schmitz88@hotmail.com

Resumo:

Os cavalos são constantemente acometidos por feridas, pois em seu habitat natural são presas e estão sempre prontos para fugir diante de ameaças. Este comportamento natural dos equinos os tornam animais propensos a ferimentos, principalmente na região distal dos membros. Estas feridas são consideradas de difícil cicatrização por conta dos movimentos das articulações, má circulação e espessura mínima dos tecidos moles e também por haver maior risco de contaminação devido a sua proximidade com o solo. A papaína, proveniente do látex do mamoeiro Carica papaya, pode ser uma alternativa para o tratamento de feridas. Ela é uma proteína que contém enzimas proteolíticas e peroxidases que degradam proteínas em aminoácidos do tecido desvitalizado e da necrose, sem alterar o tecido sadio, isso devido a ausência de uma anti-protease plasmática, a α1-anti-tripsina, que impede a ação proteolítica da enzima em tecidos sadios, acelerando o processo de cicatrização. O objetivo deste trabalho foi utilizar pomadas a base de papaína na cicatrização de uma ferida na falange proximal do membro pélvico direito de um equino, a fim de realizar a remoção de tecido necrótico e promover a aceleração da cicatrização. O presente trabalho descreve o uso de papaína creme, nas concentrações de 2% e 4%, no tratamento de ferida aberta, lacerada, contaminada e de grau IV no membro pélvico direito de um equino de 15 meses, macho, raça Crioula, 100kg. Havia presença de míiase e um arame enrolado na região da falange proximal do membro pélvico direito. Ao passo não apoiava o membro no chão. Foi observado o rompimento do ligamento extensor digital comum. A ferida foi limpa com líquido de Dakin e iodo degermante, aplicou-se a pomada a base de nitrofurasona, em seguida a região foi envolvida por algodão e atadura. Foi administrado por via intramuscular 5ml de soro antitetânico. Foi aplicado 10.000UI/kg de penicilina procaína, flunexin meglumine na dose de 1mg/kg. No quarto dia a pomada a base de nitrofurasona foi substituída por papaína creme a 4% em aplicações diárias para retirar o tecido necrótico e fibrina presente na ferida. No sétimo dia iniciou a aplicação diária de papaína creme a 2%, como acelerador do tecido de granulação nas áreas sem a presença de fibrina. A partir do 35º dia o tratamento foi realizado somente com a papaína a 2%, até o 60º dia, pois não havia mais áreas de necrose presentes na ferida. A partir da utilização da pomada a base de papaína, nas concentrações adequadas para a fase da cicatrização em que a ferida se encontrava, aos 70 dias de tratamento a ferida estava cicatrizada, sem tecido de granulação exuberante. O equino voltou a apoiar o membro pélvico direito no chão e não apresentava claudicação. O valor gasto com as pomadas a base de papaína em todo o tratamento foi de R$40,00. Ferimentos no aparelho locomotor dos equinos são rotineiros e de difícil prevenção. A cicatrização costuma ser lenta e geralmente ocorre formação excessiva de tecido de granulação. Neste contexto, a cicatrização por segunda intenção se torna um desafio ao Médico Veterinário. Existem muitas

formulações tópicas para este fim, porém muitas são ineficazes e caras. A retirada de tecidos desvitalizados é de fundamental importância na cicatrização de feridas, pois a presença de tecido inviável, que abriga, aquece e estimula a proliferação de microorganismos, retardam a regeneração do tecido e podem propiciar episódios artrite infecciosa e até mesmo sepse. Mesmo que a reparação tecidual seja um processo sistêmico, é muito importante favorecer condições locais a partir de terapias tópicas. A papaína, além de desbridar a ferida, acelerar a limpeza e o processo de cicatrização, promove o alinhamento das fibras que compõem o colágeno, proporcionando o crescimento uniforme, resultando em uma cicatriz mais plana. A Papaína surge como um eficiente tratamento e de baixo custo, atuando como desbridante e estimulante do processo de cicatrização de feridas.

Palavras-chave: Carica papaya; papaína; cicatrização

205. USO DE "TAMANCO" DE MADEIRA COM PROLONGAMENTO ANTERIOR, E POSTERIOR COM LASTRO, NO TRATAMENTO DE LACERAÇÃO DE TENDÕES EXTENSORES EM UM EQUINO: RELATO DE CASO

GUILHERME MAIA MULDER VAN DE GRAAF*1; FERNANDA TAMARA NEME MOBAID AGUDO ROMÃO2; PAULO HENRIQUE DOS SANTOS CASTRO2

1.FMVZ - USP, SAO PAULO, SP, BRASIL; 2.FAEF, GARÇA, SP, BRASIL.

e-mail:mv.guilhermegraaf@yahoo.com.br

Resumo:

As lacerações de tendões extensores ocorrem frequentemente em casos de feridas traumáticas, sendo que a ocorrência dessas lacerações é muito maior no membro pélvico (até 90% dos casos), devido a conformação desses membros e a forma de flexão do tarso, que concentra a tensão do material que está prendendo o membro, como cordas e arames, na região dorsal do terceiro osso metatarsiano, principalmente em seu terço proximal. O animal acometido por laceração de tendão extensor pode não manifestar alteração na elevação do membro, caso apenas o tendão extensor digital lateral esteja comprometido, entretanto nos casos de laceração do tendão extensor digital longo é observada incapacidade de extensão do dígito, fazendo com que a região dorsal do casco toque o piso ao fim de cada passo, e não sua porção plantar. Essa alteração da locomoção pode predispor o eqüino a "emboletamentos", que podem levar a feridas dorsais sobre a articulação do boleto, luxação da mesma e ainda deformidade flexural adquirida. Tradicionalmente as talas rígidas de PVC posicionadas sobre penso de "Robert Jones", na região dorsal do membro, associados a tratamento da ferida traumática são recomendados no início do tratamento, entretanto essa estratégia terapêutica pode falhar em permitir a movimentação normal do boleto, levando à deformidade flexural adquirida metatarso-falangeana, além das dificuldades inerentes à colocação freqüente de talas em eqüinos. Esse relato de caso tem o objetivo de mostrar uma opção terapêutica de fácil aplicação, baixo custo e que proporciona bons resultados em equinos com lacerações de tendões extensores digitais longos. Um equino macho quarto de milha de 8 anos de idade foi atendido no Hospital Veterinário de Grandes Animais da FAEF, na cidade de Garça – SP, com ferida lacerada ocorrida na noite anterior, localizada na região dorsal do osso terceiro metatarsiano esquerdo, entre terço médio e distal do metatarso, com exposição óssea. Durante a avaliação dessa ferida foi possível observar laceração completa dos tendões extensores digitais longo e lateral, e incapacidade de extensão do dígito, com apoio na muralha dorsal do casco que progredia para apoio na extremidade distal do osso terceiro metatarsiano. O atendimento inicial foi feito com debridamento da ferida, confecção de penso de "Robert Jones" e colocação de tala dorsal em PVC rígido fixada com esparadrapos. Também foi realizada antibioticoterapia com ceftiofur (5 mg/kg, a cada 24 horas por 10 dias) terapia antiinflamatória com flunixin meglumine (1,1 mg/kg, a cada 24 horas por 5 dias) e aplicação de duas ampolas de soro antitetânico. No quinto dia após o trauma inicial foram confeccionados "tamancos" de madeira de 20 mm de espessura, fixados aos cascos com parafusos de 4x40 mm através de furos de 4 mm nas muralhas de ambos os membros posteriores. No membro acometido o tamanco fixado possuía um prolongamento anterior de 40 mm com rolamento da parte de baixo e prolongamento posterior de 100 mm onde foi colocado peso metálico de aproximadamente 600 gramas. A finalidade desse "tamanco" era de mimetizar as ferraduras com prolongamento e também peso posterior que ja vêm sendo aplicadas no tratamento de lacerações de tendões extensores. A ferida foi tratada por segunda intenção sem qualquer complicação da mesma.

Após a colocação desse "tamanco" o animal passou a apresentar apoio normal do casco, sem mais episódios de "emboletamento", enquanto era mantido em piquete gramado da 100 m2. Após 3 meses de tratamento da ferida e manutenção do "tamanco" o equino mostrou retorno à função extensora podendo se locomover normalmente em liberdade. O uso do "tamanco" com prolongamentos anterior, e posterior com lastro é efetivo para evitar o apoio dorsal do casco e distal do metatarso "emboletamento" nos equinos acometidos por laceração de tendão extensor digital longo, e representam uma alternativa de baixo custo e fácil aplicação.

Palavras-chave: Ruptura tendão extensor; ferrageamento corretivo; membro pélvico

206. USO DO EXTRATO DE PAPAÍNA A 5% NA CICATRIZAÇÃO DE FERIDA CUTÂNEA EM EQUINO – RELATO DE CASO

SUYAN BRETHEL DOS SANTOS CAMPOS*1; ANA KAROLINA CAMARGO1; PAULO RICARDO PEREIRA ALMEIDA DE OLIVEIRA2; THAÍS DE LIMA FELIPE3; VICTORIA DIAS CARLOS DOS SANTOS3; ROBERTA LOURRANA GONÇALVES CARDOSO3; GABRIELLA SILVA CAMPOS4

1.SAÚDE RURAL, GOIÂNIA, GO, BRASIL; 2.UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA, DF, BRASIL; 3.FACULDADE OBJETIVO/ IUESO, GOIÂNIA, GO, BRASIL; 4.DROGAVET, GOIÂNIA, GO, BRASIL.

e-mail:sauderuralvet@gmail.com

Resumo:

O tratamento de feridas cutâneas são uma rotina na clínica de veterinários que trabalham com equinos. Em geral, a cicatrização de feridas apresenta um prognóstico favorável, porém algumas particularidades que podem tornar esse processo complicado e demorado. Existem disponíveis diversas formulações alopáticas para o tratamento das feridas, porém podem contribuir para o retardo na contração da ferida, epitelização e reparação tecidual. O uso de fitoterápicos como a papaína que é uma enzima de origem vegetal extraída do látex do mamão (Carica papaya), vem sendo utilizada para o auxílio nos processos de cicatrização tecidual, em função do seu poder bactericida, bacteriostático e debridante seletivo de tecidos necrosados, desvitalizados e infectados. O objetivo deste trabalho é relatar um caso de cicatrização de ferida cutânea, em um equino tratado com o uso de pomada a base de extrato de papaína a 5% atendido na clínica Saúde Rural localizada na cidade Goiânia – GO. Foi atendido no dia 16/02/2017 um equino da raça Quarto de milha, fêmea, 1 ano de idade. O animal apresentava laceração na região do peitoral que media, aproximadamente, 9cm x 6cm com a ruptura parcial das fibras do músculo peitoral descendente. O tempo percorrido entre o acidente na propriedade e a chegada a clínica era de 10 horas. Realizou-se a sedação com Detomidina na dose de 20µg/Kg via EV, bloqueio loco-regional com Lidocaína 2% e síntese da ferida com fio de Nylon nº0 em padrão Wolff captonado. Foram administrados Enrofloxacina por via oral na dose de 5mg/kg, 1 vez ao dia, durante 7 dias; soro antitetânico por via IM em dose única; Fenilbutazona por via EV na dose de 4,4mg/kg, 1 vez ao dia durante 3 dias. Curativo da ferida diariamente com uso de clorexidina tópica e aplicação de Spray repelente. Após 5 dias ocorreu deiscência da ferida e foi observada a presença de secreção purulenta. Foram retirados os pontos e os bordos reavivados para que a cicatrização ocorresse por segunda intenção. Iniciou-se a aplicação da pomada manipulada a base de extrato de papaína a 5% (Drogavet, Goiânia, GO), após a limpeza da ferida com solução fisiológica, 1 vez ao dia. A pomada era conservada sob refrigeração. Após o estabelecimento do tratamento com o uso da pomada fitoterápica observou-se a ausência de secreção, o que dispensou a continuidade do tratamento com antibiótico sistêmico. A retração dos bordos da ferida seguiu de maneira concêntrica, sem a formação de tecido de granulação. A cicatrização completa da ferida foi observada após 7 dias do início do tratamento. Apesar da realização da sutura na região peitoral, o tempo prolongado entre o acidente na propriedade e a chegada à clínica contribuiu para a contaminação da ferida, mesmo com o uso de antibiótico sistêmico e AINE, a deiscência da ferida cirúrgica foi inevitável. O uso da pomada a base de papaína a 5% contribuiu para o controle do exsudato inflamatório infeccioso, que é um dos principais fatores que interferem na cicatrização de feridas, fato este observado ao início do tratamento e que persistiu até a alta do animal. Há indicações do uso do extrato de papaína em diversas concentrações, de acordo com a fase do processo cicatricial e características da lesão. A escolha da concentração da pomada a 5% deu-se em razão da presença de exsudato purulento e ausência de tecido de granulação. Sua conservação em geladeira diminui os riscos de deterioração e instabilidade da enzima. O processo

cicatricial sofreu grande avanço após o início da fitoterapia, contribuindo para manter a estética da região peitoral do paciente tratado, sem a observação de efeitos colaterais. O uso de pomadas manipuladas a base do extrato vegetal da papaína, torna-se uma alternativa viável para a cicatrização de feridas cutâneas em equinos, principalmente as que se mostram contaminadas. Esta alternativa diminui o tempo de internação e consequentemente os custos relacionados ao tratamento.

Agradecimentos: Villa Cavalcare, Drogavet.

Palavras-chave: Carica papaya; cavalo; ferimento

207. UTILIZAÇÃO DE ESTIMULAÇÃO ELÉTRICA (NEURODYN®) EM FERIDAS SUPERFICIAL E PROFUNDA NOS MEMBROS PÉVICOS DE POTRA QUARTO-DE-MILHA - RELATO DE CASO

GUSTAVO HENRIQUE MARQUES ARAUJO*1; ANNA BEATRIZ BORGES DE CARVALHO1; GLAUCIANO ASSIS OLIVEIRA1; JÉSSICA BUENO GUIMARÃES1; KAMILLA FERREIRA TAVARES1; RHAVILLA SANTOS DE OLIVEIRA1; CARLA FREDRICHSEN MOYA-ARAUJO1; JULIA DE MIRANDA MORAES1

1.UFG - REJ, JATAI, GO, BRASIL.

e-mail:gustavoaraujovet@gmail.com

Resumo:

A pele é um órgão com múltiplas funções, além de atuar como barreira de proteção, mantem a termorregulação e o equilíbrio hemostático. A perda da integridade da pele pode ser causada por trauma físico, químico, mecânico ou ainda afecções clinicas. Quando há uma lesão, o processo de cicatrização instala-se com o propósito de restaurar a integridade do tecido, dependendo de uma coordenada cascata de eventos bioquímicos e celulares. O processo que envolve a cicatrização independe do evento desencadeante, sendo basicamente dividido em cinco fases: coagulação, inflamatória, proliferativa, contração e remodelamento. A fase de contração, tem como finalidade reduzir as dimensões da ferida, mediada principalmente por miofibroblastos. Este processo resulta em cicatrização mais rápida, sendo determinante na recuperação de extensas áreas lesadas. Atualmente diversas terapias são empregadas com a finalidade de acelerar o processo cicatricial. A estimulação elétrica de alta voltagem (EEAV) tem se mostrado eficiente no auxilio do reparo de lesões cutâneas. Acredita-se, que a estimulação elétrica possa acelerar o processo de cicatrização de feridas ou reinicia-lo, por transcrever corrente elétrica, a qual, é interrompida quando a pele é lesada. Objetivou-se avaliar o reparo tecidual utilizando EEAV em uma lesão superficial e, em uma lesão profunda. Foi atendida uma égua, 11 meses, apresentando lesões cutâneas advindas de acidente em cerca de arame liso. No membro pélvico direito (MPD) a lesão era superficial, no entanto, de grande extensão, localizada na região cranial da articulação do jarrete. A lesão do membro pélvico esquerdo (MPE), atingia o terço médio do metatarso, de caráter profunda, expondo medialmente o osso. O tratamento instituído envolveu a limpeza das feridas e duas sessões de perfusão regional com gentamicina intervaladas de 5 dias, com gentamicina (2,2mg/kg, 20mL de volume total, IV). Para o auxílio do processo de cicatrização, foi utilizado nas duas lesões o aparelho Neurodyn High Volt® (Hibramed – Amparo-SP). Este aparelho utiliza corrente pulsada de alta voltagem, e uma corrente com pulsos gêmeos de alta amplitude e curta duração. O formato de onda é monofásica, a alta voltagem causa uma diminuição da resistência da pele tornando a corrente confortável e tolerável. O aparelho disponibiliza três protocolos pré-programados, optou-se pelo protocolo 3, indicado para lesão cutânea infectada, arterial ou venosa. Os parâmetros utilizados foram: modo continuo, freqüência 100 Hz, tempo de tratamento 30 minutos, intensidade 180 Volts. Os eletrodos dispersivos foram posicionados acima da lesão, e os eletrodos condutivos de borracha ao lado da lesão. As sessões de eletro-estimulação tiveram duração de 30 minutos, realizada duas vezes por semana, totalizando 8 sessões. Semanalmente, as feridas foram fotografadas e analisadas utilizando o programa de análise de imagem Image J, para objetivamente calcular-se a área da lesão e sua redução ao longo do tempo da terapia. Na primeira semana a lesão do MDP tinha uma área total de 30,288 cm² e a lesão do MPE 28.531 cm². Ao final das sessões a ferida do MDP estava com 19.835 cm², e a MEP 12.263 cm², redução de 65,4% e 42,9% da área lesionada, respectivamente. O uso do EEAV, causou uma rápida modulação do tecido de granulação local, promovendo uma excelente retração das bordas, com boa epitelização tecidual. Essa taxa acelerada de recuperação se deve ao aumento da microcirculação

e alterações eletroquímicas no local da lesão. Neste estudo pôde-se comprovar a eficácia terapêutica do EEAV, como um método não invasivo, seguro e eficaz para diminuir o tempo do tratamento de lesões superficiais e profundas nos membros de equinos.

Palavras-chave: Lesões cutâneas; estimulação elétrica de alta voltagem; cicatrização

208. UTILIZAÇÃO DO PERSEA MAJOR (PAU DE ANDRADE) EM FERIDA DE EQUINO

LUANE CAMARGO ZENI*1; PEDRO LARA1; EROS LUIS DE SOUSA1; PEDRO VICENTE MICHELOTTO JR.1; LUCIANA DORIA RIBEIRO CABRAL1

1.PUCPR, CURITIBA, PR, BRASIL.

e-mail:luanezeni@yahoo.com.br

Resumo:

A Persea major, popularmente conhecida como Pau-de-Andrade ou Pau-Andrade, tem um grande potencial de bioatividades. O Pau-de-Andrade pertence à família Lauraceae, com distribuição ampla no estado do Paraná. Contudo, o uso do dessa planta é restrito às comunidades tradicionais, as quais detêm o conhecimento empírico da utilização para o tratamento de feridas e distúrbios gástricos. Diariamente, os médicos veterinários atendem pacientes com diversos tipos de lesões, ferimentos, sendo necessária a escolha da melhor forma de tratamento, para que ocorra a reparação tissular e, cuja aplicação da terapêutica, depende da localização do ferimento, grau de lesão tecidual, tipo de secreção e de cicatrização observada. Por não se encontrar vasta literatura sobre a utilização da P. major em manejo de feridas, objetivou-se avaliar o seu uso durante o processo de cicatrização em uma ferida linear localizada na face plantar da falange proximal do membro posterior esquerdo (MPE) de um equino. Um equino macho, sela-holandesa, 12 anos, 600 kg, foi atendido na Unidade Hospitalar de Animais de Fazenda e Equinos - PUCPR, apresentando um corte linear com 12 cm de comprimento e 2 cm de profundidade, na região plantar da quartela de MPE. Durante a inspeção da ferida constatou-se a presença de secreção purulenta, grande sensibilidade à palpação e sinais locais de inflamação. Ao exame clínico, o animal não apresentou alterações nos parâmetros vitais. Foi realizado a tricotomia ao redor da lesão, em seguida a limpeza da ferida com solução fisiológica 0,9% NaCl com posterior secagem utilizando gaze estéril. Para os curativos, com auxílio de luva estéril, foram utilizados a mucilagem da casca da árvore, obtida somente através da fervura da casca do Pau-de-Andrade com 250 mL de água, em seguida aplicada diretamente na ferida, compressa estéril para cobrir a lesão, algodão hidrófilo e atadura para bandagem. Os curativos eram trocados diariamente, sempre de maneira estéril, a fim de reduzir a contaminação. Este tratamento foi realizado durante o período de 30 dias, para evitar a aderência na bainha dos tendões flexores do MPE, foi realizado fisioterapia com caminhada duas vezes ao dia durante trinta minutos em todos os dias do tratamento. A P. major é muito utilizada pela população em geral para cicatrização de feridas, pois os resultados rápidos e satisfatórios são devidos à presença de taninos na composição da casca, os quais estão diretamente ligados ao processo cicatricial. A utilização de fitoterápicos na clínica de equinos, no manejo de feridas, é muito realizada, contudo, seguindo apenas os conhecimentos empíricos e conhecimento popular. Assim, o emprego do extrato de P. major no processo cicatricial de feridas de equinos ainda possui um campo aberto para estudos. A casca apresenta alto caráter mucilaginoso em contato com a água. Quando em presença de água as mucilagens incham e tomam um aspecto particular de soluções coloidais ou géis. O uso da mucilagem está relacionado, entre outros efeitos terapêuticos, por sua ação protetora das mucosas inflamadas, impedimento da ação de substâncias irritantes e diminuição dos estados inflamatórios, aliviando a dor. Com isso, durante o tratamento com a utilização da mucilagem, obtida através do Pau-de-Andrade, na ferida do caso exposto, a evolução do processo cicatricial foi notável logo nos primeiros dias de uso, onde a profundidade da lesão reduziu de forma abrupta, sendo notável o reparo da lesão constante. Na última semana do tratamento a ferida já se mostrava em fase final de remodelação, e o animal não demonstrava mais sinais inflamatórios no local, portanto, recebeu alta após 30 dias de tratamento. Com o acompanhamento da lesão durante um mês de tratamento, foi possível concluir que a utilização de Persea major (Pau-de-Andrade) mostra-se eficiente para cicatrização de feridas em equinos. Sendo possível e plausível continuar estudando sobre este fitoterápico e seus benefícios aplicados à clínica de equinos.

Palavras-chave: Fitoterapico; feridas; persea major

209. VENTRILECTOMIA ASSOCIADA À CORDECTOMIA À LASER EM UM EQUINO DE SALTO COM HEMIPLEGIA LARINGEA – RELATO DE CASO

BRUNA PATRICIA SIQUEIRA RAIMUNDO*1; MATHEUS DIAS CUNHA1; JULIO CESAR PAGANELA1; CARLOS EDUARDO MARTINS VEIGA1

1.HORSE CENTER, PETRÓPOLIS, RJ, BRASIL.

e-mail:brunapsr@yahoo.com

Resumo:

A hemiplegia laríngea é uma neuropatia que leva a degeneração do nervo laríngeo recorrente, resultando na atrofia dos músculos intrínsecos da laringe que são inervados pelo mesmo. Com a paralisia da laringe, a abertura e fechamento das cartilagens aritenoides ficam comprometidas, provocam uma redução no lúmen da via aérea e do fluxo do ar, aumentando a resistência durante a inspiração causando comprometimento das trocas gasosas em nível pulmonar levando a queda de performance de cavalos atletas e causando um ruído respiratório durante a expiração pelo deslocamento axial das cordas vocais. O diagnóstico é baseado nos sinais clínicos onde é observado um chiado durante a inspiração, principalmente durante o exercício, além do histórico intolerância ao exercício com de queda de performance. A confirmação é feita através do exame de endoscopia das vias aéreas e observação da perda parcial ou completa da função abdutora na face afetada da laringe. O tratamento é cirúrgico, embora o prognóstico seja reservado, há uma boa porcentagem de sucesso. Um equino, macho, 4 anos, Raça Brasileiro de Hipismo, utilizado em provas de salto foi encaminhado à Clínica Horse Center com histórico de "roncar" durante o exercício. Ao exame de endoscopia em repouso foi constado paralisia da aritenóide esquerda em grau III. O animal foi encaminhado para cirurgia onde foi realizada a ventrilectomia com o objetivo de manter a cartilagem aritenóide afetada em abdução permanente facilitando o fluxo de ar para os pulmões. No outro dia foi realizado a cordectomia à laser, com o animal em estação, afim de aumentar o diâmetro ventral da rima da glote e minimizar o ruído respiratório durante o exercício. O animal recebeu alta no mesmo dia do procedimento e foi prescrito o pós operatório à base de antiinflamatório não esteroidal, antibioticoterapia e curativos locais a base de clorexidine a 2% e clorexidine hidroalcoólico, além de repouso por 30 dias. O retorno do animal para avaliação pós-cirúrgica foi feito com 60 dias. Segundo o proprietário, após a cirurgia o animal não apresentou ruídos respiratórios durante os exercícios e melhorou sua performance respiratória. Foi realizado exame de endoscopia onde foi constado sucesso da técnica de fixação da aritenoide. É descrito na literatura que a ventrilectomia por si só não é capaz de minimizar os ruídos respiratórios apresentados durante o exercício fazendo-se necessário a utilização de outra técnica que no caso, foi escolhida a técnica de cordectomia à laser guiada por endoscópio. O uso do laser torna o procedimento simples e rápido, é um método seguro que pode ser feito com o animal em estação, apenas com uso de sedativo, além do tempo de recuperação do animal ser extremamente rápido. As técnicas associadas foram eficazes no tratamento da hemiplegia laríngea tanto na melhora da eficiência respiratória do animal, quanto à redução dos ruídos respiratórios, levando ao rápido retorno do animal para desempenho da atividade esportiva.

Palavras-chave: Hemiplegia; cavalo chiador; laringe

PROGRAMAÇÃO

CLÍNICA E CIRURGIA
CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

REPRODUÇÃO
CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

2/6 - SEXTA-FEIRA

8h – 9h10 | Credenciamento, retirada do material, fixação dos
pôsteres // Welcome Coffee
9h10 – 9h20 | Dr. Rui Vincenzi • Presidente ABRAVEQ
Como a ABRAVEQ está trabalhando pelo Médico Veterinário no
Brasil
9h30 – 10h20 | Dr. Vince Gerber • University of Berne – Suiça
Asma equina – novas definições de DIVA e ORVA e sua relevância
na performance
10h30 – 11h20 | Dr. Jarred Williams • University of Georgia – EUA
Abordagem e condutas no cavalo em choque
11h30 – 12h20 | Dr.ª Elizabeth M. Santschi • Kansas State University – EUA
Cisto ósseo subcondral: opções de tratamento
12h30 – 14h10 | Almoço
14h10 – 15h | Dr. Jarred Williams • University of Georgia – EUA
Transfusão sanguínea: quando e como decidir sobre sua necessidade
15h – 15h50 | Dr. Vince Gerber • University of Berne – Suiça
Controlando DIVA e ORVA – o papel das medicações e o manejo do
ambiente
15h50 – 16h40 | Dr. Alexandre Secorun Borges • UNESP Botucatu
Enfermidades genéticas dos equinos
16h40 – 17h20 | Coffee Break
17h30 – 18h20 | Dr. Anderson F. da Cunha • Louisiana State University – EUA
Reconhecimento da dor em equinos
18h20 – 19h10 | Dr.ª Elizabeth M. Santschi • Kansas State University – EUA
Update no diagnóstico e tratamento das afecções femorotibiopatelares

8h – 9h10 | Credenciamento, retirada do material, fixação dos
pôsteres // Welcome Coffee
9h10 – 9h20 | Dr. Rui Vincenzi • Presidente ABRAVEQ
Como a ABRAVEQ está trabalhando pelo Médico Veterinário no
Brasil
9h30 – 10h20 | Prof. Dr. Luis Losinno • Universidade de Rio Quarto – Argentina
Como devo e posso controlar a qualidade de programas de Transferência de Embriões em Equinos – Parte 1
10h30 – 11h20 | Prof. Dr. Luis Losinno • Universidade de Rio Quarto – Argentina
Como devo e posso controlar a qualidade de programas de Transferência de Embriões em Equinos – Parte 2
11h30 – 12h20 | Prof. Juan Cuervo Arango • Universidade de Utrecht – Holanda
Como maximizar as taxas de prenhez em programas de TE – Efeito
da Técnica de TE e Características do Ciclo estral da receptora
12h30 – 14h10 | Almoço
14h10 – 15h | Dr. Jörg Aurich • Universidade de Viena -Austria
Monitorização da égua Gestante e Feto – Parte 1
15h – 15h50 | Dr. Jörg Aurich • Universidade de Viena -Austria
Monitorização da égua Gestante e Feto – Parte 2
15h50 – 16h40 | Discussão com a platéia
16h40 – 17h20 | Coffee Break
17h30 – 18h20 | Dr. Jörg Aurich • Universidade de Viena -Austria
Avaliação e Cuidados imediatos com o Recém Nascido
18h20 – 19h10 | Discussão com a platéia
Problemas com neonatos no Brasil

3/6 - SÁBADO

8h30 – 9h20 | Dr. Vince Gerber • University of Berne – Suiça
Endocrinopatias – como reconhecê-las?

8h30 – 9h20 | Prof. Juan Cuervo Arango • Universidade de Utrecht – Holanda
Distúrbios da ovulação na égua

9h30 – 10h20 | Dr. Anderson F. da Cunha • Louisiana State University – EUA
Analgesia epidural em equinos – mais uma ferramenta que podemos utilizar a campo
10h20 – 11h | Coffee Break
11h10 – 12h | Dr. Luis Cláudio Lopes Correia da Silva • FMVZ – USP
Aprisionamento nefroesplênico: devemos priorizar o tratamento clínico?
12h10 – 13h | Dr. Jarred Williams • University of Georgia – EUA
Talk show – Abdômen agudo – Casos clínicos provocadores
13h – 14h20 | Almoço
14h20 – 15h | Dr. Anderson F. da Cunha • Louisiana State University – EUA
Benefícios do uso de analgesia intraoperatória e seu impacto na recuperação do paciente
15h – 15h40 | Dr. Jarred Williams • University of Georgia – EUA
Cuidados Intensivos Pós-Operatórios: Quais tratamentos posso justificar financeiramente?
15h40 – 16h10 | Dr. Eduardo Silveira • Université de Montréal – Canadá
Relaparotomia: quando e o que esperar
16h10 – 17h | Coffee Break
17h – 17h30 | Dr. Julio Spagnolo • FMVZ-USP
Infecções pós-celiotomia: como lidar com elas
17h30 – 18h | Dr. Geraldo Eleno Silveira Alves • UFMG
Complicações intraoperatórias: como contorná-las
18h – 20h | Apresentação de Pôsteres (Trabalhos Científicos)

9h30 – 10h20 | Prof. Dr. Luis Losinno • Universidade de Rio Quarto – Argentina
Cuidados com a doadora de embriões – Condutas de manejo para maximizar a eficiência e evitar problemas
10h20 – 11h | Coffee Break
11h10 – 12h | Prof. Juan Cuervo Arango • Universidade de Utrecht – Holanda
Como determinar a idade e qualidade do Corpo Lúteo
12h10 – 13h | Dr. Marco Alvarenga • Unesp – Botucatu
Talk Show – Problemas com controle do ciclo de éguas
13h – 14h20 | Almoço
14h20 – 16h10 | Prof. Juan Cuervo Arango • Universidade de Utrecht – Holanda
Como melhorar a taxa de recuperação de ovócitos de éguas destinados a ICSI . Resultados de produção embrionária e prenhez após TE.
16h10 – 17h | Coffee Break
17h – 17h50 | Prof. Dr. Luis Losinno • Universidade de Rio Quarto – Argentina
Como está o mercado de Clones de Equinos na Argentina?
18h – 20h | Apresentação de Pôsteres (Trabalhos Científicos)

4/6 - DOMINGO

8h30 – 9h20 | Dr. Vince Gerber • University of Berne – Suiça
Ultrassonografia torácica – técnica e interpretação
9h30 – 10h20 | Dra. Elizabeth M. Santschi • Kansas State University – EUA
Avanços recentes na imagem radiográfica do dígito
10h20 – 11h | Coffee Break
11h10 – 12h | Dr. Júlio Cesar Paganela • Clínica Horse Center Clínica Veterinária • Petrópolis – RJ
Ressonância Magnética – casos desafiadores
12h10 – 13h | Dra. Elizabeth M. Santschi • Kansas State University – EUA
Atualização sobre o Tratamento de Infecções Ortopédicas

8h30 – 9h | Dr. Jörg Aurich • Universidade de Viena -Austria
Problemas obstétricos de rotina em equinos
9h – 9h30 | Dr. Jörg Aurich • Universidade de Viena -Austria
Complicações e Cuidados após manipulações obstétricas
9h30 – 10h20 | Dr. Jörg Aurich • Universidade de Viena -Austria
Complicações e Cuidados após manipulações obstétricas
10h20 – 11h | Coffee Break
11h – 12h30 | Dr. Nereu Carlos Prestes • UNESP • Botucatu – SP
Procedimentos cirurgicos nas lesões do trato reprodutor no Pós Parto
12h30 – 13h | Dr. Jörg Aurich • Universidade de Viena -Austria
Discussão com plenária – Problemas obstétricos

FÓRUNS AVANÇADOS

02/06 - Sexta-feira

Fórum Neurologia

Palestrante: Prof. Dr. Alexandre Secorun Borges (FMVZ – UNESP
Botucatu)
• 9h20 – 10h20 | Exame Neurológico
• 10h20 – 11h20 | Discussão de casos
• 11h20-12h20 | Update sobre neurologia equina

Fórum de Diagnóstico por Imagem

14h20 – 15h | Auxílio da termografia na identificação de enfermidades do sistema locomotor (Pedro V. Michelotto Júnior –
PUCPR)
15h -15h40 | Aspectos relevantes no DI que influenciam os resultados das artroscopias (Luis Cláudio L. Correia da Silva – FMVZ/USP)
15h40 – 16h30 | Ultrassonografia da pelve: diagnósticos e interpretações (Jairo Jaramillo Cardenas – São Paulo – IBVET)
16h30 – 17h20 | Coffee break
17h20 – 18h10 | Vida com ressonância magnética X vida sem ressonância magnética (Júlio C. Paganela – Clínica Horse Center – Petrópolis/RJ)
18h10 – 19h | Mesa redonda

03/06 - SÁBADO

Fórum Bem-Estar e Esportes Equestres

Palestrantes:
• Prof. Dr. Adroaldo José Zanella (Professor da USP e Coordernador da Awin – Animal Welfare Indicators)
• Prof. Dr. Geraldo Eleno Silveira Alves (Professor da UFMG)
•Prof. Dr. Rafael Resende Faleiros (Professor da UFMG)
• Prof.ª Dr.ª Denise Leme (Professor da UFSC)
•Prof. Dr. Hélio Cordeiro Manso Filho (Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco)

Fórum de Odontologia Equina J.A. Saúde Animal

ABRAVEQ – ABOE (Associação Brasileira de Odontologia Equina)
• 8h30 – 8h40 | Abertura do Fórum
• 8h40 – 9h20 | Diagnóstico e Tratamento de Sinusite Secundária – Dr. Rodrigo Romero Corrêa – FMVZ-USP
• 9h20 – 10h10 | Entre a sinuscopia e a sinusotomia: Qual a melhor escolha? – Dr. Luis Cláudio Lopes Correia da Silva – FMVZ-USP
• 10h20 – 11h | Coffee Break
• 11h – 11h30 | Como examinar a cavidade oral do cavalo? – M.V. Rodrigo Florentino – GO
• 11h40 – 12h20 | Radiologia para diagnóstico de afecções dentárias – M.V. Paulo Zaluski – RJ
• 12h30 – 13h | Fraturas de face – Casos clínicos – M.V. Lizzie Dietrich – RS
• 13h – 14h20 | Almoço
• 14h20 – 15h | Complicações no trans e pós cirúrgico da exodontia intra-oral – M.V. Maurício Bittar – SP
• 15h – 16h10 | Espaço aberto para apresentação de casos clínicos por Congressistas (15 min por trabalho) e Mesa Redonda (M. V. Christian Carlston – Moderador)
• 16h10 – 17h | Coffee Break
• 17h – 18h | Espaço aberto para apresentação de casos clínicos por Congressistas (15 min por trabalho) e Mesa Redonda (M. V. Christian Carlston – Moderador)
• 18h – 20h | Apresentação de Pôsteres (Trabalhos científicos)

PATROCINADORES

XVIII Conferência Anual Abraveq 2017 - Águas de Lindóia